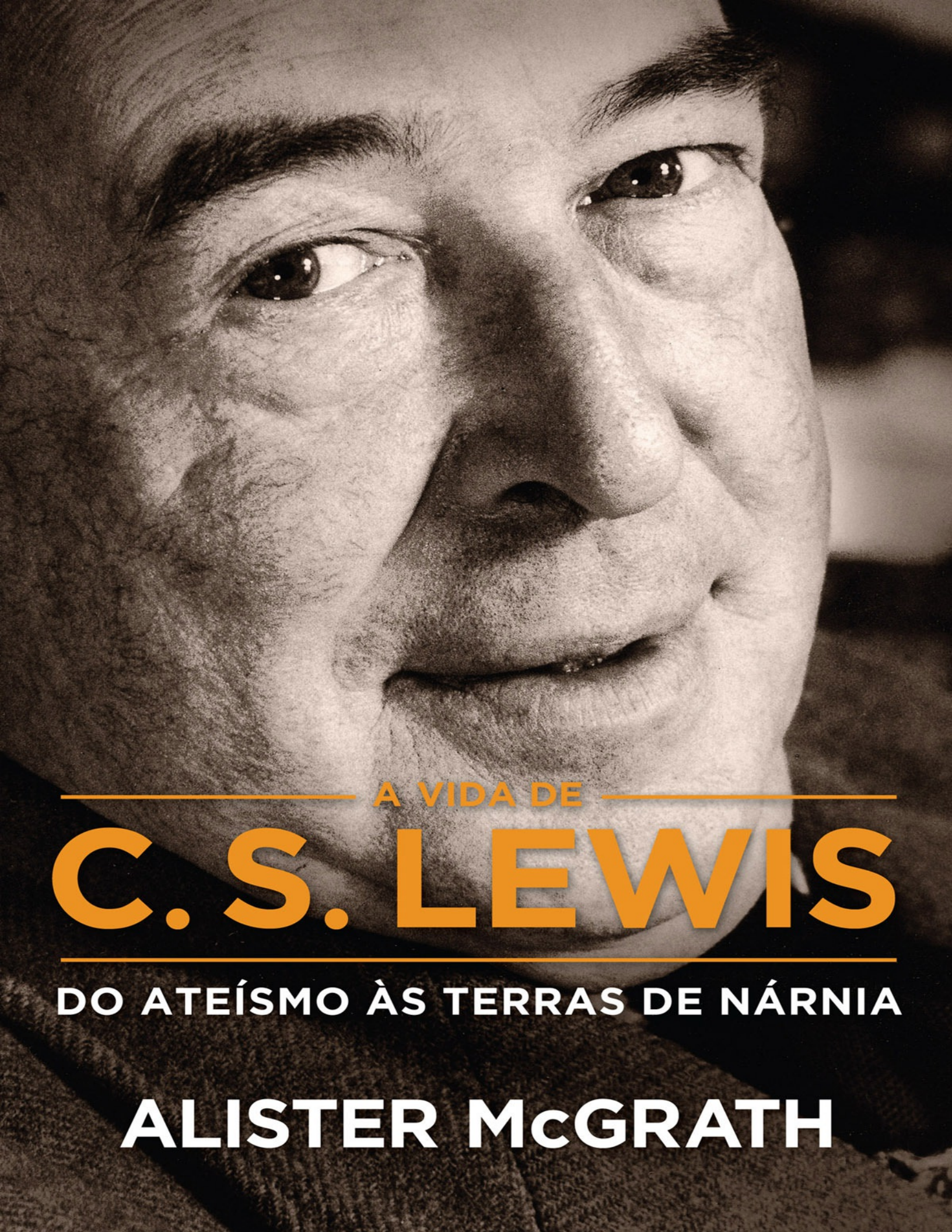


A VIDA DE

C. S. LEWIS

DO ATEÍSMO ÀS TERRAS DE NÁRNIA

ALISTER McGRATH

ALISTER McGRATH

A VIDA DE **C. S. LEWIS**

Do ateísmo às terras de Nárnia

Traduzido por ALMIRO PISETTA

MC
mundocristão
São Paulo • Lisboa

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2013 por Alister McGrath
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois, EUA.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação: Triall Composição Editorial Ltda.
Preparação: Daila Fanny
Diagramação para ebook: Schäffer Editorial
Adaptação de capa: Ricardo Shoji

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGrath, Alister

A vida de C. S. Lewis [livro eletrônico]: do ateísmo às terras de Nárnia / Alister McGrath; traduzido por Almiro Pisetta. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
2 Mb ; ePUB.

Título original: C. S. Lewis: A Life: Eccentric Genius, Reluctant Prophet.
ISBN 978-85-7325-961-2

1. Autores ingleses — Século 20 — Biografia 2. Lewis, C. S (Clive Staples), 1898- 1963 I. Título.

13-10748 CDD-823.912

Índice para catálogo sistemático:
1. Autores ingleses : Biografia 823.912
Categoria: Biografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: outubro de 2013
1ª atualização: abril de 2014

SUMÁRIO

Agradecimentos
Prefácio

PARTE 1 PRELÚDIO

Capítulo 1 **As suaves colinas de Down: Uma infância irlandesa, 1898-1908**
A família Lewis
O ambivalente irlandês: o enigma da identidade cultural irlandesa
Cercado de livros: indícios de uma vocação literária
Solidão: Warnie vai para a Inglaterra
Primeiros encontros com a alegria
A morte de Flora Lewis

Capítulo 2 **O desagradável interior da Inglaterra: Escolarização, 1908-1917**
Wynyard School, Watford: 1908-1910
Cherbourg School, Malvern: 1911-1913
Malvern College: 1913-1914
Bookham e o "Marreta": 1914-1917
A ameaça do recrutamento militar
Inscrição de Lewis para a Universidade de Oxford

Capítulo 3 **Os vastos campos da França: Guerra, 1917-1918**
O curioso caso da guerra insignificante
Chegada a Oxford: abril de 1917
O cadete no Keble College
Experiências de Lewis em Oxford durante a guerra
Deslocamento para a França: novembro de 1917
Ferido em combate: o ataque de Riez du Vinage, abril de 1918

Lewis e a sra. Moore: o início de um relacionamento

PARTE 2 OXFORD

Capítulo 4 **Decepções e descobertas:**
A formação de um professor de Oxford, 1919-1927
O estudante dos clássicos: University College, 1919
As preocupações de Albert Lewis em relação ao filho
Distinção acadêmica: o prêmio *Chancellor's Essay*, 1921
Sucesso e fracasso: distinção acadêmica e desemprego
Sra. Moore: a pedra fundamental da vida de Lewis
O aluno de língua e literatura inglesa: 1922-1923
A atividade docente no Magdalen College

Capítulo 5 **Docência, família e amizade:**
Os primeiros anos no Magdalen College, 1927-1930
Docência: o Magdalen College
Ruptura da família: a morte de Albert Lewis
A prolongada influência de Albert Lewis
Reaproximação da família: Warnie passa a morar em Oxford
Amizade: J. R. R. Tolkien

Capítulo 6 **O mais relutante dos convertidos:**
A formação de um cristão puro e simples, 1930-1932
A renascença religiosa inglesa da década de 1920
A imaginação realizadora: Lewis redescobre Deus
Reconsideração da data de conversão de Lewis
Uma conversa noturna com Tolkien: setembro de 1931
A crença de Lewis na divindade de Cristo

Capítulo 7 **Um homem das letras:**
Docência e crítica literária, 1933-1939
Lewis como docente: as tutorias de Oxford
Lewis como professor: as aulas em Oxford
O regresso do peregrino (1933): o mapeamento da paisagem da fé
Os Inklings: amizade, comunidade e debate
Alegoria do amor (1936)
A visão de Lewis sobre o lugar e a função da literatura

Capítulo 8 **Aclamação nacional:**
O apologista do tempo de guerra, 1939-1942
Amizade de Lewis com Charles Williams
Lewis, o parteiro literário: *O senhor dos anéis* de Tolkien
O problema do sofrimento (1940)
Palestras radiofônicas de Lewis durante a Segunda Guerra Mundial

Capítulo 9 **Fama internacional:**
O cristão puro e simples, 1942-1945
Cartas de um diabo a seu aprendiz (1942)
Cristianismo puro e simples (1952)

Outros projetos da época da guerra
A mudança para a ficção: a Trilogia do Resgate

Capítulo 10 **Um profeta não tem honra? Problemas e tensões do período pós-guerra, 1945-1954**
C. S. Lewis: superestrela
O lado mais sombrio da fama
Demência e alcoolismo: a "mãe" e o irmão de Lewis
Hostilidade contra Lewis em Oxford
Elizabeth Anscombe e o clube socrático
Dúvidas de Lewis sobre seu papel como apologista

PARTE 3 NÁRNIA

Capítulo 11 **Reorganização da realidade: A criação de Nárnia**
As origens de Nárnia
O limiar: um tema-chave narniano
A ordem de leitura da série de Nárnia
Animais em Nárnia
Nárnia como uma janela para a realidade
Nárnia e o recontar da grande narrativa

Capítulo 12 **Nárnia: Exploração de um mundo imaginativo**
Aslam: o desejo do coração
A magia mais profunda: expiação em Nárnia
Os sete planetas: simbolismo medieval em Nárnia
A terra das sombras: reelaboração da caverna de Platão
O problema do passado em Nárnia

PARTE 4 CAMBRIDGE

Capítulo 13 **A transferência para Cambridge: Magdalene College, 1954-1960**
A nova cátedra em Cambridge
Renascença: a aula inaugural em Cambridge
Um romance literário: Joy Davidman entra em cena
O "estranhíssimo casamento" com Joy Davidman
A morte de Joy Davidman

Capítulo 14 **Perda, doença e morte: Os anos finais, 1960-1963**
A anatomia de uma dor (1961): o teste da fé
A saúde debilitada de Lewis: 1961-1962
Doença terminal e morte

PARTE 5 DEPOIS DA MORTE

Capítulo 15 **O fenômeno Lewis**

Década de 1960: uma estrela cadente
Redescoberta: o novo interesse por Lewis
Lewis e os evangélicos norte-americanos
Lewis como um marco literário histórico
Conclusão

Lista de ilustrações
Cronologia
Bibliografia

AGRADECIMENTOS

É SEMPRE UM PRAZER RECONHECER OS CRÉDITOS devidos a outros, especialmente porque isso representa uma celebração do coleguismo entre pesquisadores. Minha maior dívida é para com os arquivistas que me abriram suas coleções, às vezes revelando material ainda não consultado. Devo agradecer particularmente a estes: BBC Written Archives Collection, Caversham Park; Bodleian Library de Oxford; Cambridge University Library; Craigavon Historical Society; Exeter College de Oxford; Igreja da Santíssima Trindade de Headington Quarry, Oxford; Keble College de Oxford; King's College de Cambridge; Lambeth Palace Library de Londres; Magdalen College de Oxford; Magdalene College de Cambridge; Merton College de Oxford; Methodist College de Belfast; National Archives (Public Records Office) de Kew; Unidade de Treinamento de Oficiais de Oxford University; Oxfordshire History Centre; Royal Society of Literature; Swedish Academy; University College de Oxford; e Marion E. Wade Center do Wheaton College em Wheaton, Illinois.

Quero reconhecer com gratidão o prêmio Clyde S. Kilby Research Grant de 2011 concedido pelo Marion E. Wade Center do Wheaton College em Wheaton, Illinois. Também quero manifestar minha gratidão pelas úteis e argutas conversas que tive com estas proeminentes autoridades em Lewis: Walter Hooper, Don King, Alan Jacobs e especialmente Michael Ward. Também me beneficiei de discussões com meu editor, Mark Norton, e com Charles Bressler, Joanna Collicutt, J. R. Lucas, Roger Steer, Robert Tobin e Andrew Walker. Dentre aqueles que me ajudaram na pesquisa de arquivos,

gostaria de agradecer especialmente ao dr. Robin Darwall-Smith, arquivista do Magdalen College e do University College do Oxford, e a Laura Schmidt e Heidi Truty, de Marion E. Wade Center do Wheaton College. Também sou grato a muitas outras pessoas que me ajudaram na verificação de fatos e na localização de fotografias e outros registros, particularmente Rachel Churchill, o Comité Departemental de Tourisme en Pas de Calais, Andreas Ekström, Michaela Holmström, Monica Thapar, Ulster Museum e Adrian Wood. Jonathan Schindler proporcionou-me inestimável assistência no estágio de editoração. Eu me responsabilizo pessoalmente por eventuais erros de fato ou de avaliação.

O autor e os editores reconhecem a permissão de reproduzir trechos de material protegido por direitos autorais, como segue: *Collected Letters* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 2004, 2006; *Surprised By Joy* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1955; *All My Road Before Me* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1992; *Essays* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 2000; *The Lion, The Witch And The Wardrobe* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1950; *Reflections On The Psalms* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1958; *The Silver Chair* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1953; *The Last Battle* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1956; *The Magician's Nephew* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1955; *The Pilgrim's Regress* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1933; *The Problem Of Pain* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1940; *A Grief Observed* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1961; *Rehabilitations* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1979; *Spirits In Bondage* de C. S. Lewis, copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd 1984; ilustrações de Pauline Baynes © C. S. Lewis Pte. Ltd 1950. Carta inédita de C. S. Lewis de 16 de janeiro de 1961, indicando J. R. R. Tolkien para o Prêmio Nobel de Literatura de 1961 (ilustração 14.2), copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd. As cartas de J. R. R. Tolkien © The J. R. R. Tolkien Copyright Trust 1981, reproduzidas com permissão da editora HarperCollins Publishers Ltd. O material de arquivos é citado com a permissão do diretor e professores do Keble College de Oxford; do presidente e professores do Magdalen College de Oxford; do diretor e professores do University College de Oxford; e do Marion E. Wade Center do Wheaton College, em Wheaton, Illinois.

Agradecemos a permissão de reproduzir fotografias e outras ilustrações, como segue: ao diretor e professores do Magdalen College (5.1; 5.2; 6.1); ao diretor e professores do University College (3.1); à Oxfordshire History

Collection (3.2; 4.1; 6.3; 8.1); a Billet Potter de Oxford (5.5); a Francis Frith Collection (1.1; 2.3; 4.2; 4.3; 4.5; 6.2; 7.1; 7.3; 8.3; 13.1; 14.1); a C. S. Lewis Pte. Ltd (11.1; 11.2; 12.1; 14.2); a Penelope Bide (13.3); à Igreja da Santíssima Trindade de Headington Quarry, Oxford (14.3); ao Marion E. Wade Center do Wheaton College em Wheaton, Illinois (1.3; 1.5; 2.1; 2.2; 3.3; 4.4; 5.3; 5.4; 7.2; 8.2; 10.1; 13.2; 15.1). Outras ilustrações usadas neste livro foram extraídas da coleção particular do autor.

Não foi poupado nenhum esforço para identificar e contatar os detentores de direitos autorais do material reproduzido nesta obra. O autor e o editor pedem desculpas por eventuais omissões ou erros.

PREFÁCIO

QUEM É C. S. LEWIS (1898-1963)? Para muitos, provavelmente para a maioria das pessoas, Lewis foi o criador do fabuloso mundo de Nárnia; o autor de alguns dos livros infantis mais conhecidos e discutidos do século 20, que continuam atraindo leitores entusiásticos e vendendo aos milhões. Cinquenta anos após sua morte, Lewis ainda é um dos escritores mais influentes de nossa época. Juntamente com seu igualmente famoso colega e amigo J. R. R. Tolkien (1892-1973), escritor de *O senhor dos anéis*, Lewis é amplamente conhecido como uma referência literária e cultural. Os mundos da literatura e do cinema foram profundamente influenciados por esses dois autores de Oxford. No entanto, sem C. S. Lewis, *O senhor dos anéis* talvez nunca tivesse sido escrito. Lewis pode ter criado alguns sucessos de venda, mas ele também foi o "parteiro" da obra-prima de Tolkien, chegando até a indicar o nome desse autor para o Prêmio Nobel de Literatura, por causa dessa obra épica. Só por esses fatos, a história de C. S. Lewis merece ser contada.

Mas C. S. Lewis é muito mais que isso. Como observou certa vez seu amigo de longa data, Owen Barfield (1898-1997), houve realmente três C. S. Lewis. Juntamente com o Lewis autor de romances famosos, há uma segunda *persona*, menos conhecida: o Lewis escritor e apologista cristão, preocupado em comunicar e compartilhar sua rica visão do poder intelectual e imaginativo da fé cristã — uma fé que ele descobriu já adulto e considerou racional e espiritualmente irresistível. Para grande irritação de alguns, sua obra *Cristianismo puro e simples* é muitas vezes citada hoje em dia como a obra

religiosa mais influente do século 20.

Talvez por causa de seu comprometimento público com o cristianismo, Lewis continua sendo uma figura controversa, que provoca emoção e admiração em pessoas que compartilham sua fé cristã, e zombaria e desprezo naqueles que dela discordam. No entanto, a despeito de a fé cristã ser boa ou ruim, o fato óbvio é que ela é *importante* — e Lewis talvez seja o mais crível e influente representante popular do "cristianismo puro e simples" que ele mesmo defendeu.

Mas há um terceiro aspecto em relação a Lewis, talvez o menos conhecido para a maioria dos admiradores e críticos: o notável professor e crítico literário de Oxford que lotava salões de palestras ao apresentar suas reflexões espontâneas sobre a literatura inglesa e que seguiu em frente para se tornar o primeiro titular da cadeira de Literatura Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge. Poucos talvez leiam hoje seu *A Preface to "Paradise Lost"* [Prefácio a "O paraíso perdido"] (1942); mas na sua época esse texto estabeleceu um novo paradigma, graças a sua clareza e perspicácia.

A vocação profissional de Lewis apontava para a vida acadêmica. Sua indicação como membro da Academia Britânica em julho de 1955 foi uma demonstração pública de sua grande reputação intelectual. No entanto, algumas pessoas do mundo acadêmico consideravam seu sucesso comercial e popular inconsistente com suas alegações de ser um intelectual sério. De 1942 em diante, Lewis lutou para preservar sua credibilidade acadêmica à luz de suas obras mais populares, sobretudo todas as suas abstrações sobre o mundo diabólico de Screwtape.

Sendo assim, como esses três Lewis se relacionam entre si? Eles são compartimentos estanques de sua vida ou estão interconectados de alguma forma? E como evoluiu cada um deles? Este livro visa contar a história da formação e expressão da mente de Lewis, partindo de seus escritos. Não existe aqui a preocupação de documentar cada aspecto da vida do autor, mas, sim, explorar as conexões complexas e fascinantes entre o seu mundo exterior e o seu mundo interior. Esta biografia está organizada em torno dos mundos reais e os mundos imaginários habitados por Lewis — principalmente Oxford, Cambridge e Nárnia. De que modo a evolução de suas ideias e imaginação se molda aos mundos físicos habitados por ele? Quem o ajudou a fabricar sua visão intelectual e imaginativa da realidade?

Em nossa discussão, vamos considerar a ascensão de Lewis rumo à fama, e

alguns dos fatores por trás disso. No entanto, uma coisa é Lewis ter-se tornado famoso; outra coisa é ele continuar como tal cinquenta anos após sua morte. Muitos comentaristas, na década de 1960, acreditavam que a fama de Lewis era passageira. Muitos criam que seu inevitável declínio rumo ao esquecimento era apenas uma questão de tempo — no máximo uma década. É por essa razão que o capítulo final deste livro tenta explicar não apenas por que Lewis se tornou uma figura tão importante e influente, mas também por que ele segue assim ainda hoje.

Algumas de suas primeiras biografias mais importantes foram escritas por quem o conheceu pessoalmente. Elas continuam sendo inestimáveis descrições de *como* era o ser humano Lewis, e também apresentam avaliações importantes sobre seu caráter. Todavia, a vasta maioria dos esforços feitos nas duas últimas décadas esclareceu questões de importância histórica (tais como o papel de Lewis na Primeira Guerra Mundial), exploraram aspectos da evolução intelectual de Lewis e forneceram leituras críticas de suas obras mais importantes. Esta biografia tenta entretecer esses diferentes fios, apresentando uma interpretação de Lewis solidamente fundamentada em estudos anteriores, mas indo além deles.

Qualquer tentativa de tratar da ascensão de Lewis rumo à fama deve reconhecer sua apreensão quanto a assumir um papel público. Lewis foi de fato um profeta em sua época e além dela; no entanto, deve-se dizer que ele foi um profeta *relutante*. Até mesmo sua conversão parece não ter sido sua decisão mais inteligente. E depois de se ter convertido ao cristianismo, Lewis tornou-se um porta-voz dessa doutrina em grande parte por causa do silêncio ou da ininteligibilidade daqueles que, na opinião dele, ocupavam uma posição melhor que a sua para lidar publicamente com questões religiosas e teológicas.

Lewis também aparece como uma pessoa um pouco excêntrica, no sentido literal desse termo — alguém que se afasta dos padrões de normas convencionais e estabelecidas ou que está fora do centro da realidade. Seu curioso relacionamento com a sra. Moore, que será discutido de modo bastante detalhado nesta obra, o situou fora das normas sociais britânicas de década de 1920. Muitos dos colegas acadêmicos de Lewis em Oxford chegaram a considerá-lo um estranho a partir da década de 1940, tanto pelo fato de ele defender pontos de vista abertamente cristãos quanto por seu hábito pouco acadêmico de escrever obras de ficção e apologética de caráter popular. É famosa a descrição feita por Lewis de seu distanciamento das tendências

acadêmicas predominantes de seu tempo quando ele se referiu a si mesmo como um "dinossauro", em sua aula inaugural na Universidade de Cambridge em 1954.

Essa sensação de excentricidade também fica evidente na vida religiosa de Lewis. Embora tenha se tornando uma voz influente no âmbito do cristianismo britânico, ele atuou a partir das margens e não do centro, sem ter tempo para cultivar relacionamentos com figuras importantes da organização religiosa. Talvez tenha sido esse traço que lhe valeu a estima de alguns membros da mídia, ansiosos por descobrir uma voz religiosa autêntica fora das estruturas de poder das igrejas tradicionais.

Esta biografia se propõe não a elogiar ou a condenar Lewis, mas a *entendê-lo* — entender, acima de tudo, suas ideias e o modo como elas se expressaram nos seus escritos. Essa tarefa foi facilitada pela publicação de praticamente tudo o que se sabe ter restado dos escritos de Lewis, bem como de um corpo significativo de literatura crítica especializada sobre suas obras e ideias.

Essa vasta quantidade de material biográfico e especializado hoje disponível sobre Lewis e seu círculo ameaça confundir o leitor com detalhes demasiado pequenos. Quem tenta entender Lewis sente-se bombardeado por aquilo que a poetisa norte-americana Edna St. Vincent Millay (1892-1950) chamou de "uma chuva meteórica de fatos".[1] Como, perguntou-se ela, seria possível combinar esses fatos de modo a revelar um padrão de significado, em vez de ser apenas um acúmulo de informações? Esta biografia acrescenta algo ao que se sabe sobre a vida de Lewis e tenta, ao mesmo tempo, entendê-la. Não se trata de mais um relato do vasto exército de fatos e dados constituintes de sua vida, e sim de uma tentativa de identificar seus temas e interesses mais profundos e avaliar sua importância. Este não é um trabalho de sinopse, mas de análise.

A publicação da coletânea de cartas de C. S. Lewis, cuidadosamente anotadas e cotejadas por Walter Hooper durante o período de 2000-2006, é um marco importante para o estudo desse autor. Essa correspondência, que constitue cerca de 3.500 páginas de texto, oferece vislumbres sobre a vida de Lewis que uma geração anterior de biógrafos simplesmente não tinha a seu dispor. E talvez o fato mais importante é que elas nos proporcionam um eixo narrativo contínuo para um relato explicativo da vida de Lewis. Por esse motivo, tais cartas são citadas mais do que qualquer outra fonte ao longo desta biografia. Ficará claro que uma leitura atenta desse material impõe uma visão e

talvez até uma revisão de algumas datas amplamente aceitas na vida de Lewis.

Esta é uma biografia crítica, que examina as provas de suposições e abordagens existentes, e as corrige quando necessário. Na maioria dos casos, isso é levado a termo de modo simples e sutil, e não vi motivo para chamar a atenção para algumas dessas correções. Em contrapartida, é simplesmente justo que, desde o princípio, se alerte os leitores de que esse processo cansativo, mas necessário, de checar tudo com base em provas documentais me levou a uma conclusão em particular que me coloca não apenas contra todos os estudiosos de Lewis que conheço, mas também contra o próprio Lewis. Estou me referindo à data de sua "conversão" ou recuperação da fé em Deus, que ele, em sua obra *Surpreendido pela alegria* (1955), situa no Trinity Term[2] de 1929 (isto é, em algum ponto entre 28 de abril e 22 de junho daquele ano).[3]

Essa data é fielmente repetida em todos os principais estudos sobre Lewis publicados recentemente. No entanto, minha leitura atenta do material documental aponta de modo inequívoco para uma data posterior, possivelmente março de 1930, mas com maior probabilidade para o Trinity Term desse mesmo ano. Sobre esse ponto, eu me situo absolutamente à parte nas pesquisas sobre Lewis, e o leitor tem o direito de saber que, nessa questão, estou completamente só.

⋆ ⋆ ⋆

Pelo que já foi dito, ficará claro que não há nenhuma necessidade de justificar uma nova biografia de Lewis para marcar o 50º aniversário de sua morte, em 1963. No entanto, se faz necessário apresentar uma breve defesa de meu trabalho de biógrafo. Ao contrário de seus biógrafos anteriores — tais como seus amigos de longa data George Sayer (1914-2005) e Roger Lancelyn Green (1918-1987) —, eu nunca conheci Lewis pessoalmente. Ele foi alguém que eu descobri nos meus 20 e poucos anos de idade, uma década após sua morte; alguém que, por um período de duas décadas, gradativamente passou a conquistar o meu respeito e admiração, embora esses sentimentos estivessem misturados a uma contínua curiosidade e permanente ansiedade. Não tenho nenhuma lembrança reveladora, nenhuma revelação privilegiada, nenhum documento a explorar. As fontes utilizadas nesta biografia ou são ao domínio público ou estão disponíveis para a inspeção e análise pública.

Este é um livro escrito por alguém que descobriu Lewis por meio de seus escritos, destinado a outras pessoas que vieram a conhecê-lo da mesma forma. O Lewis que descobri é mediado por suas palavras, não por algum conhecimento pessoal que eu possa ostentar. Se outros biógrafos, em suas obras, se referem a ele como "Jack", achei correto chamá-lo o tempo todo de "Lewis", principalmente para enfatizar meu distanciamento pessoal e crítico. Creio que este é o Lewis que ele mesmo gostaria de apresentar às gerações futuras.

Por que isso? Como o próprio Lewis enfatizou durante a década de 1930, o que é importante em relação aos autores são os *textos* que produzem. O que deve ser considerado é o que os escritos dizem por si sós. O autor em si não deveria constituir um "espetáculo"; ele é a "lente" por meio da qual nós, como leitores, vemos nós mesmos, o mundo e a grande realidade à qual pertencemos. Assim, Lewis estava surpreendentemente pouco interessado na história pessoal do grande poeta inglês John Milton (1608-1674) ou no contexto sociopolítico no qual ele escreveu. O que realmente tinha importância eram os escritos de Milton — suas *ideias*. Devemos permitir que o modo como, segundo Lewis, se deve abordar Milton molde o modo como nós, de nossa parte, vamos abordar Lewis. Em toda esta obra, sempre que possível, tentei ocupar-me de seus escritos, explorando o que eles dizem e avaliando sua importância.

Mesmo não tendo conhecido Lewis em pessoa, posso compreender bem — talvez melhor do que a maioria — alguns aspectos de seu mundo. Como Lewis, passei minha infância na Irlanda, principalmente em Downpatrick, a principal cidade do condado de Down, cujas "extensas, suaves colinas" Lewis conheceu, amou e tão lindamente descreveu. Caminhei por onde ele caminhou, detive-me onde ele se deteve e me maravilhei onde ele se maravilhou. Eu também senti aquela pontada de saudade ao ver as distantes montanhas azuis de Mourne lá da casa de minha infância. Como Flora, a mãe de Lewis, eu também estudei no Methodist College de Belfast.

Também conheço bem a Oxford de Lewis, tendo estudado naquela universidade durante sete anos, antes de retornar após um breve período em Cambridge — outra universidade de Lewis — para lecionar e escrever durante 25 anos, tornando-me professor de Teologia Histórica daquela instituição, sendo também uma espécie de diretor, o que Oxford denomina de "Head of House". Como Lewis, eu fui ateu na juventude, antes de descobrir as riquezas da fé cristã. Como Lewis, escolhi expressar e praticar essa fé na forma específica

encontrada na Igreja Anglicana. E finalmente, na condição de alguém que é muitas vezes chamado a defender publicamente a fé cristã de seus críticos, vejo-me apreciando e ao mesmo tempo usando as ideias e abordagens de Lewis, das quais muitas — mas não todas — me parecem guardar pelo menos alguma vivacidade e força.

⋆ ⋆ ⋆

Para finalizar, uma palavra sobre o método usado na redação desta biografia. A pesquisa fundamental começou com uma leitura atenta de todas as publicações de Lewis (inclusive suas cartas), seguindo rigorosamente a ordem cronológica de sua redação. Sua obra *O regresso do peregrino* recebeu assim a data de agosto de 1932, quando foi escrita, em vez de maio de 1933, quando foi publicada. Esse processo de intenso compromisso com as fontes primárias, que levou quinze meses, foi seguido pela leitura — em alguns casos uma releitura até certo ponto crítica — da literatura secundária relevante sobre Lewis, seu círculo de amigos e o contexto intelectual e cultural em que viveram, pensaram e escreveram. Finalmente, examinei material inédito, grande parte do qual está guardado em Oxford. Isso lança mais luz sobre a formação da mente de Lewis e sobre o contexto institucional e intelectual no âmbito do qual ele trabalhou.

Tornou-se claro já num estágio inicial que um estudo mais acadêmico era indispensável para tratar de algumas questões intelectuais que emergiram dessa pesquisa detalhada. Esta biografia evita esse envolvimento acadêmico. As notas e a bibliografia se ativeram ao mínimo indispensável. Minha preocupação neste volume é contar uma história, sem pretender desencadear debates acadêmicos às vezes arcanos e invariavelmente detalhados. Os leitores, porém, talvez gostem de ler The Intellectual World of C. S. Lewis, um volume que escrevi com tom mais acadêmico, apresentando investigações e justificativas de algumas asserções e conclusões desta biografia.[4]

Mas chega de apologias e preliminares. Nossa história começa num mundo distante de muito tempo atrás: a cidade irlandesa de Belfast na década de 1890.

Alister E. McGrath
Londres

PARTE 1

PRELÚDIO

AS SUAVES COLINAS DE DOWN: UMA INFÂNCIA IRLANDESA

"EU NASCI NO INVERNO DE 1898 EM BELFAST, filho de um advogado e da filha de um clérigo."[1] No dia 29 de novembro de 1898, Clive Staples Lewis foi mergulhado num mundo no qual fervilhava o ressentimento social e político e se clamava por mudanças. A separação entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda só aconteceria duas décadas mais tarde. No entanto, as tensões que provocariam essa artificial divisão política da ilha eram óbvias para todo mundo. Lewis nasceu no âmago do domínio protestante da Irlanda (chamado de "Ascendancy"), numa época em que o país estava ameaçado sob todos os aspectos — político, social, religioso e cultural.

A Irlanda foi colonizada por escoceses e ingleses nos séculos 16 e 17, o que provocou nos irlandeses desapossados um profundo ressentimento social e político contra os invasores. Os colonizadores protestantes eram diferentes dos irlandeses católicos quanto à língua e religião. Sob a liderança de Oliver Cromwell, "fazendas protestantes" se desenvolveram durante o século 17 — ilhas inglesas protestantes num mar irlandês católico. A classe dominante irlandesa foi rapidamente deposta por uma nova organização protestante. A Lei da União de 1800 viu a Irlanda tornar-se parte do Reino Unido, governada diretamente de Londres. Embora fossem uma minoria numérica, radicados sobretudo no norte, nos condados de Down e Antrim e na cidade industrial de

Belfast, os protestantes dominaram a vida cultural, econômica e política da Irlanda.

Mas, tudo isso estava prestes a mudar. Na década de 1880, Charles Steward Parnell (1846-1891) e outros desencadearam movimentos por um governo autônomo da Irlanda, ao qual chamaram de "Home Rule". Na década de 1890, o nacionalismo irlandês começou a ganhar força, criando uma sensação de identidade cultural irlandesa, o que injetou nova energia no movimento pelo "Home Rule". Isso foi fortemente moldado pelo catolicismo e se opunha com vigor a todas as formas de influência inglesa na Irlanda, incluindo jogos como o rúgbi e o críquete. O fato mais significativo foi que o movimento passou a considerar a língua inglesa um agente de opressão cultural. Em 1893 foi fundada a Liga Gaélica (*Conradh na Gaeilge*) para promover o estudo e uso da língua irlandesa. Mais uma vez, isso foi visto como uma afirmação da identidade irlandesa sobre e contra o que se considerava, cada vez mais, a norma cultural inglesa estrangeira.

À medida que a demanda por um governo nacional autônomo foi ganhando força e credibilidade, muitos protestantes se sentiram ameaçados, temendo a erosão de seus privilégios e a possibilidade de um conflito civil. Talvez não deva causar surpresa o fato de a comunidade protestante de Belfast, no início da década de 1900, ser muito insular, evitando contato social e profissional com seus vizinhos católicos onde quer que isso fosse possível. (O irmão mais velho de C. S. Lewis, Warren ["Warnie"], mais tarde recordou de que ele nunca havia conversado com um católico de seu círculo social antes de ingressar no Royal Military College em Sandhurst, em 1914.)[2] O catolicismo era "o outro" — algo estranho, incompreensível e, acima de tudo, *ameaçador*. Lewis adquiriu essa tendência hostil e segregacionista em relação aos católicos quando ainda era uma criança de peito. Depois, quando o menino Lewis estava aprendendo a usar o banheiro, sua babá protestante costumava chamar seus cocozinhos de "minipapas". Muitos consideraram Lewis, e ainda o consideram, alguém que se situa fora da verdadeira identidade cultural irlandesa devido às suas raízes na província protestante de Ulster.

A família Lewis

O censo irlandês de 1901 registrou o nome de todos os que "dormiam e moravam" na casa da família Lewis na zona leste de Belfast na noite de domingo

de 31 de março. O registro inclui uma gama de detalhes pessoais — vínculos familiares, filiação religiosa, nível de escolarização, idade, sexo, patente ou profissão e local de nascimento. Embora a maioria das biografias se refira à família Lewis residindo no endereço "Dundela Avenue, 47", o censo a registra morando à "Dundella [sic] Avenue, 21 (Victoria, Down)". O registro da casa dos Lewis apresenta uma fotografia precisa da família na virada do século 20:

> Albert James Lewis; Chefe da família; Igreja da Irlanda; Lê e escreve; 37; M; Advogado; Casado; Cidade de Cork
> Florence Augusta Lewis; Esposa; Igreja da Irlanda; Lê e escreve; 38; F; Casada; Condado de Cork
> Warren Hamilton Lewis; Filho; Igreja da Irlanda; Lê e escreve; 5; M; Estudante; Cidade de Belfast
> Clive Staples Lewis; Filho; Igreja da Irlanda; Não lê; 2; M; Cidade de Belfast
> Martha Barber; Empregada; Presbiteriana; Lê e escreve; 28; F; Babá — empregada doméstica; Solteira; Condado de Monaghan
> Sarah Ann Conlon; Empregada; Católica romana; Lê e escreve; 22; F; Cozinheira — empregada doméstica; Solteira; Condado de Down[3]

Como o censo indica, o pai de Lewis, Albert James Lewis (1863-1929), nasceu na cidade e condado de Cork, sul da Irlanda. O avô paterno de Lewis, Richard Lewis, era um caldeireiro galês que havia emigrado para Cork com sua esposa de Liverpool no início da década de 1850. Logo depois do nascimento de Albert, a família Lewis mudou-se para a cidade industrial de Belfast, no norte, para que Richard pudesse entrar em sociedade com John H. MacIlwaine para formar a bem-sucedida empresa MacIlwaine, Lewis & Co., Engineers and Iron Ship Builders. O mais interessante dos navios construídos por essa pequena companhia talvez tenha sido o *Titanic* original — um pequeno barco a vapor construído em 1888, pesando apenas 1.608 toneladas.[4]

No entanto, a indústria de construção naval de Belfast passava por mudanças na década de 1880, com os estaleiros de Harland & Wolff e de Workman Clark alcançando o predomínio comercial. Tornou-se cada vez mais difícil para os "pequenos estaleiros" obter sua sobrevivência econômica. Em 1894, Workman Clark assumiu o controle da MacIlwaine, Lewis & Co. A versão

muito mais famosa do *Titanic* — também construída em Belfast — foi lançada em 1911 pelos estaleiros da Harland & Wolff, pesando 26 mil toneladas. Todavia, enquanto o famoso transatlântico afundou em sua viagem inaugural em 1912, o navio muito menor da MacIlwaine & Lewis continuou percorrendo regularmente sua rota comercial em águas da América do Sul sob outros nomes até 1928.



1.1 Royal Avenue, um dos centros comerciais da cidade de Belfast, em 1897. Albert Lewis se estabeleceu como advogado na Royal Avenue, 84, em 1884, e continuou trabalhando nesse escritório até sua doença terminal em 1929.

Albert mostrou pouco interesse na atividade de construção naval, e deixou claro para seus pais que ele queria seguir a carreira jurídica. Richard Lewis, que conhecia a ótima reputação do Lurgan College sob a direção do mestre William Thompson Kirkpatrick (1848-1921), decidiu matricular Albert nessa escola como aluno interno.[5] As habilidades didáticas de Kirkpatrick causaram em Albert uma boa impressão que durou todo o ano letivo. Depois de sua graduação em 1880, Albert mudou-se para Dublin, capital da Irlanda, onde trabalhou durante cinco anos para a firma Maclean, Boyle & Maclean. Tendo adquirido a experiência necessária e a licença profissional para advogar, ele voltou a Belfast em 1884,

para estabelecer-se na profissão nos escritórios da prestigiosa Royal Avenue.

A Lei de 1877 do Supremo Tribunal de Justiça da Irlanda seguiu a prática inglesa de estabelecer uma distinção clara entre a função jurídica dos *"solicitors"* e a dos *"barristers"*, de modo que aspirantes tinham de optar pela função que desejavam desempenhar. Albert Lewis optou por tornar-se um *solicitor*, atuando diretamente em benefício de seus clientes, inclusive representando-os em instâncias inferiores da justiça. Um *barrister* especializava-se em advogar nos tribunais, e costumava ser empregado por um *solicitor* para representar o cliente em instâncias superiores.[6]

A mãe de Lewis, Florence ("Flora") Augusta Lewis (1862-1908), nasceu em Queenstown (atualmente Cobh), condado de Cork. O avô materno de Lewis, Thomas Hamilton (1826-1905), foi um membro do clero da Igreja da Irlanda — um clássico representante da aristocracia protestante que passou a sentir-se ameaçada quando, no início do século 20, o nacionalismo irlandês se tornou uma força cultural cada vez mais significativa. A Igreja da Irlanda fora a Igreja oficial em todo o país, apesar de ser uma fé abraçada por uma minoria em pelo menos 22 dos 26 condados irlandeses. Quando Flora tinha 8 anos de idade, seu pai aceitou o cargo de capelão da Igreja da Santíssima Trindade em Roma, onde a família morou de 1870 a 1874.

Em 1874, Thomas Hamilton voltou para a Irlanda para assumir o cargo de cura em exercício da Dundela Church na área de Ballyhackamore na zona leste de Belfast. O mesmo prédio provisório funcionava como igreja aos domingos e como escola durante a semana. Logo ficou claro que uma solução mais permanente se fazia necessária. Iniciou-se então a construção de um novo prédio destinado a ser uma igreja, com projeto do famoso arquiteto eclesiástico inglês William Butterfield. Hamilton foi empossado como prior da paróquia recém-construída de São Marcos, em Dundela, em maio de 1879.

Os historiadores irlandeses atualmente apontam para Flora para ilustrar o papel cada vez mais significativo da mulher na vida acadêmica e cultural no último quarto do século 19.[7] Ela se matriculou como aluna do período diurno do Methodist College de Belfast — uma escola exclusivamente para meninos, fundada em 1865, onde "Turmas de senhoras" haviam sido criadas em resposta à demanda popular em 1869.[8] Ela frequentou um trimestre em 1881, e prosseguiu seus estudos na Royal University of Ireland em Belfast (atualmente Queen's University de Belfast), obtendo First Class Honours[9] em Lógica e

Second Class Honours em Matemática em 1886.[10] (Como ficará evidente, Lewis não herdou nenhum traço das habilidades de sua mãe.)

Quando Albert Lewis começou a frequentar a igreja de São Marcos em Dundela, a filha do prior atraiu a sua atenção. Aos poucos, mas com firmeza, Flora parece ter-se sentido atraída por Albert, em parte por causa dos óbvios interesses literários deste. Albert havia se associado a Belmont Literary Society em 1881, e logo passou a ser considerado um de seus melhores oradores. Sua reputação de homem voltado para as letras o acompanharia pelo resto de sua vida. Em 1921, no auge da carreira de Albert Lewis como advogado, o jornal *Ireland's Saturday Night* retrata-o numa charge: vestindo um traje típico de procurador da época, ele é representado segurando um capelo sob um braço e um volume de literatura inglesa sob o outro. Anos mais tarde, o obituário de Albert Lewis no *Belfast Telegraph* o descreveu como um "homem erudito e muito culto", conhecido por suas alusões literárias nas apresentações no tribunal, e cuja "principal distração fora dos tribunais era a leitura".[11]

Depois de um prolongado e decoroso namoro, Albert e Flora se casaram no dia 29 de agosto de 1894, na igreja de São Marcos, em Dundela. O primeiro filho, Warren Hamilton Lewis, nasceu em no dia 16 de junho de 1895 na casa deles, no conjunto residencial "Dundela Villas", na zona leste de Belfast. Clive foi o segundo e último filho do casal. Os dados do censo de 1901 indicam que a família Lewis empregava na época duas serviçais. Caso raro numa família protestante, os Lewis empregavam uma doméstica da religião católica, Sarah Ann Conlon. A aversão permanente de Lewis ao sectarismo religioso — evidente em seu conceito de "cristianismo puro e simples" — talvez tenha sido estimulada por suas lembranças da infância.

Desde o princípio, Lewis desenvolveu um relacionamento íntimo com seu irmão mais velho, Warren, o que se reflete nos apelidos para cada um dos dois. C. S. Lewis era o "Smallpigiebotham" (SPB) [Porcobuzanfinha] e Warnie o "Archpigiebotham" (ABP) [Porcobuzanfão], apelidos carinhosos inspirados pela frequentes (e, pelo que parece, reais) ameaças da babá de estapear suas "buzanfas de porco" se eles não se comportassem direito. Os dois irmãos se referiam ao pai como o "Pudaitabird" [Pássaro-batata] ou simplesmente "P'dayta" (devido ao jeito belfastiano dele de pronunciar a palavra *potato*, batata). Esses apelidos infantis voltariam a ter importância quando os irmãos se reunissem e restabeleceram seu relacionamento íntimo no final da década de

1920.[12]

O próprio Lewis era conhecido como "Jack" no círculo de sua família e amigos. Warnie data a rejeição do nome *Clive* por parte de seu irmão no verão de 1903 ou 1904, quando Lewis de repente declarou que agora ele queria ser conhecido como "Jacksie". Esse apelido foi gradativamente abreviado para "Jacks" e depois para "Jack".[13] A razão da escolha desse nome permanece obscura. Embora algumas fontes sugiram que o nome "Jacksie" era o nome de um cão da família que morreu num acidente, não há provas documentais para isso.

O ambivalente irlandês: o enigma da identidade cultural irlandesa

Lewis era irlandês — algo que alguns irlandeses parecem ter esquecido, se é que um dia souberam. Na época em que eu mesmo morei na Irlanda, durante a década de 1960, minha lembrança me diz que quando alguém casualmente se referia a Lewis estava se referindo a um escritor "inglês". No entanto, Lewis nunca perdeu de vista suas raízes irlandesas. As paisagens, os sons, as fragrâncias — não, na totalidade, o *povo* — de sua Irlanda natal evocavam saudades no Lewis de idade mais avançada, exatamente como essas coisas de modo sutil, mas forte, moldaram sua prosa descritiva. Numa carta de 1915, Lewis carinhosamente evoca suas recordações de Belfast: "o distante murmurar dos 'estaleiros', a grande extensão de Belfast Lough [Lago de Belfast], Cave Hill Mountain [Montanha da Caverna] e os pequenos vales, prados e colinas em volta da cidade".[14]

No entanto, a Irlanda de Lewis era muito mais do que suas "suaves colinas". Sua cultura era marcada por uma paixão em contar histórias, evidenciada em sua mitologia bem como nas narrativas históricas e em seu amor pela língua. Mas Lewis nunca transformou suas raízes irlandesas num fetiche. Elas simplesmente faziam parte de quem ele era, sem serem sua característica definidora. Até mesmo no final da década de 1950, Lewis se referia regularmente à Irlanda como sua "terra natal", chamando-a de "meu país", e até optou por passar lá sua tardia lua-de-mel com Joy Davidman em abril de 1958. Lewis havia inalado o ar suave e úmido de sua terra natal, e nunca se esqueceu de sua beleza natural.

Poucos dos que conhecem o condado de Down deixam de notar os

originais irlandeses que veladamente inspiraram algumas das paisagens literárias de Lewis, elaboradas com tanta graça. Sua descrição do céu em *O grande abismo* como uma terra "verde-esmeralda" evoca sua terra natal, exatamente como os monumentos tumulares de Legananny no condado de Down, Cave Hill Mountain e Giant's Causeway de Belfast parecem todos ter seus equivalentes em Nárnia — talvez mais suaves e mais brilhantes do que os originais, mas ainda assim mostrando algo de sua influência.

Lewis referiu-se com frequência à Irlanda como fonte de inspiração literária, observando a maneira de suas paisagens estimularem poderosamente a imaginação. Ele não gostava da política irlandesa e tendia a imaginar uma Irlanda pastoril formada apenas por suaves colinas, névoas, lagos e florestas. A província de Ulster, confidenciou ele certa vez em seu diário, "é muito bonita, e se eu simplesmente pudesse deportar os ulsterianos e encher aquela região com uma população de minha escolha, não pediria um lugar melhor para morar."[15] (Sob certos aspectos, Nárnia pode ser vista como um Ulster utópico e idealizado, povoado por criaturas imaginadas por Lewis, em vez de ulsterianos.)

O termo *Ulster* precisa ser mais explicado. Assim como o condado inglês de Yorkshire foi dividido em três partes (chamadas de "*ridings*", termo derivado do verbete nórdico antigo *thrithjungr*, "um terço"), a ilha da Irlanda foi, em sua origem, dividida em cinco regiões (em gaélico, *cúigí*, derivado de *cóiced*, "um quinto"). Depois da conquista dos normandos em 1066, as cinco regiões foram reduzidas para quatro: Connaught, Leinster, Munster e Ulster. O termo *província* passou então a ser preferido ao gaélico *cúige*. A minoria protestante da Irlanda concentrava-se no norte na província do Ulster, que era composta de nove condados. Quando a Irlanda foi dividida, seis dos novos condados formaram a nova entidade política denominada Irlanda do Norte. Hoje em dia o termo *Ulster* é empregado muitas vezes como sinônimo de Irlanda do Norte, e o termo *ulsteriano* tende a ser usado — embora não consistentemente — para designar "um habitante protestante da Irlanda do Norte". Isso acontece apesar do fato de o termo original para referir-se ao Ulster (*cúige*) também incluir os condados de Cavan, Donegal e Monagham, hoje parte da República da Irlanda.

Lewis passou praticamente todas as férias de sua vida na Irlanda, exceto quando impedido pela guerra ou doença. Visitava invariavelmente os condados de Antrim, Derry, Down (seu preferido) e Donegal — todos situados na província original do Ulster. Em certo momento de sua vida, Lewis cogitou

alugar permanentemente uma casa de campo em Cloghy, no condado de Down,[16] como base de suas caminhadas de férias anuais, que muitas vezes incluíam extenuantes passeios nas Montanhas do Mourne. (No fim, ele concluiu que suas finanças não cobririam esse luxo.) Embora Lewis trabalhasse na Inglaterra, seu coração estava firmemente fixado nos condados irlandeses do norte, especialmente o condado de Down. Como ele mesmo observou certa vez, dirigindo-se a seu aluno David Bleakley: "O céu é Oxford elevado e colocado no meio do condado de Down".[17]



1.2 A Irlanda de C. S. Lewis.

Se alguns escritores irlandeses descobriram sua inspiração literária nas questões políticas e culturais que giravam em torno da luta de seu país pela independência em relação à Inglaterra, Lewis a descobriu primeiramente nas paisagens da Irlanda. Essas, declarou ele, haviam inspirado e moldado a prosa e a poesia de muitos antes dele — talvez acima de tudo, o clássico de Edmund Spenser, *The Faerie Queene* [A rainha das fadas], obra elisabetana que Lewis frequentemente apresentava em suas aulas em Oxford e Cambridge. Para Lewis, essa obra clássica de "demandas e andanças e insaciáveis desejos" claramente refletia os muitos anos vividos por Spenser na Irlanda. Quem poderia deixar de perceber "o ar suave e úmido, a solidão, a vagas formas das colinas" ou "os emocionantes crepúsculos" da Irlanda? Para Lewis — que se identifica como alguém que é de fato "um irlandês" — o período subsequente na vida Spenser, agora na Inglaterra, o levou à perda de seu poder de imaginação. "Os muitos anos vividos na Irlanda estão por trás da poesia superior de Spenser, e os poucos anos vividos na Inglaterra estão por trás de sua poesia inferior".[18]

A linguagem de Lewis repercute suas origens. Em sua correspondência, ele usa regularmente expressões ou gírias anglo-irlandesas derivadas do gaélico — por exemplo, as frases "fazer uma boca pobre" (do gaélico *an béat bocht*, para dizer "queixar-se da pobreza") ou "shhh, agora" (para dizer "fique calado", do gaélico *bí i do thost*). Outras expressões idiomáticas refletem idiossincrasias locais, mais do que derivações linguísticas do gaélico, tais como a curiosa expressão "comprido como uma pá de Lurgan" (para dizer "parecendo amuado" ou "de cara amarrada").[19] Embora a voz de Lewis em suas "palestras radiofônicas" da década de 1940 seja a típica voz da cultura acadêmica de Oxford do seu tempo, sua pronúncia de palavras tais como *friend, hour* e *again* [*amigo*, *hora* e *novamente*, respectivamente] denunciam a sutil influência de suas raízes de Belfast.

Sendo assim, por que Lewis não é celebrado como um dos grandes escritores irlandeses de todos os tempos? Por que não há nenhuma entrada para "C. S. Lewis" nas 1.472 páginas do supostamente definitivo *Dictionary of Irish Literature* (1996)? A verdadeira questão é que Lewis não se encaixa — e de fato é preciso dizer que em parte ele *escolheu* não se encaixar — no padrão da identidade irlandesa que dominou o século 20. Em alguns aspectos, Lewis

representa exatamente as forças e influências que os defensores de uma identidade literária tipicamente irlandesa desejam rejeitar. Enquanto no início do século 20, Dublin se erguia como centro das reivindicações por um governo nacional autônomo e pela reafirmação da cultura irlandesa, a cidade natal de Lewis, Belfast, era o centro da oposição a qualquer aspecto dessas demandas.

Um dos motivos que levou a Irlanda a decidir-se basicamente pelo esquecimento de Lewis é que ele foi um irlandês do tipo errado. Em 1917, Lewis certamente se via como simpatizante da "Nova Escola da Irlanda" e estava considerando a possibilidade de enviar seus poemas a Maunsel & Roberts,[20] uma editora de Dublin de fortes laços com o nacionalismo irlandês, que publicara naquele ano as obras coligidas do grande escritor nacionalista Patrick Pearse (1879-1916). Admitindo-se que Maunsel & Roberts fosse "apenas uma editora de segunda categoria", Lewis alimentava a esperança de que isso significasse que considerariam sua proposta.[21]

No entanto, um ano mais tarde, as coisas pareciam muito diferentes aos olhos de Lewis. Escrevendo a seu grande amigo Arthur Greeves, Lewis expressou seu temor de que a Nova Escola da Irlanda fosse acabar como nada mais que "uma espécie de pequena estrada secundária do mundo intelectual, fora da rota principal". Lewis reconhecia agora a importância de manter-se "na ampla estrada do pensamento", escrevendo para um público variado e não a um público restrito por programas políticos e culturais tacanhos. Ser publicado pela Maunsel significaria, segundo ele mesmo declarou, o mesmo que associar-se com o que era pouco mais do que uma "seita." Sua identidade irlandesa, inspirada pela paisagem da Irlanda mais do que por sua história política, encontraria sua expressão na corrente literária principal, não numa de suas "vias secundárias".[22] Lewis pode ter optado por elevar-se acima do provincianismo da literatura irlandesa; ele, todavia, permanece como um de seus mais luminosos e famosos representantes.

Cercado de livros: indícios de uma vocação literária

A paisagem física da Irlanda foi inquestionavelmente uma das influências que moldaram a fértil imaginação de Lewis. No entanto, há outra fonte que colaborou muito para inspirar sua perspectiva na juventude — a literatura em si mesma. Uma das suas mais persistentes lembranças da juventude é a de uma casa abarrotada de livros. Albert Lewis pode ter exercido a função de advogado

para ganhar seu sustento, mas tinha o coração ancorado na leitura de obras literárias.

Em abril de 1905, a família Lewis mudou-se para uma casa nova e mais espaçosa que acabava de ser construída nas cercanias da cidade de Belfast — a "Leeborough House" — na Circular Road em Strandtown, mais conhecida informalmente como "Little Lea" ou "Leaboro." Os irmãos Lewis tinham toda a liberdade de vagar pela vasta residência e deixar que sua imaginação a transformasse em reinos imaginários e terras estranhas. Os dois irmãos habitavam mundo criados pela imaginação, e registraram parte disso por escrito. Lewis escreveu sobre animais falantes em "Animal-Land" [Terra dos Animais], e Warnie escreveu sobre a "Índia" (mais tarde associada com a igualmente imaginária terra de Boxen).



1.3 A família Lewis em Little Lea, em 1905. Na fileira de trás (da esquerda para a direita): Agnes Lewis (tia), duas empregadas domésticas, Flora Lewis (mãe). Na fileira da frente (da esquerda para a direita): Warnie, C. S. Lewis, Leonard Lewis (primo), Eileen Lewis (prima) e Albert Lewis, segurando Nero (o cão).

Como Lewis lembrou mais tarde, para qualquer ponto da casa que olhasse,

via montes, pilhas e estantes de livros.[23] Em muitos dias chuvosos, ele encontrou consolo e companhia lendo esses livros e vagando livremente pelas paisagens literárias imaginadas. Os livros tão liberalmente espalhados pela "casa nova" incluíam obras sobre histórias de amor e mitologia, o que abria janelas para a imaginação do jovem Lewis. A paisagem física do condado de Down era vista através de lentes literárias, tornando-se a porta de entrada para reinos distantes. Warren Lewis mais tarde refletiu sobre o estímulo imaginativo, proporcionado a ele e a seu irmão, pelo clima úmido e por uma sensação de anseio por algo mais satisfatório.[24] Teriam as divagações imaginativas de seu irmão sido estimuladas pela "contemplação de colinas inatingíveis", vistas através de chuvas e céus cinzentos em sua infância?

A Irlanda é a "Ilha Esmeralda" precisamente devido a seus elevados índices pluviométricos e suas névoas, o que lhe proporcionam um solo úmido e uma viçosa relva verde. Parece natural que Lewis mais tarde transferisse essa sensação de confinamento pela chuva a quatro criancinhas, presas na casa de um velho professor, incapazes de explorar o exterior por causa da "incessante chuva, tão densa quando se olhava pela janela que não se podia ver nem as montanhas e as florestas e nem mesmo o regato no jardim".[25] Teria a casa do professor em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* sido concebida com base em Leeborough?

De Little Lea, o pequeno Lewis podia ver as distantes colinas de Castlereagh, que pareciam conversar com ele sobre algo de comovente importância, porém inalcançável. Elas se tornaram um símbolo de liminaridade, o preâmbulo de uma forma nova, mais profunda e mais satisfatória de pensar e viver. Uma sensação inefável de intensa nostalgia brotava nele enquanto as contemplava. Lewis não sabia dizer exatamente pelo *que* ansiava. Reconhecia simplesmente uma sensação de vazio dentro de si que as misteriosas colinas pareciam intensificar sem a satisfazer. Em *O regresso do peregrino* (1933), esses montes reaparecem como um símbolo do profundo desejo do coração pelo desconhecido. Mas se Lewis se situava no limiar de algo maravilhoso e atraente, como poderia entrar nesse reino misterioso? Quem lhe abriria a porta e permitiria seu ingresso? Talvez não deva causar surpresa o fato de que a imagem da porta se tornou cada vez mais significativa nas reflexões posteriores de Lewis sobre questões mais profundas sobre a vida.

O contorno verde e baixo das colinas de Castlereagh, embora muito

próximo, tornou-se símbolo de algo longínquo e inatingível. As colinas eram, para Lewis, distantes objetos de desejo, indicando o fim do seu mundo conhecido, de onde se podia ouvir o sussurro das assombrosas "cornetas da terra dos elfos". "Elas me ensinaram a nostalgia — *Sehnsucht*; me preparam para o bem ou para o mal e, antes dos meus 6 anos de idade, fizeram de mim um devoto da Flor Azul".[26]

Precisamos ponderar essa declaração. O que quer Lewis dizer com *Sehnsucht*? Esse termo do alemão está repleto de associações imaginativas e emocionais, e é famosa a descrição que dele fez Matthew Arnold: "anseio pensativo, delicado, que causa lágrimas". E qual é o significado da "Flor Azul"? Influentes autores românticos da Alemanha, tais como Novalis (1772-1801) e Joseph von Eichendorff (1788-1857), usaram a imagem da "Flor Azul" como símbolo das divagações e anseios da alma humana, especialmente na medida em que esse anseio é evocado — embora não satisfeito — pelo mundo natural.

Mesmo nesse estágio precoce, então, Lewis estava testando e questionando os limites de seu mundo. O que havia além dos horizontes? Mas Lewis não sabia responder às perguntas que esses anseios, de forma tão provocadora, suscitavam em sua mente infantil. Para onde apontavam? Havia uma porta de entrada? Em caso afirmativo, onde se poderia encontrá-la? E aonde ela levaria? A busca de respostas para essas perguntas preocuparia Lewis durante os 25 anos subsequentes.

Solidão: Warnie vai para a Inglaterra

Tudo o que sabemos sobre Lewis por volta de 1905 sugere um menino isolado, introvertido, praticamente sem nenhum amigo, que encontrava seu prazer e satisfação em suas leituras solitárias. Por que solitárias? Depois de providenciar uma nova casa para a família, Albert Lewis tratou de garantir boas perspectivas para o futuro de seus filhos. Como um dos pilares da organização protestante de Belfast, Albert Lewis convenceu-se de que, para o bem de seus filhos, o melhor seria enviá-los para um internato na Inglaterra. Seu irmão William já havia enviado o filho para uma escola inglesa, vendo nisso um caminho aceitável para a ascensão social. Albert decidiu fazer o mesmo, e buscou orientação profissional sobre a escola mais adequada para satisfazer suas ambições.

Os agentes educacionais londrinos Gabbitas & Thring haviam fundado sua instituição em 1873, a fim de recrutar mestres adequados para as principais

escolas inglesas e oferecer orientação aos pais que pretendessem garantir a melhor educação possível a seus filhos. Entre os mestres aos quais ajudaram a encontrar uma colocação apropriada estavam futuros astros —que agora não são lembrados por terem sido bons professores — como W. H. Auden, John Betjeman, Edward Elgar, Evelyn Waugh e H. G. Wells. Em 1923, quando a firma celebrou seu 50º ano de fundação, ela já havia negociado mais de 120 mil vagas para professores, e não menos de 50 mil pais haviam procurado seu aconselhamento acerca das melhores escolas para seus filhos. Entre esses pais estava Albert Lewis, que pediu orientação sobre a escola para a qual ele deveria enviar Warren, seu primogênito.

As recomendações foram devidamente feitas. Mas o aconselhamento provocou um resultado bastante ruim. Em maio de 1905, sem fazer as pesquisas mais críticas e aprofundadas que eram de se esperar de um homem em sua posição, Albert Lewis despachou Warren, então com 9 anos de idade, para a Wynyard School em Watford, ao norte de Londres. Esse talvez tenha sido o primeiro de uma série de erros que o pai de Lewis cometeria quanto ao seu relacionamento com os filhos.

Jacks — como Lewis agora preferia ser chamado — e seu irmão Warnie haviam morado juntos em Little Lea apenas por um mês, tendo como refúgio um "quartinho nos fundos" no último andar da ampla casa. Agora, eles estavam separados. C. S. Lewis permaneceu em casa, e era educado pela mãe e por uma governanta, Annie Harper. Entretanto, seus melhores professores talvez tenham sido as estantes abarrotadas de livros, nenhum dos quais lhe era vetado.

Durante dois anos, o solitário Lewis vagou pelos espaçosos sótãos e rangentes corredores da vasta casa, na companhia de uma enorme quantidade de livros. O mundo interior de Lewis começava a se moldar. Enquanto outros meninos da sua idade estavam brincando na rua ou andando pelos campos nos arredores de Belfast, ele construía, habitava e explorava seu próprio mundo particular. Lewis foi forçado a tornar-se um solitário — algo que indubitavelmente catalisou sua imaginação. Na ausência de Warnie, ele não tinha nenhum amigo íntimo com quem pudesse compartilhar seus sonhos e anseios. As férias escolares adquiriram pare ele suprema importância. Eram o período em que Warnie voltava para casa.

Primeiros encontros com a alegria

Em algum ponto nessa época, a já rica vida imaginária de Lewis sofreu uma guinada. Mais tarde ele relembrou três experiências precoces que considerou como fatores que moldaram uma de seus principais preocupações ao longo da vida. A primeira delas aconteceu quando a fragrância de uma "groselheira em flor" no jardim de Little Lea desencadeou nele uma lembrança de seu tempo na "casa velha", em Dundelas Villas, que Albert Lewis havia então alugado de um parente.[27] Lewis relata ter provado a sensação de um desejo transitório, delicioso, que tomou conta dele. Antes de descobrir o que estava acontecendo, a experiência já havia passado, deixando-lhe "um anseio pelo anseio que acabava de cessar". Isso lhe pareceu ser de enorme importância. "Tudo o mais que já acontecera comigo era comparativamente insignificante". Porém o que significava aquilo?

A segunda experiência aconteceu durante a leitura de *Squirrel Nutkin* [O esquilo Nutkin] de Beatrix Potter (1903). Embora Lewis nessa época admirasse os livros de Potter em geral, algo em relação a essa obra detonou dentro dele um intenso anseio por algo que se esforçou para descrever com clareza: "a ideia do outono".[28] Mais uma vez, Lewis provou uma sensação inebriante de "intenso desejo".

A terceira aconteceu na leitura da tradução de alguns versos do poeta sueco Esaias Tegnér (1782-1846)[29] feita por Henry Wadsworth Longfellow.

> Ouvi uma voz clamando:
> Balder o belo
> Está morto, está morto...

Lewis considerou arrasador o impacto dessas palavras. Foi como se elas abrissem uma porta desconhecida, permitindo-lhe ver um novo reino além de sua própria experiência, o qual ele ansiava por adentrar e possuir. Por um momento, nada mais parecia ter importância. "Eu não sabia nada de Balder", relembra ele, "mas fui instantaneamente transportado para vastas regiões do céu nórdico, [e] desejei com uma intensidade quase estonteante algo que jamais será descrito (a não ser que é frio, espaçoso, severo, pálido e remoto)".[30] No entanto, antes mesmo de Lewis perceber o que estava acontecendo com ele, a experiência passou, deixando-o ansioso por experimentá-la de novo.

Analisando essas três experiências em retrospectiva, Lewis entendeu que elas poderiam ser vistas como aspectos ou manifestações da mesma coisa: "um

desejo insatisfeito que é em si mesmo mais desejável do que qualquer outra satisfação. Chamo isso de alegria".[31] A busca dessa alegria viria a ser um tema central na vida de Lewis e em sua atividade de escritor.

Como vamos então interpretar essas três experiências que desempenharam um papel importante no crescimento de Lewis, especialmente na formação de sua "vida interior"? Talvez possamos valer-nos do clássico estudo *As variedades da experiência religiosa* (1902), no qual o psicólogo de Harvard William James (1842-1910) tentou entender as complexas, poderosas experiências presentes no âmago da vida de muitos pensadores religiosos. Valendo-se de uma extensa gama de escritos publicados e testemunhos pessoais, James identificou quatro aspectos característicos desses acontecimentos.[32] Em primeiro lugar, tais experiências são "inefáveis". Elas desafiam a capacidade de expressão, e não podem ser descritas adequadamente com palavras.

Em segundo lugar, James sugere que aqueles que as experimentam atingem "uma percepção de profundezas da verdade nunca sondadas pelo intelecto discursivo". Em outras palavras, elas são provadas como "iluminações, revelações, plenas de significado e importância". Evocam um "enorme senso de autoridade e iluminação interior", transfigurando o entendimento daqueles que as provam, muitas vezes evocando uma profunda sensação de "serem revelações de novas profundezas da verdade". Esses temas claramente estão por trás das primeiras descrições que Lewis fez da "alegria", como, por exemplo, em sua afirmação de que "tudo o mais que me acontecera antes era comparativamente insignificante".

Terceiro ponto: James segue enfatizando que essas experiências são transitórias; elas "não podem ser mantidas por muito tempo". Em geral duram pelo espaço que varia de alguns segundos a poucos minutos, e sua qualidade não pode ser rememorada com precisão, embora a experiência em si seja reconhecida se reincidir. "Quando desvanecidas, suas qualidade só podem ser reproduzidas imperfeitamente na memória". Este aspecto da tipologia de James acerca da experiência religiosa está claramente refletido na prosa de Lewis.

Finalmente, James sugere que aqueles que tiveram uma experiência dessa natureza sentem-se como se houvessem sido "agarrados e suspendidos por um poder superior". Essas situações não são criadas por sujeitos ativos; elas sobrevêm às pessoas, muitas vezes com uma força esmagadora.

A eloquente descrição de Lewis sobre sua experiência da "alegria"

claramente se encaixa na caracterização de James. As experiências de Lewis foram sentidas como profundamente significativas, escancarando as portas de outro mundo, que depois se fechavam quase imediatamente, deixando-o repleto de alegria em relação ao acontecido, mas ansiando por recuperá-lo. São como epifanias momentâneas e transitórias, quando as coisas de repente parecem vir à tona de forma aguda e intensa, e logo em seguida a luz se apaga e a visão desaparece, deixando apenas uma lembrança e um anseio.

Lewis ficava com uma sensação de perda, até mesmo de traição, depois dessas experiências. No entanto, por mais frustrantes e desconcertantes que pudessem ter sido, elas lhe sugeriam que o mundo visível talvez fosse apenas uma cortina que ocultava vastos reinos inexplorados de misteriosos oceanos e ilhas. Essa foi uma ideia que, depois de plantada, nunca perdeu se apelo imaginativo ou seu poder emocional. No entanto, como veremos, Lewis logo passaria a crer que ela era ilusória, um sonho infantil que o despertar da racionalidade adulta expôs como uma cruel ilusão. Ideias sobre um reino ou um Deus transcendente poderiam ser "mentiras sussurradas através da prata",[33] mas, apesar de tudo, continuavam sendo mentiras.

A morte de Flora Lewis

Eduardo VII subiu ao trono da Inglaterra depois da morte da rainha Vitória, em 1901, e reinou até 1910. A época eduardiana é vista hoje muitas vezes como um período áureo de longas tardes de verão e elegantes festas ao ar livre, uma imagem que foi estilhaçada pela Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Embora essa visão romantizada da era eduardiana reflita em grande parte a nostalgia pós-guerra da década de 1920, não resta dúvida de que muita gente dessa época a considerava estável e segura. Havia acontecimentos preocupantes em andamento — sobretudo, o crescente poder militar e industrial da Alemanha e o poderio econômico dos Estados Unidos, que alguns percebiam como significativas ameaças aos interesses imperiais britânicos. No entanto, o estado de espírito predominante era o de um império consolidado e forte, com suas rotas comerciais protegidas pela maior frota marinha que o mundo já conhecera.

A sensação de estabilidade é evidente na primeira infância de Lewis. Em maio de 1907, Lewis escreveu para Warnie, contando-lhe que era quase certo que eles iriam passar parte das férias na França. Viajar para o exterior era um

avanço significativo para a família Lewis, que normalmente passava até seis semanas do verão em *resorts* do norte da Irlanda, tais como Castlerock e Portrush. O pai da família, preocupado com suas atividades jurídicas, era em muitas ocasiões uma presença intermitente nessas viagens. No final das contas, ele simplesmente não se juntou à família na França.

Naquele ano, Lewis desfrutou de férias tranquilas e íntimas com sua mãe e seu irmão. No dia 20 de agosto de 1907, Flora Lewis levou seus dois filhos para a Pension le Petit Vallon, um hotel familiar na pequena cidade de Berneval-le-Grand, na Normandia, não muito longe de Dieppe, onde permaneceriam até 18 de setembro. Um cartão postal do início da década de 1900 talvez nos ajude a entender a escolha de Flora: as tranquilizantes palavras "Fala-se inglês" aparecem destacadas no alto de uma imagem mostrando famílias eduardianas relaxando felizes no estabelecimento. Qualquer esperança que Lewis tivesse de aprender um pouco de francês foi desfeita quando ele descobriu que todos os outros hóspedes eram ingleses.



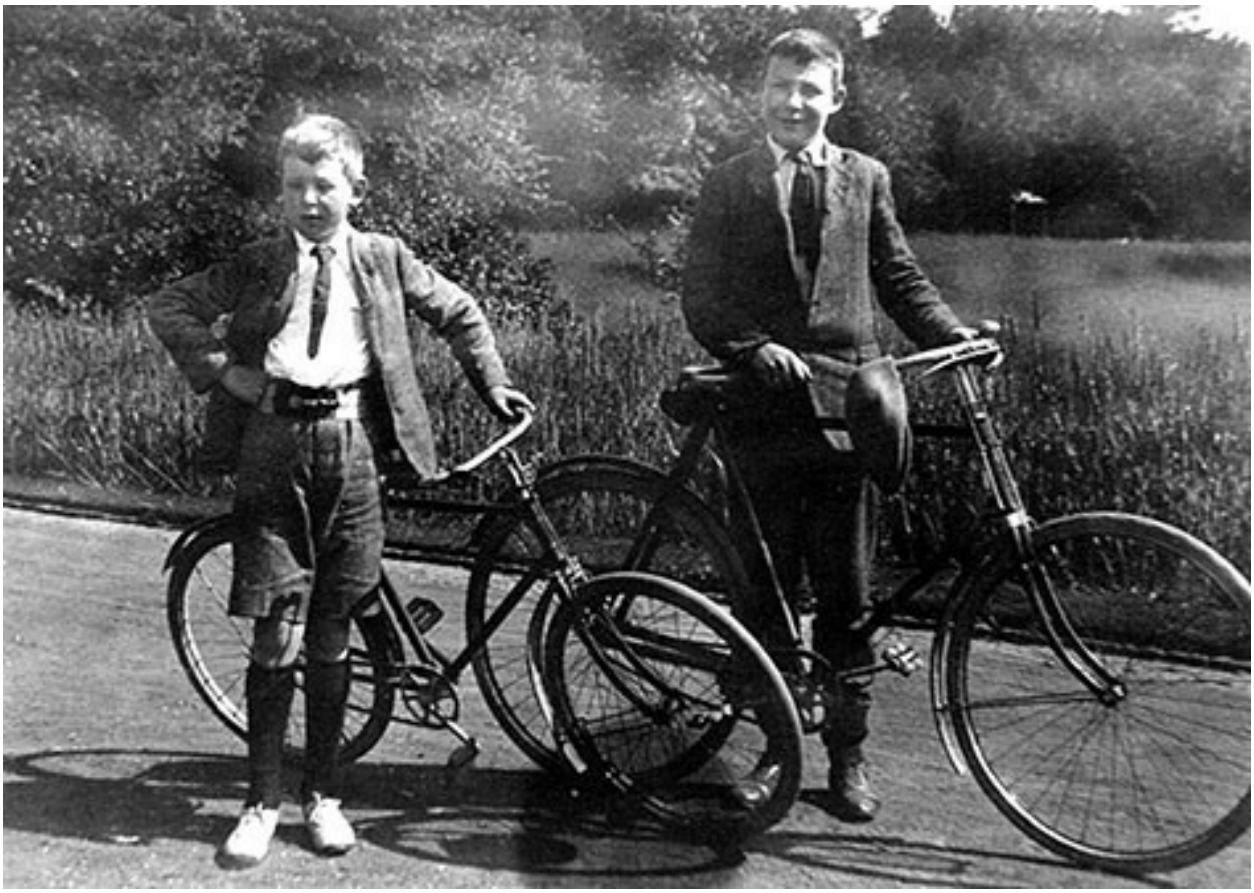
1.4 Pension le Petit Vallon, Berneval-le-Grand, Pas-de-Calais, França. Cartão postal datado de 1905, aproximadamente.

Aquele seria um verão idílico do final do período eduardiano, sem nenhum indício dos horrores por vir. Quando ficou hospitalizado na França durante a Primeira Guerra Mundial, a apenas 29 km a leste de Berneval-le-Grand, Lewis se apanhou relembrando saudosamente aqueles últimos dias dourados e preciosos, perdidos.[34] Ninguém havia previsto a possibilidade política de uma guerra desse gênero, nem a destruição que ela causaria — assim como ninguém da família Lewis poderia ter sabido que aquelas eram as últimas férias que passariam juntos. Um ano mais tarde, Flora faleceu.

No início de 1908, ficou evidente que Flora estava gravemente enferma. Ela havia desenvolvido um câncer abdominal. Albert Lewis pediu que seu pai, Richard, que estava vivendo em Little Lea havia alguns meses, se mudasse. Eles precisavam do espaço para as enfermeiras que cuidariam de Flora. Isso foi demais para Richard Lewis, que sofreu um ataque cardíaco no fim de março e morreu no mês seguinte.

Quando ficou evidente que Flora estava em sua fase terminal, Warnie, que estava na a escola inglesa, foi chamado a voltar para casa para estar com sua mãe em suas últimas semanas. A enfermidade dela uniu ainda mais os dois irmãos. Uma das mais tocantes fotografias desse período mostra Warnie e C. S. Lewis parados ao lado de suas bicicletas nas cercanias de Glenmachan House, perto de Little Lea, no início de agosto de 1908. O mundo de Lewis estava prestes a mudar drástica e irreversivelmente.

Flora morreu em seu leito em casa, no dia 23 de agosto de 1908, no 45º aniversário de Albert Lewis. A citação, um tanto fúnebre, daquele dia no calendário do seu quarto fora extraída de *Rei Lear*, de Shakespeare: "Os homens devem suportar sua partida deste mundo". Warnie descobriu que, pelo resto da vida de Albert Lewis, o calendário ficou aberto naquela página.[35]



1.5 Lewis e Warnie com suas bicicletas em frente à casa da família Ewart, Glenmachan House, em agosto de 1908.

Seguindo os costumes da época, Lewis foi obrigado a ver o cadáver de sua mãe num caixão aberto, com as terríveis marcas de sua enfermidade completamente visíveis. Foi uma experiência traumatizante. "Com a morte de minha mãe, toda a felicidade estabelecida, tudo o que era tranquilo e confiável desapareceu da minha vida".[36]

Em *O sobrinho do mago*, a mãe de Digory Kirke é carinhosamente descrita em seu leito de morte, em termos que parecem repercutir as inevitáveis lembranças que Lewis tinha de Flora: "Lá estava ela, deitada, como ele a havia visto tantas outras vezes, reclinada sobre travesseiros, com uma face tão esmaecida e pálida que faria qualquer um chorar só de olhar para ela".[37] Pouco se pode duvidar de que essa passagem relembra a própria desolação de Lewis diante da morte de sua mãe, especialmente a imagem de seu corpo emagrecido num caixão aberto. Ao permitir que a mãe de Digory fosse curada de sua enfermidade terminal pela maçã mágica de Nárnia, Lewis parece estar curando

suas próprias profundas feridas com um bálsamo imaginário, tentando lidar com o que de fato aconteceu ao imaginar o que poderia ter acontecido.

Embora Lewis tenha se sentido evidentemente angustiado com a morte da mãe, suas lembranças desse período sombrio muitas vezes enfocam as implicações mais amplas envolvendo sua família. À medida que Albert Lewis tentava aceitar a enfermidade de sua esposa, ele foi aparentemente perdendo a noção das necessidades mais profundas de seus filhos. C. S. Lewis descreve esse período como o prenúncio do fim de sua vida familiar, quando as sementes da alienação foram plantadas. Depois de perder sua mulher, Albert Lewis corria o risco de perder também seus filhos.[38] Duas semanas após a morte de Flora, Joseph, o irmão mais velho de Albert, também faleceu. A família Lewis, pelo que parecia, estava em crise. O pai e seus dois filhos foram deixados à própria sorte. "Agora era só mar e ilhas; o grande continente havia submergido como Atlântida".[39]

Esse poderia ter sido um tempo para a reconstrução do afeto paterno e a reanimação da devoção filial. Nada disso aconteceu. Que nesse momento crítico faltou bom senso a Albert fica amplamente demonstrado por sua decisão envolvendo o futuro de seus filhos ainda tão jovens. Apenas duas semanas após a traumatizante morte da mãe, C. S. Lewis se viu no cais de Belfast junto com Warnie, aguardando para embarcar no vapor noturno rumo ao porto de Fleetwood, em Lancashire. Um pai emocionalmente insensato despediu-se de um modo emocionalmente inadequado de seus filhos emocionalmente negligenciados. Tudo o que proporcionava segurança e identidade ao menino Lewis parecia desaparecer ao seu redor. Lewis estava sendo enviado para longe da Irlanda — para longe de sua família e de seus livros — para um lugar desconhecido no qual conviveria com desconhecidos, tendo seu irmão Warnie como único companheiro. Estava sendo enviado para a Wynyard School — "Belsen" de *Surpreendido pela alegria*.

O DESAGRADÁVEL INTERIOR DA INGLATERRA: ESCOLARIZAÇÃO

EM 1962, FRANCINE SMITHLINE — uma aluna nova-iorquina — escreveu a C. S. Lewis, contando-lhe que havia gostado muito de seus livros sobre Nárnia e pedindo-lhe informações sobre seus tempos de escola. Em resposta, Lewis a informou que havia frequentado três escolas, "duas das quais eram horríveis".[1] De fato, continua Lewis, ele "nunca havia detestado tanto qualquer outra coisa, nem mesmo a linha de frente nas trincheiras na Primeira Guerra Mundial". Até mesmo o leitor menos atento de *Surpreendido pela alegria* fica chocado tanto pela veemência da aversão de Lewis pelas escolas que frequentou na Inglaterra como pela improbabilidade de que elas fossem piores que a mortandade nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

Uma das mais significativas fontes de tensão entre C. S. Lewis e seu irmão no final da década de 1950 foi a convicção de Warnie de que Lewis, em *Surpreendido pela alegria* (1955), havia distorcido muito o período que passara no Malvern College. George Sayer (1914-2005), um amigo íntimo que escreveu uma das mais reveladoras biografias de Lewis, recorda-se de Lewis admitindo, perto do fim da vida, que seu relato sobre o tempo passado em Malvern era feito de "mentiras", e refletia a complexa interação de duas vertentes de sua identidade naquela época.[2] A lembrança de Sayer leva os leitores de *Surpreendido*

pela alegria a questionar tanto o alcance quanto a motivação da reconstrução que Lewis fez de seu passado.

Talvez a avaliação de Lewis tenha sido, nesse ponto, ofuscada por suas primeiras impressões da Inglaterra, que foram extremamente negativas e inundaram sua experiência educacional. Como o próprio autor observou mais tarde, ele "criou uma repulsa pela Inglaterra que levou muitos anos para superar".[3] Sua aversão pelas escolas inglesas possivelmente reflete sua repulsa cultural mais profunda pela Inglaterra em si nessa época, evidente em parte de sua correspondência. Em junho de 1914, por exemplo, Lewis se queixava de estar "engaiolado nesse interior quente e feio da Inglaterra" quando poderia estar passeando pelos campos frescos e viçosos do condado de Down.[4]

No entanto, há claramente algo mais profundo e mais emocional neste ponto. Lewis simplesmente não parece ter se adaptado à cultura da escola da época eduardiana. O que outros viam como uma preparação necessária, embora às vezes desagradável, para as dificuldades da vida no mundo real foi descartado e desprezado por Lewis como um "campo de concentração". O que seu pai esperava que o transformasse num cidadão bem-sucedido chegou, pelo contrário, quase a destruí-lo.

A experiência de Lewis em relação às escolas britânicas, depois da morte de sua mãe, pode ser resumida assim:

> Wynyard School, em Watford ("Belsen"): de setembro de 1908 a junho de 1910.
> Campbell College, em Belfast: de setembro a dezembro de 1910.
> Cherbourg School, em Malvern ("Chartres"): de janeiro de 1911 a junho de 1913.
> Malvern College ("Wyvern"): de setembro de 1913 a junho de 1914.
> Tutoria particular em Great Bookham: de setembro de 1914 a junho de 1917.

As três escolas inglesas às quais Lewis fez restrições são presumivelmente as que ele optou por identificar usando pseudônimos: Wynyard School, Cherbourg School e Malvern College. Como veremos, suas lembranças do tempo passado em Great Bookham foram muito mais positivas, assim como seu modo de ver o impacto desse tempo em sua formação intelectual.

Wynyard School, Watford: 1908-1910

A primeira experiência educacional de Lewis na Inglaterra aconteceu em Wynyard School, que era o conjunto de duas lúgubres casas de tijolos amarelos em Langley Road, Watford. Esse minúsculo internato particular fora criado por Robert "Oldie" Capron em 1881 e parece ter feito certo sucesso em seus primeiros anos de existência. Quando Lewis chegou, todavia, essa escola entrara em decadência, contando apenas com oito ou nove internos, e mais ou menos o mesmo número de "externos." Seu irmão já havia estudado ali durante dois anos e se adaptado ao brutal regime escolar com relativa facilidade. Lewis, que tinha pouca experiência do mundo fora do carinhoso casulo de Little Lea, ficou chocado com a brutalidade de Capron e, mais tarde, atribuiu à escola o apelido de "Belsen", numa referência ao infame campo de concentração nazista do mesmo nome.

Embora de início Lewis esperasse que as coisas saíssem bem, ele rapidamente passou a odiar Wynyard, e considerou o período passado por lá como uma perda de tempo quase total. Warnie deixou Wynyard no verão de 1909 e foi para o Malvern College, deixando seu irmão mais novo sozinho numa instituição em evidente fase terminal. Lewis rememorou o ensino em Wynyard como uma alimentação forçada e a decoreba de "um cipoal de datas, batalhas, exportações, importações e coisas desse gênero, esquecidas logo depois de aprendidas e perfeitamente inúteis quando lembradas".[5] Warnie corroborou essa avaliação: "Eu não me lembro de um único item de tudo o que me foi ensinado em Wynyard".[6] E não havia nenhuma biblioteca na qual Lewis pudesse alimentar o lado imaginativo de sua vida. No fim, a escola foi fechada no verão de 1910, quando Capron foi finalmente declarado louco.

Albert Lewis viu-se agora forçado a rever seus planos para a educação do filho mais novo. Enquanto Warnie foi enviado para retomar os estudos no Malvern College, Lewis foi transferido para o Campbell College, um internato na cidade de Belfast, que distava apenas uma milha de Little Lea. Como Lewis observou mais tarde, Campbell fora fundada para proporcionar aos "meninos do Ulster todas as vantagens educativas de uma boa escola sem o aborrecimento de ter de atravessar o Mar da Irlanda".[7] Não está claro se seu pai pretendia que essa fosse uma solução permanente. Enquanto isso, Lewis contraiu uma grave enfermidade respiratória em Campbell, e seu pai, relutando, tirou-o de lá. Não foi um período infeliz para Lewis. De fato, ele parecia ter desejado que a nova

escola fosse definitiva. Seu pai, porém, tinha outros planos. Infelizmente, o resultado deles não foi muito bom.

Cherbourg School, Malvern: 1911-1913

Depois de mais consultas a Gabbitas & Thring, Lewis foi mandado para Cherbourg School ("Chartres" de *Surpreendido pela alegria*), na estância termal inglesa vitoriana de Great Malvern.[8] Durante o século 19, Malvern se tornou popular como estância hidroterápica devido a suas fontes de água mineral. Quando o turismo balneário entrou em declínio no fim do século, muitos antigos hotéis e casas de campo foram convertidos em pequenos internatos, e esse foi o caso de Cherbourg. Essa pequena escola preparatória, que contava com cerca de vinte meninos entre 8 e 12 anos, situava-se ao lado do Malvern College, de onde Warnie já era aluno. Os dois irmãos poderiam pelo menos se encontrar mais uma vez.

A consequência mais importante do período que Lewis passou em Cherbourg foi ter conseguido uma bolsa para estudar no Malvern College. No entanto, Lewis recorda uma série de consequências em sua vida interior para as quais o ensino de Cherbourg atuou essencialmente como cenário, mais do que como causa ou estímulo. Uma das mais importantes foi sua descoberta do que ele denominou "nordicidade", que aconteceu "bastante cedo" durante sua estadia em Cherbourg. Lewis considerou essa descoberta absoluta e esplendidamente transformadora, comparável a um panorama gelado, silencioso e estéril do Ártico que se transforma numa "paisagem de relva e prímulas e pomares em flor, cheia de cantos de pássaros e agitada por águas correntes".[9]

As rememorações de Lewis sobre essa evolução são tão precisas em sua imaginação como vagas em sua cronologia. "Consigo tocar aquele exato momento; não existe praticamente nenhum fato que eu conheça tão bem, embora não consiga datá-lo."[10] O estímulo foi um "periódico literário" esquecido numa sala da escola. Esse periódico pode ser identificado como a edição natalina de *The Bookman*, publicada em dezembro de 1911. Ele incluía um suplemento colorido reproduzindo parte do conjunto de trinta ilustrações de Arthur Rackham para a tradução inglesa de Margaret Armour do libreto da ópera *Siegfried e o crepúsculo dos deuses*, publicado no início daquele ano.

As ilustrações altamente sugestivas de Rackham foram um poderoso

estímulo para a imaginação de Lewis e o levaram a sentir-se dominado por uma experiência de desejo. Ele foi tragado pela "pura 'nordicidade'", por "uma visão de espaços vastos e claros pairando sobre o Atlântico no interminável crepúsculo do verão nórdico".[11] Lewis sentiu-se emocionado por conseguir provar de novo algo que ele acreditava ter perdido para sempre. Não se tratava de uma "fantasia e realização de um desejo".[12] Era uma visão que o situava no limiar de outro mundo, espiando para dentro dele. Na esperança de recapturar algo dessa sensação de deslumbramento, Lewis entregou-se a sua crescente paixão por Wagner, gastando o pouco dinheiro que tinha em gravações das óperas desse compositor e chegando até a comprar um exemplar do texto original do qual haviam sido extraídas as ilustrações de Rackham.

Embora as cartas de Lewis desse seu período em Malvern provavelmente ocultem na mesma medida em que revelam, elas, todavia, sugerem alguns dos temas que recorreriam ao longo de toda a sua carreira. Um deles é o sentimento de Lewis de ser um irlandês exilado em terra estranha. Lewis não tinha simplesmente perdido seu paraíso; ele fora exilado de seu céu. Lewis podia morar na Inglaterra; ele, porém, não se via como inglês. Em seus derradeiros dias em Cherbourg, Lewis se tornara cada vez mais consciente de ter "nascido numa raça rica quanto ao seu sentimento literário e domínio da própria língua".[13] Na década de 1930, Lewis descobriu que a geografia física de sua nativa Irlanda era um estímulo para sua própria imaginação e a de outros, como foi o caso do poeta Edmund Spenser. As sementes desse estímulo podem ser constatadas em suas cartas endereçadas ao pai em 1913.

Um significativo acontecimento intelectual que Lewis atribui a esse período de sua vida foi a perda de qualquer resquício de fé cristã. O relato de Lewis sobre a erosão final da fé em *Surpreendido pela alegria* é menos satisfatório do que se poderia esperar, particularmente dada a importância da fé em sua vida futura. Mesmo sendo incapaz de apresentar "uma cronologia precisa" de sua "lenta apostasia", Lewis, contudo, identifica vários fatores que o levaram nessa direção.

Talvez um dos mais importantes desses fatores, a julgar por sua constante presença em seus escritos subsequentes, tenha sido motivado por sua leitura de Virgílio e de outros autores clássicos. Lewis observou que as ideias religiosas dos antigos eram tratadas pelos estudiosos e também pelos seus professores contemporâneos como "meras ilusões". Que dizer então das ideias religiosas de

hoje? Será que elas não eram simplesmente ilusões *modernas*, a contrapartida contemporânea de seus antepassados, "uma espécie de absurdo endêmico no qual a humanidade tendia a tropeçar?".[14] O cristianismo era apenas uma dentre mil religiões, todas proclamando-se verdadeiras. Nesse caso, por que ele deveria crer que esta era verdadeira, e as outras falsas?

Na primavera de 1913, Lewis havia decidido para onde queria ir depois de Cherbourg. Numa carta endereçada a seu pai em junho de 1913, ele declara que seu tempo em Cherbourg — embora no início tivesse sido um "salto no escuro" — fora um "sucesso".[15]

Ele gostou de Great Malvern como cidade e gostaria de prosseguir seus estudos "no Coll", em outras palavras, no Malvern College, onde poderia voltar a ter a companhia de Warnie, seu irmão mais velho. No fim de maio Warnie anunciou seu desejo de seguir a carreira militar, e que passaria o outono de 1913 no Malvern College, preparando-se para o exame admissional do Royal Military College em Sandhurst.

Mas, as coisas não funcionaram conforme o esperado. Em junho, Lewis ganhou uma bolsa de estudos no Malvern College a partir de setembro seguinte, mesmo estando doente na época dos exames, tendo de realizá-los na enfermaria da escola em Cherbourg. Mas Warnie já não estaria lá. Ele fora convidado pelo diretor a deixar a instituição depois de ter sido apanhado fumando no recinto da escola. (Os dois irmãos Lewis, a essa altura, haviam adquirido o hábito de fumar que os acompanharia por toda a vida). Agora Albert Lewis tinha de achar um jeito de preparar Warnie para o exame admissional de Sandhurst sem nenhuma assistência dos professores do Malvern College. Ele descobriu uma solução brilhante — aliás, que um ano depois teria implicações positivas e importantes para o filho caçula.

Albert Lewis fora aluno do Lurgan College, no condado irlandês de Armagh, entre 1877 e 1879, e desenvolvera um grande respeito por seu antigo diretor, William Thompson Kirkpatrick (1848-1921).[16] Kirkpatrick havia chegado ao Lurgan College em 1876, quando a instituição possuía apenas dezesseis alunos. Uma década mais tarde, a escola estaria sendo considerada umas das melhores da Irlanda. Kirkpatrick se aposentou em 1899 e mudou-se com sua mulher para Sharston House em Northenden, Cheshire, para ficar perto de seu filho George, que trabalhava para a Browett, Lindley & Co., fabricantes de máquinas em Patricroft, Manchester. Todavia, parece que a

mulher de Kirkpatrick tinha pouco entusiasmo pelo noroeste da Inglaterra industrializado, e o casal logo se mudou para Great Bookham, na área metropolitana do condado sulino de Surrey, onde Kirkpatrick se estabeleceu como tutor particular.

Albert Lewis trabalhava como advogado de Kirkpatrick, e ambos tiveram a oportunidade de trocar cartas sobre o que se deveria fazer com pais que se recusavam a pagar as matrículas e mensalidades escolares. Albert Lewis havia pedido conselhos a Kirkpatrick sobre questões educacionais no passado, e agora ele pedia algo mais pessoal e específico: será que Kirkpatrick poderia preparar Warnie para seu exame admissional em Sandhurst? O acordo foi feito, e Warnie começou a estudar em Great Brookham no dia 10 de setembro de 1913. Oito dias mais tarde, seu irmão caçula iniciou seus estudos no Malvern College — o "Wyvern" de *Surpreendido pela alegria* — sem ter a orientação e amizade de seu irmão. Lewis estava por conta própria.

Malvern College: 1913-1914

Lewis apresenta o Malvern College como um desastre. *Surpreendido pela alegria* dedica três de seus quinze capítulos difamando "o Coll", apontando falhas na escola ponto por ponto. No entanto, o acúmulo das vívidas e ásperas memórias de Lewis curiosamente não favorece sua narrativa da busca pela alegria. Por que gastar tanto tempo relatando essas memórias penosas e subjetivas, que outros, que conheceram essa escola nessa época (inclusive Warnie), criticaram como distorcidas e atípicas? Talvez Lewis tenha considerado a redação dessas seções de *Surpreendido pela alegria* como um exercício catártico, que lhe permitia purgar suas penosas memórias escrevendo extensamente sobre elas. No entanto, até mesmo o leitor receptivo dessa obra não deixa de observar que o ritmo do livro se torna mais frouxo nos três capítulos devotados a Malvern, em que detalhes narrativos prejudicam a sequência narrativa.[17]

Lewis declara ter se tornado vítima do sistema conhecido como *fagging*, que determinava que alunos mais novos atuassem como serviçais dos alunos mais velhos (os "Bloods"). Quando um menino fosse detestado pelos colegas e pelos mais velhos, ele seria atormentado e explorado desse modo. Esse era um costume nas escolas particulares inglesas da época. O que a maioria dos meninos aceitava como parte de um tradicional rito de iniciação para a vida adulta era visto por Lewis como uma forma de trabalho forçado. Lewis sugeriu

que os serviços que os meninos mais novos supostamente deviam prestar aos colegas mais velhos incluíam, segundo boatos (jamais comprovados), favores de ordem sexual, algo que ele considerava horripilante.



2.1 William Thompson Kirkpatrick (1848-1921), em sua casa, em

Great Bookham, em 1920, fotografado por Warren Lewis, na ocasião de uma visita durante sua licença do exército britânico. Esta é a única fotografia conhecida de Kirkpatrick.

Mais significativo talvez, seja o fato de que Lewis se sentiu excluído do código de valores do Malvern College, o qual era fortemente influenciado naquela época pela filosofia educacional dominante no sistema de ensino privado inglês: a filosofia do atletismo.[18] No final da época eduardiana, o "culto ao esporte" havia assumido uma posição praticamente indiscutível, sendo a parte educativa mais importante de uma escola particular inglesa. O atletismo era uma ideologia com aspecto mais sombrio. Os meninos que não fossem bons no esporte eram ridicularizados e perseguidos pelos colegas. O atletismo subestimava as conquistas intelectuais e artísticas e praticamente transformou muitas escolas em meros campos de treinamento para a exaltação de práticas físicas. O cultivo da "masculinidade" era visto como um desenvolvimento integral do "caráter", um traço essencial que dominou as teorias educacionais desse período da cultura britânica.[19] Sob todos esses aspectos, Malvern foi típico da época eduardiana, oferecendo o que se acreditava ser necessário, e o que os pais evidentemente desejavam.

Mas não era o que *Lewis* queria. Sua "inata falta de jeito", em parte causada pelo fato de ele ter apenas uma articulação nos polegares, impossibilitava-lhe ter destaque em qualquer atividade física.[20] Ao que parece, Lewis pouco se esforçou para adequar-se à cultura da escola. Sua recusa a conformar-se criou a impressão de que ele era socialmente arredio e academicamente arrogante. Como ele mesmo ironicamente observou numa carta, Malvern o ajudou a descobrir o que ele *não* queria ser: "Se eu nunca tivesse visto o espetáculo horrível que esses estudantes ingleses rudes e desmiolados apresentam, poderia ter corrido o risco de, um dia, eu mesmo vir a ser como eles".[21] Para muitos, essas observações soam apenas arrogantes e condescendentes. No entanto, Lewis foi explícito em sua declaração de que uma das relativamente poucas realizações positivas de Malvern foi ajudá-lo a perceber que ele *era* arrogante.[22] Esse era um aspecto de seu caráter com o qual ele teria de lidar nos anos subsequentes.

Lewis muitas vezes procurou refúgio na biblioteca da escola, encontrando consolo nos livros. Também desenvolveu amizade com seu professor de letras clássicas, Harry Wakelyn Smith ("Smewgy"), que o ajudou a trabalhar seu latim e o conduziu a um sério estudo do grego. O fato mais importante talvez tenha

sido o de ensiná-lo a analisar adequadamente um poema, permitindo a apreciação de suas qualidades estéticas. Além disso, ele auxiliou Lewis a perceber que a poesia deve ser lida de tal modo que seu ritmo e suas qualidades musicais possam ser apreciadas. Mais tarde, Lewis expressou sua gratidão num poema que explica como Smith — um "senhor idoso, com voz melíflua e cantante" — lhe ensinou a amar os "mestres mediterrâneos" da poesia clássica.[23]

Por mais importantes que esses encontros positivos possam ter sido para o futuro desenvolvimento intelectual e crítico de Lewis, na época, eles eram, em última análise, diversões intelectuais, planejadas para distrair sua mente daquilo que ele via como uma insuportável cultura escolar. Na opinião de Warnie, Lewis era simplesmente "um pino quadrado num buraco redondo". Beneficiado por sua visão retrospectiva, ele afirmou que Lewis não deveria ter sido caminhado a uma escola particular. Sua falta de competência esportiva e suas fortes inclinações intelectuais imediatamente o identificaram como um "deslocado, um herege, um objeto suspeito dentro do sistema padronizado de mentalidade coletivista do ensino privado".[24] Mas, nessa ocasião, Warnie tinha certeza de que a falha, se é que havia alguma, estava no próprio Lewis, não na escola.

Ainda não está claro o motivo de Lewis gastar tanta tinta em *Surpreendido pela alegria* tratando de sua passagem pela escola de Malvern. É verdade que ele foi convidado para ser um administrador daquela escola em 1929, convite esse que achou um pouco engraçado.[25] No entanto, não resta dúvida sobre o desespero de Lewis à época acerca de sua situação nesse estabelecimento e suas tentativas desesperadas de persuadir seu pai a transferi-lo para um lugar mais de acordo com sua índole. "Por favor, tire-me daqui o mais rápido possível", implorou a seu pai em março de 1914, quando se preparava para voltar a Belfast para as férias escolares.[26]

Albert Lewis finalmente percebeu que as coisas não estavam funcionando bem para seu filho caçula. Conversou com Warnie, que naquela altura estava no segundo mês de treinamento como oficial do exército inglês em Sandhurst. Na visão de Warnie, seu irmão havia contribuído muito para piorar a própria situação. Warnie esperava, como disse a seu pai, que Malvern proporcionasse a seu irmão os mesmos "anos, recordações e amizades felizes que ele levaria consigo até o fim da vida". Mas a coisa não funcionou desse jeito. Lewis havia transformado Malvern num lugar "inseguro demais para si".[27] Fazia-se

necessária uma reconsideração radical. Sendo que Warnie se havia beneficiado com a tutoria de Kirkpatrick, Lewis deveria ter a mesma oportunidade. Não é difícil perceber a irritação de Warnie quando seu irmão disse ao pai que "poderia se divertir detonando seu estoquezinho barato de fogos intelectuais debaixo do nariz do velho K[irkpatrick]".[28]

Então Albert Lewis escreveu a Kirkpatrick, pedindo seu conselho. De início, Kirkpatrick sugeriu que Lewis deveria retomar aos estudos no Campbell College. Mas enquanto os dois debatiam o problema, outra solução começou a emergir. Albert persuadiu Kirkpatrick a se tornar o tutor pessoal de Lewis a partir de setembro de 1914. Kirkpatrick declarou-se completamente lisonjeado com o pedido: "Ter sido o professor do pai e de seus dois filhos é certamente uma experiência única". Mesmo assim ainda era um risco. O que Lewis acharia de Kirkpatrick, que fora tão bom para Warnie? Os esforços de Kirkpatrick haviam levado Warnie a classificar-se em 22º lugar entre mais de duzentos candidatos aprovados pelo processo seletivo altamente concorrido. A ficha militar de Warnie mostra que ele entrou em Sandhurst no dia 4 de fevereiro de 1914 como um *gentleman cadet* [cadete cavalheiro], tendo recebido um "prêmio para cadetes com emolumentos". Sua carreira militar decolava de modo promissor.

Nesse meio tempo, Lewis havia voltado à casa em Belfast para as férias. Em meados de abril de 1914, pouco antes da data de seu retorno para o trimestre final no Malvern College, ele recebeu uma mensagem. Arthur Greeves (1895-1966) estava acamado recuperando-se de uma enfermidade e gostaria de receber uma visita. Greeves, que tinha a mesma idade de Warnie, era o filho caçula de Joseph Greeves, um dos mais ricos fiandeiros de linho de Belfast. Sua família morava em "Bernagh", uma ampla casa perto de Little Lea.

Em *Surpreendido pela alegria*, Lewis recorda que Greeves havia tentado iniciar uma amizade com ele havia algum tempo, mas nunca se haviam encontrado.[29] No entanto, há provas de que a memória de Lewis talvez não estivesse inteiramente correta. Numa das de suas mais antigas cartas remanescentes de maio de 1907, Lewis informava Warnie que um telefone acabava de ser instalado em Little Lea. Ele havia usado essa novidade tecnológica para ligar para Arthur Greeves, mas não havia conseguido falar com ele.[30] Isso sugere alguma espécie de amizade na infância. Se Lewis e Greeves haviam sido amigos por volta dessa época, parece provável que a ausência

forçada de Lewis por ter de frequentar escolas inglesas havia enfraquecido esse relacionamento.



2.2 Encontro para uma partida de tênis em Glenmachan House, residência da família Ewart, próximo a Little Lea, no verão de 1910. Arthur Greeves aparece à esquerda na fileira de trás; com C. S. Lewis no lado oposto. Lily Greeves, irmã de Arthur, está sentada à direita, na frente de Lewis.

Lewis concordou em visitar Greeves com certa relutância. Encontrou-o recostado na cama, com um livro a seu lado: *Myths of the Norsemen* [Mitos dos noruegueses] (1908), de H. M. A. Guerber. Lewis, cujo amor pela "nordicidade" quase não tinha limites, olhou para o livro perplexo: "*Você* gosta disto?", perguntou ele, para logo perceber a mesma reação entusiasmada de Greeves.[31] Lewis havia finalmente descoberto uma alma gêmea. Eles permaneceriam regularmente em contato até a morte de Lewis, cerca de cinquenta anos mais tarde.

Quando seu trimestre final em Malvern chegou ao fim, Lewis escreveu sua primeira carta a Greeves, planejando uma caminhada com ele. Embora ele estivesse "engaiolado" nesse "interior quente e feio da Inglaterra", eles poderiam contemplar o sol surgindo sobre as Holywood Hills e ver Belfast

Lough e Cave Hill.[32] No entanto, um mês mais tarde, a visão que Lewis tinha da Inglaterra mudou. "Smewgy" havia convidado a ele e outro menino a fazer um passeio pelo interior, deixando para trás as "colinas monótonas, feias e sem graça de Malvern". Em vez delas, Lewis descobriu um "território encantado" de colinas e vales ondulados, com "misteriosas florestas e campos de trigo".[33] Talvez a Inglaterra não fosse de todo ruim; talvez ele pudesse ficar por lá no fim das contas.

Bookham e o "Marreta": 1914-1917

No dia 19 de setembro de 1914, Lewis chegou a Great Bookham para iniciar seus estudos com Kirkpatrick, o "Great Knock" [Marreta]. No entanto, o mundo em volta de Lewis havia mudado de forma irreversível desde que ele deixara Malvern. No dia 28 de junho, o arquiduque da Áustria, Franz Ferdinand, foi assassinado em Sarajevo, criando ondas de tensão e desconfiança que aumentaram gradativamente. Grandes alianças se estabeleceram. Se uma das grandes nações partisse para a guerra, todas as outras a seguiriam. Um mês mais tarde, em 28 de julho, a Áustria lançou um ataque contra a Sérvia. A Alemanha imediatamente lançou um ataque contra a França. Era inevitável que a Inglaterra fosse forçada a entrar no conflito. A Grã-Bretanha acabou declarando guerra contra a Alemanha e o Império Austro-húngaro no dia 4 de agosto.

Warnie foi imediatamente afetado por esses acontecimentos. Seu período de treinamento foi reduzido de dezoito para nove meses, a fim de que pudesse ingressar no serviço militar o mais rápido possível. Ele logo assumiu o posto de segundo-tenente no Royal Army Service Corps no dia 29 de setembro de 1914, e no dia 4 de novembro já estava servindo ativamente na França com a British Expeditionary Force. Enquanto isso, Lord Kitchener (1850-1916), ministro da Guerra, começou a organizar o maior exército de voluntários que a nação já havia conhecido. Seu famoso cartaz de recrutamento declarando "Seu país precisa de você!" tornou-se uma das mais conhecidas imagens da guerra. Era praticamente impossível Lewis não sentir a pressão para se alistar.

Enquanto a Inglaterra se lançava num estado de guerra para o qual não estava adequadamente preparada, Lewis se estabelecia na casa de Kirkpatrick, "Gastons", em Great Bookham. Seu relacionamento com Kirkpatrick teria importância capital, especialmente porque a relação com seu pai e irmão estava, a essa altura, um tanto desgastada e distante. Lewis viajou de navio a vapor de

Belfast para Liverpool, e depois de trem para Londres. Lá ele tomou um trem em Waterloo Station para Great Bookham, onde Kirkpatrick o aguardava. Enquanto caminhavam juntos da estação para a casa de Kirkpatrick, Lewis observou, só para quebrar o gelo e iniciar uma conversa, que a paisagem de Surrey era um pouco mais agreste do que ele havia esperado.



2.3 "Seu país precisa de você!" — capa da revista *London Opinion*, publicada em 5 de setembro 1914, logo após a declaração de guerra da Grã-Bretanha. Essa imagem de Lord Kitchener, desenhada pelo artista Alfred Leete (1882-1933), rapidamente obteve significado icônico e deu grande realce às campanhas de recrutamento militar britânico de 1915 em diante.



2.4 Station Road, Great Bookham, em 1924. C. S. Lewis e Kirkpatrick supostamente percorreram essa estrada indo da estação para a residência de Kirkpatrick, Gastons.

Lewis tivera a simples intenção de iniciar uma conversa; Kirkpatrick aproveitou a oportunidade para começar uma discussão agressiva e interativa demonstrando as virtudes do método socrático. Ele mandou Lewis parar imediatamente. O que ele queria dizer com "agreste", e que bases tinha para esperar aquilo? Ele havia estudado os mapas da área? Lera algum livro sobre a região? Vira fotografias do lugar? Lewis respondeu que não fizera nenhuma dessas coisas. Suas opiniões não se baseavam em nada. Kirkpatrick lhe informou devidamente que ele não tinha o direito de ter opinião alguma a esse respeito.

Alguns teriam considerado essa abordagem intimidadora; outros talvez pudessem achá-la mal-educada e desprovida de preocupação didática. Lewis, porém, logo percebeu que estava sendo forçado a desenvolver o pensamento crítico, baseado na razão e em provas, e não em intuições pessoais. Essa abordagem, observou ele, foi como "carne vermelha e cerveja forte".[34] Lewis prosperou seguindo essa dieta do pensamento crítico.

Kirkpatrick foi um homem extraordinário e merece o crédito da evolução intelectual de Lewis, particularmente do fomento de uma abordagem altamente

crítica de ideias e fontes.[35] Kirkpatrick teve uma carreira brilhante no Queen's College, de Belfast, no qual se graduou em julho de 1868 com First Class Honours em Inglês, História e Metafísica.[36] No seu primeiro ano no Queen's College, ele havia obtido um prêmio de redação em inglês sob o pseudônimo de Tamerlaine. Também foi premiado com dupla medalha de ouro pela Royal University da Irlanda — o único estudante agraciado com essa distinção naquele ano. Pleiteou sem sucesso o cargo de diretor no Lurgan College, quando a escola foi inaugurada em 1873. Havia 22 candidatos para esse prestigioso cargo. No fim, os dirigentes da escola tiveram de escolher entre Kirkpatrick e E. Vaughan Boulger, de Dublin. Escolheram Boulger.

Destemido, Kirkpatrick procurou emprego em outro lugar. Ele foi um forte candidato para a cadeira de Inglês no University College de Cork. Sua grande chance, porém, foi no fim de 1875, quando Boulger foi indicado para a cadeira de Grego no University College de Cork. Kirkpatrick candidatou-se novamente para o cargo de diretor no Lurgan College e foi escolhido para ocupar o posto a partir de janeiro de 1876. Sua capacidade de inspirar os alunos tornou-se lendária. Albert Lewis pode ter cometido muitos erros no planejamento da educação de seu filho caçula na Inglaterra. Mas sua decisão mais importante — baseada em sua opinião pessoal, e não no defeituoso aconselhamento profissional da firma Gabbitas & Thring — resultou ser a melhor de todas.

O resumo que Lewis fez de seus mentores mais importantes merece análise: "Smewgy me ensinou Gramática e Retórica, e Kirk me ensinou Dialética".[37] Na visão de Lewis, ele estava aos poucos aprendendo como empregar as palavras e desenvolver argumentos. Mas a influência de Kirkpatrick não se limitou às habilidades dialéticas de Lewis. O velho mestre forçou seu pupilo a aprender línguas, vivas e mortas, usando o simples expediente de obrigá-lo a usá-las. Dois dias depois da chegada de Lewis, Kirkpatrick sentou-se com ele e abriu um exemplar da *Ilíada* de Homero no original grego. Leu em voz alta os primeiros 20 versos com um sotaque belfastiano (que teria deixado Homero de queixo caído), apresentou uma tradução deles e depois convidou Lewis a continuar. Rapidamente, Lewis se sentiu confiante o suficiente para ler de modo fluente na língua original. Kirkpatrick aplicou esse mesmo método primeiro ao latim e depois às línguas vivas, incluindo alemão e italiano.

Para alguns, esses métodos educacionais parecerão arcaicos, até ridículos. Para muitos alunos, eles teriam causado fracassos humilhantes e perda de

confiança. Lewis, porém, viu neles um desafio, que o levou a estabelecer objetivos mais elevados e aumentar sua aposta em si mesmo. Esse foi precisamente o método educacional mais adequado a suas habilidades e carências. Num de seus mais famosos sermões, *Peso da glória* (1941), Lewis nos convida a imaginar um jovem que aprendeu grego para experimentar a alegria de estudar Sófocles. Esse jovem era Lewis, e Kirkpatrick era seu professor. Em fevereiro de 1917, Lewis escreveu com grande entusiasmo a seu pai, dizendo-lhe que ele conseguira ler os primeiros duzentos versos do *Inferno* de Dante no original italiano "com grande sucesso".[38]

Mas o racionalismo de Kirkpatrick provocou outros resultados que Lewis estava menos interessado em compartilhar com seu pai. Um deles foi seu crescente compromisso com o ateísmo. Lewis tinha certeza de que seu ateísmo estava "plenamente desenvolvido" antes de ir para Bookham; a contribuição de Kirkpatrick foi lhe proporcionar mais argumentos em defesa de sua posição. Em dezembro de 1914, Lewis foi crismado na igreja de São Marcos, em Dundela, a mesma igreja em que fora batizado em janeiro de 1899. Seu relacionamento com o pai estava tão deteriorado que ele não se sentiu capaz de lhe dizer que não desejava submeter-se àquele ritual, pois já não acreditava em Deus. Lewis mais tarde usou Kirkpatrick como o modelo do personagem MacPhee, que aparece em *Uma força medonha* — um irlandês-escocês articulado, inteligente e muito obstinado, com ideias distintamente céticas sobre questões de fé religiosa.

Será que Lewis tendia a concordar com Kirkpatrick nessa questão? A única pessoa a quem Lewis parece ter-se sentido capaz de abrir o coração sobre suas convicções religiosas foi Arthur Greeves, que a essa altura já havia tomado o lugar de Warnie como sua alma gêmea e confidente. Em outubro de 1916, Lewis forneceu a Greeves uma declaração completa a respeito de suas convicções em questões religiosas. "Eu não acredito em nenhuma religião." Todas as religiões, escreveu ele, são simplesmente mitologias inventadas por seres humanos, geralmente em resposta a acontecimentos naturais ou carências emocionais. Esta, declarou Lewis, "é reconhecidamente a explicação científica do crescimento das religiões". A religião era irrelevante para questões de moralidade.[39]

Essa carta estimulou um intenso debate com Greeves, que na época era um cristão comprometido e convicto. Eles trocaram pelo menos seis cartas sobre esse assunto em menos de um mês, antes de declarar que suas opiniões eram

tão divergentes que fazia pouco sentido continuar a discussão. Lewis mais tarde lembrou-se de que ele "bombardeou [Greeves] com toda a artilharia leve de um racionalista de 17 anos de idade"[40], mas o efeito disso foi quase nulo. Para Lewis, simplesmente não existia nenhum bom motivo para acreditar em Deus. Nenhuma pessoa inteligente iria querer acreditar num "espírito maligno que está disposto a me punir por toda a eternidade".[41] A causa racional em defesa da religião era, na visão de Lewis, um fracasso total.

No entanto, Lewis descobriu que sua imaginação e sua razão o arrastavam para direções totalmente diferentes. Ele continuava se vendo às voltas com experiências de profundos sentimentos de desejo, às quais havia anexado o nome de "alegria". A mais importante delas aconteceu no início de março de 1916, quando ele apanhou por acaso um exemplar do romance fantástico de George MacDonald, *Phantastes*.[42] Enquanto lia, sem se dar conta, Lewis foi levado a cruzar a fronteira da imaginação. Tudo mudou para ele em consequência da leitura desse livro. Ele havia descoberto uma "nova qualidade", uma "sombra brilhante" que o impressionou como se fosse uma voz chamando-o para o fim do mundo. "Naquela noite, minha imaginação foi, num certo sentido, batizada."[43] Despontou-se uma nova dimensão para a sua vida. "Eu não fazia a mais vaga ideia sobre a situação em que me metera comprando *Phantastes*." Lewis ainda levaria algum tempo para fazer a ligação entre o cristianismo de MacDonald e suas obras da imaginação. No entanto, uma semente fora plantada, e era apenas uma questão de tempo para que ela começasse a germinar.

A ameaça do recrutamento militar

Uma sombra um pouco mais forte se projetava sobre a vida de Lewis, bem como sobre a de muitos outros. As baixas do primeiro ano de guerra significaram uma demanda de mais recrutas para o exército britânico — mais que do se poderia conseguir por meio do alistamento voluntário. Em maio de 1915, Lewis escreveu para o pai resumindo como avaliava sua situação naquele momento. Ele poderia torcer para que a guerra acabasse antes de ele completar 18 anos ou teria de se apresentar como voluntário antes de ser convocado a contragosto.[44] Com o passar do tempo, Lewis foi percebendo que provavelmente iria para a guerra. Era apenas uma questão de tempo. A guerra

não dava nenhum sinal de término num futuro próximo, e o 18º aniversário se aproximava rápido.

Em 27 de janeiro de 1916, entrou em vigor a Lei de Serviço Militar, acabando com o alistamento voluntário. Todos os homens entre 18 e 41 anos de idade eram considerados efetivamente alistados a partir de 2 de março de 1916, e seriam convocados conforme a necessidade. Todavia, as disposições da lei não se aplicavam à Irlanda, e havia uma isenção importante: todos os homens dessa faixa etária que "residissem na Grã-Bretanha apenas com vistas à sua formação educacional" estavam isentos dessa disposição. Lewis, no entanto, tinha consciência de que a isenção poderia ser apenas temporária. Sua correspondência sugere que ele chegou à conclusão de que o serviço militar era inevitável.

Logo depois da data-limite de 2 de março, Lewis escreveu para Greeves tomando emprestada uma imagem do prólogo de *Henrique V* de Shakespeare: "Em novembro acontece o meu 18º aniversário, a chegada da idade militar e os 'vastos campos' da França, que absolutamente não ambiciono enfrentar".[45] Em julho, Lewis recebeu uma carta de Donald Hardman, com o qual havia compartilhado uma sala de estudos no Malvern College. Hardman informava Lewis que havia sido convocado para servir o exército no Natal. O que, perguntava ele, estava acontecendo com Lewis? Lewis respondeu que ainda não sabia. No entanto, numa carta endereçada a Kirkpatrick, datada de maio, Albert Lewis declarou que Lewis já havia tomado a decisão de servir como voluntário. Antes disso, todavia, queria tentar matricular-se em Oxford.[46]

Mas acontecimentos na Irlanda abriram outra possibilidade para Lewis. Em abril de 1916, a Irlanda foi abalada pela notícia do Levante da Páscoa, uma insurreição de Dublin organizada pelo Conselho Militar da Irmandade Republicana Irlandesa, com o objetivo de pôr um termo ao governo inglês na Irlanda e estabelecer uma república irlandesa independente. O Levante da Páscoa durou de 24 a 30 de abril de 1916. Foi sufocado pelo exército inglês após sete dias de luta, e os líderes do movimento foram julgados por um tribunal militar e executados. Agora estava claro que se fazia necessário enviar mais tropas à Irlanda para manter a ordem. Haveria a possibilidade de Lewis ser enviado para a Irlanda, e não para a França, caso se alistasse?

Enquanto isso, Kirkpatrick vinha ponderando o futuro de Lewis. Levando muito a sério seu papel de mentor do jovem, Kirkpatrick refletiu sobre o que ele

havia descoberto acerca das habilidades e do caráter de seu pupilo. Escreveu para Albert expressando sua opinião de que Lewis havia nascido com um "temperamento literário" e mostrava notável maturidade em suas avaliações literárias. Ele estava claramente destinado a ter uma carreira importante. Carecendo, todavia, de uma boa formação em ciência e matemática, Lewis poderia ter dificuldades para entrar em Sandhurst. Na opinião pessoal de Kirkpatrick, Lewis deveria abraçar a carreira jurídica. Este, porém, não estava nada interessado em seguir os passos do pai. Ele havia concentrado seus objetivos em Oxford. Tentaria uma vaga no New College, na universidade de Oxford, para estudar os clássicos da literatura.

Inscrição de Lewis para a Universidade de Oxford

Não conhecemos com clareza o que levou Lewis a escolher Oxford em geral ou o New College em particular. Nem Kirkpatrick nem ninguém da família de Lewis tinha conexões com a universidade ou com a faculdade. A esta altura, as preocupações de Lewis sobre a convocação para o serviço militar haviam diminuído, e já não o preocupavam mais como antes. Por sugestão de Kirkpatrick, Lewis consultara um advogado quanto as complexidades da Lei de Serviço Militar. O advogado o aconselhara a escrever para o mais alto oficial do recrutamento local, com sede em Guildford. No dia 1º de dezembro, Lewis escreveu para o pai que estaria formalmente isento daquela Lei, desde que se alistasse imediatamente. Lewis não perdeu tempo em cumprir a exigência.

Em 4 de dezembro de 1916, depois de resolver a questão do alistamento, Lewis viajou para Oxford a fim de fazer o exame seletivo. Confundindo-se com as orientações recebidas, tomou a direção errada ao sair da estação ferroviária e acabou chegando ao subúrbio oxfordiano de Botley. Foi só quando se viu diante do campo aberto que deu meia volta e finalmente vislumbrou "o lendário conjunto de pináculos e torres".[47] (A imagem de tomar a direção errada na vida permaneceria com ele.) Voltou à estação, pegou um táxi para a hospedaria administrada por uma tal sra. Etheridge, em Mansfield Road, 1, em frente ao New College. Ali, ele compartilhou a sala de estar com outro esperançoso candidato.

Na manhã seguinte, nevou. O exame vestibular foi feito no salão do Oriel College. Mesmo durante o dia, Oriel Hall era tão frio que Lewis e seus colegas candidatos estavam envoltos em casacões e cachecóis, alguns usando até luvas

enquanto escreviam suas respostas às questões das provas. Lewis estivera tão envolvido com o preparo para o exame que se esquecera de avisar o pai sobre a data da prova. Mas ele encontrou tempo para lhe escrever em meio aos vários testes, contando-lhe sobre seu prazer em Oxford: a cidade "ultrapassa meus sonhos mais arrojados: nunca vi nada tão belo, especialmente nestas gélidas noites enluaradas".[48] Depois de completar as provas seletivas, Lewis voltou para Belfast no dia 11 de dezembro, dizendo a seu pai que, em sua opinião, ele não conseguiria uma vaga.

Estava certo, mas apenas em parte. Ele não conseguira uma vaga no New College. Suas provas escritas, entretanto, haviam impressionado os professores de outra faculdade. Dois dias depois, Lewis recebeu uma carta de Reginald Macan (1848-1941), diretor do University College, informando-o de que, pelo fato do New College não lhe ter concedido uma vaga, ele fora escolhido para receber uma bolsa no University College. Seguia um pedido para que ele confirmasse a oferta e tomasse as devidas providências. A alegria de Lewis ultrapassou os limites.

Mesmo assim, ainda pairava uma nuvem no céu de Lewis. Logo depois disso, Macan escreveu novamente, deixando claro que a mudanças referentes à convocação para a guerra "impossibilitariam moralmente" qualquer homem apto acima dos 18 anos de idade de prosseguir seus estudos em Oxford. Esperava-se que todos os que se encaixassem nessa categoria se alistassem nas forças armadas. Albert Lewis estava ansioso. Se seu filho caçula não se alistasse como voluntário, ele poderia ser convocado para o serviço militar, e isso significaria tornar-se um soldado raso, em vez de ser um oficial. O que se deveria fazer?

Em janeiro de 1917, Lewis voltou para Oxford para discutir a situação mais a fundo com Macan. Em seguida, ele escreveu a seu pai. Aparentemente havia sido encontrada uma solução para o problema. A melhor maneira de Lewis garantir para si uma patente de oficial no exército britânico era ingressar na Unidade de Treinamento de Oficiais da Universidade de Oxford e candidatar-se para uma patente com base nesse treinamento.[49] A Unidade de Treinamento de Oficiais fora criada em Oxford e em outras importantes universidades britânicas em 1908 como um meio de fornecer "um nível padrão de treinamento militar básico em vistas de preparar candidatos para receber patentes" no exército britânico. Aderindo à Unidade de Treinamento de Oficiais imediatamente após

chegar a Oxford, Lewis estaria tomando um atalho para a patente de oficial.

Todavia, somente os membros da Universidade de Oxford podiam ingressar na Unidade de Treinamento de Oficiais. O processo de admissão em Oxford naquela época envolvia dois estágios. Primeiro, um candidato tinha de garantir uma vaga numa das faculdades de Oxford. Depois de sua reprovação no New College, Lewis havia recebido uma bolsa para o University College. Esse requisito do processo fora assim preenchido. No entanto, a admissão numa das faculdades não significava automaticamente a admissão na Universidade de Oxford. Para assegurar padrões uniformemente altos em todas as faculdades, as autoridades universitárias exigiam que os novos alunos se submetessem a um exame adicional — conhecido como *responsions* —, a fim de garantir que satisfaziam as exigências básicas.[50] Infelizmente, para Lewis, *responsions* incluíam um ensaio em matemática fundamental — uma disciplina na qual ele praticamente não tinha nenhum talento.

Mais uma vez, Albert Lewis decidiu recorrer à experiência de Kirkpatrick. Se Kirkpatrick conseguira ajudar Lewis a aprender grego antigo, com certeza poderia lhe ensinar os rudimentos da matemática. Assim, Lewis voltou para Great Bookham visando completar sua formação. Em 20 de março, ele retornou a Oxford para submeter-se a mais um exame na expectativa de que sua carreira militar pudesse iniciar-se logo em seguida. Recebeu então uma carta do University College informando-o de que ele poderia dar início a seus estudos no dia 26 de abril. A porta de Oxford se abrira. Mas só parcialmente.

Antes que Lewis pudesse completar seus estudos naquela universidade, ele teria de ir para a guerra.

OS VASTOS CAMPOS DA FRANÇA: GUERRA

O IMPERADOR FRANCÊS NAPOLEÃO BONAPARTE (1769-1821) certa vez disse, em tom de brincadeira, que a melhor maneira de se entender uma pessoa é descobrir o que estava acontecendo no mundo quando ela tinha 20 anos de idade. Algumas semanas antes de 29 de novembro de 1918 — o dia em que Lewis completou 20 anos —, a Primeira Guerra Mundial chegava ao fim. Muitos se sentiram culpados por sobreviver enquanto seus camaradas sucumbiram. Os que serviram nas trincheiras da guerra ficaram para sempre marcados pela violência, destruição e pelos horrores que vivenciaram. O 20º aniversário de Lewis foi moldado por sua experiência direta com o conflito armado. Ele chegou às trincheiras perto de Arras, no noroeste da França, no seu 19º aniversário, e no ano seguinte ainda se recuperava dos ferimentos que sofrera.

O curioso caso da guerra insignificante

Se Napoleão estava certo, o mundo de Lewis teria sido irreparável e irreversivelmente moldado pela guerra, pelo trauma e pela perda. Poderíamos então esperar que o ser interior de Lewis fosse profundamente modelado pelo impacto do conflito e por ver a morte passar por ele de raspão. Lewis, no entanto, nos conta outra história. Sua experiência de guerra foi, segundo ele nos informa, "de certo modo insignificante". Pelo que parece, ele viu sua experiência nos internatos ingleses como algo muito mais desagradável do que o

período que passou nas trincheiras da França.[1]

Embora Lewis tivesse servido nos campos de batalha da França em 1917 e 1918, experimentando os horrores da guerra moderna, *Surpreendido pela alegria* faz apenas algumas alusões esparsas a esse fato. Lewis claramente acreditava que as agruras sofridas por ele no Malvern College tinham mais importância do que toda sua experiência de guerra — e, mesmo nessa época, ele parece preferir concentrar sua narrativa nos livros que leu e nas pessoas que conheceu. O indescritível sofrimento e a devastação ao seu redor haviam sido expurgados. Isso, nos diz Lewis, fora mais adequadamente descrito e tratado por outras pessoas. Ele não tinha nada a acrescentar.[2] Sua subsequente produção escrita, volumosa, faz poucas referências à guerra.

Alguns leitores sentirão certa sensação de desequilíbrio e desproporção nesse ponto. Por que Lewis usou três capítulos de *Surpreendido pela alegria* tratando de aflições relativamente menores sofridas no Malvern College e deu tão pouca atenção a fatos absolutamente mais significativos como a violência, o trauma e o horror da Primeira Guerra Mundial? Tal sensação de desequilíbrio é reforçada ainda mais pela leitura da totalidade da obra de Lewis, na qual essa guerra é em grande parte ignorada ou, quando mencionada, é vista como algo que aconteceu com outra pessoa. É como se Lewis estivesse procurando se distanciar ou dissociar das lembranças do conflito. Por quê?

A explicação mais simples é também a mais plausível: Lewis não suportava a rememoração do trauma de suas experiências vividas na guerra, cuja irracionalidade questionava a existência de algum significado no universo em geral e na vida dele em particular. A literatura acerca da Primeira Guerra Mundial e de suas consequências enfatiza o dano físico e psicológico que ela causou nos soldados durante o conflito e depois em sua volta para casa. Muitos estudantes que voltaram para a Universidade de Oxford depois da guerra tiveram grandes dificuldades para adaptar-se à vida normal, sofrendo colapsos nervosos com frequência. Lewis parece ter "dividido" ou "compartimentalizado" sua vida para preservar a sanidade mental. A lembrança potencialmente devastadora de sua experiência traumática foi cuidadosamente controlada para que exercesse o menor impacto possível sobre outras áreas de sua vida. A literatura, sobretudo a poesia, foi a parede de proteção que manteve o mundo exterior caótico e absurdo a uma distância segura e o protegeu da destruição existencial sofrida por outras pessoas.

Podemos verificar esse processo em *Surpreendido pela alegria*, no qual vemos Lewis se afastando da *perspectiva* da guerra. Seus pensamentos sobre a futura possibilidade dos horrores do conflito parecem espelhar suas atitudes posteriores em relação aos fatos do passado.

> Eu ponho a guerra de lado num grau que algumas pessoas julgarão vergonhoso e outras, incrível. Outros chamarão isso de fuga da realidade. Eu sustento que foi antes um acordo com a realidade, a fixação de uma fronteira.[3]

Lewis estava preparado para permitir que seu país tivesse seu corpo, não sua mente. Uma fronteira foi estabelecida e patrulhada em seu mundo mental, a qual certos pensamentos intrometidos e perturbadores não tinham permissão para cruzar. Lewis não iria fugir da realidade. Em vez disso, ele negociou um "tratado" por meio do qual a realidade pudesse ser domada, adaptada e limitada. Haveria um "perímetro" que certos pensamentos não teriam permissão para adentrar.

Esse "acordo com a realidade" desempenharia um papel crítico no desenvolvimento de Lewis, e teremos ocasião de analisá-lo mais a fundo em capítulos subsequentes. No mapa mental que Lewis fez da realidade não era fácil acomodar o trauma da Grande Guerra. Como muitos outros, ele descobriu um jeito conformado de olhar para o mundo que, na época eduardiana, era dado como certo e, depois, fora estilhaçado pela guerra mais brutal que já se conheceu. Os anos de Lewis logo após a guerra foram dominados pela busca de sentido, não apenas em termos de descobrir uma realização e estabilidade pessoal, como também de ver sentido tanto no mundo interior como no exterior de um jeito que satisfizesse sua mente inquieta e investigadora.

Chegada a Oxford: abril de 1917

Para ver sentido na atitude de Lewis em relação à Grande Guerra, precisamos antes explorar como ele entrou no combate. Tendo passado os primeiros poucos meses de 1917 em Great Bookham, tentando (sem grande sucesso, pelo que depois se soube) dominar a matemática, Lewis partiu para o University College em Oxford no dia 29 de abril. Pela primeira vez desde a guerra civil da Inglaterra, quando Carlos I estabelecera seu quartel-general naquela cidade em 1643, Oxford se tornara um campo militar. A área denominada University Parks se transformara num espaço para desfiles e treinamento de novos recrutas.

Muitos professores e funcionários mais jovens haviam partido para a guerra. As poucas aulas que ainda eram ministradas eram assistidas por raros alunos. O periódico *Oxford University Gazette*, que geralmente trazia anúncios de palestras e notícias de nomeações no âmbito da universidade, agora publicava longas listas de vítimas. Essas listas com suas bordas pretas falavam ominosamente da carnificina do conflito.

Praticamente sem alunos em 1917, as faculdades de Oxford tinham de descobrir maneiras de lidar com a drástica queda na receita. O University College, normalmente agitado, tinha apenas um punhado de alunos em suas dependências.[4]

Em 1914, a faculdade anunciava com orgulho 148 alunos de graduação; esse número caiu para sete em 1917. Uma rara fotografia de um grupo de membros da faculdade, tirada no trimestre Trinity (abril-junho) de 1917, mostra apenas dez pessoas. Sob as leis de emergência introduzidas em maio de 1915, o University College dispensou sete dos nove professores. Eles tinham poucos afazeres.

Diante da violenta redução do número de alunos, o University College precisava urgentemente de fundos. Suas fontes internas de renda decresceram de 8.755 libras em 1913 para 925 libras em 1918.[5] Como muitas outras faculdades, o University College passou a ser economicamente dependente do Departamento de Guerra. A instituição alugou salas e dependências para usar como alojamento e hospital militar. Outras faculdades providenciaram acomodações para refugiados europeus, provenientes sobretudo da Bélgica e da Sérvia.



3.1 Os alunos de graduação do University College no trimestre Trinity (abril-junho) de 1917. Lewis aparece em pé do lado direito da última fila. O professor da faculdade, no centro da fotografia, é John Behan, professor de Direito de 1909 a 1918, cujo contrato de emprego foi "mantido durante o período de emergência".

Nesse estágio, grande parte do University College foi cedida para ser usada como hospital militar. Coube a Lewis o alojamento 5 na escadaria XII em Radcliffe Quad. Embora se possa dizer que ele esteve fisicamente presente numa faculdade de Oxford, não é possível afirmar que ele tenha iniciado seus estudos nessa época. Praticamente não havia ninguém para tutorá-lo, e ministravam-se poucas aulas em qualquer parte da universidade. As primeiras impressões que Lewis teve da faculdade foram dominadas pela "enorme solidão" dela.[6] Em certa noite de julho de 1917, ele vagou pela silenciosa escadaria e corredores vazios, admirado com sua "estranha poesia".[7]

O principal objetivo de Lewis ao ocupar seu alojamento no verão de 1917 era entrar na Unidade de Treinamento de Oficiais da Universidade de Oxford.[8] Ele se inscreveu no dia 25 de abril, antes de chegar a Oxford.[9] Sua inscrição foi

aprovada sem dificuldades cinco dias mais tarde. Essa resposta positiva em parte refletia o fato de que Lewis já havia servido na Força Conjunta de Cadetes em Malvern School.[10] O diretor da faculdade recusou-se a lhe atribuir qualquer atividade acadêmica, alegando que seus cursos na Unidade de Treinamento de Oficiais lhe tomariam todo o tempo. Sem se dar por vencido, Lewis fez um acordo particular para estudar álgebra sob a orientação de John Edward Campbell (1862-1924), do Hertford College, que se negou a aceitar qualquer remuneração por seus serviços.[11]

Por que essa súbita preocupação de se tornar versado em matemática, não considerada relevante para o estudo da vida e do pensamento clássico? A resposta está em parte no desejo de Lewis de ser aprovado nos *responsions*, mas sobretudo na percepção essencialmente correta de Albert Lewis de que seu filho teria uma probabilidade muito melhor de sobreviver à guerra tornando-se um oficial da artilharia.[12] Bem melhor ficar bombardeando os alemães muito longe da linha de frente do que se envolver na mortífera guerra de trincheiras que já havia ceifado tantas vidas. Todavia, a artilharia real exigia que seus oficiais soubessem matemática, especialmente trigonometria, conhecimento que Lewis não possuía nesse estágio. Logo ficou claro, para a tristeza de Lewis, que ele nunca dominaria esse campo. Melancólico, ele informou seu pai de que suas "chances de entrar na artilharia" eram poucas, uma vez que só recrutavam oficiais "que podiam mostrar algum conhecimento especial de matemática de forma comprovada".[13]

A breve passagem de Lewis pelo University College provocou nele uma profunda impressão. Ele compartilhou alguns de seus sentimentos e experiências com Arthur Greeves e, num grau bem menor, com o pai e o irmão. Ele escreveu a Greeves sobre o prazer de nadar "sem a maçante convenção dos trajes de banho" e a respeito da maravilhosa atmosfera da biblioteca da Oxford Union Society. "Nunca fui mais feliz na vida."[14] Ao que parece, ele inventou outras experiências para relatar ao pai, sentindo-se particularmente ansioso para esconder seu ateísmo cada vez mais mordaz. Ele escreveu a Albert Lewis sobre a igreja e sobre igrejas, mas de fato não frequentava nenhuma delas.

Ficou claro para Lewis que ele estava sendo treinado para a guerra nas trincheiras. Suas cartas ao pai, perto da fase final na Unidade de Treinamento de Oficiais, tratam dos preparativos para lutar na França, incluindo descrições de modelos de trincheiras completas, com "abrigos, buracos causados por granadas

e — sepulturas".[15] Depois de avaliar o currículo de Lewis, o lugar-tenente G. H. Claypole, auxiliar da Unidade de Treinamento de Oficiais da Universidade de Oxford, deu seu parecer afirmando que Lewis "provavelmente seria um oficial útil, mas não terá sido treinado o suficiente para ser admitido em uma U[nidade] de T[reinamento] de O[ficiais] antes do fim de *junho*. INFANTARIA". O destino de Lewis estava selado. Ele seria enviado para uma unidade de infantaria, quase que certamente para lutar nas trincheiras da França.

O cadete no Keble College

A Primeira Guerra Mundial arruinou vidas e destruiu sonhos, forçando muitos a abandonar suas esperanças para o futuro a fim de servir seu país. Lewis é um exemplo clássico do soldado relutante — um jovem com ambições e ideais literários e acadêmicos que viu sua vida redirecionada e reformulada por forças sobre as quais não tinha nenhum controle, e às quais, em última análise, não podia resistir. O University College teve 770 estudantes servindo na Primeira Guerra Mundial; 175 deles morreram em combate. Até mesmo em sua breve passagem pelo University College em 1917, Lewis teria tido consciência de quantos graduandos daquela faculdade haviam partido para a guerra, para nunca mais voltar. O destino de muitos está encapsulado nos sombrios versos do poema "Os pináculos de Oxford", escrito em 1916 por Winifred Mary Letts (1882-1972):[16]

> *Vi os pináculos de Oxford*
> *Passando por lá ao léu.*
> *Pináculos cinzentos de Oxford*
> *Num cinza-pérola céu.*
> *Meu coração viu lá em Oxford*
> *Quem foi lutar e morreu.*

Lewis caminharia ao lado de outros jovens cheios de ideais e ambições, muitos dos quais viam o serviço militar obrigatório em tempo de guerra como "sua parcela de contribuição" para o país, esperando retomar a vida e recomeçar tudo assim que a guerra terminasse. Temos espaço para observar aqui apenas um desses exemplos: o auxiliar da Unidade de Treinamento de Oficiais da universidade de Oxford, que fatalmente recomendou que Lewis servisse na infantaria.

Gerald Henry Claypole (1894-1961) serviu como tenente na 5ª Unidade

Real de Fuzileiros.[17] Ele se demitiu no dia 8 de fevereiro de 1919 por problemas de saúde. Claypole amava a literatura inglesa, e isso o levou a tornar-se professor sênior de Língua e Literatura Inglesa na King Edward VII School de Shefield em 1941. Ele se aposentou em 1958 e morreu em 1961. Seu obituário na revista da escola comentava sobre sua profunda convicção de "que a literatura devia ser provada e desfrutada, em vez de ser transformada numa disciplina teórica e argumentativa". Esse é precisamente o ponto de vista que o próprio Lewis desenvolveria e defenderia mais tarde.[18] É provável que Claypole tenha lido os textos de Lewis, sobretudo seu prefácio a *O paraíso perdido*. Será que Claypole percebeu que ele havia desempenhado um papel tão significativo nas reviravoltas e guinadas da vida de Lewis? Nunca o saberemos.

O que sabemos é que no dia 7 de maio de 1917 Lewis começou um treinamento visando ser oficial da infantaria no exército britânico. Ele agora tinha um compromisso irreversível com o serviço militar ativo. Por um bem-vindo capricho do destino, isso não significou deixar Oxford e realocar-se num dos muitos campos de treinamento espalhados pela Inglaterra. Lewis foi transferido da Unidade de Treinamento de Oficiais para a Companhia E do Batalhão de Cadetes nº 4, que tinha sua base no Keble College, Oxford.[19]

Criou-se em janeiro de 1915 uma "escola de treinamento" para alunos de Oxford que poderiam vir a ser oficiais. Cerca de três mil cadetes passaram por essa escola.[20] Em fevereiro de 1916, tendo em mente as necessidades da guerra, o exército britânico alterou seus regulamentos sobre aspirantes a oficial. Futuros aspirantes teriam de ser treinados num Batalhão de Cadetes. Somente quem tivesse mais de 18 anos e meio de idade e já estivesse servindo nas tropas ou tivesse passado pela Unidade de Treinamento de Oficiais estava qualificado para se inscrever. Embora Lewis tivesse sido membro dessa Unidade por apenas algumas semanas, foi o suficiente para realizar o treinamento de um futuro oficial num Batalhão de Cadetes.

Duas dessas unidades tinham suas bases em Oxford: o Batalhão de Cadetes nº 4 e o Batalhão de Cadetes nº 6. Cada unidade dessas contava com uma força militar de 750 homens, acantonados em prédios das faculdades sem alunos. O Batalhão de Cadetes nº 4 consistia em cinco companhias de cadetes, de A até E. Lewis foi destinado à Companhia E e acantonado no Keble College. Sentiu-se aliviado por permanecer em Oxford. Ter de morar no Keble College, porém, era outra questão.

Keble era uma das mais recentes fundações colegiadas de Oxford,[21] e tinha uma reputação negativa por seu anglicanismo tradicional e suas condições de vida um tanto espartanas. Ao fundar o Keble College em 1870, seus patrocinadores tinham o objetivo de criar uma instituição onde a educação de Oxford pudesse estar disponível a "homens honrados que desejavam levar uma vida parcimoniosa". Em consequência disso, as condições de vida nessa faculdade eram frugais e austeras na melhor das hipóteses. As privações adicionais causadas pela guerra significavam que a faculdade oferecia a seus infelizes inquilinos apenas o conforto indispensável.

Lewis teve de trocar seu alojamento bastante confortável no University College por "uma pequena cela sem tapetes, com duas camas (sem lençóis e travesseiros) em Keble".[22] Lewis compartilhou esse mísero quarto com Edward Francis Courtenay ("Paddy") Moore, um cadete que tinha praticamente sua própria idade,[23] que também fora destinado à Companhia E do Batalhão de Cadetes nº 4, à qual se juntou no mesmo dia com Lewis: 7 de maio de 1917. A maioria dos cadetes que havia passado por Oxford nessa ocasião não era da Universidade de Oxford. Alguns vinham de Cambridge; outros — como Moore — tinham pouca ou nenhuma formação de nível superior. Embora Moore tivesse vindo de Bristol, ele nascera em Kingstown (hoje Dún Laoghaire), no condado de Dublin. Temos aqui um pequeno exemplo da tendência de Lewis de aproximar-se de pessoas de origem irlandesa — tais como Theobald Butler e Nevill Coghill — durante sua estadia na Inglaterra.

Além de Moore, Lewis travou amizade com outros quatro jovens da Companhia E: Thomas Kerrison Dawey, Denis Howard de Pass, Martin Ashworth Somerville e Alexander Gordon Sutton. Lewis não poderia tê-lo previsto, mas dezoito meses mais tarde ele choraria a morte de seus colegas. "Lembro-me de nós cinco em Keble, e eu sou o único sobrevivente".[24]



3.2 Keble College, em Oxford, fotografado por Henry W. Taunt (1860-1922) em 1907. A característica alvenaria em tijolo, que contrastava drasticamente com as pedras de outras faculdades desse período, é perfeitamente visível.

Analisando a correspondência desse período, temos a impressão de que Lewis sentiu-se inicialmente próximo a Somerville, e não a Moore, seu colega de quarto. Somerville, conta ele a seu pai numa carta escrita alguns dias depois de juntar-se ao batalhão, é seu "principal amigo" que, embora reservado, "lê bastante e é interessante"; Moore, todavia, era "um pouco infantil para uma amizade verdadeira".[25] No entanto, Lewis dispunha agora de pouco tempo para a leitura; dias de escavar trincheiras e marchar puseram um termo àquela atividade. Somente seus fins de semana eram livres. Esses, ele os passava em seu alojamento no University College, pondo em dia a sua correspondência.

Mas à medida que o tempo foi passando Lewis parece ter formado uma amizade cada vez mais íntima com Moore. Lewis e seu pequeno grupo de amigos iam com frequência para a residência da mãe de Paddy, a sra. Jane King Moore. A sra. Moore, que nascera no condado de Louth, na Irlanda, havia se

separado do marido, um engenheiro civil de Dublin, e se mudara temporariamente de Bristol para Oxford com Maureen, sua filha de 12 anos, para ficar perto de Paddy. Naquela época, ela se alojara em Wellington Square, não muito longe do Keble College. Quando Lewis se encontrou com a sra. Moore pela primeira vez, ela tinha 45 anos — praticamente a mesma idade de Flora, mãe de Lewis, quando faleceu em 1908.

Com base na correspondência, pode-se ver que Lewis e a sra. Moore se consideraram mutuamente simpáticos e agradáveis. Lewis mencionou pela primeira vez essa "senhora irlandesa" numa carta a seu pai de 18 de junho.[26] A sra. Moore escreveu a Albert Lewis em outubro daquele ano, observando que o filho dele, que era colega de quarto do filho dela, era "encantador e extremamente agradável, e conquistava elogios preciosos de todas as pessoas que o conheciam".[27]

As Ordens de Batalhão para o Batalhão de Cadetes nº 4 durante a guerra, sob comando do tenente-coronel J. G. Stenning, sobreviveram na forma de um conjunto de folhas duplas de almaço.[28] Esses documentos, que cobrem os anos de 1916 a 1918, estão claramente incompletos e não apresentam um quadro total das identidades ou atividades dessa unidade de treinamento. Nem todos os cadetes são mencionados especificamente pelo nome, e alguns nomes estão lamentavelmente registrados de forma errônea. Por exemplo, Paddy Moore foi inicialmente registrado como "E. M. C. Moore" — erro corrigido uma semana depois como "E. F. C. Moore".[29] Todavia, apesar de sua incompletude de seus erros, esses registros nos apresentam um bom quadro do treinamento que Lewis teria recebido: cursos sobre o uso da "metralhadora Lewis" (como era popularmente conhecida a metralhadora automática Lewis) e sobrevivência a um ataque com gás; desfiles religiosos obrigatórios aos domingos; regras sobre discussão de questões militares com civis; organizações de partidas de críquete entre as várias divisões. Outros registros nos dão ideia do tipo de treinamento que Lewis deve ter recebido no manejo de armas, especialmente fuzis.[30]



3.3 C. S. Lewis (à esquerda) e Paddy Moore (à direita) em Oxford durante o verão de 1917. A identidade do indivíduo no fundo da fotografia é desconhecida.

Os registros também revelam o surpreendente fato de que havia dois C. S. Lewis em treinamento no Keble College no verão de 1917. O C. S. Lewis de nossa narrativa juntou-se à Companhia E no dia 7 de maio de 1917.[31] Em 5 de julho do mesmo ano, outro C. S. Lewis, destinado à infantaria leve de Oxford e Buckinghamshire, juntou-se à Companhia C.[32] Três meses mais tarde, este Lewis "foi dispensado para servir" no 6º regimento de Middlesex.[33]

Está claro a partir da correspondência de julho de 1917 que o próprio Lewis estava ciente de que outro C. S. Lewis também estava em treinamento no Keble College naquela época. Ele enfatizou a importância de incluir "Companhia E" no endereço de qualquer carta dirigida a ele, para evitar que a correspondência que deveria chegar às suas mãos fosse entregue ao outro C. S. Lewis, ligado à Companhia C.[34] Quem era então esse segundo C. S. Lewis? Felizmente, os registros são bons o suficiente para responder a essa pergunta.

Logo após o fim da guerra, uma lista completa de todos os cadetes

treinados na Companhia C do Batalhão de Cadetes nº 4 foi feita pelo comandante da companhia, capitão F. W. Matheson, e cotejada com a lista oficial do exército britânico de dezembro de 1918. Matheson escreveu na época para todos os membros conhecidos da companhia e, quando recebia resposta, publicava seus endereços mais recentes. Esse raro documento, divulgado privadamente pelo Keble College em 1920, inclui a seguinte informação:[35]

> Lewis, C. S. segundo-tenente, 6º regimento de Middlesex.
> Brynawel, Pentala, Aberavon.

A anotação indica com clareza que Matheson conseguiu estabelecer um contato com esse Lewis da Companhia C depois da guerra e confirma seu endereço, no sul de Gales. É possível que a confusão causada por esses dois C. S. Lewis explique a omissão de pagamento de parte do soldo que era devido ao nosso Lewis pelo Departamento de Guerra por volta dessa época.[36]

Experiências de Lewis em Oxford durante a guerra

No dia 24 de outubro de 1922, Lewis voltou ao University College para uma reunião dos Martlets, uma sociedade literária da faculdade, em cuja reorganização após a Grande Guerra Lewis desempenhou papel fundamental. O grupo, descobriu Lewis, se reuniu nessa ocasião no conjunto de alojamentos que ele mesmo havia ocupado em 1917. O registro que fez em seu diário nessa data é interessante, uma vez que relata três lembranças significativas de cinco anos antes:

> Aqui, pela primeira vez, fui levado bêbado para casa. Aqui escrevi alguns dos poemas de *Spirits in Bondage* [Espíritos cativos]. D estivera neste quarto.[37]

Cada uma dessas memórias nos alerta sobre aspectos-chave no desenvolvimento de Lewis durante seu tempo em Oxford no verão de 1917. Apenas uma delas era literária por sua natureza.

A primeira diz respeito a um jantar em junho de 1917, quando Lewis ficou "bêbado como um gambá". Lewis evoca a lembrança desse jantar como tendo acontecido no Exeter College. As evidências sugerem que ele pode, na verdade, ter acontecido perto do Brasenose College, o que por si só aponta para o estado de embriaguez de Lewis na noite em questão. Desinibido sob a influência de

altas doses de bebida alcoólica, Lewis insensatamente deixou escapar seu crescente interesse pelo sadomasoquismo, que ele já havia confidenciado com certo pudor a Arthur Greeves.[38] Lewis relembra que ele percorreu o local suplicando que "o deixassem açoitá-los pela quantia de um xelim por chibatada".[39] Lewis não guardava nenhuma outra lembrança daquela noite devassa, exceto a de acordar no andar de seu alojamento no University College na manhã seguinte.

Esse intrigante traço no caráter do jovem Lewis parece ter emergido no início daquele ano, levando-o a investigar os escritos eróticos do Marquês de Sade (1740-1814). Leu com prazer passagens das *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau (1770) sobre os prazeres do espancamento e comparou-se a William Morris (1834-1896) como "um devoto especial do açoite". Ele pediu desculpas a Greeves a certa altura por lhe escrever uma carta "apoiada em seu joelho", e logo percebeu que essa frase despertava em sua mente associações eróticas desorientadoras.

> "Apoiada em meu joelho" leva, com certeza, alguém a pensar em posições para usar o chicote; ou melhor, não para chicotear (a gente não teria nenhuma amplitude de movimento), mas para uma tortura com escovas. Essa posição, associada a crianças e babás, apresentaria algo maravilhosamente íntimo e também muito humilhante para a vítima.[40]

Embora as fantasias de flagelação de Lewis geralmente se referissem a lindas mulheres (inclusive talvez à Lily, irmã de Greeves),[41] suas cartas de Oxford sugerem que ele também estava disposto a estendê-las a rapazes.

Três de suas cartas para Arthur Greeves do início de 1917 trazem a assinatura de "Philomastix" (termo grego que significa "amante do açoite").[42] Nessas cartas, Lewis tenta explicar algo de sua crescente fascinação pela "sensualidade da crueldade", sabendo que Greeves não concordava com isso e se sentiria ofendido. "Poucos, pouquíssimos", admitia Lewis, tinham "essa estranha inclinação",[43] e Greeves com certeza não era um deles. De fato, Lewis usou um apelido para Greeves mais ou menos desde a primavera de 1915 até o verão de 1918 — "Galahad", uma referência à pureza e capacidade que seu confidente tinha de resistir a tentações para as quais Lewis claramente se sentia atraído.

A provocação de Lewis a Greeves sobre esse ponto se baseia nitidamente em fatos. O diário pessoal de Greeves por volta dessa época mostra realmente

uma preocupação acentuada com sua pureza pessoal, especialmente depois de sua pública profissão de fé na Igreja da Irlanda em 10 de junho de 1917. Esse ofício religioso marcou o "início da maturidade religiosa" para Greeves, que o considerou como um marco espiritual. Talvez Lewis não soubesse, mas seu amigo aparentemente passou por uma espécie de crise por volta dessa época. Seu diário mistura orações pedindo que ele possa "manter uma mente pura"[44] com preocupações mais sombrias sobre o absurdo que é a vida. "Que vida terrível! Para que tudo isto? Confie nele."[45] Os diários revelam um jovem solitário, que via sua amizade com Lewis e sua fé em Deus como estrelas fixas num firmamento escuro e instável.

A segunda lembrança diz respeito à crescente aspiração de Lewis de ser lembrado como poeta. Nesse estágio histórico, havia um reconhecimento cada vez maior da categoria de "poeta da guerra", que incluía autores como Siegfried Sassoon (1886-1967), Robert Graves (1895-1985) e Rupert Brooke (1887-1915), dentre os quais este ficou particularmente famoso por três versos do poema "O soldado":

> *Se eu acaso morrer, só isto pensem de mim:*
> *Que existe um canto num campo estrangeiro*
> *Que é para sempre Inglaterra.*

Brooke morreu de septicemia causada pela picada de um mosquito, no dia 23 de abril de 1915, enquanto marchava para lutar na Batalha de Gallipoli. Ele foi sepultado em "um canto num campo estrangeiro", em meio a um bosque de oliveiras da ilha grega de Skyros.

Inspirado por esses exemplos, Lewis começou a escrever sua própria poesia de guerra durante o período passado em Oxford, enquanto se preparava para o conflito. Esses poemas, publicados em março de 1919 sob o pseudônimo de Clive Hamilton (Hamilton era o nome de solteira de sua mãe), nunca foram bem-vistos, e raramente são reimpressos. Lewis inicialmente deu a seus o poemas o título de *Spirits in Prison: A Cycle of Lyrical Poems* [Espíritos encarcerados: ciclo de poemas líricos]. Albert Lewis, que tinha mais leitura do que muitos imaginaram, ressaltou que um romance com aquele mesmo título fora publicado por Robert Hitchens em 1908. Lewis entendeu e mudou o título para *Spirits in Bondage*.[46]

No entanto, pode-se questionar se a obra *Spirits in Bondage* pode ser

adequadamente classificada como poesia de guerra. A meu ver, mais da metade dos poemas nessa coleção foram escritos antes que Lewis de fato partisse para a França e enfrentasse o serviço militar em ação. Os poemas anteriores são de certa forma reflexões intelectualizadas sobre a guerra a uma distância segura, sem as marcas da paixão, do desespero e da brutalidade dos campos de guerra franceses. Os poemas são intelectualmente interessantes, mas não conseguem manter a visão poética de um Sassoon ou um Broke.

Que nos dizem então esses poemas acerca de Lewis? Eles são, no fim das contas, as primeiras obras significativas de sua lavra que foram publicadas.[47] Do ponto de vista de estilo, talvez demostrem que a voz de Lewis teve de evoluir bastante antes de alcançar sua autoridade madura. Nesse estágio de sua carreira, porém, os poemas têm um interesse particular por causa de seu testemunho do agudo ateísmo de seu autor. As partes mais interessantes do ciclo são seus protestos contra um céu calado, indiferente. A "Ode para o dia de Ano Novo", escrita sob ataque perto da cidade francesa de Arras, em janeiro de 1918, declara a morte final de um Deus que, de qualquer forma, era uma criação humana. Qualquer ideia de que o "Deus vermelho" pudesse "dar ouvidos" aos clamores humanos de miséria jazia desacreditada e abandonada na lama; um desacreditado "poder que mata e abandona a beleza que existiu".[48]

Esses versos são importantes, uma vez que expressam dois temas que estavam clara e profundamente gravados na mente de Lewis nessa época: seu desprezo por um Deus em cuja existência ele não acreditava, mas que desejava culpar pela carnificina e destruição que o cercavam; e sua profunda saudade da proteção e segurança do passado — um passado que ele claramente acreditava estar destruído para sempre. Essa nota de anseio em relação à natureza irrecuperável de um passado amado é um tema recorrente nos escritos posteriores de Lewis.

Talvez a coisa mais importante que *Spirits of Bondage* nos apresenta acerca de Lewis seja a sua aspiração, especificamente o fato de que ele queria ser lembrado como poeta, e acreditava ter talento para essa vocação. Embora ele seja hoje lembrado como crítico literário, apologista e romancista, nada disso corresponde a seus sonhos e esperanças juvenis para o futuro. Lewis é um poeta fracassado que encontrou grandeza em outras esferas da escrita. No entanto, alguns diriam que, tendo fracassado como autor de poemas, Lewis obteve êxito como autor de textos em prosa, uma prosa saturada de ritmos poderosos e que

tem o fraseado melodioso da poesia espontânea.

Mas que dizer da terceira lembrança? Quem é "D"?[49] E por que Lewis atribuiu tanta importância à visita que D lhe fez em seu alojamento em 1917? Como o diário subsequente deixa claro, a menção se refere à sra. Moore, com quem Lewis morava na época. Esse relacionamento complexo, sobre o qual teremos mais a dizer no momento adequado, começou quando Lewis era cadete no Keble College. É provável que Paddy Moore tenha sido o motivo original para a intimidade entre Lewis e a mãe do amigo, mas o relacionamento logo se desenvolveu independentemente dele.

Não resta dúvida de que Lewis foi íntimo de Paddy Moore. De fato, o relacionamento pode ter sido mais íntimo do que a maioria dos biógrafos percebe. Parece que um vínculo pessoal se desenvolveu entre Lewis e Moore durante o período em que compartilharam um alojamento no Keble College. Para explorar esse ponto, vamos refletir sobre a questão do regimento do exército britânico no qual Lewis servia. No dia 26 de setembro de 1917, Lewis recebeu uma missão temporária como segundo-tenente do 3º Batalhão de infantaria leve de Somerset e obteve um mês de licença antes de ser enviado para South Devon onde receberia mais treinamento.[50] Paddy Moore recebeu uma missão na Brigada de Fuzileiros e foi enviado para Somme. [51]

Mas por que Lewis juntou-se à infantaria leve de Somerset, considerando-se que ele não tinha nenhuma ligação com este condado? A maioria dos biógrafos não avalia a importância dessa pergunta. Certamente Lewis tinha outras possibilidades. Uma das mais óbvias era a infantaria leve de Oxford e Buckinghamshire acantonada em Oxford, para a qual foram destinados muitos dos integrantes do Batalhão de Cadetes nº 4. Sua origem belfastiana significava que ele também poderia optar por ser alocado num regimento irlandês. Nesse caso, por que ele acabou com uma missão na Infantaria Ligeira de Somerset?

Talvez as Ordens do Batalhão para o Batalhão de Cadetes nº 4 contenham um indício vital que nos permite responder a essa questão. Quando um cadete é mencionado nesses documentos, ele é identificado pelo regimento ao qual foi provisoriamente designado na época de seu recrutamento, no qual ele serviria se não fosse postado noutra corporação — em consequência, por exemplo, de habilidades técnicas que ele viesse a demonstrar durante o treinamento. As Ordens do Batalhão indicam que o "outro" C. S. Lewis, por exemplo, foi inicialmente designado para a infantaria leve de Oxford e Buckinghamshire, mas

acabou recebendo uma missão no 6º regimento de Middlesex. Essas mesmas Ordens registram a data de chegada de Paddy Moore ao campo de treinamento em 7 de maio de 1917 da seguinte maneira:[52]

37072 Moore, E. M. C. Som I. L. 7.5.17

Talvez o indício vital da escolha de regimento de Lewis esteja aqui: o regimento designado para Moore foi a infantaria leve de Somerset. Isso é perfeitamente compreensível, pois a residência de Moore ficava em Redland, um subúrbio da cidade de Bristol, que era considerada parte do condado de Somerset para efeito de recrutamento militar. O registro correspondente para Lewis nas Ordens de Batalhão deixa claro que ele foi inicialmente enviado para os King's Own Scottish Borderers, um regimento que atuava na Escócia.

Devemos, portanto, levar muito a sério a possibilidade de que Lewis *solicitou* uma missão na infantaria leve de Somerset acreditando que isso lhe permitiria servir ao lado de seu amigo íntimo Paddy Moore. Havia algum tipo de pacto entre esses dois homens, pelo qual cada um cuidaria do outro durante a guerra? Essa possibilidade é fortemente sustentada por uma carta de Jane Moore para Albert Lewis, datada de 17 de outubro de 1917, na qual ela expressa a profunda tristeza de Paddy pelo fato de que ele e Lewis não serviriam lado a lado em Somerset.[53] O tom da carta é perfeitamente lógico, havendo a expectativa de os dois serem alocados na infantaria leve de Somerset, o que lhes permitiria enfrentar juntos os desafios do conflito.

No fim das contas aconteceu que Moore foi informado de que recebera uma missão provisória na brigada de fuzileiros alguns dias após Lewis ter recebido sua missão na infantaria leve de Somerset. Se nossa linha especulativa estiver correta, Lewis deve ter ficado arrasado quando soube que não iria servir ao lado de seu novo amigo. Ele teria de partir para a guerra sozinho, sem o apoio de nenhum amigo íntimo.

Foi durante uma visita a Bristol que Maureen Moore escutou Lewis e seu irmão estabelecendo um pacto. Se um deles viesse a morrer na guerra, o outro cuidaria do pai ou da mãe do falecido. Não está claro se esse pacto foi feito antes ou depois de Moore saber que ele havia sido alocado na brigada de fuzileiros. No entanto, essa evolução dos fatos pode facilmente ser vista como a expressão de um vínculo desenvolvido em Oxford entre os dois homens.

O relacionamento de Lewis com sua própria família começou a sair dos trilhos por volta dessa época. Albert Lewis esperava que o filho passasse seu período de licença com ele em Little Lea, em Belfast. Na verdade, Lewis foi passar três semanas com os Moore em Bristol, fazendo apenas uma visita relutante e formal a seu pai (de 12 a 18 de outubro) antes de juntar-se ao regimento em Crownhill, uma "aldeia de casebres de madeira" perto de Plymouth.[54] Uma carta ligeiramente dissimulada a seu pai, escrita em Bristol, contou a Albert Lewis apenas uma parte da história.[55] Lewis havia contraído "uma gripe" e a sra. Moore o mandou ficar de cama.

As coisas haviam evoluído claramente. Em seu retorno a Crownhill, Lewis escreveu uma carta apressada a Arthur Greeves, pedindo-lhe que desconsiderasse certas coisas que ele havia insensatamente dito sobre "certa pessoa".[56] Embora sejam convincentes os indícios de que temos aqui uma referência à crescente intimidade entre Lewis e a sra. Moore, essa não é uma conclusão absolutamente certa. Mesmo assim, essa hipótese se encaixa num quadro de crescente decepção e intriga, com o qual Lewis procurou esconder do pai seu problemático, mas especial, relacionamento. Lewis tinha perfeita consciência de que se Albert Lewis viesse um dia a saber da verdade, o relacionamento deles, já tenso, poderia ser totalmente rompido. O que aconteceria se seu pai visse a carta de Lewis para Greeves escrita em 14 de dezembro de 1917, na qual ele se refere explicitamente a Greeves e à sra. Moore como "as duas pessoas mais importantes [...] do mundo"?[57]

Deslocamento para a França: novembro de 1917

Paddy Moore foi enviado para a França com a brigada de fuzileiros em outubro. Lewis e seu pai temiam que Moore também fosse designado para combater na França. Mas, de repente, tudo mudou. Lewis escreveu a seu pai, "todo animado", no dia 5 de novembro: ele acabara de ouvir que seu batalhão seria deslocado para a Irlanda![58] Na Irlanda as tensões políticas eram grandes, ainda fervilhando depois do Levante da Páscoa. Embora esse deslocamento não fosse isento de perigos, o risco seria muito menor do que no *front* francês. No fim, o 3º batalhão de Somerset deslocou-se para a cidade de Londonderry em novembro de 1917, e depois para Belfast em abril de 1918.

Mas Lewis, no fim das contas, não estava nesse destacamento. Ele havia

sido transferido para o 1º batalhão de Somerset,[59] um regimento de combate que estava acantonado na França desde agosto de 1914.[60] A expectativa era de que os novos recrutas fossem submetidos a um treinamento mais prolongado antes de entrar em ação. Entretanto, as coisas começaram a precipitar-se de novo. No início da noite da quinta-feira de 15 de novembro, Lewis enviou um telegrama urgente a seu pai. Ele recebera uma licença de 48 horas antes de ter de se apresentar em Southampton a fim de embarcar para a França. Ele estava no momento em Bristol, visitando a sra. Moore. Será que seu pai poderia vir visitá-lo?[61] Albert Lewis respondeu-lhe com outro telegrama: ele não entendera o que Lewis queria dizer. Será que ele poderia lhe explicar por carta?

Lewis reagiu freneticamente enviando outro telegrama na manhã do dia 16 de novembro. Ele recebera ordens de partir para a França e devia zarpar na tarde do dia seguinte. Precisava saber se seu pai podia visitá-lo antes de ele partir. No entanto, como o silencioso céu contra o qual Lewis protestava em seus poemas, Albert Lewis não respondeu. No fim, Lewis zarpou para a França sem conseguir despedir-se do pai. O número de vítimas fatais entre os oficiais novatos era assustadoramente alto. Lewis talvez nunca voltasse. A incapacidade de Albert Lewis de avaliar a importância desse momento crítico não contribuiu em nada para melhorar seu problemático relacionamento com o filho. Alguns diriam que ele o rompeu completamente.

No dia 17 de novembro, Lewis zarpou de Southampton para Le Havre na Normandia para juntar-se ao seu regimento. Em seu 19º aniversário, Lewis foi transferido, sem amigos, para as trincheiras perto de Monchy-le-Preux, a leste da cidade francesa de Arras, próximo da fronteira com a Bélgica. Albert Lewis, nesse meio tempo, ainda tentou transferir Lewis para um regimento de artilharia. Contudo, ele foi informado de que só o próprio filho poderia solicitar essa transferência, e isso exigiria a permissão por escrito de seu oficial comandante.[62] Numa carta escrita num local que Lewis descreve como "certa cidade bastante destruída, atrás da linha de fogo", ele rejeitou essa possibilidade.[63] Preferia ficar com o seu regimento de infantaria.

Embora a carta de Lewis de 13 de dezembro sugira que ele estava seguro atrás do *front*, isso não era verdade. De fato, Lewis já estava na linha de frente, apesar de ele não passar essa informação ao pai, em sua correspondência, antes de 4 de janeiro de 1918, supostamente para protegê-lo da ansiedade. Mesmo então, Lewis tentou diminuir a gravidade de sua situação de risco. Relatou que

enfrentara um único momento de perigo — uma granada havia caído perto dele, e isso aconteceu quando ele estava usando uma latrina.[64]

As escassas referências de Lewis aos horrores da guerra de trincheira confirmam tanto sua realidade objetiva ("os homens horrivelmente estraçalhados, ainda se movendo feito besouros meio-esmagados; cadáveres sentados ou de pé, a paisagem de terra desolada sem uma folha de relva"), quanto seu distanciamento subjetivo dessa experiência (ela "surge esparsa e esmaecidamente na memória" e está "excluída do resto de minha experiência").[65] Talvez este seja o aspecto mais característico do "acordo com a realidade" que Lewis fez: a construção de uma fronteira, uma barreira, que o protegeu de imagens chocantes como as de "homens horrivelmente estraçalhados", e que lhe permitiu seguir a vida como se esses horrores tivessem sido vividos por outra pessoa. Lewis teceu um casulo ao redor de si mesmo, isolando seus pensamentos de cadáveres em decomposição e da tecnologia da destruição. O mundo podia ser mantido sob controle, e a melhor maneira de fazer isso era pela leitura, permitindo que palavras e pensamentos de outros o protegessem do que estava acontecendo ao seu redor.

A experiência de Lewis dessa que foi a mais tecnológica e impessoal das guerras foi filtrada e temperada através do prisma da literatura. Para ele, os livros eram uma ligação com a lembrança, às vezes exagerada, da felicidade de um passado perdido, bem como um bálsamo para o trauma e desespero do presente. Como escreveu a Arthur Lewis alguns meses mais tarde, ele tinha saudades dos dias felizes, quando ficava sentado tendo ao seu redor sua "pequena biblioteca e ia folheando livros".[66] Aqueles dias, refletiu ele com óbvia tristeza, não voltariam mais.

Clement Attlee, um graduando do University College que mais tarde se tornou primeiro ministro britânico, acalmava seus nervos sob o fogo das granadas da Primeira Guerra Mundial imaginando-se numa caminhada em Oxford.[67] Lewis preferia a leitura de livros para obter o mesmo resultado. Mas Lewis fazia mais que ler — embora lesse vorazmente — enquanto servia na França. Seu ciclo *Spirits in Bondage* inclui um grupo de poemas que são claramente uma resposta à realidade da guerra vivenciada diretamente, como, por exemplo, o poema "Noturno Francês (Monchy-Le-Preux)". Lewis havia descoberto o impacto calmante e apaziguador não apenas da leitura da literatura, mas também da expressão de seus sentimentos em suas próprias

palavras. Era como se o processo mental de forjar frases temperasse e domesticasse as emoções que originalmente as haviam inspirado. Como ele certa vez aconselhou seu confidente Arthur Greeves: "Sempre que você estiver cansado da vida, comece a escrever: a tinta é a grande cura para todos os males humanos, conforme descobri muito tempo atrás".[68]

Durante a maior parte de fevereiro de 1918, Lewis ficou hospitalizado no hospital inglês da Cruz Vermelha nº 10 em Le Tréport, na costa francesa, não muito distante de Dieppe. Como tantos outros soldados, ele sofria da "febre das trincheiras", muitas vezes descrita como "estado febril de origem desconhecida", um mal que geralmente se acredita ser propagado por piolhos. Lewis escreveu a seu pai, evocando o tempo feliz passado com sua mãe e seu irmão em Berneval-le-Grand perto de Dieppe, em 1907, a apenas 29 quilômetros de onde ele estava agora.[69] As cartas endereçadas a Greeves por volta dessa época estão repletas de novidades sobre livros que ele havia lido ou pretendia ler, tais como a autobiografia de Benvenuto Cellini. Se os deuses lhe fossem propícios, observou, talvez ele tivesse uma recaída, tendo de prolongar sua internação no hospital. Mas, como observou com ironia, os deuses o odiavam. E quem poderia censurá-los, levando-se em conta como ele se sentia em relação a eles?[70] Uma semana depois, Lewis teve alta hospitalar. Sua companhia foi deslocada para fora da zona de combate, a fim de receber mais treinamento em Wanquetin. Praticaram a técnica de "incursões por setor" em preparação a um importante ataque em planejamento, antes de voltar para o *front* em Fampoux, perto de Arras, no dia 19 de março.

Ferido em combate: o ataque de Riez du Vinage, abril de 1918

O diário de Arthur Greeves para os meses de março e abril refere-se com frequência à sua solidão e ansiedade em relação a Lewis. "Peço a Deus para proteger meu menino. Não sei o que eu faria sem ele."[71] No dia 11 de abril de 1918, Greeves registrou o conteúdo de uma carta que ele acabara de receber da sra. Moore: seu "querido filho" fora "morto".[72] Greeves estava com o espírito perturbado por causa de Paddy Moore e de seus crescentes temores pela segurança de seu amigo mais íntimo. Dois dias mais tarde, ele confidenciou sua esperança em relação a Lewis: "Se pelo menos Jack fosse ferido. Ele está nas

mãos de Deus e confio que Deus o guarde em segurança".[73] A profunda esperança de Greeves era de que Lewis se ferisse com gravidade suficiente para ser removido do *front* ou talvez até trazido de volta para a Inglaterra. No fim, foi precisamente isso que aconteceu.

A infantaria leve de Somerset começou seu ataque contra a pequena cidade de Riez du Vinage, que estava sob o domínio dos alemães, às 18h30 de 14 de abril. A artilharia pesada inglesa montou uma barreira móvel, atrás da qual avançava a infantaria.[74] A barreira não era forte o suficiente para anular a resistência alemã, e a infantaria que avançava sofreu uma pesada rajada de metralhadoras. Um dos feridos foi o segundo-tenente Laurence Johnson, que morreu na manhã seguinte. Johnson, um estudante do Queen's College de Oxford, havia entrado para o exército em 17 de abril de 1917 e se tornara um dos poucos amigos de Lewis na corporação.[75]

Lewis, porém, chegou a Riez du Vinage são e salvo com sua companhia. "Eu 'fiz' cerca de sessenta prisioneiros — isto é, descobri, para meu grande alívio, que a multidão de figuras cinzentas como o campo, que de repente surgiu do nada, estava toda de mãos erguidas."[76] Às 19h15, a ação estava concluída. Riez du Vinage estava sob o controle da infantaria leve de Somerset.

Os alemães imediatamente montaram um contra-ataque, de início lançando granadas contra a aldeia e depois com um ataque de infantaria, que foi rechaçado. Uma granada alemã explodiu perto de Lewis, ferindo este e matando o sargento Harry Ayres, que naquele momento estava de pé ao lado dele.[77] Lewis foi levado para o hospital britânico nº 6 da Cruz Vermelha, perto de Etaples. Uma carta, presumivelmente escrita por uma enfermeira, foi de imediato enviada a Albert Lewis, informando-o de que seu filho havia sido "levemente ferido". À carta seguiu-se um telegrama do Departamento de Guerra: "2º tenente C. S. Lewis infantaria leve de Somerset ferido 15 de abril".[78]

Albert Lewis, porém, parece ter-se persuadido de que seu filho estava *gravemente* ferido, e escreveu a Warnie, a essa altura já promovido para o posto de capitão,[79] expressando sua angústia. Warnie, alarmado com o fato de que seu irmão gravemente ferido poderia não sobreviver por muito tempo, partiu imediatamente para visitá-lo. Mas como ele chegaria até lá? Seu irmão estava a oitenta quilômetros de distância.

O registro militar de Warnie nos ajuda a entender o que aconteceu em seguida. Um oficial examinador, responsável por avaliar as perspectivas de

promoção de Warnie por volta dessa época, declarou que ele "NÃO era um bom cavaleiro", mas, apesar disso, era "ótimo motociclista". Numa iniciativa ao mesmo tempo previsível e imaginativa, Warnie tomou emprestada uma motocicleta e percorreu sem parar o terreno acidentado a sua frente para ver o irmão no hospital de campanha. Tranquilizou-se ao constatar que ele não corria riscos.[80]

De fato, Lewis havia sofrido um ferimento causado por um estilhaço, suficientemente grave para merecer que ele fosse enviado de volta para a Inglaterra, mas sem pôr sua vida em risco. Era o que muitos militares do exército da época chamavam de "ferimento incapacitante". Lewis pouco sofreu em comparação com outros feridos. Pouco tempo depois, ele finalmente soube que seu amigo Paddy Moore estava desaparecido, supostamente morto.

Foi nessa época que Greeves escreveu a Lewis, confidenciando que provavelmente era homossexual, algo que Lewis com muitíssima probabilidade já havia percebido.[81] A reação de Lewis à confissão de Greeves mostra uma surpreendente tolerância quanto a essa constatação, associada a uma suspeita em relação aos valores morais tradicionais: "Parabéns, meu velho. Alegra-me saber que você teve a coragem moral de afirmar suas opiniões pessoais de modo independente, desafiando os velhos tabus".[82] Embora ele talvez tenha se sentido aliviado pelo fato de a amizade com Lewis ter sobrevivido à essa revelação, Greeves confidenciou a seu diário que, apesar de tudo, se sentiu "meio triste" quando recebeu a carta de Lewis.[83] É possível que uma leitura atenta dessa carta tenha levado Greeves a perceber que Lewis havia deixado sutilmente subentendido que ele não compartilhava dessa opção sexual.

Será então que Greeves alimentava esperanças de que Lewis poderia compartilhar de sua orientação sexual? É importante perceber que o diário de Greeves por volta dessa época indica um profundo apego emocional em relação a Lewis, sem par em outras passagens de sua vida. A julgar pelas anotações em seu diário, nenhuma outra figura, masculina ou feminina, desempenha um papel tão significativo em sua vida, embora Lewis estivesse fisicamente ausente a maior parte do tempo. Quando Lewis não lhe escreve, Greeves mergulha em desespero. "Sinto-me tão infeliz em relação a Jack, será que ele está cansado de mim? Nenhuma palavra dele."[84] Sua última anotação para 1918 é particularmente reveladora: "Que faria eu sem J[ack]?"[85] Os indícios claramente sugerem — mas não provam — que o principal objeto da afeição de Greeves era

o próprio Lewis.

Isso poderia facilmente tornar-se um problema sério para os dois jovens. No fim, Greeves parece ter aceitado a realidade da situação. Qualquer embaraço entre os dois nesse ponto, ao que parece, evaporou-se com relativa facilidade, e não se tornou um motivo de discórdia entre eles.[86] Lewis continuou vendo Greeves como seu confidente e amigo mais íntimo nessa época, e permaneceu em contato com ele até poucas semanas antes de sua morte em 1963. No entanto, esse complexo relacionamento com Greeves claramente teve um impacto nas reflexões de Lewis sobre o foco e os limites da amizade. É importante para quem lê *Os quatro amores* (1960) avaliar que Lewis neste ponto está explorando, entre outras questões, os limites da intimidade, do afeto e do respeito no âmbito de relacionamentos *masculinos*.

Nesse meio tempo, Lewis voltou para a Inglaterra e tornou-se um paciente no Hospital para Oficiais de Endsleigh Palace no dia 25 de maio de 1918. O prédio desse hospital era originalmente um hotel londrino, e havia sido requisitado pelo Departamento de Guerra para abrigar os inúmeros feridos que voltavam da França para casa. Lewis estava suficientemente bem para poder frequentar a ópera (ele revela a Greeves seu prazer ao assistir *As Valquírias* de Wagner) e viajar para Great Bookhem a fim de visitar "o Marreta". Lewis escreveu uma longa e afetuosa carta a seu pai, descrevendo essa "peregrinação" e convidando-o a vir visitá-lo em Londres.[87] Albert Lewis, porém, nunca visitou seu filho convalescente.[88] Mas a sra. Moore o fez. De fato, ela se mudou de Bristol para estar com ele.

Lewis e a sra. Moore: o início de um relacionamento

O que estava acontecendo entre Lewis e a sra. Moore? Vários fatores devem ser levados em conta na tentativa de chegar a algum tipo de entendimento sobre a situação. Primeiro, não temos nenhum documento, nem mesmos de registros de testemunhos pessoais, que nos permitam tirar conclusões confiáveis. No fim da vida, a sra. Moore destruiu as cartas recebidas de Lewis. A única pessoa em quem Lewis teria confiado para falar desse relacionamento teria sido Arthur Greeves. Nesse caso também não dispomos de nenhuma prova que esclareça a questão.

Entendemos, porém, algo sobre o contexto envolvendo esse relacionamento. Sabemos que Lewis havia perdido a mãe, e assim precisava de

afeto e compreensão maternais num período difícil de sua vida, quando estava distante de casa e de seus amigos. Além disso, ele estava se preparando para partir para a guerra, enfrentando a possibilidade da morte. Pesquisas sobre a Grande Guerra enfatizam seu impacto subversivo nas convenções morais e sociais britânicas por volta dessa época. Jovens prestes a partir para o *front* eram o alvo de compaixão de mulheres jovens ou maduras, o que muitas vezes levava a relacionamentos apaixonados — mas geralmente efêmeros. Lewis, como atestam suas cartas a Arthur Greeves, era um jovem curioso do ponto de vista sexual. Temos perfeitamente o direito de perguntar o que a sra. Moore estava fazendo no alojamento de Lewis no University College em 1917 — uma lembrança que Lewis obviamente guardava com carinho, a julgar pelo registro em seu diário de 1922.

É possível que a sra. Moore reunia em si as ideias de Lewis sobre a mulher, como a mãe que dá carinho, apoio e compreensão de um lado e, do outro, como a amante que emociona. Sempre me impressionou o que muitos consideram o mais assombroso dos poemas de C. S. Lewis, o soneto intitulado "Reason" [Razão], provavelmente do início da década de 1920. Lewis aqui contrasta a clareza e a força da razão (simbolizada por Athene, a "donzela" do poema) com o calor e a criatividade da imaginação (Deméter, a terra-mãe). Para Lewis a grande pergunta é esta: Existe alguém que possa ser "tanto serva como mãe" para ele?[89]

Quem de fato poderia conseguir essa fusão, reconciliando o que muitos veriam como opostos extremos? No nível intelectual, Lewis estava procurando um verdadeiro casamento da razão com a imaginação, algo que ele não conseguiu na juventude. Então lhe pareceu que sua vida mental foi partida em dois hemisférios separados. "De um lado, um mar semeado de ilhas de poesia e mito; do outro, o suave e raso 'racionalismo'."[90] A subsequente descoberta que Lewis fez da fé cristã lhe ofereceu uma síntese da razão e da imaginação que ele considerou persuasiva e autêntica até o fim da vida.

Será que poderia haver um significado mais profundo nas imagens e palavras de Lewis neste caso, intencional ou não? Haveria um vestígio do desejo de Lewis em relação a uma mulher que nutrisse sua mente e seu corpo? Seria a sra. Moore simultaneamente a "mãe" que Lewis havia perdido e a "donzela" que ele tanto queria ter?

O que se pode afirmar com certa confiança é que os indícios sugerem que

Lewis desenvolveu um relacionamento complexo com a sra. Moore no verão de 1917. George Sayer (1914-2005), um amigo íntimo de Lewis e amplamente considerado seu biógrafo mais perspicaz, de início viu o relacionamento deles como ambivalente, mas acabou considerando-o platônico. Outras pesquisas mais antigas simpáticas a Lewis, inclusive o importante e relativamente recente estudo de Sayer intitulado *Jack* (1988), analisaram e rejeitaram a possibilidade de que Lewis e a sra. Moore fossem amantes. No entanto a maré das opiniões virou. O próprio Sayer ilustra esse novo consenso. Numa introdução revisada a edições mais recentes de *Jack*, escrita em 1996, ele afirmou que tinha agora "muita certeza" de que Lewis e a sra. Moore haviam sido amantes, e, além disso, argumentou que esse fato "não surpreendia", considerando-se as profundas e mal resolvidas carências e os conflitos de Lewis nessa época.[91] Mas o relacionamento deles não pode ser visto como meramente "sexual", se isso for entendido como o elemento definidor de seu foco e limites. Pelo contrário, ele parece ter sido moldado por fortes fatores maternais e românticos.

O que é difícil entender talvez não seja saber por que esse relacionamento se desenvolveu imediatamente antes de Lewis partir para o *front*, talvez para nunca mais retornar, e sim por que ele continuou por tanto tempo depois. A maioria dos casos dessa natureza tinha vida curta (muitas vezes por causa da morte do soldado que partia para a guerra), e geralmente se baseava na compaixão e conveniência, sem estar mais profundamente enraizada no afeto e na confiança. Parece provável que o "pacto" entre Lewis e Paddy Moore é importante para entendermos a natureza desse caso. O pacto estabeleceu um contexto no qual esse relacionamento podia ser racionalizado para observadores externos, provavelmente conferindo certa justificação moral para o próprio Lewis. Ele não alimentava convicções cristãs nessa época e claramente se considerava livre para estabelecer valores e práticas que julgasse adequados. Voltaremos a essa questão nos capítulo seguinte.

No dia 25 de junho de 1918, Lewis foi transferido para Ashton Court, um hospital para convalescentes em Bristol, perto da residência da sra. Moore. Lewis escreveu ao pai explicando que havia tentado achar um hospital adequado na Irlanda, mas não havia nenhum disponível.[92] Foi ali que ele de início descobriu que seu livro *Spirits in Prison* (como era então intitulado) fora recusado para publicação pela Macmillan, e em seguida fora aceito pela Heinmann. Nesse estágio, Lewis propôs publicá-lo usando o pseudônimo "Clive

Staples". No dia 18 de novembro, ele mudou o pseudônimo para "Clive Hamilton", inspirando-se no nome de solteira de sua mãe para esconder sua identidade.[93] Esse livro seria publicado em março de 1919.

Nesse meio tempo, Lewis foi transferido para o acampamento de Perham Downs, em Salisbury Plain no dia 4 de outubro. A sra. Moore o seguiu fielmente, alojando-se numa casa de campo da vizinhança. Lewis nesse caso desfrutava do extraordinário luxo de ter um quarto só para si. No dia 11 de novembro, a Primeira Guerra Mundial finalmente chegou ao fim. Lewis foi transferido novamente — desta vez para um posto de triagem para oficiais comandantes de Eastbourne, em Sussex. Mais uma vez, a sra. Moore o seguiu. Lewis informou seu pai sobre essa situação — já não era uma questão que ele considerava um segredo — e anunciou que ele deveria estar de licença de 10 a 22 de janeiro, quando poderia ir para Belfast. Warnie, que também deveria estar de licença por ter combatido na França, chegou a Belfast no dia 23 de dezembro de 1918, a tempo de celebrar o Natal com o pai.

Então as coisas tomaram um rumo inesperado. Lewis teve alta hospitalar e foi desmobilizado no dia 24 de dezembro. Não podendo alertar sua família com antecedência sobre a mudança de situação, partiu para Belfast sem avisar ninguém. O registro no diário de Warnie para o dia 27 de dezembro[94] retoma a história.

> Hoje foi um dia memorável. Estávamos sentados no estúdio por volta das 11 horas da manhã quando vimos um táxi subindo a avenida. Era Jacks! Ele foi desmobilizado. [...] Almoçamos e depois saímos os três para uma caminhada. Era como se o pesadelo de quatro anos houvesse acabado e nós estivéssemos ainda em 1915.

No dia 13 de janeiro de 1919, Lewis voltou para Oxford a fim de retomar seus estudos na universidade, tão cruelmente interrompidos pela Grande Guerra. Ele ficaria por lá pelos 45 anos subsequentes.

PARTE 2

OXFORD

DECEPÇÕES E DESCOBERTAS: A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE OXFORD

COM O FINAL DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA, Oxford ficou inundada de novos estudantes. Mais de 1.800 ex-combatentes começaram ou reiniciaram seus estudos no ano seguinte ao término da guerra. Um deles era C. S. Lewis, que retornou a Oxford para retomar seus estudos no University College no dia 13 de janeiro de 1919. Para sua surpresa, o porteiro da faculdade — com quase toda a certeza o lendário Fred Bickerton[1] — o reconheceu imediatamente e o levou direto para seu antigo alojamento em Radclliffe Quadrangle, que ele ocupara no verão de 1917. A Universidade de Oxford fez uma significativa concessão em suas exigências de matrícula após o final da guerra, em reação ao afluxo de estudantes que tinham combatido no exército ou na marinha. Tendo servido no exército britânico como oficial de patente, Lewis constatou que agora não precisava mais cumprir a exigência de ser aprovado nos *responsions*,[2] que era uma exigência no período pré-guerra. Sua falta de habilidade em matemática básica não mais seria obstáculo para que ele conseguisse se graduar em Oxford.

Lewis já havia se apaixonado por Oxford, tanto por causa de sua impressionante arquitetura quanto por sua rica herança intelectual. Oxford era uma cidade fundada sobre a cultura e o conhecimento, não sobre a exploração imperial britânica de suas colônias, nem sobre a profanação da paisagem local

causada pelo avanço da indústria. Como Lewis colocou em *Spirits in Bondage*, Oxford era uma das poucas grandes cidades

> *Que não foi construída visando aos grosseiros lucros materiais,*
> *Ao lupino poder voraz ou ao banquete glutão do império.*

Para o graduando Lewis, assim como para o Lewis mais velho, Oxford era uma bela cidade que encorajava e afirmava os impérios da mente. Era

> *Doce e limpa cidade, por antigos rios embalada,*
> *Local de visões e de correntes rompidas,*
> *Refúgio dos eleitos, dos sonhos, morada.*[3]

Para Lewis, tais visões e sonhos eram mais bem fomentados e nutridos pelo retorno à fonte da civilização ocidental: a cultura das antigas Grécia e Roma. Como parte do processo de "expansão de sua mente", Lewis mergulhava nas línguas e literaturas da era clássica.

O estudante dos clássicos: University College, 1919

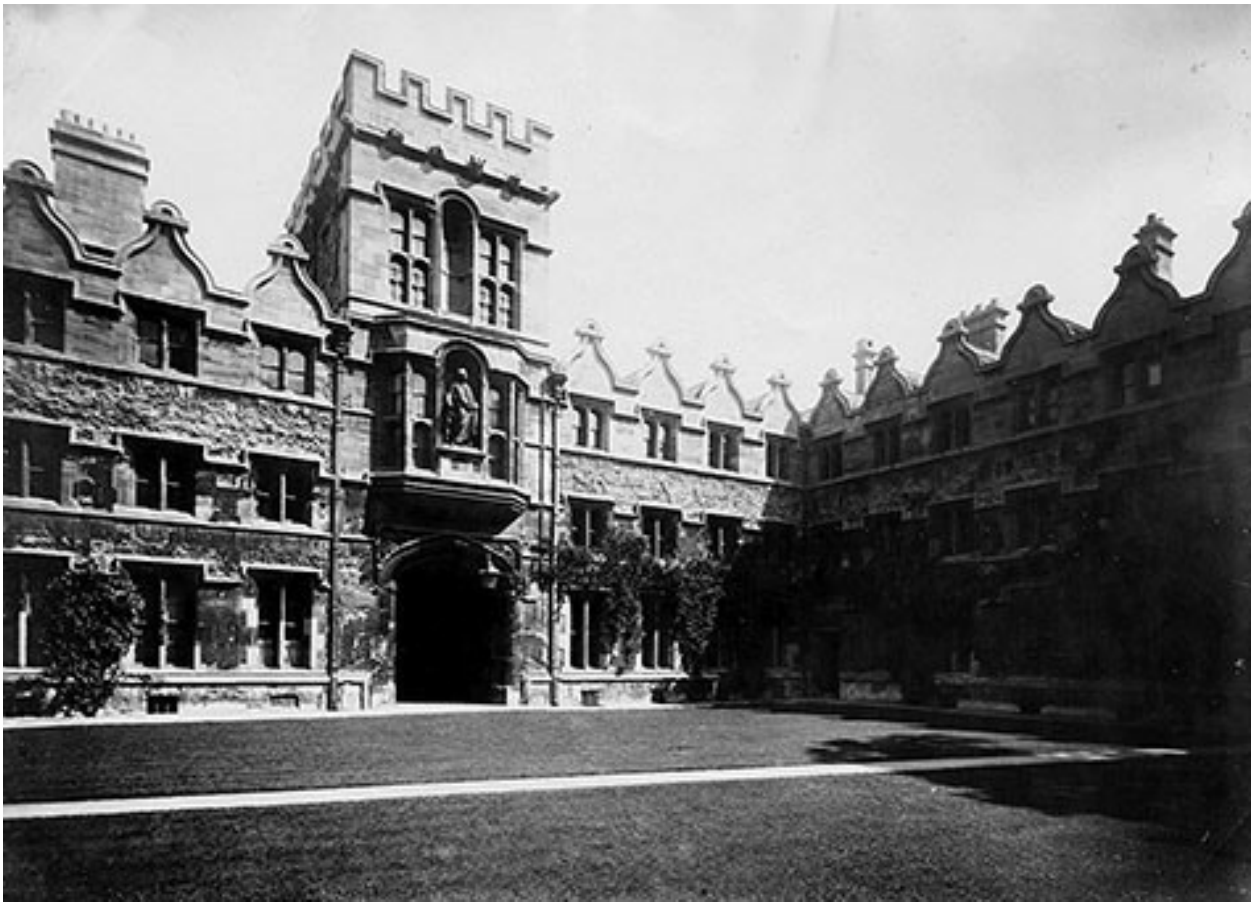
Lewis já havia tomado a importantíssima decisão de seguir uma carreira acadêmica em Oxford[4] Realmente não havia um plano B. Lewis sabia o que queria ser e as exigências que sua escolha de carreira lhe imporiam. Havia escolhido estudar línguas e literaturas clássicas, que em Oxford recebiam o título de *Literae Humaniores*. Essa era a joia da coroa acadêmica da Oxford vitoriana, sendo ainda considerada o carro-chefe dos cursos de graduação dessa universidade até 1920.

Em 1912, William Archibald Spooner (1844-1930), o célebre professor de Letras Clássicas e reitor do New College, resumiu o propósito da área *Literae Humaniores* como uma "imersão na civilização e no pensamento do mundo antigo". Frequentemente abreviado como *Lit. Hum.*, esse termo latino não é fácil de traduzir. Literalmente traduzido por "letras mais humanas", ele alude à visão humanista da Renascença de uma educação abrangente e civilizadora, realizada por meio de um envolvimento direto com as riquezas do passado intelectual e cultural.

Embora as origens das *Literae Humaniores* em Oxford possam ser localizadas na década de 1800, suas raízes sociais repousam firmemente nas preocupações do início do século 18. A Inglaterra ressurgia muito ferida, mas não totalmente

destruída, da guerra civil e da revolução do século 17. Nenhum esforço foi poupado no sentido de reconstituir uma ordem social estável dentro da nação pela ênfase nas virtudes da razão, da natureza e da ordem. A era clássica era considerada uma fonte de sabedoria que capacitaria os ingleses a consolidar sua estabilidade política e social, encorajando a emergência de padrões e normas culturais partilhados.

Exigia-se dos graduandos de *Literae Humaniores* que se envolvessem diretamente com as riquezas literárias, filosóficas e históricas da era clássica em suas línguas originais; não meramente como um assunto de interesse acadêmico, mas como meio de garantir a sobrevivência e prosperidade da Inglaterra. *Lit. Hum.* era considerado um portal para a sabedoria, e não simplesmente um acúmulo de conhecimento. Referia-se a uma preparação cultural e moral para a vida, não apenas à aquisição de informações factuais. Diferente de outros cursos que poderiam ter como objetivo apenas *preencher* as mentes dos graduandos, este se propunha a *moldá-las*.



4.1 Radcliffe Quadrangle, University College, em fotografia de Henry W. Taunt

(1860--1922) no verão de 1917. Foi atribuído a Lewis um conjunto de cômodos nesse prédio quando ele chegou ao University College em abril de 1917, tendo retornado ao mesmo alojamento em janeiro de 1919.

Em virtude das consideráveis exigências linguísticas que impunha aos alunos, *Lit*. *Hum*. exigia quatro anos (ou seja, doze períodos) de estudo, ao passo que os outros cursos exigiam apenas três. O curso era dividido em duas partes. Depois de cinco períodos, os alunos faziam um exame conhecido como "Honours Moderations" (geralmente abreviado para "Mods"); se fossem aprovados nesse exame, era-lhes então permitido continuar o restante do curso, geralmente chamado pelos estudantes de "Greats" ["Grandes"] e, sete períodos depois, os alunos fariam o exame final. Cada um desses dois exames era "classificatório", no sentido de que os estudantes seriam colocados na primeira, segunda, terceira ou quarta classe.[5] Era então possível dizer que os alunos acima da média conquistavam um "Double First" [Duplo Primeiro] em *Literae Humaniores*, o que significava que eles eram colocados na primeira classe tanto após Moderations como no Greats. Isso não quer dizer que eles obtinham dois diplomas, apenas que atingiram a máxima classificação possível nos dois estágios de avaliação desse curso de habilitação única.

O ano acadêmico de 1918-1919 em Oxford já estava em curso quando Lewis chegou. Ele tinha perdido o primeiro trimestre de estudo. Oxford dividia seu ano acadêmico em três períodos [*terms*] de 8 semanas. *Michaelmas* (durante o outono, que em geral se estendia do início de outubro ao início de dezembro), *Hilary* (durante o inverno, de janeiro a março) e *Trinity* (durante a primavera, de abril até junho). Entretanto, já tendo sido matriculado como aluno no University College para o período *Trinity* de 1917, Lewis foi tratado com um aluno normal do segundo trimestre. Ele ficaria atrasado com seu Homero, mas logo alcançaria os colegas.

O ano letivo iniciou-se formalmente no domingo, dia 19 de janeiro de 1919,[6] com as aulas inaugurais começando no dia seguinte. Lewis começou a estudar com óbvio entusiasmo. Depois de uma semana de estudos, ele expôs sua rotina em uma carta a Arthur Greeves.

> Sou acordado às 7h30, banho, capela e café da manhã [...]. Depois do café da manhã, eu trabalho (na biblioteca ou na sala de leitura, que são ambas aquecidas) ou assisto a aulas até às 13h, quando então vou de bicicleta para a casa da sra. Moore [...]. Depois do almoço, trabalho até a hora do chá, depois trabalho de novo até o jantar. Depois do jantar, um pouco mais de trabalho, conversa e ócio e às vezes *bridge*, depois volto de bicicleta para a faculdade às 23h. Lá

> então acendo a luz e trabalho ou leio até meia-noite, quando me recolho para dormir o sono dos justos.[7]

Lewis era obrigado a morar na faculdade para cumprir as exigências de moradia da Universidade de Oxford; uma ausência no café da manhã levantaria suspeitas e provocaria interrogatórios com resultados potencialmente embaraçosos.

Mas quem "acordava" Lewis às 7h30? Nesse ponto, é preciso mencionar os *scouts* da Universidade de Oxford. Em sua correspondência, Lewis se refere a eles como "serviçais", provavelmente para não ter de traduzir o jargão de Oxford para seu pai ou Arthur Greeves. No University College, os *scouts* — invariavelmente do sexo masculino — tinham longos dias de trabalho.[8] Cada um ficava responsável por uma escadaria ou um conjunto de escadarias e devia cuidar tanto dos cômodos como de seus ocupantes. Os *scouts* geralmente começavam a trabalhar às 6h, acordavam os estudantes (sempre chamados de "cavalheiros") por volta das 6h45, serviam-lhes café da manhã no refeitório ou em seus alojamentos, limpavam seus quartos e finalmente lhes serviam jantar no refeitório. Fora do período letivo, a maioria dos *scouts* arrumava emprego em hotéis no litoral. Embora Lewis faça poucas referências aos *scouts* em sua correspondência ou nos seus diários, outros estudantes desenvolveram um relacionamento próximo com seus *scouts* e mantinham contato com eles.

A rotina de Lewis como aluno de Oxford girava em torno de seus estudos e, de forma muito mais clandestina, da sra. Moore. Depois de seu período matinal de estudos, ele atravessava de bicicleta Magdalen Bridge, subindo a colina Headington e chegando à vila de Headington.[9] A sra. Moore havia conseguido uma casa em Warneford Road, 28, que era de propriedade de Miss Annie Alma Featherstone. Lewis podia passar a tarde e o início da noite com a sra. Moore antes de voltar para a faculdade, onde dormia. Essa rotina não era nada regular para um graduando de Oxford e, ao que parece, ele não comentou nada sobre isso com ninguém, a não ser seu confidente Arthur Greeves. (Quando Lewis mencionava "a família" para Greeves, ele queria dizer a sra. Moore e Maureen.)[10] A partir de julho de 1919, Lewis passou a usar o termo "a Minto" (note-se o artigo definido) para se referir à sra. Moore em sua correspondência com Greeves, mas nunca deu uma explicação para a origem desse curioso apelido.[11] É possível que ele seja uma variação do "nome carinhoso" pelo qual

Maureen chamava a mãe, "Minnie"; entretanto, talvez haja também alguma ligação com um doce cozido que era extremamente popular na época, chamado "minto", inventado em 1912 por William Nuttal, um confeiteiro de Doncaster.[12]

Lewis tentava manter o pai alheio à sua vida dupla por meio de uma elaborada campanha de dissimulação. Por exemplo, a sra. Moore escrevia diariamente para Lewis durante suas raras visitas a seu pai. Essas cartas eram endereçadas a Arthur Greeves, que morava perto, dando a Lewis uma razão a mais para visitar seu velho amigo em suas viagens a Belfast.

As preocupações de Albert Lewis em relação ao filho

Enquanto Lewis levava sua vida dupla em Oxford, Albert Lewis estava lutando em favor do filho junto ao Departamento de Guerra. Lewis, insistia ele, tinha direito a uma compensação por ter sido ferido na guerra. Instado tanto pela insistência de Albert como pela força de seu argumento — suspeita-se que tenha sido principalmente pelo primeiro motivo —, o Departamento de Guerra finalmente cedeu. Relutantemente, concederam a Lewis uma "indenização por ferimento" de 145 libras, 16 xelins e 8 pence. Deliciado e encorajado por essa vitória, o pai de Lewis pressionou ainda mais o Departamento de Guerra; no final das contas e ainda mais relutantemente, eles concederam outra indenização pelo ferimento, de 104 libras, 3 xelins e 4 pence.

No entanto, as relações entre pai e filho não eram nada boas, e estavam piorando. Albert se preocupava cada vez mais com a alienação cultural do filho em relação à sua terra natal, a Irlanda, com o ateísmo que ele viu de maneira clara em *Spirits in Bondage* e, talvez de um modo mais intenso, com a aparente falta de afeição do filho por ele. Lewis escrevia ao pai um número relativamente pequeno de cartas, e estava pouco disposto a passar suas férias com ele, não mostrando praticamente nenhum interesse em seu bem-estar. Na verdade, Lewis terminou uma de suas cartas para Greeves em junho de 1919 observando que não tivera notícias de seu "estimado genitor" havia algum tempo, e se perguntava se ele já "tinha cometido o suicídio".[13]

Mas acima de todas essas inquietações, fica claro que a principal preocupação de Albert Lewis com seu filho mais novo referia-se a seu desconcertante relacionamento com a sra. Moore. Inicialmente inclinado a atribuir suas suspeitas a uma imaginação fértil, Albert Lewis gradualmente (e com relutância) foi percebendo que algo sério estava acontecendo. Quais eram

as implicações econômicas do "caso de Jack"?[14] Albert sustentava financeiramente o filho nessa época e começava a perceber que não era só o filho que estava sustentando. O marido ausente da sra. Moore (que ela chamava de "o Bruto") provia a ela uma renda muito incerta. Não era difícil deduzir qual era a principal fonte de renda da sra. Moore. A fonte direta era, sem dúvida, Lewis. Entretanto, a fonte indireta era o próprio Albert Lewis.

Um enfrentamento era inevitável. Lewis retornou a Belfast em 28 de julho de 1919, tendo passado a semana anterior de férias na Inglaterra com seu irmão Warnie. Em um encontro tenso, Albert Lewis perguntou ao filho mais novo que explicasse sua situação financeira. Lewis respondeu que tinha cerca de 15 libras a seu crédito. Como muitos ex-oficiais do exército, Lewis tinha uma conta no banco Cox & Co, de Charing Cross Road, em Londres. O banco tinha sido fundado durante as guerras napoleônicas para pagar os salários dos soldados e para agir como agente deles. Albert Lewis encontrou na época uma carta aberta enviada por Cox & Co, endereçada ao filho, informando-o de que ele devia 12 libras ao banco. Ele questionou o filho, que admitiu que havia mentido ao pai sobre sua situação financeira.

No que parece ter sido uma conversa tensa e desagradável, Lewis informou ao pai não ter nenhum respeito ou preocupação para com ele. Como Albert Lewis escreveu em seu diário, Lewis "me enganou e me disse coisas terríveis, ofensivas e desrespeitosas". Foi "um dos períodos mais tristes da minha vida".[15] Talvez tenha sido melhor que Albert Lewis nunca tenha tido acesso à carta anterior do filho para Arthur Greeves, em que ele se descreve como um "mentiroso habitual" e delicadamente repreende Greeves por ser tão ingênuo a ponto de "engolir" suas "mentiras com tanta avidez".[16]

No entanto, por mais que Lewis reagisse de forma negativa em relação ao pai, ele ainda não tinha modos de sustentar a si próprio, e assim não estava em condições de afirmar sua independência financeira. Para o alívio de Lewis, seu pai não cancelou a mesada. Apesar da profunda hostilidade pessoal entre os dois, Albert Lewis continuou a sustentar o filho, conhecendo muito bem como Lewis empregaria a maior parte desse dinheiro. As cartas de Lewis para o pai nessa época são polidas. Porém, levaria algum tempo até que o relacionamento deles voltasse a ser como antes.

Lewis passou o ano acadêmico de 1919-1920 vivendo fora da faculdade, em Windmill Road, Headington, onde a sra. Moore encontrara novas

acomodações. Era normal que alguns graduandos optassem por viver em alojamentos externos depois do primeiro ano de faculdade, e Lewis podia agora manter com facilidade a ficção de que a sra. Moore era sua senhoria. Seu segundo ano foi dominado pela perspectiva dos exames — o Honours Moderations —, que deveriam acontecer em março e seriam a primeira indicação de seu valor acadêmico. No final das contas, Lewis foi um dos 31 alunos a ser colocado na primeira classe. Lewis escreveu ao pai para contar a boa notícia, mencionando casualmente que estava passeando "com um homem" que lhe pedira que dedicasse "algum tempo para 'caminhar' com ele".[17] Na verdade, Lewis continuava enganando o pai. Ele passou as férias com a sra. Moore e Maureen.

Distinção acadêmica: o prêmio *Chancellor's Essay*, 1921

Entre abril e junho de 1920, Lewis iniciou seus estudos do Greats, estudando história antiga com George. H. Stevenson (1880-1952) e filosofia com Edgar F. Carritt (1876-1964). Suas cartas para casa reclamam do alto custo dos livros. No entanto, logo ficou claro que Lewis tinha formulado um novo projeto. Fora-lhe recomendado que "concorresse ao prêmio do Chancellor's Essay" em abril de 1921. O prêmio seria concedido ao melhor ensaio escrito em inglês por um graduando sobre um tópico determinado para discussão — nesse caso, o "otimismo". Seria, explicou Lewis ao pai, uma "esplêndida propaganda" se ele ganhasse o prêmio, mas ele reconhecia que a competição seria "muito acirrada".[18]



4.2 Sheldonian Theater, onde se realizavam as cerimônias de formatura de Oxford, em 1922. Sheldonian foi finalizado em 1668 seguindo um projeto de *sir* Christopher Wren.

Lewis acabou escrevendo um texto de onze mil palavras e se queixou amargamente com o pai sobre o custo de mandar datilografá-lo e os muitos erros de datilografia que resultaram desse serviço. A divulgação do resultado demorou tanto que Lewis ficou à beira de um ataque de nervos. Finalmente, em 24 de maio, foi anunciado que Lewis havia ganhado o prêmio. Ele foi convidado a ler um excerto escolhido pelo professor de poesia e orador do Encaenia, uma cerimônia anual de formatura que acontecia em Sheldonian Theater. Nessa cerimônia, um dos convidados de honra era Georges Clemenceau, primeiro ministro da França de 1917 a 1920. Lewis falou durante dois minutos inteiros, e escreveu ao seu irmão sobre seu prazer em ter conseguido se fazer ouvir naquele prédio imponente.[19]

Basil Blackwell, editor e livreiro de Oxford, entrou em contato imediatamente, oferecendo-se para encontrar-se com Lewis e discutir a publicação do ensaio. Porém o texto nunca foi publicado, e o manuscrito acabou se perdendo. De qualquer forma, parece que Lewis tinha pouca fé nos

méritos literários daquele trabalho. Como sugeriu ao pai, "ele logo seria esquecido". Foi o fato de ganhar o prêmio, muito mais que o ensaio em si, que realmente importou.[20] Só nos resta esperar que Lewis estivesse certo. Nenhuma cópia restou entre os documentos da família, nem nos arquivos da Universidade de Oxford.[21] Não sabemos o que Lewis tinha a dizer sobre o "otimismo", nem como o disse. Tudo o que sabemos é que ele impressionou um painel de juízes e ajudou a moldar a percepção de que ele era uma estrela despontando no firmamento de Oxford.

Nessa época, a carreira acadêmica de Lewis se mostrava promissora; seu relacionamento com o pai, entretanto, permanecia distante e tenso. Suas diferenças reprimidas em relação à sra. Moore ameaçaram vir à tona em julho de 1921, quando Albert Lewis escreveu para avisar ao filho de que ele iria para a Inglaterra e pretendia visitar Oxford para conhecer seu alojamento na faculdade. Alarmado com a perspectiva de o pai encontrar a sra. Moore, Lewis inventou um "amigo" que impossibilitaria essa visita. Lewis alegou que ele tinha "saído da faculdade" e que agora compartilhava um quarto com um rapaz que estava "até o pescoço de trabalho" e ficaria perturbado se visitantes o interrompessem.[22]

Em um magnífico ato de dissimulação teatral, Lewis rapidamente transformou os fundos da casa da sra. Moore para que se parecessem com "um alojamento de graduando". Ele conseguiu persuadir o colega Rodney Pasley a passar um tempo lá com ele durante a indesejável visita do pai, fingindo ser seu assoberbado e insociável companheiro de quarto. Entretanto, no final das contas, seu pai ficou satisfeito com um lauto almoço no Clarendon Hotel, em Cornmarket Street, Oxford, e não mostrou interesse em conhecer o alojamento de Lewis nem a faculdade.[23]

Sucesso e fracasso: distinção acadêmica e desemprego

No seu último ano acadêmico (1921-1922), em que estudou o Greats no University College, Lewis se concentrou em dois objetivos: ter um resultado acima da média nos exames finais de junho e encontrar emprego depois disso. Seu diário nesse período apresenta um extraordinário registro de livros lidos, tarefas domésticas executadas, conversas com a família e os amigos da sra. Moore, possiblidades de emprego exploradas e tentativas malsucedidas de aplacar sua crescente ansiedade em relação a perspectivas acadêmicas de

trabalho para o futuro.



4.3 Cornmarket Street, uma das áreas comerciais mais movimentadas de Oxford, em 1922. O Clarendon Hotel está perfeitamente visível do lado esquerdo da rua.

Essas dúvidas se cristalizaram numa quase certeza em maio de 1922, menos de um mês antes dos exames finais. Edgar Carritt, seu orientador na faculdade na área de Filosofia, deixou claro que não havia cargos acadêmicos para ele no futuro próximo. Ele sugeriu a Lewis que só havia uma opção realista se ele estava decidido a seguir uma carreira acadêmica: ele deveria passar mais um ano em Oxford e "fazer outro curso".[24] O que Carritt queria dizer com isso era que Lewis tinha de se tornar o mais "empregável" que pudesse, estudando para obter uma segunda especialização. Assim, Lewis expandiria suas áreas de competência, indo além do diploma no *Greats* e estudando Literatura Inglesa.

Reginald Macan (1848-1941), diretor do University College, deu-lhe conselho semelhante quando os dois se encontraram mais tarde naquele mês. Além disso, Macan acabara de ser consultado por um colega norte-americano que lhe pediu que recomendasse um jovem acadêmico promissor para uma bolsa de docência e pesquisa na Cornell University de Nova Iorque, pelo

período de um ano. Lewis foi sua primeira indicação. Entretanto, a modesta remuneração não cobriria nem as despesas de viagem de Lewis e teria um impacto devastador em sua vida particular. Lewis escolheu discutir o primeiro ponto, mas não o segundo, com o diretor.

Macan perguntou o que Lewis se propunha a fazer em seguida. Depois de Lewis ter exposto sua esperança de obter um cargo de professor em Oxford, Macan tentou explicar como os tempos haviam mudado. Aquela época anterior à guerra, em que alunos brilhantes eram convidados a assumir um cargo de professor imediatamente depois dos exames finais, já estava longe. A Royal Commission encarregada das universidades de Oxford e Cambridge, conhecida como "Asquith Commission", que fora formada em novembro de 1919, tinha feito várias recomendações sobre como Oxford deveria modernizar-se para atender às exigências do período pós-guerra. O University College não teria outra opção a não ser implementar essas reformas, que incluiriam a extinção de certos tipos de cargos de professor.[25] Lewis teria de se adaptar às novas realidades da vida acadêmica. Ele precisaria se esforçar mais ainda, estudando para obter outra especialização e tentando ganhar outro prêmio. Macan sugeriu que a faculdade garantiria sua permanência se ele escolhesse fazer isso; e não precisaria se preocupar com o pagamento das despesas escolares.

Lewis escreveu a seu pai, explicando o conselho que recebera e suas possíveis implicações. Em sua carta sóbria, tentou explicar como o contexto do pós-guerra estava mudando, de modo que poderia não haver mais lugar para alguém que era especialista no mundo cada vez mais ultrapassado das línguas e literaturas clássicas ou até mesmo da filosofia. Se ele não conseguisse um cargo acadêmico em Oxford, sua única previsão realista de trabalho no futuro seria como professor de nível secundário, uma opção a que ele recorreria apenas em último caso, pois não tinha nenhum entusiasmo por ela. De qualquer forma, Lewis sabia que não seria visto como um candidato especialmente atraente para as escolas particulares inglesas. Sua "inabilidade para os jogos", que tornara muito sofrida sua estadia no Malvern College, pesaria decisivamente contra ele. Sua única opção séria era tornar-se professor de Oxford. Ninguém esperava que esses professores fossem bons em algum esporte. Entretanto, ficava cada vez mais claro que, para estar à altura de um cargo no mundo universitário, Lewis precisaria suplementar sua excelência no Greats com o conhecimento específico de uma área distinta. Lewis não tinha dúvidas sobre qual deveria ser essa

disciplina. Havia uma "disciplina em ascensão" em Oxford: Literatura Inglesa.[26]

Adiou-se uma reflexão mais profunda sobre esse assunto, pois Lewis precisava passar todo o seu tempo disponível estudando para os exames finais, que ocorreram entre 8 e 14 de junho. Lewis enfrentou provas que incluíam a história de Roma, lógica, uma tradução inédita de um texto em grego de autoria de Filóstrato e uma tradução original de um texto em latim de Cícero. Lewis não sabia como se saíra, embora estivesse claro em sua cabeça que não tinha sido reprovado.

Terminados os exames, Lewis tentou acalmar-se enquanto esperava os resultados escrevendo alguns cantos de seu poema *Dymer*. Essa obra fora concebida como um poema épico que seguia a tradição de Homero, Milton e Tennyson. Embora Lewis tenha começado a esboçar esse trabalho quando ainda estava em Great Bookham, seu início propriamente dito aconteceu em 1922. O diário de Lewis entre 1922 e 1924 contém frequentes registros curtos do gênero "trabalhei no *Dymer* hoje à tarde". Voltaremos mais tarde a essa obra, que foi publicada em 1926.

Enquanto esperava, Lewis também tentava remediar sua situação financeira relativamente precária. Para levantar mais fundos, ele publicou um anúncio no jornal local, *The Oxford Times*, oferecendo seus trabalhos de professor particular para meninos ou graduandos em Letras Clássicas durante os meses de agosto e setembro. Ele inscreveu-se para concorrer a uma vaga como professor de Letras Clássicas na Reading University, que ficava a 30 minutos de trem de Oxford. Porém, na entrevista lhe disseram explicitamente que ele teria de se mudar para Reading caso obtivesse o cargo. Isso estava fora de questão, dada à situação doméstica de Lewis. Maureen estava feliz em Headington School, e Lewis não queria perturbar nem os estudos nem a vida social dela. Ele cancelou sua inscrição. Como se poderia esperar, a explicação que deu ao pai foi bastante diferente. Ele não era exatamente o classicista "puro" que Reading estava buscando.[27]

Então surgiu uma nova possibilidade: abriu-se uma vaga para professor de Letras Clássicas no Magdalen College. Lewis se candidatou para a seleção mais por um senso de dever do que por uma verdadeira esperança de conseguir o cargo, tendo sido prevenido de que provavelmente sua inscrição não daria em nada. O resultado seria decidido num concurso em setembro. Não havia nada que Lewis pudesse fazer para melhorar suas chances até essa data.

De qualquer forma, Lewis tinha outras coisas com as quais se preocupar. Em 28 de julho, ele se apresentou nas Examination Schools, na High Street de Oxford, para o exame oral. Ele recorda que essa prova não durou mais que cinco minutos. Pediram que ele defendesse diante dos examinadores algumas declarações que havia feito em suas provas escritas, incluindo uma referência provavelmente infeliz ao "pobre e velho Platão". Alguns dias depois a sra. Moore se mudou mais uma vez, tendo encontrado uma nova casa ("Hillsboro") para passar o verão, no número 2 da Western Road, em Headington,[28] a qual poderiam desfrutar "livres de aluguel". A sra. Moore estava tão ansiosa quanto Lewis em relação à situação financeira deles, e tinha sublocado a casa de Warneford Road para Rodney Pasley e sua esposa, ao mesmo tempo mantendo também um inquilino em Western Road. Eles precisavam de cada xelim que pudessem economizar. Ela também começou a costurar para fora no intuito de conseguir mais dinheiro. Em novembro daquele ano, Lewis confidenciou a seu diário que estava trabalhando demais.[29] A tensão causada por sua situação financeira inconstante era um fardo cada vez mais difícil de carregar.

No dia 4 de agosto, Lewis tomou um ônibus para o centro de Oxford, e foi até as Examination Schools para saber quando os resultados dos exames finais seriam divulgados. Para sua surpresa, descobriu que eles já tinham sido publicados. Ficou aliviado ao saber que era um dos 19 alunos que tinham obtido First Class Honours. Mas o que ele faria em seguida?

No final das contas, Lewis concentrou suas esperanças e seus esforços no cargo de professor de Letras Clássicas no Magdalen College.[30] A posição seria uma das três oferecidas pela faculdade naquele ano; seria feito um concurso público na forma de várias provas escritas. No dia 29 de setembro, Lewis compareceu ao Magdalen, com dez outros candidatos para a realização da primeira prova.[31] Sentiu-se desencorajado quando percebeu o altíssimo nível dos seus concorrentes, que incluíam futuros astros acadêmicos como A. C. Ewing (1899-1973) e E. R. Dodds (1893-1979). (Mais tarde, em 1936, Dodds tornou-se *regius professor* [professor indicado pela coroa britânica] de grego da Universidade de Oxford.) Consciente agora de como suas chances eram pequenas, Lewis confidenciou em seu diário que ele iria "agir como se não tivesse conseguido o cargo" e preparar-se para a nova Faculdade de Língua e Literatura Inglesa.[32] Foi só em 12 de outubro que Lewis finalmente ficou sabendo que o cargo do Magdalen College tinha sido conquistado por outro

candidato.[33] Mas, nessa época, Lewis já tinha seguido o conselho de seus tutores e se lançado totalmente ao estudo de Língua e Literatura Inglesa.

Sir Herbert Warren (1853-1930), presidente do Magdalen College, escreveu pessoalmente para Lewis em novembro, confirmando que ele não tinha sido selecionado para o cargo de professor de Letras Clássicas e dando-lhe explicações. Magdalen tinha selecionado três novos bolsistas naquela época, e Warren explicou que Lewis passara perto de ser um deles. Permanecia o fato, entretanto, de que a instituição tinha escolhido para o cargo outro candidato.

> Receio que você não tenha aproveitado ao máximo suas possibilidades, qualquer que tenha sido o motivo; embora você tenha se saído muito bem, e tenha sido um dos seis especialmente recomendados ao *College* por ter atingido o nível exigido pela bolsa, considerado passível de seleção, você não foi um dos três recomendados.[34]

A carta de Warren mesclava elogio e crítica em medidas iguais. Porém, um leitor perspicaz logo percebe que a mensagem implícita é, ao fim e ao cabo, encorajadora. O talento estava lá, mas o momento não chegara. Poderia haver outra oportunidade.

Os diários e a correspondência de Lewis entre 1920 e 1922 dão testemunho de suas ansiedades e seus projetos para o futuro, com destaque para suas perspectivas de emprego. Se ele não conquistasse uma posição acadêmica em Letras Clássicas, será que poderia obter algum cargo na área de Filosofia? Sua formação na graduação lhe proporcionara algum entendimento do assunto. Entretanto, a preocupação de Lewis com o próprio futuro parece tê-lo cegado para outros assuntos, principalmente as sérias tensões em sua terra natal, a Irlanda. Lewis curiosamente faz pouquíssimas referências aos significativos eventos de 1920 a 1923, nos quais a Irlanda agitou-se em tumultos políticos. A luta política pela independência irlandesa, que foi acirrada pela Primeira Guerra Mundial, tinha irrompido em atos violentos no ano de 1919. Os britânicos começaram a perder controle das áreas rurais da Irlanda em favor do IRA (Exército Republicano Irlandês). No "Domingo Sangrento" (21 de novembro de 1920), o IRA executou catorze investigadores e espiões britânicos que atuavam em Dublin. Mais tarde, naquele dia, as autoridades britânicas retaliaram em Croke Park, também matando catorze pessoas. A violência se alastrou nas cidades de Londonderry e Belfast, que ficam ao norte do país. A comunidade protestante sentiu-se ameaçada por atiradores republicanos.

Em 1920, o governo britânico ofereceu à Irlanda uma autonomia política

limitada. Isso não foi o suficiente. Os irlandeses queriam independência política e nacional, não alguma espécie de governo subsidiário. A violência continuava. Em 11 de julho de 1921, declarou-se uma trégua. Porém, isso não deteve a violência em Belfast. O governo britânico finalmente concordou com a criação do Estado Livre Irlandês em 6 de dezembro de 1922. Concedeu-se, a partir dessa data, um mês aos seis condados predominantemente protestantes do norte do país para que decidissem se queriam continuar sendo parte do Estado Livre Irlandês ou voltar a pertencer ao Reino Unido. Um dia depois, o parlamento da Irlanda do Norte pediu permissão para voltar a fazer parte do Reino Unido. A Irlanda agora estava dividida.

Lewis parece ter ficado curiosamente indiferente e alheio a esses acontecimentos, apesar das importantes implicações deles para sua família e seus amigos na Irlanda. De acordo com o registro feito por Lewis em seu diário na significativa data de 6 de dezembro de 1922, a grande questão que dominava seus pensamentos não era a independência irlandesa, nem o futuro político de Belfast, nem ainda a segurança de seu pai, mas se a palavra *desjejum* deveria ser entendida como "uma xícara de chá às 8h ou um rosbife às 11h".[35] Então, por que essa intrigante falta de interesse na maior revolta política e social da Irlanda durante toda a sua vida? Talvez a resposta mais óbvia seja também a mais persuasiva: Lewis não se via mais como pertencente àquele país. Sua casa, sua verdadeira família e seu coração estavam em Oxford. A sra. Moore, não Albert Lewis, era a estrela-guia de sua vida familiar.

Sra. Moore: a pedra fundamental da vida de Lewis

Nesse ponto, precisamos explorar o relacionamento de Lewis com a sra. Moore de forma mais detalhada. Os estranhos arranjos domésticos de Lewis não eram bem conhecidos em Oxford. Durante a década de 1930, a maioria de seus conhecidos tinha a impressão de que Lewis era um típico professor solteirão, que morava com sua "velha mãe" em Headington. Poucos sabiam que sua mãe tinha morrido quando ele ainda era criança, e que a suposta "mãe" tinha um papel muito mais complexo na vida de Lewis.

Muitos relatos da vida pessoal de Lewis se baseiam nas frequentes manifestações de desagrado de Warnie em relação à sra. Moore, o que os leva a caracterizar esse relacionamento em termos bastante negativos. Ela é descrita como uma mulher dominadora, egoísta e exigente, que frequentemente tratava

Lewis como um serviçal ou um garoto de recados, oferecendo-lhe pouco em termos de estímulo intelectual.

Há bons motivos para aceitar esse tipo de avaliação em referência ao final da década de 1940, época em que a saúde da sra. Moore deteriorou-se, e em que ela se tornou uma pessoa cada vez mais difícil, tendo ficado refém da demência. Mas as dificuldades de Lewis nessa última época eram provavelmente causadas tanto pelo alcoolismo de Warnie quanto pelas petulantes exigências da enferma sra. Moore. Todavia, deve-se interpretar corretamente a situação de duas décadas antes, no início do relacionamento deles. Uma sra. Moore mais jovem esteve ao lado de Lewis quando ele precisou de apoio emocional e consolo que nenhum outro membro de sua família parecia capaz ou disposto a lhe oferecer: na época de sua partida para a guerra na França (quando a ausência do pai magoou Lewis de maneira profunda); durante sua convalescença dos ferimentos em combate; e quando ele buscava uma colocação acadêmica em Oxford. Pode-se argumentar que a sra. Moore criou para Lewis um ambiente relativamente estruturado e estável quando ele retornou da guerra, facilitando sua transição para a vida acadêmica.

Lewis, devemos lembrar, foi separado da mãe pela morte, e da família pela insensata (embora bem-intencionada) decisão paterna de enviá-lo para o internato na Inglaterra. Em 1951, o psicólogo britânico John Bowlby (1907-1990) produziu para a Organização Mundial da Saúde um estudo sobre os problemas de saúde mental das crianças deslocadas pela guerra. Sua principal conclusão é a de que experiências infantis de relacionamentos interpessoais são cruciais para seu desenvolvimento psicológico.[36] Bowlby desenvolveu a noção de uma "base segura", a partir da qual a criança pode aprender a lidar com novos desafios, desenvolve nela independência e a amadurece emocionalmente. Mas a pesquisa de Bowlby chegou tarde demais para influenciar as decisões de Albert Lewis. Quando era pequeno, Lewis claramente possuía essa "base segura"; no entanto, ela foi estilhaçada pela morte de sua mãe e por seu envio forçada ao internato.

Os comentários feitos por Lewis em *Surpreendido pela alegria* sobre o impacto da morte de sua mãe merecem atenção especial: "Agora era tudo mar e ilhas; o grande continente tinha afundado como Atlântida".[37] A rica linguagem de Lewis se vale de imagens geográficas para descrever sua perda de estabilidade e segurança emocional, o que inevitavelmente criou um desejo por sua restauração futura. Ele era como alguém destinado a navegar pelos mares, sem

poder encontrar um porto seguro. Os escritos de Lewis da década de 1920 oferecem fortes evidências de que a família estendida da sra. Moore chegou para lhe proporcionar essa base segura. Ela lhe deu apoio emocional e encorajamento quando ele explorava suas opções de carreira e lidava com seus primeiros fracassos no sentido de obtê-las. No entanto, ela não era uma intelectual, e não conseguia atuar como sua alma gêmea acadêmica — um ponto que nos ajuda a entender a atração posterior de Lewis por mulheres inteligentes, capazes de escrever livros sérios. Mas a sra. Moore provavelmente proporcionou a Lewis os elementos vitais para o contexto de que ele necessitava nesse estágio formador de sua carreira acadêmica.

Talvez ainda mais óbvio seja o fato de que a sra. Moore ofereceu a Lewis uma família já constituída. Seus diários de 1922 a 1925 mostram que ele desenvolveu uma vida familiar segura e bem estruturada, algo que ele achava haver perdido depois da morte de sua mãe em Little Lea. Maureen tornou-se para ele uma irmã, e ele se tornou para ela um irmão. Maureen é muito facilmente ignorada nos relatos sobre o desenvolvimento de Lewis; seus diários fazem mais referências apreciativas a ela do que muitos percebem.

Não há dúvida de que Lewis acabou por desempenhar todo tipo de tarefa doméstica: buscar margarina na venda da esquina, recuperar a bolsa da sra. Moore na estação rodoviária ou responder imediatamente à súbita queda dos trilhos da cortina do quarto da sra. Moore. Mas ele era o único homem da casa, e parece ter-se predisposto a carregar esse fardo para garantir que a vida corresse tranquila. Essas coisas tinham de ser feitas, e Lewis as fazia. De qualquer forma, ele passou a encará-las como exemplos da tradição do "amor cortês", que ele declarava ser um código de conduta nobre e louvável, pelo qual um jovem rapaz podia "fazer tarefas" ou "enfrentar calor ou frio, a pedido de sua senhora".[38] Talvez Lewis tenha investido de dignidade e importância essas tarefas domésticas, concebendo-as como enobrecedoras expressões de "amor cortês".



4.4 "A família": Lewis, Maureen e a sra. Moore na sacada de uma casa de chá em St. Agnes Cove, Cornualha, em 1927.

A sra. Moore também ampliou o círculo social de Lewis. Era hospitaleira até demais, convidando regularmente familiares e amigos para jantar. Lewis se viu desenvolvendo habilidades relacionais e uma inteligência emocional que ele talvez nunca tivesse adquirido se tivesse permanecido enclausurado entre as paredes do University College. Como ele mesmo foi o primeiro a admitir, seu próprio círculo de amigos era relativamente restrito. "Tendo a considerar meu próprio grupo, que consiste principalmente de literatos", disse ele ao pai, como "central, normal e representativo".[39] Lewis fez relativamente poucos amigos durante o tempo em que estudou o Greats; na verdade, ao que parece, ele ganhou o apelido de "Pesado Lewis",[40] no sentido de que era percebido como uma pessoa cuja amizade era "pesada de carregar". (O apelido ofensivo talvez fosse uma brincadeira relacionada à metralhadora Lewis, que foi usada na Primeira Guerra Mundial). Talvez Lewis tenha desenvolvido tardiamente a capacidade de se relacionar com as pessoas, mas isso foi encorajado mais pelo círculo da sra. Moore do que pelo dele.

A casa dos Moore também era frequentemente visitada pelas colegas de Maureen, da Headington School. Uma dessas — Mary Wiblin — figurou com

destaque nos registros do diário de Lewis do início da década de 1920. Wiblin (carinhosamente chamada de "Smudge" [Borrão]), era professora de música de Maureen. Em pagamento, Lewis lhe ensinava latim. Há pistas aqui de um possível envolvimento romântico com Lewis. Porém nada resultou do caso, possivelmente em virtude do complexo relacionamento de Lewis com a sra. Moore.

O aluno de língua e literatura inglesa: 1922-1923

Oxford demorou para reconhecer a importância da Literatura Inglesa como disciplina digna de um estudo acadêmico sério. Tanto o University College quanto o King's College, ambos de Londres, ofereciam cursos de graduação nessa disciplina desde a década de 1830. A crescente importância da matéria foi catalisada por vários fatores. O longo reinado da rainha Vitória tinha ajudado a criar um forte senso de identidade nacional inglesa. Igualmente relevante é o fato de que muitos políticos astutos perceberam a importância de enfatizar como os ingleses partilhavam uma rica tradição literária. Um marco nesse desenvolvimento foi a criação de uma cadeira de Língua e Literatura Inglesa em Oxford em 1882. Entretanto, só foi criada uma faculdade de estudos ingleses em 1894, apesar da crescente demanda.[41]

A verdade nua e crua é que Oxford resistia a todo tipo de mudança. De fato, a fundação de uma faculdade de estudos ingleses em 1894 foi eivado de controvérsia e amargor. Alguns desprezavam a introdução do curso porque o consideravam uma forma de dar aos alunos mais fracos algo fácil e inútil para estudar. Outros ficavam alarmados diante do perigo da criação de um novo curso que seria considerado de segunda classe. O Greats era substancial e consistente; como um curso de Inglês iria além de reflexões subjetivas sobre romances e poemas? Como poderia "um simples blá-blá-blá sobre Shelley"[42] ser levado a sério academicamente? Essa atividade era impressionista e superficial — não o tipo de coisa que a Universidade de Oxford desejaria encorajar.

Não obstante, a pressão para o estudo acadêmico de Literatura Inglesa só se fazia aumentar.[43] A disciplina ainda era vista pelos tradicionalistas de Oxford como uma matéria fácil, adequada para alunos menos privilegiados que se destinavam a ocupar cargos de professores nas escolas particulares da Inglaterra — e, é claro, para as mulheres. Muitas mulheres, excluídas do estudo das ciências e das humanidades em Oxford, viam no estudo de Literatura Inglesa

um dos poucos modos de ingressar na carreira docente. A partir de 1892, a Associação para a Promoção da Educação Superior de Mulheres de Oxford organizou uma série de palestras e aulas para suas alunas, nas quais a Literatura Inglesa ganhou especial destaque.

Um segundo grupo para quem o estudo da literatura inglesa tornou-se importante no final do período vitoriano foi o dos funcionários públicos. O Indian Civil Service [serviço público britânico nas colônias indianas], ansioso por garantir o recrutamento e a promoção das melhores pessoas, introduziu exames de inglês a partir de 1855. Candidatos a funcionários públicos imperiais dentre os graduandos de Oxford perceberam a direção dos ventos e começavam a estudar literatura inglesa tendo em vista suas futuras carreiras. Apesar disso, a ênfase em Oxford recaía mais sobre *inglês* do que sobre *literatura*. À medida que o imperialismo britânico florescia no final do período vitoriano e na época eduardiana, o estudo da literatura inglesa passou a ser considerado um meio de afirmar e asseverar a superioridade cultural inglesa em relação aos pretensiosos americanos e aos colonos rebeldes.

A vitória final da Inglaterra sobre a Alemanha na Grande Guerra de 1914-1918 provocou uma pequena onda de nacionalismo, que acrescentou uma motivação patriótica ao estudo da literatura inglesa. Entretanto, o estudo dessa matéria em Oxford foi incentivado por fatores diferentes de um nacionalismo renovado. Para muitas almas reflexivas, a literatura oferecia uma maneira de lidar com o trauma e a destruição da guerra, permitindo-lhes formular suas questões de novas maneiras e encontrar soluções espirituais mais profundas, que iam além da "patriotice" da elite.

O surgimento dos "poetas da guerra" talvez seja o mais importante desses desdobramentos. Muitos encontravam consolo em seus escritos, que lhes permitiam ver o pesadelo da guerra de formas novas e úteis. Outras pessoas achavam que esses poetas expressavam uma raiva legítima diante da violência e futilidade da guerra, e buscavam canalizar essa raiva de formas construtivas em termos políticos e sociais. As motivações para o estudo da literatura inglesa no período imediatamente posterior à guerra talvez fossem complexas. Elas eram, entretanto, reais e despertaram interesse em uma área que antes era considerada inferior, em termos culturais e intelectuais, ao estudo dos clássicos.

Por volta de 1920, a Faculdade de Língua e Literatura Inglesa de Oxford estava em expansão, beneficiando-se de um renovado interesse na área após a guerra. Pelos motivos históricos que acabaram de ser elencados, a área era

dominada inicialmente por mulheres e por aqueles que tinham interesse em integrar o Indian Civil Service. À medida que a escola de Oxford se expandia, faculdades começaram a notar essa tendência. Foram criados cargos de professor-tutor na área de Língua e Literatura Inglesa. É improvável que Lewis não tenha percebido esse avanço. Se ele não conseguisse um emprego na área de Estudos Clássicos ou em Filosofia, agora havia uma alternativa.

Lewis iniciou seus estudos de Língua e Literatura Inglesa em 13 de outubro de 1922, quando se encontrou com A. S. L. Farquharson no University College para discutir seu programa de estudo. Farquharson o aconselhou a ir à Alemanha e aprender a língua daquele país; o futuro, na visão dele, estava na literatura europeia. Por motivos óbvios, Lewis decidiu não seguir esse conselho. Nem a sra. Moore nem Maureen sentiam entusiasmo algum por visitar o país que há pouco havia sido seu inimigo ou pela ausência prolongada de Lewis num momento em que havia tantas tarefas domésticas a realizar.

Lewis considerou extenuante o curso de Inglês, que lhe exigia não apenas uma imersão total em uma vasta literatura, mas também o desenvolvimento de habilidades necessárias para ler alguns dos textos clássicos. Mas o verdadeiro problema era que ele estava fazendo o curso em menos de nove meses, sendo que o programa convencional se estendia por três anos. Em geral um graduando passava o primeiro ano estudando a literatura básica e depois começava um estudo mais detalhado nos dois últimos anos do curso. Lewis foi dispensado do primeiro ano do curso pelo "*status* de aluno sênior" — ele já havia obtido um diploma de Oxford. Mas ainda teria de condensar o trabalho dos últimos dois anos em apenas um; caso contrário, permaneceria tempo demais na universidade para obter o título de especialização, ficando apenas com uma conclusão de curso. Ele necessitava desesperadamente conquistar o First Class Honours, obtendo com esse extraordinário feito uma posição dentro da academia.

Nessa época, começou a se abrir um grande abismo entre as abordagens feitas pelas duas mais antigas universidades britânicas no que se referia ao estudo da literatura inglesa. Enquanto Oxford se concentrava em questões históricas, textuais e filológicas ao longo das décadas de 1920 e 1930, Cambridge — moldada por acadêmicos como I. A. Richards (1893-1979) e F. R. Leavis (1895-1978) — adotava uma abordagem mais teórica, tratando as obras literárias como "textos" ou "objetos" que poderiam ser submetidos a uma crítica literária científica. Lewis se sentia perfeitamente à vontade no ambiente de Oxford. Seu

foco estava nos textos e autores, e ele criou uma aversão pela teoria literária — uma característica de seus trabalhos acadêmicos que perdurou durante toda a sua carreira.

O estudo de inglês impôs a Lewis um ritmo que o levou a seus limites. Ele escreveu relativamente poucas cartas durante o ano acadêmico de 1922 e 1923; muitas das quais se referem a seu crescente interesse pelo inglês antigo (anglo-saxão) e às exigências que lhe eram feitas para o domínio dessa língua. Ele também percebeu que havia uma clara distinção sociológica entre seus colegas no curso do Greats e os de Literatura Inglesa: os últimos, confidenciou ele em seu diário, consistiam principalmente em "mulheres, indianos e americanos" e eram caracterizados por "um certo amadorismo" se comparados com os alunos do Greats.[44] Seu diário durante o trimestre Michaelmas de 1922 expressa um senso bastante tangível de solidão intelectual, às vezes aliviada por aulas interessantes e conversas estimulantes. Mas, na maioria das vezes, Lewis obtinha seus prazeres mentais nos livros, frequentemente trabalhando até a meia-noite para dar conta de sua lista de leitura.

Entretanto, começaram a surgir amizades que compensavam (embora nunca substituíssem) seu antigo e duradouro relacionamento com Arthur Greeves. Duas têm especial importância. Lewis conheceu Owen Barfield (1898-1997) em 1919. Barfield estava nessa época estudando inglês no Wadham College. Lewis rapidamente o reconheceu como alguém que, além de ser inteligente, tinha um amplo cabedal de leitura, mesmo discordando dele em quase tudo. "Barfield provavelmente esqueceu mais do que eu jamais soube", lamentou ele em seu diário.[45]

Lewis classificava Barfield como "o melhor e mais sábio dos meus professores não oficiais",[46] e se submetia à correção dele. Como exemplo disso, Lewis se refere a seu antigo erro de referir-se à filosofia como "uma disciplina". A filosofia "não era uma disciplina para Platão", retrucou Barfield, "era um caminho".[47] O interesse de Barfield na filosofia da "antroposofia" de Rudolf Steiner, que objetivava estender o método científico para as experiências espirituais humanas, começou a se desenvolver depois que Barfield assistiu a uma palestra de Steiner em 1924. Este se tornou um tópico de especial desentendimento com Lewis, nessa época um ateu. Lewis zombeteiramente se referia à "Grande Guerra" que se travava entre os dois nesse e em outros assuntos. "Tudo o que eu tinha trabalhado tão arduamente para expelir de

minha própria vida parecia ter irrompido e chegado a mim de novo por intermédio de meus melhores amigos."[48] Lewis começou a se sentir desafiado e ameaçado por questões colocadas por Barfield, às quais ele parecia incapaz de dar uma resposta que o satisfizesse inteiramente.[49]

Não obstante, apesar das diferenças com Barfield, Lewis credita a esse amigo a responsabilidade de causar duas mudanças fundamentais em seu próprio pensamento. A primeira delas foi a demolição do "esnobismo cronológico" de Lewis, que ele mesmo definiu como "a aceitação acrítica do clima intelectual vigente em nossa época e a suposição de que qualquer coisa que ficou desatualizada deve, por esse mesmo motivo, ser descartada".[50]

A segunda mudança refere-se ao modo de Lewis pensar a realidade. Lewis, como a maioria das pessoas de sua época, tendia a supor que o "universo revelado pelos sentidos" constituía "a realidade mínima". Para Lewis, esse era o modo mais econômico e sensato de pensar as coisas, que ele julgava ser inteiramente científico. "Eu queria que a Natureza fosse totalmente independente de nossa observação; algo outro, indiferente, com existência própria."[51] Mas, então, que dizer dos julgamentos morais humanos? Ou dos sentimentos de alegria? Ou das experiências da beleza? Como essas formas subjetivas de pensamento e experiência se encaixavam nisso?

Não se tratava apenas de uma elucubração. Na qualidade de graduando de Oxford, Lewis tinha sido influenciado pelo que ele classificou de "nova visão", um modo racionalista de pensar que o levava a crer que devia abandonar qualquer noção de que suas fugazes experiências de "Alegria" eram pistas do significado mais profundo da vida".[52] Lewis seguia o fluxo, mergulhando nesse modo de pensar que estava na moda naquela época. Ele foi levado a acreditar que seus desejos, suas necessidades e experiências da infância tinham sido desmascarados como sem sentido algum. Lewis decidiu que "tinha vencido tudo aquilo". Ele tinha "superado" esses sentimentos. Ele nunca mais "cairia nessa armadilha de novo".[53]

Entretanto, Barfield persuadiu Lewis de que essas linhas de argumento eram inconsistentes. Lewis estava se apoiando exatamente nos mesmos parâmetros internos de pensamento que havia descartado a fim de garantir seu conhecimento de um mundo supostamente objetivo. O resultado consistente de acreditar apenas no "universo revelado pelos sentidos" era a adoção de "uma teoria behaviorista da lógica, da ética e da estética". Mas Lewis considerava essa

teoria como indigna de crédito. Havia uma alternativa, que dava grande peso à importância das intuições morais e estéticas dos seres humanos, e não as desconsiderava nem as descartava. Para Lewis, isso levava a uma única conclusão: "Nossa lógica era uma participação em um *logos* cósmico".[54] E aonde essa linha de pensamento o levaria?

Esse tema é explorado em um conto intitulado "The Man Born Blind" [O homem que nasceu cego],[55] que tem uma importância especial, já que é considerado o primeiro texto de prosa ficcional que sobreviveu do Lewis adulto. Ele não é bem escrito, e tem pouco do estilo maduro de Lewis ou de sua poderosa visão imaginativa. Trata-se de uma parábola, contada em menos de duas mil palavras, datada de antes de sua conversão para o cristianismo. Seu tema básico é o de um homem que nasceu cego e recobra a visão. Ele espera ver a luz, mas não consegue perceber que a luz não é algo que se vê, mas algo que torna a visão possível. Não é algo que nós vejamos, mas algo *por intermédio do qual* nós vemos.

Para Lewis, o pensamento humano depende de um *"logos* cósmico", que não é em si mesmo visto ou entendido, nem mesmo *passível* de ser visto ou entendido; no entanto, é a condição necessária para a visão e o entendimento humanos. Essa ideia pode ser interpretada de forma platônica. Entretanto, os primeiros escritores cristãos, saturados da tradição platônica, tais como Agostinho de Hipona (354-430), foram capazes de demonstrar que essa tradição podia ser facilmente adaptada a um modo de pensar cristão, que entendia Deus como aquele que ilumina a realidade e permite que a humanidade perceba suas características.

A segunda amizade que Lewis desenvolveu durante o estudo de literatura inglesa foi com Nevill Coghill (1899-1980), um estudante irlandês que tinha lutado na Primeira Guerra Mundial. Depois de obter um primeiro diploma em História no Exeter College, Coghill havia escolhido fazer o curso de Inglês. Como Lewis, ele deveria terminar o curso em um único ano. Eles se conheceram em uma discussão presidida pelo professor George Gordon, e rapidamente começaram a admirar um no outro as apreciações que faziam em relação ao texto que estavam estudando. Essa leitura de textos, Coghill relembrou, era "uma contínua intoxicação de descobertas",[56] que levava a discussões e debates que se estendiam durante longas caminhadas pelos campos do condado de Oxfordshire. Coghill desempenharia um papel importante na

moldagem das ideias posteriores de Lewis.

O longo ano de intenso estudo chegou ao fim em junho de 1923, quando Lewis fez os exames finais. Os registros de seu diário nessa época revelam sua frustração: ele não havia obtido um desempenho tão bom quanto esperava. Para se acalmar, ele cortava grama. A prova oral foi marcada para o dia 10 de julho. Lewis foi devidamente vestido com o *sub fusc,* o traje de gala típico de Oxford — uma capa preta, um terno escuro e uma gravata borboleta branca —, e se apresentou com os outros candidatos. Os examinadores dispensaram todos, exceto seis, os quais desejavam testar ainda mais em algumas de suas respostas. Lewis estava entre esses que tiveram de continuar lá para o possível suplício de uma arguição oral.

Mais de duas horas depois, Lewis finalmente enfrentou seus examinadores. Eles levantaram algumas preocupações relativas às suas provas escritas. Ele havia empregado o termo *littlest* [menorzão] em uma resposta a uma questão. Como ele poderia justificar o uso de uma forma tão estranha da palavra *little*, com um sufixo superlativo (*-est*) que não era considerado adequado para essa palavra? Sem nem pestanejar, Lewis deu sua resposta. Essa forma podia ser encontrada na correspondência entre Samuel Taylor Coleridge e Thomas Poole.[57] E ele fora severo demais com Dryden? Lewis pensava que não, e disse a eles por quê. Cerca de menos de três minutos depois, ele foi dispensado. O exame oral tinha acabado. Lewis saiu das Examination Schools e voltou para casa. Tinha outras coisas com que se preocupar, tais como ganhar dinheiro. Durante o restante do verão, ele tinha concordado em trabalhar como corretor do Higher School Certificate, uma espécie de especialização em ensino médio, corrigindo centenas de trabalhos entediantes, na maioria das vezes, de rapazinhos, enquanto a sra. Moore acolhia inquilinos para ajudar nas despesas da casa.

Em 16 de julho foram publicados os resultados dos exames. Apenas seis dos 90 alunos que fizeram as provas obtiveram First Class Honours, incluindo-se entre eles:

> Coghill, N. J. A. (Exeter); e
> Lewis, C. S. (University).

Lewis tinha agora conseguido um *Triple First*, distinção rara em Oxford. Mesmo assim, ele ainda não tinha perspectiva de emprego. Era altamente

qualificado e altamente erudito, mas estava, como mais tarde disse ao pai, "à deriva e desempregado"[58] numa época em que a recessão econômica estava afetando a maior parte do mundo ocidental. As coisas pareciam sombrias. Lewis ficava de um lado para o outro, numa busca desesperada de alunos que pudesse orientar ou trabalhos que pudesse escrever para jornais ou periódicos. Ele precisava de dinheiro.

Então, por que o própripo University College não criou nessa época um cargo de professor na área de Inglês? Afinal de contas, a faculdade tinha indicado Ernest de Sélincourt como professor de Inglês em 1896, a primeira indicação desse tipo feita na universidade.[59] Entretanto, Sélincourt nunca assumiu a função de professor-tutor na faculdade e acabou se transferindo para a University of Birmingham em 1908 a fim de assumir a cadeira de Inglês que fora recentemente instituída. Depois do final da Primeira Guerra Mundial, cada vez mais alunos desejavam estudar a disciplina. Fato talvez ainda mais importante: Oxford tinha, em Lewis, um talento extraordinário que seria mais do que capaz de desempenhar a função.

A resposta está em uma herança deixada à faculdade por um de seus primeiros membros, Robert Mynors (1817-1895).[60] Mynors, advogado famoso, legou à faculdade fundos para o financiamento e desenvolvimento "da área de Ciências Sociais". Os fundos foram finalmente liberados para a faculdade em 1920, e em 1924 foi tomada a decisão de criar um cargo de professor de Economia e Política. Esse modesto incremento foi tudo o que a faculdade se considerou capaz de sustentar. Só haveria um cargo de professor de Inglês quando Peter Bayley fosse indicado para a posição em 1949.

As esperanças de Lewis de obter um emprego em qualquer outro lugar em Oxford aumentavam e diminuíam com a mesma regularidade. O St. John's College queria um tutor em Filosofia. Lewis tinha esperanças, mas isso não deu em nada. Por volta de maio de 1924, Lewis ainda estava sem emprego, vivendo de pequenos ganhos obtidos em trabalhos em tempo parcial. Suas cartas para o pai mencionavam o corte das despesas para o minimamente essencial. Ele tinha esperanças de obter um cargo no Trinity College. Mas isso também poderia dar em nada, como todas as suas expectativas até então.

O destino, então, bateu à sua porta. Reginald Macan tinha pedido demissão do cargo de diretor no University College em abril de 1923, e foi sucedido por *sir* Michael Sadler.[61] Sadler tinha lido o trabalho de Lewis, avaliando-o

positivamente, no verão de 1923, e o havia recomendado a vários colegas literatos, como um possível resenhista. Em 11 de maio de 1924, Lewis escreveu a seu pai, entusiasmado. Edgar Carrit, seu antigo tutor de Filosofia no University College, ia dar aulas em Ann Arbor, Michigan, durante um ano. A faculdade precisava de um substituto temporário. Sadler lhe oferecera o emprego por um salário de 200 libras. Não era muito, admitia ele, mas era melhor que nada. Ele teria de trabalhar sob a supervisão de seu antigo tutor Farquharson. Mas essa oportunidade poderia abrir-lhe as portas de novas oportunidades no futuro. E se conseguisse o cargo no Trinity College, ele poderia declinar do cargo no University College.[62]

O Trinity gostou de Lewis. Os colegas o convidaram para um jantar — um modo tradicional de Oxford permitir que sérios candidatos fossem avaliados pelos outros professores. Mas, no final das contas, eles não gostaram dele tanto quanto gostaram de outro candidato. Lewis foi novamente preterido. Dessa vez, entretanto, ele tinha algo a que recorrer.

Lewis agora tinha um emprego, mesmo que isso não satisfizesse seus anseios mais profundos. Ele era obrigado a ensinar Filosofia quando, na verdade, queria ser poeta. A obra *Dymer* era a paixão de sua vida, e a base de sua potencial reputação. Do jeito que as coisas aconteciam, Lewis era um poeta frustrado, obrigado a ensinar Filosofia como meio de sustento. Ele não era o único poeta nessa situação. T. S. Eliot (1888-1965), cuja poesia Lewis detestava, havia escrito seus poemas enquanto trabalhava no Departamento Colonial e Estrangeiro do Lloyds Bank, em Londres.

O desprezo de Lewis por Eliot, que editava o *New Criterion* o levou a tentar pregar uma peça nele. Em junho de 1926, Lewis teve a ideia de enviar para o periódico uma série de poemas que eram uma paródia do estilo de Eliot, na esperança de que a paródia fosse aceita para publicação. Henry Yorke, um dos que participaram da "conspiração", sugeriu um soberbo primeiro verso: "My soul is a windowless façade" ["Minha alma é uma fachada sem janelas"].[63] Infelizmente, o único verso que Lewis conseguiu conceber para vir na sequência desse primeiro fazia uma menção reveladora ao Marquês de Sade. No final, a brincadeira não deu em nada.

Escrever poesia aliviava as tensões de Lewis, mesmo que isso contribuísse pouco para promover suas perspectivas de emprego. O poema *Dymer*, publicado em 1926, era uma versão poética de um anterior trabalho em prosa. Essa obra

não obteve sucesso comercial nem crítico. Na verdade, parece justo sugerir que seu fracasso marcou o término dos sonhos de Lewis de ser reconhecido como poeta, fosse inglês, fosse irlandês. Sempre houve a possibilidade de que Lewis representasse uma voz irlandesa na poesia. Entretanto, sua experiência inicial em Oxford o levou a perceber que o apelo da poesia irlandesa não era universal. Por que, perguntava-se ele, W. B. Yeats não era mais admirado nos círculos literários de Oxford? "Talvez", considerava Lewis, "seu apelo seja puramente irlandês".[64] Mesmo assim, Lewis também acabou entendendo que sua própria voz não seria considerada "irlandesa". Ele era ateu — ou, mais especificamente, um ateu protestante do Ulster. Isso não se encaixava com as fortes associações católicas de "ser irlandês". E, de qualquer modo, ele tinha trocado a Irlanda pela Inglaterra quando ainda era menino, vendendo seu direito de nascimento (assim diriam seus críticos) em troca de uma educação inglesa. Por fim, Lewis não escrevia especificamente sobre temas irlandeses. A inclinação de Lewis era claramente na direção de temas clássicos e universais, não daqueles temas abraçados de forma tradicional por poetas confessadamente irlandeses. A voz autoral de Lewis pode ter sido moldada por sua terra natal; entretanto, ela não falava de maneira aberta sobre essas raízes.

Lendo *Dymer*, eu me senti de tempos em tempos deliciado pela elegância verbal e pela agudeza filosófica de algumas de suas frases ou de seus versos individuais. Entretanto, esses momentos de prazer foram raros e infrequentes. De alguma forma, o conjunto não é igual a suas partes. Seus poucos fragmentos de brilhantismo não se sustentam e são subjugados por longos trechos de versos desbotados e insípidos. *Dymer*, se considerado como um poema, simplesmente não funciona. Como observou um dos amigos de Owen Barfield: "O nível métrico é bom, o vocabulário é vasto; mas não há um único verso de Poesia".[65]

Não está claro quando Lewis finalmente aceitou que nunca obteria reconhecimento como poeta. Ele continuaria escrevendo poemas para deleite próprio, como um modo de desanuviar a mente. Mas o fracasso de *Dymer*, quando foi lançado em 1926, não parece tê-lo precipitado em nenhuma crise de identidade ou perda de confiança. Lewis simplesmente reinventou a si mesmo como escritor de prosa. Paradoxalmente, *Dymer* indica o motivo pelo qual Lewis atingiu tanto reconhecimento e fama: sua habilidade de produzir prosa com toques de uma visão poética, suas frases cuidadosamente construídas permanecendo na memória porque cativaram a imaginação. As qualidades que

associamos à boa poesia, como a apreciação do som das palavras, analogias e imagens ricas e sugestivas, descrições vívidas — um senso lírico — encontram-se na prosa de Lewis.

A atividade docente no Magdalen College

Lewis passou o ano acadêmico de 1924-1925 dando aulas de filosofia para os graduandos no University College, ao mesmo tempo proferindo palestras sobre temas filosóficos. Ele estava assoberbado de trabalho. Seu diário não tem nenhum registro entre 3 de agosto de 1924 e 5 de fevereiro de 1925. Ele proferiu dezesseis palestras para graduandos sobre "O Bem, sua posição entre os valores". Sua palestra inaugural, proferida no dia 14 de outubro, uma terça-feira, no University College, foi assistida apenas por quatro pessoas. (Ele enfrentava uma acirrada concorrência com H. A. Pritchard, e a programação de palestras da universidade informou erroneamente a seus confiantes leitores que a palestra de Lewis ocorreria num local totalmente diferente, no Pembroke College.)[66]

Juntamente com isso, Lewis orientava graduandos em filosofia e fazia trabalhos adicionais para melhorar sua renda, na maioria das vezes, corrigindo provas. Mesmo assim, toda essa ocupação de Lewis não o protegia de seu desemprego cada vez mais evidente. Seu cargo era temporário e expiraria no final do ano acadêmico. Ele não teria emprego no início do verão de 1925. Então ele ouviu a notícia que causaria a maior virada em sua vida.

Em abril de 1925, o Magdalen College anunciou que desejava contratar um professor-tutor de Inglês. O edital do Official Fellowship and Tutorship in English especificava que o candidato escolhido deveria

> atuar como tutor e lecionar para todos os graduandos da Insituição que se preparam para o *Honour School of English Language and Literature*, ministrar palestras intercolegiadas como representante da faculdade para o *Honour School of English* e também supervisionar o trabalho de todos os que estudam para a *Pass School* de Literatura Inglesa.[67]

Lewis já era conhecido no Magdalen College, sendo claramente considerado pela instituição como uma pessoa que estava à altura intelectual que eles exigiam de seus professores. Ele não perdeu tempo e logo fez sua inscrição. Entretanto, como ele informou a seu pai numa disposição um tanto abatida, ele tinha poucas esperanças.[68] Havia rumores de que seu próprio tutor de inglês — Frank Wilson — era também candidato, o que refletia o fato de que

o Magdalen College tinha muito mais recursos que a maioria das faculdades de Oxford. Lewis não teria chance concorrendo com Wilson, que tinha muito mais experiência. Entretanto, ele conseguia alimentar um fio de esperança: se Wilson conseguisse o emprego, ele teria de abandonar seus alunos do University College e do Exeter College. Alguém teria de dar aulas para esses alunos — e por que essa pessoa não poderia ser Lewis?

Depois suas esperanças foram alimentadas por um acontecimento inesperado. Wilson não seria candidato! Fortalecido e encorajado, Lewis escreveu para Wilson e George Gordon, professor de Literatura Inglesa, pedindo que eles escrevessem cartas de apoio a sua candidatura para o cargo no Magdalen College. Ambos disseram que não. Eles já tinham concordado em dar seu apoio a Nevill Coghill. Como lhe informaram, nenhum deles sabia que Lewis estava interessado em Literatura Inglesa, tendo suposto que ele estava buscando cargos na área de Filosofia. Os dois se desculparam muito, mas estavam comprometidos com Coghill.

Lewis ficou arrasado. O apoio de Wilson e de Gordon era de vital importância para que o Magdalen College o levasse a sério. Sem esse suporte, ele não teria chances. Isso era suficiente "para deixar qualquer um desesperado", disse ele ao pai. Então, num segundo acontecimento inesperado, Nevill Coghill recebeu de sua própria faculdade, o Exeter College, um cargo de professor. Coghill cancelou imediatamente sua inscrição no concurso do Magdalen College, o que permitiu que Wilson e Gordon dessem seu apoio total a Lewis. Gordon, como professor de Literatura Inglesa, foi consultado pelo Magdalen College sobre a lista de candidatos, e deixou claro que considerava Lewis o melhor.

Seguindo uma longa tradição, Magdalen College convidou os candidatos preferidos para um jantar, a fim de que os professores como um todo pudessem avaliá-los. Lewis pediu ao colega Farquharson que o aconselhasse em termos do código indumentário do Magdalen College. Farquharson, todo confiante, porém equivocado, garantiu a Lewis que a faculdade era extremamente formal nessa ocasião. Lewis devia usar casaca e gravata borboleta branca.

Lewis compareceu vestindo esse traje excessivamente formal. Para seu embaraço, todos os outros estavam usando *smokings* com gravatas pretas, roupa muito menos cerimoniosa. Mas Lewis causou boa impressão, apesar de sua vestimenta pouco ortodoxa. Chegaram-lhe aos ouvidos rumores de que só havia dois sérios candidatos na competição; um deles era ele, o outro era também

irlandês, John Bryson.



4.5 A torre do Magdalen College, Oxford, em meio à neve durante o inverno de 1910.

No sábado seguinte, Lewis encontrou por acaso na rua o diretor do Magdalen College, *sir* Herbert Warren, e trocou com ele algumas palavras. Na segunda-feira, Warren escreveu a Lewis pedindo para encontrar-se com ele na manhã seguinte. Trata-se de assunto, declarou Warren, "da maior importância". Lewis ficou preocupado: será que alguma coisa tinha dado errado? Teriam descoberto coisas sobre ele que poderiam diminuir suas chances?

Apreensivo, Lewis chegou à sala do diretor do Magdalen. Warren o informou de que eles fariam a escolha na manhã seguinte. Lewis era o candidato favorito, e ele queria garantir que Lewis entendia completamente quais eram os deveres e as responsabilidades de um professor ali. Mais importante ainda foi que Warren queria garantir que Lewis estava disposto a ensinar Filosofia, além de Inglês. Grandemente aliviado, Lewis garantiu ao diretor que esse era realmente o caso. Foi assim que aconteceu. Warren indicou que a reunião estava terminada, e pediu a Lewis que estivesse disponível para ser contatado por telefone no University College na tarde do dia seguinte.

A ligação aconteceu. Lewis fez a curta caminhada até o Magdalen College, onde Warren lhe informou que ele tinha sido o escolhido. Ele receberia um salário de 500 libras, alojamento na faculdade, ajuda de custos para alimentação e uma pensão. O contrato inicial era de cinco anos; e se as coisas funcionassem bem, ele seria renovado.[69] Lewis correu para a agência dos correios e enviou um telegrama ao pai: "Professor selecionado Magdalen. Jack". Um anúncio um pouco mais completo apareceu no *Times*, de Londres, no dia 22 de maio:

> O diretor e os professores do Magdalen College elegeram para o cargo oficial de tutor de Língua e Literatura Inglesa, por cinco anos, a partir do dia 15 de junho próximo, o sr. Clive Staples Lewis, M. A. (University College).
>
> O sr. Lewis estudou inicialmente no Malvern College. Obteve uma bolsa de estudos em Letras Clássicas no University College em 1915 e (depois de ter servido na guerra) um First Class em *Classical Moderations* em 1920, prêmio *Chancellor* para ensaio em inglês em 1921, First Class em *Literae Humaniores* em 1922, e First Class em *Honour School* de Língua e Literatura Inglesa em 1923.[70]

Lewis não mais dependeria financeiramente do pai. Sua vida de repente parecia muito mais estável e cômoda. Ele agradeceu ao pai o "generoso apoio" durante seis longos anos, sem reclamar e sempre o encorajando. Lewis havia conseguido. Finalmente, ele era um professor de Oxford.

DOCÊNCIA, FAMÍLIA E AMIZADE: OS PRIMEIROS ANOS NO MAGDALEN COLLEGE

O MAGDALEN COLLEGE DE OXFORD foi fundado em 1458 por William Waynflete (aprox. 1398-1486), bispo de Winchester e chanceler da Inglaterra. Como arcebispo de uma diocese rica e não tendo família, Waynflete adotou o Magdalen College como seu projeto pessoal. Durante vinte anos, Waynflete inundou a nova Instituição com prédios e recursos financeiros. Quando ele redigiu os primeiros estatutos em 1480, o estabelecimento estava rico o suficiente para sustentar quarenta membros do corpo acadêmico, trinta alunos bolsistas e um coro. Poucas faculdades de Oxford ou de Cambridge poderiam esperar ter um dote tão generoso. Quando Lewis assumiu seu cargo acadêmico, a faculdade de Magdalen ainda era — juntamente com a de St. John — amplamente conhecida como a mais rica de Oxford.

Docência: o Magdalen College

Lewis foi formalmente admitido para seu cargo acadêmico no Magdalen College numa cerimônia em agosto de 1925. Todo o corpo docente da faculdade se reuniu para testemunhar sua admissão, seguindo a antiga tradição. Lewis teve de se ajoelhar diante do presidente durante a leitura de uma longa fórmula em latim. Em seguida, o presidente fez Lewis levantar-se, enquanto lhe

dirigia as palavras: "Eu lhe desejo alegria". A dignidade da ocasião foi até certo ponto prejudicada quando o desajeitado Lewis tropeçou em sua própria beca. Ainda bem que ele se recuperou desse desastre, e lentamente percorreu seu caminho em volta da sala para que todos os circunstantes pudessem pessoalmente lhe desejar "alegria", embora fosse óbvio que eles preferissem estar em outro lugar.[1] O leitor poderia deter-se nessa palavra *alegria*, dada a importância dela para Lewis.

Lewis assumiu de fato seu cargo de docente no dia 1º de outubro. Depois de passar mais de duas semanas com o pai em Belfast, ele voltou para Oxford a fim de mudar-se para um alojamento no Prédio Novo do Magdalen College (de 1733), uma estrutura magnífica de estilo clássico romano, originariamente construída para ser o lado norte de uma nova quadra, mas que no fim se manteve magnificamente isolado. Lewis recebeu o aposento 3 na Escadaria III, um conjunto consistindo em um quarto de dormir e duas salas de estar. A mais ampla das salas de estar tinha vista para o norte por sobre o bosque do Magdalen College, onde morava o bando de cervos da instituição. O quarto de dormir e a sala de estar menor tinham vista para o sul, proporcionando a Lewis uma vista magnífica do gramado dos principais prédios da faculdade e de sua famosa torre. Não é exagero dizer que Lewis havia conseguido para si uma das mais belas vistas de Oxford.

O caráter do Magdalen College dessa época fora moldado por *sir* Herbert Warren, carinhosamente conhecido entre os professores como "Sambo", eleito presidente da instituição em 1885 aos 32 anos. Warren não se aposentaria até 1928, e durante os 43 anos de sua presidência, ele moldou a faculdade à sua semelhança. Talvez uma das mais impressionantes feições da cultura acadêmica estabelecida por Warren foi "o quase exagero de vida comunitária e colegiada" dessa faculdade.[2] Os docentes eram fortemente estimulados a almoçar e jantar juntos. Professores solteiros que moravam no estabelecimento, como Lewis, também tomavam juntos o café da manhã.[3] Lewis se tornara parte de uma comunidade de acadêmicos.

Numa situação em que algumas faculdades permitiam que os professores almoçassem ou jantassem privadamente em seus aposentos, Warren insistia pedindo que eles compartilhassem suas refeições, vendo isso como uma forma de desenvolver a identidade corporativa da faculdade e reforçar sua hierarquia social. No jantar da faculdade, exigia-se que os professores trajassem becas e

entrassem no salão saindo da sala dos professores por ordem hierárquica. Seus assentos na mesa principal eram, da mesma forma, distribuídos de acordo com a hierarquia, e evitava-se o emprego familiar dos nomes de batismo. Os professores referiam-se uns aos outros pelo sobrenome ou pelo ofício: "sr. vice-presidente", "professor sênior" ou "tutor de Ciências".[4]



5.1 O presidente e os membros do corpo docente do Magdalen College, em julho de 1928. Essa fotografia foi tirada para registrar a aposentadoria de *sir* Herbert Warren (no centro, na primeira fileira) como presidente da faculdade. Lewis aparece de pé à direita de Warren, na segunda fileira.

A complexa máquina social e intelectual da Universidade de Oxford nessa época era lubrificada por enorme quantidade de bebida alcoólica. O Magdalen College talvez fosse uma das faculdades oxfordianas onde se bebia mais, e particularmente seus professores residentes tendiam a cometer excessos. Durante 1924 e 1925, a sala dos professores saldou uma dívida vendendo 24 mil garrafas de vinho do Porto, angariando a quantia de quatro mil libras.[5] Apostas entre professores eram pagas em termos de caixas de vinho clarete ou do Porto

em vez de dinheiro vivo. O mordomo da sala dos professores foi visto certa vez carregando uma bandeja de prata com *brandy* e charutos pelo recinto da faculdade às 11 horas da manhã. Ao ser indagado sobre o que estava fazendo, ele respondeu que estava levando o café da manhã para um dos professores. Lewis mantinha um barril de cerveja em seu alojamento para entreter colegas e estudantes, mas, afora isso, ele parece ter evitado os excessos de bebida alcoólica, típicos dos anos que antecederam a guerra.

A visão enérgica de Warren em relação à vida comunitária moldou a rotina semanal de Lewis. Em janeiro de 1927, Lewis já havia aperfeiçoado seu cronograma regular de trabalho. No recesso escolar, ele residia em Hillsboro, e tomava um ônibus para ir à faculdade, onde permanecia durante as horas de trabalho e lá almoçava. Durante o período letivo, Lewis pernoitava na faculdade e retornava para casa de ônibus para ficar com "a família" durante a tarde quando não tinha incumbências letivas ou administrativas. Voltava ao Magdalen College no fim da tarde e jantava com seus colegas.

Lewis receberia, por ano, 500 libras como professor-tutor oficial. Era um estipêndio generoso, o teto salarial dos professores da faculdade. Se Lewis tivesse sido escolhido mediante um exame de seleção, ele teria desfrutado de apenas metade dessa quantia.[6] No entanto, logo ficaria claro que o custo de vida no Magdalen College era bem mais caro do que Lewis havia antecipado. Para começar, seu alojamento estava desprovido de móveis ou revestimento de piso. Lewis encontrou dois — apenas dois — itens em seu alojamento: um lavatório em seu quarto e um revestimento de linóleo na menor de suas duas salas de estar. Ele teria de mobiliar completamente o alojamento às próprias custas. No fim, teve de gastar 90 libras — uma quantia elevada para aquela época — comprando revestimentos, mesas, cadeiras, uma cama, cortinas, carvoeiras e utensílios para lareira. Foi uma despesa grande e inesperada, apesar de Lewis economizar sempre que possível, comprando itens de segunda mão.[7]

Além disso, Lewis recebia regularmente da administração faturas de "*battels*", termo oxfordiano arcano, designando as despesas universitárias a pagar, como, por exemplo, refeições e bebidas. Lewis confidenciou a seu diário que a sra. Moore não ficou nada satisfeita quando descobriu que ele estava recebendo um salário bastante inferior ao que ele a levara a esperar. Depois de algumas conversas um tanto incômodas com James Thompson, o administrador da faculdade, Lewis começou a perceber que, feitos os devidos descontos, ele de

fato levava para casa cerca de 360 libras por ano.[8] E ainda era preciso se debitar o imposto de renda.



5.2 O Prédio Novo, Magdalen College, por volta de 1925.

Lewis interrompeu seu diário depois de uma longa anotação para o dia 5 de setembro de 1925 e não o retomou até 27 de abril de 1926. Não é difícil explicar a razão disso. Lewis estava se adaptando a um novo estilo de vida, com novos colegas a conhecer e uma nova instituição cujo funcionamento ele precisava entender. Tinha de preparar novos cursos e tutorear alunos. Seu trabalho como tutor em Filosofia era pouco exigente e pouco interessante. Harry Weldon, o professor de Filosofia do Magdalen College, tendia a despejar sobre Lewis os alunos menos interessantes e menos competentes, mantendo para si os melhores estudantes. No entanto, a maior carga de trabalho de Lewis consistia em ministrar aulas e orientar alunos no campo da Literatura Inglesa, bem como em ensinar crítica textual a estudantes pesquisadores. Eram poucos os alunos

que se dedicavam ao estudo do inglês (e que, assim, precisariam de orientação) no Magdalen College nessa época. Apesar disso, Lewis foi requisitado para elaborar um novo curso de Literatura Inglesa para várias faculdades de Oxford, o que, a seu ver, exigia muito trabalho.

Lewis era tutor de alunos de graduação do Magdalen College (e, mediante acordos prévios, de outras faculdades). Esse método didático de tutoria, característico das duas "antigas universidades" inglesas, Oxford e Cambridge, implicava especificamente num único aluno que fazia para o seu tutor a leitura de um ensaio. Em seguida, o tutor discutia e criticava o trabalho. Lewis logo ganhou fama de tutor rigoroso e exigente, embora isso tenha sido suavizado ao longo do tempo. A década de 1930 é geralmente considerada o período de ouro de Lewis como docente de Oxford. Àquela altura, ele havia aperfeiçoado suas técnicas de professor e tutor.[9]

Seus primeiros anos, porém, foram marcados pela impaciência com a preguiça e a falta de percepção de seus alunos, como no caso de John Betjeman (1906-1984). Muitos deles pareciam considerar sua passagem por Oxford uma inebriante extensão de sua vida escolar devassa e ociosa. Não foi por coincidência que o autor P. G. Wodehouse (1881-1975) colocou seu personagem supersimpático (mas igualmente preguiçoso e obtuso), Bertie Wooster (um cavalheiro rico e desocupado, narrador de dezenas de contos de Wodehouse) entre os alunos de graduação do Magdalen College pouco antes da época da chegada de C. S. Lewis.

Ruptura da família: a morte de Albert Lewis

A morte da mãe de Lewis, em 1908, havia causado uma reviravolta em sua vida. Lewis adorava a mãe, que era sua âncora e seu fundamento. Como vimos, ele passou a desprezar e a enganar o pai. Uma radiografia de 26 de julho de 1929 preocupou os médicos de Albert Lewis, e o levaram a registrar um comentário na caderneta que carregava consigo: "Resultados um tanto inquietantes".[10] No início de setembro de 1929, Albert Lewis foi internado numa casa de saúde situada à rua Upper Crescent, 7, em Belfast. Uma operação exploratória revelou que ele tinha um câncer, embora não considerado em estado suficientemente avançado para justificar preocupações imediatas.

Lewis havia viajado para Belfast a fim de ficar com o pai, chegando lá no dia 11 de agosto. Ele considerava aquela uma tarefa enfadonha. Escreveu a seu

amigo íntimo Owen Barfield, deixando claro, de forma perturbadora, seus sentimentos negativos em relação ao pai: "Estou cuidando do leito quase indolor de uma pessoa por quem tenho pouca afeição e cuja companhia durante muitos anos me causou bastante desconforto e nenhum prazer".[11] Embora não tivesse nenhuma afeição por seu pai, ele estava achando sua deteriorada saúde insuportável. Como seria, perguntava-se ele, cuidar do leito de alguém que a gente realmente amasse?



5.3 Última fotografia conhecida de Albert Lewis, 1928.

Lewis decidiu que o estado de saúde de seu pai era estável o suficiente para permitir-lhe voltar a Oxford no dia 21 de setembro.[12] Ele não tinha nenhuma vontade de ficar com o pai, e parecia não ter sentido ficar. Ele tinha trabalho a fazer em Oxford no preparo do início do novo ano acadêmico. Essa decisão

compreensível resultou num erro de avaliação. Dois dias mais tarde, seu pai perdeu a consciência e depois morreu, ao que parece, em consequência de uma hemorragia cerebral, talvez causada mais por uma complicação da cirurgia do que pelo próprio câncer. Lewis, depois de receber a notícia da piora da saúde de seu pai, voltou às pressas de Oxford para Belfast, mas não chegou a tempo. No fim, Albert Lewis morreu na quarta-feira de 25 de setembro de 1929, sozinho, numa casa de saúde, sem a companhia de nenhum dos dois filhos.[13]

Os dois principais jornais da cidade — o *Belfast Telegraph* e o *Belfast Newsletter* — publicaram extensos obituários sobre Albert Lewis, evocando sua notável reputação profissional e seu profundo amor pela literatura. É fácil entender a ausência de Warren por ocasião da morte de seu pai. Afinal, ele estava servindo o exército, acantonado muito longe, em Xangai. Não havia como voltar a tempo do Extremo Oriente.

Onde muitos veriam a atitude de Lewis em relação a seu pai como tensa, mas respeitosa, outros acreditam que o estimado advogado fora abandonado pelo filho caçula, que tomara sua lamentável decisão de deixar a Irlanda, não ficando com seu pai em suas últimas horas.

Albert Lewis havia sustentado financeiramente o filho caçula por seis longos anos, e alguns de Belfast parecem ter achado que ele merecia um tratamento melhor da parte de Lewis. O cônego John Barry (1915-2006), um pároco auxiliar da igreja de São Marcos, em Dundela — onde ocorreu o funeral de Albert Lewis no dia 27 de setembro de 1929 —, evoca uma "espécie de calafrio" que certos círculos de Belfast sentiram posteriormente ante a menção do nome de C. S. Lewis, talvez por causa de um inconformado ressentimento em relação a como ele havia tratado seu pai.[14] As pessoas têm boa memória em Belfast.

É inquestionável que Lewis sentiu dor e culpa pela morte de seu pai durante o resto da vida. Há indícios disso em muitos pontos de suas cartas, especialmente na dramática frase de abertura de uma delas, de março de 1954: "Eu tratei meu próprio pai de modo abominável, e agora nenhum pecado em toda a minha vida me parece tão grave".[15] Alguns concordam com essa crítica; outros, porém, acham que ela é exagerada.

É importante ver esse episódio no contexto cultural daquela época em Belfast, particularmente em relação aos filhos que deixavam seus pais para tentar a sorte na Inglaterra. No entanto, Lewis não escolheu estudar na

Inglaterra; seu pai tomou essa decisão por ele, lançando assim as fundações para a carreira de seu filho em Oxford. Uma leitura indulgente da correspondência de Lewis por volta desse período indica que seu senso de dever para com seu pai prevaleceu sobre qualquer falta de afeição. Lewis passou seis longas semanas com ele no verão de 1929, longe "da família", e não conseguiu terminar seu trabalho de preparação para o novo ano acadêmico da Universidade de Oxford. Ele precisava voltar para casa, e justificavelmente acreditava que seu pai não corria perigo. Lewis voltou para a Irlanda no momento em que soube que as coisas haviam piorado.

Durante sua breve estadia em Belfast por ocasião do funeral do pai, Lewis tomou algumas decisões. Embora o testamento paterno houvesse indicado os dois filhos como testamenteiros e únicos beneficiários, a ausência de Warnie, que estava na China, significou que Lewis teria de agir em benefício de ambos ao tomar certas decisões legais. Fato de máxima importância, Little Lea teria de ser vendida, embora Lewis o tenha postergado. Ele demitiu o jardineiro e a empregada doméstica, mas manteve Mary Cullen — que Lewis carinhosamente apelidava de "Bruxa de En-Dor' — como governanta até a casa ser vendida. A decisão de postergar a venda do imóvel teve consequências econômicas negativas, no mínimo causa de sua deterioração durante o inverno, reduzindo seu potencial valor venal. No entanto, Lewis achou melhor esperar o regresso de seu irmão antes de chegar a qualquer decisão final sobre o que fazer com o que havia dentro da casa.[16]

Warnie finalmente voltou de Xangai durante uma licença no dia 16 de abril de 1930 e ficou com Lewis e a sra. Moore em Oxford. Little Lea ainda não havia encontrado um comprador. Lewis e Warnie viajaram para Belfast para prestar homenagens no túmulo do pai, e juntos fizeram sua última visita à casa repleta de memórias. Ambos acharam deprimente essa passagem por sua antiga residência, em parte por causa de sua deterioração, e em parte por causa das irrecuperáveis lembranças associadas a ela. Oprimidos pelo "intenso silêncio" e "absoluta ausência de vida" dos aposentos,[17] os irmãos solenemente sepultaram na horta os seus brinquedos. Foi uma despedida triste e solitária de sua infância e de seus mundos imaginários, que outrora haviam construído e habitado. Depois disso, Little Lea foi vendida por 2.300 libras, muito menos do que haviam previsto, em janeiro de 1931. Foi o fim de uma era.

A prolongada influência de Albert Lewis

Lewis talvez tenha superado a presença de seu pai num sentido legal e financeiro. No entanto, temos todos os motivos para pensar que, nos últimos anos de sua vida, ele passou a considerar repreensível sua atitude para com o pai, já idoso. Lewis conseguiu superar essa questão do seu jeito típico: escrevendo um livro. Embora *Surpreendido pela alegria* possa ser lido como uma autobiografia espiritual, rica em memórias de Lewis em relação a seu próprio passado e à moldagem do seu mundo interior, ela claramente desempenhou outro papel: permitiu que Lewis fizesse as pazes com seu comportamento no passado.

Numa carta endereçada a Dom Bede Griffiths em 1956, logo após a publicação de *Surpreendido pela alegria*, Lewis refletiu sobre a importância de saber discernir padrões na vida de um indivíduo. "A gradual *leitura* de nossa própria vida, vendo emergir um padrão, é uma grande iluminação nesta nossa época."[18] É difícil ler as reflexões autobiográficas de Lewis sem ter em mente esse ponto. Para Lewis, a narrativa de sua própria história implicava em identificar um padrão de sentido. Ela lhe permitiu vislumbrar o "amplo quadro" e discernir a "grande história" de todas as coisas, de modo que fotografias e histórias de sua vida pudessem assumir um sentido mais profundo.

No entanto, a frase seguinte dessa carta para Griffiths revela uma preocupação mais aguda que Lewis claramente considerava significativa: "*libertar-se* do passado como passado ao entendê-lo como estrutura". O leitor atento de *Surpreendido pela alegria* notará a omissão ou marginalização de três questões que claramente causaram dificuldades emocionais durante boa parte da vida de Lewis.

Em primeiro lugar, e talvez de modo mais notável, ele deixa claro que, por uma questão de honra, não deve fazer menções à sra. Moore, apesar do enorme papel desempenhado por ela em sua história pessoal. "Mesmo que eu tivesse liberdade para contar a história", escreve ele, "duvido que ela tenha muito a ver com o tema deste livro".[19]

A segunda marca notável é a relativa ausência de referências ao sofrimento e devastação da Grande Guerra, que causou a destruição intelectual na mente e na alma de muitíssimas pessoas. Já chamamos a atenção para esse ponto no início desta narrativa, e ele é importante para se entender o desenvolvimento de Lewis, seja como estudioso, seja como apologista cristão. Onde alguns

argumentaram que a descoberta da fé religiosa de Lewis pode ser vista como um fio narrativo amplamente psicanalítico, conferindo unidade à evolução desse homem, as provas não garantem isso. A verdadeira questão está no desmantelamento de aspirações, valores e certezas fixas da geração anterior, causado pelas assustadoras memórias dos horrores da carnificina da atividade bélica moderna; tema que impregna grande parte da literatura inglesa da década de 1920.

A terceira marca implícita diz respeito à morte de Albert Lewis em 1929. Esse fato, declara Lewis, "não entra realmente na história" que ele quer contar.[20] Talvez Lewis o considerasse irrelevante. Talvez também fosse um ponto doloroso demais para discutir. Quanto devemos acreditar numa seção do ensaio "On Forgiveness" [Sobre o perdão], que Lewis escreveu em 1941, no qual ele enfatiza a necessidade de aceitarmos que fomos perdoados, muito embora nos vejamos como imperdoáveis? Convidando seus leitores a refletir sobre a necessidade de reconhecer as falhas humanas, Lewis nos dá alguns exemplos de atitudes persistentes que precisam de constante perdão. Uma delas se destaca aos olhos de todos os que conhecem a história pessoal de Lewis: a do "filho dissimulado". "Ser cristão significa perdoar o que não tem perdão, porque Deus perdoou o que não tem perdão em você."[21]

Um dos mais importantes temas de *Till We Have Faces* [Até que tenhamos rostos] de 1956 — que se pode defender como a mais profunda obra de ficção escrita por Lewis — é a dificuldade de nos conhecermos como realmente somos e a profunda dor que esse conhecimento implica, em última análise. Talvez precisemos ler *Surpreendido pela alegria* tendo esse ponto em mente. A supressão de certos temas no relato que Lewis faz de sua evolução pessoal não é uma marca de desonestidade, mas uma marca da dor que a lembrança deles engendrava.

Há um ponto específico que intriga o leitor da correspondência de Lewis escrita por volta da época da morte de seu pai. Em *Surpreendido pela alegria*, Lewis nos conta que ele começou a crer ativamente em Deus em algum momento durante o período "Trinity" de 1929[22] da Universidade de Oxford, pelo menos três meses, possivelmente cinco, antes da morte de seu pai. No entanto, em nenhum ponto de sua correspondência por volta da época da morte do pai — nem, de fato, durante os seis meses subsequentes — ele menciona essa crença ou fala de extrair dela algum consolo.

Lewis não via seu pai com muito afeto, e parece ter achado que seu falecimento, mais que um trauma, fora um alívio. Todavia, a ausência de referências a Deus por volta dessa época é tão conspícua quanto curiosa. Não se encaixa bem na cronologia que Lewis faz de sua própria conversão. Será possível que a morte de Albert Lewis de fato levou Lewis a *explorar* a questão de Deus, em vez de ter sido um fato interpretado por ele à luz dessa crença? Será possível que a morte do pai forçou Lewis a fazer perguntas mais profundas — até então não respondias — acerca da existência, e a buscar respostas mais satisfatórias? Vamos voltar a essa questão no capítulo seguinte, onde apresentaremos mais questões quanto à compreensão da jornada de Lewis do ateísmo ao cristianismo.

Reaproximação da família: Warnie passa a morar em Oxford

Em 1930, a organização doméstica de Lewis mudou significativamente. Como vimos, depois da morte do pai em setembro de 1929, os dois irmãos se tornaram herdeiros únicos de Little Lea. Lewis se havia correspondido com o irmão Warnie, que em 1930 estava em Xangai, sobre a difícil e penosa questão de pôr à venda a casa da infância deles. Warnie queria visitar a casa pela última vez antes que fosse vendida. Lewis queria vendê-la o mais rápido possível, embora percebesse que uma venda antecipada impediria o irmão de fazer aquela visita sentimental.[23]

Está evidente que uma nova possibilidade começava a emergir na mente de Lewis: a recriação *em Oxford* do "pequeno quarto dos fundos" de Little Lea, onde os dois irmãos compartilharam sua infância. Que tal se Warnie viesse morar com Lewis depois de deixar o exército, talvez ocupando um dos cômodos do alojamento de Lewis no Magdalen College? Ou talvez juntando-se à sra. Moore e adquirindo uma casa maior que a de Hillsboro? A sra. Moore, deve-se enfatizar, parece ter-se mostrado muito a favor da última opção, mais ambiciosa. Era uma consequência natural de sua natureza intrinsecamente hospitaleira. Warnie não seria hóspede deles. Seria parte da casa, a *família* deles.

Apresentando essa possibilidade ao irmão, Lewis enfatizou que isso teria desvantagens. Será que ele conseguiria suportar a despretensiosa culinária deles? O frequente "mau-humor" de Maureen? As "trapaças da Minto"? No entanto, não há dúvida de que Lewis queria que Warnie fizesse parte da sua vida em família. "Eu definitivamente decidi e não me arrependo da decisão. O que

espero — espero muito — é que você, depois de refletir, possa chegar à mesma decisão, e não se arrepender".[24]

Em maio de 1930, Warnie tomou duas decisões. Primeiro, ele editaria os escritos da família Lewis, num gesto de homenagem aos pais; segundo, ele moraria com seu irmão e a família dele em Hillsboro o mais breve possível. Outra possibilidade estava surgindo enquanto Warnie tomava sua decisão: a compra de uma casa nova e maior. Até esse momento, Lewis e a sra. Moore haviam alugado imóveis em conjunto. Mas o contrato docente de Lewis havia sido renovado depois de seu quinquênio inicial. Agora ele tinha uma situação financeira estável, tendo a segurança de uma renda regular para o resto de sua vida de trabalho. Ele e Warnie podiam esperar receber uma soma razoável quando Little Lea fosse finalmente vendida. Warnie tinha suas economias. E a sra. Moore havia herdado um fundo fiduciário em consequência da morte de seu irmão, dr. John Askins. Se juntassem seus recursos, poderiam comprar uma propriedade grande o suficiente para todos.

No dia 6 de julho de 1930, Lewis, Warnie e "a família" viram "The Kilns" pela primeira vez. Era uma construção baixa, comum, em Headington Quarry, aos pés da colina Shotover Hill, onde Lewis gostava de fazer suas caminhadas. Situada num terreno de 28 mil metros quadrados, essa propriedade precisava ser expandida para acomodar quatro pessoas. No entanto, os três participantes no empreendimento se declararam satisfeitos com ela, mesmo considerando todo o trabalho a ser feito. O preço pedido era de 3.500 libras que foi negociado e reduzido para 3.300. Warnie fez um depósito em dinheiro de 300 libras e contribuiu com mais 500 para amortizar a dívida. Os curadores da sra. Moore investiram 1.500 libras, e Lewis pôs mais 1.000.[25] Dois cômodos foram adicionados à construção logo em seguida, preparados para o regresso definitivo de Warnie do serviço militar.

A propriedade foi registrada em nome da sra. Moore, tendo cada irmão o direito permanente de ocupá-la por toda a vida. "The Kilns" não era, rigorosamente falando, a casa de Lewis. Ele morava lá, mas não era o proprietário. Tinha tudo o que queria, um "arrendamento vitalício" que conferia a ele e a Warnie o direito à moradia até a morte deles. Quando a sra. Moore faleceu em janeiro de 1951, o título de propriedade passou para sua filha Maureen, com os dois irmãos Lewis continuando a ter o direito vitalício à moradia.[26] (No fim, a escritura, livre e desembaraçada de qualquer ônus em

relação à casa e à propriedade, foi passada para Maureen por ocasião da morte de Warnie em 1973.)



5.4 Lewis, a sra. Moore e Warnie em The Kilns, no verão de 1930.

The Kilns desempenharia um papel importante na consolidação da vida de Lewis, sobretudo porque significou uma residência garantida para o seu irmão. Warnie embarcou no *SS Automedon* em 22 de outubro de 1932 em seu regresso de Xangai. Aportou na cidade de Liverpool em 15 de dezembro, e em seguida viajou para Oxford. "Parece bom demais para ser verdade!", escreveu-lhe Lewis. "Eu mal posso acreditar que quando você tirar seus sapatos daqui a mais ou menos uma semana, queira Deus, você poderá dizer: 'Isto está bom para mim — para toda a vida'."[27] Warnie finalmente aposentou-se do exército no dia 20 de dezembro, embora continuasse na lista de reservistas.[28] Esse relacionamento renovado com seu irmão, para o bem ou para o mal (e foi geralmente para o bem), teria importância crítica para o resto da vida de Lewis.[29]

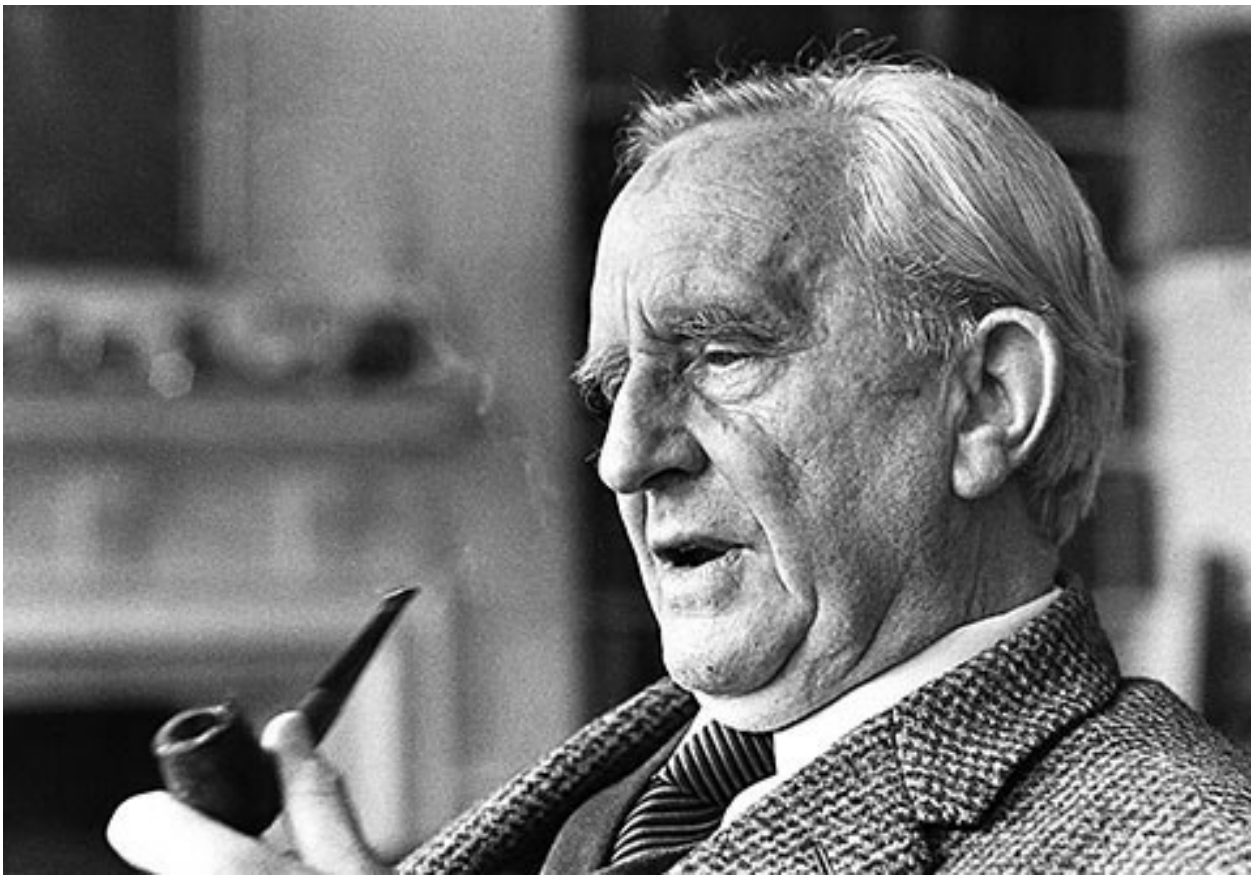
No entanto, precisamos mencionar outro relacionamento que surgiu por volta dessa época, que também seria importante para Lewis: sua profunda amizade com John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973).

Amizade: J. R. R. Tolkien

As responsabilidades docentes de Lewis ultrapassavam o Magdalen College. Ele era membro da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa da Universidade de Oxford, e fazia palestras em várias faculdades oxfordianas sobre aspectos da literatura inglesa, tais como "Precursores do movimento romântico no século 18". Ele também frequentava reuniões da faculdade que geralmente discutiam programas didáticos e administrativos. Essas reuniões aconteciam às 16 horas e eram conhecidas como "Chá inglês"[30] por serem seguidas pelo chá servido no Merton College, onde trabalhavam dois professores de Inglês dessa faculdade.

Foi num Chá inglês de 11 de maio de 1926 que Lewis teve seu primeiro encontro com J. R. R. Tolkien, um "sujeito sereno, pálido e fluente",[31] que passara a integrar o corpo docente do programa de Inglês de Oxford na cadeira Rawlinson e Bosworth de Anglo-Saxão no ano anterior. Lewis e Tolkien logo se envolveram num debate em defesa de um currículo que enfocava textos em inglês antigo e medieval e exigia o domínio do inglês antigo e do inglês médio. Lewis acreditava que a melhor maneira de ensinar o programa de Inglês era enfocar a literatura inglesa a partir de Geoffrey Chaucer (aprox. 1343-1400).

Tolkien estava preparado para defender sua posição, e trabalhava arduamente para promover o estudo de línguas esquecidas. Para divulgar seus objetivos, ele fundou um grupo de estudo que denominou *Kolbítar*, com o objetivo de fomentar uma apreciação do norueguês antigo e literatura associada. Lewis aderiu ao grupo.[32] O curioso termo *Kolbítar* foi adotado do islandês; literalmente significa "morde-brasa", e era um termo jocoso para designar noruegueses que se recusavam a participar de caçadas ou batalhas, preferindo em vez disso ficar dentro de casa e desfrutar a proteção do calor junto ao fogo. Na expressão de Lewis, esse termo (cuja pronúncia ele insistia ser "Coal-béet-ar" [pronúncia inglesa de *coal biter*, "mordedor de brasa"])[33] refere-se a "velhos amigos que se sentam tão perto do fogo que parecem estar mordendo as brasas". Lewis considerou esse "pequeno clube islandês" um forte estímulo para a sua imaginação, que o empurrou de volta para "um sonho fantástico de céus nórdicos e música de valquírias".[34]



5.5 J. R. R. Tolkien, fotografado em seu alojamento no Merton College na década de 1970. © Billett Potter, Oxford.

O relacionamento de Lewis com Tolkien é um dos mais importantes de sua vida pessoal e profissional. Ambos tinham muito em comum, tanto em termos literários como em experiências compartilhadas de campos de batalha da Grande Guerra. No entanto, a correspondência e os diários de Lewis contêm apenas referências eventuais a Tolkien antes do final de 1929, quando começam a emergir provas de um relacionamento cada vez mais profundo. Lewis escreveu a Arthur Greeves: "Uma semana fiquei acordado até as 2h30 de uma segunda-feira (conversando com o professor de anglo-saxão Tolkien, que voltou comigo para a faculdade depois de um encontro social e ficou lá sentado discursando sobre deuses e gigantes e Asgard durante três horas)".[35]

Algo que Lewis disse aquela noite deve ter persuadido Tolkien a confiar nesse homem mais jovem. Ele pediu que Lewis lesse um longo poema narrativo que ele vinha compondo desde sua chegada a Oxford, que tinha como título *The Lay of Leithian* [A balada de Leithian].[36] Tolkien era um acadêmico sênior de

Oxford, que era conhecido no campo da filologia, mas que alimentava um interesse pessoal pela mitologia. Tolkien havia aberto de par em par as cortinas de seu verdadeiro eu e convidado Lewis a entrar no seu santuário. Era um risco pessoal e profissional que ele, sendo mais velho, corria.

Lewis não poderia ter adivinhado aquilo, mas nesse ponto Tolkien precisava de um "amigo crítico", um mentor que estimulasse e criticasse, afirmasse e melhorasse seu texto — acima de tudo, alguém que o forçasse a levá-lo a bom termo. Ele tinha tido "amigos críticos" no passado, na pessoa de dois velhos colegas de escola: Geoffrey Bache Smith (1894-1916) e Christopher Luke Wiseman (1893-1987).[37] Todavia, Smith havia entrado para a marinha de Lancashire e morrera devido a ferimentos sofridos na Batalha do Somme; e Wiseman se afastara de Tolkien depois de ter sido nomeado diretor do Queen's College, em Taunton, no oeste da Inglaterra. Tolkien era um meticuloso perfeccionista, e ele sabia disso. De fato, uma história que escreveu no fim da vida, "Leaf by Niggle" [Folha, de Niggle] — que trata de um pintor que não consegue nunca acabar seu quadro representando uma árvore por causa de seu constante desejo de expandi-la e aperfeiçoá-la —, pode ser vista como uma paródia crítica das dificuldades que o próprio Tolkien enfrentava na composição de seus textos. Alguém precisava ajudá-lo a dominar seu perfeccionismo. E aquilo de que Tolkien precisava ele encontrou em Lewis.

Podemos seguramente supor que Tolkien soltou um profundo suspiro de alívio quando Lewis reagiu com entusiasmo ao seu poema. "Posso sinceramente dizer", escreveu ele a Tolkien, "que havia muito tempo eu não desfrutava de uma noite de tanto prazer".[38] Embora tenhamos de fazer uma pausa na narrativa dessa história particular enquanto enfocamos outras questões, não é exagero nenhum dizer que Lewis viria a ser o principal parteiro de uma das grandes obras literárias do século 20, *O senhor dos anéis*, de Tolkien.

Mas, num certo sentido, Tolkien também exerceria a função de parteiro para Lewis. Pode-se sustentar que Tolkien removeu o último obstáculo no caminho de Lewis rumo a sua descoberta da fé cristã, uma história complexa e importante que, por si só, exige um capítulo à parte.

O MAIS RELUTANTE DOS CONVERTIDOS: A FORMAÇÃO DE UM CRISTÃO PURO E SIMPLES

LEWIS É ATUALMENTE LEMBRADO COMO UM AUTOR CRISTÃO. No entanto, o tom de seus escritos do início da década de 1920 é inquestionavelmente ateísta, tecendo severas críticas à religião em geral e ao cristianismo em particular, chegando a descartá-los totalmente. Mas como e por que ele mudou de ideia? Neste capítulo, vamos considerar a lenta conversão de Lewis de seu antigo ateísmo, inicialmente para uma firme crença intelectual em Deus, por volta do verão de 1930, e no fim, para um compromisso explícito e esclarecido com o cristianismo, por volta do verão de 1932. É uma história complexa, que merece ser contada em detalhes por causa de seu interesse intrínseco e por ser um meio de entender a ascensão de Lewis para a fama como uma voz cristã nas diferentes esferas da intelectualidade literária e da cultura popular.

A renascença religiosa inglesa da década de 1920

Em 1930, o célebre escritor Evelyn Waugh (1903-1966) — cuja obra *Corpos vis* havia sido saudada no início daquele ano como "*o* romance ultramoderno" — lançou uma bomba nos círculos literários. Ele anunciou que havia se convertido

ao catolicismo. Essa revelação foi tão inesperada e significativa que imediatamente ganhou as manchetes de um dos principais jornais da Grã-Bretanha, o *Daily Express*. Como, perguntava-se o editor, um autor conhecido por sua "adesão quase apaixonada ao ultramoderno" podia ter abraçado a fé católica? Durante a semana subsequente, as colunas do jornal foram ocupadas por comentários e reflexões sobre essa revelação inesperada e intrigante.

No entanto, a atenção cultural dada à conversão de Waugh deveu-se apenas em parte a seu *status* de célebre jovem autor de romances satíricos, campeões de venda do momento. Waugh foi o último de uma longa fila de figuras literárias a abraçar o catolicismo — tais como G. K. Chesterton (1874-1936), que se converteu em 1922, e Graham Greene (1904-1991), que se converteu em 1926.[1] Alguns começaram a se perguntar se uma renascença literária cristã estava em andamento.

Nem todas as figuras literárias que se converteram ao cristianismo nesse breve, mas intenso período de renascimento cristão, adotaram o catolicismo. Em 1927, T. S. Eliot (1888-1965) — então mais conhecido por seu poema "A Terra Desolada (1922), ainda hoje reconhecido como um dos mais belos e mais discutidos poemas do século 20 — converteu-se ao anglicanismo. Embora a conversão de Eliot não tenha tido tanta repercussão quanto a de Waugh, a enorme reputação de Eliot como poeta e crítico literário assegurou-lhe que ela fosse amplamente discutida e debatida. Ele encontrou no cristianismo um princípio de ordem e estabilidade localizado fora da própria pessoa, e isso lhe garantiu um ponto de vista seguro para se relacionar com o mundo.

Quatro anos mais tarde, Lewis se tornava cristão. Como Eliot, ele optou por ser membro da Igreja Anglicana. No entanto, ninguém jamais ouvira falar em Lewis, e ninguém deu atenção a essa transformação — se é que alguém chegou a notá-la. Deve-se observar que Lewis era quase totalmente desconhecido em 1931. Ele havia publicado duas coleções de poemas sob o pseudônimo de Clive Hamilton. Nenhuma das duas foi um sucesso comercial ou de crítica. Lewis só se tornaria popularmente famoso em 1940, com a publicação de *O problema do sofrimento*, obra que agora pode ser vista como o fator que desencadeou uma série de consequências que lhe valeram o *status* de celebridade como apologista da época da guerra. Se Evelyn Waugh chamou atenção para a sua fé religiosa por causa de sua fama como romancista, a fé seria para Lewis o ponto de partida para a criação de obras que acabariam lhe

garantindo a aclamação popular.

Apesar de tudo, Lewis se encaixa num padrão mais amplo dessa época: a conversão de autores e intelectuais da literatura *por causa e por intermédio de seus interesses literários*. O amor de Lewis pela literatura não é o pano de fundo de sua conversão; é parte de sua descoberta do apelo racional e imaginativo do cristianismo. Lewis sugere isso ao longo de toda a obra *Surpreendido pela alegria*. "Para o jovem que deseja continuar sendo um ateu convicto, todo cuidado é pouco no que se refere a suas leituras. Há ciladas por toda parte."[2] A leitura feita por Lewis dos clássicos da literatura inglesa o forçou a enfrentar e avaliar as ideias e atitudes que eles reuniam e expressavam. E para sua tristeza, Lewis começou a perceber que os autores baseados numa visão cristã pareciam oferecer o mais flexível e persuasivo "acordo com a realidade".

Muitos escritores de primeira linha chegaram à fé na mesma época por meio de reflexões sobre questões literárias. Por exemplo, Graham Greene criticou autores modernistas como Virgínia Woolf (1882-1941) e E. M. Forster (1879--1970) por criarem personagens que "vagavam feito símbolos de cartolina num mundo tênue como papel". Não havia, argumentava Greene, nenhum sentido de *realidade* no escritos deles. Perder de vista "o sentido religioso", como eles haviam tão claramente feito, era perder qualquer "sentido da importância dos atos humanos".[3] A grande literatura depende de um comprometimento apaixonado com o mundo real; e isso, para Greene, exigia um embasamento numa ordem mais profunda das coisas, fundamentada na natureza e vontade de Deus.

Evelyn Waugh defendeu praticamente a mesma ideia. Sem Deus, um autor não poderia proporcionar realismo e profundidade a seus personagens. "Com certeza, você exclui Deus quando transforma seus personagens em puras abstrações."[4] Os bons romances se baseavam num relato plausível da natureza humana, que, por sua vez, se baseavam, na visão de Waugh, na impressionante capacidade própria da fé cristã de entender o mundo em geral e a natureza humana em particular. Essa fé apresentava uma lente que mostrava com nitidez o mundo distorcido ao seu redor, permitindo-lhe entendê-lo adequadamente pela primeira vez. Numa carta de 1949, Waugh falava do seu prazer na descoberta dessa nova maneira de se relacionar com a realidade:

> A conversão é como sair pela chaminé de um mundo de espelhos, onde tudo é uma caricatura absurda, para entrar no mundo real criado por Deus; depois começa o processo delicioso e

ilimitado de explorá-lo.[5]

Preocupações semelhantes parecem ter desempenhado um papel catalisador no crescente interesse de Lewis pela fé cristã. Em *Surpreendido pela alegria*, ele comenta sua descoberta, no início da década de 1920, da magnífica profundidade da literatura criada pela fé cristã e nela fundamentada. Autores modernistas como George Bernard Shaw (1856-1950) e H. G. Wells (1866-1946) "pareciam um pouco superficiais", não havia "nenhuma profundidade neles", eram "simples demais." "A aspereza e densidade da vida" não eram adequadamente representadas em suas obras.[6]

Contrastando nitidamente com esses autores, o poeta cristão George Herbert (1593-1633), na opinião de Lewis, parecia "sobressair-se [...] na representação da verdadeira qualidade da vida como de fato a vivemos"; no entanto, em vez de "fazer isso tudo de uma maneira direta", ele "insistia em fazê-lo por intermédio" do que Lewis denominava então de "mitologia cristã".[7] No início da década de 1920, Lewis ainda não concluíra que o cristianismo era verdadeiro. Ele estava, porém, captando aos poucos seu potencial impacto na compreensão do mundo e do eu. Mas nesse estágio ele não conseguia avaliar as implicações da "ridícula contradição entre minha teoria da vida e minhas experiências como leitor".[8]

Devemos ver aqui uma abordagem clássica da descoberta do divino, descrita de forma tão memorável por Blaise Pascal (1623-1662) no século 17? Para Pascal, não fazia muito sentido tentar *persuadir* alguém sobre a verdade da fé religiosa. O importante, segundo seu argumento, era levar as pessoas a desejar que isso fosse verdade, depois de vislumbrar o rico e compensador panorama da realidade que essa verdade oferecia. Depois de implantado esse desejo no coração, a mente acabaria alcançando suas intuições mais profundas. Os poetas George Herbert e Thomas Traherne (1636-1674) não persuadiram Lewis a acreditar em Deus; ao contrário disso, eles o levaram a pensar que essa crença oferecia uma rica e robusta percepção da vida humana, levando-o a perguntar se, no final das contas, não poderia existir algo a dizer em defesa da maneira de pensar deles.

Construir a história da conversão de Lewis é primeiramente explorar o desenvolvimento de um mundo interior, que, infelizmente, não está disponível à inspeção pública. Os indícios desse desenvolvimento são muitos, mas precisam

ser costurados uns aos outros para formar um quadro coerente. Na parte a seguir, tentamos entender essa complexa e fascinante história.

A imaginação realizadora: Lewis redescobre Deus

Os escritos de Lewis do início da década de 1930 mostram que ele andava buscando um princípio fundamental da ordem da vida — aquilo que os antigos filósofos poderiam ter denominado *arché* — que não fosse uma invenção humana e se fundamentasse numa ordem mais profunda das coisas. Onde se poderia encontrar essa visão unificadora da realidade?

Uma das razões que levaram Lewis a se sentir atraído pelo estudo da literatura medieval foi sua impressão de que essa literatura testemunhava um entendimento do esquema maior das coisas, o qual havia sido perdido no ocidente devido ao trauma da recente Grande Guerra. Para Lewis, a cultura medieval oferecia uma visão imaginativa de uma ordem cósmica e mundial unificada, expressa em poemas como *A divina comédia* de Dante. Existia um "quadro amplo" da realidade capaz de englobar seus pequenos detalhes. Obras como *A divina comédia*, argumentava Lewis, demonstravam que "a arte medieval atinge uma unidade da ordem suprema, porque abarca a maior diversidade de detalhes subordinados".[9] Vemos aqui a expressão literária de uma ideia fundamentalmente teológica, a saber, de que existe certa maneira de ver a realidade que a mostra com a máxima nitidez, iluminando as sombras e permitindo que a unidade interna transpareça. Esta é, para Lewis, uma "imaginação realizadora": uma forma de enxergar ou de "representar" a realidade que é fiel ao verdadeiro modo de ser das coisas.[10]

As reflexões literárias de Lewis neste ponto repercutem sua busca pessoal por verdade e sentido. Em parte, o profundo amor de Lewis pela melhor literatura da Idade Média reflete sua crença de que essa literatura descobrira algo que a modernidade havia perdido — e que ele pessoalmente ansiava por recuperar. Será que a ruptura da unidade e continuidade revelada pela Grande Guerra poderia ser curada? Será que poderia haver um jeito de reunificar novamente as coisas? Haveria um jeito de reconciliar razão e imaginação?

Aos poucos, as pedras do quebra-cabeça começaram a se encaixar, e acabaram mostrando um quadro muito nítido num tremendo momento de revelação. Em *Surpreendido pela alegria*, Lewis exibe uma série de movimentos que o levaram à fé em Deus, empregando a analogia de um jogo de xadrez.[11]

Nenhuma dessas jogadas é decisiva do ponto de vista lógico ou filosófico. Todas são, na melhor das hipóteses, sugestivas. No entanto, a força delas não está em sua importância individual, mas em seu peso cumulativo. Lewis as retratou não como movimentos que *ele* fez, mas como jogadas feitas *contra ele*. A narrativa de *Surpreendido pela alegria* não trata da descoberta de Deus feita por Lewis, mas da paciente aproximação de Lewis em direção a Deus.

O que Lewis descreve em *Surpreendido pela alegria* não é um processo de dedução lógica: *A*, portanto *B*, portanto *C*. É algo muito mais parecido com um processo de cristalização, pelo qual coisas que até então eram desconexas e não se relacionavam são de repente percebidas encaixando-se num esquema maior que, ao mesmo tempo, afirma a validade delas e indica sua interconexão. As coisas realmente se encaixam. Uma harmonia fundamental entre teoria e observação emerge quando as coisas são vistas da maneira correta.

É como o caso de um cientista que, diante de muitas observações aparentemente desconexas, desperta no meio da noite tendo descoberto uma teoria que dá conta de todas elas. (O grande físico francês Henri Poincaré observou: "É pela lógica que nós provamos; mas é pela intuição que descobrimos".)[12] É como o caso de um detetive literário que, diante de uma série de pistas, percebe como as coisas devem ter acontecido, permitindo que cada pista ocupe seu lugar dentro de uma narrativa maior. Em todos esses casos, descobrimos o mesmo padrão: uma percepção de que, se *isto* é verdade, tudo o mais se encaixa naturalmente, sem ser forçado ou espremido. E por sua própria natureza, exige o assentimento do amante da verdade. Lewis se sentiu obrigado a aceitar uma visão da realidade que ele de fato não desejava que fosse verdadeira, e certamente não a *fez* ficar verdadeira.

Qualquer tentativa de contar a história da conversão de Lewis tem de investigar e relatar os eventos de seu mundo exterior e interior. Lewis faz isso em *Surpreendido pela alegria*, contando a história de dois mundos completamente diferentes: seu mundo exterior de escolas inglesas e da Universidade de Oxford, e seu mundo interior de anseio pela "alegria", atormentado por muito tempo por uma tensão entre o racional e o imaginativo.

> De um lado, um mar coalhado de ilhas de poesia e mito, do outro, um "racionalismo" fácil e raso. Quase tudo o que eu amava, acreditava ser imaginário; quase tudo o que acreditava ser real, eu julgava repugnante e absurdo.[13]

Todavia, não é sempre fácil correlacionar os eventos do mundo interior de Lewis com os eventos históricos do mundo exterior. Por exemplo, no mundo exterior, Lewis tomava um ônibus para Headington Hill, indo do Magdalen College à sua casa na antiga aldeia de Headington (recentemente incorporada à cidade de Oxford); no seu mundo interior, ele experimentava o colapso de suas defesas intelectuais diante da aproximação de um Deus que ele nunca quis reconhecer, muito menos encontrar.[14] Duas jornadas completamente diferentes convergiram desse modo nessa única viagem de ônibus.

Uma das principais dificuldades na leitura de *Surpreendido pela alegria* está na tentativa de mapear a evolução de Lewis de modo que una os acontecimentos do seu mundo interior com os do mundo exterior. O próprio relato de Lewis do relacionamento dos dois mundos, dentro do que se pode verificar, não é sempre exato. Como argumentaremos neste capítulo, sua descoberta de Deus não deve, quase com certeza, ser situada no verão de 1929, como o próprio Lewis sugere em *Surpreendido pela alegria*, mas no fim da primavera ou no começo do verão de 1930. No entanto, a realidade subjetiva das memórias de Lewis não deve ser objeto de dúvida. Ele é perfeitamente claro no que diz respeito à reorganização das peças em sua mente e aos fatores que o levaram a isso; a dificuldade reside na cronologia histórica dessa reorganização.[15]

O processo de cristalização envolvendo a fé em Deus parece ter acontecido ao longo de um extenso período, culminando num dramático momento de decisão. Sua resistência àquilo que ele cada vez mais percebia ser verdadeiro não pôde mais aguentar. Não se tratava de algo que ele procurava, mas de algo que parecia estar à procura dele.

A prosa de Lewis neste ponto lembra a famosa distinção de Blaise Pascal entre o "Deus dos filósofos", insignificante e desinteressado e o "Deus de Abraão, Isaque e Jacó", ardente e vivo. O que Lewis julgava ser, na melhor das hipóteses, uma ideia filosófica abstrata mostrou ter vida e vontade próprias:

> Como os ossos secos se agitaram e se juntaram naquele assombroso vale de Ezequiel, agora um teorema filosófico, alimentado pelo cérebro, começou a se mexer e a afastar sua mortalha para se pôr de pé e transformar-se numa presença viva. Já não me era mais permitido brincar com a filosofia.[16]

Uma leitura atenta da correspondência de Lewis confirma o que essa passagem de *Surpreendido pela alegria* sugere: uma reflexão prévia sobre a

divindade que não foi plenamente reconhecida. Numa carta de 1920 a seu amigo de Oxford, Leo Baker, Lewis observou que, ao refletir sobre a questão filosófica da existência da matéria, ele havia chegado à conclusão de que "a teoria menos sujeita a objeções" era "postular alguma espécie de Deus". Talvez, refletia ele, isso fosse um "sinal de graça". Ele "havia parado de desafiar o céu".[17] Seria isso o "brincar com a filosofia" que Lewis tinha em mente?

O ponto essencial envolvendo essa passagem de *Surpreendido pela alegria* é que Lewis agora descreve um Deus assertivo, ativo e *buscador*, não simplesmente um construto mental ou um jogo filosófico. Deus estava batendo à porta da mente e da vida de Lewis. A realidade se lhe impunha com vigor, exigindo agressivamente uma resposta. "Agnósticos simpáticos aludirão de bom grado ao 'homem buscando por Deus'. Para mim, como eu era na época, seria melhor falarem sobre o rato buscando o gato".[18]

Uma das imagens visuais mais fortes em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* é o derretimento da neve, significando a quebra do poder da feiticeira e o iminente retorno de Aslam. Lewis usou essa vigorosa imagem para descrever a diminuição de sua própria resistência ao advento do divino em *Surpreendido pela alegria*, ao refletir sobre sua própria conversão: "Eu me senti como se fosse um homem de neve que, depois de muito tempo, começara a derreter. O derretimento começava nas costas; gota a gota e, logo depois, fio d'água por fio d'água. Eu não gostava nada do que sentia".[19]

O "acordo com a realidade" feito por Lewis em 1916 estava agora num processo de desmoronamento, à medida que ele percebia já não ser possível manter suas antigas fronteiras intelectuais à luz de forças superiores reunidas contra ele. "A realidade com a qual não se pode fazer acordos se impunha a mim."[20] A ideia que Lewis está expressando nesse ponto é negligenciada com excessiva facilidade. A imagem de um "acordo com a realidade" expressa uma radical e abrangente compartimentalização mental que possibilita que pensamentos problemáticos e perturbadores sejam trancafiados para não perturbarem o dia a dia. Vimos Lewis usando progressivamente esta estratégia para lidar com o horror da Grande Guerra. A realidade foi subjugada pelo pensamento, uma espécie de rede lançada sobre ela, domesticando-a e tirando dela sua capacidade de surpreender e dominar. O que Lewis descobriu foi que ele já não podia domesticar a realidade. Como um tigre, ela se recusava a ficar presa em sua jaula artificial. Ela se libertou e dominou seu antigo capturador.

Lewis finalmente se curvou ao que veio a reconhecer como inevitável. "No trimestre *Trinity* de 1929 eu cedi e admiti que Deus era Deus, e ajoelhei-me e orei: talvez, naquela noite, [eu fosse] o convertido mais deprimido e relutante de toda a Inglaterra."[21] Lewis agora acreditava em Deus; mas ainda não era cristão. Contudo, ele nos diz que, como uma manifestação pública dessa crença teísta, ele passou em seguida a frequentar a capela da faculdade, tornando-se uma presença constante na Igreja da Santíssima Trindade em Headington Quarry, na vizinhança de sua casa.[22]

Essa mudança de comportamento, que Lewis situa no trimestre *Trinity* de Oxford em 1929 (isto é, entre 28 de abril e 22 de junho), tem enorme importância, uma vez que ela permite que se estabeleça uma correlação entre o mundo interior e o mundo exterior de Lewis. Uma mudança em sua maneira de pensar causou uma mudança em seu comportamento público, algo que marcou uma alteração em seus hábitos e podia ser notado por outros.

O novo e inesperado interesse de Lewis pelo ofício religioso da capela foi assunto de muita discussão e intriga entre outros professores do Magdalen College no início da década de 1930. O filósofo americano Paul Elmer More, que visitou a faculdade em 1933, escreveu mais tarde sobre o intenso mexerico nessa instituição acerca do novo hábito de Lewis de frequentar a capela.[23] No entanto, Lewis insiste em que, nesse estágio, tratava-se apenas de "uma prática simbólica e provisória", que não indicava nem lhe permitia um comprometimento específico com o cristianismo.[24] No entanto, é um indicador da data de sua conversão ao teísmo. Se conseguirmos identificar a data de quando Lewis começou a frequentar a capela, teremos um indício de quando ele começou a crer em Deus.

Mais importante ainda, Lewis começou a ver a si mesmo de outra maneira. "Uma das primeiras consequências de minha conversão teísta foi uma evidente queda [...] na atenção exagerada que havia muito tempo eu prestava ao avanço de minhas opiniões e ao meu estado intelectual."[25] Um resultado prático da decisão de interromper essa introspecção narcisista foi inevitável: tendo deixado seu diário desatualizado desde março de 1927, Lewis abandonou qualquer intenção de retomá-lo. "Se o teísmo não tivesse feito nada mais que isso, eu ainda deveria ser grato por ele me haver curado da prática tola de perder tempo mantendo um diário".[26]

Como ele não fazia registros em seu diário desde 1927, a lembrança dos

eventos por parte de Lewis desde essa data tornou-se um tanto errática. Como ele mesmo observou em 1957, agora lhe era permitido "nunca se lembrar de datas".[27] Seu irmão foi mais enfático: Lewis teve "em toda a sua vida uma incapacidade de guardar datas na memória".[28] *Surpreendido pela alegria* é principalmente um relato das mudanças no mundo interno de Lewis que estão correlacionadas — às vezes de modo um pouco vago e incerto — com eventos no mundo externo. É uma obra "que sufoca por ser tão subjetiva",[29] um texto introspectivo que trata sobretudo da reorganização do pensamento e da experiência de Lewis.

A tradicional cronologia da transição de Lewis da descrença para a crença em Deus, estabelecida pelo próprio Lewis, situa essa mudança no início do verão de 1929. No entanto, essa cronologia levanta algumas questões intrigantes. Por exemplo, se Lewis realmente chegou à fé por volta dessa época, por que a correspondência dele na época da morte de seu pai, vários meses mais tarde, não contém indício algum de uma crença em Deus, por mais emergente que ela fosse? Não teria a morte de seu pai, *pelo contrário*, atuado como estímulo para Lewis refletir mais profundamente sobre a questão de Deus no meio do tumulto emocional vivido por ele nesse período?

Na preparação desta biografia, li todas as obras publicadas de Lewis em sua ordem de composição. Em nenhum escrito de Lewis de 1929 discerni algum sinal do dramático desenvolvimento que ele descreve como tendo acontecido em sua vida interior naquele ano. Não há indícios de uma mudança de tom ou de ritmo em qualquer uma das obras escritas antes janeiro de 1930. Além disso, Lewis deixa claro que, em consequência de sua conversão, ele começou a frequentar a igreja e a capela da faculdade. Não se encontram vestígios dessa mudança de hábito significativa — e publicamente observável — seja como tópico de observação, seja como discussão, na correspondência de Lewis em 1929. Mesmo admitindo-se sua relutância em se abrir, seus escritos desse período não apontam para nenhuma espécie de experiência de conversão em 1929. Como veremos, porém, seus escritos de 1930 contam uma história diferente.

Sendo assim, será que Lewis está certo em relação à data de sua conversão, conforme registrada em *Surpreendido pela alegria*? Teria a memória de Lewis falhado nesse ponto? Não há dúvida de que Lewis se lembrava de uma experiência de conversão em seu mundo interior, e descreve sua forma com

algum cuidado. Mas como isso se relaciona com os eventos do seu mundo exterior, composto de meses e anos? Teria Lewis cometido um equívoco? No fim das contas, há outros erros históricos na narrativa de *Surpreendido pela alegria*. (Por exemplo, Lewis relembra sua primeira leitura de *Phantastes* de George MacDonald como tendo acontecido em 1915, mas esse acontecimento deveria de fato receber a data de março de 1916.)

Dada a importância dessa questão, ela precisa ser analisada de forma mais detalhada.

Reconsideração da data de conversão de Lewis

Em *Surpreendido pela alegria*, como acabamos de ver, Lewis situa o momento de sua conversão no período *Trinity* de 1929. Lewis refere-se aqui a um trimestre letivo de Oxford de oito semanas, que deve ter acontecido de 28 de abril a 22 de junho de 1929.[30] Essa data é aceita e repetida em todas as principais biografias de Lewis até hoje. A cronologia tradicional da conversão de Lewis ao cristianismo é geralmente estabelecida em termos de cinco pontos de referência:

1. 28 de abril-22 de junho de 1929: Lewis passa a crer em Deus.
2. 19 de setembro de 1931: Uma conversa com Tolkien leva Lewis a perceber que o cristianismo é um "mito verdadeiro".
3. 28 de setembro de 1931: Lewis passa a crer na divindade de Cristo enquanto vai ao zoológico Whipsnade.
4. 1º de outubro de 1931: Lewis diz a Arthur Greeves que ele "ultrapassou" a crença em Deus para crer em Cristo.
5. 15-29 de agosto de 1932: Lewis descreve sua jornada intelectual rumo a Deus no livro *O regresso do peregrino*, escrito em Belfast.

Não acredito que essa cronologia seja a melhor explicação das evidências contidas nas fontes primárias, e proponho uma revisão significativa. A jornada espiritual de Lewis, pelas minhas contas, é um ano mais curta do que se tem tradicionalmente acreditado. A cronologia que proponho, baseada numa leitura minuciosa das fontes primárias, é a seguinte:

1. Março-junho de 1930: Lewis passa a crer em Deus.

2. 19 de setembro de 1931: Uma conversa com Tolkien leva Lewis a perceber que o cristianismo é um "mito verdadeiro".
3. 28 de setembro de 1931: Lewis passa a crer na divindade de Cristo enquanto vai ao zoológico Whipsnade.
4. 1º de outubro de 1931: Lewis conta a Arthur Greeves que ele "ultrapassou" a crença em Deus para crer em Cristo.
5. 15-29 de agosto de 1932: Lewis descreve sua jornada intelectual rumo a Deus na obra *O regresso do peregrino*, escrito em Belfast.

Quais são os argumentos dessa proposta de revisão da opinião tradicional sobre o desenvolvimento da crença e do compromisso religioso de Lewis? Em primeiro lugar, vamos considerar a data de sua conversão ao teísmo — isto é, quando ele começou a crer em Deus. Não há provas de mudança de opinião quanto a isso em qualquer escrito de Lewis com a data de 1929, a época da morte de seu pai. Mas depois, em 1930, as coisas mudam. E somente duas pessoas tiveram permissão para saber disso.

Numa carta a Arthur Greeves de 1931, Lewis falou sobre como ele dividia seus conhecidos em amigos de "primeira classe" e amigos de "segunda classe". Na primeira categoria, ele colocava Owen Barfield e o próprio Greeves; na segunda, J. R. R. Tolkien.[31] Se Lewis quisesse falar das novidades em sua vida com qualquer pessoa do seu círculo de amizades, ele o teria feito com seus amigos de "primeira classe", Barfield e Greeves. No entanto, não existe nada na correspondência de Lewis de 1929 com esses dois amigos que sugira que algo significativo tivesse acontecido com ele em qualquer momento daquele ano.

Todavia, as coisas parecem muito diferentes em 1930. A correspondência de Lewis com Barfield e Greeves agora aponta para uma mudança significativa, correspondendo à transição que Lewis descreve em *Surpreendido pela alegria*, que teria acontecido durante o trimestre *Trinity* de 1930 (ou talvez um pouco antes) — cerca de um ano depois da data indicada no relatório do próprio Lewis. No que segue aqui, vamos examinar uma carta crucial de Lewis para cada uma dos dois amigos de "primeira classe". As duas estão datadas de *1930*, não *1929*.

Consideremos, primeiro, sua brevíssima, mas profundamente introspectiva, carta a Owen Barfield de 3 de fevereiro de 1930. Nessa carta, depois de uma breve introdução, Lewis escreve o seguinte:

> Coisas terríveis estão acontecendo comigo. O "Espírito" ou o "Verdadeiro Eu", está mostrando

> uma alarmante tendência a tornar-se muito mais pessoal, e vem tomando a ofensiva e comportando-se exatamente como Deus. É melhor você vir segunda-feira sem mais tardar, caso contrário poderá visitar-me num mosteiro.[32]

Nesse ponto, o professor Henry Wyld veio visitar Lewis e interrompeu o fluxo do seu pensamento. Tal como "a pessoa de Porlock" que interrompeu Samuel Taylor Coleridge na composição de seu grande poema "Kubla Khan", em 1797, Wyld impediu que Lewis dissesse a Barfield qualquer outra coisa a mais sobre o assunto. Mas o que ele diz é suficiente. Essa é exatamente a mudança que Lewis mais tarde descreveu em *Surpreendido pela alegria*, embora situasse o fato no trimestre *Trinity* de 1929. Deus se tornava real para ele, e partia para a ofensiva. Lewis sentiu que estava prestes a ser esmagado por uma força maior. Como diz em *Surpreendido pela alegria*, ele estava sendo "arrastado pelo limiar".[33]

Os comentários de Lewis para Barfield devem prefigurar sua conversão. Eles não fazem sentido se aconteceram um ano mais tarde, referindo-se a outras experiência que Lewis tenha tido. O próprio Barfield foi claro ao falar da importância dessa carta numa entrevista de 1998 em que comenta seu significado para Lewis: ela marcou "o começo de sua conversão".[34] No entanto, nesse ponto, o entrevistador de Barfield (Kim Gilnett) erroneamente atribuiu à carta o ano de 1929, encaixando-a na estrutura proposta por Lewis em *Surpreendido pela alegria* — apesar de ela trazer a data do ano seguinte. Essa carta antecipa exatamente os temas que Lewis descreveu como fatos convergindo no terrível, iminente momento da conversão, que claramente se situava *em seu futuro*, não *no passado*.

A segunda carta significativa foi escrita para Arthur Greeves no dia 29 de outubro de 1930. Como já observamos, Lewis afirma explicitamente que ele começou a frequentar a capela do Magdalen College depois de sua conversão. Não há nenhum indício de que Lewis frequentasse regularmente a capela da faculdade em sua correspondência de 1929, ou da primeira metade de 1930. No entanto, numa seção significativa dessa carta de 1930 endereçada a Greeves, Lewis menciona que ele agora começou a "ir para a capela às 8 horas",[35] o que implicava em ir dormir mais cedo que de costume. Isso é claramente apresentado como um *novo avanço*, uma mudança significativa de sua rotina, afetando seus hábitos de trabalho, a partir do começo do ano letivo de 1930-1931.

Se a cronologia pessoal de Lewis para a sua conversão estivesse correta, ele teria começado a frequentar a capela da faculdade em outubro de *1929*. Não há, em sua correspondência, nenhuma menção a qualquer mudança de hábito nesse período. Além disso, a referência ao fato de ele frequentar a capela da faculdade, na carta de outubro de 1930, claramente implica que Lewis realizava agora algo *que não fazia parte de sua rotina até então*. Se Lewis realmente se converteu durante o trimestre *Trinity* de 1929, por que ele esperou mais de um ano para começar a frequentar a capela da faculdade? Isso não faz sentido.

Ao que tudo indica, a data tradicional da conversão de Lewis deve ser revisada. As provas são mais bem compreendidas se aceitarmos a demarcação subjetiva do evento em seu mundo interior, mas sua marcação cronológica do evento está provavelmente deslocada. Não se questiona aqui a natureza ou realidade da experiência de conversão de Lewis. O problema é que a localização que Lewis faz desse evento parece imprecisa no mundo exterior de tempo e espaço. A conversão de Lewis é mais bem determinada como situando-se no trimestre *Trinity* de 1930, não de 1929. Em 1930, o período *Trinity* transcorreu entre 27 de abril e 21 de junho.

No entanto, redescobrindo Deus dessa forma, Lewis havia apenas chegado a um ponto de descanso, não ao destino final. Havia outro marco a ser ultrapassado, que Lewis considerou significativo: a mudança de uma crença genérica em Deus (muitas vezes mencionada como "teísmo") para um comprometimento específico com o cristianismo. Esse parece ter sido um processo demorado e complexo, em relação ao qual os outros processos atuaram como parteiros. Alguns — como George Herbert — falaram com Lewis como vozes vivas do passado. No entanto, uma pessoa em particular falou com Lewis no presente. No que se segue, vamos contar a história de uma conversa noturna entre C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien, que mudou totalmente a opinião de Lewis sobre o cristianismo.



6.1 O interior da capela do Magdalen College, por volta de 1927. Lewis começou a frequentar regularmente a capela em outubro de 1930.

Uma conversa noturna com Tolkien: setembro de 1931

O capítulo final de *Surpreendido pela alegria* fala de forma breve e atormentada sobre a transição de Lewis do teísmo "puro e simples" para o cristianismo.

Lewis se esforça para deixar claro que essa conversão não teve nada a ver com desejo ou anseio. O Deus ao qual ele se entregou no trimestre *Trinity* de 1930 era "absolutamente não humano". Lewis nunca fizera ideia de que "jamais pudesse ter havido ou haveria qualquer conexão entre Deus e a Alegria".[36] A conversão de Lewis foi essencialmente racional, não tendo relação com sua antiga fascinação pela "Alegria." "Nenhuma espécie de desejo esteve presente."[37] Sua conversão ao teísmo foi, de certa forma, uma questão puramente racional.

A retórica de Lewis nesse ponto parece sobrepujar uma antiga caricatura ateísta da fé, entendida como "realização de um desejo". Essa ideia, classicamente formulada por Sigmund Freud (1856-1939), procede de uma linhagem intelectual que tem suas raízes nas brumas do tempo. Segundo essa visão, Deus é um sonho consolador dos frustrados, uma muleta espiritual para os inadequados e carentes.[38] Lewis se distancia de qualquer ideia dessa natureza. A existência de Deus, insiste ele, não era algo que desejava ser verdadeiro. Ele apreciava demais sua independência para isso. "Eu sempre quis, acima de tudo, não 'sofrer nenhuma interferência'."[39] Com efeito, Lewis se viu confrontado por algo que ele não *desejava* que fosse verdadeiro, mas foi forçado a aceitar que *era* verdadeiro.

Esse Deus racional tinha pouca relação, se é que havia alguma, com o mundo da imaginação e do anseio de Lewis, por um lado, e com a pessoa de Jesus de Nazaré, por outro lado. Sendo assim, como e quando Lewis fez essas conexões mais profundas, tão características dos escritos de sua maturidade? A resposta simples é que *Surpreendido pela alegria* não nos conta isso. Lewis alega que ele agora é "o menos informado" acerca desse estágio final de sua jornada espiritual do "mero teísmo ao cristianismo",[40] e que ele talvez não seja plenamente confiável no que diz respeito a um relato completo e preciso.

O que encontramos em vez disso é uma trilha de escritos contendo ideias e memórias desconexas, deixando ao leitor a tarefa de tentar ligar esses pensamentos e episódios num todo coerente. No entanto, a correspondência de Lewis deixa claro que uma longa conversa teve importância crítica na viabilização da passagem de Lewis da crença em Deus à aceitação do cristianismo. Em vista de sua importância, vamos analisá-la em detalhes.



6.2 Addison's Walk, assim chamado em homenagem a Joseph Addison (1672-1719), antigo professor do Magdalen College, fotografado em 1937.

Num sábado, no dia 19 de setembro de 1931, Lewis recebeu Hugo Dyson (1896-1975), professor de Literatura Inglesa na vizinha Reading University, e J. R. R. Tolkien para jantarem juntos no Magdalen College.[41] Dyson e Tolkien já se conheciam, tendo sido exatamente contemporâneos no Exeter College, onde estudaram Literatura Inglesa juntos. Era uma noite calma e quente. Depois do jantar, os três saíram para uma longa caminhada por Addison's Walk, uma trilha circular que acompanhava o Rio Cherwell dentro do terreno da faculdade, discutindo a natureza da metáfora e do mito.

Depois de uma súbita ventania, que fez as folhas caírem no chão produzindo o som de uma pancada de chuva, os três homens se recolheram ao alojamento de Lewis e continuaram a discussão, que agora tinha como tema o cristianismo. Tolkien acabou se despedindo às 3 horas. Lewis e Dyson continuaram por mais uma hora. Essa conversa noturna com dois colegas desempenhou um papel crítico no desenvolvimento de Lewis. A imagem do vento pareceu-lhe sugerir a misteriosa presença de Deus.[42]

Embora Lewis a essa altura não mantivesse um diário, ele escreveu duas

cartas a Greeves logo em seguida, explicando os acontecimentos daquela noite e a importância deles para suas reflexões sobre a fé religiosa.[43] Na primeira carta, datada de 1º de outubro, Lewis informou Greeves sobre o resultado da discussão daquela noite, mas não seu teor:

> Acabo do passar da crença em Deus para a crença definitiva em Cristo, no cristianismo. Vou explicar isso em outra ocasião. Minha longa conversa com Dyson e Tolkien teve muito a ver com isso.[44]

Greeves naturalmente quis saber mais sobre esse intrigante evento. Lewis lhe forneceu um relato mais extenso dos acontecimentos daquela noite em sua carta seguinte, datada de 18 de outubro. Explicou que sua dificuldade tinha sido não conseguir ver "como a morte de Outra Pessoa (quem quer que fosse) dois mil anos antes poderia nos ajudar aqui e agora". Uma incapacidade de ver sentido nisso o impedira de avançar "durante o último ano ou mais ou menos isso". Ele podia admitir que Cristo pudesse ser um bom exemplo, mas nada além disso. Lewis percebia que o Novo Testamento tinha uma visão muito diferente, usando termos como *propiciação* ou *sacrifício* para referir-se ao significado desse evento. Mas essas expressões, declarava Lewis, lhe pareciam "bobas ou chocantes".[45]

Embora a "longa conversa noturna" envolvesse Dyson e Tolkien, foi a abordagem de Tolkien que parece ter aberto as portas para Lewis, mostrando-lhe uma nova maneira de ver a fé cristã. Para entender como Lewis passou do teísmo para o cristianismo, precisamos refletir mais sobre as ideias de J. R. R. Tolkien. Pois foi ele, mais do que qualquer outra pessoa, que ajudou Lewis a avançar rumo ao estágio final daquilo que o autor medieval Bonaventura de Bagnoregio (1221--1274) descreve como a "jornada da mente para Deus". Tolkien ajudou Lewis a perceber que o problema estava não em sua incapacidade *racional* de entender a teoria, mas em sua incapacidade *imaginativa* de captar o significado dela. A questão não dizia respeito primariamente à *verdade*, mas ao *significado*. Quando lidava com a narrativa cristã, Lewis se limitava à sua razão pessoal quando deveria abrir-se para as intuições mais profundas de sua imaginação.

Tolkien argumentou que Lewis deveria abordar o Novo Testamento com o mesmo senso de abertura e expectativa imaginativa que, em seus estudos profissionais, o levaram à leitura de mitos pagãos. Mas como Tolkien

argumentou, havia uma diferença decisiva. Conforme Lewis se expressou na sua segunda carta a Greeves: "A história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro: um mito que atua em nós da mesma forma que os outros mitos, mas com essa tremenda diferença de que *isso realmente aconteceu*".[46]

O leitor deve avaliar que a palavra *mito* não está sendo aqui empregada no sentido amplo de um "conto de fadas" ou no sentido pejorativo de uma "deliberada mentira com o intuito de enganar". Essa é a maneira como Lewis entendia outrora os mitos — como "*mentiras sussurradas através da prata*". Como foi empregado na conversa entre Lewis e Tolkien, o termo *mito* deve ser entendido em seu sentido literário técnico, se se quiser avaliar a importância dessa troca de ideias.

Para Tolkien, um mito é uma história que transmite "coisas fundamentais"; em outras palavras, que tenta nos falar sobre a estrutura mais profunda das coisas. Os melhores mitos, argumenta ele, não são falsidades construídas deliberadamente, mas são contos criados pelas pessoas para captar os ecos de verdades mais profundas. Os mitos nos apresentam um fragmento dessa verdade, não sua totalidade. Eles são como fragmentos estilhaçados da verdadeira luz. Para Tolkien, entender o *significado* do cristianismo era mais importante do que entender sua *verdade*. Esse entendimento proporcionava um quadro total, unificando e transcendendo percepções fragmentadas e imperfeitas.

Não é difícil ver como a maneira de pensar de Tolkien trouxe clareza e coerência para a confusão de ideias que tanto agitavam a mente de Lewis nessa época. Para Tolkien, um mito desperta em seus leitores o desejo por algo situado além de seu alcance. Os mitos têm uma capacidade inata de expandir a consciência dos leitores, permitindo-lhes ir além de si mesmos. Na melhor das hipóteses, eles oferecem o que Lewis mais tarde denominou "um real embora desfocado vislumbre da verdade divina incidindo sobre a imaginação humana".[47] O cristianismo, em vez de ser um mito entre muitos outros, é assim a realização de todas as outras religiões mitológicas anteriores. Ele narra uma história verdadeira sobre a humanidade, que confere sentido a todas as histórias que a humanidade conta sobre si mesma.

Está claro que a maneira de pensar de Tolkien tocou Lewis profundamente. Ela respondeu a uma pergunta que havia atormentado Lewis desde sua adolescência: como apenas o cristianismo poderia ser verdadeiro, e tudo o mais,

falso? Lewis agora percebeu que ele não precisava declarar que os grandes mitos da era pagã eram *totalmente falsos*; eles eram ecos ou antecipações da verdade plena, que foi dada a conhecer apenas na fé cristã e por meio dela. O cristianismo confere plenitude e completude a percepções imperfeitas e parciais acerca da realidade, espalhadas na cultura humana. Tolkien deu a Lewis uma lente, um jeito de enxergar as coisas, que lhe permitiu ver o cristianismo como algo que traz plenitude a esses ecos e sombras de verdades que surgiram do questionamento e anseio humano. Se Tolkien estivesse certo, "*deveria* haver"[48] semelhanças entre o cristianismo e as religiões pagãs. Só haveria problemas se essas semelhanças *não* existissem.

Talvez o mais importante é que Tolkien permitiu a Lewis religar o mundo da razão com o mundo da imaginação. A esfera do anseio já não devia ser posta de lado ou suprimida, como exigia a "nova visão" , e como Lewis temia que a crença em Deus pudesse implicar. Essa esfera podia ser entretecida — de modo natural e convincente — na narrativa maior da realidade que Tolkien havia apresentado. Como Tolkien disse mais tarde, Deus havia determinado que "os corações dos homens procurassem além do mundo, e nele não encontrassem descanso".[49]

O cristianismo, percebeu Lewis, lhe permitia afirmar a importância do anseio e da saudade numa narrativa razoável da realidade. Deus era a verdadeira "fonte de onde aquelas flechas de Alegria haviam sido disparadas [...] desde a infância".[50] Assim, a razão, bem como a imaginação, eram afirmadas e reconciliadas pela visão cristã da realidade. Dessa forma, Tolkien ajudou Lewis a perceber que uma fé "racional" não era necessariamente estéril do ponto de vista imaginativo e emocional. Entendida corretamente, a fé cristã podia integrar a razão, o anseio e a imaginação.

A crença de Lewis na divindade de Cristo

Como resultado da conversa com Tolkien e Dyson, Lewis conseguiu captar o apelo imaginativo do cristianismo. No entanto, isso não se deu na forma de uma compreensão de seus elementos individuais, tais como as doutrinas básicas do credo. Pelo contrário, Lewis passou a valorizar a visão abrangente da realidade que descobriu na fé cristã. Mas a descrição que Lewis faz de sua jornada de descobertas refere-se especificamente a lutar com doutrinas básicas, inclusive com a identidade de Jesus de Nazaré. Quando então esse processo de exploração

intelectual aconteceu?

Lewis relembra ter vivido um processo de esclarecimento e cristalização intelectual, durante o qual os aspectos mais teológicos de sua fé finalmente se encaixaram. O relato dessa evolução em *Surpreendido pela alegria* deixa claro que ela aconteceu durante uma visita ao zoológico Whipsnade, mas não menciona nenhuma data específica.

> Sei muito bem quando, mas não como foi dado o passo final. Estávamos indo a Whipsnade numa manhã ensolarada. Quando saímos, eu não acreditava que Jesus Cristo fosse o Filho de Deus e, quando chegamos ao zoológico, eu já o fazia. No entanto, eu não tinha feito o percurso absorto em pensamentos.[51]

Vemos aqui mais uma vez o repetido padrão de Lewis de usar uma viagem para refletir sobre o que se passa em sua mente: as peças se encaixam naturalmente sem nenhum grande esforço mental de sua parte. Mas quando esse "passo final" aconteceu?

Os biógrafos de Lewis tradicionalmente atribuíram a data desse "passo final" ao dia 28 de setembro de 1931, quando Warnie, numa manhã nevoenta, levou Lewis ao zoológico Whipsnade, em Bedforshire, no *sidecar* de sua motocicleta. Existe hoje um consenso entre os biógrafos de Lewis de que essa data marcou a conversão de Lewis ao cristianismo.[52] Esse consenso recebe o apoio de uma observação de Warnie dizendo que foi durante esse "passeio" em 1931 que Lewis decidiu reingressar na igreja.[53]

Se essa interpretação estiver correta, os estágios finais da conversão de Lewis passando da crença em Deus a um comprometimento com o cristianismo poderiam ser reconstruídos da seguinte maneira:

1. 19 de setembro de 1931: Uma conversa com Tolkien e Dyson leva Lewis a perceber que o cristianismo é um "mito verdadeiro".
2. 28 de setembro de 1931: Lewis passa a acreditar na divindade de Cristo enquanto está sendo levado por seu irmão ao zoológico Whipsnade numa motocicleta.
3. 1º de outubro de 1931: Lewis conta a Arthur Greeves que ele "ultrapassou" a crença em Deus para crer em Cristo.

De acordo com esse quadro cronológico, o processo da conversão de Lewis

para o cristianismo foi muito rápido: seus elementos críticos se sucederam num curto período de dez dias (19 a 28 de setembro de 1931). Esse é um entendimento tradicional da gradativa descoberta que Lewis fez do cristianismo, e se encaixa bem nas evidências de seus escritos.

A conversa de Lewis com Tolkien e Dyson permitiu que ele captasse um vislumbre do potencial imaginativo da história cristã, esclarecendo questões que o vinham atormentando havia algum tempo. Tendo provado o "abraço imaginativo" do cristianismo, Lewis começou a exploração racional de sua paisagem. Essa exploração racional, expressa em termos de doutrinas do cristianismo, decorre de a imaginação ser cativada pelas imagens e histórias cristãs.

Como muitas vezes se observou, Lewis vê a teoria como secundária em comparação com a realidade;[54] de fato, como uma reflexão intelectual que surge depois de algo ter sido apreendido ou avaliado primeiramente através da imaginação. Lewis captou a realidade do cristianismo por meio de sua imaginação, e depois passou a tentar entender racionalmente o que sua imaginação havia captado e abraçado. O relato tradicional da conversão de Lewis implica que o processo estava essencialmente completo no espaço de dez dias. No entanto, a correspondência de Lewis sugere que esse processo pode ter sido mais prolongado e complexo, levando meses em vez de dias.[55] Sendo assim, em que medida podemos confiar que o deslumbre cristológico de Lewis aconteceu a caminho do zoológico Whipsnade em setembro de 1931?

Tradicionalmente se considera que o relato de Lewis da significativa visita ao zoológico em *Surpreendido pela alegria* se refere ao dia 28 de setembro de 1931, quando ele foi levado para esse zoológico por Warnie no *sidecar* de sua motocicleta. Não há dúvida de que Lewis visitou Whipsnade nessa ocasião. Mas será que foi nesse dia que a visão de Lewis em relação a Cristo foi resolvida? É importante notar que a narrativa de *Surpreendido pela alegria* não faz menção alguma a Warnie nem a uma motocicleta nem ao mês de setembro nem ao ano de 1931. Além disso, Lewis escreveu uma longa carta logo após essa visita, relembrando brevemente o dia deles em Whipsnade, mas sem se referir a qualquer transformação religiosa ou ajuste teológico significativo de sua parte.[56]

Um exame mais atento das lembranças de Warnie desse dia de setembro de 1931 também levanta dúvidas acerca da interpretação tradicional.[57] As reflexões de Warnie sobre esse dia não se baseiam claramente em nenhuma revelação

privilegiada de seu irmão, mas sim em sua própria correlação daquela viagem com a narrativa presente em *Surpreendido pela alegria*. O que alguns interpretaram como a lembrança de Warnie de uma conversa com Lewis é claramente uma interpretação posterior que ele fez de um acontecimento. Como veremos, a interpretação desse evento está aberta a questionamentos. E se Lewis tivesse sido levado a Whipsnade em *outra* ocasião, quando Warnie *não* esteve presente? E se *essa* foi a ocasião de sua iluminação espiritual?

A memória de Lewis desse dia crítico no zoológico Whipsnade, como está exposta em *Surpreendido pela alegria*, inclui uma passagem lírica relembrando "os pássaros cantando lá no alto e os jacintos cobrindo o chão", comentando que esse cenário na "floresta dos cangurus" fora muito deteriorado por construções recentes do zoológico.[58] No entanto os jacintos ingleses (*Haycinthoides non-scripta*) florescem do final de abril até o final de maio (dependendo do clima), e suas folhas secam e desaparecem no final do verão.[59] Os jacintos ingleses florescem mais tarde em Whipsnade, devido a um clima ligeiramente mais frio nas altas colinas onde se localiza o zoológico.[60] Não haveria sinal algum de "jacintos cobrindo o chão" em Whipsnade no mês de setembro. Mas eles lá estariam em plena floração em maio e no início de junho.

Talvez o significado desse fato tenha sido minimizado por alguns, ou então o narciso inglês foi confundido com seu correspondente escocês (*Campanula rotundifolia*, conhecido na Inglaterra como "harebell"), que continua florescendo durante o mês de setembro. A "edênica" lembrança de Lewis dos pássaros e dos jacintos no zoológico Whipsnade registrada em *Surpreendido pela alegria* é claramente uma memória de um dia no fim da primavera ou no início do verão, não no início do outono.

A enfática atenção dispensada por Lewis aos jacintos pode muito bem refletir sua associação simbólica com esse momento de reflexão; afinal, Lewis nos conta que ele fora confessadamente um "devoto da Flor Azul" (cf. cap. 1).[61] O motivo da "Flor Azul" no romantismo alemão tem raízes históricas complexas. Ele foi exposto pela primeira vez na publicação póstuma de um fragmento do romance *Heinrich von Ofterdingen* [Henrique de Ofterdingen] (1802), de Novalis, e passou a simbolizar um anseio por uma reconciliação evasiva da razão com a imaginação, do mundo exterior observado fora da mente com o mundo subjetivo interior. A centáurea com seu azul brilhante é muitas vezes citada como inspiração desse símbolo.[62] Essa inspiração muitas

vezes inclui o jacinto.

Refletindo sobre isso, está muito claro que essa passagem da "Flor Azul" em *Surpreendido pela alegria* se refere não ao outono de 1931, mas a uma *segunda* visita a Whipsnade, feita na primeira semana de junho de 1932, quando Lewis foi novamente conduzido para o zoológico — mas dessa vez num "dia lindo", num automóvel dirigido por Edward Foord-Kelcey (1859-1934). No dia 14 de junho, logo depois desse evento, Lewis escreveu a seu irmão, enfatizando especificamente a "grande quantidade de jacintos" que havia visto durante essa visita a Whipsnade, e comentando sobre o estado da "floresta dos cangurus".[63] O fraseado dessa seção da carta é muito semelhante àquele da passagem crítica de *Surpreendido pela alegria*. Será que esta data posterior designa a ocasião em que Lewis finalmente passou a crer na encarnação, talvez como o ápice de sua pesquisa da fé cristã? Se for assim, ela representaria claramente uma compreensão mais profunda de sua fé, vinda de dentro, uma vez que a essa altura Lewis se havia claramente identificado como cristão. Isso demandaria uma revisão da cronologia tradicional dos acontecimentos da seguinte forma:

1. 19 de setembro de 1931: Uma conversa com Tolkien e Dyson leva Lewis a perceber que o cristianismo é um "mito verdadeiro".
2. 1º de outubro de 1931: Lewis conta a Greeves que ele "ultrapassou" a crença em Deus para crer em Cristo.
3. 7 (?) de junho de 1932: Lewis passa a crer na divindade de Cristo enquanto está sendo levado para o zoológico Whipsnade num carro dirigido por Edward Foord-Kelcey.

Teria então a inquieta, indagadora mente de Lewis finalmente concluído tudo durante uma visita ao zoológico Whipsnade em setembro de 1931, mais ou menos uma semana depois de sua conversa com Tolkien? Ou teria esse processo de reflexão e cristalização demorado mais tempo, completando-se apenas durante uma visita subsequente ao mesmo zoológico em junho de 1932? A carta de Lewis de 1º de outubro de 1931, endereçada a Greeves, na qual ele diz que agora "definitivamente acredita em Cristo", poderia com certeza ser interpretada como uma percepção embrionária da importância de Cristo que precisava de uma exploração mais demorada, culminando em junho de 1932. No entanto, a correspondência desse período subsequente — inclusive uma

carta de 14 de junho de 1932, endereçada a Warnie — não faz nenhuma alusão a essa mudança. Tampouco podemos eliminar a possibilidade de que Lewis possa ter confundido aspectos individuais dessas duas visitas a Whipsnade na redação de *Surpreendido pela alegria*. Ele pode tê-los *fundido* em sua memória, juntando as imagens e os temas de duas visitas diferentes, condensando-os num único episódio. Qual então dessas duas visitas ao zoológico marca o verdadeiro momento de iluminação? Já observamos anteriormente como Lewis não era totalmente confiável acerca de datas, e é possível que a narrativa em *Surpreendido pela alegria* envolva o obscurecimento das fronteiras entre dois eventos semelhantes.

Neste ponto, ficamos querendo mais, como geralmente acontece em relação a esta que é a mais sedutora de todas as obras de Lewis. Mas somos forçados a trabalhar com o que temos. A melhor solução no presente é permitir que a data tradicional da conversão de Lewis ao cristianismo — setembro de 1931 — permaneça, enquanto apontamos as ambiguidades e incertezas que a cercam. A carta de Lewis a Greeves de 1º de outubro de 1931 faz mais sentido se um passo cristológico decisivo já houver sido dado, mesmo que a explicação e exploração plena desse assunto tenham continuado no ano seguinte.

No entanto, qualquer que seja a data atribuída à descoberta de Lewis, esta deve ser vista como a conclusão de um longo processo de reflexão e comprometimento, que derivou de uma série de estágios. Não podemos eleger um único momento, como esse, para definir ou datar a "conversão" de Lewis ao cristianismo. Em vez disso, podemos traçar um arco de reflexão ascendente, no qual a conversa com Tolkien representa uma transição imaginativa crítica, e a viagem para o zoológico Whipsnade é sua complementação lógica.

Nesse arco ascendente, um ponto do comprometimento cristão de Lewis merece um comentário especial. Ele participou de um ofício de Santa Comunhão pela primeira vez desde a infância na Igreja da Santíssima Trindade, em Headington Quarry, no Natal de 1931. Numa extensa carta a seu irmão, Lewis menciona de forma breve, mas explícita, sua participação no "ofício matutino"[64] daquele dia na igreja; em outras palavras, um culto de Santa Ceia. Lewis não teria dúvida de que seu irmão teria entendido a importância desse acontecimento, dadas as tradições da Igreja Anglicana nessa época.



6.3 Igreja da Santíssima Trindade, em Headington Quarry, Oxford, vista do sul, mostrando o pórtico da entrada, em fotografia de Henry W. Taunt (1842-1922), em 1901.

Até este ponto, Lewis havia frequentado os ofícios de oração matutina, um "culto da palavra", muitas vezes indo embora — para irritação do vigário, Wilfrid Thomas — durante o hino final, antes que o ofício estivesse propriamente terminado. Mas Lewis tinha claro em sua mente que, embora qualquer um pudesse frequentar os ofícios de oração matutina, a Santa Comunhão era apenas para os comprometidos. Ao informar seu irmão sobre sua decisão de frequentar o ofício da Santa Comunhão, Lewis queria que Warnie soubesse que ele havia avançado significativamente em sua jornada de fé.

O que Lewis não sabia era que Warnie havia percorrido uma jornada de fé semelhante à dele e havia recebido a Santa Comunhão pela primeira vez desde a infância na capela de Bubbling Well, em Xangai,[65] também no Dia de Natal de 1931. Os dois irmãos, sem que soubessem, haviam feito uma profissão pública

de comprometimento com o cristianismo exatamente no mesmo dia.

No fim, mais que a data precisa da conversão de Lewis ao cristianismo, é de suprema importância as implicações dessa conversão para os seus futuros escritos. Sua conversão poderia, no final das contas, ter sido um evento interior, importante para Lewis, mas sem nenhum impacto óbvio em sua obra literária. Por exemplo, T. S. Eliot converteu-se ao cristianismo em 1927, gerando com isso muita publicidade. No entanto, muitos sugeririam que os escritos subsequentes de Eliot foram menos marcados por essa conversão do que se poderia esperar.

Lewis é diferente. Desde o princípio, Lewis parece ter percebido que, se o cristianismo era verdadeiro, ele resolvia os enigmas intelectuais e imaginativos que o haviam intrigado desde a juventude. Seu "acordo com a realidade" dos tempos da juventude havia sido sua tentativa de *impor* uma ordem arbitrária (porém conveniente) a um mundo caótico. Agora ele começou a perceber que havia uma ordem mais profunda, baseada na natureza de Deus, que podia ser discernida e que, uma vez compreendida, conferia sentido à cultura, à história, à ciência e, acima de tudo, aos atos de criação literária que ele tanto valorizava e transformara em objeto de estudo de sua vida. A conversão de Lewis à fé não apenas conferiu significado à sua leitura de textos literários; trouxe também motivação e suporte teórico a suas próprias criações literárias. O melhor exemplo disso é sua obra tardia *Till We Have Faces* (1956), mas esse aspecto também é evidente nas crônicas de Nárnia.

É simplesmente impossível entender a obra de Lewis como intelectual e escritor sem captar os princípios que norteiam seu mundo interior, que, após um período de incubação e reflexão, finalmente começaram a se encaixar no início do outono de 1931, e atingiram sua síntese final lá pelo verão de 1932. Quando Lewis foi passar férias com Greeves entre 15 e 29 de agosto de 1932, ele já estava pronto para mapear sua nova e essencialmente completa visão da fé cristã na obra que veio a ser *O regresso do peregrino*. Embora Lewis continuasse explorando o vínculo da razão com a imaginação no domínio da fé, os aspectos fundamentais de seu entendimento definitivo do cristianismo já se encaixavam.

Neste capítulo, exploramos a trajetória da complexa e extensa conversão de Lewis ao cristianismo, levantando preocupações acerca de algumas datas e interpretações tradicionais dessa evolução. Devemos, todavia, evitar retratar a conversão de Lewis como sendo representativa ou típica. Como ele mesmo observou mais tarde, sua maneira específica de chegar à fé foi "um caminho

raramente percorrido",[66] e de maneira alguma poderia ser considerada normativa. Seu relato de conversão a representa como um caso essencialmente único, marcado pela discrição e por uma estudada evasão de qualquer gesto ou declaração de caráter dramático. No entanto, aos poucos, sua fé se tornaria pública bem como notória, conforme veremos quando analisarmos seu papel de apologista durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas há muito mais a se dizer acerca de Lewis na qualidade de professor de Oxford, acima de tudo acerca de sua abordagem da literatura — o tópico do próximo capítulo.

UM HOMEM DAS LETRAS: DOCÊNCIA E CRÍTICA LITERÁRIA

EM 1933, O MUNDO OXFORDIANO DE LEWIS PARECIA UM LUGAR ESTÁVEL. Seu cargo de professor-tutor de Língua e Literatura Inglesa havia sido renovado, cargo que manteve até dezembro de 1954, quando se transferiu para Cambridge. Sua vida familiar estava acomodada. Sua residência, The Kilns, fora ampliada e o terreno ao redor vinha sendo devidamente cuidado e replantado. Warnie, que se aposentara do exército inglês, havia se mudado definitivamente para a casa de Lewis e da sra. Moore, o que foi benéfico. Para Lewis, parecia que os "velhos tempos" haviam sido recuperados. Depois da chegada de Warnie, Lewis passou a ver, cada vez mais, The Kilns como uma recriação ou extensão de Little Lea. Era como se tudo o que havia acontecido entre 1914 e 1932 fora agora revertido.[1]

Essa sensação de continuidade com os tempos idos foi reforçada pela decisão de Warnie de editar as cartas, os escritos e os diários da família, catalogando-os e depois datilografando-os em sua velha máquina de escrever, uma Royal. O resultado dos esforços de Warnie, concebidos para serem simplesmente um registro de pessoas "comuns, indistintas", transformou-se nos 11 volumes dos *The Lewis Papers: Memoirs of the Lewis Family, 1850-1930* [Os escritos dos Lewis: memórias da família Lewis, 1850-1930]. Desde sua publicação, eles se tornaram um instrumento essencial de pesquisa para os

estudiosos de Lewis.

Foi assim que Lewis restabeleceu a "base segura" que lhe fora tomada pela morte de sua mãe e a dispersão de sua família. Como ele observou, dirigindo-se a Greeves no final de 1933, a "estabilidade" era agora o seu ponto forte.[2] Depois de perceber que ele nunca seria famoso como poeta, Lewis concentrava-se agora no mundo da docência de literatura, vendo esse como o campo no qual ele poderia se distinguir, talvez chegando a se sobressair.

Lewis como docente: as tutorias de Oxford

A responsabilidade primária de Lewis de 1927 a 1954 foi o ensino orientado e a ministração de palestras na universidade. Ele era membro da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa em virtude de sua indicação como docente do Magdalen College. O fato de ser membro dessa faculdade lhe permitia dar palestras abertas a todos os estudantes da Universidade de Oxford. Ao contrário de seu colega J. R. R. Tolkien, Lewis nunca foi um "catedrático" em Oxford, no sentido pleno do termo. Ele sempre foi — como atestava a gravação de seu nome na escadaria do alojamento no Magdalen College — simplesmente "Sr. C. S. Lewis". Dada a importância das atividades de orientação e palestras para a vida acadêmica de Lewis, é apropriado refletirmos sobre o que sabemos a esse respeito.

Durante o século 19, a Universidade de Oxford desenvolveu a atividade de orientação semanal como a base de sua pedagogia. As faculdades criaram "cargos de tutor" com o objetivo de melhorar os padrões acadêmicos, particularmente na área de *Literae Humaniores*. Uma sessão de tutoria durava uma hora. Para começar, o aluno lia em voz alta um ensaio de sua autoria. O resto do tempo era tomado por uma discussão minuciosa das ideias e dos argumentos do aluno.

O relato de Lewis sobre um dia típico de trabalho nas oito semanas letivas de um trimestre de Oxford mostra como sua fé agora se entrelaçava com sua vida, em paralelo com sua pesada carga de atividades docentes. Excetuando-se as segundas-feiras e os sábados, seus dias de trabalho de 1931 em diante eram assim:

> 7h15: Despertado por um "scout" que lhe trazia uma xícara de chá
> 8h: Capela

8h15: Café da manhã com o deão da capela e outros
9h: Início das sessões de tutoria, que se seguiam até às 13h
13h: Ida para casa em Headington (Lewis não dirigia)
Tarde: trabalho de jardinagem, passeio com o cão, tempo com "a família"
16h45: Volta para a faculdade
17h: Recomeço das sessões de tutoria, terminando às 19h
19h15: Jantar[3]

Na época em que morava em Great Bookham, Lewis havia estabelecido um conjunto de atividades rotineiras, com adaptações apropriadas às suas circunstâncias, para o resto de sua vida profissional. A manhã era dedicada ao trabalho, o início da tarde era dedicado a caminhadas solitárias, o fim da tarde era para mais trabalho, e a noite era para conversar. As caminhadas de Lewis em The Kilns muitas vezes não eram estritamente solitárias; ele era geralmente acompanhado pelo cão que a sra. Moore tivesse na ocasião. No entanto, a rotina parecia funcionar, e Lewis praticamente não via razão para mudá-la.

Os alunos que foram orientados por Lewis no Magdalen College no início da década de 1930 muitas vezes comentaram sobre as batidas da máquina de escrever oriundas de detrás da porta, enquanto Warnie ia datilografando os *The Lewis Family Papers* na minúscula sala de estar, ao mesmo tempo em que as atividades de tutoria aconteciam na sala maior. O próprio Lewis nunca aprendeu a datilografar, sempre dependendo de canetas para escrever. Uma razão disso era a mesma "inata falta de jeito" provocada pelo fato de ele ter apenas uma articulação em cada polegar, o que lhe impedia o uso adequado de uma máquina de escrever.

No entanto, há mais razões para essa sua característica. Lewis decididamente *optou* por não datilografar. Esse jeito mecânico de escrever, acreditava ele, interferia no processo criativo, pois as incessantes batidas das teclas da máquina embotavam no autor a percepção dos ritmos e cadências da língua inglesa. Lendo Milton e outros poetas ou compondo um trabalho pessoal, argumentava Lewis, era essencial avaliar como *soava* o texto. Mais tarde, dirigindo-se a quem pensasse seriamente em tornar-se escritor, ele aconselhava: "Não use uma máquina de escrever. O ruído vai estragar sua sensação de ritmo, que ainda precisa de anos de treinamento".[4]

Em meados da década de 1930, a carga de Lewis como professor-tutor era pesada. Temos vários relatos de como ele atuava em seu papel de orientador durante a década de 1930, e todos enfatizam sua arguição aguçada e crítica, seu desejo de não perder tempo e certo grau de impaciência com alunos mais fracos ou negligentes. Lewis não aceitava a responsabilidade de passar informações a seus alunos. Ele desaprovava e não admitia aquilo que alguns denominavam modelo "gramofone" de orientação, durante a qual o preceptor simplesmente transmitia o conhecimento que o aluno tão obviamente não conseguira descobrir por si mesmo.

Lewis se via como alguém que capacita o estudante a desenvolver habilidades necessárias para descobrir e avaliar esse conhecimento por si só. Por exemplo, George Sayer (1914-2005) relembra Lewis usando um método acentuadamente socrático em suas tutorias de meados da década de 1930, talvez moldado por sua experiência dos tempos de estudante em Great Bookham sob a orientação de Kirkpatrick. "O que você quer precisamente dizer com a palavra *sentimental*, sr. Sayer? [...] Se o senhor não tem certeza do que a palavra significa, não seria melhor o senhor deixar de empregá-la?".[5]

O relato geralmente considerado mais perceptivo da atividade de tutoria de Lewis nessa época é o de John Lawlor (1918-1999), que, em outubro de 1936, era um dos únicos dois alunos do curso de Língua e Literatura Inglesa do Magdalen College. O relato de Lawlor é meticuloso na observação de detalhes das sessões de tutoria de Lewis e capta algo significativo acerca do homem e de seu método pedagógico. Ele relembra o grito jovial e vibrante do "Entre!", quando o aluno, vestindo sua beca preta e nervosamente segurando seu insignificante ensaio, subia os degraus e batia à porta do alojamento de Lewis. Um homem calvo, de rosto vermelho, trajando largas calças e um largo paletó, sentava-se em sua surrada e confortável poltrona, traçando rabiscos e às vezes fazendo anotações, enquanto o aluno lia seu ensaio durante cerca de vinte minutos. Depois vinha o inevitável e escrupuloso exame do ensaio. Lewis não hesitava em apontar falhas no que fora dito, e (o que talvez seja o mais importante) também no que não fora dito.[6]

Para Lawlor, não era difícil chegar à conclusão de que Lewis não gostava realmente dessa atividade de orientação. Os alunos que tornavam essa experiência mais exigente e interessante eram, por isso mesmo, especialmente bem recepcionados por Lewis. Pois, como corretamente observa Lawlor,

quando funciona da melhor maneira possível, a atividade de orientação de um tutor de Oxford fornece uma "experiência ímpar de divertimento intelectual — uma visão de vastos horizontes e uma sensação crescente de [...] domínio do assunto".[7] A tutoria não se restringia simplesmente ao acúmulo de conhecimento; ela implicava o desenvolvimento do pensamento crítico, fomentando um espírito de análise e avaliação de ideias ou crenças importantes num esforço de calibrar a qualidade delas e melhorá-las, e de descobrir pressupostos não examinados e desafiá-los.

Os sentimentos de Lawlor em relação a Lewis mudaram à medida que o trimestre foi avançando. Aos poucos ele "passou da antipatia e hostilidade para um inflexível afeto, e depois para uma gratidão pela luta semanal na qual não se pedia nem dava trégua alguma". No entanto, apesar de todo o vigor argumentativo e retórico da interação de Lewis com seus alunos, Lawlor relembra um ponto muito significativo: "Uma coisa Lewis nunca fazia, pelo que me lembro dele. Ele nunca impunha seu cristianismo na discussão".

Lá pela década de 1940, Lewis era famoso. John Wain (1925-1994) relembra que os alunos dessa época se aproximavam da sala de Lewis atravessando uma "antecâmara que repercutia sua reputação", para experimentar "densas nuvens de fumaça produzida por rápidas baforadas de cigarro ou de cachimbo", um "estilo argumentativo seco" e, acima de tudo, "um gosto pelo debate".[8] Todavia, talvez a lembrança mais característica da atividade de orientação de Lewis se refira à sua aparência pessoal. Termos como "surrado", "desleixado" ou "desgrenhado" ocorrem com frequência em relatos que os alunos faziam sobre o tutor Lewis. Warnie certa vez fez uma observação acerca da "completa indiferença" de seu irmão em relação a seus trajes, tais como seu velho paletó de *tweed* ou seu par de pantufas levemente rasgadas. Lewis era um fumante compulsivo, geralmente soltando baforadas de seu cachimbo durante as sessões de orientação, com nuvens de fumaça tomando conta do ambiente. Seu hábito de usar o tapete como cinzeiro somava mais alguns pontos à impressão geral de solene decrepitude, associada a solteirões inveterados que levam uma vida solitária.

No entanto, o desleixo de Lewis era visto com carinho por seus alunos, como um sinal de sua indiferença a questões exteriores, causada pelo amor que dedicava ao conhecimento de questões mais profundas e mais significativas. Além disso, sua atitude combinava perfeitamente com o estereótipo de Oxford

daquele período: o professor solteirão, cuja única companhia feminina era uma mãe idosa. Era cômodo para Lewis ser caracterizado desse jeito, pois isso desviava a atenção da verdadeira natureza de sua estranha organização doméstica.

Uma das habilidades de Lewis deve ser sublinhada aqui, pois ela tem óbvia relevância para seus dons de escritor: sua formidável memória. O domínio que Lewis tinha da habilidade medieval da *ars memorativa* inquestionavelmente contribuiu para o sucesso de suas aulas em Oxford, capacitando-o a recitar trechos inteiros de cor. Kenneth Tynan (1927-1980), um dos "jovens rebeldes" da década de 1960, tutorado por Lewis na década de 1940, lembra-se de fazer com ele um jogo de memória. Tynan lia em voz alta um verso escolhido aleatoriamente num livro selecionado da biblioteca de Lewis. Em seguida, Lewis identificava a citação e inseria o verso no seu contexto apropriado.[9]

Lewis, ao que tudo indica, conseguia lembrar textos principalmente porque havia absorvido a profunda lógica interior deles. Seus diários testemunham seu hábito de ler uma quantidade impressionante de textos. Sua biblioteca pessoal contém anotações indicando quando determinado livro foi lido pela primeira vez e depois lido novamente. Ele era bom em explicar ideias complexas para outros, porque antes as havia explicado para si mesmo: "Sou um professor profissional, e acontece que a explicação é uma das coisas que aprendi a fazer".[10] Lewis conseguiu esse feito em parte negligenciando outras fontes de leitura, tais como a de jornais diários. Em consequência disso, até mesmo seus amigos às vezes o achavam lamentavelmente ignorante em relação aos últimos acontecimentos.

William Empson (1906-1984), eminente crítico literário que teve pouco tempo para dedicar-se à leitura das opiniões de Lewis sobre Milton, declarou, contudo, que "ele era o homem mais letrado de sua geração, alguém que leu tudo e lembrava tudo o que havia lido".[11] Esse fato transparecia. Os alunos que frequentavam suas aulas ficavam impressionados com seu domínio não simplesmente dos textos das obras principais da literatura — acima de tudo, de *O paraíso perdido* de Milton —, mas também com seu domínio ainda mais profundo da estrutura interna dessas obras. Raramente as palestras na universidade informam e ao mesmo tempo inspiram; no entanto, essas qualidades logo se tornaram a marca registrada do estilo das palestras acadêmicas de Lewis.

Lewis como professor: as aulas em Oxford

Com tal capacidade de memorização, talvez fosse inevitável que Lewis fizesse suas palestras sem utilizar anotações. Ele fez sua primeira palestra em Oxford em outubro de 1924. Mesmo então, ele decidiu que não falaria a partir de um texto redigido por inteiro. As palavras simplesmente lidas para a plateia, explicou ele a seu pai, tendem a "fazer as pessoas dormirem". Ele teria de aprender a falar para sua plateia sem lhe recitar suas palestras.[12] Ele precisava prender a atenção de seus ouvintes, não simplesmente despejar informações.

No final da década de 1930, Lewis havia criado a fama de ser um dos melhores palestrantes de Oxford, atraindo multidões que outros podiam apenas sonhar em reunir. O tom de sua voz, forte, retumbante e claro — descrito por um de seus ouvintes como uma "voz de vinho do Porto e pudim de ameixa" — era ideal para palestras. Lewis falava baseando-se apenas em breves anotações, que tipicamente identificavam citações a usar e pontos a enfatizar. A fluente apresentação que vinha a seguir encantava a maior parte de sua plateia. Talvez fosse melhor assim, uma vez que Lewis não dava tempo para perguntas no fim de suas palestras. Suas conferências eram um evento retórico, uma apresentação teatral, completa em seus próprios termos. Como um artista da Renascença, Lewis abria uma janela para um panorama mais vasto,[13] ampliando a visão de sua plateia.

Era inevitável que a Universidade de Oxford reconhecesse as habilidades de Lewis. Embora ele apenas tivesse um cargo de professor de Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College, a universidade lhe conferiu títulos adicionais em reconhecimento de seu papel acadêmico cada vez mais amplo. A partir de 1935, ele aparece nas publicações oficiais da Universidade de Oxford como "professor-palestrante da faculdade em Língua e Literatura Inglesa";[14] a partir de 1936, como "palestrante sobre Literatura Inglesa da universidade".[15] Embora continuasse vinculado ao Magdalen College, Lewis ia conseguindo um reconhecimento maior no âmbito da universidade como um todo. A publicação de sua obra *Alegoria do amor* em 1936 ampliaria ainda mais a estima de que ele desfrutava.

Os cursos mais famosos ministrados por Lewis em Oxford foram duas séries de dezesseis palestras, intituladas "Prolegômenos aos estudos medievais" e "Prolegômenos aos estudos da Renascença". Essas conferências exibiram sua vasta leitura das fontes primárias, organizadas e explicadas em termos acessíveis

e interessantes. O conteúdo dessas palestras, desenvolvido ao longo dos anos, acabaria aparecendo em sua obra *The Discarded Image* [A imagem descartada] (1964). Lewis não escondia de ninguém o fato de sentir profunda satisfação nessas formas de pensar mais antigas. "O velho modelo me agrada, como creio que ele era do agrado de nossos ancestrais".[16]

No entanto seria injusto descartar Lewis como um antiquário e alguém de olhar fixo no passado. Sua convicção, como veremos, é de que o estudo do passado nos ajuda a perceber que as ideias e os valores de nosso tempo são simplesmente tão provisórios e passageiros como os de outrora. O comprometimento inteligente e reflexivo com o modo de pensar antecessor acaba subvertendo qualquer noção de "esnobismo cronológico". A leitura de textos do passado mostra claramente que aquilo que hoje chamamos de "o passado" foi outrora "o presente", que orgulhosa, mas falsamente, se considerava o descobridor de respostas intelectuais ou de valores morais corretos que haviam se esquivado de seus predecessores. Posteriormente, Lewis formulou essa ideia com a seguinte frase: "Tudo o que não é eterno é eternamente obsoleto".[17] A demanda de uma *filosofia perennis* — uma visão mais profunda da realidade por trás de todas as coisas em todas as épocas — foi inquestionavelmente um dos fatores que levaram Lewis à descoberta da fé cristã.



7.1 Examination Schools, perto do Magdalen College, onde Lewis fez muitas palestras durante sua carreira na Universidade de Oxford. Inaugurados em 1892, quando foi tirada esta fotografia, esses prédios eram utilizados como salas de exames e também como salas de palestras da universidade.

No entanto, em Oxford por volta dessa época alguns ficaram com a impressão de que Lewis via sua obrigação de tutor e palestrante como algo que atrapalhava aquilo que ele realmente queria fazer: escrever livros. É possível que as orientações e palestras informem seus livros; contudo, Lewis preferia fazer suas leituras e discuti-las com colegas informados — os "Inklings" são um exemplo disso — a ouvir apreciações amadorísticas e pouco informadas sobre essas leituras, procedentes da boca de seus alunos. Na parte a seguir, vamos analisar a primeira obra em prosa de Lewis, e explorar como ela ao mesmo tempo ilumina seu passado e prenuncia seu futuro.

O regresso do peregrino (1933): o mapeamento da paisagem da fé

Em janeiro de 1933, Lewis escreveu a Guy Pocock, um funcionário da editora de J. M. Dent, indagando se estariam interessados em publicar um livro que ele

acabara de escrever. Seria "uma espécie de Bunyan modernizado",[18] uma referência ao clássico *O peregrino* (1678-1684), de John Bunyan. O tom hesitante da carta de Lewis reflete claramente algum embaraço devido ao número insignificante da venda de sua obra anterior, o poema narrativo *Dymer*. Ele se antecipa garantindo a Pocock que seu novo livro seria publicado tendo seu próprio nome como autor. Depois de três semanas, Pocock havia tomado a decisão de publicar *O regresso do peregrino*.

Lewis escreveu *O regresso do peregrino*, seu primeiro romance, num surto prolongado de atividade literária, entre 15 e 29 de agosto de 1932, durante uma visita a seu amigo e confidente Arthur Greeves em sua casa, Bernagh, nos arredores de Belfast. (Essa casa ficava na mesma rua de Little Lea, a casa que Lewis passara sua infância e que havia sido recentemente vendida.) A melhor maneira de entender essa primeira obra em prosa de Lewis é vê-la como um mapa imaginário da paisagem da fé. Conforme o título e também a carta endereçada a Pocock sugerem, esse livro pode ser concebido como uma obra inspirada em *O peregrino* de Bunyan. Mas é importante abordá-lo em seus próprios termos, e não esperar que ele seja ou uma simples forma de contar de novo a alegoria de Bunyan para os tempos modernos, ou um relato narrativo da própria conversão de Lewis. Para Lewis, a questão-chave que ele quis explorar não era a história pessoal — "O encontro de Lewis com Deus" — mas a questão intelectual de como a razão e a imaginação podem ser afirmadas e integradas no contexto da visão cristã da realidade.

O regresso do peregrino pode ser lido de várias maneiras. A leitura mais plausível mostra a tentativa de Lewis de esclarecer sua mente, de expressar com palavras e imagens os processos de pensamentos que, ao longo dos últimos três anos, haviam estilhaçado seu firme mundo intelectual. A conversão de Lewis o forçara a refazer seus mapas intelectuais, renegociando seu "acordo com a realidade". Um novo acordo, estabelecido nesta sua obra inicial, cria espaço para a razão e a imaginação dentro de um mundo ordenado. Apresenta normas e critérios de avaliação que fazem sentido, sem descambar para o anti-intelectualismo de formas mais extremas do romantismo ou para formas emocionalmente empobrecidas de racionalismo que eliminam o transcendente por uma questão de princípio.

Lewis era um pensador acentuadamente visual, que muitas vezes usava imagens para afirmar pontos filosóficos e teológicos importantes — por

exemplo, sua famosa imagem do raio de luz num barracão escuro, para estabelecer uma distinção entre "olhar *com*" e "olhar *para*". *O regresso do peregrino* não é uma defesa filosófica da fé, mas a construção de um mapa-múndi medieval, um relato cosmográfico da situação em que se encontra a humanidade e de sua luta para achar o caminho rumo ao seu verdadeiro objetivo e destino. Lewis considera a capacidade do mapa de conferir sentido à experiência humana como uma indicação de sua confiabilidade.

Para muitos leitores de hoje, essa obra parece opaca e complexa, salpicada de uma quantidade grande e desnecessária de citações difíceis. Essa sensação de texto impenetrável (o próprio Lewis admitiu mais tarde a "desnecessária obscuridade" do livro)[19] talvez seja reforçada por seu título original: *Périplo do pseudo-Bunyan: uma apologia alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo*, sabiamente abreviado quando Lewis corrigiu as provas para a publicação. O próprio Lewis parece ter tardiamente percebido as dificuldades que muitos leitores sentiram lidando com esse primeiro livro, e seus escritos posteriores mostram o que ele aprendeu com isso.

A maioria dos leitores modernos acha que *O regresso do peregrino* é um complexo jogo de palavras cruzadas. Ele apresenta intrigantes pistas sobre pessoas e movimentos da vida cultural e intelectual da Inglaterra da década de 1920 e início da de 1930, pistas que precisam ser decodificadas e destrinchadas. Quem Lewis tinha em mente quando escreveu sobre o "sr. Neo-Angular"? De fato, nesse caso, na mira de Lewis estava T. S. Eliot. No entanto, a maioria dos leitores se perguntará qual é a razão de tanto estardalhaço. Enfocando demais os movimentos intelectuais e culturais de sua época, Lewis se tornou menos inteligível para os leitores posteriores desse livro, que desconhecem as pessoas, os movimentos ou a razão de sua possível importância.

O próprio Lewis percebeu que havia um problema. Em 1943, uma década depois da publicação original da obra, ele concordou que havia ocorrido uma "profunda mudança" nos padrões de pensamento,[20] de modo que os movimentos descritos por ele já não eram familiares para muitos leitores. O mundo tinha avançado; as antigas ameaças haviam entrado para a história, e novas ameaças haviam surgido. Num sentido, *O regresso do peregrino* é provavelmente interessante para intelectuais historiadores. Hoje essa é uma das menos lidas obras de Lewis.

No entanto, esse livro pode ser lido sem a necessidade de se fazer essas

conexões. De fato, Lewis condenou "o pernicioso hábito de ler a alegoria como se tratasse de um criptograma a traduzir".[21] A melhor maneira de entender esse livro é vê-lo como uma busca pelas verdadeiras origens, pelos objetos e objetivos do desejo humano. Inevitavelmente, isso envolve a identificação e crítica das "falsas direções", com as quais Lewis se ocupa tão detalhadamente a ponto de perder a atenção de seus leitores. Vamos em seguida explorar os principais temas da obra, sem nos prendermos a pequenos detalhes da análise de Lewis.

O personagem central de *O regresso do peregrino* é John, o peregrino que tem visões de uma ilha que evoca uma sensação de intenso mas passageiro anseio. Às vezes, John é dominado por esse anseio enquanto luta para entendê-lo. De onde ele provém? O que é aquilo *pelo que* ele anseia? Um tema secundário, porém muito importante, diz respeito a uma sensação de obrigação moral. Por que ansiamos por agir corretamente? De onde vem essa sensação de obrigação? E o que é que isso significa, se é que significa alguma coisa? Para Lewis, a experiência humana — moral e estética — é atrapalhada por falsas tentativas de *entender* essa sensação de anseio, e por igualmente falsas compreensões do verdadeiro objeto desse anseio. *O regresso do peregrino* é basicamente uma exploração desses falsos caminhos ao longo do curso da vida.

Como muitos antes de si, Lewis optou por descrever essa busca filosófica em termos de uma jornada. Ele emprega a imagem de uma estrada que conduz à misteriosa ilha, com terras áridas dos dois lados. Ao norte se situam maneiras objetivas de pensamento, baseadas na razão; ao sul, maneiras subjetivas, baseadas na emoção. Quanto mais John se afasta da estrada central, tanto mais extremas se tornam essas posições.

Está claro que o relacionamento entre a razão e a imaginação tem muita importância para Lewis. *O regresso do peregrino* defende o pensamento racional contra argumentos baseados puramente em sentimentos, mas se recusa a aceitar uma abordagem exclusivamente racional da fé. Para Lewis, deve haver uma forma que reconcilie razão e imaginação, como aponta seu soneto "Reason", provavelmente escrito na década de 1920. Esse poema contrasta a clareza da razão (simbolizada pela "donzela" Athene) com a criatividade da imaginação (simbolizada por Deméter, a terra-mãe). Como, perguntava-se Lewis, seria possível reconciliar essas duas forças aparentemente opostas?[22]

À medida que a narrativa de *O regresso do peregrino* avança, fica evidente que

uma reconciliação dessa natureza só pode ser fornecida pela "Madre Igreja". Alguns interpretaram esta figura alegórica como sendo especificamente o catolicismo, mas está claro que Lewis queria que fosse um cristianismo sem nenhuma denominação. Esse era o "cristianismo puro e simples" sobre o qual escreveu o autor puritano Richard Baxter (1615-1691), e que Lewis passou a expor cada vez mais na década de 1940.

Ao percorrer a parte norte da estrada, John se encontra com maneiras de pensar que desconfiam profundamente dos seus sentimentos, das suas intuições e imaginações. A região do norte, fria e clinicamente "racional", é o reino de "sistemas rígidos", ortodoxias insípidas caracterizadas por "uma seletividade arrogante e apressada, de certo racionalismo extremo", a qual conduz à errônea conclusão de que "todos os sentimentos [...] são duvidosos". Na parte sul da estrada, porém, John se encontra diante de "almas sem caráter, cujas portas permanecem escancaradas dia e noite" para quem vier, especialmente para aqueles que oferecem algum tipo de "intoxicação" mística ou emocional. "Todos os sentimentos se justificam pelo simples fato de serem sentidos."[23] A filosofia racionalista do Iluminismo, a arte romântica, a arte moderna, a teoria de Freud, o ascetismo, o niilismo, o hedonismo, o humanismo clássico e o liberalismo religioso aparecem todos nesse mapa, simplesmente para serem testados e apontados como deficientes.

Essa dialética entre a "nordicidade" e a "sulinidade" oferece a Lewis uma estrutura para explorar o relacionamento apropriado entre a razão e a imaginação, concentrando-se principalmente no tema do anseio. Alguns tentaram não atribuir nenhuma importância ao "Desejo"; outros o vinculam a objetivos falsos. Lewis observa que ele mesmo também cometeu esse erro: "Eu mesmo fui enganado por todas essas falsas respostas, uma de cada vez, e levei cada uma delas em conta com seriedade suficiente para descobrir seus embustes".[24]

Qual é então o supremo objeto do Desejo — esse "intenso anseio"? Lewis antecipa nesse ponto o seu "argumento do Desejo", central na apologética cristã e que ele desenvolveria ainda mais em suas transmissões radiofônicas durante a Segunda Guerra Mundial, uma década mais tarde, e depois coligiu em *Cristianismo puro e simples*. Lewis abre uma linha de pensamento originariamente empregada pelo filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662) — isto é, que há um "abismo" dentro da alma humana tão grande que só Deus pode preencher. Ou

para usar outra imagem, há uma "cadeira" na alma humana, esperando um hóspede ainda por chegar. "Se a natureza não faz nada em vão, Aquele que pode sentar-se nessa cadeira deve existir".[25]

Nossa experiência desse Desejo revela nossa verdadeira identidade e ao mesmo tempo sugere qual é nosso verdadeiro objetivo. Inicialmente entendemos esse Desejo como um anseio por algo tangível e presente no mundo; depois percebemos que nada neste mundo consegue satisfazer nosso Desejo. John, o peregrino, de início deseja a ilha. No entanto, aos poucos ele passa a perceber que seu verdadeiro anseio de fato diz respeito ao "Proprietário" — a forma de Lewis se referir a Deus. Todos os outros objetivos e explicações propostos para essa sensação de anseio são insatisfatórios do ponto de vista intelectual e existencial. São "falsos objetos" do Desejo, cuja falsidade é basicamente exposta pela sua incapacidade de satisfazer os anseios mais profundos da humanidade.[26] Há sim uma cadeira na alma humana, e seu futuro ocupante é Deus.

> Se um homem seguisse diligentemente seu desejo, perseguindo os falsos objetos até que a falsidade deles se manifestasse e depois resolutamente os abandonasse, ele acabaria chegando a um conhecimento claro de que a alma humana foi criada para desfrutar de algum objeto que nunca é plenamente concedido — ou melhor, que nem sequer pode ser imaginado como concedido — em nossa atual modalidade de experiência de tempo e espaço.[27]

À luz do pensamento mais amadurecido de Lewis, outro ponto se destaca como sendo particularmente importante. *O regresso do peregrino* descreve *duas* jornadas: a de ida e a de volta. Depois de perceber o verdadeiro significado da ilha, o peregrino agora toma o caminho de volta. No entanto, quando regressa através da mesma paisagem *depois* de chegar à fé — o "regresso" é o título do livro — ele descobre que a aparência das coisas mudou. Ele as enxerga de uma forma nova. Seu guia explica que ele está "enxergando a terra como ela é na realidade". Sua descoberta da verdadeira natureza dos acontecimentos muda o modo de ver as coisas. "Seus olhos estão alterados. Você agora não enxerga nada além das coisas reais."[28] Lewis antecipa um dos temas principais de seus escritos posteriores: que a fé cristã nos permite ver as coisas como elas realmente são. Há fortes indícios de algumas imagens presentes no Novo Testamento, tais como olhos sendo abertos e véus sendo removidos.[29]

É importante não tratar *O regresso do peregrino* como a manifestação do

entendimento definitivo de Lewis sobre o relacionamento da fé com a razão e a imaginação. Embora alguns autores tenham sugerido que o pensamento maduro de Lewis aparece quase plenamente desenvolvido em seus primeiros escritos, as coisas não são tão diretas assim. Durante as décadas de 1930 e 1940, Lewis estava explorando o relacionamento entre razão e imaginação, entre "o verdadeiro" e "o real", em particular o relacionamento entre o argumento racional e o uso de narrativas imaginativas. Nesse estágio, Lewis tende a ver a imaginação como o meio primário pelo qual um indivíduo é levado a dedicar uma atenção racional à fé cristã; no entanto, ele não a vê como o meio pelo qual se pode entrar no reino da fé.

Em parte, o desenvolvimento que Lewis fez desses pontos se deveu à sua interação com colegas que o ajudaram a afiar e refinar seu pensamento. Um dos mais significativos grupos que o ajudou a aperfeiçoar e desenvolver suas ideias, e a expressão literária delas, foi o pequeno grupo literário conhecido como os "Inklings", do qual passamos a nos ocupar agora.

Os Inklings: amizade, comunidade e debate

Os encontros regulares de Lewis com Tolkien, que remontam ao ano de 1929, refletiram um vínculo profissional e pessoal cada vez mais estreito entre esses dois homens. Tolkien desenvolveu o hábito (de modo algum desestimulado por Lewis) de aparecer na casa do amigo nas manhãs de segunda-feira para um drinque, umas conversas descontraídas (geralmente sobre políticas da universidade) e uma troca de notícias sobre a produção literária de cada um deles. Era, declarou Lewis, "um dos momentos mais agradáveis da semana".[30] À medida que a amizade deles foi se aprofundando, eles até começaram a sonhar em assumir as duas cátedras de Língua e Literatura Inglesa do Merton College para então promoverem juntos uma reforma do curso da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa de Oxford.[31] Nesse estágio, Tolkien era professor titular de anglo-saxão e membro do corpo docente do Pembroke College. Lewis apenas fazia parte do corpo docente do Magdalen College. Mas ambos sonhavam com um futuro melhor e mais brilhante. E havia sinais de florescentes projetos literários. Em fevereiro de 1933, Lewis disse a Greeves que ele acabara de ter uma "experiência deliciosa lendo uma história para crianças" escrita por Tolkien.[32] Tratava-se, obviamente, de *O hobbit*, que acabaria sendo publicado em 1937.

Essa amizade pessoal entre Lewis e Tolkien foi suplementada pelos muitos clubes, sociedades e círculos literários existentes em Oxford nessa época. Às vezes eles se concentravam numa faculdade específica (por exemplo, Nevill Coghill e Hugo Dyson pertenciam ambos ao Exeter College Essay Club quando eram alunos de graduação na década de 1920). Às vezes eles se concentravam em temas linguísticos ou literários (como no caso do grupo *Kolbítar*, fundado por Tolkien para difundir a apreciação do norueguês antigo e de sua literatura). No entanto, enquanto Lewis e Tolkien eram membros ativos de várias redes literárias no âmbito de Oxford, a amizade deles transcendia essas redes, aprofundando-se quando Lewis se converteu ao cristianismo no final de 1931. Tolkien leu partes de *O hobbit* para Lewis; Lewis leu partes de *O regresso do peregrino* para Tolkien.

Esse pequeno núcleo se expandiria formando um grupo que, a partir de então, adquiriu um *status* quase lendário: os Inklings. Nunca houve nenhuma intenção de fazer desse um grupo de elite para discussões de questões de fé e literatura. Como Topsy, personagem de *A cabana do Pai Tomás*, ele simplesmente nasceu e "cresceu" por acidente e casualidade. No entanto, o surgimento dos Inklings em 1933 foi tão inevitável como o nascer do sol. Foi assim que Lewis e Tolkien expandiram seus horizontes: por meio de livros, de amigos, e de amigos discutindo livros.

A primeira adição ao eixo Lewis-Tolkien foi o irmão de Lewis, Warnie, que estava nessa época desenvolvendo uma paixão pela história da França no século 17.[33] Como Lewis e Tolkien, Warnie também havia servido no exército inglês durante a Grande Guerra. Tolkien, ao que parece, aceitou a inclusão de Warnie em suas discussões, relutando cada vez menos. Com o passar do tempo, outros foram incluídos. A maioria dos primeiros membros já fazia parte do círculo de Lewis e de Tolkien, como, por exemplo, Owen Barfield, Hugo Dyson e Nevill Coghill. Outros foram aos poucos se juntando, mediante convites e consensos mútuos. Não havia nenhuma filiação formal, nem formas acordadas de eleição de novos membros.

Não havia nenhuma solenidade de iniciação no grupo, como na legendária fundação da "Sociedade do anel" de Tolkien. Não havia juramentos, nem votos de lealdade. De fato, o grupo não tinha sequer um nome até muito tempo depois de sua formação. Era, como disse Tolkien, um "círculo indeterminado de amigos não eleitos".[34] Os Inklings eram basicamente um grupo de amigos com

interesses comuns. Os "penetras" que apareciam sem serem convidados não eram estimulados a voltar. A identidade coletiva do grupo surgiu muito lentamente, e foi mudando com o tempo. Até onde se pode perceber, a identidade do grupo estava em seu foco voltado para o cristianismo e a literatura — termos esses interpretados com muita generosidade.

Não é possível indicar com muita clareza em que momento (ou por quem) o grupo passou se chamar Inklings. Para Tolkien, sempre se tratou de um "clube literário". Charles Williams, membro do grupo de 1939 a 1945, não emprega o termo *Inklings* para referir-se a esse grupo na correspondência com sua mulher: é simplesmente o "grupo Tolkien-Lewis".[35] O título *Inklings* — que Tolkien atribui a Lewis — sugeria "pessoas com sugestões e ideias vagas e incompletas, e mais aqueles que mexem com tinta [*ink*]".[36] Esse nome não era original. Parece que Lewis o tomou emprestado de um grupo de discussão literária anterior, do qual ele era sócio, depois que o grupo deixou de se reunir.

Os Inklings originais eram um grupo de estudantes de graduação que se reuniam no alojamento de Edward Tangye Lean (1911-1974) — irmão mais novo de David Lean, o futuro diretor de cinema — no University College, para ler textos inéditos que depois eram discutidos e criticados. Lean, que iniciou e organizou o grupo, escolheu o termo *Inklings* para sugerir a ideia de ocupar-se com a redação de textos. Lewis e Tolkien foram ambos convidados a frequentar essas reuniões, nas quais predominavam alunos de graduação. Quando Lean deixou Oxford em junho de 1933, o grupo foi desativado. Talvez por esse motivo, Lewis julgou que podia apropriar-se do nome para designar o novo grupo que nessa época se formava ao redor dele e de Tolkien.

Uma das primeiras alusões aos Inklings está numa carta de Lewis a Charles Williams do dia 11 de março de 1936. Lewis acabara de ler o romance de Williams, *The Place of the Lion* [O lugar do leão] (1931), e se encantara com ele. Era exatamente o tipo de livro que ele mesmo gostaria de ter escrito: um romance filosófico, no qual arquétipos platônicos descem à terra na forma de animais. A editora Oxford University Press tinha então sua base de operações comerciais — como as impressões de Bíblias e obras didáticas — em Amen House, Londres, não muito longe da St. Paul's Cathedral, ao passo que mantinha a base de suas publicações acadêmicas em Oxford. Lewis enviou um convite a Williams, que trabalhava na Amen House, para que ele viesse visitá-lo em Oxford e se encontrasse com outros que haviam lido seu livro — ele

mesmo, seu irmão, Tolkien e Coghill, "todos vibrando com emocionada admiração". Juntos, eles formavam "uma espécie de clube informal denominado os Inklings",[37] enfocando questões relacionadas com a fé cristã e a produção literária.

De fato, os membros do grupo que se reunia em torno de Lewis e Tolkien atuavam como "críticos amigos" para a discussão e o desenvolvimento de obras em andamentos. Os Inklings eram estritamente um "grupo de colaboradores". Sua função era ouvir a leitura em voz alta de obras em andamento e criticá-las, não *planejá-las*. A única exceção aparente nesse ponto está na coleção de ensaios reunidos para homenagear Charles Williams. Esse, porém, foi um projeto claramente iniciado e conduzido pelo próprio Lewis. É importante observar que apenas quatro membros dos Inklings estavam envolvidos nesse projeto, e que ele incluía uma autora que não era do grupo: Dorothy L. Sayers (1893-1957). (O alto nível dessa coleção de ensaios pode ter fomentado a crença de que Sayers era também membro dos Inklings, mas não era.)

Há dois erros principais que os estudiosos de Lewis poderiam cometer acerca dos Inklings: primeiro, atribuir-lhes uma importância retrospectiva e uma unidade interna que eles não tinham na época; e, segundo, supor que os contatos literários de Lewis e suas influências se limitavam a esse grupo.

Lewis fazia parte de uma extensa comunidade de escritores que ia além dos Inklings, e se expandiu ainda mais depois de 1947, tempo durante o qual o grupo continuou se reunindo, mas descuidou-se de suas funções literárias. A importância dessa comunidade mais ampla compensou uma deficiência óbvia dos Inklings: o grupo não incluía mulheres. Em seu contexto histórico, isso não surpreende. Durante a década de 1930, a Universidade de Oxford ainda era uma instituição decididamente masculina; entre os intelectuais, a emergente presença feminina se restringia a um pequeno grupo de faculdades só para mulheres, como o St. Hilda's College, o Somerville College e o Lady Margaret Hall. (O romance *Gaudy Night* [Noite de pompas], de Dorothy L. Sayers, tem seu cenário numa faculdade fictícia só para mulheres, e representa bem as atitudes prevalentes em relação às mulheres daquela época.)

Apesar de tudo, há questões mais profundas que refletem o pensamento de Lewis sobre as mulheres, que muitos hoje consideram problemático. Seus escritos subsequentes — especialmente *Os quatro amores* (1960) — manifestam a ideia de que formas masculinas de amizade são essencialmente diferentes de

seus equivalentes femininos, sugerindo que a participação exclusivamente masculina no grupo dos Inklings talvez tenha sido deliberada, e não casual.

Contudo, as amizades literárias de Lewis incluíram importantes autoras tais como Katharine Farrer, Ruth Pitter, irmã Penelope e Dorothy L. Sayers. Sua carta endereçada a Janet Spens — tutora de Língua e Literatura Inglesa no Lady Margaret Hall — apresentando uma apreciação detalhada de sua obra *Spenser's Faerie Queene* (1934) [A rainha das fadas, de Spenser], entremeado com algumas questiúnculas eruditas, é uma dentre muitas indicações de que, em questões de conhecimento, Lewis estava alerta à erudição e não enxergava diferenças de gênero.[38]

Havia uma distinção clara — que às vezes provocou tensões — entre os membros dos Inklings que de fato escreviam e aqueles que simplesmente comentavam. E nem todos os membros participavam das reuniões. Embora dezenove nomes (todos masculinos) estejam ligados aos Inklings ao longo da história do grupo,[39] a discussão literária séria parece ter ser limitado a mais ou menos meia dúzia de pessoas no alojamento de Lewis no Magdalen College depois do jantar das quintas-feiras.

Dispomos de alguns relatos dessas reuniões durante a década de 1930, todos eles enfatizando sua jovialidade e informalidade. Quando meia dúzia de pessoas se encontrava reunida no alojamento de Lewis, Warnie preparava um bule de chá bem forte, cachimbos entravam em ação, e Lewis perguntava se algum dos presentes havia trazido algo para ler. Não havia nada disso de distribuir um texto para discussão; de fato, ao que parece praticamente não havia nenhuma preparação prévia. Os Inklings liam textos em voz alta uns para os outros, visando aos comentários e às críticas quando e se estivessem prontos para fazê-lo. Isso causava certo grau de mal-estar bem-educado, uma vez que Tolkien não era exatamente um bom leitor — o que talvez explique por que suas palestras na universidade tinham uma plateia reduzida. Esse problema acabou sendo resolvido quando seu filho Christopher começou a frequentar as reuniões, e passou a ler as obras de seu pai com uma voz clara e agradável.

Essas sessões das noites de quinta-feira eram suplementadas por sessões regadas por muita bebida no almoço das terças-feiras na Rabbit Room [Sala do Coelho], nos fundos do *pub* Eagle and Child [Águia e Criança] (conhecido por muitos dos Inklings como "Ave e Bebê") em St. Giles, disponibilizado para eles por seu dono, Charles Blagrove. As reuniões das terças eram claramente vistas

como tendo uma função principalmente social em vez de literária. Essas reuniões eram suplementadas, de vez em quando, durante o verão, por visitas a outros bares, como o The Trout [A Truta], um bar à beira do rio em Godstow, um pouco ao norte de Oxford.

Nunca houve dúvida durante a década de 1930 acerca da identidade das figuras centrais do grupo. Os Inklings eram um sistema masculino de planetas cuja órbita girava em torno de dois sóis, Lewis e Tolkien (este último geralmente apelidado de "Tollers"). Não se pode dizer que um dos dois tenha dominado ou dirigido o grupo, como se tivessem direitos de propriedade sobre suas funções ou fortunas. Havia uma suposição tácita e nunca questionada, reforçada à medida que a fama literária de ambos foi crescendo, de que eles eram o foco natural do grupo.



7.2 Um grupo de Inklings no *pub* The Trout, em Godstow, nas cercanias de Oxford. Da esquerda para a direita: James Dundas-Grant, Colin Hardie, dr. Robert E. Havard, Lewis e Peter Havard (que não fazia parte dos Inklings).

Como Lewis ressaltou em seu ensaio "The Inner Ring" [A

circunvizinhança] de 1944, todo grupo corre o risco de se tornar uma "região central" ou de se ver como um grupo de "gente importante" ou de "gente que sabe". Os Inklings caíram nessa cilada? Alguns acham que sim. Um acontecimento em particular sugere que essa suspeita pode ter algum fundamento.

A cada cinco anos, a universidade de Oxford elege um "professor de poesia". Embora às vezes tenham sido indicados poetas de real valor, como foi o caso de Matthew Arnold, o cargo era, nessa época, geralmente determinado em consequência de políticas da universidade, e não de habilidades poéticas. A instituição pendia fortemente a favor de *sir* Edmund Chambers. Um dos Inklings considerou essa situação uma escolha absurda. Adam Fox (1883-1977) sugeriu certo dia, durante o café da manhã no Magdalen College, que até ele mesmo seria um candidato melhor. Tratava-se de um gesto retórico mais do que uma proposta definitiva. Fox não era nenhum poeta, e ele pretendera simplesmente criticar Chambers, não promover a si mesmo. Mas por motivos que permanecem obscuros, Lewis levou a sério essa sugestão esquisita. O nome de Fox apareceu na lista de três candidatos, apoiado por Lewis e Tolkien. Lewis fez uma campanha agressiva para eleger Fox em detrimento dos outros dois candidatos, mobilizando os Inklings e seu círculo a favor de Fox. No final, Lewis e seu círculo conseguiram que Fox fosse eleito. Tolkien viu isso como uma famosa vitória para os Inklings. "Nosso clube literário de *poetas praticantes*", escreveu ele, havia triunfado sobre o poder da instituição e do privilégio![40]

No entanto, foi uma jogada insensata. Fox havia de fato escrito um poema — o "longo e infantil" "Old King Cole". Ao ouvir logo em seguida uma palestra de Fox, Lewis parece ter percebido que ele e seus colegas haviam, de certo modo, metido os pés pelas mãos. Equivocadamente, ele supôs que se tratava apenas de um erro literário, quando na realidade se tratava de um erro político. Lewis havia desagradado a instituição de Oxford. E Oxford tem uma memória muito longa.

Os Inklings acabariam entrando em declínio em 1947 — não no calor de uma discussão, não num gesto consensual de nobre dissolução porque a missão artística deles obtivera o esperado sucesso. Eles simplesmente morreram de inanição como grupo de discussão literária, embora seus membros continuassem se encontrando socialmente e discutindo questões de política universitária e de literatura. Mas, enquanto durou, ele foi um crisol de

criatividade e energia literária. Como observou John Wain: "Num período muito apático da Universidade de Oxford, Lewis e seus amigos lhe proporcionaram um surto de vida".[41] Independentemente de suas falhas, pode-se dizer que os Inklings deram origem a um dos clássicos canônicos da literatura inglesa, além de outras obras menores. O clássico? *O senhor dos anéis*, de Tolkien.

Apesar de muitas declarações contrárias em obras populares sobre Lewis, as crônicas de Nárnia nunca foram apresentadas ao grupo dos Inklings para discussão. No dia 22 de junho de 1950, Lewis distribuiu provas de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* entre aqueles que apareceram no Eagle and Child para beber e conversar. No entanto, esse não era um momento para discussão ou debate formal. Tratava-se mais de um caso de "apresentar" as provas de uma obra, não de fazer críticas sérias ao rascunho de uma produção literária.

No entanto, com isso estamos atropelando nossa narrativa. Devemos agora analisar a obra que deu a Lewis a reputação de um intelectual literário sério e que continua sendo muito lida até hoje: *Alegoria do amor*, o clássico de 1936.

Alegoria do amor (1936)

Escrevendo a um amigo em 1935, Lewis resumiu sua situação em três breves afirmações: "Estou ficando careca. Sou cristão. Profissionalmente, sou acima de tudo um medievalista".[42] Há pouca coisa interessante a dizer acerca do primeiro ponto, exceto que fotografias de Lewis dessa época confirmam seu diagnóstico. Já dedicamos um capítulo ao segundo ponto. Mas o que dizer sobre o terceiro? A obra *Alegoria do amor* é sua primeira obra importante que trata de seu campo de atividade profissional. Ela merece certamente uma discussão, se não fosse por outros motivos, por desenvolver temas literários que têm sua transposição religiosa em muitos dos escritos subsequentes de Lewis.

Lewis vinha planejando sua obra *Alegoria do amor* havia muito tempo, mas não lhe fora possível completá-la devido a seus deveres de examinador. Começara a redação do primeiro capítulo desse seu estudo da "poesia lírica medieval e da ideia medieval sobre o amor" em julho de 1928.[43] Passou horas na biblioteca Duke Humfrey, a parte mais antiga da biblioteca Bodleian, reprimindo o desejo de fumar, o que lhe teria ajudado a manter a concentração que teimava em dispersar-se. No entanto, exigira-se de Lewis, como de todos os usuários da biblioteca Bodleian, a promessa de "não levar para a biblioteca, ou usar em seu interior, nenhum artefato que produzisse chama ou fogo, e de não

fumar dentro daquele recinto". O projeto dele emperrou.

Lá pelo mês de fevereiro de 1933, todavia, as coisas estavam claramente avançando rápido de novo. Lewis escreveu a Guy Pocock, pedindo-lhe uma mudança em seu contrato com a editora Dent para *O regresso do peregrino*. Ele queria que sua "cláusula de opção"[44] fosse revisada, de modo que pudesse apresentar seu novo livro a Clarendon Press, de Oxford.[45] Esse livro, explicava ele, seria uma obra acadêmica, tratando do tema da alegoria, e isso a seu ver teria pouco interesse para Pocock ou para seus leitores. Sugeriu que a "cláusula de opção" se referisse a uma "futura obra de caráter popular" em vez de simplesmente a uma "próxima obra".[46]



7.3 Biblioteca Duke Humfrey, a parte mais antiga da biblioteca Bodleian de Oxford, em 1902. Essa sala de leitura, reservada a manuscritos e antigas obras impressas, pouco mudou desde o tempo de Lewis.

Pocock parece ter concordado com essa sugestão. Lewis submeteu sua cópia datilografada de *Alegoria do amor* a Kenneth Sisam, um intelectual inglês que atuava como assistente da Oxford University Press. A obra foi devidamente aceita pela editora, que mais tarde enviou o projeto gráfico ao escritório da

Amen House em Londres a fim de que um de seus editores pudesse criar o material promocional para a publicação. O editor incumbido dessa tarefa — desconhecido de Lewis — foi Charles Williams. De fato, no mesmo dia de março de 1936 em que Lewis decidiu escrever para Williams a fim de lhe dizer o quanto havia gostado de *The Place of the Lion* , Williams havia decidido escrever a Lewis para lhe dizer o quanto havia admirado sua obra *Alegoria do amor*. "Considero que seu livro é praticamente o único que encontrei, depois de Dante, capaz de mostrar o mais simples entendimento do que significa essa identidade realmente peculiar do amor e da religião".[47]

A obra *Alegoria do amor* foi dedicada a Owen Barfield, quem Lewis declara ter lhe ensinado a "não preferir o passado" e a "ver o presente como sendo ele mesmo um 'período'". Já na primeira página do livro, Lewis apresenta um tema recorrente em seus escritos:

> A humanidade não passa por fases como um trem passa por várias estações. Sendo viva, ela tem o privilégio de sempre estar em movimento e nunca deixar nada para trás.[48]

Enquanto alguns argumentam que a humanidade deve abraçar uma síntese da ciência contemporânea e de atitudes sociais como sendo "a verdade", em contraste com as "superstições" do passado, Lewis declara que isso simplesmente transforma a humanidade num subproduto de sua época, moldada por seus modismos e suas convenções intelectuais predominantes. Devemos, argumenta Lewis, nos libertar da complacência superficial do "esnobismo cronológico" e perceber que podemos aprender com o passado precisamente porque ele nos liberta da tirania do contemporâneo.

O foco de *Alegoria do amor* é a ideia do "amor cortês", que Lewis define como um "amor de tipo muito especializado, cujas características podem ser enumeradas como humildade, cortesia, adultério e a religião do amor".[49] A emergência do "amor cortês" reflete uma mudança de atitude em relação às mulheres que teve início no final do século 11, e foi moldada pelos ideais de cavalheirismo que surgiram por volta dessa época. O amor cortês é a expressão da adoração nobre e cavalheiresca de um ideal de refinamento, que é incorporado na pessoa da mulher amada.

Esse ato de amar era visto como forma de enobrecimento e refinamento, permitindo a expressão de alguns dos valores e virtudes mais profundos da natureza humana. É possível que a predominância de casamentos arranjados no

século 12 exigisse alguma forma de expressar o amor romântico. Esse tipo de amor se expressava em termos que eram simultaneamente feudais e religiosos. Assim como um vassalo devia honrar e servir a seu senhor, um amante devia servir a sua senhora com absoluta submissão, obedecendo a seus comandos. O amor cortês afirmava o potencial enobrecedor do amor humano, a elevação do ser amado a um nível superior àquele que ama e representava o amor como um desejo cada vez maior que jamais poderia ser satisfeito.

No entanto, o que Lewis descreveu como realidade histórica passou a ser visto por outros como ficção literária. Durante a década de 1970, muitos estudiosos começaram a interpretar o "amor cortês" como uma invenção essencialmente do século 19, refletindo as aspirações daquela época, que eram depois atribuídas a textos da Idade Média. Lewis, que se deliciava lendo os textos de revivalistas vitorianos, como William Morris (1834-1896), poderia, portanto, ser visto como alguém que lia obras da Idade Média através de lentes vitorianas.[50] Todavia, como estudos mais recentes evidenciaram, a situação não é exatamente como sugeriram os críticos.[51] Em muitos casos, Lewis se preocupa mais com convenções poéticas desenvolvidas para expressar o "amor cortês" do que com noções históricas em si mesmas. O livro de Lewis trata realmente de textos, não de história.

A glória culminante de *Alegoria do amor* é seu capítulo sobre o poeta isabelino Edmund Spenser (aprox. 1522-1599). A obra de Lewis alterou radicalmente as percepções críticas do poema *The Faerie Queene* de Spenser, ao mesmo tempo que reforçou a discussão e o debate acerca do papel e significado do "amor cortês" e do gênero da alegoria na tradição medieval. Lewis mostra como o uso da alegoria é uma questão de necessidade filosófica, refletindo a natureza e os limites da linguagem humana, em vez de representar algum desejo presunçoso de ornamentação estilística ou de apego sentimental a convenções literárias de épocas anteriores. A alegoria, argumenta Lewis, é muito mais bem empregada para representar noções complexas tais como o "orgulho" e o "pecado" do que para representar conceitos abstratos. Ela proporciona, por assim dizer, um ponto de apoio a essas realidades, sem o qual a discussão de alguns dos temas mais fundamentais da vida se torna difícil.

Da perspectiva de hoje, a realização de Lewis em *Alegoria do amor* de fato reside mais em sua altamente perceptiva discussão de Spenser do que em seu tratamento do amor cortês. Sua análise dos 34.695 versos do poema *The Faerie*

Queene — particularmente da natureza e qualidade de suas imagens — continua sendo encantadora e plausível. Como observou um ótimo trabalho sobre a recepção de Spenser no século 20, "O capítulo de Lewis faz mais observações originais sobre *The Faerie Queene* — fontes, prosódia, filosofia e estrutura — do que a crítica do século 19 em seu conjunto total".[52]

Algumas biografias de Lewis sugerem que *Alegoria do amor* recebeu o prêmio Hawthornden, o mais antigo prêmio literário da Inglaterra concedido anualmente a um autor inglês pela "melhor obra de literatura imaginativa". Isso não está correto. Ele, porém, de fato foi premiado com o prêmio Sir Israel Gollancz Memorial em 1937.[53] Esse prestigioso prêmio, administrado pela Academia Britânica, era conferido a obras extraordinárias publicadas "sobre temas relacionados com o anglo-saxão e a língua e literatura dos primórdios do inglês, a filologia do inglês, ou a história da língua inglesa" ou a originais "investigações ligadas à história da Literatura Inglesa ou a obras de autores ingleses, dando preferência ao período inicial". Esse prêmio foi uma honra considerável para Lewis, definindo *Alegoria do amor* como uma obra distinta de um intelectual jovem e muito promissor. O que se destaca nesse trabalho é a notável capacidade de Lewis de resumir, explicar, sintetizar e discutir. Como observou mais tarde Helen Gardner, sua colega de Oxford, essa é uma obra "escrita por um homem que amava a literatura e tinha uma capacidade extraordinária de incutir curiosidade e entusiasmo em seus leitores".[54]

Talvez seja isso, juntamente com seus óbvios dotes de palestrante — sua capacidade de comunicar, entusiasmar e emocionar — o que explica a razão de Lewis atrair plateias tão grandes às salas de aula de Oxford nas décadas de 1930 e 1940. Lewis arrebata seus leitores à medida que apresenta leituras informadas e entusiastas de textos, conhecidos ou obscuros, e tenta "recuperar" autores, textos e temas que foram desconsiderados devido à ignorância ou marginalizados pelo preconceito.[55] Lewis era, dito de uma forma muito simples, um defensor da literatura e de seu lugar na cultura e no conhecimento humano.

A visão de Lewis sobre o lugar e a função da literatura

Ao longo de sua carreira, Lewis dedicou muita reflexão e tinta ao lugar e à função da literatura, seja em relação ao enriquecimento da cultura humana, ao desenvolvimento de sensibilidades religiosas, seja à formação do caráter e à aquisição da sabedoria. Embora algumas das ideias de Lewis acerca da literatura

se desenvolvessem ainda mais durante as décadas de 1940 e 1950, a maioria delas estava firmemente assentada já em 1939.

A opinião de Lewis sobre como se deve abordar e entender a literatura difere significativamente dos pontos de vista dominantes da teoria literária de seu tempo. Para Lewis, a leitura de obras literárias — acima de tudo, a leitura da literatura *mais antiga* — é um importante desafio lançado contra certo tipo de avaliação prematura baseada no "esnobismo cronológico". Owen Barfield havia ensinado Lewis a duvidar dos que proclamavam a inevitável superioridade do presente em relação ao passado.

Lewis enfatiza esse ponto com vigor especial no ensaio "On the Reading of Old Books" [Sobre a leitura de livros antigos] (1944). Aqui ele argumenta que uma familiaridade com a literatura do passado proporciona aos leitores um ponto de vista que lhes dá distanciamento crítico em relação à sua própria época. Assim, ela lhes permite ver "as controvérsias do momento em sua perspectiva apropriada".[56] A leitura de livros antigos nos possibilita evitar que sejamos escravos do Espírito da Época, mantendo "a pura brisa do mar dos séculos soprando e arejando nossa mente".[57]

Lewis nesse ponto está claramente pensando em debates teológicos. Está escrevendo em particular sobre a importância de expedientes teológicos do passado para enriquecer e estimular o presente. No entanto, o argumento dele tem um significado mais amplo. "Um livro novo ainda está sendo testado e o amador não reúne condições para julgá-lo".[58] Sendo que não podemos ler a literatura do futuro, podemos ao menos ler a literatura do passado, e perceber o poderoso desafio implícito que isso impõe à suprema autoridade do presente. Mais cedo ou mais tarde, o presente se tornará passado, e a autoridade evidente de suas ideias se desgastará; a menos que essa autoridade se fundamente na excelência intrínseca daquelas ideias, mais do que em sua mera posição cronológica.

Como Lewis ressaltou, tendo em mente o surgimento das ideologias do século 20, alguém que "tenha vivido em muitos lugares" provavelmente não se deixa enganar pelos "erros locais de sua aldeia natal". O intelectual, declara Lewis, "viveu em muitas épocas" e assim pode desafiar a presunção automática da finalidade inerente aos julgamentos e tendências do presente:

> Precisamos conhecer intimamente o passado. Não que o passado tenha em si alguma magia, mas porque não podemos estudar o futuro; no entanto precisamos de alguma coisa para

> comparar com o presente, para nos lembrar de que as suposições básicas foram muito diferentes em períodos diferentes, e que muitas coisas que na visão dos incultos parecem certas são simplesmente um modismo temporário.[59]

Lewis insiste em que, para entender a literatura dos períodos clássico ou romântico, é necessário "suspender a maioria das nossas reações e renunciar à maioria dos nossos hábitos" que resultam da "leitura da literatura moderna",[60] tais como uma suposição que aceita sem questionar a superioridade de nossa própria situação. Lewis usa um conhecido estereótipo cultural para reforçar seu argumento: o turista inglês no exterior, tão fortemente castigado em obras como o romance *Um quarto com vista* (1908), de E. M. Forster. Lewis nos convida a imaginar um inglês viajando pelo exterior, plenamente convencido da superioridade cultural dos ingleses em relação aos selvagens da Europa ocidental. Em vez de procurar a cultura local, desfrutar da comida local e permitir que seus pressupostos sejam questionados, esse turista se relaciona apenas com outros turistas ingleses, insiste em buscar comida inglesa e vê sua "inglesidade" como algo a preservar a qualquer custo. Agindo assim, ele toma a "inglesidade" que trouxe consigo e "a leva intacta de volta para casa".[61]

Há outra maneira de visitar um país estrangeiro, à qual corresponde uma maneira diferente de ler um texto mais antigo. Neste caso, o turista se serve da comida local e bebe o vinho do lugar, vendo "o país estrangeiro como ele parece, não aos olhos do turista, mas aos de seus habitantes". Em consequência disso, argumenta Lewis, o turista inglês volta para casa "modificado, pensando e sentindo" de maneira diferente. Sua viagem lhe ampliou a visão das coisas.

A ideia que Lewis está apresentando aqui é de que a literatura nos oferece um modo diferente de ver as coisas. Ela nos abre os olhos, oferecendo-nos novas perspectivas de avaliação e reflexão.

> Meus próprios olhos não são suficientes para mim; passarei a enxergar por meio dos olhos de outras pessoas. [...] Ao ler grandes obras literárias, me transformo em mil homens e, no entanto, continuo sendo eu mesmo. Como o céu noturno do poema grego, eu enxergo miríades de olhos, mas quem enxerga ainda sou eu.[62]

A literatura, na visão de Lewis, nos capacita a "enxergar com outros olhos, a imaginar com outras imaginações, a sentir com outros corações, bem como com o nosso".[63] Ela nos oferece uma representação imaginativa da realidade que desafia nossa própria representação.

Ler literatura é, portanto, abrirmo-nos a mudanças: abrirmo-nos a novas ideias, ou forçarmo-nos a revisitar aquelas ideias que outrora acreditávamos ter razão de rejeitar. Como observou Ralph Waldo Emerson: "Em todas as obras geniais, reconhecemos nossos próprios pensamentos antes rejeitados: eles voltam para nós com certa majestade alheia".[64] Lewis desse modo insiste em que os textos nos desafiam tanto quanto nos informam. Insistir em que o texto se conforme com nossos pressupostos, com nossa maneira de pensar, é forçá-lo a caber num molde criado por nós e negar-lhe a oportunidade de nos transformar, enriquecer ou mudar. A leitura de textos literários tem a ver com "entrar plenamente nas opiniões e, portanto, também nas atitudes, nos sentimentos e na experiência total" de outras pessoas.[65] Tem a ver com o que Platão chamou de *psychagogia*: "uma ampliação da alma".

Para Lewis, é mais importante observar *o que* se disse do que se preocupar com *quem* o disse. Para Lewis, a "crítica" literária consistia em entender as intenções do autor, receber a obra e assim experimentar uma ampliação interior. Vemos a melhor expressão disso em seu *A Preface to "Paradise Lost"* de 1942, que apresenta de maneira soberba o pano de fundo do poema épico de Milton e pondera sobre seu significado. Lewis argumentou vigorosamente que o que importava em poesia não era o poeta, mas sim o poema. Uma visão totalmente oposta era apresentada pelo intelectual de Cambridge E. M. W. Tillyard (1889-1962). Para Tillyard, *O paraíso perdido* tratava "realmente da mente de Milton quando ele o compôs".

Isso provocou o famoso debate de 1930, geralmente apelidado de "A heresia pessoal". Para simplificar um debate complexo, Lewis argumentou em defesa de um ponto de vista objetivo ou impessoal, segundo o qual a poesia diz respeito a algo do "mundo exterior"; ao passo que Tillyard defendeu um ponto de vista subjetivo ou pessoal, dizendo que a poesia diz respeito a algo que está dentro do poeta. Mais tarde Lewis chamaria essa visão de "o veneno do subjetivismo". Para Lewis, a poesia funciona não dando atenção *ao* poeta, mas a*o que o poeta enxerga*: "O poeta não é um homem que me pede para olhar para *ele*; é um homem que me diz 'Olhe para aquilo' e aponta". O poeta não é um "espetáculo" a ser visto, mas um "conjunto de lentes" por meio das quais as coisas devem ser vistas.[66] O poeta é alguém que nos capacita a enxergar coisas de um modo diferente, que mostra coisas que nós, de outra forma, não notaríamos. Ou ainda, o poeta não é alguém *a ser enfocado* por nosso olhar, mas

alguém através do qual devemos olhar.

Poderíamos resumir tudo isso dizendo que Lewis entende a leitura da literatura como um processo de imaginarmos e entrarmos num mundo alternativo, que tem a capacidade de iluminar o mundo empírico no qual realmente vivemos. Lewis normalmente se apresenta como um guia de viagem para outras pessoas que participam dessa sua peregrinação. Para muitos, ele atinge seu ponto mais alto quando apresenta Spenser e Milton a quem os encontra pela primeira vez.

No entanto, Lewis não era simplesmente alguém que registrava os mundos imaginários de outros autores. Ele mesmo se tornou um criador desses mundos — mundos que são claramente influenciados pelas ideias e imagens dos que vieram antes dele. Nunca devemos nos esquecer de que o possível resultado do envolvimento com a literatura de primeira grandeza não é simplesmente um desejo de escrever obras dessa mesma importância, mas sim o desejo de incorporar a sabedoria, a espiritualidade e a elegância do passado em formas que podem envolver o presente. Lewis se mostrou muito bom nisso, como veremos quando explorarmos a criação de Nárnia e considerarmos como ele usa o mundo imaginário para iluminar o nosso próprio mundo.

Mas Nárnia estava no futuro. Os acontecimentos no mundo real começaram a sofrer uma reviravolta perturbadora. No dia 1º de setembro de 1939, as forças da Alemanha invadiram a Polônia. O primeiro ministro britânico, Neville Chamberlain, inicialmente tentou negociar termos de paz entre a Alemanha e a Polônia. Depois de uma revolta parlamentar contra essa atitude, Chamberlain deu um ultimato a Hitler: este deveria retirar suas forças da Polônia. No dia 3 de setembro, depois de não conseguir nenhuma resposta de Hitler, a Grã-Bretanha declarou guerra contra a Alemanha. Havia começado a Segunda Guerra Mundial.

ACLAMAÇÃO NACIONAL: O APOLOGISTA DO TEMPO DE GUERRA

NO DOMINGO DO DIA 22 DE OUTUBRO DE 1939, a University Church of St. Mary the Virgin, em Oxford, estava apinhada de estudantes e professores. A plateia era grande e estava atenta. A atmosfera era desanimada e sombria. O tema da pregação era "Não terás outros deuses: cultura em tempo de guerra". O pregador era C. S. Lewis. Na opinião geral, foi uma vigorosa defesa da vida acadêmica diante do conflito, da incerteza e da confusão, que calou fundo em sua plateia. A deflagração da guerra mostrou às claras como as coisas realmente estavam, argumentou Lewis, forçando-nos a abandonar ilusões otimistas sobre nós mesmos e sobre o mundo. O realismo havia de novo ocupado seu trono. "Vemos de maneira inconfundível o tipo de universo em que todos nós vínhamos vivendo, e precisamos tomar consciência disso".[1]

Ninguém dentre os que haviam estado em Oxford durante a Grande Guerra de 1914-1918 poderia deixar de lembrar o impacto devastador do conflito sobre a universidade. O número de estudantes despencou. Acadêmicos partiram para a guerra. Prédios da faculdade e da universidade foram usados para fins bélicos. O mesmo padrão se repetia, embora não na mesma escala, no início da Segunda Guerra Mundial. Outros novos desafios emergiram. O *blackout* do tempo da guerra mergulhou toda a cidade numa escuridão infernal que ela não conhecia desde os tempos da Idade Média. A escassez de papel

impediu os estudantes de conseguir os exemplares dos livros de que precisavam para suas atividades discentes.

Houve mudanças imediatas também na casa dos Lewis, The Kilns. No dia 2 de setembro, um dia depois que os alemães invadiram a Polônia, Warnie foi novamente convocado para o serviço militar ativo. (Warnie continuara a ser membro da Reserva de oficiais do exército regular desde que se aposentara do serviço militar em 21 de dezembro de 1932.) Ele recebeu ordens de partir imediatamente para Catterick, Yorkshire. Duas semanas mais tarde, ele foi enviado à França para organizar o transporte de tropas e de suprimentos militares para a Força Expedicionária Britânica, ocupando a posição de major.

Poucas horas após a partida de Warnie, The Kilns já contava com quatro novas ocupantes — meninas evacuadas de escolas de Londres. A ameaça de bombardeios sobre Londres gerou um fluxo constante de "pessoas evacuadas" para The Kilns, e elas muitas vezes ficavam por lá durante vários meses. A correspondência de Lewis desse período observa com ironia as constantes queixas dessa gente dizendo não ter nada para fazer. Não poderiam simplesmente *ler* alguma coisa? — perguntava-se ele.

Mas Lewis tinha outras questões, mais sérias, que o preocuparam durante as primeiras semanas da guerra. A Lei do Serviço Nacional das Forças Armadas, que entrou em vigor no dia 3 de setembro de 1939, exigia o recrutamento para o serviço militar obrigatório de todos os homens de 18 a 41 anos que residissem no Reino Unido. Lewis, que nessa ocasião tinha 40 anos, ficou muito alarmado. Será que ele seria convocado? Teria de lutar numa segunda guerra? No dia seguinte à invasão da Polônia, ele marcou um encontro com George Gordon, então presidente do Magdalen College, que dissipou seus temores. Lewis completaria 41 anos no dia 29 de novembro, em pouco mais de dois meses. Não tinha motivo algum para se preocupar.[2]

Os fatos evoluíram de modo que Lewis fosse um espectador do conflito, não um participante ativo. No verão de 1940, ele se tornou membro dos Voluntários de defesa local — mais tarde nomeados de "Guarda Doméstica" —, passando uma a cada nove noites "perambulando pelas zonas mais pobres e fétidas de Oxford".[3] Sentia-se um tanto ridículo ao fazer suas rondas da 1h30 às 4h30 carregando um fuzil, comparando-se ao condestável Dogberry da peça *Muito barulho por nada* de Shakespeare.[4] Todavia, passou a gostar da paz e do isolamento de sua patrulha pelas ruas frescas e desertas de Oxford nas manhãs

do início do verão.



8.1 A Guarda doméstica de Oxford num desfile, em 1940. O desfile está atravessando o cruzamento The Plain para depois passar por Magdalen Bridge rumo ao centro da cidade.

A correspondência de Lewis do início da década de 1940 pinta um quadro familiar a todos os estudantes ingleses desse tempo de guerra: a necessidade de economizar, a escassez de comida e de mercadorias essenciais, o abrigo de pessoas despejadas e uma profunda ansiedade sobre o futuro. A maneira de Lewis para lidar com essas questões foi algumas vezes cômica — por exemplo, seu "racionamento de guerra" de tomar chá em vez de vinho Madeira durante discussões sobre Dante com os amigos. Agora que Warnie estava fora, Lewis trabalhava na menor de suas duas salas de estar no Magdalen College, pois aquecê-la era mais barato, porque consumia menos carvão.[5]

Amizade de Lewis com Charles Williams

Uma das consequências da guerra foi o florescimento de uma das mais significativas amizades de Lewis. No dia 7 de setembro de 1939, a Oxford University Press evacuou seus escritórios em Londres e transferiu seus funcionários para outros endereços, até que a guerra acabasse. Charles Williams foi transferido para Oxford, deixando a mulher e o filho em Hampstead, o distrito mais elegante de Londres. Com o estímulo e apoio de Lewis, Williams passou a fazer parte do cenário de Oxford e tornou-se membro dos Inklings. A Faculdade de Língua e Literatura Inglesa estava carente de professores e logo foi persuadida de que Williams era a resposta a suas preces. No fim, as palestras de Williams foram consideradas sensacionais, atraindo grandes plateias e, praticamente na mesma medida, grandes elogios.

Os Inklings foram irremediavelmente transformados dentro de um ano após a chegada de Williams. Até aquela altura, as figuras dominantes haviam sido Lewis e Tolkien. Talvez fosse inevitável que Williams — que já tinha a seu crédito uma fieira de romances, poemas, peças e biografias — viesse a desempenhar um papel nada irrelevante no seio do grupo, perturbando seu precário e precioso equilíbrio. Tolkien, que havia considerado Lewis como seu amigo mais íntimo de 1925 a 1940, percebeu que Williams aparecia agora como um sinal de distanciamento entre ele e Lewis.[6] No entanto, levando-se tudo em conta, não resta dúvida de que Williams fez bem para os Inklings, e os Inklings para Williams.

As coisas também estavam mudando em The Kilns. Maureen se casou com Leonard Blake, professor de música do Worksop College, em Nottinghamshire, em agosto de 1940. Lewis detestava Blake, descartando-o como "um sujeito pequeno, escuro, feio e quieto, que raramente proferia uma palavra".[7] No entanto, Leonard e Maureen Blake mostrariam mais tarde uma considerável bondade para com Lewis em pontos críticos de sua vida, particularmente durante os últimos anos da sra. Moore, e ajudando a cuidar dos dois filhos de Joy Davidman no final da década de 1950.

No dia 16 de agosto de 1940, Warnie — na época alocado no Centro de Treinamento e Mobilização de Suprimento Técnico, no acampamento de Wenvoe, em Cardiff — foi excluído da lista de serviço, e voltou para a Reserva de oficiais do exército regular. Não fica claro o que aconteceu com a carreira militar de Warnie, que parece ter implodido num momento em que o exército

inglês tentava se recuperar da quase catástrofe de Dunquerque e precisava de oficiais experientes para ajudar em sua reconstrução. O histórico militar da Warnie não apresenta razões explícitas para sua dispensa, ao mesmo tempo em que deixa seus leitores indagando que sentido se deve atribuir a suas lacônicas frases. Inevitavelmente, levando-se em conta seu histórico posterior, muitos suspeitarão de que o vício do álcool teve importância nesse caso. Warnie voltou para casa e se afiliou à Guarda Doméstica de Oxford, ocupando a posição de soldado raso. Os dois irmãos Lewis estavam mais uma vez juntos.



8.2 O romancista e poeta Charles Williams (1886-1945).

Outras mudanças estavam acontecendo ao redor de Lewis. A universidade de Oxford cancelou, "temporariamente", a gratificação a quem dava palestras interdisciplinares. Para sua irritação, Lewis descobriu que perderia duzentas

libras por ano. Ele continuaria dando suas palestras, naturalmente, apesar de não ser pago por elas.

O Magdalen College aderiu a uma política de racionamento, poupando onde era possível. O bando de cervos do bosque do Magdalen foi uma das vítimas. Grandes fatias de carne de cervos eram oferecidos aos professores para seu uso particular. As tentativas da sra. Moore de cozinhá-los "enchiam a casa com o cheiro mais insuportável"; no entanto, Lewis declarou que o resultado era "excelente".[8]

Uma carta para Warnie (naquela altura ainda na França), de novembro de 1939, deixa claro que os Inklings continuavam se reunindo e discutindo as obras uns dos outros. Depois de jantarem juntos no Eastgate Hotel (em frente ao Magdalen, do outro lado da rua), eles desfrutaram de "uma noite de conversa realmente de primeira" sobre três obras de autoria de seus membros, em andamento:

> O programa em seguida consistiu em uma seção do novo livro do hobbit, de Tolkien, uma peça sobre o Natal de Williams (surpreendentemente ininteligível para ele e aprovado por todos) e um capítulo do livro sobre o problema da dor, de minha autoria.[9]

A primeira obra mencionada é um rascunho inicial de uma seção de *O senhor dos anéis*; a segunda é a peça de Charles Williams *The House by the Stable* [A casa junto ao estábulo]; a terceira é a obra de Lewis *O problema do sofrimento*, que ele havia começado a redigir por volta dessa época.

O papel de Lewis na redação do "novo livro do hobbit" de Tolkien não pode ser ignorado. Com demasiada frequência, Lewis é visto simplesmente como autor por seus próprios méritos. A história da realização dessa obra clássica da literatura inglesa nos permite vê-lo sob uma luz bastante diferente: como um parteiro literário que estimulou outros a produzir suas obras-primas. Nesse caso, alguns críticos sugerem, Lewis ajudou na produção de um clássico que seria maior do que qualquer coisa de sua própria lavra.

Lewis, o parteiro literário: *O senhor dos anéis* de Tolkien

Todo escritor precisa de estímulo para escrever, seja para discernir possibilidades, seja para levar sua tarefa a bom termo. Charles Williams, por exemplo, dependia de sua mulher Florence para manter-se focado em suas tarefas de escritor. Sua mudança de Londres para Oxford durante a guerra tirou-

lhe o estímulo de escrever. Em abril de 1945, Williams escreveu para Florence, lamentando a ausência dela em seu exílio em Oxford: "Por que você não está aqui para me servir uma xícara de chá, e depois me fazer trabalhar um pouco? Uma enorme aversão a escrever se abate sobre mim".[10] Como muitos outros antes e depois dele, Williams precisava de um mentor para ajudá-lo a escrever.

Tolkien tinha o mesmo problema. Ele era um homem imensamente criativo que, apesar disso, precisava de alguém que lhe desse segurança naquilo que ele estava escrevendo — e, o que é ainda mais importante, o persuadisse a terminá-lo. Tolkien estava submerso em suas responsabilidades de examinador, e achava que isso interferia na hora de redigir sua obra. As primeiras seções do primeiro livro de Tolkien, *O hobbit*, foram redigidas rapidamente entre 1930 e 1931, até ele chegar à parte que trata da morte do dragão Smaug. Depois ele ficou sem energia criativa — como Richard Wagner ao compor o *Anel dos Nibelungos*, que deixou Siegfried sob o pé de tília, incapaz de descobrir que rumo dar às coisas que aconteceriam em seguida. Tolkien produziu um rascunho da conclusão da história, e o abandonou. À medida que seu relacionamento com Lewis foi evoluindo, ele finalmente criou coragem para pedir que Lewis lesse sua história e desse seu parecer. Lewis declarou ter gostado dela, mas tinha algumas dúvidas acerca da conclusão.

A publicação de *O hobbit* finalmente aconteceu em consequência de uma série de lances fortuitos. Tolkien havia emprestado o manuscrito a uma de suas alunas, Elaine Griffiths (1909-1996). Griffiths por sua vez chamou para o texto a atenção de Susan Dagnall, ex-aluna de Oxford que agora trabalhava para a editora londrina George Allen & Unwin. Depois de conseguir uma cópia do manuscrito, Dagnall a encaminhou ao editor Stanley Unwin, para sua avaliação. Unwin, por sua vez, pediu a seu filho Rayner, então com 10 anos, que a lesse. Rayner fez uma resenha tão entusiasmada que Unwin decidiu publicar *O hobbit*. O prazo para a entrega da obra estabelecido no contrato deu a Tolkien a motivação de que tanto precisava para completar a redação. No dia 3 de outubro de 1936, a obra estava completa.

O hobbit veio a público em 21 de setembro de 1937. Sua tiragem inicial de 1.500 exemplares esgotou-se rapidamente. Percebendo o potencial desse novo e inesperado mercado para hobbits, a Allen & Unwin pressionou Tolkien a escrever outro "livro de hobbits" — rápido. Como Tolkien não tinha intenção alguma de escrever uma continuação de seu livro, esse pedido se impôs como

uma espécie de desafio.

Depois de redigir um capítulo inicial — "Uma festa muito esperada" — com relativa facilidade, Tolkien começou a perder seu ímpeto e entusiasmo. A trama se tornou mais complexa, e seu tom mais sombrio. Sua ambição de escrever uma obra mitológica mais sofisticada continuou interferindo. No fim, seu processo de redação emperrou. Como Niggle, seu personagem autorreferencial, Tolkien percebeu que se dava melhor pintando folhas do que pintando árvores. Delicados detalhes lhe davam muito prazer, especialmente quando se tratava de criar novos mitos e cunhar palavras estranhas. Amplas estruturas narrativas começavam não só a cansá-lo, mas sobretudo a *oprimi-lo*.

Tolkien simplesmente não conseguia sustentar seu entusiasmo pelo projeto em meio a sua atarefada vida acadêmica. Seu perfeccionismo, o fardo da vida em família e das responsabilidades acadêmicas e sua própria preferência por trabalhar com línguas inventadas em vez de compor sua prosa — tudo contribuía para atrasar e adiar seu novo "livro de hobbits". Desanimado, ele se voltava para outras questões.

Apenas uma pessoa parecia estar interessada na obra: Lewis. Depois da morte de Lewis, Tolkien enfatizou o papel crítico desempenhado pelo amigo em mantê-lo trabalhando em *O senhor dos anéis*:

> A dívida impagável que tenho para com Lewis não foi uma "influência" no sentido comum desse termo, mas o puro e simples encorajamento. Ele foi por muito tempo minha plateia. Somente por meio dele eu concebi a ideia de que minhas "coisas" poderiam ir além de um *hobby* pessoal. Se eu não contasse com o interesse dele e com sua incessante avidez por mais história, nunca teria concluído *O senhor dos anéis*.[11]

Lewis mostrou um comprometimento pessoal considerável em estimular Tolkien em seus esforços literários nessa época. Em dezembro de 1939, ele foi uma noite visitar Tolkien em sua casa na zona norte de Oxford, enquanto Edith, esposa de Tolkien, se recuperava após uma intervenção cirúrgica na casa de repouso de Acland. O *blackout* causado pela guerra tornava esse empreendimento perigoso. Lewis caminhou rumo ao norte pelas ruas Longwall Street e Hollywell Street "praticamente como alguém caminhando num quarto escuro", esforçando-se para não perder o rumo certo. Depois de passar pelo Keble College, as coisas ficaram mais fáceis, e ele acabou chegando à casa de Tolkien no número 20 da Northmoor Road. Eles passaram parte da noite "tomando gin com suco de limão galego", discutindo o "novo hobbit" de

Tolkien e "o problema da dor" de Lewis.[12] Quando Lewis voltou para casa, pela meia-noite, a lua já havia surgido, tornando sua volta muito mais fácil do que a ida.

No começo de 1944, a redação de Tolkien emperrou de novo. Como Niggle, ele se perdeu num emaranhado de detalhes. Perdera a confiança no projeto e em sua capacidade de levá-lo a bom termo. O contraste com Lewis nesse ponto é impressionante. Lewis era principalmente um contador de histórias, concebendo as imagens de Nárnia que conduziam sua pena. Escritor fluente, ele não se preocupava indevidamente com a solução das inconsistências tão comuns nas crônicas de Nárnia. Embora Tolkien também fosse um contador de histórias, ele levava muito a sério o seu papel de "subcriador", inventando histórias e línguas complexas e povoando seus romances com personagens cujas raízes penetravam fundo na história da Terra Média.

Inevitavelmente, Tolkien se sentia pressionado pela necessidade de ser consistente, garantindo a correlação apropriada de seu complicado e detalhado enredo histórico com o texto narrativo. Cada folha da "árvore de histórias" tinha de ser simplesmente exata — um processo que inevitavelmente fazia a conquista da consistência triunfar sobre a subcriação imaginativa. Tolkien caiu na cilada de seu próprio mundo complexo, incapaz de completá-lo por causa de suas ansiedades acerca da coerência e consistência do que já havia sido redigido. Seu preciosismo em relação à coerência e à consistência ameaçava oprimir sua criatividade.

Uma reviravolta aconteceu quando Tolkien almoçou com Lewis no dia 29 de março de 1944. Embora Lewis não mencione nem forneça nenhum detalhe sobre esse encontro em sua correspondência, esse fato claramente significou para Tolkien uma nova injeção de energia e entusiasmo. Tolkien começou a ler para Lewis capítulos em seus encontros pessoais das manhãs de segunda-feira e se sentiu estimulado pelas reações de Lewis — na verdade, em certas passagens, Lewis era levado às lágrimas.[13] Seções da obra começaram a ganhar destaque regularmente nas reuniões dos Inklings, muitas vezes provocando grandes elogios da parte de alguns. Mas não de todos. Hugo Dyson criou uma profunda aversão pelo livro, e geralmente tentava impedir que ele fosse lido durante os encontros. No fim, Lewis teve de interferir várias vezes. "Cale a boca, Hugo! Vamos lá, Tollers!".

Se este livro tratasse principalmente de Tolkien, teríamos muito mais a

dizer sobre a gênese e o desenvolvimento do texto de *O senhor dos anéis*. Mas não trata. O ponto a defender é que Lewis foi um motivado e dedicado apoiador e estimulador de outras pessoas, exatamente como outros o estimularam. Já vimos como os Inklings discutiam as ideias de Lewis acerca do "problema da dor". Esse livro é amplamente visto como o marco inicial da ascensão de Lewis para a sua fama de apologista cristão. O que é então esse livro e como ele veio a ser escrito?

O problema do sofrimento (1940)

O problema do sofrimento foi a primeira obra publicada de Lewis de "apologética cristã" — o trabalho de identificar, entender e defender preocupações e dificuldades de pessoas comuns acerca da fé cristã e também de demonstrar o poder que essa fé tem de explicar as coisas e satisfazer os mais profundos anseios do coração humano. A frase mais famosa dessa obra talvez não faça justiça à argumentação em seu conjunto total: "Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas horas de sofrimento: esse é seu megafone para despertar um mundo surdo".[14] Embora se trate aqui de um ponto secundário, ele é muitas vezes apresentado como se fosse a síntese total da abordagem de Lewis.

Lewis abre o livro relembrando o período de sua vida em que era ateu. Como ele comentou mais tarde, se você tiver de "alertar outras pessoas contra alguma coisa", você precisa "tê-la amado antes" pessoalmente.[15] Há indícios em todo esse capítulo dos temas levantados, mas não respondidos, em *Spirits in Bondage* e *Dymer*: o sofrimento humano ante um céu aparentemente surdo e um Deus silencioso. Lewis esboça o universo no qual ele mesmo acreditava outrora — um lugar fútil, de frio e escuridão, de miséria e sofrimento. Invoca o espetáculo sem sentido de civilizações surgindo e desaparecendo sem fazer sentido, da raça humana que a ciência condena a uma extinção final e de um universo fadado à morte. Falando como falava vinte anos antes, ele conclui que "ou não existe espírito nenhum por trás do universo ou então existe um espírito indiferente ao bem e ao mal ou então existe um espírito mau".[16]

Mas ele se pergunta se as coisas são realmente assim tão simples. "Se o universo é tão ruim, ou mesmo 50% tão ruim, como foi possível que os seres humanos um dia começassem a atribuí-lo à atuação de um Criador sábio e bom?" Depois de argumentar a favor da intrínseca racionalidade da fé, Lewis

volta-se para o problema que é colocado pelo sofrimento: "Se Deus fosse bom, ele iria querer tornar suas criaturas perfeitamente felizes, e se Deus fosse todo-poderoso, ele seria capaz de fazer o que desejasse. Mas as criaturas não são felizes. Por isso Deus não tem nem bondade nem poder".[17] No entanto, com sua típica abordagem socrática, Lewis depois observa que os termos empregados — como *bom*, *todo-poderoso* e *felizes* — precisam ser examinados com cuidado. Se essas palavras carregam o significado da fala de cada dia, há de fato um problema sério. Mas o que acontece se não o fazem? O que acontece se nós temos de aprender seus significados especiais e ver as coisas sob essa luz?

Para Lewis, as pessoas confundem com demasiada facilidade *bondade* com *benevolência*, e assim abordam o problema do sofrimento partindo de uma perspectiva falsa. A "bondade" de Deus significa que nós precisamos ver a nós mesmos como verdadeiros objetos de seu amor, não como objetos de um indiferente projeto divino de bem-estar. Há, sugere Lewis, quatro maneiras de pensar acerca do amor de Deus por nós: o amor de um artista por aquilo que criou, o amor de um ser humano por um animal, o amor de um pai por um filho e o amor de um homem por uma mulher. Depois de explorar o amor de Deus pela humanidade, Lewis expressa seu espanto ao indagar "por que qualquer criatura, sem falar em criaturas como nós, deveria ter um valor tão prodigioso aos olhos do seu Criador". Nosso problema é que não queremos ser perturbados, não queremos ser amados de forma assim tão apaixonada. "Você pediu um Deus amoroso; você o tem".[18]

Lewis insiste em que essas ideias devem ser entendidas em termos cristãos de pensamento, o qual, para Lewis (como para Agostinho e para Milton, antes dele), envolve reconhecer a natureza pecadora e rebelde do ser humano. A própria jornada espiritual de Lewis, na qual se destaca a conquista de sua fixação na independência, extravasa em sua análise. De fato, há pontos nos quais tudo se encaixa tão bem para Lewis que ele praticamente não vê a necessidade de explicá-los mais detalhadamente para seus leitores. Isso talvez nos ajude a entender o impasse ocasional de sua argumentação, sua mudança de disposição e seu ritmo, os atalhos lógicos e os saltos imaginativos para os quais faltam algumas pontes lógicas de argumentação.

Lewis em seguida toma um rumo tipicamente cristológico, sugerido no epigrama que ele escolheu para colocar no início do seu trabalho: a observação de George MacDonald de que "o Filho de Deus sofreu até a morte não para que

os homens não sofressem, mas para que os sofrimentos deles pudessem ser como o seu". A encarnação de Deus em Cristo, na visão de Lewis, deve ser o foco de uma resposta cristã ao problema do sofrimento:

> O mundo é uma dança em que o bem, provindo de Deus, é atrapalhado pelo mal que provém das criaturas, e o conflito resultante é resolvido pela própria adoção por Deus da natureza sofredora que o mal produz. A doutrina da queda livre afirma que o mal que, desse modo, produz o combustível ou a matéria prima da segunda e mais completa espécie de bem não é uma contribuição de Deus, mas sim do homem.[19]

Numa seção posterior do livro, Lewis considera o que o sofrimento pode nos ensinar. Isso não deve ser entendido como uma defesa de Deus diante do sofrimento, mas como uma tentativa de perguntar de que maneira podemos lidar com o sofrimento. Ele pode nos mostrar quando tomamos rumos errados ou fazemos coisas perversas. Ele pode nos fazer ver a fragilidade e transitoriedade de nossa existência e desafiar nossa crença de que podemos nos safar impunemente por méritos próprios. Assim o sofrimento nos ajuda a desfazer a ilusão de que "está tudo bem", permitindo que Deus plante "a bandeira da verdade dentro da fortaleza de uma alma rebelde". E ele pode nos ajudar a fazer boas escolhas. Isso poderia ser compreendido como uma sugestão de que Lewis vê o sofrimento como alguma espécie de "instrumento moral" para nos tornar pessoas melhores (uma crítica ligeiramente intrigante que lhe foi feita mais tarde por Austin Farrer, seu colega de Oxford). Mas o contexto sugere algo diferente.

O livro tem muitos pontos positivos, e dentre eles se destacam seu estilo elegante, a exposição clara e a análise socrática dos conceitos que levam à formulação do "problema do sofrimento". No entanto, o leitor continua se perguntando se não há uma conexão entre o intelecto e as emoções. Numa carta a seu irmão Warnie, escrita durante a redação do livro, Lewis parece sugerir que a experiências do sofrimento na "vida real" não tem nenhuma relevância na questão puramente intelectual em discussão:

> Atenção: Se você está escrevendo um livro sobre o sofrimento e depois experimenta um sofrimento real [...] isso *não* destrói a doutrina, como esperaria o cético, nem a transforma em prática, como esperaria um cristão, mas o sofrimento continua sem nenhuma conexão ou relevância, exatamente como acontece com qualquer parte da vida real quando a gente está lendo ou escrevendo.[20]

Lewis parece sugerir que a experiência do sofrimento é irrelevante para qualquer discussão sobre seu significado. O pensamento intelectual é apresentado como desvinculado do mundo da experiência. É uma afirmação curiosa, refletindo um pensamento igualmente curioso. A abordagem altamente intelectual de Lewis ao problema do sofrimento parece inteiramente desvinculada da experiência do seu sofrimento. O que aconteceria então se Lewis tivesse de explicar o sofrer, provado por ele mesmo ou por alguém que ele amasse, cujo sofrimento sentisse como sendo seu? Em certo sentido, *O problema do sofrimento* lançou as fundações do grande torvelinho emocional de *A anatomia de uma dor*. Mas teremos mais a dizer sobre essa obra em nossa narrativa.

Dedicado aos Inklings, o livro *O problema do sofrimento* foi aos poucos sendo aceito como uma clássica resposta cristã ao assunto. Suas falhas são bem conhecidas — seus exageros, suas simplificações e omissões. No entanto, muitos de seus leitores encontraram uma voz que compreendia as preocupações deles e era tranquilizadora em suas respostas. Esse livro conquistou muitos admiradores para Lewis, mas não o tornou famoso. No entanto, ele foi um elo importante na cadeia que logo provocou o surgimento de sua fama. E Lewis era sábio o suficiente para saber que a fama poderia ser destrutiva.

Será que Lewis previu essa evolução? Mais importante ainda, será que ele a *temeu*? Seria ele capaz de lidar com o *status* de celebridade emergente — ou será que isso o destruiria numa "orgia de egoísmo"? Um desenvolvimento importante na vida pessoal de Lewis por volta dessa época está provavelmente ligado a essa preocupação. Em 1941, ele escreveu para o padre Walter Adams (1869-1952), um clérigo anglicano da Alta Igreja[21] com fama de extraordinário confessor e conselheiro, perguntando-lhe se ele estaria disposto a lhe dar alguma orientação e direção espiritual. Adams tinha seu escritório na Sociedade de São João Evangelista (muitas vezes mencionada como "padres de Cowley"), distante apenas dez minutos a pé do Magdalen College.

No início da década de 1930, Lewis havia declarado que Greeves era seu "único real padre-confessor".[22] Esse comentário, possivelmente escrito antes da conversão de Lewis, refere-se a seu já antigo hábito de revelar a Greeves seus segredos pessoais, que a seu ver ele não poderia revelar a mais ninguém. No entanto, à medida que o cristianismo passou a desempenhar um papel cada vez maior na vida dele, é possível que Lewis tenha sentido a necessidade de ter um

confidente que tivesse mais discernimento espiritual. Greeves, pelo que percebo, nunca soube a respeito de Adams.[23]

Lewis fez sua primeira confissão a Adams na última semana de outubro de 1941, sentindo-se ansioso acerca de uma "orgia de egoísmo".[24] Os dois se encontrariam todas as sextas-feiras a partir desse dia. Não sabemos praticamente nada sobre as conversas deles, a não ser pela persistente ênfase de Adams sobre as "três paciências": "paciência com Deus, paciência com o próximo e paciência consigo mesmo".[25]

Adams foi uma influência sutil e importante no afastamento de Lewis da condição de membro da Baixa Igreja, que ele herdara da Igreja da Irlanda, e na ajuda a descobrir a importância da liturgia e da leitura regular do Saltério como meio de auxiliar sua meditação pessoal.[26] Lewis deixou claro desde o início que sentia que Adams estava "por demais comprometido com Roma e que não poderia segui-lo em certas direções".[27] No entanto, Adams se tornou para Lewis um amigo espiritual crítico e desempenhou um papel discreto ajudando Lewis a lidar primeiro com a fama e depois com suas consequências.

Palestras radiofônicas de Lewis durante a Segunda Guerra Mundial

A guerra trouxe mudanças para muitas instituições inglesas, inclusive para a rádio estatal, a British Broadcasting Corporation (BBC). Tornou-se evidente que em meados da década de 1940 a BBC desempenharia um papel decisivo na manutenção da moral nacional. Uma escassez da imprensa escrita levou um número cada vez maior de pessoas a confiar nas transmissões radiofônicas da BBC para obter informação e entretenimento. No dia 1º de setembro de 1939, a BBC havia descontinuado seus programas regionais de rádio[28] e concentrado todos os seus recursos num único serviço radiofônico nacional, que passou a ser conhecido como "Programa Nacional". A religião era notadamente um aspecto de grande importância da estrutura nacional, e a BBC se viu no dever de oferecer inspiração e também instrução religiosa nos momentos mais sombrios da guerra.

Em consequência da ascensão do rádio, certas "vozes" se tornaram populares e altamente reconhecíveis durante a guerra. C. H. Middleton (1886-1945) tornou-se a "voz da jardinagem" da BBC e, nesse período, ele produziu

uma obra campeã de vendas: *Digging for Victory* [Cavando pela vitória]. O dr. Charles Hill (1904-1989), o "doutor do rádio" tornou-se a "voz da medicina". Mas não havia uma "voz da fé" — uma voz sensata, atraente e com autoridade que inspirasse confiança e despertasse simpatia.

E uma voz assim era extremamente indispensável. Em parte para resolver um problema de programação, o Departamento de Programas Religiosos da BBC estava lançando uma nova série de "palestras radiofônicas" sobre temas religiosos. Mas quem poderia proferi-las? No início de 1941, o dr. James Welch, o editor-chefe da BBC, começou a procurar uma voz que pudesse falar das ansiedades e preocupações espirituais dos britânicos durante a guerra. A tarefa mostrou-se difícil.

Uma dificuldade particular eram as tensões que nessa época começaram a surgir entre a BBC e a liderança de várias igrejas.[29] A BBC se via como transmissora nacional, falando com o povo da Grã-Bretanha. Não se via como a voz da igreja oficial do país. As igrejas tendiam a se preocupar em salvaguardar seus próprios interesses, ocupando-se com a frequência da congregação e questões de seu respectivo *status* social. Embora líderes eclesiásticos nacionais — tais como William Temple (1881-1944), arcebispo de Cantuária — fossem bem-vindos como oradores na BBC, tornou-se evidente que a emissora começou a preferir oradores que não falassem a partir de nenhuma agenda de uma denominação específica, mas que simplesmente apresentassem uma visão que fosse além das denominações e atingisse a totalidade da nação. Mas quem poderia fazer isso?

Então Welch descobriu por acaso um livro escrito por um professor de Oxford — e o tranquilizou saber que se tratava de um leigo. Ele gostou do que leu. O livro era *O problema do sofrimento*. Lewis não poderia fazer ideia disso, mas o "cristianismo puro e simples" que ele defendia cada vez mais — embora naquela época não nesses termos — era precisamente o que a BBC procurava.[30] Lewis era um leigo, e assim seria visto como alguém que estava fora das estruturas de poder (e lutas pelo poder) das denominações cristãs. Welch notou que Lewis escrevia bem. Mas será que ele saberia comunicar-se? Como seria ele diante de um microfone? Será que ele acabaria sendo mais uma daquelas vozes pesadas, pretensiosas "de igreja", cujo tom desestimularia as pessoas a ouvir seu conteúdo?

Só havia um jeito de descobrir. Welch nunca se encontrara com Lewis, mas

decidiu correr o risco. Escreveu-lhe uma carta parabenizando-o pelo livro *O problema do sofrimento* e o convidou a falar na BBC. Pediu a Lewis que considerasse a possiblidade de falar sobre um tópico como "A fé cristã como eu a vejo — na qualidade de leigo". Lewis podia ter certeza de que contaria com "uma plateia inteligente de mais de um milhão de pessoas".[31]

Lewis respondeu, cauteloso. Ele gostaria de fazer uma série desse tipo de palestras, mas teria de esperar até o recesso da universidade.[32] Welch pôs Lewis em contato com seu colega Eric Fenn (1899-1995), que cuidaria dos arranjos daquele ponto em diante.[33]

Nesse meio tempo, Lewis se viu envolvido em outra atividade relacionada com a guerra: falar em estações da Royal Air Force (RAF). A sugestão dessa tarefa partiu de W. R. Matthews, deão da St. Paul's Cathedral de Londres, que tinha à sua disposição um fundo que propôs usar para financiar uma série de palestras. A RAF a essa altura atraía alguns dos jovens mais brilhantes do país, e Matthews queria certificar-se de que eles tinham acesso a ensino e encorajamento cristãos. Ele não tinha dúvidas sobre quem queria para desempenhar esse papel. Mattheus propôs que Lewis deveria ser convidado para essa incumbência.

Maurice Edwards, capelão-chefe da RAF, concordou em apresentar a Lewis essa proposta, e viajou para Oxford a fim de discutir o caso com ele. Edwards não tinha convicção absoluta de que Lewis era a pessoa certa para esse trabalho. Lewis estava habituado a ensinar aos melhores alunos universitários da Inglaterra. Como ele lidaria com os "atrasados" — jovens que haviam deixado a escola aos 16 anos, e que não tinham nenhuma intenção de participar de algo que fosse remotamente acadêmico? Lewis provavelmente tinha apreensões semelhantes. Apesar disso, ele aceitou a oferta. Acreditava que seria bom para ele, forçando-o a traduzir suas ideias numa "linguagem não acadêmica".

Seu primeiro compromisso foi na Unidade de Treinamento Operacional nº 10, uma base da RAF para o comando de bombardeiros, baseada em Abingdon, a cerca de quinze minutos de carro ao sul de Oxford. Depois dessa tarefa, Lewis expressou uma opinião pessimista sobre seu desempenho. "Pelo que posso julgar, as palestras foram um completo fiasco."[34] Mas não foram, e a RAF pediu mais. Aos poucos, Lewis aprendeu como adaptar seu estilo e vocabulário para satisfazer as necessidades de uma plateia que ele nunca tinha visto antes.

As reflexões de Lewis sobre como um palestrante deve "aprender a

linguagem da plateia" estão contidas numa importante palestra dirigida ao clero e a líderes jovens no País de Gales em 1945. Essa palestra está repleta de reflexões e sabedoria, claramente aprendidos a duras penas por meio da experiência. Lewis parecia ver dois pontos como especialmente importantes: descobrir como falam as pessoas comuns e traduzir suas ideias na maneira de falar delas:

> Devemos aprender a linguagem da nossa plateia. E permitam-me dizer desde já que não adianta nada estabelecer *a priori* o que o "homem comum" entende ou não entende. A gente tem de descobrir pela experiência.[35]

Não é difícil imaginar Lewis envolvido numa discussão e debate com uma tripulação aérea realista, direta e sem papas na língua, aprendendo como seu estilo acadêmico não se relacionava com eles, e resolvendo fazer alguma coisa sobre o caso.

> Devemos traduzir cada fragmento de nossa teologia em vernáculo. Isso é muito cansativo, e significa que podemos dizer muito pouco em meia hora, mas é essencial. É também o maior serviço que podemos prestar ao nosso próprio pensamento. Eu me convenci de que se não conseguimos traduzir nossos pensamentos numa linguagem não acadêmica, então nossos pensamentos são confusos. A capacidade de traduzir é o teste de que realmente entendemos o nosso próprio significado.[36]

Lewis colocaria em prática durante suas palestras radiofônicas as ideias aprendidas a duras penas em seu trabalho para a RAF.

Nesse meio tempo, os arranjos para as palestras radiofônicas iam evoluindo suavemente. Como Lewis havia pedido, elas aconteceriam em agosto de 1941, no meio do recesso acadêmico, quando ele poderia dedicar a elas seu tempo e pensamento.[37]

Em meados de maio, Lewis tinha sua abordagem mais ou menos pronta. As palestras seriam apologéticas, não evangelísticas, preparando o terreno para o evangelho em vez de apresentá-lo de modo explícito. Lewis decidiu que apresentaria uma "*praeparatio evangelica* em vez de *evangelium*" que "tentasse convencer as pessoas de que existe uma lei moral, de que nós a desobedecemos e de que a existência de um Legislador é, no mínimo, muito provável".[38] Mas Lewis ainda tinha de enfrentar o ordálio de um teste com o microfone. Será que sua voz soaria bem no ar?

Em maio de 1941, Lewis se sentou diante de um microfone para fazer seu

"teste de voz" na BBC. Foi, observou ele, uma surpresa ouvir-se a si mesmo falando. "Eu não estava preparado para a total estranheza da voz".[39] Mas a BBC ficou satisfeita. Não haveria dificuldades para entender Lewis no ar. No fim, alguns se queixaram de seu "sotaque de Oxford", e lhe pediram para mudá-lo. Lewis retorquiu dizendo que não tinha consciência de ter *algum* sotaque. De qualquer modo, se ele o mudasse, acabaria sendo simplesmente um sotaque *diferente*. Por que tanto barulho "acerca de um simples fenômeno acidental"?[40]

No entanto, mudanças continuaram sendo feitas. Eric Fenn observou que o título proposto por Lewis para a série de palestras era "um pouco sem graça".[41] Chegou-se finalmente a um consenso sobre um título alternativo: "Informações privilegiadas". As datas e os títulos das quatro palestras deveriam ser:

> 6 de agosto: "Decência básica"
> 13 de agosto: "Lei científica e lei moral"
> 20 de agosto: "Materialismo ou religião"
> 27 de agosto: "O que podemos fazer sobre isso?"[42]

Todavia, mais duas mudanças precisaram ser feitas. Primeiro, Leslie Stannard Hunter, bispo de Sheffield, que estava escalado para fazer a série seguinte de quatro palestras depois de Lewis, pediu para adiar a série por uma semana, devido a compromissos assumidos previamente. Isso deixou a BBC com uma semana sem as palestras regulares sobre religião. Fenn consultou Lewis sobre a possibilidade de ele preencher essa lacuna com uma quinta sessão. Percebendo que era tarde demais para Lewis escrever uma palestra adicional, Fenn sugeriu que ele talvez gostasse de responder a perguntas levantadas por ouvintes.[43] Lewis concordou com essa proposta.

A mudança final diz respeito ao título das palestras. O título "Informações privilegiadas" foi criticado num memorando interno da BBC do mês de julho como "um tanto indecoroso".[44] Depois de algumas consultas apressadas, o título foi alterado para "Certo e errado: um indício do significado do universo?".[45] Na visão de muitos, esse título revisado ficou muito melhor do que qualquer um dos títulos anteriores.

Embora Lewis fosse o autor do *script* de todas essas palestras, as versões finais foram desenvolvidas num diálogo com seu produtor, Eric Fenn. Às vezes, isso parece ter resultado num certo distanciamento entre os dois,

particularmente quando Lewis sentia que as mudanças propostas por Fenn eram invasivas. Todavia, ao que parece, Lewis acabou percebendo o valor do ouvido experiente de Fenn. O que Lewis não apreciou foi que, diferentemente do que acontece com um livro, uma palestra radiofônica precisa ser compreendida na primeira vez em que é apresentada.

A primeira palestra foi transmitida ao vivo da estação de radiodifusão em Londres, às 19h45 da quarta-feira do dia 6 de agosto de 1941, imediatamente após um noticiário de quinze minutos transmitido às 19h30. Todos os locutores radiofônicos sabem que as "janelas" que têm probabilidade de atrair grandes plateias são as que vêm logo após a apresentação de temas populares — e, em tempos de guerra, os noticiários atraíam um considerável número de ouvintes. Se Lewis alimentasse qualquer esperança de que seu programa poderia beneficiar-se das grandes plateias que os noticiários tradicionalmente atraíam, ele teria tido uma decepção. Esse noticiário em especial se destinava a ouvintes da Noruega ocupada pelos nazistas, que podiam sintonizar a BBC em ondas longas de 200 kHz. Ele foi feito em norueguês.

No entanto, apesar desse início muito distante do ideal, Lewis conquistou e manteve uma grande plateia. O resto, como se diz, é história. Lewis se tornou para a nação a "voz da fé", e seus programas radiofônicos assumiram o *status* de clássicos. Fenn se sentiu muito satisfeito com o sucesso. Embora comentasse que a segunda palestra fora de certo modo "enfadonha", Fenn sabiamente dourou a pílula convidando Lewis a contribuir com uma segunda série de palestras, a ser transmitida para o Programa Nacional aos domingos, em janeiro e fevereiro de 1942.[46]

Mais uma vez, as palestras foram um enorme sucesso. Depois de ler os rascunhos dos *scripts* em dezembro de 1941, Fenn declarou que eram "de primeira qualidade", elogiando especialmente a "clareza" de expressão e a "inexorabilidade" dos argumentos.[47] Lewis apresentou essas palestras na forma de diálogos com quatro colegas clérigos, no intuito de mostrar que falava do cristianismo como um todo, e não simplesmente de sua perspectiva pessoal. Os membros do clero eram Eric Fenn (presbiteriano), Dom Bede Griffiths (católico romano), Joseph Dowell (metodista) e alguém não identificado da Igreja Anglicana, que talvez tenha sido Austin Farrer, então colega de Lewis em Oxford.



8.3 Broadcasting House, prédio da BBC em Londres, por volta de 1950, da qual foram transmitidas as palestras de Lewis durante a guerra. A igreja à direita é a All Souls Church, em Langham Place, que se tornou famosa por meio do reverendo John Stott (1921-2011).

Podemos observar a ideia de "cristianismo puro e simples" posto em prática — um consenso, não clerical, que ultrapassa a visão de denominações da fé cristã.[48] No entanto, mesmo nesse estágio, estava claro que a concepção de fé cristã de Lewis era um tanto individualista, até solitária. Nela pouco havia sobre a igreja, a comunidade de fé, ou sobre o cristianismo em relação à sociedade. Lewis descreveu o cristianismo como algo que molda a maneira de pensar do indivíduo e, portanto, também a maneira de se comportar. No entanto, há pouca percepção de que o cristianismo está incrustado na vida em comunidade. Lewis sentia-se perfeitamente à vontade para falar sobre o pecado, a lei natural ou a encarnação. Mas tinha pouco a dizer sobre a instituição da igreja — um ponto observado com particular preocupação por alguns ouvintes católicos romanos.[49]

Nessas palestras, Lewis passou de uma exploração experimental da razoabilidade da fé para uma afirmação mais comprometida de "Em que os cristãos creem". Isso gerou uma quantidade expressiva de correspondência da

parte dos ouvintes, a qual Lewis achou difícil de administrar, acima de tudo porque muitos de seus efusivos admiradores, bem como de seus críticos mordazes, pareciam esperar que suas cartas tivessem resposta imediata e minuciosamente detalhada.

No dia 13 de julho de 1942, Geoffrey Bles publicou as duas primeiras séries de palestras sob o título *Palestras radiofônicas*. Lewis contribuiu com um breve prefácio, que é um resumo da introdução de sua palestra radiofônica de 11 de janeiro de 1942, na qual ele se apresenta a seus ouvintes.

> Fiz essas palestras não porque sou alguém especial, mas porque fui convidado a fazê-las. Acho que me convidaram principalmente por duas razões: primeiro, por eu ser um leigo, não um clérigo; e, segundo, por eu ter sido um não cristão durante muitos anos. Pensou-se que esses dois fatos possivelmente me capacitariam a entender as dificuldades que pessoas comuns têm sobre o assunto.[50]

Lewis fez depois disso mais uma série de oito palestras, desta vez para serem transmitidas pela rede da BBC Forces.[51] Graças à sua experiência com a RAF, Lewis a essa altura sentia-se muito mais confortável para sintonizar adequadamente o nível de seu discurso com sua plateia. De fato, Lewis passou a semana anterior à primeira palestra numa estação da RAF na Cornualha. Essas palestras sobre o tema "Comportamento cristão" foram transmitidas na tarde de oito domingos consecutivos, de 20 de setembro a 8 de novembro de 1942. Havia, porém, um problema. Lewis tinha suposto que cada uma das oito palestras duraria 15 minutos, como na série anterior. Depois de haver rascunhado suas palestras de acordo com essa suposição, ele descobriu que de fato tinha apenas dez minutos para cada uma delas.[52] Cortes drásticos se faziam necessários: 1.800 palavras reduzidas a 1.200.

Finalmente, depois de frequentes pedidos para fazer mais palestras, Lewis concordou em fazer uma quarta série de sete palestras a ser transmitida pelo Programa Nacional da BBC de 22 de fevereiro a 4 de abril de 1944. Nessa ocasião, Lewis obteve a permissão de gravar de antemão três das palestras, cada uma das quais foi publicada dois dias depois na revista semanal da BBC, *The Listener* [O ouvinte]. Lewis havia pedido que lhe fosse permitido gravar algumas palestras de antemão, porque o horário de transmissão era às 22h20, e isso não lhe permitiria voltar para Oxford na mesma noite.

Quando essa série chegou ao fim, Lewis era uma celebridade nacional. Era evidente que a reação de seus ouvintes variava de modo considerável, indo da

quase adulação ao total desprezo. Mas, como Lewis esclareceu para Fenn, isso era uma reação ao assunto, não a ele como locutor. "É uma história antiga, não é mesmo? Eles adoram ou odeiam".[53]

As quatro séries radiofônicas seriam mais tarde trabalhadas e transformadas no clássico *Cristianismo puro e simples* (1952), que preserva grande parte da estrutura, do conteúdo e do tom dos *scripts* originais do rádio. *Cristianismo puro e simples* é atualmente considerada a mais refinada obra de apologética de Lewis. Tendo em vista sua importância, vamos analisá-la mais detalhadamente no capítulo seguinte. Mas primeiro devemos considerar outra obra popular que conquistou para Lewis um número de leitores ainda maior na Grã-Bretanha, e que o apresentou triunfalmente para a plateia norte-americana: a paródia satânica conhecida como *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.

FAMA INTERNACIONAL: O CRISTÃO PURO E SIMPLES

LEWIS GALGOU OS PONTOS MAIS ELEVADOS DA FAMA NACIONAL com suas palestras radiofônicas da época da guerra e tornou-se uma das vozes mais reconhecidas na Grã-Bretanha. No entanto, mesmo enquanto redigia seus *scripts* para o rádio, Lewis já vinha trabalhando outra ideia — uma ideia que acabaria lhe granjeando reconhecimento internacional. Ao que tudo indica, ele teve a inspiração durante um sermão particularmente enfadonho na Igreja da Santíssima Trindade, em Headington Quarry, em julho de 1940.

> Antes do fim do ofício religioso — a gente gostaria que essas coisas acontecessem em momentos mais apropriados — ocorreu-me a ideia para um livro. Acho que ele poderia ser útil e divertido. Seu título seria *De um demônio para o outro* e consistiria em cartas de um demônio mais velho já aposentado endereçadas a um demônio jovem que havia apenas começado a trabalhar com seu primeiro "paciente".[1]

Ele escreveu entusiasmado a seu irmão — que agora havia voltado para a Inglaterra, depois de ser trazido em segurança de Dunquerque — sobre essa ideia, saboreando os pontos que ele poderia enfatizar. O "demônio mais velho" seria chamado de "Screwtape".[2]

Cartas de um diabo a seu aprendiz (1942)

Como o próprio Lewis relembrou mais tarde, ele "nunca havia escrito nada com

tanta facilidade".[3] As 31 "cartas de um diabo a seu aprendiz"— uma para cada dia do mês — começaram a aparecer semanalmente numa revista eclesiástica chamada *The Guardian* (que não se deve confundir com o importante jornal britânico de mesmo nome) no dia 2 de maio de 1941.

As cartas retratam o inferno como uma burocracia (talvez o tipo de coisa que, na opinião de Lewis, a Universidade de Oxford corria o perigo de se tornar). Parecia inteiramente natural que Lewis descrevesse o comportamento diabólico em termos da "burocracia de um Estado policial ou dos escritórios de uma empresa que trata de negócios completamente sórdidos". Lewis sentiu grande prazer na elaboração do tipo de aconselhamento que o astuto diabo velho, Screwtape, poderia dar ao noviço Wormwood[4] sobre como manter seu "paciente" em segurança longe das mãos do Inimigo. As cartas estão repletas de espirituosas observações (particularmente em relação às condições em tempos de guerra), ocasionais caricaturas cruéis de certos tipos de gente que Lewis evidentemente detestava e um sentimento crescente de sabedoria religiosa sobre como lidar com os mistérios e enigmas da vida.

Quantas interpretações podemos atribuir a *Cartas de um diabo a seu aprendiz*? Estaria Lewis expressando nessa obra sentimentos em relação à cada vez mais despótica sra. Moore, sentimentos que ele nunca ousaria expressar de modo explícito? Por exemplo, uma das "pacientes" do jovem diabo Wormwood é uma senhora idosa descrita como "um verdadeiro terror para suas anfitriãs e empregadas". Uma de suas muitas fraquezas é "seu apetite por guloseimas". Nada do que lhe é oferecido parecer ser totalmente do seu agrado. Seus pedidos podem ser bastante modestos, mas nunca são atendidos, e ela nunca está satisfeita. "*Tudo* o que ela quer é uma xícara de chá bem feito, ou um ovo bem cozido, ou uma fatia de pão bem torrada."[5] No entanto, nem a empregada nem a família toda parecem capazes de fazer isso direito. Sempre tem algo errado, alguma coisa faltando — e o castigo destinado aos que a decepcionam nunca tarda. Sabemos que Lewis estava cada vez mais preocupado com a meticulosidade e as obsessões da sra. Moore por volta dessa época. Poderíamos ver essas preocupações refletidas aqui?

Uma das ideias tipicamente enfatizadas por Lewis é a de que a literatura nos permite ver as coisas de uma forma nova. O livro *Cartas de um diabo a seu aprendiz* pode ser visto como a apresentação de uma nova maneira de enxergar o aconselhamento espiritual tradicional e sólido por meio de sua representação

numa estrutura muito original. Enquanto pregadores mais enfadonhos estimulariam suas congregações a não confiar em sua própria experiência, Lewis inverte essa perspectiva. O diabo Screwtape manda o aprendiz trabalhar com as experiências de seu paciente, e levá-lo a *sentir* que o cristianismo "não pode realmente ser verdadeiro". É na perspectiva que Lewis adota, não no conselho dado, que está a inovação. A sabedoria espiritual de Lewis, bem como a maneira nova de sua apresentação, lhe garantiram um grande número de leitores agradecidos e entusiasmados de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.

Ashley Sampson notou as cartas na revista *The Guardian*, e chamou para elas a atenção do editor Geoffrey Bles, que se ofereceu para publicá-las coligidas em forma de livro. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* foi publicado em fevereiro de 1942. Dedicada a J. R. R. Tolkien, essa obra tornou-se campeã de vendas durante a guerra. (Tolkien, a propósito, não apreciou a dedicatória de uma obra tão superficial, particularmente quando soube mais tarde que Lewis "jamais gostou muito dela".)[6]

Cartas de um diabo a seu aprendiz consolidou a reputação de Lewis como teólogo cristão popular — alguém que sabia transmitir temas da fé cristã de maneira inteligente e acessível. Em julho de 1943, Oliver Chase Quick (1885-1944), *regius professor* de Teologia da Universidade de Oxford, escreveu para William Temple, arcebispo de Cantuária, expressando sua opinião de que Lewis merecia a outorga do título de Doutor em Teologia — o grau mais alto que Oxford poderia lhe conferir — em reconhecimento à importância de seus escritos teológicos. Quick observou que Lewis, juntamente com Dorothy L. Sayers (1893-1957), era um dos poucos escritores ingleses que naquela época pareciam capazes de "transmitir para pessoas comuns uma forma razoavelmente ortodoxa de cristianismo".[7] Essa correspondência entre o teólogo mais graduado de Oxford e o clérigo mais graduado da Igreja da Inglaterra é um testemunho importante da alta estima por Lewis nos influentes círculos eclesiásticos e acadêmicos da Inglaterra.

Quando o livro *Cartas de um diabo a seu aprendiz* foi publicado nos Estados Unidos um ano mais tarde, Lewis foi arremessado para a fama internacional, para a qual estava mal preparado. Aqui estava um livro urbano, sagaz, imaginativo e totalmente ortodoxo que era — nas palavras de um resenhista norte-americano — uma "nova estrela espetacular e satisfatória no céu sombrio". Os norte-americanos queriam mais informações sobre essa nova

estrela em seu céu religioso. Os livros anteriores de Lewis foram rapidamente apresentados em edições norte-americanas. O escritório da BBC em Nova Iorque entrou em contato com a matriz em Londres sugerindo dedicar mais tempo de transmissão a Lewis nos Estados Unidos, observando o "considerável interesse" despertado por sua "nova abordagem de assuntos religiosos".[8]

Talvez não cause surpresa que os primeiros estudos acadêmicos sérios sobre Lewis tenham sido escritos por estudiosos norte-americanos. A primeira tese de doutorado sobre a obra de Lewis foi finalizada em 1948 por Edgar W. Boss, aluno de Northern Baptist Theological Seminary de Chicago. Um ano mais tarde, o estudo pioneiro *C. S. Lewis: Apostle to the Skeptics* [C. S. Lewis: apóstolo dos céticos de Chad Walsh], foi publicado em Nova Iorque.

No entanto, a reputação acadêmica de Lewis em Oxford não foi bem servida com essa evolução dos fatos. Imprudentemente, Lewis declara ser "professor do Magdalen College, Oxford" na capa do seu livro. Houve muitas queixas e críticas exacerbadas na sala dos professores seniores acerca do achincalhamento de valores acadêmicos efetuado por um livro de marcado populismo. Lewis conquistou o coração e a mente de muitos por meio desse livro; contudo, ele também se indispôs com muitos de cujo apoio ele poderia vir a precisar para obter uma cadeira em Oxford no futuro.

Cristianismo puro e simples (1952)

Embora Lewis tivesse publicado uma versão ligeiramente editada de suas palestras radiofônicas durante a guerra, ele não estava completamente satisfeito com isso. Elas apareceram como três panfletos separados: *The Case for Christianity* [Provas a favor do cristianismo] (1942), *Christian Behaviour* [Comportamento cristão] (1943) e *Beyond Personality* [Além da personalidade] (1944). A seu ver, elas precisavam de mais clareza de expressão e enfoque. Os panfletos eram vistos pelos leitores como obras independentes, e não como estágios de uma argumentação entrelaçada. Além disso, o texto de toda uma série de palestras foi simplesmente omitido. Lewis passou aos poucos a pensar em como poderia criar um único livro que desenvolvesse uma defesa coerente do cristianismo, ligando o material que tinha desenvolvido para suas quatro séries de palestras radiofônicas. *Cristianismo puro e simples* — a versão final — é agora considerado um dos mais significativos escritos cristãos de Lewis. Embora publicada em 1952, a obra é claramente uma versão editada do material do

tempo de guerra, o que torna a discussão de seus temas apropriada a esta altura de nossa narrativa.

Lewis é frequentemente, e com razão, criticado por inventar alguns títulos estranhos para os seus trabalhos. Sua obra-prima de 1956 *Till We Have Faces* [Até que tenhamos rostos], por exemplo, carregava originalmente o título de *Bareface* [Rosto nu]. No entanto, Lewis escolheu um título muito feliz para a síntese de suas quatro séries de palestras radiofônicas. Ele evitou qualquer referência à origem delas, e, em vez disso, preferiu enfocar seu assunto. O título *Cristianismo puro e simples* intrigou seus leitores. O que é que Lewis queria dizer com esse título? E por que o escolheu?

Lewis descobriu essa expressão nos escritos de Richard Baxter (1615-1691), um autor puritano que ele havia encontrado por acaso no vasto curso de suas leituras em literatura inglesa. Escrevendo em 1944, Lewis argumentava que o melhor remédio contra os erros teológicos detectados em livros publicados recentemente "é ter um padrão de cristianismo central e simples ('cristianismo puro e simples' como o chamou Baxter) que coloca as controvérsias do momento em sua devida perspectiva".[9]

Sendo assim, o que quis dizer Baxter com essa curiosa expressão? Vivendo durante o século 17, num período de tumultuada controvérsia religiosa e violência — incluindo a Guerra Civil Inglesa e a execução de Carlos I — Baxter chegou à conclusão de que as denominações teológicas ou religiosas distorciam e prejudicavam a fé cristã. Em sua obra *Church History of the Government of Bishops and Their Councils* [História eclesiástica do governo dos bispos e seus concílios] (1681), Baxter protestou contra o divisionismo das controvérsias religiosas. Ele acreditava num "cristianismo, credo e Escritura simples".[10] Queria ser conhecido como um "cristão simples", igualando "cristianismo puro e simples" ao "cristianismo católico" no sentido de uma visão universal da fé cristã, sem manchas de controvérsias e partidarismos teológicos.

Não está claro como Lewis veio a descobrir essa expressão de Baxter. Não encontrei nenhuma outra referência a essa obra de Baxter nos escritos de Lewis de antes da Segunda Guerra Mundial. Contudo, ela expressa com clareza a própria visão de Lewis de uma ortodoxia cristã básica, despojada de qualquer agenda denominacional ou interesse em tribalismo eclesiástico. É o que Lewis acreditava que a Igreja da Inglaterra representa na sua melhor atuação: não um "anglicanismo" estreitamente denominacional (noção pela qual Lewis tinha

pouca simpatia), mas a fé cristã ortodoxa histórica tal qual encontrou sua expressão na Inglaterra (fé pela qual Lewis tinha uma grande admiração). Como Lewis corretamente ressaltou, Richard Hooker (1554-1600) — muitas vezes considerado um dos melhores apologistas da Igreja da Inglaterra — "nunca ouvira falar de uma religião chamada anglicanismo".[11]

Lewis não tinha dificuldade de aceitar e respeitar a existência de denominações cristãs individuais, incluindo a sua: a Igreja da Inglaterra. Ele insistia, no entanto, em que cada denominação devia ser vista como um conjunto específico de manifestações de algo mais fundamental — o "cristianismo puro e simples". Esse "cristianismo puro e simples" é um ideal, que exige uma corporificação denominacional para funcionar. Ele ilustrou essa ideia com uma analogia que resistiu muitíssimo bem ao teste do tempo:

> [O cristianismo puro e simples] é como um saguão no qual há muitas portas para diferentes salas. Se eu conseguir trazer alguém para esse saguão, terei feito o que pretendia fazer. Mas é nas salas, não no saguão, que há lareiras, cadeiras e refeições. O saguão é um lugar de espera, um lugar em que se pode tentar abrir uma dentre várias portas, não um lugar para se viver.[12]

Essa analogia nos permite avaliar o ponto essencial que Lewis quis provar: existe uma forma conceitual transdenominacional de cristianismo, que deve ser estimada e usada como a base da apologética cristã. No entanto, o fato de ser ou tonar-se cristão exige um comprometimento com uma *forma específica* desse cristianismo básico. O "cristianismo puro e simples" poderia ter a primazia em relação a denominações individuais. No entanto, essas denominações são essenciais para a tarefa de viver uma vida cristã. Lewis não estava defendendo o "cristianismo puro e simples" como se essa fosse a única forma autêntica de cristianismo. Sua argumentação era que, em vez disso, o cristianismo puro e simples subjaz a todas essas outras formas de cristianismo e as alimenta.

É esse "cristianismo puro e simples" que Lewis pretendia explicar e defender nessa obra de apologética. Em sua palestra "Christian Apologetics" [Apologética cristã], de 1945, Lewis havia enfatizado que a tarefa do apologista não era defender a denominação à qual ele pertencesse, nem sua perspectiva teológica específica, mas sim a fé cristã em si. De fato, foi o comprometimento explícito de Lewis com essa forma de cristianismo que fez dele uma figura de apelo tão universal no âmbito da comunidade cristã global.

Lewis se apresenta a seus leitores como um "cristão puro e simples", que eles podem adaptar a suas próprias agendas e interesses denominacionais, ou

podem defender e proclamar como a porta que lhes dá acesso a sua "sala" específica, onde há "lareiras, cadeiras e refeições." Lewis faz a apologia do cristianismo. Ele ficaria estarrecido se fosse citado como um apologista do "anglicanismo" — particularmente porque detestava brigas denominacionais, mas sobretudo porque não acreditava na extensão conceitual de "Igreja da Inglaterra" a uma noção global de "anglicanismo".

As obras de Lewis — especialmente *Cristianismo puro e simples* — geralmente mostram pouca inclinação de sua parte de envolver-se em brigas denominacionais acerca de batismo, bispos ou a Bíblia. Para Lewis, nunca se deve permitir que esses debates ultrapassem ou obscureçam o grande quadro — a majestosa visão cristã da realidade, que transcende diferenças denominacionais. Foi a amplitude e profundidade dessa visão do cristianismo que conquistou, nos Estados Unidos, grande aceitação tanto entre católicos como entre protestantes.

Há provas de que Lewis se interessou por essa espécie de abordagem no início da década de 1940. Em setembro de 1942, durante uma visita à cidade de Newquay, na Cornualha, Lewis comprou um exemplar sobre o estudo de W. R. Inge sobre o protestantismo. Uma frase desse livro — fortemente sublinhada no exemplar de Lewis — claramente chamou-lhe a atenção: "os andaimes de uma fé simples e genuinamente cristã".[13] Essa frase resume a essência da ideia do "cristianismo puro e simples" de Lewis.

No entanto, Lewis não estava sozinho nessa época em seu desejo de defender uma forma de cristianismo que evitava o espalhafato e pedantismo do denominacionalismo. Em 1941, Dorothy L. Sayers — como Lewis, uma leiga anglicana — apresentou uma visão semelhante. No fim, essa visão fracassou, atolando-se nas complexidades de políticas denominacionais.[14] Lewis, todavia, prevaleceu, ignorando essas complexidades, falando diretamente com cristãos comuns e passando por cima de líderes denominacionais. E cristãos comuns passaram a ouvi-lo, mais do que a qualquer outra pessoa.

Como agiu então Lewis para defender esse "cristianismo puro e simples"? A estratégia apologética empregada em sua obra é complexa, refletindo o fato de que quatro séries distintas de palestras foram amalgamadas num único livro. O que é particularmente surpreendente é que *Cristianismo puro e simples* absolutamente não parte de algum pressuposto cristão. Lewis nem sequer elenca doutrinas cristãs que algumas pessoas acham problemáticas para depois

defendê-las. Ele parte da experiência humana, e mostra como tudo parece se encaixar em volta de ideias centrais como, por exemplo, a ideia de um Legislador divino, que pode ser vinculada à fé cristã.

Cristianismo puro e simples não se propõe a apresentar argumentos dedutivos em defesa da existência de Deus. Como observou, com percepção, Austin Farrer sobre o livro *O problema do sofrimento*, Lewis nos leva a "pensar que estamos ouvindo uma discussão" quando, na verdade, "nos é apresentada uma visão; e é a visão que contém convicção".[15] Essa visão tem grande apelo para o anseio humano pelo verdadeiro, o belo e o bom. A proeza de Lewis é mostrar que o que observamos e experimentamos "combina" com a ideia da existência de Deus. Sua abordagem é inferencial, não dedutiva.

Para Lewis, o cristianismo é o "grande quadro" que entretece os fios da experiência e da observação criando um desenho convincente. A primeira parte de *Cristianismo puro e simples* se intitula "O certo e o errado como chaves para a compreensão do sentido do universo". É importante observar esse termo cuidadosamente escolhido: *chave*. Lewis está observando que o mundo está decorado com essas "chaves", nenhuma das quais prova, sozinha, alguma coisa, mas que, tomadas em seu conjunto, formam uma explicação cumulativa para que se creia em Deus. Essas "chaves" são fios que formam o grande padrão do universo.

Cristianismo puro e simples começa — assim como suas palestras radiofônicas — com um convite à reflexão sobre duas pessoas discutindo. Qualquer tentativa de determinar quem está certo e quem está errado depende, argumenta Lewis, do reconhecimento de uma norma, de algum padrão que as duas partes da disputa reconhecem como obrigatório e normativo. Numa série de lances argumentativos, Lewis primeiro afirma que todos nós temos consciência de algo "superior" a nós — uma norma objetiva à qual as pessoas recorrem e esperam que outros cumpram; uma "lei real que nós não inventamos e sabemos que a ela devemos obedecer".[16]

Se existir um Deus, esse fato nos fornecerá um fundamento mais firme para o instinto e a intuição, profundamente arraigados no homem, de que existem valores morais objetivos; e também nos fornecerá uma defesa da moralidade em oposição a afirmações irresponsáveis de relativismo ético. Deus, para Lewis, se dá a conhecer por meio de nossas profundas intuições morais e estéticas:

> Se houvesse um poder controlador fora do universo, ele não poderia se mostrar a nós como

> um dos fatos intrínsecos desse universo — da mesma forma que o arquiteto de uma casa não poderia ser uma parede ou uma escadaria ou uma lareira dessa casa. A única maneira pela qual poderíamos esperar que ele se mostrasse seria estando dentro de nós mesmos como uma influência ou uma ordem, tentando nos fazer agir de determinada maneira. E isso é exatamente o que descobrimos em nós mesmos.[17]

Embora todos saibam dessa lei, ninguém consegue viver de acordo com ela. Lewis sugere desse modo que "o fundamento de todas as ideias claras acerca de nós mesmos e do universo em que vivemos" consiste em nosso conhecimento de uma lei moral e na consciência de nosso descumprimento dela.[18] Essa consciência deveria "despertar nossas suspeitas" de que "existe Algo que está dirigindo o universo, e que se manifesta em mim como uma lei que me convida a fazer o que é certo e a me sentir responsável e desconfortável quando faço o que é errado".[19] Lewis sugere que isso aponta para uma mente que ordena e dirige o universo.

A segunda linha de argumentação diz respeito à nossa experiência de anseio. É uma abordagem que Lewis havia desenvolvido antes em seu sermão *Peso da glória* pregado em Oxford no dia 8 de junho de 1941. Lewis reformulou sua argumentação visando aos objetivos de suas palestras radiofônicas, tornando-a muito mais fácil de entender ou captar. A argumentação pode ser resumida da seguinte forma: todos nós ansiamos por algo e acabamos vendo nossas esperanças estilhaçadas e frustradas quando realmente conseguimos obtê-lo. "Havia algo que nós tentamos agarrar naquele primeiro momento de anseio, que simplesmente desaparece na realidade".[20] Como então se deve interpretar essa experiência humana tão comum?

De início Lewis observa duas possibilidades que ele claramente considera inadequadas: presumir que essa frustração surge do fato de procurarmos em lugares errados ou concluir que não faz sentido nos preocuparmos com tentarem descobrir algo melhor que o mundo, pois isso só pode nos causar decepção. No entanto, argumenta Lewis, há uma terceira abordagem: reconhecer que esses anseios terrenos são "apenas uma cópia ou um eco ou uma miragem" de nossa verdadeira terra natal.[21]

Lewis desenvolve um "argumento a partir do desejo" sugerindo que todos os desejos naturais têm seu objeto correspondente, e só se satisfazem quando ele é atingido ou experimentado. Esse desejo natural de realização transcendental não pode ser satisfeito por meio de nada do mundo presente,

levando à sugestão de que poderia ser satisfeito além deste mundo, num mundo para o qual a presente ordem das coisas aponta.

Lewis argumenta que a fé cristã interpreta esse desejo como uma chave do verdadeiro objetivo da natureza humana. Deus é o fim supremo da alma humana, a única fonte de felicidade e alegria humanas. Exatamente como a fome física aponta para uma necessidade humana real que pode ser satisfeita pela comida, assim essa fome espiritual corresponde a uma necessidade real que pode ser satisfeita por Deus. "Se eu descubro em mim mesmo um desejo que nenhuma experiência deste mundo consegue satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui criado para outro mundo."[22] A maioria das pessoas, argumenta Lewis, tem consciência de um profundo anseio dentro de si, que não pode ser satisfeito por nada que seja transitório ou criado. Como o certo e o errado, por exemplo, essa sensação de anseio é assim uma "chave" do significado do universo.

Isso poderia sugerir que Lewis está retratando o cristianismo em termos de "regras" ou "leis", perdendo de vista temas cristãos centrais como o amor de Deus ou a transformação pessoal. Esse não é o caso. Como Lewis enfatizou em seu estudo da obra *O paraíso perdido*, de Milton, o entendimento da virtude é moldado por uma visão da realidade. Não devemos jamais pensar que Milton "estava inculcando uma regra, quando ele estava, na verdade, apaixonado por uma perfeição".[23] Para Lewis, um amor por Deus leva a uma adaptação comportamental, à luz da (e em resposta à) visão maior de Deus captada e posta em prática pela fé.

Em seus argumentos a partir da moralidade e do desejo, Lewis apela para a capacidade do cristianismo de "combinar" com o que observamos e experimentamos. Essa abordagem é parte do método apologético de Lewis, precisamente porque ele próprio a considerou um instrumento persuasivo e útil para dar sentido à realidade. A fé cristã oferece um mapa que descobrimos "combinar" bem com o que observamos ao nosso redor e experimentamos dentro de nós.

Para Lewis, esse modo de "dar sentido" oferecido pela visão cristã da realidade tem a ver com discernir uma ressonância entre a teoria e a maneira aparente de ser do mundo. Essa é uma das razões pelas quais Lewis ficou tão impressionado com a visão da história apresentada pela obra *O homem eterno* (1925) de G. K. Chesterton: ela parecia dar sentido ao que de fato acontecia.

Embora Lewis usasse surpreendentemente poucas analogias musicais em seus textos publicados, sua abordagem poderia ser descrita como algo que capacita o crente a ouvir a harmonia do cosmo, e perceber que ele se encaixa *esteticamente*, mesmo que restem algumas pontas lógicas soltas que ainda precisem ser amarradas.

Lewis muitas vezes enfatizou que sua própria conversão foi essencialmente "intelectual" ou "filosófica", sublinhando a capacidade de o cristianismo dar sentido à realidade em termos racionais e imaginativos. Talvez tenhamos a afirmação mais completa e mais satisfatória dessa abordagem de "dar sentido" no fim de seu ensaio de 1945, "Is Theology Poetry?" [Teologia é poesia?]. Aqui Lewis afirma Deus como uma explicação comprovada, bem como uma explicação que comprova, usando a analogia do sol iluminando a paisagem da realidade. Depois de notar a capacidade que o cristianismo tem de "combinar" ciência, arte, moral e religiões não cristãs, ele declara, numa afirmação conclusiva: "Eu acredito no cristianismo como acredito que o sol surgiu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele vejo todas as outras coisas".[24]

É fácil criticar *Cristianismo puro e simples* por causa de suas ideias fáceis de compreender, que claramente precisam ser elaboradas para receber um fundamento teológico e filosófico mais rigoroso. No entanto, Lewis escreveu para múltiplas plateias, e está muito claro quem ele tinha em mente como seu público. *Cristianismo puro e simples* não é um livro acadêmico, mas popular, que não se dirige a um conjunto de leitores composto de filósofos ou teólogos acadêmicos. É simplesmente injusto esperar que Lewis, nessa obra, se envolva em debates filosóficos detalhados, quando debates dessa natureza simplesmente transformariam essa obra inteligente e de leitura fácil num atoleiro de distinções filosóficas sofisticadas. *Cristianismo puro e simples* é um informal aperto de mão para iniciar um relacionamento e uma conversa mais formal. Há muito mais a dizer.

No entanto, há muitos pontos nessa obra nos quais Lewis se mostra aberto a uma crítica legítima, e é importante observar alguns deles. O mais óbvio diz respeito à noção de Lewis de "trilema", que ele organiza para defender a doutrina da divindade de Cristo. Para Lewis, a noção de que Deus foi revelado plenamente em Cristo era de importância referencial. Conforme ele escreveu a Arthur Greeves — um crítico dessa visão — em 1944:

> A doutrina da divindade de Cristo não me parece algo colado a ele, que a gente pode descolar,

> mas sim algo que brota dele em cada ponto, de modo que teríamos de desfazer toda a teia para nos livrar dela. [...] E se a divindade for retirada de Cristo, qual é o significado de *tudo isso* que se chama cristianismo? Como pode a morte de um único *homem* ter esse efeito para todos os homens como se proclama em todo o Novo Testamento?[25]

Todavia, muitos acham que a defesa de Lewis dessa doutrina em *Cristianismo puro e simples* não tem a vibração e convicção que se verificam em outras partes de seus escritos. O assim chamado "trilema" é proposto por Lewis como uma forma de eliminar falsas trilhas quando se tenta ver sentido em Jesus de Nazaré. Onde se deve colocar Jesus num mapa conceitual? Depois de revisar algumas questões, Lewis reduz o campo a três possibilidades: um lunático, uma figura diabólica ou o Filho de Deus.

> Um homem que fosse apenas um homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande professor de moral. Ou ele seria um lunático — no mesmo nível de um homem que se declarasse um ovo cozido — ou então ele seria o diabo em pessoa. Você deve fazer sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus ou, caso contrário, ele é um louco ou algo pior.[26]

Trata-se de um argumento fraco. Lewis apresentou uma discussão consideravelmente mais longa desse ponto nas palestras radiofônicas originais, drasticamente podadas por ele na sua revisão para publicá-las. A forma original incluía a discussão de outras opções, e era muito menos brusca do que a discussão abreviada do livro *Cristianismo puro e simples*. Muitos teólogos poderiam argumentar que Lewis falhou nesse ponto por não explorar as preocupações do estudo crítico mais recente do Novo Testamento; e poderiam dizer que sua argumentação simplificada, sob a luz de uma leitura mais crítica dos evangelhos, poderia facilmente ter o efeito contrário ao desejado.

O principal problema, porém, é que essa argumentação *apologeticamente* não funciona. É bem possível que faça sentido para alguns leitores cristãos, que já sabem por que eles chegaram a essa conclusão, e se sentem satisfeitos pelo fato de Lewis reforçar a posição deles. No entanto, a lógica interior da argumentação claramente pressupõe uma estrutura cristã de raciocínio. Ela não faria sentido necessariamente para a suposta plateia de não crentes de Lewis, pois eles — para dar um exemplo óbvio — poderiam sugerir a possibilidade alternativa de que Jesus foi um líder benquisto e mártir religioso, cujos seguidores mais tarde passaram a vê-lo como divino. A opção de que Jesus era alguém que não era louco ou perverso, mas estava, apesar disso, *equivocado*

acerca de sua identidade, deve ser considerada como uma alternativa séria.

Lewis, normalmente tão bom na antecipação de objeções e tratando delas com cuidado, parece ter subestimado sua plateia nesse ponto. Toda a seção clama por expansão e por uma revisão mais cuidadosa.

Outro problema diz respeito à "natureza ultrapassada" do material das palestras radiofônicas de Lewis, grande parte do qual foi incorporado sem modificação alguma em *Cristianismo puro e simples*. As analogias de Lewis, o fraseado, as preocupações focadas e a maneira de envolver sua plateia, tudo isso está localizado num mundo — para ser preciso — numa cultura da classe média do sul da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial que já desapareceu. No entanto, não é injusto enfatizar que as dificuldades do leitor moderno muitas vezes refletem o sucesso de Lewis como comunicador na década de 1940. Ao encaixar tão bem sua "tradução" da fé cristã nesse mundo específico, hoje ultrapassado, Lewis até certo ponto foi implicitamente privado da capacidade de conseguir, em outros mundos — presentes ou futuros — um grau de sucesso comparável ao que conseguiu na sua época.

Todavia, o aspecto de *Cristianismo puro e simples* mais difícil para os leitores do século 21 talvez seja o código de ética social e pessoal, particularmente suas suposições acerca da mulher. Elas estão profundamente incrustradas na base da ordem social que há muito tempo desapareceu. Mesmo quando visto à luz desses padrões superados, algumas das afirmações de Lewis parecem um tanto peculiares. Considere-se, por exemplo, as seguintes observações mal ponderadas:

> O que leva uma linda garota a espalhar angústia colecionando admiradores em toda parte? Certamente não é seu instinto sexual: esse tipo de garota é com muita frequência sexualmente frígida.[27]

Eu me lembro de uma conversa com um colega sobre essas duas frases alguns anos atrás. Tínhamos um exemplar de *Cristianismo puro e simples* aberto nessa página. "Por que ele escreveu *isso*?", perguntei apontando para a primeira frase. "Como ele sabia *disso*?", respondeu meu colega, apontando para a parte final da segunda frase.

A suposição de Lewis de que seus leitores concordarão com — ou pelo menos reconhecerão os méritos de — seus pontos de vista acerca de questões como o casamento e a ética sexual pode muito bem ter-se justificado na

Inglaterra da década de 1940 e do início da década de 1950. No entanto, as radicais mudanças de atitudes sociais depois das mudanças drásticas da década de 1960 agora fazem Lewis parecer muito ultrapassado para os leitores seculares. Se *Cristianismo puro e simples* é realmente uma obra de apologética, que pretende comunicar a fé cristã aos que estão fora das igrejas, deve-se reconhecer que os pressupostos morais e sociais de Lewis agora constituem uma barreira significativa para o conjunto de leitores visado pela obra. Isso não é necessariamente uma crítica feita a Lewis como escritor, ou a *Cristianismo puro e simples* como livro. É apenas uma observação das implicações da rápida mudança social para a recepção posterior das ideias de Lewis tais quais se expressam nessa sua obra.

Embora as visões de Lewis acerca do casamento fossem conservadoras, elas pareciam desesperadamente liberais aos olhos de Tolkien. Lewis estabeleceu uma nítida distinção entre o "casamento cristão" e o "casamento civil", sustentando que apenas o primeiro criava a exigência de um compromisso total.[28] (Lewis invocaria mais tarde essa distinção ao casar-se com Joy Davidman no estado civil num Cartório de Registros de Oxford em abril de 1956.) Para Tolkien, isso significava uma traição de qualquer noção cristã de casamento. Ele escreveu uma ácida crítica a Lewis em algum momento de 1943, mas nunca a enviou ao colega.[29] O leitor, porém, não tem nenhuma dúvida de que um abismo estava se abrindo entre Tolkien e Lewis. O distanciamento pessoal vinha sendo completado por um assunto de profunda importância pessoal para Tolkien.

Outros projetos da época da guerra

Quando *Cristianismo puro e simples* foi publicado em 1952, Lewis havia estabelecido um número significativo de seguidores na Grã-Bretanha — e uma fama crescente nos Estados Unidos — como apologista. Seu sucesso nesse campo obscureceu outras conquistas marcantes da época da guerra. Três séries de palestras têm particular importância: a Ballard Matthews Lectures em Bangor, no País de Gales; a Riddell Memorial Lectures na Universidade de Durham; e a Clark Lectures no Trinity College, em Cambridge. Cada uma delas merece um breve comentário.

Numa noite de segunda-feira, no dia 1º de dezembro de 1941, Lewis fez a primeira da série de três palestras sobre os temas de *O paraíso perdido*, de Milton.

O circuito de conferências foi ministrado no Universidade College do norte do País de Gales, numa colina de onde se avista a cidade costeira de Bangor. Ele viu as três palestras dessa série, proferidas em três noites sucessivas, como um "em ensaio preliminar" para um livro mais alentado.[30] Essa obra ampliada (embora ainda comparativamente breve) foi publicada em outubro de 1942 pela Oxford University Press com o título *A Preface to "Paradise Lost"*, e dedicada a Charles Williams. Ela continua sendo um estudo clássico, e ainda se destaca nas listas de leituras sobre a obra-prima de Milton.

Lewis claramente apresenta esse livro como uma introdução de *O paraíso perdido* (publicado pela primeira vez em 1667) a leitores que poderiam considerá-lo afastador, inacessível ou simplesmente incompreensível. A primeira metade do livro trata de questões gerais, antes de enfocar temas específicos da obra. A primeira questão, declara Lewis, é determinar de que tipo de obra se trata: "A primeira qualificação para julgar qualquer obra de criação, de um saca-rolha a uma catedral, é saber *o que* ela é — o que o autor pretendeu que ela fizesse e como se pretende que ela seja usada".[31] Para Lewis, *O paraíso perdido* é um poema épico, e isso exige que a obra seja lida como tal.

Mas a verdadeira preocupação de Lewis logo se torna clara. Embora seu foco estivesse direcionado para o clássico de Milton, ele trata de uma indagação de importância universal: Existe um "coração humano imutável" por trás do clássico de Milton e de todas as outras obras literárias? Lewis deixa claro que ele deseja questionar o conceito de que:

> se eliminarmos, de Virgílio, o imperialismo romano; de [*sir* Philip] Sidney, o código de honra; de Lucrécio, a filosofia epicurista; e de todos os que a professam, a religião, vamos descobrir o coração humano imutável, e nisso devemos nos concentrar.[32]

Isso significa, argumenta Lewis, que o leitor de uma obra literária tenta eliminar seus elementos específicos, "forçando-a" a assumir uma forma jamais pretendida pelo poeta.

Lewis argumenta que isso é inaceitável, por separar o texto de suas raízes culturais e históricas; por atribuir um "falso destaque" a elementos do texto que parecem oferecer a "verdade universal"; e por descartar como irrelevantes aquelas partes do texto que não são vistas como capazes de falar para a época presente. Em vez disso, argumenta Lewis, devemos permitir que o texto interrogue e expanda nossa experiência. Antes de tentarmos descartar a

armadura de um cavaleiro medieval de modo que ele se torne exatamente como nós, devemos tentar descobrir qual é a sensação de vestir aquela armadura. Devemos começar a explorar como seria adotar as crenças de Lucrécio ou de Virgílio. A literatura visa a nos ajudar a ver o mundo através de outras lentes, a oferecer formas alternativas de entender as coisas. Como veremos, esse tema se torna importante nas crônicas de Nárnia.

Dois anos depois de fazer as palestras da série Ballard Matthews Lectures, Lewis fez as palestras da série Riddell Memorial Lectures no campus de Newcastle upon Tyne da Universidade de Durham em três noites consecutivas, de 24 a 26 de fevereiro de 1943.[33] Essas notáveis palestras foram publicadas como *A abolição do homem*, em 1943, pela Oxford University Press. Lewis aqui argumenta que a reflexão moral contemporânea foi solapada por uma subjetividade radical, uma tendência que ele discerne nos manuais escolares contemporâneos. Em resposta a esse desenvolvimento, Lewis pede uma renovação da tradição moral baseada na "doutrina do valor objetivo, na crença de que certas atitudes são realmente verdadeiras e de que outras são falsas em relação ao que o universo é ao que as coisas são".[34]

Lewis critica neste ponto aqueles que argumentam que todas as declarações de valores (tais como "a cascata é bonita")[35] são meramente declarações subjetivas sobre os sentimentos de quem fala, e não declarações objetivas sobre aquilo a que se referem. Lewis argumenta que certos objetos e determinadas ações *merecem* reações positivas ou negativas — em outras palavras, que uma cascata pode ser *objetivamente* bonita, exatamente como as ações de alguém podem ser *objetivamente* boas ou más. Ele argumenta que há um conjunto de valores objetivos (que ele denomina "o Tao")[36] comuns a todas as culturas, apenas com algumas pequenas variações. Embora *A abolição do homem* seja hoje considerado um livro difícil, seus argumentos continuam altamente significativos.[37]

Em 1944, Lewis foi convidado a fazer as palestras da série Clark Lectures no Trinity College, em Cambridge. Ao convidá-lo em nome do conselho da faculdade, George Macaulay Trevelyan, diretor do Trinity College, expressou sua particular apreciação por obras anteriores de Lewis — especialmente por *Alegoria do amor*.[38] Essas prestigiadas palestras, que Lewis proferiu em maio de 1944, se tornariam a base de seu clássico volume da série *Oxford History of English Literature* [História da Literatura Inglesa de Oxford] — que Lewis

jocosamente abreviava para seus amigos como "O HEL" [que pode ser lido, em inglês, como "Oh, inferno" — sobre a literatura inglesa do século 16 (excluindo-se o drama).

Por último, devemos observar a obra *O grande abismo*, um livro altamente imaginativo composto por C. S. Lewis em 1944. Tolkien descreveu essa obra como "uma nova alegoria ou 'visão' moral baseada na fantasia medieval do *refrigerium*, por meio do qual as almas perdidas passam ocasionalmente umas férias no Paraíso".[39] Lewis foi muito criticado por teólogos católicos por essa sua análise obviamente errônea da teologia medieval nesse ponto.[40] De fato, *O grande abismo* fica sob uma luz mais positiva se for considerado uma "suposição": se os habitantes do inferno fossem visitar o céu, o que aconteceria?

Lewis inicialmente deu a essa obra o título de *Quem vai para casa?*, mas felizmente foi persuadido a alterá-lo. A obra é principalmente notável por causa de sua inovadora estrutura imaginativa, semelhante em alguns pontos de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, para explorar uma série de questões muito tradicionais, como os limites do livre arbítrio humano e o problema da soberba.

Talvez o aspecto mais importante dessa obra seja a demonstração — mais por meio da arte da narrativa do que pela força da argumentação — de que as pessoas ficam facilmente presas numa forma de pensar da qual não conseguem se libertar. Os que estão no inferno, ao explorar o céu, acabam se sentindo tão confortáveis com sua distorcida visão da realidade que, ao encontrar a verdade, escolhem não abraçá-la. Lewis organiza os conhecidos estereótipos culturais de seu tempo — como o artista profissional obcecado com a vanguarda ou o bispo com seu liberalismo teológico cegado pela fama — para desafiar a suposição do Iluminismo, preguiçosa e não comprovada, de que os seres humanos reconhecem e aceitam a verdade quando a enxergam. A natureza humana, sugere Lewis, é, pelo contrário, mais complexa do que esse racionalismo surrado e superficial reconhece.

Embora os escritos do período da guerra tendam a empregar um raciocínio baseado na evidência, que defende e explora ideias cristãs fundamentais, também descobrimos um tema altamente significativo que começa e emergir: a capacidade da natureza imaginativa de encarnar e comunicar a verdade. Essa ideia é fundamental para a compreensão das crônicas de Nárnia. Para compreender a importância desse ponto, vamos considerar uma série de três obras do autor durante o período de 1938 a 1945, geralmente conhecida como

Trilogia Cósmica, porém designada com maior precisão como Trilogia do Resgate.

A mudança para a ficção: a Trilogia do Resgate

Cristianismo puro e simples representa uma linha muito importante da abordagem da apologética que Lewis desenvolveu durante a Segunda Guerra Mundial. Com efeito, Lewis argumenta que o "mapa" da realidade apresentado pela fé cristã corresponde bem ao que se observa e experimenta de fato. Livros desse tipo — inclusive *O problema do sofrimento* e mais tarde *Milagres* (1947) — fazem um apelo fundamental à razão. Embora Lewis seja um pensador demasiado precavido para crer que consegue "provar" a existência de Deus — como Dante, ele sabe que a razão tem "asas curtas" — ele, todavia, sustenta que a razoabilidade fundamental da fé cristã pode ser mostrada por meio de argumentação e reflexão.

Mas Lewis parece ter percebido que o debate era apenas uma das muitas maneiras de tratar das ansiedades culturais acerca da fé cristã, ou de desafiar suas alternativas. A partir de mais ou menos 1937, Lewis parece ter percebido que a imaginação é o porteiro da alma humana. Depois de inicialmente apenas gostar de ler livros de fantasia — tais como os romances de George MacDonald — Lewis começou a se dar conta de como a ficção poderia permitir a exploração do apelo imaginativo e intelectual de visões do mundo. Será que ele mesmo poderia tentar escrever obras desse gênero?

Na infância, Lewis leu voraz e extensamente, saqueando as abarrotadas estantes da biblioteca de Little Lea para passar o tempo. E assim ele entrou em contato com autores como Júlio Verne (1828-1905) e H. G. Wells (1866-1946), cujos romances falavam de viagens no espaço e no tempo e exploravam como a ciência estava mudando nosso entendimento do mundo. "A ideia de outros planetas exercia sobre mim uma atração violenta, peculiar, muito diferente de qualquer outro de meus interesses literários."[41]

Essas memórias da infância assumiram um novo sentido de urgência e direção por volta de 1935, quando Lewis leu o romance *A Voyage to Arcturus* [Uma viagem a Arcturus] (1920), de David Lindsay. Embora o livro de Lindsay seja mal escrito, seu apelo imaginativo mais do que compensa as deficiências estilísticas. Lewis começou a perceber que as melhores formas de ficção científica podem ser consideradas "um impulso imaginativo simplesmente tão

antigo quanto a raça humana, atuando nas condições especiais de nosso próprio tempo".[42] Se forem bem construídas — e Lewis deixa muito claro que esse não é muitas vezes o caso — então expandem nossos horizontes imaginativos e mentais. "Elas proporcionam, como certos sonhos extraordinários, sensações que nunca havíamos provado, e ampliam nosso conceito do alcance da gama de experiências possíveis".[43] Para Lewis, escrever o tipo certo de ficção científica era assim um processo de expansão da alma, algo que poderia potencialmente comparar-se com a melhor poesia do passado.

Sendo assim, por que Lewis se entusiasmou tanto com essa forma de narrativa? Para entender suas preocupações e avaliar a solução que ele descobriu precisamos compreender mais sobre o mundo cultural do fim da década de 1920 e início da década de 1930 — acima de tudo, o surgimento do que poderíamos chamar de "cientificismo" como uma visão de mundo. Nessa época, essa visão era defendida abertamente nos escritos de J. B. S. Haldane (1892-1964), um marxista desiludido que transferiu seu temperamento e entusiasmo combativos para a defesa dos méritos da ciência como uma cura para todos os males da humanidade. Lewis não era um crítico da ciência; ele estava, entretanto, preocupado com os relatos exagerados de seus benefícios e as ideias simplórias acerca de sua aplicação. Lewis temia que os triunfos da ciência pudessem correr mais rápido do que os indispensáveis avanços éticos que forneceriam o conhecimento, a disciplina e a virtude de que a ciência precisava.

No entanto, Lewis talvez estivesse mais preocupado com a defesa implícita dessas visões nas obras de ficção científica de H. G. Wells, que usavam narrativas ficcionais para argumentar que a ciência atua como profetiza e também como salvadora da humanidade, dizendo-nos o que é verdadeiro e o que nos salva da difícil condição humana. Para Wells, a ciência é uma religião secularizada. Essas ideias continuam profundamente arraigadas na cultura ocidental, embora sejam hoje associadas a outras vozes. Mas Lewis chegou a elas por meio de Wells. E se Wells usou a ficção científica para defendê-las, por que não usar a ficção científica para contra-argumentar? Lewis considerou essas "ideias interplanetárias" como uma mitologia nova e emocionante, mas estava preocupado com o fato de que ela estivesse sendo dominada por uma "perspectiva desesperadamente imoral". Esse gênero poderia ser redimido? Será que ele poderia tornar-se veículo de uma profunda visão moral do universo? Será que seria capaz de até mesmo ser o instrumento de uma apologética teísta?

Em dezembro de 1938, Lewis expressou sua crescente percepção de que as formas de ficção científica empregadas até agora para promover várias manifestações de ateísmo e materialismo poderiam ser igualmente bem usadas para *criticar* esses pontos de vista e defender uma alternativa.[44] Por que não usar o mesmo instrumento para defender uma "mitologia" totalmente diversa? (Falando de *mitologia*, Lewis aqui se refere a algo como uma "metanarrativa" ou "visão de mundo".) Vemos essa técnica posta em prática em *Além do planeta silencioso* (1938), *Perelandra* (1943) e *Uma força medonha* (1945). A qualidade dessas obras é desigual, sendo que a terceira é particularmente difícil em algumas passagens. Todavia, o ponto principal a avaliar não diz tanto respeito a tramas e pontos específicos, mas ao instrumento por meio do qual essas coisas se expressam: *histórias*, que cativam a imaginação e abrem a mente para uma maneira alternativa de pensar.

É impossível resumir os ricos e imaginativos estratagemas e a delicadeza intelectual tão característicos dessa trilogia. O que realmente se deve avaliar é que se conta uma história que subverte os temas mais contestáveis do "cientificismo" dos tempos de Lewis. Para ilustrar isso, vamos considerar uma das questões que Lewis trata explicitamente — a forma do darwinismo social defendido por Haldane em seu ensaio "Eugenics and Social Reform" [Eugenia e reforma social].[45] Como fizeram muitos progressistas das décadas de 1920 e 1930, Haldane defendia a otimização da totalidade dos genes humanos por meio da prevenção da procriação de certos tipos de pessoas. Essa atitude socialmente antiliberal era vista como profundamente enraizada na melhor ciência, com a melhor motivação possível, para garantir a sobrevivência da raça humana. Mas a que preço, perguntava-se Lewis.

Bertrand Russell seguiu Haldane em sua obra *O casamento e a moral*, de 1929, defendendo a esterilização compulsória dos deficientes mentais. Russell argumentava que o Estado deveria ter o poder de esterilizar compulsoriamente todos os que fossem considerados "deficientes mentais" por especialistas capacitados, e que essa medida devia ser adotada *apesar* dos prejuízos que pudesse causar. Ele sugeria que a redução do número de "idiotas, imbecis e débeis mentais" proporcionaria um benefício suficiente para a sociedade, compensando quaisquer danos causados por seu mau uso.

Essas visões são raramente verificadas hoje em dia, em parte porque foram contaminadas com sua subsequente associação com teorias eugênicas nazistas, e

em parte porque parecem incompatíveis com os ideais democráticos liberais. No entanto, elas eram amplamente defendidas entre as elites intelectuais inglesas e norte-americanas no período entre as duas guerras mundiais. Três conferências mundiais de eugenia (Londres, 1912; Nova Iorque, 1921; e Nova Iorque, 1932) argumentaram em defesa da "seleção de natalidade" (contrapondo-se ao "controle de natalidade") e da eliminação genética dos que eram considerados insuficientemente bons.[46]

Lewis achava que essas maneiras de pensar deveriam ser questionadas. Um elemento da reação de Lewis foi seu livro *Uma força medonha*. Embora Lewis fosse sempre conservador em suas opiniões, essa obra mostra que ele tinha uma voz profética, apresentando um questionamento radical ao critério social aceito por sua própria geração.

Em *Uma força medonha*, Lewis nos apresenta o Instituto Nacional de Experimentos Coordenados, uma instituição hipermoderna dedicada ao aperfeiçoamento da condição humana por meio do avanço científico — por exemplo, através da esterilização dos insuficientemente bons, da aniquilação das raças atrasadas e da pesquisa por meio da vivissecção. Lewis não teve dificuldade alguma em expor o fracasso moral desse instituto e a visão profundamente anômala do futuro da humanidade que ele incorpora. A conclusão da obra inclui uma cena dramática na qual todos os animais presos e destinados à vivissecção são postos em liberdade.

Como perceberão os leitores do capítulo sobre o "sofrimento animal" em *O problema do sofrimento*, Lewis — ao contrário de Haldane — se opunha à vivissecção. George R. Farnum, presidente da Sociedade Antivivissecção da Nova Inglaterra, notou a importância dos comentários de Lewis e o convidou a escrever um ensaio sobre o tema. O ensaio de Lewis "Vivisection" [Vivissecção] (1947) continua sendo uma das mais significativas críticas dessa prática do ponto de vista intelectual, e ainda não recebeu a atenção que merece.[47] O ensaio deixa claro que a franca oposição de Lewis à vivissecção não se baseava no sentimentalismo, mas num rigoroso fundamento teológico. Se adotarmos um comportamento brutal em relação aos animais, é perfeitamente possível que tenhamos esse mesmo comportamento em relação aos nossos semelhantes humanos — especialmente aos que consideramos inferiores a nós.

> A vitória da vivissecção marca um grande avanço no triunfo do impiedoso utilitarismo amoral sobre o mundo da lei ética; um triunfo do qual nós, assim como os animais, já somos as

> vítimas, e do qual Dachau e Hiroshima mostram suas mais recentes conquistas. Ao justificarmos a crueldade em relação aos animais nos colocamos também no mesmo nível.[48]

As visões de Lewis nessa matéria lhe valeram a perda de muitos amigos em Oxford e em outras partes, uma vez que a vivissecção era considerada moralmente justificada por seus resultados. O sofrimento animal era o preço pago pelo progresso humano. Todavia, para Lewis havia aqui uma profunda questão teológica, ignorada pelo naturalismo. "Devemos mostrar que somos melhores que as feras precisamente pelo fato de reconhecermos deveres em relação a elas que elas não reconhecem em relação a nós".[49] Como veremos, essas atitudes para com os animais encontram sua expressão clássica nas crônicas de Nárnia.

Há muito mais na Trilogia do Resgate do que este breve relato pode esperar transmitir — especialmente sua lírica descrição de mundos estranhos, seu desenvolvimento de cativantes cenários imaginados e sua exploração de temas teologicamente férteis, como o destino do belo, recém-criado e não decaído mundo de Perelandra. No fim, porém, o meio interessa tanto quanto o conteúdo. Lewis demonstra que é possível contar histórias para subverter algumas verdades estabelecidas do momento, e expô-las como sombra e fumaça. O grande abandono da teoria eugênica por parte da elite cultural britânica depois da Segunda Guerra Mundial mostra que as ideias e os valores que outrora estavam na moda podem ser abandonadas no decurso de uma geração. O papel de Lewis no solapamento dessas ideias ainda não foi esclarecido. Mas o potencial de sua abordagem era evidente.

O período de 1938 a 1945 viu Lewis emergir da obscuridade enclausurada da academia para tornar-se uma importante figura literária, cultural e religiosa. Sem deixar de publicar obras acadêmicas de mérito, tais como seu *A Preface to "Paradise Lost"*, ele se havia firmado como um intelectual público que dominava a mídia e estava no caminho da celebridade internacional. O que poderia dar errado?

Infelizmente a resposta logo se tornou clara. Muita coisa poderia dar errado. E deu.

UM PROFETA NÃO TEM HONRA? PROBLEMAS E TENSÕES DO PERÍODO PÓS-GUERRA

JÁ EM 1945, LEWIS ERA FAMOSO. No mundo acadêmico britânico, o *status* profissional é regulado por vários critérios, inclusive pelo número de publicações e pela importância a elas atribuída. A marca suprema de distinção para qualquer acadêmico de Humanidades é ser eleito membro da Academia Britânica. Lewis conseguiu essa honraria em julho de 1955. No entanto, aos olhos de seus biógrafos, essa importante marca de reconhecimento acadêmico foi totalmente obscurecida pelo reconhecimento de uma plateia muito diferente.

C. S. Lewis: superestrela

No dia 8 de setembro de 1947, Lewis apareceu na capa da revista *Time*, que declarou que este "autor campeão de vendas", que também era "o mais popular conferencista da Universidade de Oxford", era "uma das vozes mais influentes do cristianismo em língua inglesa". *Cartas de um diabo a seu aprendiz* havia absolutamente conquistado a Inglaterra e os Estados Unidos. (É preciso lembrar que os Estados Unidos não haviam ouvido as palestras de Lewis na BBC.) O

parágrafo de abertura ajuda a captar o tom do artigo: Um peculiar e ligeiramente estranho acadêmico de Oxford — "um homem de baixa estatura, atarracado, com uma cara rosada e um vozeirão" — inesperadamente se tornara um sucesso.[1] Haveria outros sucessos de venda a caminho? A *Time* avisou seus leitores para simplesmente aguardarem. "Ele não tem planos imediatos para outros livros 'populares,' fantásticos ou teológicos".

O artigo da *Time* de 1947 pode ser visto como uma reviravolta, marcando a chegada de Lewis a um cenário cultural mais amplo, e ao mesmo tempo estendendo seu alcance para chamar mais atenção a suas obras. Lewis, no entanto, estava mal preparado, do ponto de vista organizacional e temperamental, para lidar com a conquista da fama que começou em 1942. O destaque de seu perfil lhe valeu muita bajulação bem como uma enxurrada de invectivas, e sua vida privada — que Lewis até esse ponto havia protegido — começou a entrar no domínio público. Ele se tornou o assunto de discussões nos jornais britânicos, que muitas vezes o retrataram em termos irreconhecíveis. Particularmente Tolkien achou graça numa referência a um "ascético sr. Lewis". Isso não tinha nada a ver com o Lewis que ele conhecia. Naquela mesma manhã, Tolkien dissera a seu filho que Lewis havia "emborcado três canecas de cerveja num curto espaço de tempo". Tolkien havia reduzido sua bebida, pois era Quaresma — um tempo de renúncia voluntária para muitos cristãos. Mas não para Lewis, resmungava Tolkien.[2]

Lewis era agora inundado por um dilúvio de cartas de fãs e críticos, exigindo respostas imediatas e completas para questões importantes, triviais ou simplesmente impróprias. Como um valente paladino de outrora, Warnie saiu em socorro do irmão. A partir de 1943, ele datilografou respostas à inflacionada correspondência de seu irmão martelando com dois dedos na surrada máquina Royal, muitas vezes sem consultar Lewis sobre seu conteúdo. Warnie calculou mais tarde que datilografou cerca de doze mil cartas. Ele também desenvolveu uma técnica imaginativa para livrar-se de pessoas que exigiam conversar pessoalmente com Lewis pelo telefone.[3] Como relembra Tolkien, o método de Warnie consistia em "apanhar o telefone e dizer: 'Serviço de Esgotos de Oxford' e repetir isso até que a pessoa desistisse".[4] Contudo, a crescente fama de Lewis nos Estados Unidos teve uma consequência inesperada que recebeu a total aprovação de Warnie: pacotes de alimentos, contendo guloseimas havia muito tempo esquecidas, chegavam agora regularmente enviados pelo crescente

exército de ricos benfeitores norte-americanos.

As evidências sugerem que os escritos de Lewis repercutiram nessa época na alma de muitos cristãos norte-americanos, clérigos ou leigos, refletindo uma mudança na atitude da cultura nacional. A preocupação com as agruras econômicas das décadas de 1920 e 1930 estava passando. Todavia, depois que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial em dezembro de 1941, surgiu um renovado interesse por questões mais profundas da vida. Deus era novamente tema de conversas. As editoras religiosas começaram a reflorescer. E em meio a essa nova abertura para questões religiosas, surgiu uma nova voz — uma voz que era percebida como confiável e interessante e, acima de tudo, preocupada com as questões religiosas de gente comum.

O tom fortemente apologético das obras de Lewis foi bem recebido por quem atendia pessoas que lutavam com os graves problemas suscitados pela guerra — por profissionais como capelães de faculdades e universidades. Embora Lewis não fosse geralmente bem visto por teólogos acadêmicos dos Estados Unidos, as evidências sugerem que eles, apesar disso, em geral acolheram bem o novo tipo de tratamento sério que ele dispensava a questões religiosas. Lewis apresentava respostas provisórias que poderiam ser mais bem desenvolvidas nos seminários e nas universidades.

No entanto, a fama popular de Lewis causou certo grau de irritação em alguns acadêmicos. Uma linha no artigo da *Time* particularmente aborreceu alguns teólogos profissionais, que refutaram a sugestão de que "um homem capaz de falar de teologia sem fazer cara feia ou ser chato era exatamente o que muitos ingleses atormentados pela guerra queriam". Os sábios mantiveram-se discretos, esperando que as pessoas logo se esquecessem de Lewis; os tolos contentaram-se com violentos ataques teológicos, enfatizando com isso o nome de Lewis e seu apelo.

Um libelo desse gênero saiu da pena de um obscuro teólogo episcopal norte-americano, Norman Pittenger (1905-1997). Irritado porque a *Time* havia incompreensivelmente ignorado suas próprias reivindicações de ser o supremo apologista cristão, Pittenger declarou que Lewis, do ponto de vista teológico, era um herege peso-leve — um completo prejuízo para o cristianismo inteligente que ele mesmo tão evidentemente representava. Os Estados Unidos não tomaram conhecimento dessa autopromoção, e voltaram a ler Lewis.

Lewis, portanto, era famoso quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim no verão de 1945. Se a simples filosofia de vida propalada pela cultura da

celebridade tem algum valor, Lewis, a essa altura, deveria ter sido uma pessoa feliz e realizada. No entanto, o relato pessoal de Lewis durante os nove anos subsequentes conta uma história muito diferente. A fama pode ter exaltado o nome de Lewis, mas, em primeiro lugar, fez dele um alvo fácil para aqueles que não gostavam de suas convicções religiosas. Em segundo lugar, muitos de seus colegas acadêmicos passaram a crer que ele se vendera à cultura popular para conseguir essa fama. Ele trocara seu direito de primogenitura acadêmica por um prato de lentilhas. Embora ele pareça não ter percebido essa mudança, Lewis estava prestes a entrar num período de rejeição, infortúnio e luta pessoal.

O lado mais sombrio da fama

A Segunda Guerra Mundial finalmente terminou na Europa no dia 8 de maio de 1945. Tolkien sentiu que as coisas vinham melhorando havia algum tempo. "The Bird", como se referia ao *pub* Eagle and Child — estava agora "maravilhosamente vazio"; a cerveja havia "melhorado" e o dono era "todo sorrisos de boas-vindas". As reuniões deles às quintas-feiras eram de novo uma "festa da razão e um fluir da alma".[5] A primeira reunião dos Inklings depois do término da guerra na Europa foi marcada para a terça-feira, 15 de maio, no Eagle and Child.

Charles Williams não compareceria. Ele caíra doente na semana anterior e estava se recuperando no hospital Radcliffe Infirmary, que ficava apenas a alguns minutos a pé ao norte do Eagle and Child. Lewis decidiu visitar Williams a caminho do primeiro encontro dos Inklings depois da guerra, de modo a poder transmitir ao grupo os votos de felicidades da parte de Williams. Nada poderia tê-lo preparado para o que aconteceu em seguida. Para seu choque, ele recebeu a notícia de que Williams acabara de falecer.

Embora todos os Inklings ficassem chocados com essa inesperada notícia, Lewis foi de longe o mais afetado. Williams se tornara sua estrela-guia literária e espiritual durante o período da guerra, tomando o lugar afetivo de Tolkien. Um pequeno volume que os Inklings haviam planejado como tributo a Williams acabou se tornando agora sua homenagem póstuma. Foi um duro golpe pessoal para Lewis.

Outros, porém, logo deixaram para trás esse triste acontecimento. O inebriante prazer de Tolkien pelo fim da guerra logo foi ampliado ainda mais pela notícia de que ele havia sido eleito para ocupar uma das duas cátedras de

Língua e Literatura Inglesa do Merton College, Oxford, em 1945. Havia muito tempo ele vinha sonhando em se estabelecer numa dessas cadeiras, com Lewis ocupando a outra. Um objetivo havia sido atingido; o segundo parecia estar prestes a acontecer. Não havia dúvida na mente de Tolkien de que Lewis precisava da cadeira para não perder sua sanidade mental.

Por que isso? Porque terminada a guerra, o número de alunos na Universidade de Oxford começou a aumentar. Embora essa fosse uma boa notícia para a instituição, por causar uma indispensável revitalização das finanças da universidade, que durante os anos da guerra não teve recursos financeiros suficientes, também significava uma considerável sobrecarga de trabalho para o sistema de tutoria didática. A carga de trabalho de Lewis aumentou substancialmente, deixando-lhe menos tempo para ler e escrever. Se Lewis conseguisse uma cadeira em Oxford, não precisaria mais fazer o trabalho de tutoria na graduação. Ele ainda seria obrigado a dar palestras para graduandos da faculdade e a assumir a supervisão da pós-graduação; essas exigências, porém, seriam modestas em comparação com a desgastante carga de tutoria do pós-guerra que Lewis estava começando a provar. Uma promoção seria uma ótima notícia.

Então a oportunidade se abriu. Em 1947, David Nichol Smith se aposentou da segunda cadeira de Língua e Literatura Inglesa do Merton College. Lewis alimentava esperanças de ocupar esse cargo, e Tolkien estava convencido de que a cadeira deveria ser de Lewis. Na função de um dos eleitores para o cargo, Tolkien estava numa boa posição para apoiar a candidatura de Lewis. Mas, ao que parece, Tolkien desconhecia a hostilidade que vinha se criando contra seu amigo em Oxford. Quando tentou apresentar sua indicação, Tolkien ficou chocado diante da "extraordinária animosidade"[6] contra Lewis no âmbito da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa. Seus recentes escritos populistas e sua atitude negativa em relação a pós-graduações eram vistos como possíveis desvantagens para a faculdade. Tolkien fracassou completamente em sua tentativa de persuadir seus colegas eleitores Helen Darbishire, H. W. Garrod e C. H. Wilkinson a levar a sério a candidatura de Lewis. No fim, a segunda cadeira do Merton College foi para F. P. Wilson, um sólido, embora ligeiramente entediante, estudioso de Shakespeare, cujas virtudes incluíam o fato de não ser C. S. Lewis.

Outras más notícias estavam por vir. Em 1948, a cadeira Goldsmith de

Língua e Literatura Inglesa de Oxford, vinculada a um cargo docente do New College, ficou disponível. No fim, ela foi oferecida ao conhecido biógrafo literário Lord David Cecil. Lewis foi preterido.

A rejeição seguinte aconteceu em 1951, quando a Universidade de Oxford se preparava para escolher um novo professor de poesia. A cédula para a votação continha apenas dois nomes. Eles eram desconcertantemente similares, era possível haver erros na votação. O único opositor de Lewis era Cecil Day Lewis (1904-1972), que mais tarde se tornou o poeta oficial da Inglaterra. (Um terceiro candidato renunciou para permitir que a facção contra Lewis conseguisse uma vitória indiscutível.) No fim, C. D. Lewis venceu a eleição por 194 votos contra 173. Lewis se viu rejeitado.

Houve, todavia, momentos de consolo no meio dessa desolação. No dia 17 de março de 1948, o conselho da Royal Society of Literature foi unânime em sua votação para eleger Lewis como membro da Society.[7] No entanto, Lewis não tinha dúvidas de que era visto por muitos colegas acadêmicos com suspeita e menosprezo. Ele parecia ser um profeta que não tinha honra em sua própria cidade e universidade.

A virulenta hostilidade para com Lewis, que ocasionalmente descambava para um ódio irracional, era também evidente no seio de sua própria faculdade. A. N. Wilson, ao pesquisar para sua biografia de Lewis de 1990, lembra-se de conversar sobre ele com um ancião que fora membro do corpo docente do Magdalen College por volta dessa época. Lewis, declarou seu ex-colega, foi "o pior homem que eu conheci na vida". Wilson quis naturalmente saber qual era o fundamento desse bizarro julgamento geriátrico. Resultou que a degenerescência de Lewis se dava ao fato de ele acreditar em Deus e usar sua "perspicácia para corromper os jovens". Como Wilson observou com precisão, essa mesma acusação fora outrora levantada contra Sócrates.[8]

Embora essa atitude ridícula seja facilmente rejeitada, mesmo sendo ainda repetida com frequência, a hostilidade acadêmica não era de todo irracional e vingativa. Sopravam os ventos da mudança, e Lewis começava a ser visto mais como um potencial problema do que como um recurso para o futuro da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa de Oxford. Os alunos de pós-graduação começavam a acorrer para a Oxford, muitas vezes em busca do bacharelado em Letras,[9] levando a tão indispensável renda tanto para as faculdades individuais bem como para a própria instituição como um todo.

Esses alunos precisavam de supervisão — uma tarefa na qual Lewis não sentia nenhum entusiasmo. Era comum ouvi-lo reclamar que Oxford conhecia três tipos de analfabetismo: o dos letrados, o dos iletrados e o dos bacharéis em Letras; e que ele simpatizava inteiramente com os primeiros dois tipos. À medida que a Faculdade de Língua e Literatura Inglesa começou a retomar seus programas de ensino e pesquisa depois da guerra, a atitude negativa de Lewis em relação à pesquisa e aos títulos superiores passou a ser vista cada vez mais como nociva e alheia à nova situação educacional.

Demência e alcoolismo: a "mãe" e o irmão de Lewis

Os problemas de Lewis não se limitavam à esfera profissional: abrangiam sua vida pessoal. Embora as agruras da escassez e da economia da guerra aos poucos se evaporassem, a vida não estava fácil para Lewis em The Kilns. Suas cartas do final da década de 1940 mostram preocupações acerca da saúde da sra. Moore e muitas insinuações de que as coisas estavam ficando difíceis no âmbito da família. Maureen tinha saído de casa havia muito tempo, deixando nas mãos de Lewis uma situação difícil. Era preciso contratar empregadas para manter a casa funcionando bem, e o relacionamento delas com a sra. Moore (e entre elas mesmas) era muitas vezes turbulento. Lewis achava difícil lidar com isso. Quando a Universidade de St. Andrews, na Escócia, lhe conferiu um título honorífico em julho de 1946, ele melancolicamente observou que certamente preferiria receber "uma caixa de uísque escocês".[10]

Essa sugestão teria sido motivo de grande prazer para seu irmão Warnie, que nessa época vinha travando uma batalha contra o vício da bebida, e sabemos que essa batalha foi perdida. Durante um período de férias no verão de 1947, Warnie entrou em coma alcoólico e foi levado a uma clínica em Drogheda para sua recuperação do vício, a fim de poder voltar para casa. Infelizmente, esse padrão passaria agora a se repetir, e sua imprevisibilidade dificultava em muito o tratamento do problema.

The Kilns se transformara numa casa anômala. A vida doméstica de Lewis girava em torno de uma sra. Moore cada vez mais irritadiça e confusa, agora mostrando os clássicos sintomas da demência; e de seu irmão alcoólatra, cada vez mais nervoso. Aquele já não era um ambiente feliz, e piorava com medidas de austeridade do pós-guerra, inclusive o racionamento continuado de muitos itens de consumo do dia a dia. Em 1947, Lewis escreveu a um colega pedindo

desculpas por não participar de reuniões: seu tempo era "quase totalmente" e "imprevisivelmente" tomado por seus "deveres de enfermeiro e empregado doméstico".[11] Seus desafios, observava ele, eram tanto materiais como psicológicos. A vida em The Kilns estava se tornando insuportável, com Lewis atuando regularmente como cuidador de sua "mãe" e ocasionalmente de seu irmão. Aquilo era demais.

Maureen havia percebido o pesado fardo imposto sobre os ombros dos irmãos Lewis, atarefados em cuidar da mãe dela, que envelhecia, e de seu decrépito cão Bruce. Ela fez o possível para aliviá-los. Ela e seu marido se mudaram para The Kilns e permitiram que Lewis e seu irmão fossem morar na residência do casal em Malvern. Esse foi apenas um lenitivo passageiro. Em abril de 1949, Lewis pedia desculpas a Owen Barfield por sua demora em responder às cartas recebidas. Ele estava tentando solucionar problemas de "cocô de cachorro e vômito humano".[12]

No dia 13 de junho de 1949, Lewis foi hospitalizado com sintomas de exaustão, depois identificados como uma infecção causada pela bactéria estreptococo, exigindo injeções de penicilina a cada três horas. Finalmente, ele teve alta e voltou para casa no dia 23 de junho. Warnie sentia-se indignado diante do fato de seu irmão estar tão exaurido pelas necessidades da sra. Moore, e exigiu a ela que permitisse a recuperação de Lewis. Agradecido, Lewis planejou passar um mês na Irlanda para descansar e recarregar suas baterias na companhia de Arthur Greeves. No entanto, antes de ele poder partir, Warnie sucumbiu a outra prolongada crise de overdose alcoólica. (Ansioso por proteger a dignidade de seu irmão, Lewis descreveu o problema dele como um caso de "insônia nervosa", revelando sua verdadeira natureza — "Bebida" — apenas a seu confidente Arthur Greeves.)[13] No fim, Lewis não teve outra opção exceto a de cancelar sua viagem para a Irlanda e cuidar sozinho da sra. Moore.

Houve obviamente momentos de alegria nesse período tenebroso da vida de Lewis. No entanto, até seu prazer na leitura do texto final de *O senhor dos anéis* de Tolkien em outubro foi temperado por sua consciência de que ele e Tolkien agora se encontravam muito raramente. Poucos deixam passar despercebido o sentimento de tristeza nas cartas de Lewis a seu amigo: "Sinto muita falta de você".[14] Embora esses dois homens morassem e trabalhassem na mesma cidade e na mesma universidade, eles já não eram íntimos. Lewis encontrava certo grau de consolo intelectual em outra esfera, como fica

evidenciado pela movimentada correspondência com a romancista Dorothy L. Sayers por volta dessa época. Mas as placas tectônicas estavam se deslocando. Velhas amizades estavam secando e levavam consigo o estímulo e suporte intelectual outrora proporcionado.

Durante todo esse período atribulado, a sra. Moore se mostrava cada vez mais confusa e perturbada, e definhou até o ponto de precisar ser internada numa casa de saúde. Depois de ter caído da cama três vezes no dia 29 de abril de 1950, foi tomada a decisão de interná-la na Restholme, uma casa de saúde especializada, em Woodstock Road, 230, em Oxford. Lewis, que a visitava todos os dias, estava submerso numa nova ansiedade. Os custos dessa internação eram de quinhentas libras por ano. Como ele poderia arcar com isso? O que aconteceria quando ele se aposentasse e já não pudesse contar com a renda da faculdade?

No fim, a questão foi resolvida por uma pandemia de gripe que irrompeu na cidade portuária de Liverpool no final de dezembro de 1950. Ela se espalhou rapidamente e atingiu seu ápice em meados de janeiro de 1951. Os dados oficiais indicam que a taxa de vítimas fatais foi 40% superior à epidemia de gripe de 1918 a 1919, que havia causado tanta penúria para a Inglaterra durante sua recuperação da Grande Guerra. Em seu auge, a pandemia ceifou a vida da sra. Moore, aos 79 anos, no dia 12 de janeiro de 1951. Ela foi sepultada no cemitério da Igreja da Santíssima Trindade, na mesma sepultura de sua velha amiga Alice Hamilton Moore, que ali fora sepultada no dia 6 de novembro de 1939. (O registro de funerais mostra que Alice Moore havia morado em The Kilns antes de morrer, sugerindo que, por volta dessa época, fazia parte da família.) Warnie estava incapacitado de participar do funeral, tendo ele também contraído a mesma gripe que levou a sra. Moore.

Hostilidade contra Lewis em Oxford

Enquanto isso, somou-se às dificuldades pessoais de Lewis uma persistente hostilidade e rejeição institucional no âmbito da Universidade de Oxford. Pequena parte dessa hostilidade — *apenas* uma pequena parte — representava o previsível preconceito dos poucos que viam o cristianismo como um sintoma de doença mental ou depravação moral. As verdadeiras raízes do problema estavam na aclamação popular de Lewis e em seu aparente menosprezo pelas normas das tradicionais incumbências acadêmicas. Sugeriu-se que suas obras

populares desviaram seu espírito da pesquisa e produção acadêmica, situando-o nas margens da cultura da academia e não no seu centro. Lewis, insistiam seus críticos, não havia publicado nada que tivesse peso e seriedade acadêmica desde *A Preface to "Paradise Lost"* de 1942. Ele precisaria compensar urgentemente esse déficit se quisesse reconquistar sua credibilidade na academia.

Lewis sofria, tendo plena consciência dessas críticas, que não deixavam de ser merecidas. De fato, é difícil ler a correspondência de Lewis do período pós-guerra sem ter a sensação de mal-estar, incerteza e insatisfação em relação a ele. Lewis havia assinado um contrato com a Oxford University Press em 1935 para um volume sobre a literatura inglesa do século 16 e se sentia um tanto pressionado a levá-lo a bom termo. No entanto, sua situação doméstica era tão caótica que ele simplesmente não conseguia achar tempo para ler o vasto número de fontes primárias exigidas para produzir essa obra. Em meados de 1949, ele estava exausto e fisicamente incapacitado de conseguir a concentração intensa que a leitura e redação desse livro marcante exigiriam. Livros populares eram menos exigentes e fluíam com facilidade de sua pena. Mas essa obra era outro caso.

Lewis não poderia fazer nada enquanto a sra. Moore continuasse viva e exigindo sua constante atenção. Após sua morte em janeiro de 1951, ele conseguiu um ano de licença sabática de suas responsabilidades docentes no Magdalen College para poder trabalhar exclusivamente no seu projeto durante o ano acadêmico de 1951 a 1952. Em setembro de 1951, Lewis sentiu-se preparado para informar seu correspondente italiano Don Giovanni Calabria (1873-1954) sobre a melhora em sua condição de saúde. *Iam valeo* — "Agora estou melhor".[15] Seu ânimo seria ainda mais elevado por uma carta do primeiro ministro britânico, Winston Churchill, oferecendo-lhe recomendá-lo para uma C. B. E. (Comandante da Ordem do Império Britânico, condecoração apenas um grau abaixo da classe dos cavaleiros) na régia lista das Honrarias de Ano-Novo de 1952. Lewis declinou da oferta;[16] mas isso foi, claramente, uma injeção de ânimo para sua moral.

Ele se pôs a trabalhar impetuosamente em seu projeto de literatura inglesa. Helen Gardner lembrava-se de ver Lewis trabalhando arduamente na biblioteca Duke Humfrey, avançando resoluto por entre os tesouros de autores de antanho na biblioteca Bodleian. Jamais confiando em fontes secundárias, Lewis devorava os originais, cuspindo o que não servia e digerindo o que era útil.

Se a reputação acadêmica de Lewis estivera em declínio, ela foi mais que amplamente restaurada com a publicação dessa obra de setecentas páginas em setembro de 1954. Sua eleição como membro da Academia Britânica no ano seguinte estava diretamente relacionada a essa maciça obra de erudição. Mas era tarde demais para mudar o modo como ele era visto em Oxford. As impressões se haviam cristalizado. No final da década de 1940 e início da década de 1950, Lewis era tido por muitos como uma força desperdiçada.

Sobrevieram-lhe outros problemas. As reuniões regulares dos Inklings às quintas-feiras continuaram após a guerra, muitas vezes animadas com a chegada de pacotes de alimento enviados pelos admiradores norte-americanos de Lewis. Ele insistia em dividir essa abundância com seus amigos, todos eles sofrendo com a escassez de alimentos causada pelas medidas de austeridade do pós-guerra. No entanto, nem tudo estava bem entre os Inklings. Houve tensões entre os membros do grupo. Temperamentos se exaltaram. O entusiasmo esfriou. Os números caíram. Finalmente, no dia 27 de outubro de 1949, o diário de Warnie registrou o fim desses encontros: "Ninguém compareceu". Embora os membros do grupo continuassem a se encontrar no Eagle and Child às terças-feiras, os Inklings haviam chegado ao fim enquanto grupo sério de discussão literária.

As coisas estavam inquestionavelmente complicadas devido ao crescente distanciamento entre Tolkien e Lewis, que Tolkien atribuiu em grande parte à influência de Charles Williams durante o período da guerra. Tolkien sentiu — não sem razão — que ele fora substituído por Williams como objeto da afeição de Lewis. Aos olhos de Tolkien, foi um triste fato que ele lamentou profundamente. Mas havia acontecido. E ficaria pior. Tolkien estava irritado devido ao que lhe parecia ser um empréstimo não reconhecido por Lewis de suas ideias mitológicas em certos pontos da Trilogia do Resgate. Em 1948, Tolkien escreveu uma carta para Lewis, claramente reagindo a um significativo desentendimento entre eles sobre uma questão literária.[17] No entanto, apesar de o relacionamento deles esfriar, Tolkien continuou fazendo tudo o que podia para ajudar Lewis a conseguir sua promoção acadêmica em Oxford. Para Tolkien, tratava-se simplesmente de uma questão de justiça.

Para complicar as coisas, Tolkien e Lewis enfrentaram um significativo desafio sobre a questão do currículo de Língua e Literatura Inglesa em Oxford no final da década de 1940. Para ambos, não havia necessidade de se estudar a

literatura inglesa a partir de 1832. No entanto, depois de superadas as austeridades dos anos da guerra, a Faculdade de Língua e Literatura Inglesa reabriu o debate. Estava ficando cada vez mais claro que a época vitoriana havia produzido uma literatura maciça e importante. Por que os estudantes de Oxford não se envolveriam com Alfred, Lord Tennyson ou com William Makepeace Thackeray? Ou com Charles Dickens e George Eliot? Professores mais jovens começaram a defender uma reforma curricular, com Helen Gardner desempenhando um papel importante como promotora da mudança. Ficou claro que Lewis provavelmente não iria se sentir bem com os futuros rumos daquele corpo docente.

No entanto, alguns biógrafos argumentaram que a questão mais importante que Lewis teve de enfrentar por volta dessa época foi um desafio a sua autoridade intelectual, lançado por uma nova estrela filosófica em ascensão, Elizabeth Anscombe (1919-2001). Essa história precisa ser contada, e suas implicações, exploradas.

Elizabeth Anscombe e o clube socrático

Em 1893, fundou-se a Pastoral de Oxford por um grupo de evangelicais no seio da Igreja da Inglaterra, com a intenção de permitir que universitários fossem expostos a uma forma de fé cristã mais viva e intelectualmente engajada do que se constatava nas atividades religiosas obrigatórias da instituição. A partir de 1921, a Pastoral passou a ter sua sede na St. Aldate Church, ao sul de Oxford, perto do centro da universidade. Embora essa Pastoral originariamente tivesse uma orientação pastoral e evangelística, sua liderança tomou consciência cada vez maior da importância de questões apologéticas. Como poderiam os cristãos envolver-se de modo positivo e também crítico nas principais questões do momento? Como poderiam os estudantes cristãos usufruir intelectualmente de engajamento e confiança nova, em vez de se expor a banalidades espirituais?

Em 1941, Stella Aldwinckle (1907-1989), a capelã da Pastoral para mulheres estudantes, decidiu que era chegada a hora de estabelecer um fórum estudantil para discutir essas questões. Ela chegou a essa conclusão depois de uma conversa com Monica Ruth Shorten (1923-1993), estudante de zoologia do Somerville College, que se queixava de que as igrejas e as sociedades religiosas "simplesmente consideram como resolvidos problemas reais como a existência de Deus, a divindade de Cristo e assim por diante". No entanto, as pessoas

claramente precisavam de ajuda para entender e defender essas crenças, que não podiam ser apenas tomadas como verdadeiras no ambiente intelectual bastante crítico da Universidade de Oxford. Shorten — que progrediu e acabou se tornando uma autoridade no estudo do esquilo-cinzento britânico — via com clareza a necessidade de um ministério apologético entre os estudantes de Oxford.

Depois de promover uma série de discussões para agnósticos e ateus no Somerville College, Aldwinckle decidiu realizar um fórum semelhante na universidade como um todo. O Clube Socrático foi fundado como uma sociedade estudantil da Universidade de Oxford. Seguindo as regras da instituição, um clube ou sociedade estudantil exige a participação de um "membro sênior" — um docente responsável pela organização. Aldwinckle no início pensou que a romancista Dorothy L. Sayers, uma ex-aluna do Somerville College, poderia desempenhar apropriadamente essa função. Todavia, Sayers morava em Londres, e não era possível contar com sua participação regular.[18] Era obviamente preciso convocar algum acadêmico de Oxford. Mas quem?

Numa jogada de gênio, Aldwinckle ignorou todas as escolhas seguras (como capelães universitários) e foi direto para o homem que ela considerava a estrela em ascensão da apologética em Oxford — C. S. Lewis. Quando a sociedade se reuniu pela primeira vez em janeiro de 1942, Lewis havia atingido fama internacional. O Clube Socrático rapidamente se tornou uma das mais importantes sociedades universitárias para a discussão de questões relacionadas à fé cristã. O clube se reunia às segundas-feiras à noite durante o período letivo. Lewis, geralmente presente, quase nunca era a atração principal, fazendo na média apenas uma palestra por trimestre. No entanto, sua presença era muito valorizada. Na lista de palestrantes cintilavam luminares da filosofia de Oxford. Embora o clube tivesse uma orientação explicitamente cristã, ele era generoso em sua variedade de palestrantes. Provas e argumentos eram os instrumentos das atividades do clube. Como o próprio Lewis disse na primeira edição do *Socratic Digest*:

> Foram os cristãos que construíram a arena e lançaram o desafio. [...] Nós nunca alegamos que somos imparciais. Mas a argumentação é imparcial. Ela tem vida própria. Ninguém pode dizer aonde ela vai dar. Nós nos expomos e expomos os mais fracos do nosso partido na linha de fogo, da mesma forma que vocês se expõem em relação a nós.[19]

Um aspecto interessante do Clube Socrático passou despercebido. Seus

membros eram principalmente mulheres. Talvez isso reflita a influência pessoal de Aldwinckle, ou seus vínculos originais com o Somerville College. A lista de membros para o trimestre do outono de 1944 registra 164 membros, dos quais 109 eram das cinco faculdades exclusivamente para mulheres: 20 da Lady Margaret Hall, 19 da St. Anne's, 18 da St. Hilda's, 39 da St. Hugh's e 13 da Somerville.[20]

Considerando-se o papel importante de Lewis no clube, era natural que palestrantes visitantes discutissem suas ideias e promovessem um debate com ele. Assim, quando Lewis publicou *Milagres* em 1947, era de se esperar que os temas de seu livro fossem apresentados para discussões e debates. O mais importante desses temas foi a afirmação de Lewis de que o naturalismo desmente a si mesmo. As linhas básicas dessa argumentação são expostas no capítulo intitulado "The Self-Contradiction of the Naturalist [A autocontradição do naturalista]. No dia 2 de fevereiro de 1948, uma jovem filósofa católica, Elizabeth Anscombe, censurou Lewis por sua crítica ao naturalismo.

Qual forma assumiu a crítica de Lewis ao naturalismo? Sua argumentação se prenuncia em obras anteriores e pode ser resumida numa frase de seu ensaio de 1941 "Evil and God" [O mal e Deus]: Se o pensamento é o produto irrelevante e não planejado de moções cerebrais, que razão temos de confiar nele?".[21] Em resposta àqueles que afirmavam que as crenças cristãs — por exemplo, a crença em Deus — são o simples resultado de fatores ambientais ou pressões evolucionárias, Lewis insistia em que essas abordagens terminavam invalidando os processos de pensamento dos quais, em última análise, elas dependiam. Aqueles que representam todo pensamento humano como um acidente do ambiente estão apenas subvertendo todos os seus próprios pensamentos — inclusive a crença de que o pensamento é determinado pelo ambiente.

A linha de pensamento de Lewis é sugestiva e ao mesmo tempo criativa, repercutindo preocupações expressas pelos pensadores "naturalistas" do seu tempo — como J. B. S. Haldane, com quem Lewis debateu em várias ocasiões. O materialista Haldane se viu derrotado pela seguinte linha de pensamento:

> Se meus processos mentais são totalmente determinados por movimentos de átomos em meu cérebro, não tenho motivo para supor que minhas crenças são verdadeiras. Elas podem ser quimicamente sólidas, mas isso não as torna logicamente sólidas. Portanto, não tenho motivo para supor que meu cérebro seja composto de átomos. Para livrar-me dessa necessidade de serrar o galho sobre o qual, por assim dizer, estou sentado, sou forçado a crer que minha

mente não é de todo condicionada pela matéria.[22]

Haldane antecipa nesse ponto o argumento que Lewis usaria depois contra o naturalismo. Em *Milagres*, Lewis insiste em que, se o naturalismo é o resultado da reflexão natural, então a validade desse processo de pensamento tem de ser pressuposta para se chegar a essa conclusão. Ou, colocando o caso de outra maneira, se todos os acontecimentos são determinados por "causas irracionais", como Lewis afirma que o naturalismo pressupõe, então o pensamento racional deve ele mesmo ser reconhecido como produto dessas causas irracionais — o que contradiz os pressupostos básicos do processo de raciocinar envolvido no caminho para essa posição naturalista. *"Nenhum pensamento é válido se puder ser plenamente explicado como o resultado de causas irracionais"*.[23]

Há algumas linhas de pensamento importantes nessa análise. No entanto, um leitor crítico desse capítulo de *Milagres* poderia (não sem razão) concluir que ele foi redigido de modo um tanto apressado. Temos aqui sinais de atalhos lógicos, talvez porque Lewis estivesse tão familiarizado com sua argumentação que supôs que a tinha exposto com suficiente clareza para seus leitores. Não tinha. Se Elizabeth Anscombe não houvesse censurado Lewis em relação a essas fraquezas, alguma outra pessoa o teria feito.

O problema não estava na rejeição do naturalismo por parte de Lewis. Anscombe deixou claro desde o início de sua apresentação de fevereiro de 1948 que ela concordava com a ideia de Lewis de que o naturalismo era insustentável. No entanto, ela não considerou a argumentação específica de Lewis, tal qual ela foi exposta na primeira edição de *Milagres*, suficientemente rigorosa para justificar essa conclusão. Sua principal preocupação dizia respeito à insistência de Lewis de que o naturalismo era "irracional".[24] Anscombe sustentou a ideia inteiramente justa — que provavelmente ocorrerá a qualquer pessoa culta que venha a ler o capítulo original de Lewis — de que nem todas as causas naturais são "irracionais". Com acerto, ela insistiu em que muitas (provavelmente quase todas) causas naturais podem ser legitimamente descritas simplesmente como "não racionais". Se o pensamento racional é produzido por causas "não racionais", não há necessidade de duvidar de sua "validade" *por essa razão* — a menos que se possa demonstrar que essas causas predisponham o pensamento a crenças irracionais ou falsas.

Foi uma confrontação desconfortável para Lewis. No entanto, era evidente

que esse capítulo precisava mesmo ser revisado — não porque a conclusão estivesse errada, mas porque os argumentos empregados para chegar a ela não eram fortes como deveriam. Lewis aceitou a crítica de Anscombe, como se ela fosse alguma espécie de Inkling filosófico, e reescreveu sua argumentação à luz das críticas recebidas. A versão revisada desse capítulo, publicado pela primeira vez em 1960, foi reintitulada "The Cardinal Difficulty of Naturalism" [A principal dificuldade do naturalismo]. Excetuando-se os seis primeiros parágrafos, o capítulo foi reescrito para levar em conta os pontos levantados por Anscombe. Ficou muito mais robusto intelectualmente, e deve ser visto como a afirmação definitiva de Lewis sobre esse importante tema.

O verdadeiro significado desse confronto ligeiramente acirrado com Anscombe diz respeito à interpretação desse fato para os futuros rumos dos projetos literários de Lewis. Alguns biógrafos, sobretudo A. N. Wilson, viram esse incidente como um sinalizador, talvez até mesmo um causador, de uma mudança importante na perspectiva de Lewis. Tendo sido derrotado na argumentação, afirmam eles, Lewis perdeu sua confiança na base racional de sua fé e abandonou seu papel de apologista exemplar. Eles alegam que sua guinada para a redação de obras ficcionais — como as crônicas de Nárnia — refletem uma crescente percepção de que a argumentação racional não pode sustentar a fé cristã.

No entanto, o substancial volume de provas escritas sobre essa mudança aponta para uma conclusão bastante diferente. Um Lewis mortificado reconheceu a fraqueza de um argumento específico que havia empregado (um tanto às pressas, deve-se dizer) e trabalhou para melhorá-lo. Lewis era um autor acadêmico, e obras acadêmicas são testadas numa confrontação com as críticas e preocupações de colegas até que os argumentos e as provas sejam apresentados da melhor maneira possível. Lewis já estava habituado a fazer e receber críticas literárias desse modo, seja por meio dos Inklings, seja por meio de discussões com colegas como Tolkien.

Anscombe teria se visto como uma agente de refinamento intelectual, não de contradição, em relação à posição geral de Lewis, com a qual ela evidentemente simpatizava. Lewis, ao que parece, ficou chocado ao ver a fraqueza de sua argumentação demonstrada tão publicamente, e expressou certo mal-estar em relação ao incidente em conversas com seus amigos mais íntimos. No entanto, seu embaraço estava relacionado com a natureza um tanto pública desse refinamento, não com o processo intelectual em si. O resultado

positivo e benéfico da intervenção de Anscombe está bem evidenciado na versão revisada da argumentação de Lewis.

Não há provas de que Lewis tenha se isolado em alguma espécie de fideísmo não racional ou na fantasia livre da razão em consequência desse confronto. Os escritos subsequentes de Lewis continuaram a mostrar um forte sentimento da coerência racional da fé cristã e da importância da apologética no contexto cultural contemporâneo. Textos posteriores — como "Is Theism Important?" [O teísmo é importante?] (1952) e "On Obstinacy in Belief" [Sobre a obstinação na crença] (1955) — mostram claramente um reconhecimento continuado da importância da argumentação raciocinada no campo na apologética. Além disso, quando Lewis publicou *Cristianismo puro e simples* em 1952, ele não mudou significativamente a abordagem racional da apologética que havia desenvolvido nas palestras radiofônicas da década de 1940, apesar de ter tido a oportunidade para fazê-lo.

Tampouco se pode ver a censura de Anscombe como um "ponto crítico" que levou Lewis a abandonar a argumentação racional em prol de abordagens narrativas e imaginativas da apologética. Deve-se ter em mente que Lewis havia, na época da confrontação, escrito obras de peso sobre o que se poderia razoavelmente chamar de "apologética narrativa imaginativa" — especificamente, a Trilogia do Resgate (cf. cap. 9). Lewis estava assim já convencido da importância do uso da narrativa e do apelo da imaginação na apologética. Como ele mesmo observou certa vez, a Trilogia do Resgate, assim como Nárnia, teve suas origens em imagens mais do que em ideias.

Nárnia não foi a rota escolhida por Lewis para fugir de uma apologética racional fracassada; foi uma de suas várias maneiras de abordagem, unidas por sua celebrada reconciliação da racionalidade com a imaginação na visão cristã da realidade. Infelizmente, A. N. Wilson não apresenta nenhuma prova convincente para sua sugestão de que a obra "*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* se originou da experiência de Lewis de ter sido jogado de volta para a infância por sua derrota para Elizabeth Anscombe no Clube Socrático",[25] ou para sua divertida, mas nunca comprovada, sugestão de que Lewis criou a Feiticeira Branca de Nárnia pensando em Anscombe. É concebível que a cronologia do entretecimento dos preciosos fios narrativos de Nárnia, assim como as imagens da terra das fadas de Spenser, possa dever algo a Anscombe — mas nada além disso. Lewis estava escrevendo sobre Nárnia antes da apresentação de

Anscombe em 1948.

Seja como for, não foi uma "derrota"; foi uma avaliação crítica de uma argumentação sólida que havia sido apresentada com imperfeições, o que resultou em sua apresentação melhorada em 1960. O filósofo de Oxford J. R. Lucas apresentou novamente os argumentos de Lewis numa reprise do debate com Anscombe no encontro do Clube Socrático no final da década de 1960. Sua avaliação do debate original continua importante:

> A argumentação da srta. Anscombe baseava-se na distinção entre razões e causas, que havia sido estabelecida por Wittgenstein, e era considerada importante pelos wittgensteinianos. Era uma distinção que Lewis não conhecia e não poderia conhecer na época em que estava escrevendo Milagres, e de valor duvidoso para sua tese.[26]

Lucas não tinha dúvidas de quais foram os problemas de Lewis em 1948, e por que ele conseguiu prevalecer contra Anscombe numa reprise posterior:

> A srta. Anscombe era um trator, e Lewis um cavalheiro, o que o inibiu de tratá--la como ela o havia tratado. Mas eu já a tinha enfrentado em confrontações prévias, e não tinha inibições. Assim o resultado da disputa foi determinado pelo poder real de convicção dos argumentos aduzidos. Isto quer dizer o seguinte: eu ganhei.



10.1 Um raro momento de paz. Lewis e seu irmão Warnie de férias em Annagassan, condado de Louth, na Irlanda, no verão de 1949. Vera Henry, afilhada da sra. Moore, tinha uma casa de férias nessa área, onde Lewis e Warnie de vez em quando se hospedavam.

Dúvidas de Lewis sobre seu papel como apologista

Embora seja importante evitar exageros acerca do impacto de Anscombe em Lewis durante seus últimos anos em Oxford, há claros sinais de que ela teve sua parcela na decisão que o levou a repensar seu papel como apologista por volta dessa época. Basil Mitchell, que depois viria a ser professor Nolloth de Filosofia e Religião em Oxford, foi um filósofo profissional que sucedeu Lewis como presidente do Clube Socrático depois que este se transferiu para Cambridge. Mitchell concluiu que Lewis passou a crer que ele não estava suficientemente bem informado sobre debates filosóficos contemporâneos — Anscombe era especialista em Wittgenstein — e decidiu que essa tarefa, deixada para especialistas, estaria agora em melhores mãos.

O papel de Lewis como apologista do tempo da guerra pode ser visto como uma resposta às necessidades da época. Três sinais sugeriram que Lewis desejou afastar-se do seu *front* apologético depois da guerra. Primeiro, ele claramente percebeu que esse papel estava se esgotando. Esse ponto é explicitado em sua palestra "Apologética cristã" de 1945, na qual ele observa que "nada é mais perigoso para a fé individual do que o trabalho do apologista. Nenhuma doutrina dessa fé me parece tão espectral, tão irreal como aquela que acabo de defender num debate bem-sucedido".[27] Uma década mais tarde, depois de transferir-se para Cambridge, Lewis novamente comentou que a apologética é "muito desgastante".[28] Será que Lewis passou a ver a apologética como um episódio importante em sua carreira, mais do que como seu objetivo e ápice? Sua correspondência certamente sugere isso. De fato, há vários indícios de que ele acreditava que seus escritos não tinham a energia e vitalidade de antes.

Lewis expressa esses temores com particular clareza e força em sua correspondência em latim com Don Giovanni Calabria, um notável sacerdote italiano que foi canonizado por João Paulo II no dia 18 de abril de 1999. Uma tradução italiana de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* fora publicada em 1947, despertando um interesse considerável.[29] Calabria leu esse livro e escreveu um bilhete agradecido ao autor. Não sabendo inglês, ele escreveu para Lewis em latim. Eles trocaram cartas em latim de 1947 até a morte de Calabria em dezembro de 1954.[30] Numa carta de janeiro de 1949, Lewis revela um crescente desespero em relação a sua capacidade de escrever, que parece ter entrado em colapso: "Sinto que meu entusiasmo por escrever, e qualquer inspiração que eu

outrora tivesse, agora diminuíram".[31] Talvez acreditando que o uso do latim lhe permitisse expressar-se com maior franqueza do que ele teria ousado fazer se a correspondência fosse em inglês, Lewis chegou até a sugerir que poderia ser realmente bom para ele perder sua habilidade de escritor: isso poria um termo a qualquer vã ambição ou busca de glória. Em junho de 1949, Lewis teve um problema de saúde e foi hospitalizado. Quatro meses mais tarde, seu estado de espírito era ainda mais sombrio. Foi só no final de 1951 que Lewis começou a reconquistar parte de sua confiança e motivação. Todavia, a morte de Walter Adams, seu confessor, em maio de 1952, claramente lhe causou mais aflição, privando-o de um sábio crítico e amigo.

Outro motivo que fez Lewis abandonar seu papel de apologista foi uma profunda consciência de ter fracassado como apologista em relação aos que estavam mais próximo dele — Arthur Greeves e a sra. Moore. A sra. Moore permaneceu hostil ao cristianismo durante toda a parte final de sua vida, e Greeves abandonou seu austero protestantismo ulsteriano para abraçar um igualmente austero unitarismo. E Warnie considerou que *O problema do sofrimento* não convencia do ponto de vista apologético. Como Lewis poderia preservar um perfil de apologista público dotado de qualquer integridade diante desses fracassos particulares?

Por último e provavelmente associados a esses dois pontos anteriores, há fortes indícios na correspondência de Lewis de que ele acreditava que seu momento de apologista já havia passado, e estava na hora de ele deixar espaço para vozes mais jovens. É possível discernir dois temas ligeiramente diversos: primeiro, a sensação de Lewis de que novas questões haviam surgido, e ele não estava na melhor posição para tratar delas; segundo, a crescente convicção de Lewis de que ele já não estava no ápice de sua habilidade de apologista. Declinando do convite de Robert Walton para participar de uma discussão na BBC sobre as provas a favor da fé religiosa, Lewis comentou que "como a velha serpente desprovida de presas de *Mogli — O Menino Lobo*, eu perdi em grande parte meu poder dialético".[32]

Não há dúvida de que Anscombe contribuiu para que Lewis chegasse a essa conclusão. No dia 12 de junho de 1950, Stella Aldwinckle escreveu a Lewis exercendo sua função de secretária do Clube Socrático, relembrando-o de que eles precisavam planejar o programa para o trimestre Michaelmas de 1950. Lewis apresentou uma lista de estrelas em ascensão como possíveis palestrantes:

Austin Farrer, sobre valores históricos do Novo Testamento; Basil Mitchell, sobre fé e experiência; e Elizabeth Anscombe, sobre "Por que eu acredito em Deus". Lewis deixou claro que Anscombe era sua escolha número um: "Tendo-me destruído como apologista, ela não deveria me *suceder*?".[33]

Lewis parece ter visto sua transferência para Cambridge em janeiro de 1955 como o sinal de um novo recomeço. É surpreendente notar como são poucas as obras, desse período posterior de sua vida, que tratam especificamente de temas apologéticos, se entendidos em termos de uma defesa racional explícita da fé cristã. Numa carta de setembro de 1955, declinando do convite do líder evangélico norte-americano Carl F. H. Henry (1913-2003) para escrever alguns textos apologéticos, Lewis explicou que embora houvesse feito o possível "no que se referia a ataques frontais", ele agora sentia "com toda a certeza" que aqueles tempos haviam passado. Agora ele preferia abordar a apologética de maneira mais indireta, como as que apelavam para "a ficção e o símbolo".[34]

Essas observações endereçadas a Carl Henry — uma das figuras mais significativas na história dos evangélicos norte-americano do pós-guerra — são claramente relevantes em relação à criação de Nárnia. Muitos veriam esse comentário sobre "ficção e símbolo" como uma referência às crônicas de Nárnia, que podem ser facilmente classificadas como obras de apologética imaginativa e narrativa, representando um afastamento das abordagens mais argumentativas, dedutivas ou indutivas, de suas palestras radiofônicas da época da guerra. Se Anscombe suscitou dúvidas na mente de Lewis sobre sua abordagem apologética, essas dúvidas diziam respeito a seu meio, mais do que a seu conteúdo. Lewis talvez tivesse perdido seu "poder dialético"; mas que dizer de sua contrapartida imaginativa?

Podemos perfeitamente ver Nárnia como a elaboração imaginativa do núcleo de ideias filosóficas e teológicas que Lewis havia desenvolvido desde meados da década de 1930, expressa de maneira narrativa em vez de racional. As crônicas de Nárnia expressam na forma de uma história os mesmos argumentos teológicos e filosóficos apresentados em *Milagres*. A ficção se torna o meio de permitir que os leitores contemplem — mais que isso, desfrutem — a visão da realidade que Lewis já havia apresentado em suas obras mais apologéticas.

Precisamos agora contar a história de como Lewis escreveu as crônicas de Nárnia, e entender por que elas cativaram a imaginação de toda uma geração.

PARTE 3

NÁRNIA

CAPÍTULO 11

REORGANIZAÇÃO DA REALIDADE: A CRIAÇÃO DE NÁRNIA

EM 2008 A EDITORA LONDRINA HARPERCOLLINS convidou a grafóloga profissional Diane Simpson a examinar alguns espécimes da caligrafia de C. S. Lewis. Simpson não tinha ideia de quem estava investigando. Constatou que a "letra pequena, elegante" apontava para alguém que era "reservado e cuidadoso", dotado de agudas faculdades críticas. Simpson também observou mais alguma coisa. "Eu me pergunto se ele tem alguma espécie de jardim (ou algum outro mundo) no qual ele possa desaparecer quando quiser".[1] Simpson estava absolutamente certa. Lewis de fato tinha "algum outro mundo" no qual ele desaparecia — um mundo imaginado conhecido por nós como Nárnia.

Vamos nos deter um pouco neste ponto. Nárnia é um mundo *imaginativo*, não um mundo *imaginário*. Para Lewis estava muito claro que se necessitava estabelecer uma distinção entre essas ideias. O "imaginário" é algo que foi imaginado falsamente, sem ter uma contrapartida na realidade. Lewis considerava esse tipo de realidade inventada uma abertura para a decepção. O "imaginativo" é algo produzido pela mente humana em sua tentativa de responder a algo maior do que ela mesma, lutando para descobrir imagens adequadas da realidade. Quanto mais imaginativa for uma mitologia, tanto maior será sua capacidade de "nos comunicar mais realidade".[2] Para Lewis, o

imaginativo deve ser visto como um uso legítimo e positivo da imaginação humana, desafiando os limites da razão e abrindo a porta para uma apreensão mais profunda da realidade.

Sendo assim, como Lewis inventou esse mundo imaginativo? E por quê? Teria sido uma fuga para o mundo seguro de sua infância durante um momento de estresse pessoal e profissional? Teria Lewis sido como Peter Pan, um menino emocionalmente deficiente que jamais cresceu, e Nárnia seria sua versão da "Terra do Nunca"? Pode haver alguma verdade nessas sugestões. Como já vimos, Lewis se voltava para a escrita quando estava estressado, encontrando alívio nessa atividade. Todavia, aqui há claramente outro fator em jogo: a crescente percepção de Lewis de que os contos infantis lhe proporcionavam uma maneira maravilhosa de explorar questões filosóficas e teológicas — como a origem do mal, a natureza da fé e o desejo humano de Deus. Uma boa história poderia entretecer esses temas, usando a imaginação como porta de acesso a reflexões sérias.

As origens dos contos de Nárnia estavam, nos diz Lewis, em sua imaginação. Tudo começou com a imagem de um fauno carregando um guarda-chuva e pacotes em meio a uma floresta nevada. A famosa descrição de Lewis do processo criativo mostra esse processo como um desenrolar de imagens mentais, que eram então conectadas com cuidado para formar uma trama consistente. Temos aqui óbvios e importantes paralelos com as origens do livro *O hobbit* de Tolkien. Numa carta a W. H. Auden (1907-1973), Tolkien recorda-se de estar profundamente aborrecido no início da década de 1930, corrigindo exames escolares (ele precisava de um dinheiro extra), quando, por alguma razão inexplicável, uma ideia lhe ocorreu. "Sobre uma folha em branco eu rabisquei: 'Numa toca no chão vivia um hobbit.' Eu não sabia e não sei por quê".[3]

Todavia, Lewis não se considerava realmente o "criador" de Nárnia. Como ele mesmo comentou, "criação" é um "termo inteiramente enganoso". Lewis preferia julgar que o pensamento humano era algo "acendido por Deus",[4] e o processo da escrita era a reorganização de elementos proporcionados por Deus. O escritor apanha "coisas que estão ao alcance da mão" e as reutiliza. Como alguém que semeasse uma horta, o autor é apenas um dos aspectos do "fluxo causal".[5] Como veremos, Lewis se valeu muito de "elementos" descobertos na literatura. Sua habilidade consistia não em inventar esses elementos, mas na

maneira de entretecê-los para criar o marco literário que conhecemos como As crônicas de Nárnia.



11.1 O sr. Tumnus, um fauno, carregando um guarda-chuva e pacotes por uma floresta nevada, acompanhado por Lúcia. Esta é uma das imagens mais conhecidas criadas por Pauline Baynes para *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

As origens de Nárnia

"Vou escrever um livro para crianças!" A sra. Moore e Maureen receberam o inesperado anúncio de Lewis certo dia durante o café da manhã, provavelmente por volta da eclosão da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939,[6] com uma boa risada.[7] Além de não ter filhos, Lewis não tinha praticamente nenhum

contato com qualquer criança, excetuados os encontros esporádicos com seus afilhados. O riso delas logo se desfez, mas a ideia de Lewis permaneceu. Nárnia foi tomando forma em sua mente à medida que ideias e imagens de sua infância começaram a se cristalizar.

A composição da série, no geral, fluiu com facilidade. Apesar de seus crescentes problemas pessoais e profissionais, Lewis conseguiu escrever cinco dos sete romances entre o meio de 1948 e o primeiro semestre de 1951. Seguiu-se um período estéril, antes de Lewis começar a escrever *A última batalha* no fim de 1952, obra que foi concluída no semestre seguinte. O último volume a ser escrito foi *O sobrinho do mago*, que Lewis nitidamente achou mais problemático do que os outros livros da série. Embora Lewis começasse a esboçar essa obra logo depois de terminado o texto de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, ele não a completou antes de março de 1954.

Alguns veriam essa facilidade de redação como uma marca do gênio criativo de Lewis. Outros — sobretudo J. R. R. Tolkien — consideraram a rapidez com que essas obras foram escritas como um indicativo de sua superficialidade. Não tinham um contexto histórico consistente e eram recortes mitológicos, desprovidos de coerência. Por que, perguntava-se Tolkien, introduzir o Papai Noel na história? Ele não cabia ali. Alimentando pensamentos mais sombrios, Tolkien também suspeitava de que Lewis havia tomado suas próprias ideias e inserido nas crônicas de Nárnia sem lhe dar os devidos créditos.

É fácil entender as preocupações de Tolkien. Mas deve-se ressaltar que a pesquisa recente sobre Lewis identificou uma coerência mais profunda nas histórias de Nárnia, vinculada ao sutil — de fato, poderia até se dizer *críptico* — uso do simbolismo medieval. Vamos considerar esse ponto no próximo capítulo.

Então, de onde surgiu o nome Nárnia? Enquanto estudava os clássicos com William Thompson Kirkpatrick em Great Bookham, entre 1914 e 1917, Lewis adquirira um exemplar de um atlas do mundo clássico, publicado em 1904. Num de seus mapas, Lewis sublinhou o nome de uma antiga cidade italiana por ter gostado do som dele.[8] A cidade era Nárnia — hoje a moderna cidade italiana de Narni na Úmbria, localizada no centro da Itália. (Lewis nunca a visitou.) Uma das mais famosas habitantes de Nárnia foi Lúcia Brocadelli (1476--1544), uma visionária e mística que se tornou a santa padroeira da cidade. Todavia, não se pode atribuir nenhuma importância especial a esses fatos no que diz respeito à

real história de Nárnia ou a seu papel cultural tanto no final do período clássico como no início do período medieval, mesmo ainda à importância dessa Lúcia para nossa Nárnia. Parece que Lewis simplesmente gostou do som do nome latino, e ele se fixou em sua memória — apesar do fato de designar uma cidade, não uma região ou um país.

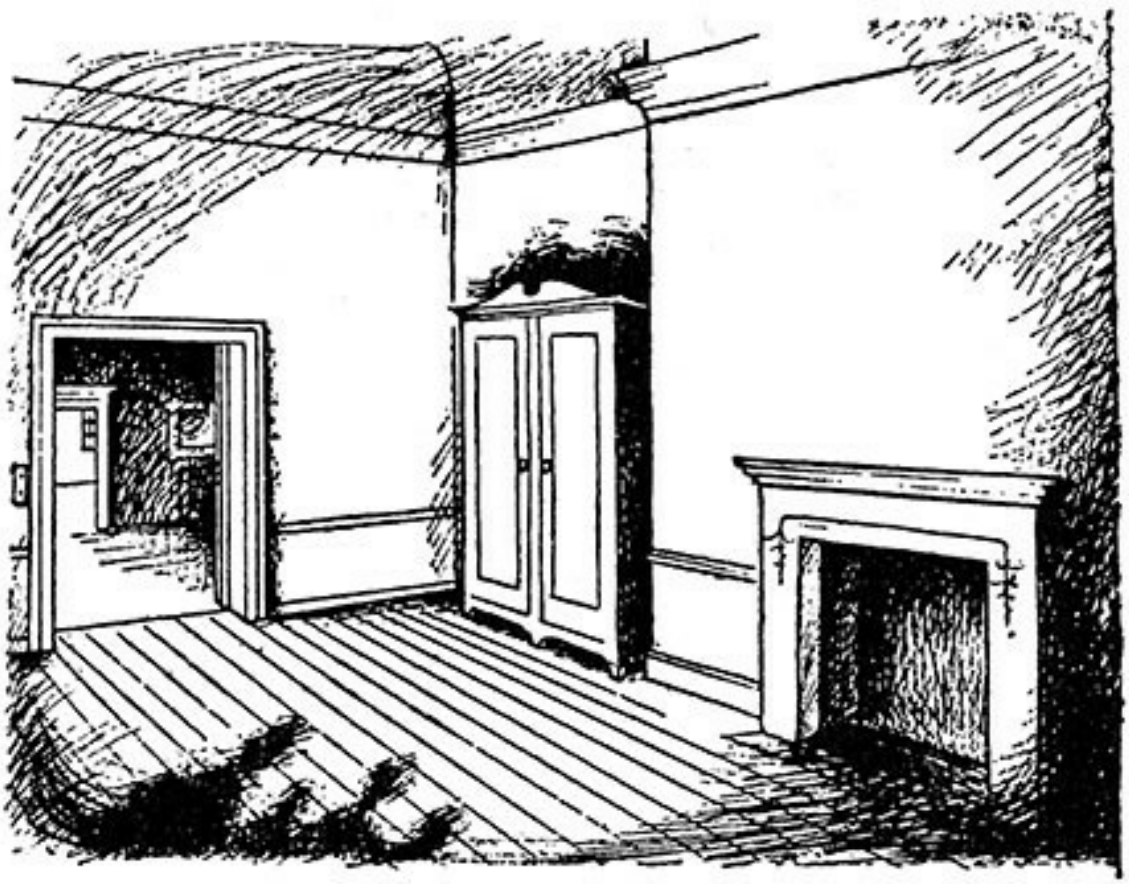
A descoberta de Nárnia se tornou uma das mais conhecidas cenas da literatura infantil. Quatro crianças — Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia — são evacuadas de Londres durante a Segunda Guerra Mundial para fugir dos bombardeios da capital inglesa.[9] Separadas da família, elas são levadas para uma velha casa de campo, habitada por um professor genial e bem-intencionado, apesar de um pouco excêntrico (o qual muitos consideram uma versão levemente disfarçada do próprio Lewis). Impedidas por uma chuva pesada de visitar o exterior da moradia, as crianças decidem explorar suas salas e seus corredores abarrotados de livros. (Há um claro paralelismo aqui com o duradouro fascínio de Lewis pela distinção entre o "mundo exterior" e o "mundo interior".) No fim, elas descobrem por acaso uma "sala completamente vazia, a não ser por um enorme guarda-roupa".[10]

Entrando no guarda-roupa, Lúcia se apanha numa terra gelada, coberta de neve — um mundo em que é "sempre inverno e nunca é Natal". Em seus encontros com os habitantes de lá — primeiramente com faunos e castores —, Lúcia descobre uma história do lugar: o verdadeiro rei de Nárnia é um leão enorme chamado Aslam, que esteve ausente por muitos anos, mas que agora "está voltando". O irmão dela, Edmundo, ouve uma história muito diferente contada pela Feiticeira Branca, que se apresenta como a verdadeira e legítima governante de Nárnia.

Num nível de leitura, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* é um teste a que são submetidos esses personagens e seus relatos acerca de Nárnia. Em quem se deve confiar? Em que história acerca de Nárnia se deve crer? Para fazer a avaliação certa sobre como agir, as crianças precisam descobrir qual é a verdadeira história do mundo misterioso com que se envolveram e no qual, ao que tudo indica, elas estão destinadas a desempenhar um papel importante.

O contraste com algumas histórias infantis anteriores é muito evidente. Em *O Mágico de Oz* (1900), por exemplo, Dorothy é informada sobre quais bruxas são más e quais são boas. Em Nárnia, os personagens não têm apelidos que declarem o caráter moral de cada um deles. As crianças (e os leitores) têm de

descobrir essas coisas sozinhos. Os personagens que encontram são complexos e multifacetados. Seu verdadeiro caráter moral precisa ser descoberto.



11.2 As quatro crianças descobrem o misterioso guarda-roupa num quarto vazio na casa do professor. Ilustração feita por Pauline Baynes extraída do livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa.*

As crônicas de Nárnia esclarecem como os seres humanos se veem a si mesmos, como enfrentam suas fraquezas e como tentam se tornar as pessoas que devem ser. Elas tratam da busca de significado e da virtude, não apenas da busca de explicação e do entendimento. Esse talvez seja o fator que explica seu forte apelo: as crônicas de Nárnia falam de escolhas a fazer, de certo e errado, e de desafios a enfrentar. Todavia, essa visão de benignidade e grandeza não é exposta como uma argumentação lógica ou raciocinada; é, antes, afirmada e explorada por meio da narrativa de uma história — uma história que prende a imaginação.

Pela influência de Charles Williams no início da década de 1940, Lewis descobriu o poder que a imaginação tem de levar os leitores a ansiar pela benignidade moral. Foi Williams, declarou Lewis, que lhe ensinou que "quando os antigos poetas faziam de alguma virtude seu tema, eles não estavam ensinando, mas adorando; e que aquilo que nós interpretamos como didático é muitas vezes o encantado".[11] A chave do progresso moral é, portanto, cativar a imaginação por meio de narração de arrebatadoras histórias de "valentes cavaleiros de coragem heroica".[12] Essas histórias inspiram e enobrecem, levando-nos a almejar fazer a mesma coisa em nosso mundo particular.

O limiar: um tema-chave narniano

Um tema central das crônicas de Nárnia é o da porta que dá acesso a outro mundo — um limiar que pode ser atravessado, permitindo-nos entrar num reino maravilhoso e explorá-lo. É óbvio que há implicações religiosas nessa ideia, que Lewis discutiu em obras anteriores, como o sermão de 1941, *Peso da glória*. Para Lewis, a experiência humana sugere a existência de outro mundo mais maravilhoso, no qual reside nosso verdadeiro destino, mas, atualmente, estamos do "lado errado" da porta que dá acesso para ele.

A ideia de um limiar para mundos estranhos é um tema conhecido da literatura infantil do passado e do presente. Os leitores de hoje provavelmente vão pensar na "Plataforma 9 ¾" junto a King's Cross Station de Londres de J. K. Rowling. Os leitores de uma época anterior — entre eles, o próprio Lewis — pensariam nos contos infantis de E. Nesbit (1858-1924), hoje lembrada por seus clássicos romances eduardianos *Os meninos e o trem de ferro* (1906) e *O castelo encantado* (1907).

Na infância, Lewis havia lido várias obras de Nesbit com muito prazer, e lembrava-se do enlevo causado por elas, especialmente pela trilogia dessa autora: *Cinco crianças e um segredo* (1902), *A Fênix e o tapete* (1904) e *A história do amuleto* (1906). Lewis destacou que a última dessas histórias teve importância especial para ele, e observa que ainda a "releria com prazer".[13] As três histórias enfocam um grupo familiar de cinco crianças que, por vários motivos, precisam sair de casa e acabam descobrindo novidades emocionantes na companhia de pessoas e criaturas estranhas e maravilhosas. É por meio do distanciamento de seu contexto familiar que as crianças deparam com novos e misteriosos mundos e ideias — tema recorrente nos contos de Nárnia.

Um dos temas centrais de Nesbit é a existência de uma ligação ou ponte entre dois mundos, que os sábios conseguem encontrar e atravessar. Como fez antes dela George MacDonald (1824-1905), Nesbit escreveu sobre um misterioso limiar entre o ordinário e o mágico, entre o mundo quotidiano e um reino encantado. Ela explicou essa ideia em *O castelo encantado*:

> Há uma cortina, tênue como gaze, transparente como vidro, forte como ferro que separa o mundo mágico do mundo que nos parece real. E quando as pessoas descobrem nela pontos fracos, indicados por anéis mágicos e amuletos e coisas do gênero, praticamente tudo pode acontecer.[14]

A dívida de Lewis para com Nesbit vai além da ideia de um limiar geral que dá acesso a mundos estranhos. Na coleção de histórias dessa autora intitulada *The Magic World* [O mundo mágico] (1912), descobrimos uma série de tramas que denunciam uma misteriosa semelhança com as que estão presentes em Nárnia. Na história "The Aunt and Amabel" [A tia e Amabel], lemos sobre Amabel, uma menina que, sem querer, destroça o canteiro de flores de sua tia e é mandada para um quarto no sótão, onde deve ficar de castigo. Lá ela encontra uma cama, um enorme guarda-roupa e uma tabela do horário de trens. O guarda-roupa contém na verdade uma secreta estação ferroviária, de onde ela pode partir para outros mundos.[15]

O tema de atravessar limiares desempenha um importante papel imaginativo na série de Nárnia. Ele permite que o leitor entre num mundo estranho, explorado por meio de ações e aventuras dos personagens principais. Esse processo é aprimorado pelas ilustrações de Pauline Baynes (1922-2008), que antes havia contribuído com seus desenhos para o livro *Mestre Gil de Ham* de Tolkien (1949). Baynes produziu uma série de desenhos que aparentemente captaram à perfeição a essência do texto. Tolkien escreveu entusiasmado a seus editores, declarando que os desenhos eram tão bons que haviam superado todas as suas expectativas. "São mais que ilustrações, são um tema colateral." Para Tolkien, as ilustrações eram tão boas que seus amigos achavam que elas reduziam o texto "a um comentário sobre os desenhos".[16] Assim começou um longo e mutuamente respeitoso relacionamento entre o autor e a ilustradora. Não foi surpresa nenhuma o fato de Tolkien recomendar Baynes quando a editora de Lewis insistiu em ilustrar *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

No fim, o relacionamento de Baynes com Lewis acabou sendo bastante

formal e distante. Ao que parece, eles só se encontraram duas vezes. Num desses encontros, na estação Waterloo de Londres, aconteceu uma breve discussão muito superficial, durante a qual Lewis consultou muitas vezes o relógio, mostrando-se ansioso por não perder o trem. (Houve boatos dizendo que o registro do diário dela nesse dia dizia: "Encontrei-me com C. S. Lewis. Voltei para casa. Assei biscoitos".) Não foi um relacionamento fácil, particularmente quando Baynes soube que Lewis, depois de elogiar muito suas ilustrações na presença dela, havia de certo modo criticado seus dons artísticos em sua ausência — especialmente sua habilidade para desenhar leões.

Parece que Lewis cometeu um grave erro de avaliação nesse caso, não percebendo como as ilustrações de Baynes auxiliariam seus leitores a visualizar Nárnia, especialmente o nobre e magistral Aslam. Será que a experiência que Lewis teve em sua infância, de passar a gostar de Wagner por meio das ilustrações de Rackham, não o alertaram sobre a importância das figuras desenhadas para ajudar a cativar a imaginação? No entanto, aparentemente sem se dar conta disso, Lewis havia descoberto a perfeita visualização de seu mundo imaginativo — talvez representado do modo mais evocativo no desenho de uma garotinha de braço dado com um fauno sob sua sombrinha num bosque nevado.

Em fevereiro de 2008, o grupo de editoras inglesas sem fins lucrativos conhecido como Booktrust, que promove a educação gratuita e "se dedica a estimular pessoas de todas as idades e culturas a gostar de livros", elegeu *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* como o melhor livro infantil de todos os tempos. A cativante narrativa de Lewis pode ter embasado essa premiação; mas muitos diriam que as ilustrações de Baynes a sacramentaram. Talvez Lewis no fim tivesse concordado com isso. Afinal, ele respondeu a uma carta de Baynes dando-lhe os parabéns quando seu livro *A última batalha* recebeu a Medalha Carnegie de melhor livro infantil de 1956 incluindo-a em sua conquista: "Não é antes 'nossa' medalha? Tenho certeza de que as ilustrações foram levadas em conta assim como o texto".[17]

A ordem de leitura da série de Nárnia

Lewis concebeu originariamente *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* como uma obra independente e autônoma — e ainda é possível apreciá-la como tal. Os outros contos de Nárnia são irradiações que partem dessa obra, mesmo no caso

de *O sobrinho do mago*, que é apresentado como antecedendo cronologicamente *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Permitindo-nos entrar em Nárnia no meio de sua história, Lewis nos leva a querer saber sobre seu passado, bem como sobre seu futuro. *O sobrinho do mago* é um *flashback*, um jeito de esclarecer o presente olhando para o passado.

As sete obras podem ser lidas de três maneiras: segundo a data de sua produção, segundo a data de sua publicação ou segundo a cronologia interna dos acontecimentos que os volumes descrevem. Essas três abordagens bastante diferentes apontam para as seguintes sequências de leitura:

ORDEM DE PRODUÇÃO	ORDEM DE PUBLICAÇÃO	CRONOLOGIA INTERNA
1. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa	1. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa (1950)	1. O sobrinho do mago
2. Príncipe Caspian	2. Príncipe Caspian (1951)	2. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa
3. A viagem do peregrino da alvorada	3. A viagem do peregrino da alvorada (1952)	3. O cavalo e seu menino
4. O cavalo e seu menino	4. A cadeira de prata (1953)	4. Príncipe Caspian
5. A cadeira de prata	5. O cavalo e seu menino (1954)	5. A viagem do peregrino da alvorada
6. A última batalha	6. O sobrinho do mago (1955)	6. A cadeira de prata
7. O sobrinho do mago	7. A última batalha (1956)	7. A última batalha

A edição das obras reunidas das crônicas de Nárnia publicada pela HarperCollins (2005) inclui a seguinte declaração: "Embora *O sobrinho do mago* tenha sido escrito vários anos depois de Lewis iniciar as crônicas de Nárnia, ele queria que esse fosse o primeiro livro da série a ser lido. A HarperCollins tem o prazer de apresentar estes livros na ordem preferida do professor Lewis". Essa aparentemente franca afirmação contém na verdade uma interpretação discutível, mais do que uma afirmação direta das opiniões de Ele.[18] Ele deixou bem claro que os livros poderiam ser lidos em qualquer ordem, e foi cauteloso em relação a prescrever qualquer ordem.

Afinal, o ensaio posterior de Lewis "On Criticism" [Da crítica] enfatiza a importância de estabelecer uma cronologia da composição e da interpretação

quando se trata de uma série de obras — observando, por exemplo, algumas influentes leituras de *O senhor dos anéis* de Tolkien que, por se confundirem nesse assunto, se equivocaram.[19] Além disso, Lewis é inflexível quando diz que o autor "não é necessariamente o melhor e nem o mais perfeito juiz" no que tange à leitura e à interpretação de um livro.[20]

Deve-se atribuir a esses pontos o seu devido peso, uma vez que a abordagem cronológica cria dificuldades consideráveis para os leitores. Por exemplo, os acontecimentos de *O cavalo e seu menino* ocorrem de fato durante, e não depois, dos acontecimentos de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Isso torna a leitura da obra bastante problemática se a ordem interna for rigorosamente usada como critério para determinar a ordem correta de leitura.

A dificuldade mais significativa diz respeito ao livro *O sobrinho do mago*, o último da série a ser escrito, que descreve os primórdios da história de Nárnia. Ler este livro em primeiro lugar destrói completamente a integridade literária de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que enfatiza a natureza misteriosa de Aslam, o qual é apresentado lenta e cuidadosamente, construindo-se uma sensação de expectativa claramente baseada no pressuposto de que os leitores nada sabem sobre o nome, a identidade ou a importância dessa criatura magnífica. Em seu papel de narrador em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Lewis declara: "Assim como você, nenhuma das crianças sabia quem era Aslam".[21] Mas quem leu *O sobrinho do mago* já sabe muito sobre Aslam. A revelação gradual dos mistérios de Nárnia — um dos mais impressionantes aspectos literários de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* — é baldado à destruição por uma leitura prévia de *O sobrinho do mago*.

Igualmente importante, a complexa estrutura simbólica das crônicas de Nárnia é mais bem avaliada por meio de uma leitura posterior de *O sobrinho do mago*. A leitura torna-se mais eficaz quando esse livro (segundo a ordem de publicação) é lido em sexto lugar, com *A última batalha* como conclusão.

É perfeitamente possível ler *O senhor dos anéis* de Tolkien sem precisar ler sua subsequente "prequência", *O Silmarillion*. O mesmo acontece com *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* de Lewis. Depois de ler essa obra, o leitor naturalmente quer avançar para o futuro e para o passado, explorando o que acontece depois e como Nárnia surgiu. As duas opções estão abertas ao leitor. Nenhuma delas deve ser-lhe imposta.

Finalmente, há uma clara — e geralmente ignorada — pista literária para as

intenções de Lewis nos subtítulos de três contos da série. Esses subtítulos são geralmente omitidos em edições recentes dessas obras. Uma delas é *Príncipe Caspian*, cujo título completo é *Príncipe Caspian: o retorno para Nárnia*. Seu esclarecedor subtítulo obviamente sugere que essa obra deveria ser lida imediatamente depois de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Lewis atribuiu subtítulos a apenas duas outras obras da série, com a mesma expressão: *Um conto infantil*. É significativo que essas obras sejam *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *A última batalha*.

Por que isso é importante? Porque Lewis, um estudioso de literatura inglesa, muito versado em recursos retóricos e literários, usa esse subtítulo como uma *inclusio* — um recurso literário amplamente empregado na literatura bíblica e secular. A *inclusio* permite que um autor "coloque entre parênteses" o seu material para indicar que aquilo que está incluído constitui uma unidade singular ou coerente.[22] A abertura e o fechamento do parêntese (ou envelope) são indicados pela repetição do mesmo termo ou da mesma expressão memorável. Lewis emprega o subtítulo *Um conto infantil* para duas, e somente duas, de suas obras das crônicas de Nárnia, a saber, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *A última batalha*. A expressão "um conto infantil" é a *inclusio* de Lewis. Os outros cinco contos são assim colocados entre parênteses ou incluídos dentro desses dois suportes para livros, que definem o começo e o fim da série. A decisão de não reproduzir esses subtítulos nas edições recentes das crônicas de Nárnia obscureceu o emprego literário que Lewis fez desse recurso, e assim, de certo modo ocultou seu propósito.

Animais em Nárnia

Um dos mais impressionantes aspectos de Nárnia é o papel proeminente que animais desempenham nas narrativas. Há quem descarte esse aspecto como uma bobagem infantil, vendo nisso um regresso de Lewis à infância de Boxen, povoada por animais vestidos e falantes. Mas há mais que isso na narrativa de Lewis.

As crônicas de Nárnia incluem críticas a atitudes correntes no meio do assim chamado pensamento "progressista" da época de Lewis — como a difundida aceitação da prática da vivissecção em experiências de laboratório. Lewis não hesitou em criticar ideias em voga nas décadas de 1930 e 1940 como, por exemplo, a entusiástica defesa de H. G. Wells da eugenia e da vivissecção —

hoje rejeitadas como desumanas e imorais. No ensaio "Vivisection", de 1947, Lewis uniu seus esforços aos do grande autor de romances infantis do século 19, Lewis Carroll (1832-1898), em protestos contra a aplicação de torturas a animais. Para Lewis, a prática da vivissecção expunha uma contradição interna do naturalismo darwinista: ao mesmo tempo em que enfatizava a proximidade de seres humanos a animais, o darwinismo também afirmava a suprema autoridade dos humanos para fazer com os animais o que bem entendessem.[23]

Além disso, como já discutimos no capítulo 9, Lewis observou com argúcia como a defesa da eugenia e da vivissecção conduz a algumas conclusões moralmente desconfortáveis. As teorias dos eugenistas de década de 1930 — que nessa época foram, embaraçosamente, muito adotadas em círculos socialmente liberais da Europa ocidental — implicam o pressuposto de que certos seres humanos são inferiores a outros e de que a sobrevivência da raça humana exige assim que apenas aos "melhores" seja permitida a procriação. A elite liberal da Europa gostava dessa ideia no período entre as duas guerras mundiais. Mas aonde, pergunta-se Lewis, essa perigosa ideia vai nos levar?

> Quando se abandona a antiga ideia de uma total diferença de espécie entre o homem e o animal, já não se pode encontrar nenhum argumento para experimentos com animais que também não seja um argumento para experimentos com homens inferiores.[24]

É fácil descrever os contos de Nárnia como uma tentativa infantil de fingir que animais falam e se emocionam. Todavia, a narrativa de Lewis constrói uma crítica enganosamente sutil a certas formas darwinianas de entender o lugar da humanidade no seio da ordem natural, apresentando também um corretivo. O retrato que ele faz de personagens animais em Nárnia é em parte um protesto contra as afirmações superficiais do direito da humanidade de fazer o que lhe aprouver com a natureza.

As ricas descrições de animais nas crônicas de Nárnia são, de certa forma, informadas pelos "bestiários" da Idade Média — relatos clássicos da vida de animais que enfatizavam suas identidades e seus papéis distintos na ordem da criação. Cada qual era visto como um testemunho da complexa interdependência do mundo natural. Lewis expande esses relatos retratando animais como agentes morais conscientes.

Enquanto os vivisseccionistas viam os animais, como os ratos, simplesmente como material para experimentos de laboratório, destituídos de

qualquer sentimento íntimo ou valor intrínseco, Lewis os retrata em Nárnia como agentes conscientes ativos. O exemplo mais óbvio é Ripchip, um rato nobre e virtuoso, que acaba ensinando Eustáquio Mísero sobre nobreza, coragem e lealdade. Essa inversão de hierarquias darwinianas não representa uma recaída ao sentimentalismo irracional; também não é uma regressão aos "animais vestidos" de Boxen, o mundo da infância de Lewis. Para Lewis, a verdadeira marca da primazia de seres humanos sobre animais é "o reconhecimento de deveres para com eles que eles não reconhecem em relação a nós".[25] *Noblesse oblige*, como dizem os franceses. A dignidade humana exige que se mostre respeito pelos animais. Mais do que isso, os animais podem capacitar os humanos a desenvolver compaixão e cuidado. A teologia da criação de Lewis o leva a insistir em que os relacionamentos humanos com animais podem ser enobrecedores e satisfatórios, tanto para os animais como para os humanos. Há, naturalmente, um animal em Nárnia que se destaca dentre todos os demais: a misteriosa e nobre figura de Aslam, que vamos analisar mais detalhadamente no capítulo seguinte.

Nárnia como uma janela para a realidade

Para Lewis, a narrativa de Nárnia tem a capacidade de novamente encantar um mundo desencantado. Ela nos ajuda a imaginar nosso mundo de maneira diferente. Não se trata de escapismo, mas sim de discernir níveis mais profundos de significado e valor naquilo que já conhecemos. Como Lewis ressaltou, os leitores desses seus livros infantis não desprezam "os bosques verdadeiros" porque "leram sobre bosques encantados"; pelo contrário, sua nova maneira de ver as coisas "torna todos os bosques verdadeiros um pouco encantados".[26]

O próprio Lewis falou acerca de um processo de "visão dupla" em vários pontos de suas obras, mais marcadamente, na conclusão de uma palestra proferida no Clube Socrático de Oxford em 1945: "Eu acredito que o sol surgiu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele vejo todas as outras coisas".[27] Podemos olhar para o sol em si; ou podemos, em vez disso, olhar para as coisas iluminadas por ele, ampliando assim nossa visão intelectual, moral e estética. Podemos ver o verdadeiro, o bom e o belo mais nitidamente se nos for dada uma lente que focaliza esses aspectos. Eles não são inventados pela nossa leitura de Nárnia, mas são discernidos, iluminados e mais nitidamente enfocados. E mais do que isso, nós enxergamos *mais*, enxergamos *mais longe*,

olhando através de lente certa.

Devemos ler Nárnia como Lewis nos pede que leiamos outras obras literárias — por um lado, como algo a ser saboreado; por outro, como algo capaz de ampliar nossa visão da realidade. O que Lewis escreveu sobre *O hobbit* em 1939 se aplica com o mesmo vigor a seus próprios livros de Nárnia: eles nos permitem entrar em "um mundo independente" que, depois de descoberto, "se torna indispensável". "Antes de ir lá não podemos nem imaginá-lo; depois de termos ido, ele se torna inesquecível".[28]

As sete crônicas de Nárnia são muitas vezes mencionadas (mas, é preciso dizer, não pelo próprio Lewis) como uma alegoria religiosa. A obra da fase inicial de Lewis, *O regresso do peregrino*, é corretamente descrita como uma alegoria religiosa. Cada um de seus elementos tem uma qualidade representativa — em outras palavras, todos são modos disfarçados, porém específicos, de se referir a outra coisa. Todavia, uma década mais tarde, Lewis já havia abandonado essa forma de escrita. É possível ler Nárnia como uma alegoria; contudo, como Lewis observou certa vez: "o mero fato de *se poder* alegorizar a obra que se tem diante dos olhos não é por si só uma prova de que se trata de uma alegoria".[29]

Em 1958, Lewis fez uma importante distinção entre uma "suposição" e uma alegoria. Uma suposição é um convite a tentar ver as coisas de outra maneira, e imaginar como elas funcionariam se fossem verdadeiras. Para entender Lewis nesse ponto, precisamos considerar como ele expressou essa ideia:

> Se Aslam representasse a deidade imaterial da mesma forma que o gigante Desespero [de *O peregrino*] representa o desespero, ele seria uma figura alegórica. Na realidade, porém, ele é uma invenção que dá uma resposta imaginária à pergunta: "Como seria o Cristo se de fato houvesse um mundo como Nárnia e ele escolhesse encarnar-se e morrer e ressuscitar *nesse* mundo como ele de fato fez no nosso?" Isso não é absolutamente uma alegoria.[30]

Assim, Lewis convida seus leitores a entrar num mundo de suposições. Suponhamos que Deus decidisse encarnar-se num mundo como Nárnia. Como teria sido? Como *seria* esse mundo? Nárnia é uma narrativa que explora essa suposição teológica. A própria explicação de Lewis de como a figura de Aslam deve ser interpretada deixa claro que *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* é uma suposição — a exploração narrativa de uma possibilidade interessante. "Vamos *supor* que exista uma terra como Nárnia e que o Filho de Deus, que se tornou homem em nosso mundo, lá se tornasse um leão. Vamos imaginar o que

aconteceria depois".[31]

Em *O sobrinho do mago*, Lewis descreve uma floresta cheia de acessos para outros mundos. Um desses acessos conduz a Nárnia, um novo mundo que logo será habitado por criaturas conscientes, tanto animais como humanas. Lewis, no entanto, é bastante explícito a respeito da existência de outros mundos além de Nárnia. Por assim dizer, Nárnia é um estudo de caso teológico, capaz de esclarecer nossa própria condição. Em vez de responder a perguntas, Nárnia leva à reflexão. Exige que elaboremos nossas próprias respostas, em vez de aceitá-las pré-digeridas. Lewis usa Nárnia para nos mostrar algo sem realmente ter de usar nenhuma *argumentação*, confiando no poder de suas imagens e estilo narrativo para permitir que nossa imaginação complemente o que a razão apenas sugere.

Nárnia e o recontar da grande narrativa

É impossível entender o profundo apelo de Nárnia sem avaliar o lugar que histórias ocupam na formação do entendimento de nossa realidade e de nosso lugar nessa realidade. As crônicas de Nárnia repercutem fortemente a básica intuição humana de que nossa própria história é parte de algo maior — o qual, uma vez entendido, nos permite ver nossa condição de uma forma nova e mais significativa. Um véu é retirado, uma porta é aberta, uma cortina é afastada, e nós temos a possibilidade de entrar num novo reino. Nossa própria história é agora vista como parte de uma história mais abrangente, e isso nos ajuda a entender como nos encaixamos num esquema maior de coisas e a descobrir e valorizar a diferença que podemos fazer.

Como Tolkien, Lewis tinha plena consciência do poder imaginativo dos "mitos" — histórias que tentaram entender quem somos, onde nos encontramos, o que deu errado e o que se pode fazer em relação a isso. Tolkien soube usar o mito para saturar *O senhor dos anéis* com uma misteriosa "alteridade", um sentido de mistério e magia que sugere uma realidade além daquela que a razão humana pode sondar. Lewis percebeu que o bem, o mal, o perigo, a angústia e a alegria, tudo isso pode ser visto mais claramente se estiver "imerso numa história". Essas narrativas, através do "realismo de sua apresentação", nos proporcionam um jeito de captar as estruturas mais profundas de nosso mundo em dois níveis: o imaginativo e o racional.[32]

É também possível que Lewis tenha percebido o poder do mito através da

leitura de *O homem eterno* de G. K. Chesterton, com sua clássica distinção entre o "imaginário" e o "imaginativo", e sua arguta análise de como a imaginação vai além dos limites da razão. "Todo verdadeiro artista", argumenta Chesterton, sente "que está tocando verdades transcendentais; que suas imagens são sombras de coisas vistas através de um véu".[33]

Saturado das riquezas da literatura medieval e renascentista, e tendo profundo conhecimento de como os mitos funcionam, Lewis conseguiu encontrar o tom certo e as palavras certas para transcender as suspeitas de uma "imaginação perfeitamente consciente de uma mente lógica".[34] De certo modo, Nárnia parece nos proporcionar um mundo mais profundo, mais brilhante, mais maravilhoso e mais significativo do que aquilo que conhecemos por experiência própria. Embora todos os seus leitores saibam que as crônicas de Nárnia são fictícias, os livros dessa coleção parecem estar mais de acordo com a realidade do que muitas obras supostamente realistas.[35]

Lewis sempre reconheceu que a mesma história pode ser um "mito" para um leitor e não o ser para outro.[36] As histórias de Nárnia parecem tolices infantis para alguns. Para outros, todavia, elas são completamente transformadoras. Para estes, essas histórias evocativas afirmam que é possível que os fracos e os loucos tenham, num mundo de trevas, uma vocação nobre; que nossas mais profundas intuições apontam para o verdadeiro significado das coisas; que existe de fato algo belo e maravilhoso no âmago do universo; e que isso pode ser descoberto, abraçado e adorado.

Aqui torna-se importante o contraste com *O senhor dos anéis* de Tolkien. O tema da complexa e sombria narrativa de *O senhor dos anéis* é a busca por um único anel superior que domina todos os outros anéis, para que, depois de achado, seja destruído por ser muito perigoso e destrutivo. O tema das crônicas de Nárnia de Lewis é a busca de uma única história superior que dê sentido a todas as outras histórias, para que depois se adote essa história com prazer por sua capacidade de dar sentido e valor à vida. A narrativa de Lewis, todavia, levanta sutilmente questões mais angustiantes. Qual das histórias é a verdadeira? Quais histórias são meramente sombras e ecos? E quais são meras invencionices — contos elaborados como enganosas armadilhas?

Num estágio inicial em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, as quatro crianças ouvem histórias sobre as verdadeiras origens e o verdadeiro destino de Nárnia. Intrigadas, descobrem que precisam tomar decisões sobre quais pessoas e quais

histórias merecem sua confiança. Nárnia é *realmente* o reino da Feiticeira Branca? Ou seria ela uma usurpadora, cujo poder será anulado quando dois filhos de Adão e duas filhas de Eva ocuparem os quatro tronos em Cair Paravel? Nárnia é *realmente* o reino do misterioso Aslam, cujo retorno é esperado a qualquer momento?

Aos poucos, uma única narrativa emerge como absolutamente plausível — a história de Aslam. Cada história individual de Nárnia acaba sendo parte dessa narrativa maior. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* menciona (e parcialmente revela) esse quadro maior, que é expandido nas outras histórias da série de Nárnia. Essa "majestosa narrativa" de histórias entrelaçadas dá sentido aos enigmas que as crianças veem e sentem ao seu redor. Ela permite que as crianças entendam suas experiências com uma nova clareza e profundidade, como a lente de uma câmara focaliza uma paisagem com total nitidez.

Todavia, Lewis não inventou essa narrativa narniana. Ele a tomou emprestada, adaptando-a, de uma história que já conhecia bem e considerava verdadeira e confiável: a narrativa cristã da criação, queda, redenção e consumação final. Após sua conversa a altas horas da noite com Tolkien e Dyson sobre o mito verdadeiro do cristianismo em setembro de 1931, Lewis começou a captar o poder imaginativo e explanatório de uma fé "encarnacional". Como vimos no capítulo 6, Lewis passou a acreditar no cristianismo em parte por causa da qualidade de sua visão literária, sua capacidade de dar uma explicação fiel e realista da vida. Lewis foi assim atraído para o cristianismo não tanto pelos argumentos a favor dessa religião, mas por sua convincente visão da realidade que ele não pôde ignorar, e à qual, como os fatos comprovaram, não pôde resistir.

As crônicas de Nárnia são um recontar imaginativo da grande narrativa cristã, detalhada com ideias que Lewis absorveu da tradição literária cristã. Os temas teológicos básicos que Lewis apresentou em *Cristianismo puro e simples* aparecem transpostos para sua forma narrativa original em Nárnia, permitindo que a estrutura profunda do mundo seja vista com clareza e brilho: uma criação boa e bela é estragada e destruída pela queda, na qual o poder do criador é negado e usurpado. O criador entra então na criação para tomar o poder do usurpador e restaurar tudo mediante um sacrifício redentor. Todavia, mesmo depois da vinda do redentor, a luta contra o pecado e o mal continua, e não terminará até a restauração e transformação final de todas as coisas. Essa metanarrativa cristã — que os autores cristãos antigos chamavam de "economia

da salvação" — proporciona uma estrutura narrativa e um suporte teológico para as múltiplas histórias entretecidas nas crônicas de Nárnia.

A proeza notável de Lewis nas crônicas de Nárnia é permitir que seus leitores participem dessa narrativa — entrando na história, sentindo o que significa fazer parte dela. O livro *Cristianismo puro e simples* nos possibilita entender ideias cristãs; as histórias de Nárnia nos permitem entrar na história cristã e *experimentá-la*, julgá-la por sua capacidade de dar sentido à realidade e de "sintonizar-se" com nossas mais profundas intuições acerca da verdade, da beleza e da bondade. Se a série for lida na ordem de sua publicação, o leitor entra na narrativa em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que diz respeito à vinda — tecnicamente ao "advento" — do Redentor. *O sobrinho do mago* trata da narrativa da criação e da queda, enquanto *A última batalha* se refere ao fim da velha ordem e a chegada da nova criação.

Os outros quatro contos (*Príncipe Caspian*, *A viagem do Peregrino da Alvorada*, *O cavalo e seu menino* e *A cadeira de prata*) tratam do período entre esses dois eventos. Lewis explora aqui a vida de fé, vivida na tensão entre as vindas de Aslam: a passada e a futura. Aslam é agora simultaneamente objeto de memória e de esperança. Lewis fala de um intenso anseio por Aslam, quando ele não pôde ser visto claramente; de uma robusta, mas graciosa fé, capaz de suportar o cinismo e o ceticismo; de pessoas de caráter que caminham confiantes através da terra das sombras, vendo apenas "um reflexo obscuro, como em espelho" e aprendendo a lidar com um mundo no qual elas são assaltadas pelo mal e pela dúvida.

A obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* trouxe uma nova perspectiva às lutas cristãs contra a tentação e a dúvida através de sua engenhosa estrutura narrativa envolvendo um mestre-diabo e seu aprendiz. As crônicas de Nárnia têm um escopo e um alcance muito maiores, usando uma versão transposta de narrativa cristã para capacitar seus leitores a entender as ambiguidades e os desafios da vida de fé e a lidar com eles. Um envolvimento com Nárnia viabiliza e promove uma internalização mais sensata e madura da magnífica narrativa cristã. Poucas vezes uma obra literária combinou tanto vigor narrativo, discernimento espiritual e sabedoria pedagógica.

No capítulo seguinte, vamos explorar alguns aposentos e abrir algumas janelas, enfocando especialmente a primeira e, na minha avaliação, a melhor dentre as obras de Nárnia — *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

CAPÍTULO 12

NÁRNIA: EXPLORAÇÃO DE UM MUNDO IMAGINATIVO

HÁ DUAS MANEIRAS PRINCIPAIS DE EXPLORAR AS CRÔNICAS DE NÁRNIA. Uma delas — a mais fácil e, de longe, a mais natural — implica pensar em cada conto como cômodos de uma casa. Passeamos pela casa vendo seus cômodos e o que existe neles, descobrindo com prazer como eles se conectam por corredores e portas. Somos como turistas caminhando por uma nova cidade ou país, observando os diversos panoramas e nos divertindo. Não há nada de errado nisso. Nárnia, como qualquer linda paisagem, merece ser explorada e conhecida. E como a maioria dos turistas, nós podemos levar conosco um mapa de Nárnia para entender melhor o que vemos.

Mas há uma segunda maneira de ler os contos de Nárnia, que implica a imaginação como o principal órgão investigativo. Essa segunda maneira não invalida a primeira, mas se baseia nela e a aprofunda. Mais uma vez, pensamos nos contos de Nárnia como cômodos de uma casa. Mais uma vez, passeamos por ela, observando tudo. Entretanto, percebemos que *os cômodos dessa casa têm janelas*. E quando olhamos através delas, vemos o cenário de modo diferente. Conseguimos enxergar mais longe do que antes, à medida que a paisagem se descortina diante de nós. E o que passamos a enxergar não é um acúmulo de fatos individuais, mas o quadro maior que está por trás deles. Vista dessa maneira, nossa experiência imaginativa de Nárnia amplia nossa percepção da realidade. Depois disso, a vida no nosso mundo parece diferente.

Assim, explorar Nárnia não é apenas descobrir essa terra estranha e

maravilhosa; é também permitir que ela molde a maneira de vermos a nossa própria terra e vida. Usando o modo de falar de Lewis, podemos ver Nárnia como um *espetáculo*, algo a ser estudado por si só; ou então podemos vê-la, adicional ou alternativamente, como um *par de óculos*, algo que possibilita ver todas as outras coisas de uma maneira nova, quando são enfocadas nitidamente. A história nos cativa, levando-nos a ver as coisas à sua maneira, deixando de lado o que é ordinário e vendo, em vez disso, o extraordinário.



12.1 "Mapa de Nárnia", desenhado por Pauline Baynes.

Vamos então entrar no mundo de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e explorar esse estranho lugar e as novas maneiras de ver o que ele possibilita. E não há ponto melhor para começar do que com seu personagem principal, o magnífico leão Aslam.

Aslam: o desejo do coração

Como Lewis concebeu a ideia e imagem de um nobre leão como seu personagem principal? O próprio Lewis nega qualquer inspiração privilegiada nesse ponto. Certa vez ele observou: "Não sei de onde surgiu o leão ou por que ele surgiu. Mas depois que apareceu, ele amarrou toda a história". Não é, todavia, difícil sugerir possíveis explicações de como Aslam "tomou de assalto" a imaginação de Lewis.[1] O amigo íntimo de Lewis, Charles Williams, havia escrito um romance intitulado *The Place of the Lion* (1931), que Lewis havia lido com interesse, claramente calculando como a imagem poderia ser mais desenvolvida.

Para Lewis, o uso da imagem de um leão como personagem central fez sentido perfeitamente do ponto de vista literário e teológico. A figura do leão já era amplamente usada na tradição teológica cristã como uma imagem de Cristo, seguindo a referência a Cristo no Novo Testamento como o "Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi" (Ap 5.5). Além disso, a figura do leão é o símbolo tradicional associado à igreja da infância de Lewis, a paróquia anglicana de São Marcos, em Dundela, localizada nas rendodezas de Belfast. A casa pastoral da igreja, que Lewis frequentava regularmente quando criança, tinha uma aldraba com o formato de uma cabeça de leão. O emprego da imagem de um leão é relativamente fácil de entender. Mas que dizer do nome do leão?

Lewis descobriu o nome *Aslam* nas notas de Edward Lane à sua tradução de *As mil e uma noites* (1838). O nome *Aslam* é particularmente mais significativo na história colonial otomana. Até o fim da Primeira Guerra Mundial, a Turquia era um poder imperial, influenciando consideravelmente a política e a economia de muitas regiões do Oriente Médio. Embora Lewis ligue sua descoberta do termo a *As mil e uma noites*, é perfeitamente possível que ele também o tenha conhecido por meio do clássico estudo de Richard Davenport de 1838: *The Life of Ali Pasha, Vizier of Epirus: Surnamed Aslan, or the Lion* [Biografia de Ali Pasha, vizir de Épiro: apelidado Aslam, ou seja, o Leão]. Davenport havia publicado antes uma importante biografia de Edmund Spenser (1822), que Lewis teria conhecido ao pesquisar sobre o poeta. Essa linhagem otomana explica como Lewis passou a usar o nome turco "Aslam" para seu grande leão. "É o termo turco para Leão. Eu pessoalmente o pronuncio Ass-lam. E obviamente me refiro ao Leão de Judá".[2]

O aspecto mais característico do Aslam de Lewis é que ele evoca *assombro e*

deslumbramento. Lewis desenvolve esse tema em relação a Aslam enfatizando o fato de que o leão é *indômito* — uma criatura magnífica, assombrosa, que não foi domada por domesticação nem teve suas garras arrancadas para assegurar que ele não detivesse poder. Como o castor sussurra às crianças: "Ele é selvagem, sabe? Não é um leão *domado*".[3]

Para entender a força da descrição que Lewis faz de Aslam, precisamos avaliar a importância que ele atribuía à clássica obra religiosa de Rudolf Otto, *O sagrado* (1923). Essa obra, que Lewis leu pela primeira vez em 1936 e regularmente identificava como um dos mais importantes livros lidos por ele,[4] o persuadiu da importância do "numinoso" — qualidade misteriosa e assombrosa de certas coisas e seres reais ou imaginados, descritos por Lewis como aparentemente "iluminados por uma luz de outro mundo".[5]

Lewis dedica boa parte do capítulo inicial de *O problema do sofrimento* a uma análise da ideia de Otto, apresentando um exemplo literário específico de sua importância.[6] Lewis observa a passagem em *O vento nos salgueiros*, de Kenneth Grahame, na qual o Rato e a Toupeira abordam Pã:

> — Rato! — conseguiu sussurrar a Toupeira, tremendo. — Você está com medo?
>
> — Medo? — murmurou o Rato, tendo nos olhos o brilho de um amor indizível. — Medo? DELE? Claro que não, nunca! No entanto... Ah, Toupeira, eu estou com medo![7]

Essa passagem merece ser lida em toda a sua extensão, pois claramente influenciou o modo como Lewis descreveu o impacto de Aslam sobre as crianças e os animais de Nárnia. Por exemplo, Grahame conta que a Toupeira sentiu "um assombro que a afetou e prendeu; sem nada ver, ela sabia que isso só podia indicar que alguma augusta presença estava muito, muito próxima".[8]

O relato de Oto sobre experiências numinosas identifica dois tipos de temas: um *mysterium tremendum*, ou seja, uma sensação de mistério que evoca temor e tremor; e um *mysterium fascinans*, ou seja, um mistério que fascina e atrai. Para Otto, o numinoso pode assim aterrorizar ou energizar, causando uma sensação ou de medo ou de prazer, como sugere o diálogo em Grahame transcrito acima. Outros autores reformularam essa ideia em termos de uma "nostalgia pelo paraíso", que evoca uma esmagadora sensação de pertencer a outro lugar.

Ao descrever a reação das crianças à revelação sussurrada pelo Castor de que "Aslam está voltando — talvez já tenha chegado a Nárnia", Lewis apresenta

uma das mais belas descrições literárias do impacto do numinoso:

> E agora uma coisa muito curiosa aconteceu. Nenhuma das crianças sabia quem era Aslam, assim como você também não sabe; mas no momento em que o Castor proferiu essas palavras todos tiveram uma sensação muito diferente. Talvez isso tenha acontecido alguma vez com você num sonho em que alguém diz alguma coisa que você não entende, mas no sonho você tem a impressão de que aquilo tinha um significado enorme; ou aterrorizador, que transforma todo o sonho num pesadelo; ou então um significado maravilhoso, lindo demais para ser expresso em palavras, o que torna o sonho tão lindo que você o lembra a vida inteira, sempre desejando poder entrar naquele sonho de novo. Foi assim agora. Ao ouvir o nome de Aslam, cada uma das crianças sentiu algo exultar dentro de si.[9]

Lewis descreve em seguida como essa "numinosa" realidade afeta cada uma das quatro crianças de um modo muito diferente. Ela pode evocar temor e tremor ou uma sensação de inefável amor e anseio:

> Edmundo teve uma sensação de misterioso horror. Pedro se sentiu de repente corajoso e aventureiro. Susana sentiu um cheiro delicioso ou então uma melodia prazerosa que simplesmente flutuava a seu redor. E Lúcia sentiu o que você sente quando acorda de manhã percebendo que é o começo das férias ou o começo do verão.[10]

Os pensamentos de Susana se baseiam na clássica análise do "anseio" feita por Lewis, presente sobretudo no seu sermão *Peso da glória* de 1941, que fala desse desejo como "o perfume de uma flor que ainda não descobrimos" ou "o eco de uma melodia que ainda não ouvimos".[11]

Lewis está aqui apresentando, numa forma preliminar, mas mesmo assim poderosa, seu tema central de Aslam como o desejo do coração. Aslam evoca maravilhamento e assombro, e um "amor inefável." Até o nome *Aslam* fala às profundezas da alma. Como seria um encontro com ele? Lewis capta a complexa sensação de assombro misturado com anseio na reação de Pedro às declarações do Castor acerca do magnífico leão, que é "o Rei da floresta e o filho do grande Imperador-de-Além-Mar". "'Eu anseio vê-lo', disse Pedro, 'mesmo me sentindo assustado'".[12]

Neste ponto, Lewis transpõe um dos temas principais de obras como *Cristianismo puro e simples* para uma modalidade imaginativa. Há de fato um profundo vazio no seio da natureza humana, um anseio que ninguém pode satisfazer a não ser Deus. Usando Aslam como representante de Deus, Lewis constrói uma narrativa de ardente desejo e profundo anelo, matizada pela esperança de uma completa satisfação. Os escritos de Bertrand Russell (1872-

1970) — sem dúvida um dos mais articulados e influentes autores ateus da Grã-Bretanha do século 20 — sugerem vigorosamente que essa não é uma estratégia mal-orientada:

> Meu âmago é sempre e eternamente um sofrimento terrível [...] uma busca de algo além do que o mundo contém, algo transfigurado e infinito. A visão beatífica — Deus. Eu não a descubro, não acho que possa ser descoberta, mas o amor que sinto por ela é minha vida [...]. É a real fonte de vida dentro de mim.[13]

Quando Lúcia, perto do final de *A viagem do Peregrino da Alvorada*, declara de modo comovente que não suporta ficar separada de Aslam, ela repercute esse tema do profundo anseio do coração humano por Deus. Se ela e Edmundo voltarem para seu próprio país, temem nunca mais encontrar Aslam de novo.

> — Não é Nárnia, você sabe — soluçou Lúcia. — É *você*. Nós não vamos encontrar *você* por lá. E como podemos viver sem nunca mais encontrar você?
>
> — Mas vocês vão me encontrar, querida — disse Aslam.
>
> — Você... está também no nosso mundo? — perguntou Edmundo.
>
> — Estou — disse Aslam. — Mas lá eu tenho outro nome. Vocês precisam aprender a me conhecer por aquele nome. Esse foi o verdadeiro motivo pelo qual eu trouxe vocês para Nárnia: para que me conhecendo aqui por um breve espaço de tempo, possam me conhecer melhor lá.[14]

Usando Aslam como imagem ou tipo de Cristo, Lewis se posiciona no meio de uma longa e contínua tradição de figuras de Cristo presentes na literatura e em filmes, tais como o Santiago, o "velho" de *O velho e o mar* de Ernest Hemingway (1952).[15] Essas figuras de Cristo se encontram em todos os gêneros da literatura, inclusive em livros infantis. O sucesso fenomenal da série de romances sobre Harry Potter inclui vários desses temas. Gandalf é uma dentre muitas imagens de Cristo presente em *O senhor dos anéis* de Tolkien, cujo papel cristológico e suas associações foram enfatizados na recente versão dessa série épica para o cinema feita por Peter Jackson.[16]

Lewis desenvolve muitas das afirmações cristológicas do Novo Testamento nas crônicas de Nárnia, geralmente enfocando-as na pessoa de Aslam. Todavia, sua reelaboração mais intrigante de um tema teológico clássico talvez se refira à morte e ressurreição de Aslam em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

Que entendimento tem Lewis da expiação?

A magia mais profunda: expiação em Nárnia

Um dos principais temas na reflexão teológica do cristianismo diz respeito a como se deve interpretar a morte de Cristo na cruz, especialmente em relação à salvação da humanidade. As várias maneiras de interpretar a cruz, tradicionalmente mencionadas como "teorias da expiação", desempenham um papel central em discussões e debates cristãos através dos tempos. Lewis situa o relato da morte de Aslam pelas mãos da Feiticeira Branca dentro do contexto dessa corrente de pensamento. Mas que ideias o próprio Lewis elabora?

Antes de considerarmos essa questão, precisamos entender que Lewis não era um teólogo profissional nem um especialista do debate histórico dessa questão no seio da tradição cristã. Embora alguns tenham tentado relacionar Lewis com, por exemplo, o debate medieval entre Anselmo de Cantuária e Pedro Abelardo, não foi uma abordagem particularmente proveitosa. Lewis tende a conhecer ideias teológicas através de suas incorporações literárias. Não devemos, portanto, procurar teólogos profissionais para explorar ideias de Lewis sobre a expiação, mas sim a tradição literária inglesa — obras como *Piers Plowman* [Pedro Lavrador] de William Langland, *O paraíso perdido* de John Milton ou os "mistérios", isto é, autos medievais. É ali que vamos encontrar as abordagens que Lewis entretece em sua narrativa narniana.

A primeira discussão de Lewis sobre as abordagens da expiação aparece em seu livro *O problema do sofrimento* (1940). Lewis argumenta que qualquer *teoria* da expiação é secundária se comparada à sua *realidade*. Embora essas várias teorias pareçam úteis para algumas pessoas, Lewis observa que "elas não me fazem bem, e e não vou inventar outras".[17]

Lewis retoma esse tema em suas transmissões radiofônicas da década de 1940. Ali ele observa que, antes de se tornar cristão, ele sustentava a visão de que os cristãos têm necessariamente de assumir uma posição específica sobre o significado da morte de Cristo, especialmente de como ela propiciou nossa salvação. Uma teoria sobre esse assunto dizia que os seres humanos mereceram ser castigados por seu pecado, mas "Cristo se ofereceu para ser punido em nosso lugar, e assim Deus nos livrou do castigo". Depois de sua conversão, porém, Lewis acabou se convencendo de que essas teorias sobre a redenção têm importância secundária:

> O que acabei vendo mais tarde foi que nem essa teoria nem qualquer outra constitui o cristianismo. A crença central cristã é a de que a morte de Cristo de algum modo acertou nossas contas com Deus e nos proporcionou um novo recomeço. Teorias de como sua morte fez isso são outra questão.[18]

Em outras palavras, "teorias da expiação" não são o cerne do cristianismo; são tentativas de explicar seu funcionamento.

Temos aqui a característica resistência de Lewis à primazia da teoria em relação à realidade literária ou teológica. É perfeitamente possível "aceitar o que Cristo fez sem saber como isso funciona". Teorias são sempre, afirma Lewis, secundárias em relação àquilo que representam:

> Sabemos que Cristo foi morto em nosso favor; que sua morte lavou-nos os pecados; e que, morrendo, ele desarmou a própria morte. Essa é a fórmula. Esse é o cristianismo. É nisso que devemos crer. Quaisquer teorias que construirmos sobre como a morte de Cristo fez tudo isso são, a meu ver, muito secundárias: são meros planos ou diagramas que devemos deixar de lado se não nos servirem. E mesmo quando nos servem, essas teorias não devem ser confundidas com o fato em si.[19]

Tais reflexões não contradizem a real adoção de uma teoria dessa natureza; elas simplesmente contextualizam a teoria, insistindo em que esta é um plano ou diagrama que "não se deve confundir com o fato em si".

Uma das cenas mais chocantes e perturbadoras em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* é a morte de Aslam. Enquanto o Novo Testamento fala da morte de Cristo como fator de redenção da humanidade, Lewis apresenta a morte de Aslam como algo que, inicialmente, beneficia apenas uma única pessoa — Edmundo. Esse rapaz ingênuo cai nas garras da Feiticeira Branca. Alarmada com o fato de que a presença de seres humanos em Nárnia é um presságio do fim do seu reinado, ela tenta neutralizá-los, usando Edmundo como seu agente inconsciente. Em suas tentativas de garantir a boa vontade da feiticeira (e mais manjar turco), Edmundo engana seus irmãos. E esse ato traiçoeiro acaba se revelando um momento crítico do ponto de vista teológico.

A Feiticeira Branca exige um encontro com Aslam, e nessa ocasião ela declara que Edmundo, tendo cometido tal ato de traição, tornou-se seu súdito. Ela agora tem autoridade sobre ele e tem o direito de dispor de sua vida, direito que ela pretende exercer. A Magia Profunda inoculada em Nárnia no seu princípio pelo Imperador de Além-Mar estabeleceu "que todo traidor me pertence como legítima presa, e que para cada traição eu tenho direito a uma imolação".[20] Edmundo pertence à feiticeira. Sua vida é sua prenda. E ela exige seu sangue.

Então uma negociação secreta acontece, ignorada pelas crianças. Aslam

concorda em agir como um substituto de Edmundo. Ele morrerá para que Edmundo possa viver. Sem ter consciência do que está prestes a acontecer, Lúcia e Susana seguem Aslam enquanto ele caminha rumo à Mesa de Pedra, para ser atado e aceitar a própria morte pelas mãos da Feiticeira Branca. A cena é tão comovente quanto horrenda, e se assemelha em alguns pontos — não em todos — aos relatos do Novo Testamento sobre as horas finais de Cristo no Getsêmani e sua subsequente crucificação. Aslam é sacrificado, entre os uivos da multidão, que zomba do agonizante.

Uma das cenas mais comoventes em toda a série de Nárnia descreve como Susana e Lúcia se aproximam do leão morto, ajoelhando-se diante dele enquanto "beijavam seu rosto frio e acariciavam seu lindo pelame", chorando "até mais não poderem".[21] Lewis se mostra aqui imaginativo ao extremo, retrabalhando o tema das imagens e dos textos da piedade medieval, tais como o da clássica *Pietà* (a imagem do Cristo morto nos braços de sua mãe, Maria) e o texto do poema *Stabat Mater Dolorosa* (descrevendo o sofrimento e a dor de Maria no Calvário, enquanto chora a morte de Cristo).

Depois tudo inesperadamente se transforma. Aslam retorna à vida. As testemunhas desse momento dramático são somente Lúcia e Susana, num paralelismo com a insistência do Novo Testamento em que as primeiras testemunhas da ressurreição de Cristo foram três mulheres. As duas ficam atônitas e maravilhadas, atirando-se sobre Aslam e cobrindo-o de beijos. O que aconteceu?

> — Mas o que significa tudo isso? — perguntou Susana quando elas estavam um pouco mais calmas.
>
> — Significa — disse Aslam — que, embora a Feiticeira Branca soubesse da Magia Profunda, há uma magia ainda mais profunda que ela desconhecia. O que ela sabe remonta apenas à aurora do tempo. Mas se ela tivesse olhado mais para trás, para o silêncio e as trevas que antecederam a aurora do tempo, ela teria lido um sortilégio diferente. Ela ficaria sabendo que quando uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse imolada no lugar de um traidor, a Mesa se racharia e a própria Morte trabalharia de forma retroativa.[22]

Assim, Aslam revive e Edmundo é libertado de qualquer reinvindicação legítima da Feiticeira Branca.

E mais coisas vão acontecer. O pátio do castelo da Feiticeira Branca está repleto de narnianos que foram petrificados pela Feiticeira. Depois de sua ressurreição, Aslam arromba as portas do castelo, irrompe no pátio, sopra sobre as estátuas e as restaura para a vida. Finalmente, ele conduz o exército liberado

pelas portas arrombadas da outrora grande fortaleza para lutar pela liberdade de Nárnia. É um final dramático e altamente satisfatório para a narrativa.

Mas de onde vêm essas ideias? Todas elas derivam dos escritos da Idade Média — não de obras de teologia acadêmica, que geralmente criticavam essas abordagens muito visuais e dramáticas —, da literatura religiosa popular da época, que se comprazia com poderosas narrativas mostrando Satanás sendo vencido por Cristo, que é mais engenhoso e sagaz que ele.[23] De acordo com essas teorias populares da expiação, Satanás tinha direitos adquiridos quanto à posse de seres humanos pecadores. Deus não conseguia arrancar a humanidade das garras de Satã por nenhum meio legítimo. Mas o que aconteceria se Satanás ultrapassasse sua legítima autoridade e reivindicasse a vida de uma pessoa inocente, tal como Cristo, que, como Deus encarnado, estava isento de pecado?

Os grandes mistérios teatrais da Idade Média — como o círculo representado em York nos séculos 14 e 15 — dramatizavam como um Deus astuto e sagaz induzia Satã a ir além de seus direitos, perdendo, assim, todos. Um arrogante Satanás recebia seu merecido castigo, sob os brados de aprovação de toda a cidade reunida em assembleia. Um tema central dessa grande abordagem popular da expiação era a "Destruição do inferno": uma representação dramática do Cristo ressurreto arrombando as portas do inferno e libertando todos os que estavam aprisionados ali.[24] Dessa forma, toda a humanidade era libertada pela morte e ressurreição de Cristo. Em Nárnia, Edmundo é o primeiro a ser salvo por Aslam; os outros são resgatados para a vida mais tarde, quando Aslam sopra sobre as estátuas de pedra no castelo da Feiticeira.

A narrativa de Lewis em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* encerra todos os temas principais do drama medieval sobre a expiação: Satanás tendo direitos sobre a humanidade pecadora; Deus mostrando-se mais astuto que Satanás valendo-se da perfeição de Cristo; e Cristo arrombando as portas do inferno, libertando os prisioneiros. Essa figuração deriva dos grandes textos populares medievais que Lewis tanto admirava e apreciava.

Como devemos então interpretar essa ideia da expiação? A maioria dos teólogos avalia a teoria da expiação adotada por Lewis com um sorriso condescendente, considerando-a atabalhoada e confusa. Mas isso é entender mal a natureza das fontes de Lewis bem como suas intenções. Os autos teatrais da Idade Média conhecidos como "mistérios" visavam tornar as grandes abstrações

teológicas da expiação acessíveis, interessantes e sobretudo *envolventes*. Lewis fez sua abordagem pessoal desse método, mas as raízes históricas e o apelo imaginativo são muito evidentes.

Os sete planetas: simbolismo medieval em Nárnia

Cada uma das sete crônicas de Nárnia tem sua própria identidade literária distinta — uma "sensação" ou "atmosfera" que confere a cada romance de Nárnia seu devido lugar no septeto. Sendo assim, como teria Lewis preservado a unidade da narrativa do conjunto, conferindo, ao mesmo tempo, a individualidade característica de cada romance?

É uma questão clássica na história literária. Lewis certamente tinha consciência de que Richard Wagner (1813-1883) conseguiu manter a unidade temática de seu grandioso ciclo operístico *O anel dos nibelungos* servindo-se de motivos musicais recorrentes ao longo das quatro óperas do drama, atuando como fios que preservam a unidade do tecido. O que fez Lewis?

A leitura que Lewis fez do poeta isabelino renascentista Edmund Spenser (aprox. 1552-1599) o levou a descobrir e apreciar a importância de um recurso unificador que permitiu a Spenser unir complexas e diversas tramas, personagens e aventuras. Seu poema *The Faerie Queene* (1590-1596) é uma obra extensa, e Lewis percebeu que sua unidade e coesão foram preservadas por um magnífico recurso literário — uma ferramenta que ele mesmo usaria nas crônicas de Nárnia.

Que recurso é esse? De acordo com Lewis é algo muito simples: trata-se da Terra das fadas. Esta proporciona um lugar "tão excelente, espaçoso e vasto" que ali cabem todos os tipos de aventuras sem se perder a unidade delas. "A Terra das fadas em si garante a unidade — uma unidade não de trama, mas de *ambiente*."[25] Uma narrativa central une todos os sete livros de Spenser, ao mesmo tempo que proporciona espaço para uma "feira solta de histórias" subordinadas a sua estrutura central.

O mundo de Nárnia desempenha na narrativa de Lewis um papel paralelo ao da Terra das fadas de Spenser. Lewis percebia como uma narrativa complexa pode facilmente degenerar num monte de histórias desconexas. De algum modo, elas precisavam manter sua unidade. Talvez não seja por acaso que há sete livros nas crônicas de Nárnia, num paralelo com a estrutura — não com o conteúdo — do poema *The Faerie Queene* de Spenser. A terra de Nárnia permite

que Lewis confira uma unidade temática geral ao septeto. Mas como ele conferiu a cada romance sua aura literária distinta? Como ele garantiu que cada parte constituinte das crônicas de Nárnia tivesse, por si só, uma identidade coerente?

Os críticos e intérpretes de Lewis dedicaram muita atenção à decodificação do significado dos sete romances de Nárnia. Dentre todos os debates, o mais interessante é o seguinte: por que há *sete* romances? A especulação tem sido intensa. Já vimos que o poema *The Faerie Queene* de Spenser tem sete livros, sugerindo talvez que Lewis viu sua própria obra assemelhando-se ao clássico isabelino. E talvez se assemelhe mesmo — mas, nesse caso, apenas em aspectos muito específicos, como o papel unificador da Terra das fadas na complexa narrativa. Ou seria talvez uma alusão aos sete sacramentos? É possível, mas Lewis era anglicano, não católico romano, e reconhecia apenas dois sacramentos. Ou talvez seja uma alusão aos sete pecados capitais. É possível, entretanto qualquer tentativa de vincular os romances a pecados específicos, como a soberba e a luxúria, parece lamentavelmente forçada e artificial. Por exemplo, qual das crônicas de Nárnia se concentraria no pecado da *gula*? Em meio ao entulho dessas sugestões implausíveis, emergiu recentemente uma alternativa: Lewis teria sido influenciado por aquilo que John Donne, o grande poeta do século 17, chamou de "a Heptarquia, os sete reinos dos sete planetas". Para nossa surpresa, essa alternativa aparentemente funciona.

Essa ideia foi apresentada pela primeira vez em 2008 por Michael Ward, estudioso oxfordiano de Lewis.[26] Observando a importância que Lewis atribui aos sete planetas em seus estudos de literatura medieval, Ward sugere que os romances de Nárnia refletem e incorporam a característica temática associada aos sete planetas, nesta visão medieval de mundo "ultrapassada". Na visão de mundo anterior a Copérnico, predominantemente adotada na Idade Média, a Terra era concebida como estacionária; sete "planetas" giravam ao redor dela. Os planetas medievais eram o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Lewis não inclui Urano, Netuno e Plutão, pois estes só foram descobertos nos séculos 18, 19 e 20, respectivamente.

Nesse caso, que Lewis está fazendo? Ward não sugere que Lewis retoma a cosmologia anterior a Copérnico, nem que ele endossa o arcano mundo da astrologia. Sua ideia é muito mais sutil, e tem um enorme potencial imaginativo. Para Ward, Lewis considerou os sete planetas como parte de um

sistema simbólico imaginativamente satisfatório e poeticamente rico. Lewis tomou, portanto, as características imaginativas e emotivas que a Idade Média associava com cada um dos planetas e as vinculou a cada um de seus sete romances da seguinte forma:

1. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*: Júpiter
2. *Príncipe Caspian*: Marte
3. *A viagem do Peregrino da Alvorada*: Sol
4. *A cadeira de prata*: Lua
5. *O cavalo e seu menino*: Mercúrio
6. *O sobrinho do mago*: Vênus
7. *A última batalha*: Saturno

Por exemplo, Ward argumenta que *Príncipe Caspian* mostra a influência temática de Marte.[27] Isso se percebe em dois níveis. Primeiro, Marte era o antigo deus da guerra (*Mars Gradivus*). Isso imediatamente se vincula ao predomínio da linguagem, imagens e questões militares desse romance. As quatro crianças da família Pevensie chegam a Nárnia "no meio de uma guerra", a "Guerra da Libertação", como é denominada mais tarde na série, ou a "Guerra Civil", como se lê no "Esboço da História de Nárnia" do próprio Lewis.

Todavia, numa fase anterior da tradição clássica, Marte era também o deus da vegetação (conhecido como *Mars Silvanus*), associado a árvores frondosas, bosques e florestas. O mês de março, que marca o início da primavera no hemisfério norte, durante o qual a vegetação retorna à vida depois do inverno, recebeu seu nome em homenagem a essa divindade. Muitos leitores de *Príncipe Caspian* notaram sua ênfase na vegetação e nas árvores. Essa intrigante associação acomoda-se, argumenta Ward, com muita facilidade no ideário medieval de Marte.

Se Ward estiver certo, Lewis construiu cada romance à luz da atmosfera associada com um dos planetas da tradição medieval. Isso não significa necessariamente que esse simbolismo determina a trama de cada romance, ou da série em geral; mas isso nos ajuda a entender algo da identidade temática e da qualidade estilística de cada romance.

Geralmente se aceita que a análise de Ward gerou novas maneiras importantes de analisar a série de Nárnia, embora uma discussão e avaliação

posterior possa levar à modificação de alguns detalhes. Há claramente mais coisas a dizer sobre o gênio imaginativo de Lewis do que avaliaram seus primeiros intérpretes. Se Ward estiver certo, Lewis usou temas extraídos de seu campo de especialidade — literatura medieval e renascentista — para conferir coerência às crônicas de Nárnia como um todo, conferindo ao mesmo tempo a cada romance sua identidade distintiva.

A terra das sombras: reelaboração da caverna de Platão

"Tudo está em Platão, tudo em Platão. Santo Deus, ensina-se cada coisa nessas escolas!"[28] Lewis coloca essas palavras na boca do lorde Digory em *A última batalha*, quando ele tenta explicar que a "antiga Nárnia", que tinha historicamente um começo e um fim, era de fato "apenas uma sombra ou cópia da verdadeira Nárnia que sempre esteve e sempre estará aqui".[29] Um tema central de muitos dos escritos de Lewis é que vivemos num mundo que é uma "clara sombra" de algo maior e melhor. O mundo presente é uma "cópia" ou "sombra" do mundo real. Essa ideia se encontra tanto no Novo Testamento em formas diferentes, especialmente em Hebreus, como na grande tradição literária e filosófica inspirada pelo filósofo grego clássico, Platão (aprox. 424-348 a.C.).

Vemos esse tema desenvolvido em *A última batalha*, o ponto climático da épica de Nárnia. Lewis nos convida a imaginar uma sala com uma janela com vista para um lindo vale ou uma ampla vista do mar. Numa parede do lado oposto à janela há um espelho. Imagine olhar pela janela, e depois virar-se e ver a mesma coisa refletida no espelho. Qual é, pergunta Lewis, a relação entre essas duas maneiras de olhar para as coisas?

> O mar no espelho ou o vale no espelho eram, num certo sentido, iguais ao mar ou ao vale reais. No entanto, eram um pouco diferentes — mais profundos, mais maravilhosos, mais parecidos com lugares presentes numa história: numa história que nunca se ouviu, mas que sempre se quis conhecer. A diferença entre a antiga Nárnia e a nova Nárnia era assim. A nova era um campo mais profundo: cada rocha, cada flor, cada folha de relva dava a impressão de ter um significado ainda maior.[30]

Vivemos na terra das sombras, onde ouvimos ecos da música do céu, captamos suas cores vibrantes e discernimos sua suave fragrância no ar que respiramos. Mas não se trata da realidade em si; é um sinal indicador de direção, que com excessiva facilidade é tomado como a realidade.

A imagem de um espelho ajuda Lewis a explicar a diferença entre a antiga

Nárnia (que deve desaparecer) e a nova Nárnia. Todavia, a mais importante imagem platônica empregada por Lewis talvez se encontre em *A cadeira de prata*: a caverna de Platão. No seu diálogo *A República*, Platão pede que seus leitores imaginem uma caverna escura, na qual um grupo de pessoas mora desde que nasceram. Elas ficaram a vida inteira presas ali dentro, e não conhecem nada do mundo. Num ponto extremo da caverna, arde um fogo forte, proporcionando-lhes luz e calor. Quando as chamas se elevam, projetam sombras na parede da caverna. As pessoas observam essas sombras projetadas na parede diante de si e indagam o que representam. Para quem mora na caverna, o mundo das bruxuleantes sombras é tudo o que se conhece. A apreensão que têm da realidade limita-se àquilo que elas enxergam e experimentam nessa escura prisão. Se existe um mundo além da caverna, trata-se de algo que elas desconhecem e não conseguem imaginar. Elas só conhecem as sombras.

Lewis explora essa ideia por meio de sua distinção entre o "mundo superior" e o "mundo inferior" em *A cadeira de prata*. Os habitantes do mundo inferior, como as pessoas presas na caverna de Platão, acreditam que não existe outra realidade. Quando o príncipe narniano fala de um mundo superior, iluminado pelo sol, a Feiticeira argumenta que ele está simplesmente inventando, copiando realidades do mundo inferior. O príncipe tenta então usar uma analogia para ajudar sua plateia a entender esse ponto:

> — Vocês estão vendo aquela lâmpada? É redonda e amarela e ilumina toda a sala, e além disso ela pende do teto. Ora, aquilo que denominamos o sol é como a lâmpada, só que é muito maior e muito mais brilhante. Ele ilumina todo o mundo superior e pende do céu.
>
> — Pende de onde, meu senhor? — perguntou a Feiticeira. E, em seguida, enquanto a plateia ainda estava pensando em como lhe responder, ela acrescentou, com outra de suas suaves, sonoras risadas — Está vendo? Quando você tenta imaginar com clareza como deve ser esse *sol*, não sabe me dizer. Só pode dizer que parece uma lâmpada. O seu *sol* é um sonho; e não há nada nesse sonho que não tenha sido copiado da lâmpada. A lâmpada é a coisa real; o *sol* é uma história, um conto infantil.[31]

Então Jill intervém: E que me diz de Aslam? Ele é um *leão*! A Feiticeira, agora um pouco menos confiante, pede que Jill fale sobre leões. Como é que eles são? Bem, são como um gato enorme! A Feiticeira se ri. Um leão é apenas um gato imaginado, maior e melhor do que a coisa real. "Vocês não conseguem introduzir coisa alguma em sua ficção sem copiá-la do mundo real, este meu mundo, que é o único mundo".[32]

A maioria dos leitores dessa seção do livro vai sorrir neste ponto, percebendo que uma argumentação aparentemente sofisticada é claramente anulada pelo contexto em que Lewis a insere. Lewis, todavia, a emprestou de Platão — embora empregando Anselmo de Cantuária e René Descartes como intermediários — seguindo assim a sabedoria clássica para afirmar uma ideia essencialmente cristã.

Lewis tem plena consciência de que Platão tem sido visto através de uma série de lentes, sendo-lhe mais familiares as de Plotino, Agostinho e da Renascença. Os leitores das obras *Alegoria do amor*, *The Discarded Image* [A imagem descartada], *English Literature in the Sixteenth Century* [Literatura inglesa no século 16] e *Spenser's Images of Life* [Imagens spenserianas da vida] perceberão que Lewis muitas vezes enfatiza como Platão e os neoplatônicos influenciaram, em grande medida, autores cristãos medievais e renascentistas. A proeza de Lewis consiste em inserir temas e imagens cristãos em sua literatura infantil de forma tão natural que poucos, talvez nenhum, de seus jovens leitores percebem em Nárnia sua tutoria filosófica e sua fundamentação num mundo intelectual anterior. Tudo faz parte da tática de Lewis de expandir a mente ao expô-la a essas ideias de forma imaginativa altamente acessível.

O problema do passado em Nárnia

Qualquer pessoa que leia pela primeira vez *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* provavelmente se impressione com suas imagens medievais — suas régias cortes, seus castelos e elegantes cavaleiros. Isso tem pouca relação com o mundo de 1939 do qual provêm as quatro crianças, ou com o mundo dos leitores subsequentes. Estaria Lewis estimulando seus leitores a refugiar-se no passado para escapar da realidade da vida moderna?

Sem dúvidas, há pontos nos quais Lewis acredita que o passado é preferível ao presente. Por exemplo, as cenas de batalha de Lewis tendem a enfatizar a importância da ousadia e da coragem no combate pessoal. A batalha tem a ver com confrontos corpo a corpo, em condições iguais, entre adversários nobres e honrados; situações nas quais a matança é lamentavelmente necessária para se garantir a vitória. Isso está muito distante da atividade bélica que o próprio Lewis provou nos campos de Arras no fim de 1917 e início de 1918, onde uma tecnologia impessoal arremessava explosivos mortais à distância, muitas vezes destruindo amigos bem como inimigos. Não havia nada de ousado ou corajoso

na artilharia moderna ou nas metralhadoras. O combatente quase nunca conseguia ver quem o abatia.

Lewis, no entanto, não espera que seus leitores se refugiem numa recriação imaginária e nostálgica da Idade Média. Muito menos nos estimula a reinventar seus ideiais e valores. Em vez disso, Lewis nos proporciona uma maneira de pensar por meio da qual podemos julgar nossas próprias ideias e perceber que estas não são necessariamente "certas" por serem modernas. Na série de Nárnia, Lewis apresenta um estilo de pensar e viver no qual tudo se encaixa num modelo de universo singular, complexo e harmonioso — a "imagem descartada" que Lewis explora em muitos de seus escritos de sua fase intelectual final. Com isso, ele nos convida a reconsiderar nosso modo presente de pensar a fim de refletirmos perguntando se perdemos alguma coisa em nossa jornada e se ainda poderíamos recuperá-la.

No entanto, há um problema aqui. Os leitores das crônicas de Nárnia de hoje têm de dar um duplo salto de imaginação; não simplesmente para imaginar Nárnia, mas para imaginar o mundo do qual provêm seus quatro visitantes originais, formados por pressupostos, esperanças e medos da sociedade inglesa após a Segunda Guerra Mundial. Quantos leitores atuais de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* — sorrindo ante a sedução que o manjar turco exerce sobre Edmundo (embora não sabendo o que fosse essa misteriosa iguaria) — se dão conta de que o racionamento de doces não terminou na Inglaterra antes de fevereiro de 1953, quatro anos depois que o livro foi escrito? O modesto luxo das festas narnianas contrasta diametralmente com a austeridade do pós-guerra britânico, durante o qual até alimentos básicos eram escassos. Para avaliar todo o impacto da série sobre seus leitores originais, é preciso entrar num mundo que passou e em outro imaginado.

Em vários pontos, isso é problemático para leitores contemporâneos. A mais óbvia dessas dificuldades diz respeito às crianças presentes em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que são meninas e meninos brancos da classe média inglesa, com expressões um tanto afetadas, do tipo "Meu Deus do céu, que diacho!". A fala dos personagens de Lewis provavelmente soava um pouco sem naturalidade e artificial mesmo aos ouvidos do público de 1950. Muitos leitores de hoje precisam de um dicionário de cultura para entender o jargão de estudante de Pedro, contendo expressões como "Old chap!" [Meu chapa!], "By Jove!" [Pelas barbas do profeta!] e "Great Scott!" [Cruz credo!].

Mais problemáticas, porém, são algumas das atitudes sociais da classe média

inglesa durante as décadas de 1930 e 1940 — e por vezes as da infância do próprio Lewis na década de 1910 — profundamente incrustadas nos contos de Nárnia. A mais óbvia dentre elas diz respeito às mulheres. É obviamente injusto criticar Lewis por não antecipar as atitudes culturais do ocidente do século 21 sobre este assunto. Apesar disso, alguns críticos argumentaram que Lewis reserva papéis secundários às personagens do sexo feminino ao longo das crônicas de Nárnia, e gostariam que ele se tivesse libertado dos papéis tradicionais do gênero daquela época.

O caso de Susana é muitas vezes escolhido para um comentário especial. Embora desempenhe um papel importante em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, ela está conspicuamente ausente no volume final da série, *A última batalha*. Philip Pullman, o crítico mais ácido de Lewis nos últimos tempos, declara que Susana "foi para o inferno porque estava ficando interessada em roupas e rapazes".[33] A intensa hostilidade de Pullman em relação a Lewis parece subverter qualquer tentativa séria de sua parte de fazer uma análise comprovada e objetiva. Como sabem todos os leitores da série de Nárnia, em nenhum momento Lewis sugere que Susana "foi para o inferno", e muito menos que isso teria sido por um interesse dela em "rapazes".

No entanto, Susana ilustra uma preocupação que alguns comentaristas recentes expressaram acerca das histórias de Nárnia, em específico, que essas histórias tendem a privilegiar agentes do sexo masculino. Será que Nárnia teria sido diferente se Lewis tivesse conhecido uma Ruth Pitter ou uma Joy Davidman na década de 1930?

É, porém, importante ser justo com Lewis neste ponto. Apesar do predomínio dos papéis masculinos no contexto cultural de seu tempo, os papéis de gênero nas crônicas de Nárnia tendem a ser imparcialmente equilibrados. De fato, há um personagem humano predominante nas crônicas de Nárnia, e seu papel é desempenhado por uma figura feminina. Lúcia é a protagonista de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Ela é a primeira a ter acesso a Nárnia, e é o ser humano que mais se aproxima de Aslam. Ela desempenha um papel importante em *Príncipe Caspian*, e profere as palavras finais do diálogo humano no fim de *A última batalha*. Lewis estava à frente das visões britânicas do papel dos gêneros durante a década de 1940, quando as crônicas de Nárnia foram concebidas. Agora ele ficou para trás, mas nem tanto quanto sugerem seus críticos.

Precisamos agora deixar o reino imaginado de Nárnia e voltar para o

mundo real de Oxford no início da década de 1950. Como já observamos, Lewis estava ficando cada vez mais pressionado e isolado. O que poderia ele fazer sobre isso?

PARTE 4

CAMBRIDGE

A TRANSFERÊNCIA PARA CAMBRIDGE: MAGDALENE COLLEGE

ERA ÓBVIO PARA OS AMIGOS DE LEWIS que ele não se havia adequado pronta e facilmente a Oxford do pós-guerra. O próprio Lewis estava penosamente consciente de ser uma figura isolada naquele contexto no início da década de 1950. Em pelo menos três ocasiões, ele fora preterido em indicações para cargos avançados. Seus relacionamentos no âmbito do corpo docente eram muitas vezes turbulentos e desagradáveis. A correspondência de Lewis durante o mês de maio de 1954 menciona abertamente uma "crise" no seio da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa na Universidade Oxford que o tentava "ao ódio muitas vezes por dia".[1]

Um ano antes, essa faculdade votara a favor de ampliar o período contemplado em seu currículo — que ia até 1830 — para 1914, permitindo assim que seus alunos estudassem a literatura da época vitoriana. Olhando para trás, muitos achariam hoje que esse foi um avanço bastante razoável, particularmente à luz da criatividade literária daquela época importante. No entanto, foi uma medida desaprovada com vigor por Lewis e, talvez de modo menos agressivo, por Tolkien. Essa ameaça ao *statu quo*, embora não obtivesse sucesso, foi desestabilizador para Lewis, enfatizando sua sensação de isolamento em Oxford. A Faculdade de Língua e Literatura Inglesa cada vez mais se unia em torno dos "modernizadores", deixando Lewis perigosamente só.

Embora a série de Nárnia — escrita durante os últimos anos de Lewis em Oxford, entre 1949 e 1954 — tivesse conseguido um estrondoso sucesso, a correspondência de Lewis sugere que ele via a si mesmo numa maré de baixa criatividade durante os anos de 1949 a 1950. Apesar de sua correspondência sugerir uma recuperação pelo menos parcial de sua habilidade criativa perto do final de 1951, Lewis continuou imaginativamente paralisado por algum tempo. Apesar do considerável sucesso de *Cristianismo puro e simples* do ponto de vista comercial e popular, essa obra não era um livro novo, mas sim uma reelaboração de quatro séries de palestras radiofônicas do início da década de 1940. A obra mais importante de Lewis nesse período foi *English Literature in the Sixteenth Century, Excluding Drama* (1954), que foi fruto de uma alentada pesquisa literária, e não de uma criativa composição original. Além disso, a realização dessa obra colossal o havia exaurido, sugando-lhe tanto a energia como a criatividade que o caracterizaram na juventude.

Lewis também estava estressado pela sobrecarga de trabalho. O crescente ingresso de alunos na Universidade de Oxford no pós-guerra criava sérias dificuldades para Lewis, cujas responsabilidades tutoriais se tornaram agora excessivas. No Magdalen College, o número de alunos crescia. A quantidade de graduados permanecera constante durante a década de 1930 (em torno de 40 alunos) antes de afundar para os índices mais baixos durante os anos de 1939 a 1945. Em 1940, havia 16 alunos de graduação; em 1944, apenas 10. Depois da guerra, os números subiram muito. Em 1948, havia 84 alunos; em 1952, 76.[2] A sobrecarga tornou-se insuportável para Lewis e interferia claramente em sua pesquisa acadêmica e em sua criação literária. Embora a BBC lhe tivesse aberto uma porta para a apresentação de programas radiofônicos, Lewis teve de recusar a oferta devido à pressão no trabalho.[3]

No entanto, o que mais poderia ele fazer? E para onde mais poderia ir? Não parecia haver uma saída óbvia para o seu dilema.

A nova cátedra em Cambridge

Uma possível resposta, que Lewis ignorava, emergia em consequência de mudanças na grande rival acadêmica de Oxford — a Universidade de Cambridge. A imprensa havia mencionado Lewis como um possível candidato à cátedra Rei Eduardo VII de Língua e Literatura Inglesa em Cambridge, depois da morte de *sir* Arthur Quiller-Couch em maio de 1944. No fim daquele ano,

houve muitos boatos de que a prestigiosa cátedra fora oferecida a Lewis.[4] Até mesmo figuras exponenciais da BBC lhe escreveram perguntando quando ele assumiria a cátedra em Cambridge.[5] Mais uma vez, porém, os boatos não deram em nada. No fim, a cátedra foi ocupada em 1946 por Basil Willey (1897-1978), um estudioso da literatura e historiador erudito de grande prestígio.

No início da década de 1950, a Universidade de Cambridge tinha uma das mais sofisticadas faculdades de Inglês do mundo. Sua personalidade dominante era F. R. Leavis (1895-1978), cuja abordagem de crítica literária Lewis detestava. Leavis, porém, não era popular em Cambridge. Ele fez inimigos — entre eles, Stanley Bennett (1889-1972), membro do Emmanuel College e professor-convidado de Inglês. Mestre em políticas da universidade e no comércio de cavalos, Bennett não tinha nenhuma dúvida sobre o que faltava à faculdade de Inglês de Cambridge — uma segunda cátedra, para complementar a existente cátedra Rei Eduardo VII. Essa nova posição, acreditava Bennett, precisava ocupar-se de língua e literatura inglesa medieval e renascentista. Talvez ainda mais importante, Bennett tinha perfeitamente claro em sua mente quem deveria ser seu primeiro ocupante: C. S. Lewis, de Oxford, um poderoso e qualificado crítico da abordagem de Leavis. E Bennett conhecia suficientemente bem as políticas da universidade para fazer isso acontecer.

O anúncio apareceu no dia 31 de março de 1954, com a data-limite das inscrições em 24 de abril.[6] No dia 10 de maio, Bennett juntou-se a outros sete acadêmicos para eleger o primeiro catedrático de literatura inglesa medieval e renascentista numa reunião presidida pelo vice-chanceler, *sir* Henry Willink (1894-1973), que era também professor do Magdalene College. Dois dos eleitores eram de Oxford: o antigo tutor de Lewis no University College, F. P. Wilson, e o mais íntimo colega e (ainda) amigo de Lewis, J. R. R. Tolkien.[7] Lewis, porém, não se havia candidatado para o posto. A comissão decidiu ignorar essa inconveniente formalidade. Entusiástica e unanimemente, ela decidiu oferecer o cargo a Lewis, tendo Helen Gardner — então professora de Inglês no St. Hilda's College de Oxford — como segunda opção.[8]

Willink escreveu pessoalmente a Lewis oferecendo-lhe o posto, enfatizando sua extraordinária importância. Os eleitores, declarou ele, "foram unânimes em mostrar entusiasmo e sinceridade num grau inexcedível, convidando-o como primeiro ocupante daquela que será, em nossa compreensão, uma cátedra de grande valor para a universidade".[9] As vantagens do posto para Lewis eram

óbvias. Sua transferência para Cambridge não apenas livraria Lewis de uma situação que, sabidamente, ele considerava difícil, como também eliminaria qualquer responsabilidade de sua parte em relação à tutoria de alunos da graduação, o que o libertaria para dedicar seu tempo à pesquisa e à escrita. E seu salário seria triplicado.

Lewis respondeu a Willink imediatamente, declinando do posto.[10] Tanto na forma quanto em seu conteúdo, a resposta de Lewis é um tanto intrigante. Ele respondeu à oferta com uma presteza quase indecente, apresentando razões, que não parecem nada convincentes, pelas quais recusava o posto. Lewis sugeriu que não estava em condições de mudar-se para Cambridge, pois perderia os serviços de Fred Paxford, seu jardineiro e ajudante. Ele, de qualquer modo, já estava velho demais para ocupar uma nova cátedra. Eles precisavam de alguém mais jovem e com mais energia.

Lewis, no entanto, nem se deu ao trabalho de perguntar sobre as condições do novo posto — inclusive sobre a importante questão de ter de se mudar para Cambridge. Tampouco parece ter-lhe ocorrido que os eleitores de Cambridge sabiam de sua idade, que não era extraordinária para um cargo sênior.

Willink não se impressionou com os fracos motivos apresentados por Lewis para não aceitar o posto, e provavelmente se sentiu um pouco magoado com a pressa com que Lewis havia desprezado a oferta de Cambridge. Ele escreveu novamente a Lewis, insistindo em que ele reconsiderasse sua posição.[11] Novamente, Lewis recusou. Já não havia mais nada que Willink pudesse fazer, a não ser oferecer o posto a Helen Gardner.

Tolkien, porém, era feito de uma têmpera mais resistente. Na manhã do dia 17 de maio, ele confrontou Lewis na presença de Warnie discutindo suas razões em recusar a cátedra. O verdadeiro problema, logo percebido por Tolkien, era que Lewis havia interpretado mal o critério da Universidade de Cambridge em relação à residência de seus professores. Lewis havia pressuposto que seria necessário mudar-se definitivamente para Cambridge, deixando para trás seu amado The Kilns, Paxford e Warnie.

Tolkien havia corretamente percebido que poderia haver certa flexibilidade nesse ponto. Imediatamente depois do seu encontro com Lewis, ele escreveu duas cartas. Primeiro, para explicar a Willink que Lewis precisava manter sua residência em Oxford e ter um alojamento em Cambridge grande o suficiente para abrigar a maioria de seus livros.[12] Segundo, para expressar

confidencialmente a Bennett sua convicção de que Cambridge teria Lewis, apesar do rumo infeliz dos acontecimentos. Eles só precisavam ter paciência. No dia 19 de maio, Lewis também escreveu a Willink para esclarecer a situação. Se ele de fato pudesse manter sua casa em Oxford, morando em Cambridge durante os dias da semana, então reconsideraria a oferta.

Mas já era tarde demais. No dia 18 de maio, Willink havia escrito a Helen Gardner, segunda opção de Cambridge, oferecendo-lhe o cargo.[13] Com certo atraso, ele confirmou para Lewis que as exigências da universidade em relação à residência eram totalmente abertas, permitindo que Lewis morasse em Oxford nos fins de semana durante todo o trimestre letivo e residisse lá nos períodos de recesso escolar. Mas agora havia uma questão acadêmica. Willink informou que uma carta endereçada à "segunda opção" — Lewis nunca soube da identidade dessa pessoa — já havia sido despachada.[14] O caso estava agora encerrado.

Porém não estava. No dia 19 de maio, o professor Basil Willey — um dos eleitores de Cambridge para a nova cátedra — escreveu confidencialmente a Willink. Parecia "muito provável" que Helen Gardner declinaria do posto que acabara de ser-lhe oferecido.[15] Willey não deu nenhuma indicação da procedência dessa informação, nem explicou a grande probabilidade de Gardner recusar a oferta de Cambridge.[16] Mas ele estava certo.

Depois de deixar passar o adequado intervalo de praxe para mostrar que ela havia considerado a oferta — algo que Lewis tão conspicuamente deixara de fazer —, Helen Gardner delicadamente recusou a cátedra no dia 3 de junho. Ela não explicou os motivos de sua decisão. Todavia, depois da morte de Lewis, Gardner revelou que, naquela ocasião, ela havia captado rumores de que ele agora queria a cátedra, e que ela mesma acreditara que Lewis era seu ocupante ideal.[17] Sua recusa do posto refletiu seu conhecimento de quem ocuparia o cargo em consequência de seu gesto. Tão aliviado quanto satisfeito com o diplomático golpe de mestre de Gardner, Willink escreveu novamente a Lewis: "A segunda opção declinou, e eu alimento todas as esperanças de que, afinal, Cambridge conseguirá a aceitação da primeira opção". Ele também mencionou que sua própria faculdade, o Magdalene College, poderia oferecer-lhe o alojamento de que ele precisava.[18]

Foi o bastante. O negócio estava feito. Lewis concordou com sua indicação para a nova cátedra que passaria a vigorar em 1º de outubro de 1954, mas ele não teria de assumir o posto até janeiro de 1955, o que lhe permitiria tempo

para fazer seus acertos em Oxford.[19] A saída de Lewis do Magdalen College criou no corpo docente uma vaga que precisava ser preenchida. Seus aliados na faculdade logo decidiram quem queriam como seu sucessor. Quem melhor para suceder Lewis do que Owen Barfield?[20] Essa proposta, porém, foi derrotada, e Lewis acabou sendo sucedido por Emrys L. Jones.

A transferência para Cambridge foi uma decisão sábia? Alguns duvidaram disso. John Wain, um dos ex-alunos de Lewis, sugeriu que foi como "trocar um roseiral descuidado, que já passara do estágio de plena floração, por uma estação de pesquisa hortícula na Sibéria".[21] A interpretação de Wain neste caso era ideológica, não meteorológica. Ele não estava pensando primeiramente nos gelados ventos do leste, vindos dos Urais, que podem congelar Cambridge no inverno, mas na fria atitude clínica para com a literatura que predominava na faculdade de Inglês de Cambridge. Lewis estava entrando na cova de um leão — uma faculdade que valorizava a "teoria crítica" e tratava os textos como "objetos" de uma dissecação analítica em detrimento do prazer e da expansão intelectual.

Outros se perguntaram se o deslocamento com suas idas e vindas durante todo o trimestre letivo não desgastaria Lewis. Contudo, do jeito que as coisas evoluíram, Lewis se mostrou capaz de lidar com essa nova rotina. Ele residia em seu confortável alojamento revestido de madeira no Magdalene College nos dias letivos e voltava para Oxford nos fins de semana, tomando um trem direto de Cambridge para a estação Rewley, de Oxford. Esse trem era popularmente conhecido como o "Cantab Crawler" [Rastejante de Cambridge] — por se "arrastar", parando em todas as estações e levando três horas para cobrir 128 quilômetros — ou como a "Brain Line" [Linha Intelectual, num trocadilho com a *main line*, linha principal], no sentido de que essa era a rota usada por acadêmicos das duas universidades. Nem a linha, nem a estação de Oxford com esse nome estão em atividade hoje em dia.



13.1 Magdalene College, Cambridge, visto do rio Cam em 1955.

Alguns acharam que Lewis se empenhou demais para adequar-se ao Magdalene College de Cambridge, talvez refletindo seu medo de não ser aceito em sua recém-adotada escola. Richard Ladborough, membro e bibliotecário da faculdade de 1949 a 1972, sentiu que Lewis se esforçava demais para garantir sua aceitação no Magdalene, cultivando um vozeirão retumbante e a bonomia de um "camponês feliz da vida" como uma forma de disfarçar sua timidez pessoal e fobia social. Poderia a timidez de Lewis ser confundida com uma forma de agressividade? No fim, porém, ele foi aceito mais prontamente do que ousara esperar.

No fim do seu primeiro ano letivo em Cambridge, Lewis sentiu-se capaz de "declarar que a transferência para Cambridge fora um grande sucesso". O Magdalene College, em Cambridge, era um "lugar menor, mais tranquilo e agradável" do que o Madgalen College, em Oxford. Comparada à cidade de Oxford, cada vez mais industrializada, Cambridge era uma cidade comercial do interior, "encantadoramente pequena", que permitia a Lewis fazer "verdadeiros passeios pelos campos" sempre que quisesse. "Todos os meus amigos me dizem que pareço mais jovem".[22]

Renascença: a aula inaugural em Cambridge

O sucesso da aula inaugural de Lewis como primeiro professor de Cambridge de língua e literatura inglesa medieval e renascentista pode ter contribuído para seu animado estado de espírito. A palestra foi proferida às 17 horas na maior sala de conferências que as ciências humanas de Cambridge tinham a sua disposição, na data do 56º aniversário de Lewis — segunda-feira, 29 de novembro de 1954 — quando ele ainda pertencia a Oxford. Muitos relatos da palestra sobrevivem, enfatizando a grande multidão que acorreu para ouvir Lewis, e sua notável competência como palestrante.[23] O Third Programme da BBC pensou seriamente em transmitir a palestra — uma honra extraordinária para esse tipo de acontecimento acadêmico.[24]

O tema de Lewis foi a periodização da história literária, uma questão que ele havia explorado em palestras anteriores em Cambridge — uma série de oito palestras semanais sobre literatura renascentista proferidas no trimestre de janeiro a março de 1939, e a série Clark de palestras, proferidas no Trinity College em maio de 1944. Lewis reiterou o tema central daquelas palestras: "A Renascença nunca aconteceu". Tratava-se de um tema que ele vinha desenvolvendo havia alguns anos. Como ele escrevera a Douglas Bush, especialista em Milton, em 1941: "Meu conceito geral é *definir* a Renascença como 'uma entidade imaginária inteiramente responsável por qualquer coisa que um autor moderno por acaso aprove nos séculos 15 e 16'".[25]

Essa afirmação desafiadora e ousada precisa ser detalhada com cuidado. A objeção fundamental de Lewis visava a ideia muito difundida de que um período denominado "renascença" desqualificava as insípidas e antiquadas maneiras da Idade Média, introduzindo uma nova época de ouro da literatura, teologia e filosofia. Isso, sugeria Lewis, era um mito, construído por ninguém mais que os próprios defensores da Renascença. Ao não desafiar esse mito, argumentava Lewis, a pesquisa intelectual foi simplesmente perpetuando essa leitura ideologicamente dirigida da história da literatura inglesa. Sustentando essa ideia, Lewis citava o historiador de Cambridge George Macaulay Trevelyan (1876-1962), que havia intermediado as palestras Clark de Lewis no Trinity College de Cambridge em 1944: "Diferentemente de datas, 'períodos' não são fatos. São conceitos retrospectivos que formulamos acerca de acontecimentos passados, úteis para focalizar discussões, mas muitas vezes conduzindo o pensamento histórico para uma direção errada".[26]

Pelo menos em alguns aspectos importantes, Lewis está inteiramente correto. Estudos recentes da Renascença europeia demonstraram que sua "narrativa de identidade" foi deliberadamente construída para enfatizar sua agenda. Autores da Renascença cunharam o termo "Idade Média" para denotar e denegrir o que consideravam um período insípido e degenerado entre as glórias da cultura clássica e seu renascimento e renovação durante a Renascença. Lewis acertadamente insistiu em que não se podia permitir que a história fosse simplesmente moldada por esses propósitos polêmicos, que se propunham minimizar a continuidade entre a cultura medieval e a renascentista. "A barreira entre as duas épocas foi muito exagerada, se é que não se tratava em grande medida de uma invencionice da propaganda humanista."[27] A literatura da Idade Média merecia ser tratada com compreensão e respeito, e não ser sumariamente descartada da maneira que o humanismo da Renascença promoveu.

É significativo que a palestra de Lewis tenha abordado primeiramente o tópico do "Renascimento." Teria ele usado essa palestra como uma forma de reinventar-se a si mesmo? Teria a transferência para Cambridge, pelo menos em sua mente, implicado uma mudança em sua identidade — um renascimento pessoal, no qual ele "nascia de novo", como se emergisse, transformado, de um casulo? Deveria o Lewis de Cambridge ser um *novo* Lewis, encerrando algumas das atividades e questões que haviam caracterizado seus últimos anos em Oxford? Por exemplo, é significativo que Lewis não tenha escrito mais nada importante no campo da apologética durante seu período em Cambridge. Seus escritos populares desse tempo, como as *Reflections on the Psalms* [Reflexões sobre os Salmos] e *Os quatro amores* são explorações de uma fé pressuposta, não defesas de uma fé desafiada.

Lewis já não se via primeiramente como um apologista, preocupado em defender a fé cristã diante de seus críticos de fora da igreja. Seu foco mudou para a exploração e avaliação das profundezas da fé cristã em benefício daqueles que criam ou que estavam prestes a crer. Essa nova estratégia é claramente apresentada nas páginas que abrem a obra *Reflections on the Psalms*:

> Esta não é o que se chama de obra "apologética". Em nenhum momento tento convencer descrentes de que o cristianismo é verdadeiro. Dirijo-me àqueles que já acreditam nele ou àqueles que, durante a leitura, estão dispostos a "suspender sua descrença". Um ser humano não pode ficar sempre defendendo a verdade; deve haver um tempo para alimentar-se dela.[28]

A frase final precisa ser lida à luz das repetidas afirmações de Lewis de que achava o trabalho da defesa de ideias cristãs exigente e exaustivo. Ele parece estar argumentando que lhe deveria ser permitido *desfrutar* dessas ideias, em vez de ser constantemente forçado a batalhar para defendê-las.

Todavia, a melhor maneira de entender as preocupações de Lewis em Cambridge é vê-las como uma mudança de foco na abordagem geral do autor, mais do que uma significativa — sem falar em radical — mudança de seus compromissos básicos. Lewis representa uma abordagem à fé cristã na qual a mente, o coração, a razão e a imaginação são empregados de modo interativo visando a diferentes plateias. Durante a década de 1940 e no início da década de 1950, Lewis criou obras de apologética racional — como *Milagres* e *Cristianismo puro e simples* — que apresentavam a descrentes uma defesa racional da fé cristã; no final dessa década, Lewis passou a concentrar-se em obras — como *Surpreendido pela alegria* — que exploram as dimensões imaginativas e relacionais da fé, tendo em mente uma plateia supostamente cristã. A mudança de público-alvo talvez reflita as mutantes percepções de Lewis quanto às necessidades do momento; não há, porém, nenhuma perda da abrangente visão da fé cristã que se tornou tão característica de Lewis, e que foi primeiramente constatada em *O regresso do peregrino* (1933).

A aula inaugural de Lewis em Cambridge pode certamente ser lida como a habilidosa construção de uma fachada intelectual, não num sentido superficial ou enganoso, mas em termos de moldar a forma como se é visto. Exatamente como o humanismo renascentista desenvolveu sua própria narrativa de identidade, que Lewis habilidosamente descontruiu, assim ele desenvolveu seu próprio relato de como desejava ser entendido. Só para provocar, ele declarou que desejava ser visto como um "dinossauro intelectual", preparado para desafiar o "esnobismo cronológico" de seu tempo. Embora alguns tenham interpretado a palestra de Lewis de outra forma — por exemplo, como um manifesto para o robustecimento do cristianismo em si ou, no mínimo, como uma influência cristã em estudos literários — a controvérsia subsequente logo se desfez.

A percepção de que Lewis era um "dinossauro", um animal enorme cujos valores e métodos de trabalho mal se adaptam ao mundo moderno, foi reforçada pela mudança de hábitos intelectuais desde 1950. A biblioteca pessoal de Lewis mostra sinais de trabalho intenso. Anotações e destaques, às vezes em cores diferentes, indicam sucessivas leituras de textos já familiares. O historiador

britânico Keith Thomas (1933-) comentou recentemente sobre os hábitos de leitura da renascença inglesa, observando a importância da anotação como um meio de salvaguardar as percepções de extensos períodos de envolvimento direto com o texto:

> Era normal para os leitores da renascença marcar passagens importantes destacando-as ou traçando linhas e dedos indicadores nas margens — os primeiros equivalentes do moderno marcador de texto amarelo. Segundo o autor jacobino de texto educativos John Brinsley, "os livros preferidos dos homens mais eruditos e dos alunos mais notáveis" eram completamente grifados "com pequenas linhas em cima ou embaixo" ou "com alguns pequenos traços ou qualquer letra ou marca que mais pudesse ajudar a trazer à lembrança o conhecimento do assunto".[29]

Thomas, que compartilhava com Lewis o compromisso com a leitura total e ativa de fontes primárias, também observou que agora "se tornava uma espécie de dinossauro". Os pesquisadores já não leem livros do começo ao fim; eles se valem de máquinas de pesquisa para descobrir palavras ou passagens. Mas essa abordagem tornou os pesquisadores menos sensíveis à estrutura mais profunda e à lógica interna dos textos que estão discutindo, e é muito menos provável que façam "descobertas inesperadas resultantes da serendipidade". Como Thomas, lamentando, observou, a triste verdade era que o que antes levava uma vida para aprender, seguindo uma lenta e penosa via cumulativa, pode agora ser "conquistado por um aluno medianamente diligente no decorrer de uma manhã".

Ninguém que tenha trabalhado arduamente estudando a biblioteca pessoal de Lewis, repleta de anotações, pode duvidar da intensidade de sua dedicação aos textos por ele estudados. Lewis ilustra precisamente o detalhado envolvimento com o texto e o domínio dos conceitos que Thomas aplaude — ao mesmo tempo, porém, acredita estar num declínio terminal devido ao avanço da tecnologia. A pesquisa literária seria uma arte em extinção? Quando referiu a si mesmo como um "dinossauro", estaria Lewis referindo-se a seus métodos de pesquisa, e não simplesmente aos resultados deles? Lewis parece estar testemunhando com maior rapidez o fim de uma época de métodos de pesquisa, principalmente de toda a convivência mental com fontes primárias, que parece não ter sobrevivido à sua geração.

No final das contas, Lewis desfrutou de um longo e produtivo período em Cambridge, até que sua depauperada saúde o forçou a demitir-se de sua cátedra

em outubro de 1963. Pelos meus cálculos, Lewis escreveu 13 livros e 44 artigos durante sua fase em Cambridge, sem mencionar numerosas resenhas de livros e poemas, e editou três coleções de ensaios. Houve controvérsias, é óbvio, e talvez a mais significativa delas tenha sido o debate com F. R. Leavis e seus partidários em 1960 sobre os méritos da crítica literária. Apesar de tudo, o período de Lewis em Cambridge — mesmo não sendo nada parecido com a "planície chamada Facilidade" de Bunyan — foi certamente um oásis de criatividade, resultando em algumas de suas obras mais significativas, entre elas *Till We Have Faces* (1956), *Reflections on the Psalms* (1958), *Os quatro amores* (1960), *Um experimento na crítica literária* (1961) e *The Discarded Image* (publicada postumamente em 1964).

O período de Lewis em Cambridge, porém, foi dominado por um acontecimento em sua vida pessoal, que teve impacto significativo em seus escritos durante esse tempo. Lewis encontrou um estímulo literário novo, todavia bastante exigente: Helen Joy Davidman.

Um romance literário: Joy Davidman entra em cena

Numa segunda-feira, 23 de abril de 1956, sem nenhum barulho de publicidade ou a cortesia de um anúncio prévio, C. S. Lewis casou-se com Helen Joy Davidman Gresham, uma norte-americana divorciada dezessete anos mais nova do que ele, numa cerimônia civil no Cartório de Registos de Oxford em St. Giles. A cerimônia foi testemunhada por amigos de Lewis, o dr. Robert E. Havard e Austin Farrer. Tolkien não estava presente; na verdade, foi só depois de algum tempo que ele soube desse acontecimento. Na visão de Lewis, aquele fora apenas uma cerimônia de conveniência, visando permitir que a sra. Gresham e seus dois filhos tivessem o direito legal de permanecer em Oxford depois que sua permissão de residência na Grã-Bretanha expirasse no dia 31 de maio de 1956.

Após uma breve cerimônia, Lewis tomou o trem para Cambridge e reassumiu seu padrão normal de palestras semanais. Foi como se o casamento não tivesse feito nenhuma diferença para ele. O círculo de amigos íntimos de Lewis nada soube sobre o acontecido. Ele agira sem lhes avisar de nada. A maioria deles acreditava que Lewis estava conformado com a ideia de ser um solteirão para o resto da vida.

Quem era então essa "sra. Gresham", com quem Lewis se casou de forma

tão apressada e secreta? E como se deu esse casamento? Para entender o acontecido, nós precisamos avaliar o impacto que Lewis exercia sobre uma plateia específica: mulheres inteligentes, voltadas para a literatura, que viam em Lewis tanto um eficiente apologista da fé cristã como um entusiástico e convincente advogado do uso da literatura no desenvolvimento e comunicação de temas de fé.

Uma dessas pessoas foi Ruth Pitter (1897-1992), poetisa inglesa muito competente que recebeu o Prêmio Hawthornden em 1937 por sua obra *A Trophy of Arms* [Um troféu de armas], publicado no ano anterior. Durante a Segunda Guerra Mundial, Pitter ouviu palestras de Lewis transmitidas pela BBC, e encontrou nelas uma fonte de inspiração intelectual e estímulo espiritual. Pitter, nessa época, estava num estado de desespero, que quase a levou a atirar-se da ponte Battersea na calada da noite. Mas, ao ler Lewis, persuadiu-se de que o mundo fazia sentido. Sua redescoberta da fé deveu-se, insistiu ela mais tarde, a Lewis.[30]

Tendo sido tão fortemente influenciada por ele, Pitter procurou encontrar-se com Lewis usando a intermediação de amigos mútuos.[31] Ela pediu a ajuda de Herbert Palmer (1880-1961) para marcar um encontro. Lewis a convidou para um almoço festivo no Magdalen College no dia 9 de outubro de 1946. Foi o primeiro de muitos encontros que suscitaram entre eles uma profunda amizade e respeito recíproco. Em 1953, Lewis até lhe concedeu a extraordinária honra de chamá-lo de "Jack" em suas correspondências. Segundo seu amigo e biógrafo George Sayer, Lewis certa vez observou que se ele fosse o tipo de homem que devesse se casar, teria desejado fazê-lo com a poetisa Ruth Pitter.[32] Embora alguns vissem Pitter como a óbvia alma gêmea de Lewis, essa amizade não teve nenhuma áurea romântica.[33] Com Joy Davidman, porém, as coisas foram diferentes.

Helen Joy Davidman nasceu em 1915 na cidade de Nova Iorque, em uma família de pai e mãe judeus nominais originários do leste europeu. Em setembro de 1930, na tenra idade dos 15 anos, ela começou a frequentar o Hunter College na cidade de Nova Iorque, fazendo cursos de literatura inglesa e francesa. Enquanto estudava no Hunter College, Davidman fez amizade com a futura romancista Bel Kaufman (1911-), mais conhecida por sua obra campeã de vendas de 1965, *Up the Down Staircase* [Subindo por onde se desce]. Kaufman se lembra de que Davidman tendia a namorar "homens mais velhos", particularmente

aqueles que estavam "seriamente interessados em literatura".[34] A própria Davidman mostrou considerável talento como escritora, e, ainda no Hunter College, recebeu o Prêmio Bernard Cohen por seu conto "Apostate" [Apóstata], baseado numa história que sua mãe lhe contara sobre a Rússia do século 19. Depois de obter o título de mestre em literatura inglesa na Universidade Columbia, em 1935, ela tentou fazer carreira como escritora *freelancer*.

No início, as coisas pareceram correr bem. Ela ganhou o prestigioso prêmio da Yale Universidade para poetas jovens — o *Yale Younger Poets Series Award* — por sua coleção de poemas *Letter to a Comrade* [Carta a um camarada] de 1938. Veio em seguida um convite de Hollywood. A MGM, à procura de novos talentos, recrutou Davidman como roteirista para um período probatório de seis meses, pagando-lhe cinquenta dólares por semana. Durante esse tempo, Davidman trabalhou em quatro roteiros. A MGM não gostou de nenhum deles e Davidman foi mandada de volta para Nova Iorque. Lá ela se dedicou ao trabalho, a desenvolver sua escrita e a trabalhar para o Partido Comunista.

Como muitas outras pessoas, durante a Grande Depressão da década de 1930, Davidman se tornara ateia e comunista, convencida de que a ação social radical era a única solução para as agruras econômicas dos Estados Unidos. Ela se casou com um companheiro do partido comunista e escritor, Bill Gresham, que combateu do lado socialista na Guerra Civil da Espanha. O casamento deles foi instável. Gresham tinha uma tendência para a depressão e o álcool. E havia outras mulheres na vida dele. Em fevereiro de 1951, o casamento enfrentava sérios problemas.

A essa altura, a vida de Davidman sofreu uma inesperada reviravolta. Tendo "sido nutrida com o ateísmo desde a primeira mamadeira", Davidman encontrou-se com Deus repentina e inesperadamente, no início da primavera de 1946. Num relato de 1951 sobre esse dramático acontecimento, Davidman sugeriu que Deus, como um leão, vinha se "aproximando" dela havia muito tempo, aguardando o momento oportuno para atacar quando ela estivesse desprevenida. Deus "aproximou-se tão silenciosamente que eu nunca soube que ele estava lá. Depois, de repente, ele deu o bote".[35]

Tendo descoberto Deus, Davidman começou a explorar o novo território de sua fé. Seu guia principal foi um autor inglês que recentemente se tornara famoso nos Estados Unidos — C. S. Lewis. *O grande abismo*, *Milagres* e *Cartas de um diabo a seu aprendiz* tornaram-se para ela a porta de entrada para uma fé

intelectualmente enriquecida e robusta. Todavia, enquanto outros procuraram simplesmente os conselhos de Lewis, Davidman procurou sua alma.

Numa série de reportagens jornalísticas de 1998, marcando o centenário de nascimento de Lewis, o filho mais novo de Davidman, Douglas Gresham, declarou que sua mãe havia viajado para a Inglaterra com uma intenção específica: "seduzir C. S. Lewis".[36] Embora alguns questionassem na época essa afirmação, há um crescente consenso de que Douglas Gresham pode ter sido bastante preciso em sua avaliação.[37]

A intenção de Davidman de seduzir Lewis é confirmada por uma coleção de documentos legados em 2010 por Jean Wakeman, a mais íntima amiga de Davidman na Inglaterra, ao Marion E. Wade Center, a mais importante instituição de pesquisa para estudos referentes a Lewis, sediada no Wheaton College, em Wheaton, Illinois.[38] Esses recém-adquiridos documentos incluem 45 sonetos, escritos por Davidman para Lewis durante o período de 1951 a 1954. Como observou Don King, esses sonetos tratam das intenções de Davidman de voltar para a Inglaterra depois de seu encontro inicial com Lewis e tecer um relacionamento mais íntimo com ele. Vinte e oito desses sonetos expõem com muitos detalhes como Davidman tentou elaborar esse relacionamento. Lewis é representado como uma figura glacial, um *iceberg* que Davidman pretende derreter por meio de uma mistura inebriante de sofisticação intelectual e fascínio físico. Mas estamos colocando o carro de nossa história na frente dos bois, apesar de inserir acontecimentos subsequentes em seu contexto apropriado.

Algumas das pessoas próximas a Davidman nos Estados Unidos já haviam descoberto o que estava acontecendo. Renée Pierce, sua prima, se convenceu de que Davidman estava se apaixonando por Lewis por volta de 1950, apesar de nunca ter-se encontrado com ele nem sequer tê-lo visto.[39] Como Davidman poderia "seduzir" Lewis? Para começar, ela precisaria entrar em contato com ele e conhecê-lo pessoalmente. Como poderia fazer isso?

Para a felicidade de Davidman, ela tinha uma resposta ao seu alcance. Na época, Chad Walsh era reconhecido como a principal autoridade norte-americana sobre Lewis. Depois de fazer amizade com Walsh, Davidman pediu o conselho dele sobre como se aproximar de Lewis. Em consequência disso, Davidman escreveu a Lewis em janeiro de 1950, e recebeu uma resposta promissora e atraente. Ela continuou lhe escrevendo. E ele continuou

respondendo.

Encorajada, Davidman zarpou para a Inglaterra, chegando lá no dia 13 de agosto de 1952. Ela deixou seus dois filhos, David e Douglas, com o pai deles. Sua prima Renée foi ajudar Bill a cuidar das crianças. O motivo declarado da viagem de Davidman, custeada pelos pais dela, foi visitar sua amiga por correspondência Phyllis Williams e completar seu livro *Smoke on the Mountain* [Fumaça no monte], uma interpretação contemporânea dos Dez Mandamentos. Mas o verdadeiro motivo da visita era travar amizade com Lewis.

Durante a prolongada visita à Inglaterra, Davidman iniciou uma correspondência que a levou a almoçar com Lewis e alguns dos amigos dele em Oxford em duas ocasiões. Teria Lewis alguma ideia do que estava acontecendo no mundo emocional de Davidman? Ou de como poderia facilmente ser atraído para dentro dele? É interessante observar que, nos dois almoços, Lewis levou colegas consigo. A palavra *chaperone* (protetor) nunca foi mencionada, mas essa foi a função deles. Quando Warnie — o protetor escalado para um desses almoços no Magdalen College — não pôde comparecer, Lewis o substituiu às pressas por George Sayer. Davidman claramente considerou essas ocasiões bem-sucedidas e interessantes. Lewis parecia disposto a permitir que a amizade se desenvolvesse. Davidman tomou a iniciativa em desenvolver o relacionamento; Lewis, porém, parecia feliz em seguir o curso dos acontecimentos. Até esse ponto, a relação de Davidman com Lewis se assemelha à dele com Ruth Pitter.

Talvez Lewis se sentisse agora seguro na companhia dessa mulher que o admirava, que ele apresentou ao seu círculo como "sra. Gresham". Davidman almoçou sozinha com Lewis em Londres no início de dezembro, ocasião essa que provocou outro convite: passar o Natal e o Ano-Novo com Lewis e Warnie em The Kilns. Essa experiência, comentou ela mais tarde com Walsh, transformou-a numa "completa anglo-maníaca", que estava desesperada para "transplantar-se".[40] Será que ela viu Lewis como um possível agente desse transplante? Seria Lewis o cavaleiro em sua brilhante armadura que libertaria essa donzela das garras de seu malvado marido num nobre gesto de amor cortês? As provas certamente sugerem que Lewis estava preparado para desempenhar esse papel, especialmente quando Davidman lhe apresentou uma carta de seu marido, informando que ele queria se casar com Renée, a prima dela.

Davidman voltou para os Estados Unidos no dia 3 de janeiro de 1953 para

resolver essa situação. No fim de fevereiro, ela e o marido haviam concordado em se divorciar. Ela continuou em contato com Lewis durante o desenrolar do caso. Segundo seu registro de imigração, Davidman voltou para a Inglaterra no dia 13 de novembro de 1953 com seus dois filhos, Douglas e David, então com 8 e 9 anos — decisão que magoou profundamente Bill Gresham. É óbvio que esse fato requer explicações. Por que mudar-se para a Inglaterra, onde ela não tinha familiares? Seu pai e sua mãe ainda estavam vivos; na verdade, eles foram visitá-la em Londres em outubro de 1954. Por que não permanecer nos Estados Unidos, onde o custo de vida era significativamente mais baixo, e as perspectivas de emprego, muito melhores?

Muitos argumentaram que só havia uma resposta convincente: Davidman estava muito convencida de que seria sustentada por Lewis. Seu registro de imigração afirmava de modo explícito que ela só tinha permissão para permanecer no Reino Unido desde que não "assumisse nenhum trabalho, remunerado ou não remunerado".[41] Ela havia matriculado seus dois filhos em Dane Court School, em Pyrford, Surrey (fechada em 1981). Precisava de dinheiro. É provável (mas não está provado) que Lewis tenha arcado anonimamente com a maior parte dos custos de vida de Davidman e das mensalidades escolares por meio do "Agapony Fund", um fundo de caridade criado em 1942 por Owen Barfield para administrar parte da receita de Lewis com direitos autorais.[42] Warnie obviamente nada sabia sobre esse acordo.

Essa, porém, não é toda a história. O desejo de Davidman de permanecer na Inglaterra foi em parte alimentado por uma preocupação quanto a encontrar um emprego em seu país. A febre da Guerra Fria varria os Estados Unidos, ganhando ainda mais crédito por conta dos testes nucleares soviéticos e da Guerra da Coreia (1950-1953). Davidman não poderia ignorar que seu passado de ativista comunista, que ela nunca tentou esconder, lançaria uma sombra escura sobre suas probabilidades de ter um emprego em Hollywood ou na mídia. O Comitê de Atividades Antiamericanas — uma comissão de inquérito criado pelo congresso dos Estados Unidos — perseguia ferrenhamente pessoas que tivessem laços e influência comunistas, especialmente as que trabalhavam na mídia. No fim, mais de 300 artistas supostamente favoráveis ou ligados ao comunismo — inclusive diretores de cinema, comentaristas de rádio, atores e particularmente roteiristas de cinema — foram colocados na lista-negra e boicotados pelos estúdios de Hollywood.[43]

As ondas do passado de Davidman estavam rapidamente batendo em seu tornozelo. Quem seria capaz de ignorar seu passado de membro do Partido Comunista? Ou seu envolvimento com publicações desse partido, como o diário *New Masses*? Ela teria pouca chance de garantir um emprego de roteirista em Hollywood ou de causar impacto em qualquer outro lugar nos Estados Unidos como escritora. A convicção de Davidman de que seu futuro de escritora estava fora de seu país era perfeitamente plausível, dado o contexto político da época.

O relacionamento de Davidman com Lewis ganhou novo impulso em 1955, quando ela e seus filhos se mudaram par uma casa de três quartos na Old High Street, 10, em Headington, não muito longe de The Kilns. Lewis providenciou o contrato de locação e pagava o aluguel. Ele fazia visitas diárias e demoradas a Davidman, obviamente desfrutando de sua companhia. Davidman, porém, era mais que uma boa companhia para Lewis; ela o ajudava estimulando sua imaginação literária — um ponto que precisa ser detalhado.

De início, Lewis se sentiu atraído por Davidman devido ao seu senso de humor e seus óbvios dotes intelectuais. Logo ficou claro que ela poderia ser muito mais que isso. É provável que a influência de Davidman tenha estado por trás da decisão de Lewis de contratar um agente literário em vez de negociar diretamente com os editores. No dia 17 de fevereiro de 1955, Lewis informou Jocelyn Gibb (1907-1979), o diretor administrativo da Geoffrey Bles, que ele havia contratado Spencer Curtis Brown (1906-1980) para representá-lo em futuras negociações com editores.[44] Essa decisão parece ter sido motivada por considerações financeiras, mais do que literárias. Teria Lewis percebido de repente que precisava de uma renda maior?

Davidman, todavia, fez mais do que sugerir um meio de Lewis ganhar mais dinheiro por seus escritos. Ela foi a parteira de três dos últimos livros de Lewis — inclusive de *Till We Have Faces* (1956), amplamente considerado um dos romances mais importantes de Lewis. Davidman gostava de comparar-se ao "editor-colaborador" Maxwell Perkins (1884-1947), o grande editor literário norte-americano que ajudou na criação dos mais refinados romances de Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald e Thomas Wolfe. Sendo ele mesmo um autor respeitável, Perkins possuía o dom extraordinário de capacitar outros autores a refinar e aperfeiçoar sua arte. Davidman já havia desempenhado esse papel com Bill Gresham, e agora deixava sua habilidade à disposição de Lewis.

Em março de 1955, Davidman passou a morar em The Kilns. Lewis estava,

havia muito tempo, interessado no mito de Psiquê e havia projetado uma interpretação e reescritura poética da história na década de 1920. Mas o projeto havia emperrado. Lewis não conseguira descobrir como desenvolver a ideia. Davidman começou a organizar uma estratégia de parceria. Ela e Lewis "discutiram algumas ideias até que uma ganhou vida."[45]

Funcionou. Lewis subitamente viu como poderia escrever um livro sobre o tema de Psiquê. Inflamou-se de entusiasmo. No fim do dia seguinte, ele havia escrito o primeiro capítulo do texto que viria a ser *Till We Have Faces*. Lewis dedicou o livro a Davidman, e o considerou uma de suas melhores peças literárias. Comercialmente, porém, foi um desastre. Como o próprio Lewis lamentou em 1959, a obra que ele considerava "de longe a melhor que já escrevi" acabou sendo "meu maior fracasso tanto junto à crítica quando junto ao público".[46] Todavia, excetuando-se as crônicas de Nárnia, essa obra se tornou seu texto mais discutido pela crítica. O estímulo de Davidman também esteve por trás de outras duas obras de Lewis: *Reflections on the Psalms* (1958) e *Os quatro amores* (1960).



13.2 Joy Davidman Lewis em 1960.

Lewis trabalhou em parceria em muitos de seus projetos literários durante seu período em Oxford. Embora os Inklings estivessem primeiramente interessados em testar e melhorar obras já em andamento, Lewis percebeu que

outros lhe proporcionavam o estímulo criativo para escrever — provavelmente de modo mais explícito Roger Lancelyn Green, que desempenhou um papel significativo na gênese das crônicas de Nárnia, de modo especial em *O sobrinho do mago*. Davidman pode ser vista encaixando-se nesse padrão geral. Ela, porém, fez mais do que se juntar aos que estimularam a imaginação literária de Lewis. Tornou-se esposa dele.

O "estranhíssimo casamento" com Joy Davidman

Geralmente se sugere que o "estranhíssimo casamento" de Lewis com Joy Davidman (a expressão é de Tolkien, que tratava o relacionamento entre os dois com hostilidade explícita)[47] foi o resultado de uma crise que atingiu seu ápice logo depois que ela se mudou para Old High Street, 10, em Headington. A maioria dos biógrafos relata, muitas vezes de maneira vaga e sem comprovação, que o visto de residência de Davidman no Reino Unido fora revogado pelo Departamento de Imigração em abril de 1956. Isso precipitou a decisão de Lewis de casar-se com ela. A situação, porém, foi mais complexa que isso.

Davidman teve inicialmente permissão de permanecer na Inglaterra até 13 de janeiro de 1955. Mas essa permissão foi depois estendida pelo Departamento de Imigração até 31 de maio de 1956. Não se tem provas que ele tenha sido "revogado". A permissão de Davidman para residir no Reino Unido simplesmente expiraria no fim de maio. É bem possível que o casamento civil com Lewis tenha sido uma estratégia planejada em conjunto como último recurso para permitir que ela e os filhos permanecessem em Oxford.

Outra possibilidade também deve ser observada. A permissão de Davidman para morar na Inglaterra era condicional: ela não tinha permissão para assumir trabalho algum, remunerado ou não. Warnie e muitos outros do círculo de Lewis supunham que Davidman reunia condições de arcar com seus custos de vida incumbindo-se de projetos de redação ou editoração. Na verdade, ela estava explicitamente proibida de fazer isso. É defensável afirmar que o sustento secreto de Lewis a Davidman — cuidadosamente ocultado de Warnie — foi uma questão de necessidade, no sentido de que ela não tinha nenhuma fonte de renda enquanto permanecesse na Inglaterra. Um casamento civil com Lewis removeria esse obstáculo e permitiria que Davidman ganhasse seu sustento. É bem possível que Lewis tenha considerado esse casamento como uma formalidade legal que possibilitaria Davidman de percorrer seu caminho no

mundo.

Mas não foi um acontecimento repentino. Ao que parece, Lewis discutiu com seu confidente Arthur Greeves a possibilidade de um casamento civil com Davidman meses antes, durante uma visita feita em setembro de 1955 à Irlanda do Norte. Embora não haja nenhum registro da reação de Greeves a essa proposta um tanto surpreendente, está claro que ele manifestou significativas preocupações sobre o assunto, as quais Lewis não conseguiu atenuar. Ao escrever a Greeves um mês após a visita, Lewis ficou na defensiva quanto à ideia de um casamento civil com Davidman: tratava-se apenas de uma "formalidade legal", sem qualquer implicação religiosa ou relacional mais aprofundada. Depois do casamento, o Departamento de Imigração pôs fim a todas as restrições à permanência de Davidman no Reino Unido. Ela solicitou a cidadania britânica no dia 24 de abril de 1957, e foi registrada como "Cidadã do Reino Unido e Colônias" em 2 de agosto do mesmo ano.[48]

Lewis havia anteriormente, para desassossego de Tolkien, exposto sua visão do casamento civil numa palestra radiofônica, e depois em *Cristianismo puro e simples*. Um casamento na igreja — a "realidade" — estava fora de cogitação para Lewis, que defendia visões tradicionais sobre o assunto. Da perspectiva religiosa, um casamento "religioso" seria, nesse caso, um adultério, pois Davidman era divorciada. Lewis, todavia, enfatizou que essa possibilidade nunca foi sequer discutida.[49]

Para os amigos mais íntimos de Lewis era óbvio que Davidman havia manipulado Lewis, pressionando-o moralmente para que contraísse um casamento que ele não queria com alguém cujos interesses nele eram no mínimo tão mercenários quanto literários ou espirituais. Na opinião deles, Davidman queria dar o golpe do baú, disposta a garantir seu próprio futuro e o de seus filhos. Davidman invadiu a vida de Lewis, ao passo que Pitter era tão refinada que nunca teria sonhado com a possibilidade de se impor dessa maneira. A dissimulação de Lewis acerca do crescente relacionamento com Davidman significou que os membros do seu círculo de amigos íntimos não puderam perceber como as coisas se haviam tornado sérias. Quando Lewis anunciou seu casamento, já era tarde para alguém fazer alguma coisa, a não ser tentar acomodar da melhor maneira possível essa situação confusa. Lewis não tinha controle da situação, e nenhum de seus amigos se deu conta da extensão de seu envolvimento com Davidman.

Há, naturalmente, uma segunda maneira de interpretar esse relacionamento, escolhida pelos roteiristas de Hollywood, que o veem como um caso amoroso que floresceu tardiamente na vida de Lewis, um romance que é um conto de fadas e acaba se transformando em tragédia. Essa leitura romantizada dos fatos — apresentada de maneira notória e sem nenhum senso crítico no filme *Terra das Sombras* (1993) — mostra Lewis como um ríspido solteirão recluso, cuja vida sem graça foi virada de pernas para o ar por uma garota de Nova Iorque cheia de vida com algum conhecimento do mundo real. A autoconfiante e alegre nova-iorquina trouxe um sopro de ar fresco para a insípida existência de Lewis, ajudando-o a descobrir as coisas boas da vida e a abandonar seus rançosos velhos hábitos e sisudas convenções sociais.

É óbvio que essa visão do relacionamento é problemática. Francamente, fica um pouco difícil ver como as habilidades sociais de Lewis poderiam ter sido ampliadas por Davidman, cuja falta de inteligência social ou emocional era frequentemente notada por seus contemporâneos irritados. É absurdo sugerir que Lewis era socialmente um recluso. Seus colegas se lembram dele como uma criatura social, ocasionalmente esbanjando alegria, notável sobretudo por suas sonoras risadas.

Na realidade, Lewis havia se tornado — falando de forma direta, mas precisa — "o paizão rico de uma divorciada norte-americana".[50] Ao que parece, Lewis foi uma vítima voluntária, beneficiando-se inquestionavelmente de toda essa situação — talvez, mais notavelmente, por ter recuperado a motivação e inspiração literária — por mais dúbio que seja o processo pelo qual isso aconteceu. Lewis tinha suas próprias preocupações e seus problemas, e Davidman fez muito para ajudá-lo a lidar com alguns deles.

É também importante ponderar que Lewis estava de fato ajudando financeiramente outras escritoras norte-americanas por volta dessa época. A mais importante delas era Mary Willis Shelburne (1895-1975), uma poetisa e crítica que se manteve em contato com Lewis por um longo período, e Lewis obviamente a tinha em boa consideração.[51] Ela também tinha problemas financeiros, os quais não escondeu de Lewis. De início, Lewis não pôde ajudá-la nesse aspecto por causa da rigorosa regulamentação cambial imposta pelas autoridades britânicas, que o impediam (como pessoa física britânica) de enviar dinheiro para os Estados Unidos. Numa carta a Shelburne no Natal de 1958, Lewis refere-se a um afrouxamento das regras de câmbio, que agora lhe

permitiam enviar a ela um estipêndio regular do Agapony Fund.[52]

Lewis viu seu casamento com Davidman como uma questão de generosidade cavalheiresca, mais do que como um exclusivo romance apaixonado; é o que sugere o fato de Davidman não ter tomado o lugar de Pitter na vida dele. O duradouro respeito e afeição por Pitter fica óbvio numa carta de Lewis de julho de 1956 — vários meses após seu casamento clandestino — na qual ele a convida (em vez de Davidman) para ser sua acompanhante numa festa real ao ar livre no Palácio de Buckingham.[53] No fim, Pitter não pôde comparecer, de modo que Lewis foi sozinho. Uma semana depois ele escreveu a Pitter para contar que o evento foi "simplesmente um horror", e a convidou a almoçar com ele em alguma outra ocasião em breve, para colocarem a conversa em dia.[54] A correspondência de Lewis e seus encontros deixam claro que Davidman não excluiu da vida dele outras mulheres que lhe interessavam.

O casamento civil com Davidman, que ele tão obviamente considerou como mera formalidade, era de fato uma bomba-relógio, concedendo a Davidman certos direitos legais que Lewis, ao que parece, pressupôs que ela optaria por não exercer. É óbvio que ele acreditava que o casamento não faria diferença alguma na vida de ambos ou em seus relacionamentos em comum. Todavia, o gesto de solidariedade de Lewis para com Davidman e seus filhos resultou ser uma espécie de cavalo de troia. Davidman logo fez valer seus direitos, deixando claro que não lhe agradava permanecer em sua moradia em Headington. The Kilns seria ocupada por meio de subterfúgios mais do que por um convite explícito. Se ela era a esposa de Lewis, como de fato era aos olhos da lei, ela e seus filhos tinham direitos legais que iam além do simples direito de permanecer na Inglaterra. Em primeiro lugar, eles tinham o direito de morar com o marido dela. Lewis não teve outras opções. No início de outubro de 1955, ele teve de concordar, relutante, com a instalação de Davidman e seus dois filhos em The Kilns.

Com pessimismo, mas com precisão, Warnie havia previsto esses mercenários acontecimentos assim que soube do casamento civil. Ele havia considerado inevitável o fato de que Davidman "exigiria seus direitos" — uma discreta alusão ao interesse dela na propriedade e nos rendimentos de Lewis em consequência de seu novo *status* de esposa. Davidman via agora The Kilns como a casa *dela*, obviamente desconhecendo os complexos acordos em relação à propriedade da residência estipulados no testamento da sra. Moore, pelos quais

Lewis era um mero inquilino de The Kilns.

Isso se tornou desagradavelmente óbvio numa confrontação entre Maureen Blake e Davidman, motivada pela declarada convicção desta de que seus dois filhos herdariam The Kilns depois que Lewis e ela estivessem mortos. Maureen (que havia pouco tempo descobrira que Lewis estava casado) prontamente a corrigiu, deixando claro que, pelo testamento da sra. Moore, a propriedade legal da casa passaria para ela, Maureen, depois da morte de Lewis e de Warnie.[55] Davidman, porém, não queria ouvir nada dessas minúcias legais: "Esta casa pertence a mim e aos meninos".[56] É óbvio que Maureen estava certa. A conversa é importante mais para ilustrar a motivação mercenária de Davidman do que o seu desconhecimento da lei inglesa. Davidman pressionou Maureen sobre o assunto, exigindo que ela cedesse seu direito de propriedade. Sob pressão, Maureen concordou em discutir o assunto com seu marido. Nada mais resultou disso.

A influência de Davidman resultou num trabalho de reforma, mais que necessário, em The Kilns. As pesadas cortinas *blackout* instaladas em 1940, durante a guerra, ainda estavam lá em 1952.[57] Os móveis precisavam ser substituídos. O madeiramento precisava ser pintado. Depois da doença e morte da sra. Moore, Lewis e seu irmão haviam deixado a propriedade se deteriorar. Davidman estava determinada a botar tudo em ordem. The Kilns foi reformada. Novos móveis começaram a aparecer.

No fim, porém, os acontecimentos tomaram um rumo dramático. Davidman vinha sentindo dores na perna, as quais o médico de Lewis, Robert Havard, erroneamente diagnosticara como um caso relativamente sem importância de fibrosite. (Tudo neste caso indica que Havard fez jus ao apelido de "o inútil charlatão".)[58] Na noite de 18 de outubro de 1956, enquanto Lewis estava em Cambridge, Davidman caiu ao chão ao tentar atender uma ligação telefônica de Katharine Farrer. Ela foi internada num hospital da vizinhança, o Wingfield-Morris Orthopaedic Hospital, onde raios-x mostraram um fêmur quebrado. Mas eles revelaram muito mais que um osso partido. Davidman tinha um tumor maligno no seio esquerdo, bem como metástase em outras partes do corpo. Seus dias estavam contados.

A morte de Joy Davidman

A grave enfermidade de Davidman parece ter provocado uma mudança na

atitude de Lewis para com ela. O pensamento da morte de Davidman fez Lewis ver o relacionamento deles de uma nova maneira. Talvez o mais importante testemunho da transformação do modo de pensar de Lewis seja uma carta à romancista Dorothy L. Sayers, que ele escreveu em junho de 1957. Referindo-se a Thanatos, o deus grego da morte, Lewis comenta como a aproximação desse deus galvanizou os próprios sentimentos dele, transformando a amizade em amor.

> Meus sentimentos haviam mudado. Dizem que um rival transforma um amigo num amante. Thanatos, certamente (dizem) se aproximando, mas numa velocidade incerta, é um rival eficientíssimo nesse sentido. Nós logo aprendemos a amar o que sabemos que devemos perder.[59]

A percepção de que em breve poderia perder Davidman concentrou a mente de Lewis. Como ele austeramente comenta, escrevendo a uma de suas correspondentes de longa data, ele poderia vir a ser, "numa rápida sequência, noivo e viúvo. Poderia, de fato, haver um casamento no leito de morte".[60] Com outros, porém, ele foi mais otimista. Escrevendo a Arthur Greeves no fim de novembro, ele sugeriu que havia uma "razoável probabilidade" de que Davidman desfrutasse de "mais alguns anos de vida (tolerável)".[61]

Lewis acabou percebendo que seu dissimulado casamento civil com Davidman, ao qual ele se havia referido antes como o "segredinho inocente" deles,[62] precisava ser reconhecido e revelado, até por causa de rumores sobre outros envolvimentos românticos que lhe diziam respeito.[63] No dia 24 de dezembro de 1956, o seguinte anúncio com certo atraso apareceu no *Times*:

> Foi celebrado um casamento entre o professor C. S. Lewis, do Magdalene College, Cambridge, e a sra. Joy Gresham, ora paciente no Churchill Hospital de Oxford. Pede-se para não enviar cartas.[64]

Esse anúncio profundamente ambíguo não mencionou a data do casamento, nem disse que se tratava simplesmente de um ato civil.

Nos bastidores, Lewis vinha tentando providenciar um casamento na igreja, que, na opinião dele, colocaria seu relacionamento com Davidman numa posição firmemente cristã. No dia 17 de novembro de 1956, Lewis perguntou ao bispo de Oxford, dr. Harry Carpenter, ex-diretor do Keble College, se isso seria possível. Embora entendendo a situação de Lewis, Carpenter disse claramente

que ele não poderia sancionar esse casamento em sua diocese de Oxford. A Igreja da Inglaterra não permitia um casamento envolvendo pessoas divorciadas, e Carpenter não via por que a condição de celebridade de Lewis deveria permitir-lhe privilégios negados a outros. De qualquer maneira, Lewis e Davidman já estavam casados, no sentido de que a Igreja da Inglaterra — sendo a igreja oficial do país — reconhecia a validade do casamento civil. Ele não poderia se casar em nenhuma paróquia da diocese de Oxford. Lewis se ofendeu com esse parecer oficial. Na sua visão das coisas, o casamento de Davidman com Bill Gresham era inválido, porque o marido dela fora casado antes. Mas nenhum de seus amigos do clero de Oxford se disporia a celebrar seu casamento desafiando abertamente o seu bispo ou a posição oficial da Igreja daquela época.

Em março de 1957, quando o estado de saúde de Davidman piorou, Lewis lembrou-se de um estudante que havia frequentado suas aulas na década de 1930. Peter Bide, ex-comunista, havia estudado língua e literatura inglesa em Oxford de 1936 a 1939. Depois de servir numa unidade dos Fuzileiros Reais durante a Segunda Guerra Mundial, ele se ordenara na Igreja da Inglaterra em 1949 e se estabelecera na diocese de Chichester. Em 1954, Bide estava profundamente envolvido com o ministério pastoral durante um surto de pólio em Sussex. Depois de suas orações intercessórias por Michael Gallagher, um jovem enfermo supostamente em estado terminal, o rapaz se recuperou. Lewis ouviu falar desse milagre, e pediu a Bide para vir fazer uma oração por sua esposa que está morrendo.[65]

Bide sentiu-se apreensivo em relação ao convite. De um lado, ele não queria particularmente ser tido como um "sacerdote com o dom da cura". De outro, ele considerou que tinha "uma considerável dívida intelectual" para com Lewis, que o influenciara em sua formação nos seus tempos de Oxford. Depois de muita reflexão, ele concordou em "impor as mãos" — uma tradicional maneira cristã de pedir a bênção divina — sobre Davidman. O relato de Lewis sobre o que aconteceu em seguida está numa carta escrita três meses depois a Dorothy L. Sayers:

> O querido padre Bide (você o conhece?) que viera impor as mãos sobre Joy — pois ele tem no seu currículo o que parece muito ser um milagre — sem ser solicitado e simplesmente ouvindo falar da situação, disse de imediato que ele faria o nosso casamento. Assim tivemos um casamento à beira do leito com uma missa nupcial.[66]

A descrição de Lewis não soa completamente verdadeira. Bide devia

conhecer a posição da Igreja da Inglaterra nessa época, e devia saber que a realização desse ofício religioso envolvia uma séria questão de disciplina eclesiástica e de integridade pessoal. O relato dos acontecimentos feito por Lewis implica que Bide viu essas questões como tendo pouca importância, e que ele se ofereceu para celebrar o casamento de Lewis com Davidman como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

É instrutivo comparar a versão dos acontecimentos de Lewis com a lembrança bastante divergente de Bide em relação ao que sucedeu naquele dia.[67] Segundo Bide, ele chegou a The Kilns preparado para impor as mãos sobre Davidman, quando Lewis lhe implorou para que ele também fizesse o casamento deles. "Veja, Peter, eu sei que isso não é justo, mas você acha que poderia nos casar?" Ao que parece, Lewis acreditou que um sacerdote anglicano de fora da diocese de Oxford não estaria necessariamente sujeito às regras do bispo oxfordiano, e talvez não se tenha dado conta de que estava colocando Bide numa posição muito difícil.

Bide pediu algum tempo para refletir sobre o pedido que, na visão dele, não estava correto. No fim, Bide decidiu que faria tudo o que Jesus teria feito. "Isso de certo modo concluiu a discussão." Ele concordou em celebrar o casamento deles. Mas não se ofereceu para fazer isso, e sentia-se claramente desconfortável em relação ao que estava sendo solicitado a fazer e à maneira como fora solicitado.

Não está claro por que Lewis parece ter acreditado que Bide se ofereceu espontaneamente para casá-los, o que parece ir contra a nítida memória de Bide de ter sido solicitado a fazer algo que ele considerava irregular e impróprio. A ponderação das provas pareceria pender a favor do relato de Bide. É possível que a convicção de Lewis de que Davidman estava prestes a morrer tenha determinado a maneira como ele entendeu sua conversa com Bide.

Não podemos, todavia, ignorar o fato de que todo o relacionamento de Lewis com Davidman aconteceu sob o manto do subterfúgio, lembrando a anterior falta de transparência de Lewis (envolvendo particularmente seu pai) acerca de seu relacionamento com a sra. Moore de 1918 a 1920. Não sabemos por que Lewis não contou a seus amigos a verdade sobre esse novo relacionamento, a começar do casamento civil em abril de 1956 e terminando com a celebração do casamento religioso em março de 1957. Não há dúvidas de que alguns de seus amigos mais íntimos — mais notadamente Tolkien — se

sentiram profundamente magoados por serem excluídos da confiança de Lewis.

A celebração do casamento cristão foi realizada às 11 horas da manhã de 21 de março de 1957 na ala do Churchill Hospital em que Davidman estava internada, tendo Warnie e uma freira enfermeira como testemunhas. Bide em seguida impôs as mãos sobre Davidman e orou pedindo sua cura. Foi obviamente um momento de grande solenidade e significado tanto para Lewis quanto para Davidman. Foi um momento não menos significativo para Bide. Ele havia tomado um caminho sem volta, desconsiderando deliberadamente a disciplina da Igreja. Sua decisão forçada pôs em risco sua carreira.

Bide decidiu imediatamente ser honesto com as autoridades da Igreja. Foi encontrar-se com Carpenter antes de deixar Oxford, e explicou-lhe o que acabara de fazer. Carpenter ficou furioso diante dessa ostensiva quebra de protocolo, e ordenou-lhe que voltasse imediatamente para a sua diocese e confessasse tudo. Quando voltou para casa, Bide ficou alarmado ao descobrir que o bispo de Chichester, George Bell, já havia pedido para encontrar-se com ele. Temendo o pior, Bide foi ao encontro de Bell no dia seguinte e confessou seu mau procedimento. Bell deixou claro que não estava satisfeito com o acontecido, e pediu que Bide lhe garantisse que isso não se repetiria. Mas esse não era o motivo pelo qual ele havia convocado Bide. Ele queria lhe oferecer um dos melhores empregos em sua diocese: a paróquia de Goring-by-Sea. E a oferta, ele lhe assegurou, ainda estava de pé. Será que ele aceitaria? Ele aceitou.[68]



13.3 Peter Bide, em novembro de 1960. Bide oficiou a "cerimônia de casamento" entre Lewis e Joy Davidman no Churchill Hospital de Oxford, no dia 21 de março de 1957.

Davidman voltou para The Kilns em abril, na expectativa de vir a falecer dentro de algumas semanas. O próprio Lewis sofria agora de osteoporose, o que lhe causava uma dor considerável nas pernas e dificultava seu caminhar quando não usava a cinta cirúrgica. Lewis sentiu um pequeno prazer pensando que, à medida que sua dor aumentara, a de Davidman diminuíra. Isso era, declarou ele, "uma substituição, segundo Charles Williams",[69] na qual o amante suportava a dor da pessoa amada. Para Williams, e mais tarde para Lewis, "uma pessoa tinha o poder de aceitar em seu próprio corpo a dor de alguma outra

pessoa, por meio do amor cristão".[70]

Davidman recuperou-se o suficiente para começar novamente a andar em dezembro de 1957, fato que Lewis considerou um milagre. Em junho do ano seguinte, o diagnóstico foi que o câncer estava regredindo. Em julho de 1958, Lewis e Davidman voaram para a Irlanda, onde passaram dez dias numa "lua de mel atrasada", visitando a família e os amigos de Lewis, e bebendo em meio aos cenários, sons e aromas de sua terra natal: "as montanhas azuis, as praias amarelas, os brincos-de-princesa escuros, as ondas arrebentando, os asnos zurrando, o cheiro de turfa e a urze que exatamente naquela época começava a florir".[71]

Nesse tardio verão de sua vida, confiante na saúde da esposa, Lewis pôde voltar novamente a escrever. *Reflections on the Psalms* (1958) e *Os quatro amores* (1960) são duas obras desse período, e refletem a influência de Davidman. É difícil ler *Os quatro amores* sem ver algum vestígio da evolução do relacionamento com Davidman refletido em seus capítulos e em algumas de suas elegantes frases, como a famosa "O amor-necessidade clama a Deus de nossa pobreza; o amor-dom anseia por servir a Deus, ou até mesmo sofrer por ele; o amor-agradecido diz: 'Nós te agradecemos por tua imensa glória'".[72]

Enquanto isso, a falta de familiaridade de Lewis com o sistema de impostos da Grã-Bretanha vinha lhe causando sérias dores de cabeça. No período pós-guerra, o Reino Unido impôs indecentes alíquotas de impostos de até 90% para quem recebesse quantias significativas por meio de direitos autorais.[73] Lewis, bem como Tolkien, ficaram aturdidos diante das enormes e inesperadas exigências fiscais que cobravam retroativamente o sucesso de seus livros. Ao que parece, Lewis não empregava um contador, e assim foi apanhado de surpresa por suas obrigações legais. Em março de 1959, Lewis disse a seu confidente Arthur Greeves que ele fora "nocauteado por uma enorme sobretaxa sobre direitos autorais obtidos dois anos antes", o que obrigava a ele e Davidman a reduzir drasticamente os gastos.[74] Lewis tornou-se ansioso em relação ao dinheiro, e relutava cada vez mais em comprar novos móveis ou em continuar a reforma de The Kilns, temendo ter de enfrentar outras exigências absurdas da Repartição Nacional de Finanças.

Sua situação financeira parece ter-se recuperado até certo ponto no mês de setembro de 1959, quando, aparentemente por instigação de Davidman, Lewis e Roger Lancelyn Green planejaram uma viagem ao exterior com suas esposas

para explorar alguns pontos turísticos clássicos da Grécia. Mas os planos deles foram por água abaixo devido ao acontecimento de algumas semanas mais tarde. No dia 13 de outubro, depois do que era para ser um *checkup* médico de rotina, descobriu-se que o câncer de Davidman havia retornado.[75]

A viagem para a Grécia aconteceu mesmo assim.[76] Em abril de 1960, uma semana após a publicação de *Os quatro amores*, Lewis e Davidman voaram com Roger e June Lancelyn Green para a Grécia, para visitar os clássicos pontos do mundo antigo em Atenas, Rodes e Creta. Foi a primeira vez que Lewis viajou para fora da Inglaterra desde que estivera combatendo nos mortíferos campos da França na Grande Guerra. Essa seria a última viagem que Lewis e Davidman fariam juntos. O "estranhíssimo casamento" de Lewis logo terminaria em tragédia.

PERDA, DOENÇA E MORTE: OS ANOS FINAIS

JOY DAVIDMAN MORREU DE CÂNCER AOS 45 ANOS no hospital Radcliffe Infirmary de Oxford, no dia 13 de julho de 1960, tendo Lewis ao seu lado. A pedido dela, seu funeral aconteceu no crematório de Oxford no dia 18 de julho. A cerimônia fúnebre foi celebrada por Austin Farrer, um dos poucos dos amigos de Lewis que passara a gostar de Davidman. Sua placa memorial continua lá, e até hoje é um dos pontos mais conhecidos do crematório.

Lewis sentiu-se arrasado. Ele não só perdera sua mulher, de quem cuidara durante sua enfermidade e a quem passara a amar, mas também perdera uma musa pessoal, uma fonte de estímulo e inspiração literária. Davidman fora uma influência significativa em três de seus últimos livros: *Till We Have* Faces, *Reflections on the Psalms* e *Os quatro amores*. Agora Davidman seria instrumental para uma das obras mais sombrias e reveladoras de Lewis. A morte da esposa desencadeou um fluxo de pensamentos que Lewis no início não conseguia controlar. No fim, transferiu-os para a escrita como uma forma de lidar com eles. O resultado foi um dos mais angustiantes e perturbadores livros de sua autoria: *A anatomia de uma dor*.

A anatomia de uma dor (1961): o teste da fé

Nos meses subsequentes à morte de Davidman, Lewis passou por um processo de luto cruciante em sua intensidade emocional e inflexível em seu

questionamento e sua sondagem. Aquilo a que Lewis certa vez se referira como seu "acordo com a realidade" foi esmagado por uma onda gigante de cruel tumulto emocional. "A realidade esmigalhou meus sonhos."[1] A represa se rompera. Tropas invasoras cruzaram a fronteira, promovendo uma ocupação temporária daquilo que antes devia ser um território protegido e seguro. "Ninguém nunca me disse que o luto se parecia tanto com o medo."[2] Como uma tempestade, perguntas não respondidas e irrespondíveis levantaram-se contra a fé cristã de Lewis, encostando-o contra uma parede de dúvida e incerteza.

Enfrentando esses desafios debilitantes e perturbadores, Lewis lutou usando o método que ele havia recomendado a seu confidente Arthur Greeves em 1916: "Sempre que você estiver cansado da vida, comece a escrever: a tinta é a grande cura para todos os males humanos, conforme descobri há muito tempo".[3] Nos dias que se seguiram à morte de Davidman em julho de 1960, Lewis começou a registrar seus sentimentos por escrito, não se preocupando em esconder suas dúvidas e agonia espiritual. *A anatomia de uma dor* é um relato sem censura e sem restrições dos sentimentos de Lewis. Ele encontrou liberdade e alívio em sua capacidade de escrever o que de fato pensava, em vez daquilo que seus amigos e admiradores acreditavam que ele devia pensar.

Lewis discutiu o manuscrito com seu íntimo amigo Roger Lancelyn Green em setembro de 1960. Que deveria fazer com aquilo? No fim, concordaram que deveria ser publicado. Lewis, em sua ânsia de não causar nenhum embaraço entre seus amigos, decidiu ocultar sua autoria de *A anatomia de uma dor*. Fez isso de quatro maneiras:

1. Contatando a maior editora da época, Faber & Faber, em vez de Geoffrey Bles, seu editor de longa data. Lewis entregou o texto a seu agente literário, Spencer Curtis Brown, que o submeteu a Faber & Faber, sem dar nenhuma indicação de que Lewis tinha alguma conexão com a obra. Isso foi feito para dar uma pista falsa aos detetives literários.
2. Usando um pseudônimo para o autor — "N. W. Clerk". Lewis sugeriu originalmente o pseudônimo latino *Dimidius* ("cortado ao meio"). T. S. Eliot, um dos diretores da Faber & Faber, que imediatamente identificou a verdadeira identidade do obviamente

erudito autor ao ler o texto apresentado por Curtis Brown, sugeriu que um "pseudônimo inglês mais plausível" seria "melhor que Dimidius para despistar investigadores".[4] Lewis já havia usado vários pseudônimos literários para ocultar a autoria de seus poemas. O nome que ele acabou escolhendo deriva da abreviação de *Nat Whilk* (uma expressão anglo-saxônica mais bem traduzida como "Eu não sei quem") e "Clerk" (alguém que sabe ler e escrever). Lewis havia usado anteriormente a forma latinizada desse nome — *Natwilcius* — para referir-se a uma autoridade erudita em seu romance *Perelandra* de 1943.

3. Adotando o pseudônimo para a figura central da narrativa: "H.", presumivelmente uma abreviação de "Helen", um prenome que Davidman raramente usou, mas que aparecia em documentos legais relacionados ao seu casamento e naturalização como cidadã britânica e em seu atestado de óbito, que se refere a ela como "Helen Joy Lewis", "esposa de Clive Staples Lewis".
4. Alterando seu estilo. *A anatomia de uma dor* foi deliberadamente escrito usando o formato e o estilo de escrita que nenhum de seus leitores regulares normalmente associaria com Lewis. Incorporando esses "pequenos disfarces o tempo inteiro", Lewis esperava confundir seus leitores e esconder-se deles.[5] Ao que parece, poucos dos primeiros leitores da obra viram nela uma ligação com Lewis.

Mesmo para aqueles que reconheceram na obra pelo menos alguns sinais reveladores do estilo de Lewis (por exemplo, sua clareza), *A anatomia de uma dor* parecia muito diferente de tudo o que ele havia escrito antes. O livro trata de sentimentos e de seu profundo significado, no sentido de submeter qualquer "acordo com a realidade" ao rigoroso teste que é o único capaz de provar se o "acordo" consegue suportar o peso a que é submetido. Lewis tinha a fama de sentir-se desconfortável em discutir suas emoções e seus sentimentos pessoais, tendo até pedido desculpas a seus leitores pela abordagem "sufocantemente subjetiva" adotada em certos pontos de sua obra anterior *Surpreendido pela alegria*.[6]

A anatomia de uma dor envolve uma paixão e intensidade que diferem de

tudo o que se encontra no corpo das obras desse autor, passadas ou futuras. Sua discussão anterior da dor em *O problema do sofrimento* (1940) tende a tratar a questão como algo que pode ser abordado de modo objetivo e desapaixonado. A existência do sofrimento é apresentada como um quebra-cabeça intelectual que a teologia cristã consegue acomodar de modo satisfatório, embora não o resolva por inteiro. Lewis foi muito claro em relação a suas intenções na composição de sua obra anterior: "O único objetivo do livro é resolver o problema intelectual levantado pelo sofrimento".[7] Lewis talvez tenha enfrentado todas as questões intelectuais colocadas pelo sofrimento e a morte antes. Nada, porém, parece tê-lo preparado para o furacão que a morte de Davidman desencadeou.

O sofrimento pode ser pouco mais que um quebra-cabeça lógico para quem o enfrenta a uma distância segura. Quando provado de modo direto, imediato, pessoal — como quando Lewis perdeu sua mãe, e de novo na experiência arrasadora da morte de Davidman — é como uma sequência de golpes de um aríete de emoções, desferidos contra as portas do castelo da fé. Para seus críticos, *O problema do sofrimento* equivale a uma fuga da realidade do mal e da dor como fatos concretos, reduzidos, em vez disso, a ideias abstratas que precisam ser encaixadas no quebra-cabeça da fé. Ler *A anatomia de uma dor* é perceber como a fé racional pode esfacelar-se quando enfrenta o sofrimento como uma realidade pessoal, mais do que como uma ligeira perturbação teórica.

Lewis parece ter percebido que sua abordagem anterior havia tratado da superfície da vida humana, não de suas profundezas:

> Onde está Deus? [...] Dirija-se para ele em sua necessidade desesperada, quando qualquer outra ajuda é inútil, e o que você encontra? Uma porta fechada em seu rosto, e o som de um ferrolho duplo do lado de dentro. Depois disso, o silêncio.[8]

Em junho de 1951, Lewis escreveu a irmã Penelope pedindo-lhe que orasse por ele. Tudo era demasiado fácil para ele. "Eu estou (como o peregrino de Bunyan) viajando pela "planície chamada Facilidade". Será que uma mudança nas circunstâncias da vida, perguntava-se ele, poderia levá-lo a uma apreciação mais profunda de sua fé? Será que uma ideia religiosa que ele agora entendia apenas parcialmente, se é que a entendia, de repente poderia assumir um novo significado, tornando-se uma nova realidade? "Eu agora sinto que nunca se deve

dizer que se crê ou que se entende alguma coisa: uma manhã qualquer, uma doutrina que eu achava já possuir pode desabrochar nessa nova realidade."[9] É difícil ler isso sem refletir em como o envolvimento de certo modo superficial com a dor em *O problema do sofrimento* viria a "desabrochar" transformando-se no relato mais maduro, mais comprometido e, sobretudo, mais *sábio* que se lê em *A anatomia de uma dor*.

O forte, franco e honesto relato de Lewis de sua experiência pessoal em *A anatomia de uma dor* deve ser valorizado como o relato autêntico e comovente do impacto da perda. Não surpreende nem um pouco o fato de que essa obra tenha tido um número tão grande de leitores, dada sua precisa descrição do tumulto emocional que resulta da morte de uma pessoa amada. De fato, alguns, ignorando totalmente a verdadeira origem da obra, até a recomendaram a Lewis como um excelente relato do processo do luto. A obra, porém, é significativa em outro nível, expondo a vulnerabilidade e fragilidade de uma fé puramente racional. Embora Lewis sem dúvida tenha recuperado a fé após a morte de sua esposa, *A anatomia de uma dor* sugere que essa fé se distanciava um pouco da fria, lógica abordagem da fé outrora apresentada em *O problema do sofrimento*.

Alguns erroneamente concluíram que *A anatomia de uma dor* tacitamente reconhece o fracasso da explicação dada pelo cristianismo, e que Lewis emergiu desse processo de luto transformado num agnóstico. Essa é uma explicação apressada e superficial e mostra a falta de familiaridade com o próprio texto, ou com os subsequentes escritos de Lewis. Deve-se lembrar de que *A anatomia de uma dor* descreve o que Lewis considera um processo de teste — não para testar *Deus*, mas para testar *Lewis*. "Deus não tentou testar minha fé ou meu amor a fim de descobrir a qualidade deles. Ele já a conhecia. Quem não a conhecia era eu".[10]

Quem deseja apresentar Lewis como alguém que se transformou num agnóstico nessa época precisa congelar seletivamente essa narrativa, apresentando uma de suas estruturas ou fases como resultado desse agnosticismo. Lewis deixa claro que, em sua angústia, ele se propôs a explorar todas as opções intelectuais que se lhe ofereciam. Nenhuma pedra permaneceria no lugar, nenhum caminho devia ficar inexplorado. Talvez Deus não existisse. Talvez existisse, mas era um tirano sádico. Talvez a fé seja apenas um sonho. Como o salmista, Lewis sonda as profundezas do desespero, de modo inflexível

e exaustivo, determinado descobrir o significado oculto na escuridão delas. Finalmente, Lewis começa a recuperar um sentido de equilíbrio espiritual, reajustando sua teologia à luz dos dilacerantes acontecimentos das semanas anteriores.

Uma carta que Lewis escreveu algumas semanas antes de sua morte capta o fluxo argumentativo de *A anatomia de uma dor* e ao mesmo tempo resume o resultado obtido. Lewis havia mantido uma correspondência desde o início da década de 1950 com a irmã Madeleva Wolff (1887-1964), uma ilustre poetisa e estudiosa da literatura medieval que se havia recentemente aposentado como presidente do Saint Mary's College da Universidade de Notre Dame em South Bend, no estado norte-americano de Indiana. Lewis fala em expressar sua dor "dia após dia em toda a sua crueza e reações e loucuras pecaminosas". Ele a adverte de que, embora o livro *A anatomia de uma dor* "termine com fé", ele, todavia, "levanta todas as dúvidas mais sombrias ao longo do caminho".[11]

É demasiado fácil — especialmente para os que estão predispostos a descrever Lewis como alguém que se tornou agnóstico, ou aos que não dispõem de tempo para lê-lo adequadamente — fixar-se nessas "reações e loucuras pecaminosas" como se elas representassem o resultado da exploração ilimitada de toda a gama de possibilidades ateístas em reação à sua crise de luto. O julgamento de Lewis, porém, sobre seus próprios escritos é precisamente a conclusão a que se chegará qualquer um que lê sua obra do começo ao fim.

É difícil, e talvez seja totalmente impróprio, fixar-se num único momento, numa afirmação isolada que represente uma reviravolta nas angustiadas meditações de Lewis. Parece, todavia, haver um claro momento crítico no pensamento de Lewis que se concentra no desejo de ser capaz de sofrer no lugar de sua esposa: "Quem dera eu pudesse passar por isso, ou pela pior parte disso, ou por alguma parte disso, no lugar dela".[12] A linha de pensamento de Lewis é que essa é a marca do verdadeiro amor — uma disposição a assumir a dor e o sofrimento para que a pessoa amada possa ser poupada da pior parte.

Lewis em seguida estabelece a óbvia, e crítica, conexão cristológica de que isso foi o que Jesus fez na cruz. Será permitido, "balbucia" ele, assumir o sofrimento em benefício de alguma outra pessoa, de modo que esta seja poupada, pelo menos em parte, de sua dor e sensação de abandono? A resposta está no Cristo crucificado:

> Isso foi permitido a Um só, é o que nos dizem, e eu descubro que agora posso crer novamente

> que ele fez de modo vicário tudo o que se pode fazer desse modo. Ele responde ao nosso sussurro: "Vocês não podem e vocês não ousam. Eu podia e ousei".[13]

Há dois pontos interligados, mas distintos, sendo expressos aqui. Lewis está chegando à conclusão de que, por maior que tenha sido seu amor por sua esposa, esse amor tinha limites. O amor-próprio continuará presente em sua alma, moderando seu amor por qualquer outra pessoa e determinando até que ponto ele está preparado para sofrer por essa pessoa. Segundo, Lewis está se movendo na direção não tanto do reconhecimento do Deus que se esvazia a si mesmo (é fácil encontrar esse conceito teológico em outros textos dele), mas na direção de uma percepção da importância existencial de Deus para o problema do sofrimento humano. Deus *podia suportar* o sofrimento. E Deus *de fato suportou* o sofrimento. E isso, por sua vez, nos permite suportar a ambiguidade e os riscos da fé, sabendo que o resultado está garantido. *A anatomia de uma dor* é uma narrativa do teste e da maturação da fé, não simplesmente sua recuperação, e certamente não de sua perda.

Por que, nesse caso, Lewis reagiu de modo tão violento à morte de Davidman? Há claramente vários fatores envolvidos. Por mais duvidoso que tenha sido o início do relacionamento entre eles, Davidman havia se tornado a amante de Lewis e sua alma gêmea intelectual, que o ajudou a preservar sua paixão e motivação pela escrita. Ela desempenhou — ou, mais precisamente, *teve permissão* para desempenhar — um papel único no círculo das mulheres importantes na vida de Lewis. A perda de Davidman foi profundamente sentida.

No fim, a tempestade se acalmou, e as ondas pararam de se arrebentar contra a casa da fé onde residia Lewis. O ataque havia sido extremo, e o teste, rigoroso. O resultado, porém, foi uma fé que, como o ouro, havia passado pelo fogo do crisol.

A saúde debilitada de Lewis: 1961-1962

É possível que Lewis tenha preservado a fé, e ela talvez tenha ficado mais robusta. Mas não se pode dizer a mesma coisa sobre sua saúde. Em junho de 1961, Lewis passou dois dias em Oxford com seu amigo de infância, Arthur Greeves. Foi, declarou ele mais tarde, "uma dos momentos mais felizes". No entanto, a carta de Lewis a Greeves, agradecendo-lhe pela visita, tinha um aspecto mais sombrio. Lewis revelou que logo teria de internar-se no hospital

para uma operação ligada a dilatação da próstata.[14] É improvável que Greeves tenha ficado muito surpreso com essa notícia. Lewis, notara ele durante a visita, "parecia muito doente". Sem dúvida havia algo de errado.

A operação foi marcada para 2 de julho em Acland Nursing Home, um centro médico particular fora do serviço de saúde nacional, perto do centro de Oxford. Logo, porém, ficou evidente para a equipe médica que nenhuma operação seria possível. Os rins e também o coração de Lewis estavam debilitados. Excluindo qualquer possibilidade de cirurgia, seu estado de saúde só poderia ser controlado, mas não curado. No final do verão, Lewis estava tão doente que não conseguiu voltar para Cambridge para lecionar durante o trimestre Michaelmas de 1961.

Percebendo que talvez não sobrevivesse por muito tempo, Lewis redigiu seu testamento. Esse documento, datado de 2 de novembro de 1961, indicava Owen Barfield e Cecil Harwood como seus testamenteiros e curadores.[15] Lewis legou seus livros e manuscritos a seu irmão, juntamente com qualquer renda provenientes de suas publicações durante o tempo de vida de Warnie. Depois da morte do irmão, o patrimônio residual caberia a seus dois enteados. O testamento não incluía nenhuma cláusula envolvendo um executor literário. Warnie receberia os rendimentos das publicações de Lewis, mas não teria nenhum direito legal sobre elas.

Lewis também estipulou que quatro indivíduos receberiam cem libras, se houvesse fundos suficientes na conta bancária na ocasião de sua morte: Maureen Blake, e seus três afilhados, Laurence Harwood, Lucy Barfield e Sarah Neylan.[16] Logo depois disso, Lewis parece ter percebido que deixara de mostrar qualquer sinal de reconhecimento para com aqueles que haviam cuidado dele em The Kilns. Num codicilo de 10 de dezembro de 1961, Lewis acrescentou mais dois nomes a essa lista: o de seu jardineiro e serviçal Fred Paxford, que receberia cem libras, e o de sua empregada Molly Miller, que receberia cinquenta libras.

Essas quantias parecem irrisórias, considerando-se que, depois da legitimação do testamento de Lewis no dia 1º de abril de 1964, o patrimônio dele foi avaliado em 55.869 libras, com um imposto a pagar sobre a herança de 12.828 libras. Lewis, porém, mal fazia ideia de seu patrimônio pessoal, e andava agora constantemente preocupado com as grandes exigências do departamento da receita nacional, que poderia levá-lo à beira da falência. Seu testamento

também revela ansiedade sobre o que poderia acontecer se as taxas sobre a herança excedessem seus recursos realizáveis.



14.1 A Acland Nursing Home, na Banbury Road, 25, Oxford, em 1900. Essa casa de saúde, fundada em 1882, foi nomeada em homenagem a Sarah Acland, esposa de *sir* Henry Acland, que fora *regius professor* de Medicina da Universidaded de Oxford. Ela foi transferida para seu novo endereço na Banbury Road em 1897.

Lewis havia alimentado a esperança de poder reassumir suas responsabilidades docentes normais no Magdalene College no trimestre seguinte, em janeiro de 1962. Mas à medida que os meses foram passando, Lewis percebeu que ele não estava bem o suficiente para retomar suas atividades. Ele escreveu a um dos alunos que deveria supervisionar para pedir desculpas por sua forçada ausência no segundo trimestre de 1962, e para explicar o problema:

> Eles não podem me operar da próstata antes de tratarem do coração e dos rins, mas também parece que não podem tratar do coração e dos rins antes de me operar da próstata. Estamos naquele caso que um paciente, por um lapso verbal, descreveu como "um círculo viscoso".[17]

Lewis conseguiu finalmente voltar para Cambridge no dia 24 de abril de

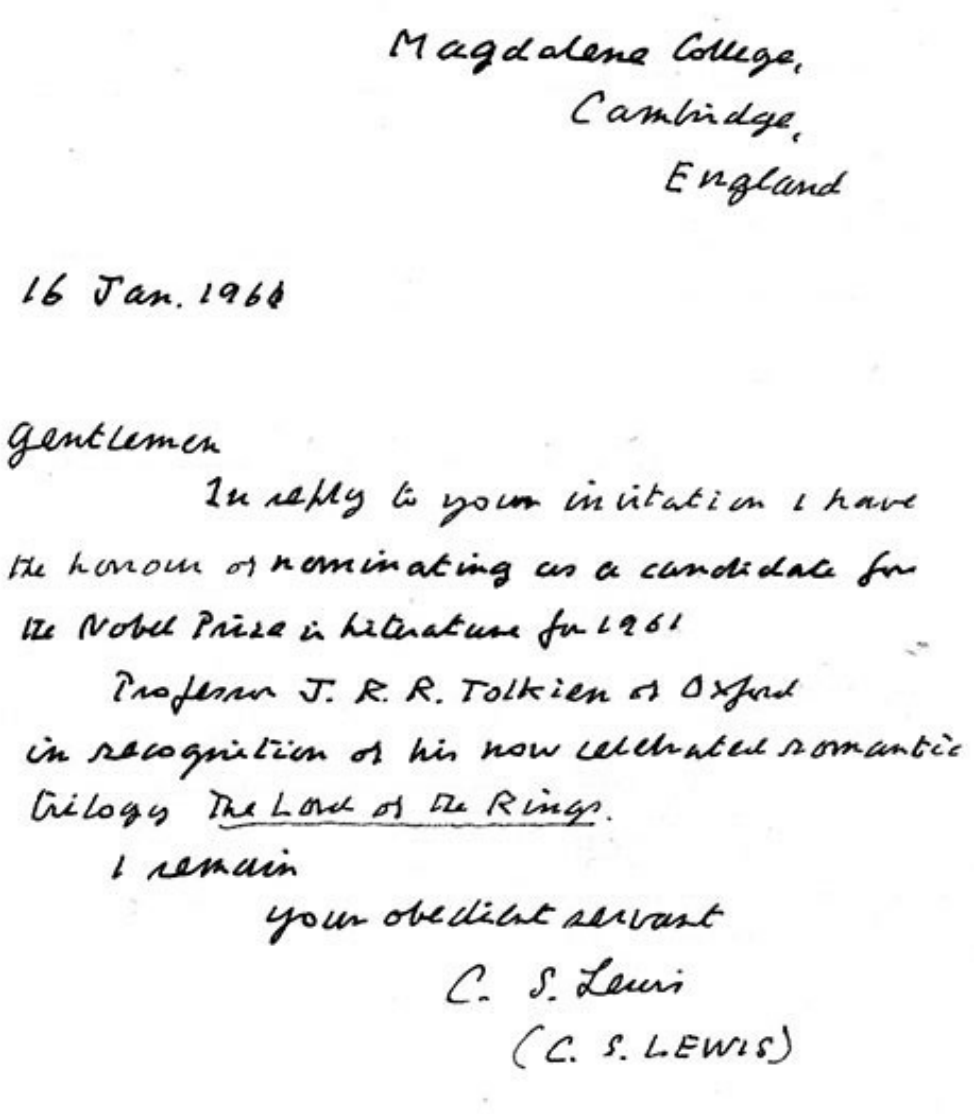
1962 e retomou suas atividades docentes, fazendo palestras quinzenais sobre *The Faerie Queene* de Spenser.[18] Todavia, ele não estava curado. Seu estado de saúde havia apenas se estabilizado mediante uma dieta cuidadosa e um regime de exercícios. Desculpando-se com Tolkien por não poder estar presente, no mês seguinte, num jantar comemorativo no Merton College para marcar a publicação de uma coleção de ensaios dedicados a ele, Lewis explicou que agora ele tinha de "usar um cateter, seguir uma dieta de pouca proteína e deitar-se cedo".[19]

O cateter em questão era uma geringonça de amador feita de rolhas e pedaços de tubos de borracha, que era famosa por sua propensão a vazamentos. Ele fora inventada pelo amigo de Lewis, o dr. Robert Havard, cuja incapacidade de diagnosticar o câncer de Davidman cedo o suficiente para permitir uma intervenção cirúrgica deveria ter provocado algumas dúvidas em Lewis quanto à competência profissional do amigo. Lewis queixou-se das deficiências de Havard numa carta de 1960, observando que ele "poderia e deveria ter diagnosticado o problema de Joy quando ela o consultou sobre os sintomas anos antes de nós nos casarmos".[20] No entanto, apesar dessas deficiências, Lewis ainda parece ter permitido que Havard o aconselhasse sobre como lidar com problemas de próstata, deixando inclusive que ele projetasse o cateter. As frequentes falhas no funcionamento desse dispositivo improvisado causavam inconveniências e às vezes caos na vida social de Lewis, como no episódio de uma festa em Cambridge regada a xerez que teria sido sem graça se não fosse abrilhantada por uma chuva de sua urina.

Os últimos anos do declínio de Lewis não foram tranquilos. Warnie estava cada vez mais propenso a bebedeiras, aliviadas, mas não curadas, pelos amorosos cuidados das irmãs de Nossa Senhora de Lourdes em Drogheda. Ao que parece, as irmãs criaram um carinho especial por esse major reabilitado e rotineiramente dipsomaníaco, dispensando-lhe uma tolerância bem-intencionada que provavelmente lhe estimulava o vício. The Kilns estava mal conservada, e a umidade e o mofo começavam a se manifestar.

Outra preocupação de Lewis era o esfriamento contínuo de sua relação com Tolkien. Isso, é preciso observar, se deu em grande medida da parte de Tolkien, refletindo suas sombrias opiniões acerca de Lewis. Este, no entanto, nunca perdeu seu respeito e admiração por Tolkien, o que fica nítido a partir de um episódio que só recentemente veio à luz. No início de janeiro de 1961, Lewis

escreveu a seu ex-aluno, o estudioso de literatura Alastair Fowler, que perguntara a Lewis se ele deveria candidatar-se a uma cátedra de Inglês na Universidade de Exeter. Lewis lhe disse que sim. Depois ele pediu o conselho de Fowler. Quem ele achava que deveria receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1961?[21] A razão dessa curiosa solicitação agora está clara.



Magdalene College,
Cambridge,
England

16 Jan. 1961

Gentlemen

In reply to your invitation I have the honour of nominating as a candidate for the Nobel Prize in literature for 1961

Professor J. R. R. Tolkien of Oxford

in recognition of his now celebrated romantic trilogy The Lord of the Rings.

I remain

your obedient servant

C. S. Lewis

(C. S. LEWIS)

14.2 Carta inédita de C. S. Lewis de 16 de janeiro de 1961, indicando J. R. R. Tolkien para o Prêmio Nobel de Literatura. (Copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd.) Na carta, se lê: "Magdalene College, Cambridge, Inglaterra. 16 de janeiro de 1961. Prezados senhores, respondendo ao seu convite, tenho a honra de indicar como candidato ao Prêmio Nobel de Literatura de 1961 o professor J. R. R. Tolkien de Oxford, em reconhecimento por sua famosa trilogia romântica *O senhor dos*

anéis. Coloco-me inteiramente a sua disposição. C. S. Lewis".

Quando os arquivos da Academia Sueca de 1961 foram abertos a pesquisadores em janeiro de 2012, descobriu-se que Lewis havia indicado Tolkien para o Prêmio.[22] Como professor de literatura inglesa na Universidade de Cambridge, Lewis havia recebido um convite da comissão do Prêmio Nobel de Literatura no fim de 1960 pedindo que ele indicasse alguém para o prêmio de 1961. Em sua carta de indicação, datada de 16 de janeiro de 1961, Lewis propôs o nome de Tolkien, em reconhecimento por sua "famosa trilogia romântica" *O senhor dos anéis*.[23] No fim, o prêmio foi dado ao escritor iugoslavo Ivo Andriæ (1892-1975). A prosa de Tolkien foi considerada inadequada em comparação com a de seus rivais, que incluíam Graham Greene (1904-1991). Todavia, a proposta de Lewis para essa suprema honraria é um testemunho importante de seu incessante respeito e admiração por seu colega de trabalho, apesar do crescente distanciamento pessoal entre eles. Se Tolkien um dia soube desse acontecimento (e não há nada em sua correspondência que sugira isso), isso de nada serviu para reconstruir seu relacionamento cada vez pior com Lewis.

E se isso não bastasse, os dois filhos de Davidman — agora sob a guarda de Lewis e Warnie — tinham problemas que precisavam ser resolvidos, sobretudo em relação a sua educação. David, aparentemente passando por uma crise de identidade, havia decidido tornar-se um judeu praticante, reafirmando as raízes religiosas da mãe. Isso obrigava Lewis a encontrar comida *kosher* para que David observasse as exigências de sua dieta. (Lewis acabou encontrando esse produto na Palm's Delicatessen no mercado coberto de Oxford.) Lewis incentivou David a reafirmar suas raízes judaicas, inclusive tomando medidas para que ele aprendesse hebraico em vez do mais tradicional latim na Magdalen College School. Lewis procurou aconselhar-se com o professor de Estudos Hebraicos Pós-Bíblicos, Cecil Roth (1899-1970), acerca das maneiras de acomodar o crescente comprometimento do seu enteado com o judaísmo.[24] Foi por recomendação de Roth que David começou seus estudos na faculdade talmúdica de Golders Green, bairro na zona noroeste de Londres.

No primeiro semestre de 1963, a saúde de Lewis melhorou o suficiente para permitir-lhe passar o trimestre Lent (janeiro a março) e o trimestre Easter (abril a junho) lecionando em Cambridge. Em maio de 1963, ele estava planejando suas palestras para o trimestre Michaelmas (outubro a dezembro). Ele daria um

curso de palestras em Cambridge sobre literatura medieval nas manhãs das terças e quintas-feiras durante o período letivo, a partir do dia 10 de outubros.[25]

A essa altura, Iewis fez uma amizade que de início se mostraria de capital importância em seus últimos meses, e no reavivamento do interesse por Lewis após sua morte. Lewis tinha muitos admiradores norte-americanos com quem ele se correspondeu ao longo dos anos. Um deles foi Walter Hooper (1931-), um jovem acadêmico da Universidade de Kentucky que havia pesquisado os escritos de Lewis e estava interessado em escrever um livro sobre ele. Hooper havia começado a corresponder-se com Lewis no dia 23 de novembro de 1954, enquanto servia o exército dos Estados Unidos, e desenvolveu um duradouro interesse nesse autor durante sua subsequente carreira acadêmica. Hooper ficara particularmente impressionado com um breve prefácio que Lewis havia escrito para *Letters to Young Churches* [Cartas às igrejas novas] (1947), uma tradução contemporânea das epístolas do Novo Testamento do escritor religioso inglês J. B. Phillips (1906-1982). Desde 1957, Lewis havia concordado em encontrar-se com Hooper se ele algum dia tivesse um motivo para visitar a Inglaterra.[26]

No fim, a visita de Hooper teve de ser adiada, embora a correspondência entre eles continuasse. Em dezembro de 1962, Hooper enviou-lhe uma bibliografia compilada por ele das obras de Lewis, e este mostrou seu apreço por ela, corrigindo-a e completando-a em vários pontos. Mais uma vez Lewis concordou com a ideia de encontrar-se com Hooper quando este viajasse para a Inglaterra, e sugeriu que isso fosse durante o mês de junho de 1963, quando ele esperava estar em sua casa em Oxford.[27] O encontro foi finalmente marcado para o dia 7 de junho, quando Hooper estaria em Oxford para participar de um curso internacional de verão no Exeter College.

Lewis claramente gostou de conhecer Hooper pessoalmente, e o convidou a participar da reunião dos Inklings na segunda-feira seguinte. Essas reuniões agora aconteciam do outro lado da rua St. Giles, uma vez que os Inklings haviam relutantemente sido transferidos do *pub* Eagle and Child para o *pub* Lamb and Flag [Cordeiro e bandeira], depois da reforma que havia estragado a privacidade e intimidade da "Rabbit Room".[28] Sendo que Lewis devia estar em sua residência no Magdalene College durante o período letivo, os encontros agora aconteciam às segundas-feiras, permitindo que ele tomasse o trem "Cantab Crawler" à tarde para Cambridge. Hooper, que era episcopal, acompanhava Lewis indo à Igreja da Santíssima Trindade em Headington

Quarry nas manhãs de domingo.

Doença terminal e morte

Lewis havia planejado viajar com Warnie para a Irlanda no fim de julho de 1963 a fim de visitar Arthur Greeves. Consciente de sua crescente debilidade física, Lewis combinou que Douglas Gresham os acompanharia, em parte para ajudá-lo a carregar sua bagagem. No dia 7 de junho, quando Lewis voltou para Oxford no fim do trimestre de verão de Cambridge, Warnie já havia partido para a Irlanda, pressupondo que Lewis se encontraria lá com ele no mês seguinte. Mas isso não aconteceria. A saúde de Lewis deteriorou-se de repente na primeira semana de julho.

No dia 11 de junho, relutante, Lewis escreveu a Greeves cancelando a viagem. Ele tinha tido uma "crise envolvendo seu problema cardíaco".[29] Lewis estava agora cansado, não conseguia se concentrar e tendia a cair no sono. Os rins não estavam funcionando bem, permitindo o acúmulo de toxinas na corrente sanguínea, causando-lhe fadiga. A única solução eram transfusões de sangue, que temporariamente aliviavam sua condição. (A diálise renal ainda demoraria alguns anos para ser praticada.)

Quando Walter Hooper chegou a The Kilns na manhã do domingo de 14 de julho de 1963 para levar Lewis à igreja, percebeu que Lewis estava gravemente enfermo. Sentia-se exausto, mal conseguia segurar nas mãos uma xícara de chá, e parecia confuso. Preocupado com sua incapacidade de manter sua correspondência em dia durante a ausência de Warnie, Lewis convidou Hooper a tornar-se seu secretário pessoal. Hooper já estava contratado para dar um curso em Kentucky naquele semestre, mas concordou em assumir o cargo em janeiro de 1964. Mas Lewis, talvez confuso e incapaz de concentrar-se plenamente, deixou de explicar que tipo de acordo financeiro ele tinha em mente para recompensar o trabalho de Hooper, ou que expectativas formais ele tinha para seu novo empregado.

Na manhã da segunda-feira, 15 de julho, Lewis escreveu uma breve carta a Mary Willis Shelburne, explicando como ele havia perdido toda a sua concentração mental, dizendo que na tarde daquele dia seria internado no hospital para fazer exames e ter seu estado de saúde avaliado.[30] Lewis chegou ao hospital Acland Nursing Home às 17 horas e sofreu um ataque cardíaco logo em seguida. Entrou em coma, e corria risco de morte. O hospital informou Austin e

Katharine Farrer, depois de fracassar em suas tentativas de entrar em contato com o parente mais próximo de Lewis — Warnie.[31]

No dia seguinte, Austin Farrer decidiu que Lewis, que vinha sendo mantido vivo por meio de uma máscara de oxigênio, desejaria receber a extrema-unção. Tomou providências para que Michael Watts, pároco auxiliar da Igreja St. Mary Magdalen, a apenas alguns minutos a pé de Acland Nursing Home, visitasse Lewis para esses ritos derradeiros. Às 14 horas, Watts ministrou-lhe a extrema-unção. Uma hora depois, para grande surpresa da equipe médica, Lewis despertou de seu coma e pediu uma xícara de chá, aparentemente sem saber que estivera inconsciente durante a maior parte de um dia.

Lewis mais tarde disse a seus amigos que gostaria de ter morrido durante o coma. A "experiência toda", escreveu ele depois a Cecil Harwood, foi "muito suave". Parecia uma pena, "depois de ter chegado à porta tão facilmente, não ter tido a permissão de entrar".[32] Como Lázaro, ele teria de morrer outra vez. Num comentário mais extenso na última carta a seu confidente Arthur Greeves, ele observou:

> Embora eu não me sinta de modo algum infeliz, não posso deixar de sentir que foi uma pena eu ter revivido em julho. Quero dizer, depois de ter deslizado de modo tão indolor chegando até a Porta, parece duro vê-la sendo fechada no meu nariz e saber que todo o processo deve algum dia ser novamente vivido, e talvez de modo muito menos agradável! Pobre Lázaro! Mas Deus sabe o que faz![33]

Lewis havia mantido uma correspondência regular com Greeves desde junho de 1914 — um dos mais significativos e íntimos relacionamentos de sua vida, quase totalmente desconhecido pela maioria dos seus amigos até que a publicação de *Surpreendido pela alegria* revelou a amizade juvenil entre eles (embora não sua extensão abarcando o presente). Do seu jeito típico, Lewis pediu desculpas pelas consequências de seu estado de saúde: "Pelo que parece, você e eu nunca mais vamos nos encontrar nesta vida".

Embora Lewis tenha desfrutado de dois dias de clareza mental depois de despertar de seu coma, ele em seguida entrou num período de "sonhos, ilusões e alguns momentos de confusão mental".[34] Em 18 de julho, o dia em que as alucinações começaram, Lewis foi visitado por George Sayer, que ficou preocupado ao vê-lo tão confuso. Lewis disse a Sayer que ele acabava de ser indicado como executor literário de Charles Williams, e precisava urgentemente descobrir um manuscrito escondido debaixo do colchão da sra. Williams. O

problema era que a sra. Williams exigia uma quantia enorme pelo manuscrito, e Lewis não tinha as dez mil libras que ela pedia. Quando Lewis começou a falar sobra a sra. Moore como se ela ainda estivesse viva, Sayer percebeu que seu amigo delirava. Quando em seguida Lewis lhe disse que havia convidado Walter Hooper para ser temporariamente seu secretário e cuidar de sua correspondência, Sayer supôs, não sem razão, que isso também era um delírio.[35]

Quando percebeu que realmente existia um Walter Hooper, fora da esfera alucinatória de Lewis, e que Hooper estava em condições de ajudar a cuidar de Lewis, Sayer imediatamente decidiu que devia viajar para a Irlanda e achar Warnie. No fim, Warnie se mostrou num estado tão grave de intoxicação alcoólica que não reunia condições de entender o que havia acontecido com Lewis, muito menos de contribuir para melhorar a situação. Sayer voltou sozinho para Oxford.

No dia 6 de agosto, Lewis teve a permissão de voltar para The Kilns, sob os cuidados de Alec Ross, um enfermeiro providenciado pelo hospital. Ross estava habituado a cuidar de pacientes ricos em suas casas bem-equipadas, e ficou chocado com o esquálido estado em que encontrou The Kilns, particularmente com a cozinha imunda. Ele começou um grande faxina para deixar a casa habitável. Lewis foi proibido de subir as escadas, e assim teve de ser acomodado no piso térreo. Hooper ocupou o velho quarto de Lewis no andar de cima e agiu como secretário dele. Dentre as cartas mais patéticas que Hooper, nessa ocasião, escreveu em nome de Lewis destacam-se as de demissão de sua cátedra na Universidade de Cambridge e de seu cargo de membro no Magdalene College.

Mas como Lewis retiraria todos os seus livros de Cambridge? Ele estava totalmente incapacitado de viajar. No dia 12 de agosto, Lewis escreveu a Jock Burnet, o tesoureiro do Magdalene College, informando-o de que Walter Hooper viajaria para Cambridge em nome dele para retirar de sua sala todos os seus pertences. No dia seguinte, Lewis escreveu uma carta ainda mais patética, dizendo a Burnet que ele tinha toda a liberdade para vender o que sobrasse. Walter Hooper e Douglas Gresham apareceram no Magdalene College no dia 14 de agosto, munidos de sete páginas de minuciosas instruções de Lewis acerca de seus pertences. Levaram dois dias para separar as coisas. No dia 16 de agosto, eles voltaram para The Kilns num caminhão que transportava milhares de livros, que foram empilhados no chão da casa até que se encontrasse o espaço necessário para eles nas estantes.

Em setembro, Hooper voltou aos Estados Unidos para reassumir seus compromissos docentes, deixando Lewis sob os cuidados de Paxford e da sra. Molly Miller, a empregada de Lewis. Lewis estava claramente ansioso acerca de sua situação. Onde estava Warnie, e quando ele voltaria? Com tristeza, Lewis concluiu que Warnie o havia "abandonado completamente", mesmo sabendo da seriedade de seu estado de saúde. "Ele está lá na Irlanda desde junho e nem sequer me escreve, e está, imagino eu, se acabando na bebida."[36] Warnie ainda não havia voltado no dia 20 de setembro, quando Lewis escreveu uma carta um tanto furtiva a Hooper para esclarecer-lhe a natureza do seu futuro emprego.

Está claro que Lewis não tinha pensado bem o que ele queria que Hooper fizesse na função de seu secretário particular, nem como ele pagaria por isso.[37] Quando Hooper escreveu para falar sobre o assunto de um salário pelo emprego proposto, Lewis, de certa forma envergonhado, confessou que ele simplesmente não tinha fundos para pagá-lo, apresentando-lhe plausíveis, mas fracos pedidos de desculpas. Tendo se demitido de sua cátedra em Cambridge, ele já não tinha um salário. E o que aconteceria se um dos enteados precisasse de dinheiro?[38] Ter Hooper como um "secretário pago" seria um luxo que ele simplesmente não podia se permitir. Mas se Hooper pudesse vir até Oxford em junho de 1964, ele seria muitíssimo bem-vindo. A suposição tácita parece ter sido a de que Hooper arcaria com as próprias despesas.

Vemos aqui uma das questões que pesavam muito na cabeça de Lewis depois de sua demissão da cátedra de Cambridge: o dinheiro. Lewis continuava vivendo com medo de exigências fiscais que ele talvez não pudesse pagar. Sua renda se limitava aos direitos autorais de seus livros. Era uma renda bastante substanciosa na época. Lewis, todavia, estava convencido de que logo ela declinaria à medida que o interesse em suas obras minguasse. As ansiedades sobre seu futuro financeiro foram claramente incrementadas em setembro por sua solidão. Ele não tinha uma alma gêmea com quem dividir essas preocupações.

Um mês mais tarde, Lewis escreveu novamente a Hooper, dando-lhe a boa notícia de que Warnie havia finalmente voltado.[39] Logo ficou claro que Lewis ainda estava ansioso acerca de suas finanças. Ele não tinha certeza sobre o que poderia pagar a Hooper, se é que poderia pagar alguma coisa. Sua melhor proposta foi que Hooper poderia morar em The Kilns, onde eles poderiam dividir uma lareira e uma mesa. Depois havia o problema do Warnie, que talvez

se ressentisse da presença de Hooper. O máximo que Lewis poderia se permitir pagar eram cinco libras por semana (catorze dólares).[40] Não era uma perspectiva nada atraente. No fim, porém, Hooper concordou em vir. Sua chegada foi marcada para a primeira semana de janeiro de 1964.[41]

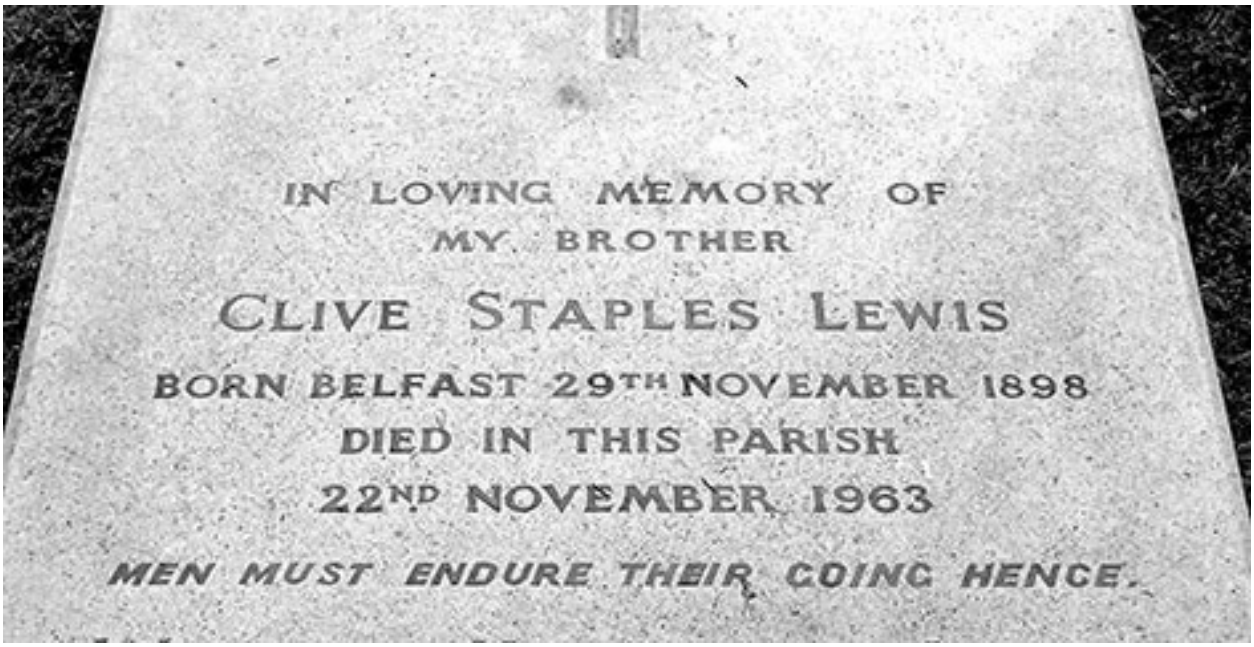
Em meados de novembro, Lewis recebeu uma carta da Universidade de Oxford que pode ser vista como um sinal, se é que de fato um sinal se fazia necessário, do recobro de seu prestígio nessa instituição. Ele foi convidado a ministrar a Palestra Romanes no Sheldonian Theatre. Tratava-se da provavelmente mais importante palestra pública da Universidade Oxford. Com grande pesar, Lewis pediu a Warnie que redigisse uma "recusa muito delicada".[42]

A sexta-feira, de 22 de novembro de 1963, começou normalmente na casa de Lewis. Warnie mais tarde se lembrava: depois que haviam tomado o café da manhã, eles começaram a rotina de responder cartas e tentaram resolver palavras-cruzadas. Warnie notou que Lewis parecia cansado depois do almoço, e sugeriu que ele fosse se deitar. Às 16 horas, Warnie lhe levou um xícara de chá, e o achou "zonzo, mas confortável". Às 17h30, Warnie ouviu um "baque" vindo do quarto de Lewis. Correu para lá e achou Lewis caído inerte no chão, inconsciente, junto ao pé da cama. Alguns minutos mais tarde, Lewis morria.[43] Seu atestado de óbito apresenta múltiplas causas para sua morte, como insuficiência renal aguda, obstrução prostática e degeneração cardíaca.

Na mesma hora, a caravana de batedores do presidente John F. Kennedy deixava o aeroporto Love Field de Dallas, iniciando seu desfile rumo ao centro da cidade. Uma hora depois, Kennedy foi fatalmente ferido por um franco-atirador. Ele foi declarado morto no Parkland Memorial Hospital. Relatos da mídia sobre a morte de Lewis foram completamente eclipsados pela amplamente e mais significativa tragédia que aconteceu naquele dia em Dallas.

Warnie ficou arrasado com a morte do irmão, e isso causou mais uma bebedeira. Ele se recusou a informar quem quer que fosse sobre quando aconteceria o funeral.[44] No fim, Douglas Gresham e outros telefonaram para alguns amigos, informando sobre as providências tomadas. Enquanto Warnie passou a terça-feira, 26 de novembro, na cama bebendo whisky, outros se reuniram naquela gelada, mas ensolarada manhã para enterrar Lewis na Igreja da Santíssima Trindade em Headington Quarry, Oxford. Não houve nenhuma procissão fúnebre na igreja: o caixão de Lewis fora trazido para o local na noite

anterior. Não houve anúncio público do funeral. Foi uma cerimônia privada, contando apenas com a presença de um círculo de amigos — entre eles, Barfield, Tolkien, Sayer e o presidente do Magdalen College. A cerimônia foi conduzida por Ronald Head, pároco do Santíssima Trindade. Austin Farrer leu o ato litúrgico. Não contando com a presença de nenhum membro imediato da família, o pequeno cortejo fúnebre da igreja até o cemitério foi encabeçado por Maureen Blake[45] e Douglas Gresham, que seguiram os portadores dos castiçais e da cruz processional para dentro do cemitério, onde os aguardava uma cova recém-aberta.[46]



14.3 Inscrição na lápide de Lewis no cemitério da Igreja da Santíssima Trindade em Headington Quarry, Oxford, na qual se lê: "Em amorosa memória de meu irmão Clive Staples Lewis. Nascido em Belfast, 29 de novembro de 1898. Falecido nesta paróquia. 22 de novembro de 1963. *Os homens devem suportar sua partida deste mundo*".

O texto bastante melancólico que Warnie escolheu para a lápide de seu irmão foi aquele exibido no calendário de Little Lea no dia da morte da mãe deles em agosto de 1908: "Os homens devem suportar sua partida deste mundo". Mas talvez algumas palavras do próprio Lewis, escritas alguns meses antes, capturem seu estilo e sua esperança diante de sua inevitável morte melhor do que o faz esse severo e escabroso epitáfio. Somos, sugeriu Lewis, como

uma semente pacientemente aguardando na terra: esperando surgir como uma flor na hora propícia do Jardineiro, subindo no mundo *real*, o real despertar. Suponho que toda a nossa vida presente, observada lá daquele ponto, parecerá apenas um sonolento semidespertar. Estamos aqui numa terra de sonhos. Mas o canto do galo está chegando.[47]

PARTE 5

DEPOIS DA MORTE

CAPÍTULO 15

O FENÔMENO LEWIS

PERTO DO FIM DA VIDA, NUMA CONVERSA COM WALTER HOOPER, Lewis observou que ele esperava ser esquecido no prazo de cinco anos após sua morte. Esse era o parecer de muitos na década de 1960, que viam Lewis como perdidamente vinculado com a visão cultural de uma geração anterior. O grande momento de Lewis parecia agora situar-se no passado. A agitada década de 1960 testemunhou uma rápida mudança cultural, quando surgiu uma geração mais jovem que buscava se distanciar da cultura e dos valores de seus pais.[1] E Lewis estava do lado errado do divisor de águas.

Década de 1960: uma estrela cadente

Em 1965, Chad Walsh (1914-1991), o estudioso norte-americano de literatura que publicou o primeiro livro sobre Lewis em 1949, declarou que a influência de Lewis estava agora "em sua fase minguante nos Estados Unidos".[2] A ascensão de Lewis para a fama nos Estados Unidos estava associada com a renovação dos interesses por questões religiosas num tempo de guerra, fenômeno que persistiu até o final da década de 1950, mas que depois começou a se desvanecer. Durante a década de 1960, o interesse e as preocupações religiosas passaram das indagações teóricas para as questões práticas. Lewis parecia "demasiado teórico e abstrato" para a geração mais jovem. Ele pouco tinha a dizer diante dos grandes debates da época: a Guerra do Vietnã, a revolução sexual e a "morte de Deus".

Lewis estava encalhado na praia, quando a maré que o levou para as alturas

baixou na década de 1960. Esse foi o juízo daquela época turbulenta. Em seu obituário para Lewis, a revista *Time* declarou que ele era "um dos profetas menores da igreja", um defensor da fé que "com urbanidade moderna, justificou uma ortodoxia antiquada contra as heresias do seu tempo".[3] Mas o tom do obituário enfatizava sua morte, sem antecipar sua ressurreição. Lewis seria lembrado como um "estudioso impressionante" por aqueles que olhavam para trás.



15.1 Lewis em sua casa, The Kilns, em 1960. Esta é uma das mais conhecidas imagens do Lewis da fase final. Ela o retrata sentado à sua escrivaninha, forrada com os acessórios e materiais que ele usava quando escrevia — à esquerda, uma grande xícara de chá, um tinteiro Quink, um cinzeiro e uma caixa de fósforos; à direita, um cachimbo, uma lata de tabaco e uma segunda caixa de fósforos.

Então o que lhe reservava o futuro? Walsh foi corretamente cauteloso nesse ponto, advertindo que não era possível determinar qual seria a futura posição de Lewis nos Estados Unidos. O próprio palpite de Walsh era de que os "livros mais diretos" de Lewis — como, por exemplo, *Cristianismo puro e simples* — oscilariam em seu apelo. Afinal, essas obras de "jornalismo religioso" eram

atrativas primeiramente para a época em que foram produzidas. Walsh, que também era um estudioso de literatura, sugeriu que "os livros mais imaginativos" de Lewis, como a "excelente série dos sete romances de Nárnia para crianças", poderiam sobrevier e "tornar-se parte permanente da herança literária e religiosa". Todavia, isso estaria reservado para Lewis no futuro, se é que de fato haveria um futuro para ele. Naquele momento, Lewis estava entrando num período de "relativa obscuridade".[4]

Lewis tinha de fato alguns que o defendiam nos Estados Unidos durante a década de 1960. Era então lido e defendido principalmente pelos episcopais, como Chad Walsh e Walter Hooper, embora houvesse sinais de um interesse emergente da parte de alguns católicos influentes. Os evangélicos, grupo em expansão nos Estados Unidos durante a década de 1960, o viam claramente com desconfiança, no sentido de que ele violava suas normas sociais e preocupações religiosas. Do ponto de vista teológico, os evangélicos tinham pouco em comum com Lewis, que apresentava uma explicação literária da centralidade da Bíblia para a fé cristã, não uma defesa teológica do direito dela de ocupar esse lugar. Excetuando-se uma vaga conexão com a pastoral de Oxford por meio do Clube Socrático, Lewis não se associou aos evangélicos britânicos, nem em Oxford nem em Cambridge. No ano da morte de Lewis, Martyn Lloyd-Jones (1899-1981), um dos mais influentes pregadores evangélicos britânicos da época, declarou que Lewis não era sólido em várias questões, principalmente em relação à doutrina da salvação.[5]

Lewis parecia alguém totalmente estranho aos evangélicos norte-americanos do final da década de 1950 e início da década de 1960, quando a maioria que fazia parte desse movimento religioso considerava que até mesmo ir ao cinema era espiritualmente perigoso. Que evangélico iria querer associar-se com alguém que fumava muito, bebia uma enorme quantidade de cerveja e tinha opiniões sobre a Bíblia, a expiação e o purgatório que não eram aceitas na comunidade evangélica daquela época? Embora alguns evangélicos tenham se entusiasmado com os escritos apologéticos de Lewis na década de 1960, a maioria desconfiava dele.

Seria injusto sugerir que Lewis houvesse sido descartado por volta de 1970. Talvez um julgamento mais confiável seria dizer que a alta maré que o expusera à atenção pública agora baixava, deixando-o encalhado na areia. Lewis não foi desacreditado; foi simplesmente deixado de lado. O renascimento do interesse

por questões religiosas entre 1942 e 1957, que originalmente tornou Lewis famoso, fora substituído por um novo ânimo cultural propenso a rejeitar a religião como um hábito de pensamento e prática já superado, e ansioso por libertar-se de qualquer remanescente influência do passado. As grandes previsões sociológicas da década de 1960 calculavam que a religião estava perdendo força de tração intelectual e social. Uma época secular estava prestes a chegar.

O ânimo cultural da década de 1960 foi bem capturado por Tom Wolfe em seu ensaio de 1987 intitulado "The Great Relearning" [O Grande Reaprendizado]. Tudo devia ser descartado, para que a cultura pudesse ser reconstruída por um "começo sem precedentes a partir do zero".[6] Outros profetas literários e religiosos surgiram nos Estados Unidos e na Europa, e Lewis ficou caído à beira do caminho. Ele era uma voz distintamente religiosa numa época secular que estava chegando e, mais importante ainda, ele defendia com seriedade o passado quando a maioria queria pura e simplesmente abandoná-lo como um estorvo embaraçoso.

No *front* literário, o impacto dos textos imaginativos de Lewis, inclusive a série de Nárnia, foi ofuscado pelo estrondoso sucesso de *O senhor dos anéis* de Tolkien, que adquiriu posição de obra *cult* durante a década de 1960, especialmente quando as edições em brochura, mais baratas, começaram a pipocar nos Estados Unidos. Tolkien crescia enquanto Lewis minguava. A intrincada estrutura e o pano de fundo histórico de *O senhor dos anéis* apontavam para uma sofisticação e profundidade que pareciam faltar em Nárnia.

A narrativa épica de Tolkien sobre a patologia do poder sintonizava-se perfeitamente com as ansiedades daquela época em relação a holocaustos nucleares. Embora concebido muito antes do advento da bomba atômica, o "Um anel para a todos governar" de Tolkien parecia uma poderosa imagem do fascínio de uma arma de suprema força de destruição, e do poder que ela exercia sobre seus aparentes donos — que eram, na verdade, seus escravos. Para grande surpresa de Tolkien, ele se via agora idolatrado exatamente por aquele tipo de estudante que ele outrora teria expulsado de suas aulas em Oxford.

Redescoberta: o novo interesse por Lewis

Mas Lewis voltou de novo. É relativamente simples explicar a ascensão dele para a fama, primeiro no sombrio período da época de guerra do início da

década de 1940, e depois novamente quando Nárnia teceu sua magia imaginativa durante a década de 1950. Entretanto isso não explica o *ressurgimento* do interesse por Lewis uma geração mais tarde. Muitos autores populares das décadas de 1940 e 1950 simplesmente desapareceram sem deixar rastros. Considerem-se, por exemplo, os cinco principais autores de ficção norte-americanos que foram campeões de venda em 1947:

1. Russell Janney, *O milagre dos sinos*
2. Thomas B. Costain, *O tesouro do rei*
3. Laura Z. Hobson, *A luz é para todos*
4. Kenneth Roberts, *Lydia Bailey*
5. Frank Yerby, *The Vixens* [As raposas][7]

Todos esses livros ainda podem ser adquiridos hoje, geralmente em sebos de livreiros especializados. Apesar do glorioso brilho inicial, todos eles se apagaram. Por que com Lewis foi diferente?

Podemos esquematizar algumas linhas de investigação que no mínimo nos ajudam a entender, mesmo que não "expliquem" realmente no sentido mais forte da palavra, o ressurgimento do interesse por Lewis. É relativamente fácil identificar algumas peças do quebra-cabeça; o problema é que nós não entendemos como elas se encaixam no quadro maior.

Primeiro, coleções de textos antes inéditos ou inacessíveis de Lewis começaram a aparecer. Essas coleções resultaram em grande parte do dedicado trabalho editorial de Walter Hooper, que havia atuado como secretário particular de Lewis no verão de 1963, e mais tarde atuou como seu executor literário após a morte de Cecil Harwood em 1975. Hooper havia conversado pessoalmente com Lewis sobre o desenvolvimento de uma bibliografia completa de suas obras. Quando foi publicada em 1965, essa bibliografia totalizava 282 itens, sem incluir cartas.[8]

No início da década de 1970, a William Collins & Sons, uma das mais importantes editoras britânicas, comprou os direitos sobre as publicações de Lewis, e estabeleceu o selo Fount para conferir a elas uma identidade distintiva no âmbito da empresa. No decorrer da década seguinte, Hooper publicou com a Collins uma série ininterrupta de coleções de ensaios, como *Screwtape Proposes a Toast* [Screwtape propõe um brinde] (1965), *Of This and Other Worlds* [Deste e de

outros mundos] (1966), *Christian Reflections* [Reflexões cristãs] (1967), *Fern-Seed and Elephants* [Sementes de samambaia e elefantes] (1975) e *God in the Dock* [Deus no banco dos réus] (1979).[9] Essas novas coleções expandiram os horizontes daqueles que já conheciam Lewis, enquanto o apresentavam a outros leitores. Hooper insistiu em que a publicação de qualquer coleção nova de trabalhos de Lewis devia ser acompanhada pela reimpressão de duas de suas obras anteriores, garantindo assim que obras menos populares — como *O regresso do peregrino* e *A abolição do homem* — continuassem no mercado.[10]

Mais recentemente, e que talvez seja mais significativo, Hooper editou as 3.500 páginas da correspondência de Lewis (2000-2006), permitindo que a trajetória espiritual, social e intelectual de Lewis fosse identificada em seus detalhes. As cartas, essenciais para os pesquisadores de Lewis, formam a espinha dorsal narrativa desta biografia.

Segundo, uma série de importantes sociedades, dedicadas à preservação da memória e do legado de Lewis, se formaram nos Estados Unidos. A primeira delas foi a New York C. S. Lewis Society, fundada em 1969. Outras vieram logo em seguida, criando associações através das quais fãs de Lewis pudessem se reunir e discutir a obra dele. Os que se haviam entusiasmado com Lewis nas décadas de 1940 e 1950 procuraram transmitir a outros seu entusiasmo na década de 1970. Em 1974, o Marion E. Wade Center, dedicado à vida e obra de Lewis e de seu círculo, foi estabelecido no Wheaton College, em Wheaton, Illinois, somando-se a uma coleção anterior de material reunido por Clyde S. Kilby (1902-1986), ex-professor do Wheaton College. A terra natal de Lewis demorou um pouco para seguir esses exemplos: a Oxford C. S. Lewis Society só foi estabelecida em 1982. A institucionalização do legado de Lewis havida começado. Foram criadas redes que facilitaram a transmissão de seu legado entre gerações.

Terceiro, biografias bem escritas começaram a aparecer, saídas das penas de pessoas que conheceram Lewis na intimidade, permitindo que seus leitores percebessem como ele era. A primeira foi *C. S. Lewis: A Biography* [C. S. Lewis: uma biografia] (1974), escrita em parceria por Roger Lancelyn Green e Walter Hooper. Green (1918-1987), ex-aluno de Lewis em Oxford, passara a escrever seus livros para crianças e havia produzido importantes biografias de autores de literatura infantil, destacando-se principalmente seus estudos de J. M. Barrie (1960) e Lewis Carroll (1960). Depois da biografia de Hooper e Green veio *Jack*

(1988), de George Sayer, outro amigo íntimo de Lewis. Essas biografias continuam sendo pontos de referência para quem estuda Lewis. Embora, inevitavelmente, falte a elas distanciamento crítico, essas duas biografias revelaram detalhes da vida profissional de Lewis que o retrataram como um ser humano e conferiram uma profundidade adicional à leitura de algumas de suas obras.

Por fim, poderíamos observar como Lewis se beneficiou da grande onda de interesse por Tolkien nos Estados Unidos no final da década de 1960 e início da de 1970. Quando foi ficando cada vez mais evidente que Tolkien não era um escritor solitário em Oxford, mas que esteve vinculado a um grupo agora geralmente conhecido como os Inklings, o foco da atenção mais um vez se voltou para o membro mais distinto do grupo: C. S. Lewis. Os pós-graduandos norte-americanos em Oxford, sempre em número expressivo, começaram a explorar os lugares frequentados por Tolkien e Lewis, levando depois suas memórias e seu entusiasmo de volta aos Estados Unidos. (Valorizando isso, os mapas turísticos de Oxford hoje mostram a localização exata do *pub* Eagle and Child.)

Lewis sempre foi mais apreciado nos Estados Unidos do que na Inglaterra, apesar de nunca ter pisado o solo daquele país. Isso se deve em parte ao prestígio cultural e intelectual da Universidade de Oxford aos olhos dos norte-americanos. Lewis é um dos membros do elitista grupo de autores de livros infantis que foram campeões de venda e também professores de Oxford — que inclui Lewis Carroll e J. R. R. Tolkien. O período que Lewis passou em Cambridge tende a ser ignorado por comentaristas norte-americanos, que muitas vezes se referem a ele simplesmente como um "professor da Universidade de Oxford".

No entanto, Lewis está em alta nos Estados Unidos por razões culturais apenas em parte; há um significativo elemento religioso em seu apelo. Lewis tem a confiança e o respeito de muitos cristãos norte-americanos que o tratam como seu mentor espiritual e teológico. Envolvendo o coração e a mente, ele abriu como ninguém as profundezas intelectuais e imaginativas da fé cristã. Como ele mesmo enfatizou em suas palestras radiofônicas durante a Segunda Guerra Mundial, ele era simplesmente um leigo instruído, que falava de modo acessível a cristãos comuns sem a intermediação do clero. Lewis mostrou-se idealmente afinado com as necessidades e habilidades pedagógicas de leigos, independentemente da denominação deles, dispostos a explorar mais a própria

fé.

Independentemente da denominação deles. Precisamos nos debruçar sobre esse ponto crucial. Durante a década de 1960, começaram a se manifestar os primeiros sinais de uma erosão do denominacionalismo no protestantismo norte-americano. Os cristãos protestantes começaram a se definir a si mesmos primeiramente como cristãos e secundariamente pela sua denominação, refletindo um compromisso cada vez mais frouxo com uma determinada denominação para definir sua identidade religiosa.[11] Um presbiteriano poderia tornar-se um metodista ao mudar-se para outra cidade ou outro estado se a igreja metodista local oferecesse uma creche melhor ou sermões mais atraentes. A denominação de uma igreja passou a ser vista como algo menos importante em comparação com a boa qualidade da pregação e assistência pastoral. Os seminários começaram a abandonar títulos específicos. Assim, o Seminário Teológico Episcopal Protestante da Virgínia transformou-se no Seminário Teológico da Virgínia. A noção de Lewis de "cristianismo puro e simples" calou fundo no contexto dessa tendência, e Lewis conseguia um alto grau de aceitação em variadas denominações precisamente por evitar a defesa de qualquer forma específica de cristianismo. O livro *Cristianismo puro e simples* de Lewis tornou-se o manifesto de uma forma de cristianismo que se entusiasmava com o essencial, considerando outras questões como secundárias.

Os católicos norte-americanos começaram a ler Lewis logo depois do Concílio Vaticano II (1962-1965). Esse marcante concílio, convocado pelo papa João 23 (1881-1963), visava reconectar o catolicismo com outras igrejas cristãs e estimular um envolvimento com a cultura contemporânea. Antes disso, os católicos tendiam a ver as obras de outros autores cristãos como questionáveis do ponto de vista de ortodoxia e utilidade. O concílio abriu o caminho para que os católicos passassem a ler e respeitar autores não católicos, como Lewis. Ele ganhava agora um crescente número de leitores por ser amigo íntimo de J. R. R. Tolkien e admirador de G. K. Chesterton, dois autores com credenciais católicas inquestionáveis. Líderes católicos norte-americanos, como Avery Dulles (1918-2008) e Peter Kreeft (1937-), passaram a defender Lewis como um "cristão puro e simples" que os católicos podiam levar a sério. Muitos dos que se converteram ao catolicismo nas últimas duas décadas citaram Lewis como uma influência importante, apesar de suas raízes protestantes e ulsterianas.[12]

Há, todavia, um ponto, esquecido com demasiada frequência, que tem

importância especial para os católicos norte-americanos de hoje. O "cristianismo puro e simples" evita outras coisas além do "imperialismo denominacional": também evita os abusos do poder e do privilégio que com excessiva facilidade ocorrem quando as denominações e seus líderes veem sua própria preservação como uma prioridade em relação ao bem-estar da fé cristã em si. Lewis apresenta uma forma leiga de cristianismo que não reserva um lugar especial para o clero e para instituições eclesiásticas. Minhas conversas com católicos norte-americanos sugerem que muitos deles, cada vez mais desiludidos com as falhas de seus bispos e suas dioceses, encontram em Lewis uma voz que lhes permite reivindicar sua própria fé sem ter de também afirmar as instituições que, na visão deles, mancharam essa fé nos últimos anos. Poderá Lewis transformar-se na voz daqueles que estão exigindo a reforma e a renovação de igrejas excessivamente clericalizadas?

Está claro que os escritos de Lewis encontraram um novo público que vai muito além dos admiradores iniciais. Ele passou a ser visto como um representante confiável, inteligente e acima de tudo acessível de uma visão da fé cristã que é atraente do ponto de vista teológico e cultural. O fato de Lewis ter sido um estrangeiro para os Estados Unidos funcionou a favor dele, no sentido de permitir que ele fosse visto como uma figura unificadora, elevando-se acima de debates e disputas denominacionais. Lewis tornou-se esse raríssimo fenômeno: um escritor cristão moderno respeitado e querido por cristãos de todas as tradições.

Lewis e os evangélicos norte-americanos

Um crescente número de norte-americanos que se beneficiaram da leitura de Lewis na década de 1970 era de evangélicos. Uma geração após sua morte, Lewis se tornou um ícone cultural e religioso para o movimento. Alguns agora até chegaram a se referir a Lewis como o "santo protetor" do evangelicalismo norte-americano. Como foi que um movimento que no início via Lewis com muita desconfiança acabou por abraçá-lo para depois entronizá-lo? Para entender esse, até certo ponto, inesperado crescimento da influência de Lewis no meio do público evangélico norte-americano precisamos refletir sobre a mudança das feições do evangelicalismo nos Estados Unidos a partir de 1945.

Durante a década de 1920, o evangelicalismo foi moldado pelo crescimento do fundamentalismo, que levou os evangélicos a desenvolver um grau

significativo de desinteresse e isolamento cultural. O ânimo no seio do movimento começou a mudar no final da década de 1940, em parte por meio da influência de escritores como Billy Graham (1918-) e Carl F. H. Henry (1913-2003), que defendiam com veemência o envolvimento com a cultura norte-americana em voga. O "novo evangelicalismo", no início uma tendência minoritária, cresceu rápido, liderado por indivíduos como Graham, por publicações como *Christianity Today* e por instituições como o Fuller Theological Seminary, em Pasadena, Califórnia.[13] Essa nova forma de evangelicalismo norte-americano foi um movimento muito popular, que conquistou uma multidão de corações e disposições. Muitos, porém, notaram que ele ainda precisava envolver a mente, ou seja, ver a importância de ele conectar-se com a subcultura intelectual.

Quando os evangélicos norte-americanos foram procurar refrigério para a mente e a alma, eles encontraram em autores ingleses o que lhes faltava, sobretudo em autores anglicanos. Durante as décadas de 1950 e 1960, John R. W. Stott (1921-2011), o principal evangélico britânico, desenvolveu uma abordagem evangélica intelectualmente rigorosa que foi recebida com grande entusiasmo nos Estados Unidos. A abordagem de Stott talvez não tivesse por si só grande apelo popular, mas era forte na questão da reflexão racional da fé. Stott se tornou o herói dos evangélicos norte-americanos que queriam amar a Deus de todo o seu entendimento. Seu livro *Cristianismo básico* (1958) era uma obra-prima de argumentação racional, que se propunha demonstrar a "respeitabilidade intelectual" da fé cristã.

Então os evangélicos começaram a ler Lewis. É difícil estabelecer a data desse fato com precisão, mas os indícios sugerem que ele remonta a meados da década de 1970. Todavia, verificou-se muito mais cedo indícios de um reconhecimento evangélico da sabedoria de Lewis, particularmente por parte dos líderes do movimento. Embora alguns ignorassem, tanto John Stott como Billy Graham procuraram o conselho de Lewis quando se preparavam para a missão de Graham na Universidade de Cambridge em 1955.[14] No mesmo ano, Carl F. H. Henry havia convidado Lewis a escrever alguns textos apologéticos para serem publicados no carro-chefe dos periódicos evangélicos, a revista *Christianity Today*.[15]

Os líderes evangélicos que abraçaram a fé na década de 1970, vindos de um contexto não religioso, muitas vezes citavam *Cristianismo puro e simples* de Lewis

como a influência central de sua conversão. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Charles "Chuck" Wendell Colson (1931-2012), o conselheiro especial do presidente Richard Nixon, que se implicou no escândalo Watergate e, depois de sua conversão em 1973, atingiu uma posição proeminente nos círculos evangélicos. Escritores evangélicos começavam agora a citar Lewis em suas obras, especialmente seu *Cristianismo puro e simples*, estimulando seus leitores a valorizar esse importante autor e explorá-lo ainda mais.

Quando o evangelicalismo intensificou seu compromisso com o engajamento cultural, a importância da apologética se tornou cada vez mais clara. Lewis foi rapidamente reconhecido pelos evangélicos como um mestre dessa arte. A abordagem apologética de John Stott em *Cristianismo básico* presumia que seus leitores já tivessem algum conhecimento bíblico e estivessem predispostos a ouvir explicações de passagens da Bíblia. Lewis fez poucas dessas exigências em *Cristianismo puro e simples*, baseando sua abordagem apologética em princípios gerais, observação precisa e um apelo à experiência humana compartilhada.

Organizações de estudantes evangélicos, como a InterVarsity Christian Fellowship, começavam agora a incluir as obras de Lewis em sua dieta diária, valorizando tanto sua acessibilidade como sua força retórica. Os mais bem informados perdoavam o fato de Lewis não pertencer ao movimento; a maioria dos evangélicos, porém, simplesmente o via como um deles. Afinal, ele não se havia convertido do ateísmo? Isso, para muitos, era suficiente para permitir que Lewis fosse visto como um cristão "nascido de novo".

Lendo Lewis, os evangélicos norte-americanos descobriram uma visão da fé cristã que consideraram intelectualmente robusta, imaginativamente atrativa e eticamente fértil. Aqueles que, no início, valorizaram Lewis por sua defesa racional da fé cristã, agora se viram apreciando seu apelo imaginativo e emocional. A concepção multifacetada do cristianismo de Lewis capacitou os evangélicos a perceber que eles podiam enriquecer sua fé sem diluí-la e ocupar-se da cultura secular de outras maneiras além da argumentação racional.

Mas a aceitação de Lewis no seio do evangelicalismo reflete mais do que a atraente e acessível apresentação da fé cristã feita por ele. Uma importante transição cultural tornou Lewis ainda mais atrativo e significante. Ninguém sabe de fato quando a modernidade finalmente foi superada pela pós-modernidade nos Estados Unidos nem por quê. Alguns argumentam que isso se deu na década de 1960; outros, na de 1980. Não há, porém, nenhuma dúvida acerca do

resultado dessa mudança cultural. Modos intuitivos de reflexão, moldados por imagens e histórias, superaram a argumentação lógica, baseada exclusivamente na razão.

A abordagem didática da obra *Cristianismo básico* de John Stott tinha muitas virtudes modernistas. No entanto, com a ascensão do pós-modernismo, sua abordagem parecia cada vez mais atrelada a uma geração anterior. Seu *Cristianismo básico* era desprovido de qualquer apelo à imaginação, ou de qualquer reconhecimento das dimensões emocionais da fé. Quando os evangélicos norte-americanos perceberam a importância da narrativa e da imaginação na prática da fé, eles imediatamente se voltaram para Lewis adotando-o como guia.

Lewis permitia que seus leitores entendessem a importância das imagens e histórias para a fé, e delas se beneficiassem, sem perder de vista a natureza fortemente racional do evangelho cristão. Enquanto os evangélicos norte-americanos mais velhos gastavam seu tempo atirando contra a pós-modernidade nas décadas de 1980 e 1990, os escritos de Lewis permitiam que evangélicos mais jovens se conectassem a esse novo ânimo cultural. Enquanto a velha guarda estimulava seus seguidores mais jovens a evitar essa tendência, Lewis permitia que eles se servissem dela de forma vigorosa e persuasiva.

Num artigo de 1998, marcando o centenário do nascimento de C. S. Lewis, a revista *Christianity Today* declarou que Lewis se transformara em "o Tomás de Aquino, o Agostinho e o Esopo do evangelicalismo contemporâneo".[16] Não resta dúvidas de que Lewis fora um instrumento útil na mudança da visão cultural do movimento evangélico norte-americano. Na década de 1950, os evangélicos suspeitavam da literatura, do cinema e das artes.[17] Sua admiração por Lewis talvez tenha começado com o respeito pelas ideias dele, que logo se transformou num respeito pelo modo de Lewis expressar essas ideias.

Lá pela década de 1980, algumas faculdades evangélicas, tais como Wheaton College, em Illinois, passaram a estimular os evangélicos a envolver-se com a literatura como forma de enriquecer sua fé, apelando para Lewis como um modelo exemplar. Até hoje, o engajamento evangélico vem focalizando primeiramente o grupo de escritores reunidos em torno de Lewis ou historicamente associados com ele, especificamente Owen Barfield, G. K. Chesterton, George MacDonald, J. R. R. Tolkien, Dorothy L. Sayers e Charles Williams. Ainda não se sabe que rumo essa evolução vai tomar. Hoje há,

todavia, sinais claros de que o evangelicalismo começou a entender o potencial da literatura para enriquecer, comunicar e recomendar a fé.

Desde 1985, eu venho ministrando cursos de verão em Oxford frequentados por um grande número de jovens evangélicos norte-americanos. Lewis tem sido um tópico de conversas durante todo esse período. Enquanto escrevo este livro, não existe o menor indício de qualquer queda no interesse por ele. Com base nessas longas conversas por mais de um quarto de século, cheguei à minha própria conclusão sobre a razão do forte apelo exercido por Lewis sobre uma nova geração evangélica surgindo nos Estados Unidos: Lewis parece enriquecer e ampliar a fé, sem diluí-la. Em outras palavras, os evangélicos tendem a ver Lewis como um catalisador, que oferece uma visão mais profunda da fé cristã, envolvendo a mente, os sentimentos e a imaginação, sem desafiar aspectos distintivos fundamentais. Lewis suplementa, sem remover, as bases evangélicas. Embora isso implique uma leitura seletiva de Lewis, não parece causar nenhuma preocupação fundamental. Lewis está enxertado nos elementos evangélicos essenciais, lidando com fraquezas sem comprometer suas forças. Para muitos jovens evangélicos, ler Lewis adicionou profundidade e vigor a seus compromissos evangélicos.

Mas mesmo assim há cristãos fundamentalistas protestantes dos Estados Unidos que continuam considerando Lewis um perigoso herege. O tom estridente dessas críticas contra Lewis pode ser avaliado a partir do seguinte:

> C. S. Lewis foi um impostor, que corrompeu o evangelho de Jesus Cristo e, com suas doutrinas diabólicas, levou multidões de vítimas ao fogo do inferno. Lewis blasfemava, contava histórias lúbricas e com frequência se embebedava com seus alunos.[18]

Outros fundamentalistas argumentam que a moderna admiração evangélica por Lewis é um sinal de que o evangelicalismo perdeu seu rumo e foi castigado com a perda de seu patrimônio hereditário.[19] Embora essa seja a visão de uma minoria, ela denuncia a ansiedade da parte de alguns evangélicos mais velhos acerca dos recentes rumos que o movimento tomou nos Estados Unidos. Neste ponto, porém, a teologia talvez tenha importância secundária. Alguns sugeririam que a verdadeira questão tem a ver com poder e influência. Lewis desalojou alguns que se viam a si mesmos como figuras credenciadas naturais no seio do movimento evangélico norte-americano.

Lewis como um marco literário histórico

São as obras imaginativas de Lewis, particularmente as crônicas de Nárnia, que hoje atraem a maioria de seus seguidores, na cultura norte-americana em geral e no seio de círculos cristãos em particular. A intuição que teve Chad Walsh em 1965 acerca do possível futuro apelo de Lewis pode agora ser visto como justificado. Lewis é atualmente considerado um dos melhores autores de literatura de fantasia, posicionando-se ao lado, e muitas vezes acima, de autores como J. M Barrie, L. Frank Baum, Lewis Carroll, Neil Gaiman, Kenneth Grahame, Rudyard Kipling, Madeleine L'Engle, Ursula K. Le Guin, Terry Pratchett, Philip Pullman, J. K. Rowling e J. R. R. Tolkien.

O gênero literário da fantasia não se restringe a nenhuma ideologia específica. Ela pode ser usada para defender ou subverter o humanismo secular ou o cristianismo. Como um humanista secular, o autor britânico Philip Pullman detesta Lewis, e recentemente deu a entender que se sentiu "tentado a desenterrá-lo e a apedrejá-lo".[20] Isso provavelmente soará um pouco esquisito aos ouvidos de muita gente, mas tem uma perfeita coerência com o que um crítico descreveu como o "virulento ódio teológico" que Pullman exibe em relação a pessoas de quem ele discorda.[21]

Na verdade, longe de descartar as crônicas de Nárnia, Pullman em sua trilogia "Fronteiras do Universo" implicitamente as reconhece como representantes da afirmação definitiva da posição que ele pretende rejeitar. Quanto mais Pullman critica Lewis, tanto mais ele afirma a importância cultural de Lewis. No fim, o apelo de Pullman é parasítico, dependendo precisamente do impacto cultural de Nárnia que ele deseja subverter. Como observaram estudos recentes, Pullman presta "uma espécie de homenagem invertida a seu predecessor, compondo deliberadamente uma espécie de 'anti-Nárnia,' uma alternativa humanista secular à fantasia cristã de Lewis".[22]

Estudiosos da literatura mostraram de que maneira Pullman se serve extensivamente de Lewis em muitos aspectos. Exemplos disso são sua afirmação da importância da história, sua descrição do processo criativo, seu fascínio pela dimensão mítica de certas obras literárias e sua "visão altamente romântica da imaginação".[23] O mais estridente crítico de Lewis, paradoxalmente, acaba sendo uma das mais importantes testemunhas da importância e influência de Lewis até os dias de hoje.

Não há dúvida acerca do *status* atual de Lewis como figura literária e como

autor religioso. Os livros de Lewis começaram a aparecer entre as obras religiosas mais vendidas na lista de livrarias seculares no início da década de 1990, e lá continuam desde essa época. O lançamento da versão cinematográfica hollywoodiana de *Terra das sombras* em 1994, estrelada por Anthony Hopkins e Debra Winger, gerou um novo interesse por Lewis como pessoa, causando um aumento nas vendas de suas obras.

Por ocasião do centenário de seu nascimento, em 1998, era óbvio que Lewis não apenas voltaria em plena forma; ele atingiria novos picos de influência. Por exemplo, o serviço postal da Inglaterra — The British Royal Mail — lançou uma série comemorativa de selos postais baseada em personagens de Nárnia. Em 2011, eles deram sequência a essa iniciativa lançando mais oito selos apresentando figuras mágicas extraídas da literatura inglesa. Dois desses selos apresentaram personagens de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* — Aslam e a Feiticeira Branca.[24]

A megaprodução cinematográfica dos romances de Nárnia, começando com *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* em 2005, destacou ainda mais a figura de Lewis, conferindo-lhe um alcance ainda maior e mais profundo do que antes. O sucesso internacional dos filmes fez mais obras religiosas de Lewis começarem a ser novamente traduzidas ou republicadas em outras línguas. Nos Estados Unidos, pesquisas de opinião entre cristãos norte-americanos mostram que *Cristianismo puro e simples* é normalmente citado como a mais influente obra religiosa do século 20, exatamente da mesma forma que pesquisas de opinião entre leitores comuns continuam afirmando a permanente afeição popular por *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, e o *status* canônico dessa obra na literatura infantil do século 20.

Conclusão

Como devemos julgar Lewis cinquenta anos após sua morte? O próprio Lewis não tinha dúvidas sobre a identidade do juiz ou sobre o critério a ser usado numa avaliação desse gênero. Para ele, a única crítica confiável do valor de um autor é o *tempo*, e a única medida confiável é o *prazer* causado pela leitura da obra desse autor. Como o próprio Lewis observou, ninguém consegue "eliminar" um autor que é "insistentemente prazeroso".[25] Lewis conseguiu a mais difícil transição que um autor pode esperar fazer: uma geração após sua morte, ele tem mais leitores do que teve em vida.

O que a próxima geração fará dele não se pode saber. Ao contrário das expectativas da década de 1960, a crença em Deus não desapareceu, tendo-se tornado um fator recorrente na vida pessoal ou pública desde 2000 aproximadamente. O recente crescimento do assim chamado "novo ateísmo" simplesmente aumentou o interesse público por questões religiosas, criando um novo apetite por discussões acerca de Deus, que *slogans* como "Deus é uma ilusão" não conseguem satisfazer. Assim, é provável que Lewis continue sendo uma figura controversa, no sentido de que agora, como será no futuro, muitos se apoderam dele como paladino ou vilão nesses novos debates, o que mostra mais uma vez sua permanente importância. O volume e o tom da crítica contra Lewis por parte dos fundamentalistas de esquerda e direita deve, em última análise, ser visto como um reflexo de *status* cultural icônico que ele tem, mais do que como um aferidor confiável de seus defeitos literários e pessoais.

Alguns sem dúvida continuarão acusando Lewis de escrever propaganda religiosa disfarçada em toscos e cruéis trajes literários. Outros o verão como um magnífico, até mesmo visionário, advogado e defensor da racionalidade da fé, cujos poderosos apelos à imaginação e à lógica expõem a superficialidade do naturalismo. Alguns sustentarão que ele defende pontos de vista socialmente retrógrados, baseados no mundo ultrapassado da Inglaterra da década de 1940. Outros o verão como um crítico profético de tendências culturais que eram amplamente aceitas no seu tempo, mas que agora são vistas como destrutivas, degradantes e perniciosas. Todavia, concordando ou não com Lewis, não se pode ignorar sua importância como ponto de referência. Como observou certa vez, com muita argúcia, Oscar Wilde: "A única coisa pior do que ser muito falado é não ser absolutamente falado".

A maioria das pessoas, porém, verá Lewis simplesmente como um escritor talentoso que deu imenso prazer a muitos e iluminação a alguns e que, acima de tudo, celebrou a clássica arte da boa escrita como meio de comunicar ideias e expandir pensamentos. Para Lewis, a melhor arte sugere estruturas mais profundas da realidade, ajudando a humanidade em sua perpétua busca pela verdade e pelo significado.

Fica com a última palavra um carismático, jovem presidente norte-americano, que morreu logo depois de Lewis no dia 22 de novembro de 1963. Em seu discurso feito no Amherst College quatro semanas antes de sua morte, John F. Kennedy, homenageando o grande poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963), expressou seu elogio à obra de poetas e escritores. "Nunca devemos

nos esquecer", declarou ele, "de que a arte não é uma forma de propaganda; é uma forma de fé".[26] Lewis, a meu ver, concordaria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1.1 Royal Avenue, Belfast, em 1897

1.2 A Irlanda de C. S. Lewis

1.3 A família Lewis em Little Lea, em 1905

1.4 Pension le Petit Vallon, Berneval-le-Grand, por volta de 1905

1.5 C. S. Lewis e Warnie com suas bicicletas, em agosto de 1908

2.1 William Thompson Kirkpatrick (1848-1921), em 1920

2.2 C. S. Lewis e Arthur Greeves, em 1910

2.3 Lord Kitchener: "Seu país precisa de você!"

2.4 Station Road, Great Bookham, em 1924

3.1 Alunos de graduação do University College no trimestre Trinity de 1917

3.2 Keble College, em Oxford, em 1917

3.3 C. S. Lewis e Paddy Moore em Oxford, durante o verão de 1917

4.1 Radcliffe Quadrangle, University College, em 1917

4.2 Sheldonian Theatre, Oxford, em 1922

4.3 Cornmarket Street, Oxford, em 1922

4.4 "A família": C. S. Lewis, Maureen e a sra. Moore, em 1927

4.5 Magdalen College, Oxford, no inverno de 1910

5.1 O presidente e professores do Magdalen College, em julho de 1918

5.2 O Prédio Novo do Magdalen College, por volta de 1925

5.3 A última fotografia conhecida de Albert Lewis, 1928

5.4 C. S. Lewis, a sra. Moore e Warnie em The Kilns, em 1930

5.5 J. R. R. Tolkien em seu alojamento no Merton College, na década de 1970

6.1 O interior da capela do Magdalen College, por volta de 1927

6.2 Addison's Walk do Magdalen College, em 1937

6.3 Igreja da Santíssima Trindade em Headington Quarry, Oxford, em 1901

7.1 Examination Schools da Universidade de Oxford, 1892

7.2 Um grupo de Inklings no *pub* The Trout, em Godstow, perto de Oxford

7.3 Biblioteca Duke Humfrey, Oxford, em 1902

8.1 A Guarda doméstica de Oxford num desfile, em 1940

8.2 O romancista e poeta Charles Williams (1886-1945)

8.3 Broadcasting House, prédio da BBC em Londres, por volta de 1950

10.1 C. S. Lewis e seu irmão Warnie de férias na Irlanda, em 1949

11.1 O sr. Tumnus carregando um guarda-chuva e pacotes por uma floresta nevada

11.2 As quarto crianças descobrem o misterioso guarda-roupa

12.1 "Mapa de Nárnia" de Pauline Baynes

13.1 Magdalene College, Cambridge, em 1955

13.2 Joy Davidman Lewis, em 1960

13.3 Peter Bide, em novembro de 1960

14.1 Acland Nursing Home, Oxford, em 1900

14.2 Carta de C. S. Lewis indicando J. R. R. Tolkien ao Nobel de Literatura de 1961

14.3 Inscrição no túmulo de C. S. Lewis

15.1 C. S. Lewis em sua casa The Kilns, em 1960

CRONOLOGIA

Observe-se que todas as datas de publicação referem-se às edições britânicas das obras de Lewis.

1898	29 de novembro	Nasce Clive Staples Lewis
1899	29 de janeiro	É batizado na Igreja de São Marcos, em Dundela, Belfast
1905	18 de abril	A família Lewis se muda para a Little Lea
1908	23 de agosto	Morre Flora Lewis
	18 de setembro	Começa a frequentar a Wynyard School
1910	Setembro	Começa a frequentar o Campbell College, em Belfast
1911	Janeiro	Começa a frequentar a Cherbourg School, em Great Malvern
1913	Setembro	Começa a frequentar o Malvern College, em Great Malvern
1914	19 de setembro	Inicia suas aulas particulares com William Thompson Kirkpatrick em Great Bookham
1916	13 de dezembro	Recebe a notícia de que foi aceito no University College de Oxford
	25 de abril	Inscreve-se na Unidade de Treinamento de Oficiais da Universidade de Oxford
	29 de abril	Ocupa seu alojamento no University College
1917	7 de maio	Junta-se à Companhia E do Batalhão de Cadetes nº 4, acantonado no Keble College, em Oxford, e conhece Paddy Moore
	26 de setembro	Comissionado como segundo tenente no 3º Batalhão de Infantaria Ligeira de Somerset
	17 de novembro	Viaja para a França e junta-se ao *front* britânico perto de Arras
1918	1º a 28 de fevereiro	Hospitalizado em Le Tréport, perto de Dieppe

	15 de abril	Ferido em combate em Riez du Vinage
	25 de maio	Repatriado para recuperar-se
1919	13 de janeiro	Volta a Oxford para retomar seus estudos no University College
	20 de março	Publica *Spirits in Bondage*
1920	31 de março	Conquista First Class Honours em Classical Moderations
1921	24 de maio	Ganha o Chancellor's Essay Prize
1922	4 de agosto	Conquista o First Class Honours em *Literae Humaniores*
1923	16 de julho	Conquista o First Class Honours em Língua e Literatura Inglesa
1925	1º de outubro	Assume o cargo de professor de Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College de Oxford.
1926	18 de setembro	Publica *Dymer: A Poem*
1929	25 de setembro	Morre Albert Lewis
	23 a 24 de abril	Última visita a Little Lea, junto com Warnie
1930	10 de outubro	Muda-se para The Kilns
	29 de outubro	Informa Arthur Greeves que ele começou a frequentar a capela da faculdade
1931	19 de setembro	Percebe, depois de uma conversa com Tolkien, que o cristianismo é um "mito verdadeiro"
	25 de dezembro	Participa, pela primeira vez na vida adulta, do ofício da Santa Comunhão na Igreja da Santíssima Trindade, em Headington Quarry, Oxford
1932	15 a 29 de agosto	Escreve *O regresso do peregrino* durante estadia com Arthur Greeves
	21 de dezembro	Warnie muda-se para The Kilns
1933	25 de maio	Publica *O regresso do peregrino*
1936	21 de maio	Publica *Alegoria do amor*
1938	1º de abril	Publica *Além do planeta silencioso*
1939	2 de setembro	Warnie é reconvocado para o serviço militar
	3 de setembro	A Inglaterra declara guerra à Alemanha
1940	18 de outubro	Publica *O problema do sofrimento*
1941	6 a 27 de agosto	Faz quatro palestras no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House, sede da emissora em Londres
	11 de janeiro a 15 de fevereiro	Faz mais quatro palestras radiofônicas no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House

1942	9 de fevereiro	Publica *Cartas de um diabo a seu aprendiz*
	13 de julho	Publica *Broadcast Talks*
	20 de setembro a 8 de novembro	Faz mais oito palestras ao vivo no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House
1943	20 de abril	Publica *Perelandra*
1944	22 de fevereiro a 4 de abril	Faz mais sete palestras no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House
	9 de maio	Fim da Segunda Guerra Mundial na Europa
1945	15 de maio	Morre Charles Williams
	16 de agosto	Publica *Uma força medonha*
1946	14 de janeiro	Publica *O grande abismo*
1947	12 de maio	Publica *Milagres*
	8 de setembro	Aparece na capa da revista *Time*
1948	2 de fevereiro	Elizabeth Anscombe critica a argumentação de Lewis contra o naturalismo no Clube Socrático
	17 de março	Eleito membro da Royal Society of Literature
1950	16 de outubro	Publica *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*
1951	12 de janeiro	Morre a sra. Moore
1952	Novembro	Publica *Cristianismo puro e simples*
1954	4 de junho	Assume a cátedra de Língua e Literatura Inglesa Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge
	16 de setembro	Publica *English Literature in the Sixteenth Century, Excluding Drama*
1955	7 de janeiro	Ocupa seu alojamento no Magdalene College, Cambridge
	Julho	Eleito membro da Academia Britânica
	19 de setembro	Publica *Surpreendido pela alegria*
1956	23 de abril	Casa-se com Joy Davidman em cerimônia civil no Cartório de Registros de Oxford
1957	21 de março	É realizada a cerimônia de casamento com Joy Davidman no Churchill Hospital de Oxford, oficiada pelo reverendo Peter Bide
	28 de março	Publica *Os quatro amores*
1960	13 de julho	Morre Joy Davidman Escreve *A anatomia de uma dor*

1961	24 de junho	Recebe diagnóstico acusando dilatação da próstata
1963	22 de novembro	Morre C. S. Lewis

BIBLIOGRAFIA

I. OBRAS DE C. S. LEWIS

Detalhes bibliográficos completos das obras conhecidas de Lewis encontram-se em Walter Hooper, *C. S. Lewis: The Companion and Guide*. Essa é uma fonte fidedigna para estudos sobre Lewis. As edições usadas na pesquisa para esta obra estão identificadas abaixo.

A. Obras publicadas

A Grief Observed. New York: HarperCollins, 1994. [Publicado originariamente sob o pseudônimo de "N. W. Clerk".] [Publicado no Brasil como: *A anatomia de uma dor: um luto em observação*. São Paulo: Vida, 2006].

All My Road before Me: The Diary of C. S. Lewis, 1922-1927. Editado por Walter Hooper. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.

An Experiment in Criticism. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. [Publicado no Brasil como: *Um experimento na crítica literária*. São Paulo: Unesp, 2009].

A Preface to "Paradise Lost." London: Oxford University Press, 1942.

Boxen: Childhood Chronicles before Narnia. London: HarperCollins, 2008. [Em coautoria com W. H. Lewis].

Broadcast Talks. London: Geoffrey Bles, 1943; publicada nos Estados Unidos como *The Case for Christianity*. New York: Macmillan, 1943.

C. S. Lewis's Lost Aeneid: Arms and the Exile. Editado por A. T. Reyes. New Haven: Yale University Press, 2011.

Dymer: A Poem. London: Dent, 1926. [Publicado originalmente sob o pseudônimo de "Clive Hamilton"].

English Literature in the Sixteenth Century, Excluding Drama. Vol. 3 de *Oxford*

History of English Literature. Editado por F. P. Wilson; Bonamy Dobree. Oxford: Clarendon Press, 1954.

Essay Collection and Other Short Pieces. Editado por Lesley Walmsley. London: HarperCollins, 2000.

Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer. London: HarperCollins, 2000. [Publicado no Brasil como: *Cartas a Malcom*. São Paulo: Vida, 2003].

Mere Christianity. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2009].

Miracles. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Milagres*. São Paulo: Vida, 2006].

Narrative Poems. Editado por Walter Hooper. London: Fount, 1994.

On Stories and Other Essays on Literature. Editado por Walter Hooper. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

Out of the Silent Planet. London: HarperCollins, 2005. [Publicado no Brasil como: *Além do planeta silencioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2010].

Perelandra. London: HarperCollins, 2005. [Publicado no Brasil como: *Perelandra*. São Paulo: Martins Fontes, 2011].

Poems. Editado por Walter Hooper. Orlando: Harcourt, 1992.

Prince Caspian. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Príncipe Caspian*. São Paulo: Martins Fontes, 2003].

Reflections on the Psalms. London: Collins, 1975.

Rehabilitations and Other Essays. London: Oxford University Press, 1939.

Selected Literary Essays. Editado por Walter Hooper. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

Spenser's Images of Life. Editado por Alastair Fowler. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

Spirits in Bondage: A Cycle of Lyrics. London: Heinemann, 1919. [Publicado originalmente sob o pseudônimo de "Clive Hamilton"].

Studies in Medieval and Renaissance Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Surprised by joy. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998].

That Hideous Strength. London: HarperCollins, 2005. [Publicado no Brasil como: *Uma força medonha*. São Paulo: Martins Fontes, 2012].

The Abolition of Man. New York: HarperCollins, 2001. [Publicado no Brasil como: *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005].

The Allegory of Love: A Study in Medieval Tradition. London: Oxford University Press, 1936. [Publicado no Brasil como: *Alegoria do amor*. São Paulo: É Realizações, 2012].
The Collected Letters of C. *S. Lewis*. Editado por Walter Hooper. 3 vols. San Francisco: HarperOne, 2004-2006.
The Discarded Image. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
The Four Loves. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Os quatro amores*. São Paulo: Martins Fontes, 2005].
The Great Divorce. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *O grande abismo*. São Paulo: Vida, 2006].
The Horse and His Boy. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *O cavalo e seu menino*. São Paulo: Martins Fontes, 2003].
The Last Battle. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *A última batalha*. São Paulo: Martins Fontes, 2003].
The Lion, the Witch and the Wardrobe. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.]
The Magician's Nephew. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *O sobrinho do mago*. São Paulo: Martins Fontes, 2003].
The Personal Heresy: A Controversy. London: Oxford University Press, 1939. [Escrito em coautoria com E. M. W. Tillyard].
The Pilgrim's Regress. London: Geoffrey Bles, 1950.
The Problem of Pain. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *O problema do sofrimento*. São Paulo: Vida, 2006].
The Screwtape Letters. London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. São Paulo: Martins Fontes, 2009].
The Screwtape Letters and Screwtape Proposes a Toast. London: Geoffrey Bles, 1961.
The Silver Chair. Londres: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *A cadeira de prata*. São Paulo: Martins Fontes, 2003].
The Voyage of the "Dawn Treader". London: HarperCollins, 2002. [Publicado no Brasil como: *A viagem do peregrino da alvorada*. São Paulo: Martins Fontes, 2010].
Till We Have Faces. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1984.

B. Obras não publicadas

LEWIS, W. H. "C. S. Lewis: A Biography" (1974). Transcrição de gravação mantida em Wade Center, Wheaton College, Wheaton, e em Bodleian Library, Oxford.

_____ (ed.). "The Lewis Papers: Memoirs of the Lewis Family 1850-1930." 11 vols. Transcrição de gravação mantida em Wade Center, Wheaton College, Wheaton, e em Bodleian Library, Oxford.

II. ESTUDOS SECUNDÁRIOS SOBRE LEWIS

ADEY, Lionel. *C. S. Lewis's "Great War" with Owen Barfield*. Victoria: University of Victoria, 1978.

AESCHLIMAN, Michael D. *The Restitution of Man: C. S. Lewis and the Case against Scientism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

ALEXANDER, Joy. "'The Whole Art and Joy of Words': Aslan's Speech in the Chronicles of Narnia." *Mythlore*. Vol. 91, 2003.

ARNELL, Carla A. "On Beauty, Justice and the Sublime in C. S. Lewis's *Till We Have Faces*." *Christianity and Literature*. Vol. 52, 2002.

BAGGETT, David; HABERMAS, Gary R.; WALLS, Jerry L. (eds.) *C. S. Lewis as Philosopher: Truth, Beauty and Goodness*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2008.

BARBOUR, Brian. "Lewis and Cambridge". *Modern Philology*. Vol. 96, 1999.

BARKER, Nicolas. "C. S. Lewis, Darkly." *Essays in Criticism*. Vol. 40, 1990.

BARRETT, Justin. "Mostly Right: A Quantitative Analysis of the *Planet Narnia* Thesis." *VII: An Anglo-American Literary Review*. Vol. 27, suplemento online, 2010.

BEVERSLUIS, John. *C. S. Lewis and the Search for Rational Religion*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.

BINGHAM, Derek. *C. S. Lewis: A Shiver of Wonder*. Belfast: Ambassador Publications, 2004.

BLEAKLEY, David. *C. S.* Lewis *at Home in Ireland: A Centenary Biography*. Bangor: Strandtown Press, 1998.

BOWMAN, Mary R. "A Darker Ignorance: C. S. Lewis and the Nature of the Fall." *Mythlore*. Vol. 91, 2003.

_____. "The Story Was Already Written: Narrative Theory in *The Lord of the Rings*." *Narrative*. Vol. 14, nº 3, 2006.

BRAWLEY, Chris. "The Ideal and the Shadow: George MacDonald's *Phantastes*."

North Wind. Vol. 25, p. 91-112, 2006.

BRAZIER, P. H. "C. S. Lewis and the Anscombe Debate: From *analogia entis to analogia fidei.*" *The Journal of Inklings Studies*. Vol. 1, nº 2, 2011.

_____. "C. S. Lewis and Christological Prefigurement." *Heythrop Journal*. Vol. 48, 2007.

_____. "'God... Or a Bad, or Mad, Man': C. S. Lewis's Argument for Christ — A Systematic Theological, Historical and Philosophical Analysis of *Aut Deus Aut Malus Homo*." *Heythrop Journal*. Vol. 51, nº 1, 2010.

_____. "Why Father Christmas Appears in Narnia." *Sehnsucht*. Vol. 3, 2009.

BROWN, Devin. *Inside Narnia: A Guide to Exploring "The Lion, the Witch and the Wardrobe."* Grand Rapids: Baker, 2005. [Publicado no Brasil como: *Os bastidores de Nárnia*. São Paulo: Hagnos, 2006].

BROWN, Terence. "C. S. Lewis, Irishman?" em *Ireland's Literature: Selected Essays*. Mullingar: Lilliput Press, 1988.

CAMPBELL, David C.; HESS, Dale E. "Olympian Detachment: A Critical Look at the World of C. S. Lewis's Characters." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, p. 1989.

CARNELL, Corbin Scott. *Bright Shadow of Reality: Spiritual Longing in C. S.* Lewis. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

CARPENTER, Humphrey. *The Inklings: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Charles Williams, and Their Friends*. London: Allen & Unwin, 1981.

CAUGHEY, Shanna (ed.). *Revisiting Narnia: Fantasy, Myth and Religion in C. S. Lewis's Chronicles*. Dallas: Benbella Books, 2005.

CHARLES, J. Daryl. "Permanent Things." *Christian Reflection*. Vol. 11, 2004.

CHRISTOPHER, Joe R. "C. S. Lewis: Love Poet." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, 1989.

CLARE, David. "C. S. Lewis: An Irish Writer." *Irish Studies Review*. Vol. 18, nº 1, 2010.

COLLINGS, Michael R. "Of Lions and Lamp-Posts: C. S. Lewis' *The Lion, the Witch and the Wardrobe* as a Response to Olaf Stapledon's *Sirius*." *Christianity and Literature*. Vol. 32, nº 4, 1983.

COMO, James. *Branches to Heaven: The Geniuses of C. S. Lewis*. Dallas: Spence Publishing Company, 1998.

_____ (ed.). *C. S. Lewis at the Breakfast Table, and Other Reminiscences*. San Diego:

Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

CONNOLLY, Sean. *Inklings of Heaven: C. S. Lewis and Eschatology*. Leominster: Gracewing, 2007.

CONSTABLE, John. "C. S. Lewis: From Magdalen to Magdalene." *Magdalene College Magazine and Record* nº 32, 1988.

DAIGLE, Marsha A. "Dante's *Divine Comedy* and C. S. Lewis's *Narnia Chronicles*." *Christianity and Literature*. Vol. 34, nº 4, 1985.

DORSETT, Lyle W. *And God Came In: The Extraordinary Story of Joy Davidman: Her Life and Marriage to* C. *S. Lewis*. New York: Macmillan, 1983.

_____. *Seeking the Secret Place: The Spiritual Formation of* C. *S. Lewis*. Grand Rapids: Brazos Press, 2004.

DOWNING, David C. "From Pillar to Postmodernism: C. S. Lewis and Current Critical Discourse." *Christianity and Literature*. Vol. 46, nº 2, 1997.

_____. *Into the Wardrobe: C. S. Lewis and the Narnia Chronicles*. San Francisco: Jossey-Bass, 2005.

_____. *The Most Reluctant Convert: C. S. Lewis's Journey to Faith*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002.

DURIEZ, Colin. *Tolkien and C. S. Lewis: The Gift of Friendship*. Mahwah: Hidden-Spring, 2003. [Publicado no Brasil como: *Tolkien e Lewis: o dom da amizade*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006].

EDWARDS, Bruce L. (ed.). *C. S. Lewis: Life, Works and Legacy*. 4 vols. Westport: Praeger, 2007.

_____. *Not a Tame Lion: Unveil Narnia through the Eyes of Lucy, Peter, and Other Characters Created by C. S. Lewis*. Carol Stream: Tyndale House, 2005.

_____. *A Rhetoric of Reading: C. S. Lewis's Defense of Western Literacy*. Provo: Brigham Young University Press, 1986.

EDWARDS, Michael. "C. S. Lewis: Imagining Heaven". *Literature and Theology*. Vol. 6, 1992.

FERNANDEZ, Irène. *Mythe, Raison Ardente: Imagination et realité selon C. S. Lewis*. Geneva: Ad Solem, 2005.

_____. "Un rationalisme chrétien: le cas de C. S. Lewis." *Revue philosophique de la France et de l'étranger*. Vol. 178, 1988.

FOWLER, Alastair. "C. S. Lewis: Supervisor." *Yale Review*. Vol. 91, nº 4, 2003.

FREDRICK, Candice. *Women among the Inklings: Gender, C.S. Lewis, J. R. R. Tolkien, and Charles Williams*. Westport: Greenwood Press, 2001.

GARDNER, Helen. "Clive Staples Lewis, 1898-1963." *Proceedings of the British Academy*. Vol. 51, 1965.

GIBB, Jocelyn (ed.). *Light on C. S. Lewis*. London: Geoffrey Bles, 1965.

GIBBS, Lee W. "C. S. Lewis and the Anglican *Via Media*." *Restoration Quarterly*. Vol. 32, 1990.

GILCHRIST, K. J. *A Morning after War: C. S. Lewis and WWI*. New York: Peter Lang, 2005.

GLOVER, Donald E. "The Magician's Book: That's Not Your Story." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, 1989.

GLYER, Diana. *The Company They Keep: C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien as Writers in Community*. Kent: Kent State University Press, 2007.

GRAHAM, David (ed.). *We Remember C. S. Lewis: Essays & Memoirs*. Nashville: Broadman & Holman, 2001.

GRAY; William. "Death, Myth and Reality in C. S. Lewis." *Journal of Beliefs & Values*. Vol. 18, 1997.

_____. *Fantasy, Myth and the Measure of Truth: Tales of Pullman, Lewis, Tolkien, MacDonald, and Hoffman*. London: Palgrave, 2009.

GREEN, Roger Lancelyn; HOOPER, Walter. *C. S. Lewis: A Biography*, rev. ed. London: HarperCollins, 2002.

GRIFFIN, William. *Clive Staples Lewis: A Dramatic Life*. New York: Harper & Row, 1986.

HARDY; Elizabeth Baird. *Milton, Spenser and the Chronicles of Narnia: Literary Sources for the C. S. Lewis Novels*. Jefferson: McFarland & Co., 2007.

HARWOOD, Laurence. *C. S. Lewis, My Godfather: Letters, Photos and Recollections*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2007.

HAUERWAS, Stanley. "Aslam and the New Morality". *Religious Education*. Vol. 67, 1972.

HECK, Joel D. *Irrigating Deserts: C. S. Lewis on Education*. St. Louis: Concordia, 2005.

HEIN, David; HENDERSON, Edward (eds.). *C. S. Lewis and Friends: Faith and the Power of Imagination*. London: SPCK, 2011.

HOLMER, Paul L. *C. S. Lewis: The Shape of His Faith and Thought*. New York: Harper & Row, 1976.

HOLYER, Robert. "The Epistemology of C. S. Lewis's *Till We Have Faces*."

Anglican Theological Review. Vol. 70, 1988.

HONDA, Mineko. *The Imaginative World of C. S. Lewis*. New York: University Press of America, 2000.

HOOPER, Walter. *C. S. Lewis: The Companion and Guide*. London: HarperCollins, 2005.

HUTTAR, Charles A. "C. S. Lewis, T. S. Eliot, and the Milton Legacy: The Nativity Ode Revisited." *Texas Studies in Literature and Language*. Vol. 44, 2002.

JACOBS, Alan. *The Narnian: The Life and Imagination of C. S. Lewis*. New York: HarperCollins, 2005.

_____. "The Second Coming of C. S. Lewis." *First Things* nº 47, 1994.

JOHNSON, William G.; HOUTMAN, Marcia K. "Platonic Shadows in C. S. Lewis' Narnia Chronicles". *Modern Fiction Studies*. Vol. 32, 1986.

JOHNSTON, Robert K. "Image and Content: The Tension in C. S. Lewis' Chronicles of Narnia." *Journal of the Evangelical Theological Society* . Vol. 20, 1977.

KEEBLE, N. H. "C. S. Lewis, Richard Baxter, and 'Mere Christianity.'" *Christianity and Literature*. Vol. 30, 1981.

KILBY, Clyde S. *The Christian World of C. S. Lewis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

KING, Don W. "The Anatomy of a Friendship: The Correspondence of Ruth Pitter and C. S. Lewis, 1946-1962." *Mythlore*. Vol. 24, nº 1, 2003.

_____. *C. S. Lewis, Poet: The Legacy of His Poetic Impulse*. Kent: Kent State University Press, 2001.

_____. "The Distant Voice in C. S. Lewis's Poems." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, 1989.

_____. "Lost but Found: The 'Missing' Poems of C. S. Lewis's *Spirits in Bondage*." *Christianity and Literature*. Vol. 53, 2004.

_____. "The Poetry of Prose: C. S. Lewis, Ruth Pitter, and *Perelandra*." *Christianity and Literature*. Vol. 49, nº 3, 2000.

KNIGHT, Gareth. *The Magical World of the Inklings*. Longmead: Element Books, 1990.

KORT, Wesley A. *C. S. Lewis Then and Now*. New York: Oxford University Press, 2001.

KREEFT, Peter. *C. S. Lewis for the Third Millennium: Six Essays on the "Abolition of Man."* San Francisco: Ignatius Press, 1994.

_____. "C. S. Lewis's Argument from Desire." em MACDONALD, Michael H.; TADIE, Andrew A. (eds.). *G. K. Chesterton and C. S. Lewis: The Riddle of Joy*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

LACOSTE, J. "Théologie anonyme et christologie pseudonyme: C. S. Lewis, *Les Chroniques de Narnia*." *Nouvelle Revue Théologique*. Vol. 3, 1990.

LAWLOR, John. *C. S. Lewis: Memories and Reflections*. Dallas: Spence Publishing Co., 1998.

LAWYER, John E. "Three Celtic Voyages: Brendan, Lewis, and Buechner." *Anglican Theological Review*. Vol. 84, nº 2, 2002.

LEIVA-MERIKAKIS, Erasmo. *Love's Sacred Order: The Four Loves Revisited*. San Francisco: Ignatius Press, 2000.

LEWIS, W. H. "Memoir of C. S. Lewis" em *The Letters of C. S. Lewis*. Editado por W. H. Lewis. London: Geoffrey Bles, 1966.

LINDSKOOG, Kathryn. *Finding the Landlord: A Guidebook to C. S. Lewis's "Pilgrim's Regress"*. Chicago: Cornerstone Press, 1995.

_____. Kathryn Ann; ELLWOOD, Gracia Fay. "C. S. Lewis: Natural Law; the Law in Our Hearts." *Christian Century*. Vol. 101, nº 35, 1984.

LINZEY, Andrew. "C. S. Lewis's Theology of Animals." *Anglican Theological Review*. Vol. 80, nº 1, 1998.

LOADES, Ann. "C. S. Lewis: Grief Observed, Rationality Abandoned, Faith Regained." *Literature and Theology*. Vol. 3, 1989.

_____. "The Grief of C. S. Lewis." *Theology Today*. Vol. 46, nº 3, 1989.

LOBDELL, Jared. *The Scientifiction Novels of C. S. Lewis: Space and Time in the Ransom Stories*. Jefferson: McFarland, 2004.

LOOMIS, Steven R.; RODRIGUEZ, Jacob P. *C. S. Lewis: A Philosophy of Education*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

LUCAS, John. "The Restoration of Man." *Theology*. Vol. 58, 1995.

LUNDIN, Anne. "On the Shores of Lethe: C. S. Lewis and the Romantics." *Children's Literature in Education*. Vol. 21, 1990.

MACSWAIN, R.; WARD, Michael (eds.). *The Cambridge Companion to C. S. Lewis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MANLEY, David. "Shadows That Fall: The Immanence of Heaven in the Fiction of C. S. Lewis and George MacDonald." *North Wind*. Vol. 17, 1998.

MCBRIDE, Sam. "The Company They Didn't Keep: Collaborative Women in the

Letters of C. S. Lewis." *Mythlore*. Vol. 29, 2010.

MCGRATH, Alister E. *The Intellectual World of C. S. Lewis*. Oxford e Malden: WileyBlackwell, 2013.

MEILANDER, Gilbert. "Psychoanalyzing C. S. Lewis" *Christian Century*. Vol. 107, nº 17, 1990.

_____. *The Taste for the Other: The Social and Ethical Thought of C. S. Lewis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

_____. "Theology in Stories: C. S. Lewis and the Narrative Quality of Experience." *Word and World*. Vol. 1, nº 3, 1981.

MENUGE, Angus J. L. "Fellow Patients in the Same Hospital: Law and Gospel in the Works of C. S. Lewis." *Concordia Journal*. Vol. 25, nº 2, 1999.

MILLER, Laura. *The Magician's Book: A Skeptic's Adventures in Narnia*. New York: Little, Brown and Co., 2008.

MILLS, David (ed.). *The Pilgrim's Guide: C. S. Lewis and the Art of Witness*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

MORRIS, Francis J.; WENDLING, Ronald C. "C. S. Lewis: A Critic Recriticized." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, 1989.

_____. "Coleridge and 'the Great Divide' between C. S. Lewis and Owen Barfield." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, 1989.

MORRIS, Richard M. "C. S. Lewis as a Christian Apologist." *Anglican Theological Review*. Vol. 33, nº 1, 1951.

MUELLER, Steven P. "C. S. Lewis and the Atonement." *Concordia Journal*. Vol. 25, nº 2, 1999.

MYERS, Doris T. "The Compleat Anglican: Spiritual Style in the Chronicles of Narnia." *Anglican Theological Review*. Vol. 66, 1984.

_____. *Bareface: A Guide to C. S. Lewis's Last Novel*. Columbia: University of Missouri Press, 2004.

NELSON, Michael. "C. S. Lewis and His Critics". *Virginia Quarterly Review*. Vol. 64, 1988.

_____. "'One Mythology among Many': The Spiritual Odyssey of C. S. Lewis." *Virginia Quarterly Review*. Vol. 72, nº 4, 1996.

NICHOLI, Armand M. *The Question of God: C. S. Lewis and Sigmund Freud Debate God, Love, Sex, and the Meaning of Life*. New York: Free Press, 2002. [Publicado no Brasil como: *Deus em questão — C. S. Lewis e Freud debatem Deus: amor, sexo e o sentido da vida*. Viçosa: Ultimato, 2005].

NICHOLSON, Mervyn. "C. S. Lewis and the Scholarship of Imagination in E. Nesbit and Rider Haggard." *Renascence: Essays on Values in Literature*. Vol. 51, 1998.

_____. "What C. S. Lewis Took from E. Nesbit." *Children's Literature Association Quarterly*. Vol. 16, nº 1, 1991.

NOLL, Mark A. "C. S. Lewis's 'Mere Christianity' (the Book and the Ideal) at the Start of the Twenty-First Century." *VII: An Anglo-American Literary Review*. Vol. 19, 2002.

ODERO, Dolores. "La 'experiencia' como lugar antropológico en C. S. Lewis." *Scripta Theologica*. Vol. 26, nº 2, 1994.

OSBORN, Marijane. "Deeper Realms: C. S. Lewis' Re-Visions of Joseph O'Neill's *Land under England." Journal of Modern Literature*. Vol. 25, 2001.

OZIEWICZ, Marek; HADE, Daniel. "The Marriage of Heaven and Hell? Philip Pullman, C. S. Lewis, and the Fantasy Tradition." *Mythlore*. Vol. 28, nº 109, 2010.

PATRICK, James. *The Magdalen Metaphysicals: Idealism and Orthodoxy at Oxford, 1901-1945*. Macon: Mercer University Press, 1985.

PEARCE, Joseph. *C. S. Lewis and the Catholic Church*. Fort Collins: Ignatius Press, 2003.

PHILLIPS, Justin. *C. S. Lewis in a Time of War*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 2006.

_____. *C. S. Lewis at the BBC*. New York: HarperCollins, 2002.

POE, Harry L (ed.). *C. S. Lewis Remembered*. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

_____. "Shedding Light on the Dark Tower: A C. S. Lewis Mystery Is Solved." *Christianity Today*. Vol. 51, nº 2, 2007.

PROTHERO, Jim. "The Flash and the Grandeur: A Short Study of the Relation among MacDonald, Lewis, and Wordsworth." *North Wind*. Vol. 17, 1998.

PURTILL, Richard L. *C. S. Lewis's Case for the Christian Faith*. San Francisco: Harper & Row, 1985.

_____. *Lord of the Elves and Eldils: Fantasy and Philosophy in C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien*. 2ª ed. San Francisco: Ignatius Press, 2006.

REPPERT, Victor. *C. S. Lewis's Dangerous Idea: In Defense of the Argument from Reason*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2003.

ROOT, Jerry. *C. S. Lewis and a Problem of Evil*. Cambridge: James Clarke, 2009.

ROSSOW, Francis C. "Giving Christian Doctrine a New Translation: Selected Examples from the Novels of C. S. Lewis." *Concordia Journal*. Vol. 21, nº 3, 1995.

_____. "Problems in Prayer and Their Gospel Solutions in Four Poems by C. S. Lewis." *Concordia Journal*. Vol. 20, nº 2, 1994.

SAYER, George. *Jack: A Life of C. S. Lewis*. London: Hodder & Stoughton, 1997.

SCHAKEL, Peter J. "Irrigating Deserts with Moral Imagination." *Christian Reflection*. Vol. 11, 2004.

_____. *Reading with the Heart: The Way into Narnia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

_____. *Reason and Imagination in C. S. Lewis: A Study of "Till We Have Faces."* Grand Rapids: Eerdmans, 1984.

_____. "The Satiric Imagination of C. S. Lewis." *Studies in the Literary Imagination*. Vol. 22, nº 2, 1989.

SCHAKEL, Peter J.; HUTTAR, Charles A. (eds.). *Word and Story* em *C. S. Lewis: Language and Narrative in Theory and Practice*. Columbia: University of Missouri Press, 1991.

SCHWARTZ, Sanford. *C. S. Lewis on the Final Frontier: Science and the Supernatural in the Space Trilogy*. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. "Paradise Reframed: Lewis, Bergson, and Changing Times on Perelandra." *Christianity and Literature*. Vol. 51, nº 4, 2002.

SEACHRIS, Joshua; ZAGZEBSKI, Linda. "Weighing Evils: The C. S. Lewis Approach." *International Journal for Philosophy of Religion*. Vol. 62, 2007.

SEGURA, Eduardo; HONEGGER, Thomas (eds.). *Myth and Magic: Art According to the Inklings*. Zollikofen: Walking Tree, 2007.

SMIETANA, Bob. "C. S. Lewis Superstar: How a Reserved British Intellectual with a Checkered Pedigree Became a Rock Star for Evangelicals." *Christianity Today*. Vol. 49, nº 12, 2005.

SMITH, Robert H. *Patches of Godlight: The Pattern of Thought of C. S. Lewis*. Athens: University of Georgia Press, 1981.

STOCK, Robert Douglas. "Dionyssus, Christ, and C. S. Lewis." *Christianity and Literature*. Vol. 34, nº 2, 1985.

TALIAFERRO, Charles. "A Narnian Theory of the Atonement." *Scottish Journal of Theology*. Vol. 41, 1988.

TENNYSON, G. B. (ed.). *Owen Barfield on C. S. Lewis*. Middletown, CT: Wesleyan

University Press, 1989.

TERRASA Messuti, Eduardo. "Imagen y misterio: Sobre el conocimiento metafórico en C. S. Lewis." *Scripta Theologica*. Vol. 25, nº 1, 1993.

TYNAN, Kenneth. "My Tutor, C. S. Lewis." *Third Way*, junho, 1979.

VAN LEEUWEN, Mary Stewart. *A Sword between the Sexes?: C. S. Lewis and the Gender Debates*. Grand Rapids: Brazos Press, 2010.

WALKER, Andrew. "Scripture, Revelation and Platonism in C. S. Lewis." *Scottish Journal of Theology*. Vol. 55, 2002.

_____; PATRICK, James (eds.). *A Christian for All Christians: Essays in Honor of C. S. Lewis*. Washington: Regnery Gateway, 1992.

WALSH, Chad. *C. S. Lewis: Apostle to the Skeptics*. New York: Macmillan, 1949.

_____. *The Literary Legacy of C. S. Lewis*. London: Sheldon, 1979 .

WARD, Michael. "The Current State of C. S. Lewis Scholarship." *Sewanee Theological Review*. Vol. 55, nº 2, 2012.

_____. *Planet Narnia: The Seven Heavens in the Imagination of C. S. Lewis*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WATSON, George. "The Art of Disagreement: C. S. Lewis (1898-1963)". *Hudson Review*. Vol. 48, nº 2, 1995.

WHEAT, Andrew. "The Road before Him: Allegory, Reason, and Romanticism in C. S. Lewis' *The Pilgrim's Regress*." *Renascence: Essays on Values in Literature*. Vol. 51, nº 1, 1998.

WILLIAMS, Donald T. *Mere Humanity: G. K. Chesterton, C. S. Lewis, and J. R. R. Tolkien on the Human Condition*. Nashville: B & H Publishing Group, 2006.

WILLIAMS, Rowan. *The Lion's World: A Journey into the Heart of Narnia*. London: SPCK, 2012.

WILSON, A. N. *C. S. Lewis: A Biography. London: Collins, 1990.*

WOLFE, Judith; WOLFE, Brendan N. (eds.). *C. S. Lewis and the Church*. London: T & T Clark, 2011.

WOOD, Naomi. "Paradise Lost and Found: Obedience, Disobedience, and Storytelling in C. S. Lewis and Phillip Pullman." *Children's Literature in Education*. Vol. 32, nº 4, 2001.

WOOD, Ralph C. "The Baptized Imagination: C. S. Lewis's Fictional Apologetics." *Christian Century*. Vol. 112, nº 25, 1995.

_____. "C. S. Lewis and the Ordering of Our Loves." *Christianity and Literature*.

Vol. 51, nº 1, 2001.

_____. "Conflict and Convergence on Fundamental Matters in C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien." *Renascence: Essays on Values in Literature*. Vol. 55, 2003.

YANCEY, Philip. "Found in Space: How C. S. Lewis Has Shaped My Faith and Writing." *Christianity Today*. Vol. 57, nº 7, 2008.

III. OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

ADDISON, Paul e JONES, Harriet. *A Companion to Contemporary Britain 1939-2000*. Oxford: Blackwell, 2005.

ANSCOMBE, G. E. M. *The Collected Philosophical Papers of G. E. M. Anscombe*. Vol. 2. Oxford: Blackwell, 1981.

ASTON, T. S. (ed.) *The History of the University of Oxford*. 8 vols. Oxford: Oxford University Press, 1984-1994.

BARTLETT, Robert. *The Natural and the Supernatural in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BAXTER, Richard. *The Church History of the Government by Bishops*. London: Thomas Simmons, 1681.

BECKETT, Francis. *What Did the Baby Boomers Ever do For Us? Why the Children of the Sixties Lived the Dream and Failed the Future*. London: Biteback, 2010.

BICKERTON, Fred. *Fred of Oxford: Being the Memoirs of Fred Bickerton*. London: Evans Bros, 1953.

BOWLBY, John. *Maternal Care and Mental Health*. Geneva: World Health Organization, 1952.

_____. *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. New York: Basic Books, 1988.

BROCKLISS, Laurence W. B. (ed.). *Magdalen College Oxford: A History*. Oxford: Magdalen College, 2008.

BRUINIUS, Harry. *Better For All the World: The Secret History of Forced Sterilization and America's Quest for Racial Purity*. New York: Knopf, 2006.

CANTOR, Norman F. *Inventing the Middle Ages: The Lives, Works and Ideas of the Great Medievalists of the Twentieth Century*. New York: William Morrow, 1991.

CARPENTER, Humphrey. *J. R. R. Tolkien: A Biography*. London: Allen & Unwin, 1977.

CASTRIOTA-SCANDERBEG, Alessandro; DALLAPICCOLA, Bruno. *Abnormal Skeletal*

Phenotypes: From Single Signs to Complex Diagnoses. Berlin: Springer, 2006.

CEPLAIR, Larry; ENGLUND, Steven. *The Inquisition in Hollywood: Politics in the Film Community, 1930-1960*. Urbana: University of Illinois Press, 2003.

CHANCE, Jane (ed.). *Tolkien and the Invention of Myth*. Lexington: University Press of Kentucky, 2004.

CHESTERTON, G. K. *The Everlasting Man*. San Francisco: Ignatius Press, 1993.

CLARK, Tom; DILNOT, Andrew. *Long-Term Trends in British Taxation and Spending*. London: Institute for Fiscal Studies, 2002.

COLLINS, John Churton. *The Study of English Literature: A Plea for Its Recognition and Organization at the Universities*. London: Macmillan, 1891.

CUNICH, Peter; HOYLE, David; DUFFY, Eamon; HYAM, Ronald. *A History of Magdalene College Cambridge 1428-1988*. Cambridge: Magdalene College Publications, 1994.

DAL CORSO, Eugenio. *Il Servo di* Dio: *Don Giovanni Calabria e i fratelli separati*. Rome: Pontificia Università Lateranense, 1974.

DARWALL-SMITH, Robin. *A History of University College, Oxford*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

DAVIDMAN, Joy. "The Longest Way Round." Em *These Found the Way: Thirteen Converts to Christianity,* editado por David Wesley Soper. Philadelphia: Westminster Press, 1951.

_____. *Out of My Bone: The Letters of Joy Dabidman*. Editado por Don W. King. Grand Rapids: Eedermans, 2009.

DEARBORN, Kerry. "The Baptized Imagination." *Christian Reflection*. Vol. 11, 2004.

_____. "Bridge over the River Why: The Imagination as a Way to Meaning." *North Wind*. Vol. 16, 1997.

DE-LA-NOY, Michael. *Eddy: The Life of Edward Sackville-West*. London: Bodley Head, 1988.

DIJKEN, Suzan van. *John Bowlby: His Early Life; A Biographical Journey into the Roots of Attachment Theory*. London: Free Association Books, 1998.

DROUT, Michael D. C. "J. R. R. Tolkien's Medieval Scholarship and Its Significance." *Tolkien Studies*. Vol. 4, 2007.

EAGLETON, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. Oxford: Blackwell, 2008. [Publicado no Brasil como: *Teoria da literatura — uma introdução*. São Paulo:

Martins Fontes, 2006].

EMERSON, Ralph Waldo. *Essays and Lectures*. New York: Library of America, 1983.

FITZGERALD, Jill. "A 'Clerkes Compleinte': Tolkien and the Division of Lit. and Lang." *Tolkien Studies*. Vol. 6, 2009.

FLIEGER, Verlyn. *Splintered Light: Logos and Language in Tolkien's World*. Kent: Kent State University, 2002.

FOSTER, Roy. *The Irish Story: Telling Tales and Making It Up in Ireland*. London: Allien Lane, 2001.

FREEDEN, Michael. "Eugenics and Progressive Thought: A Study in Ideological Affinity." *Historical Journal*. Vol. 22, 1979.

GALLAGHER, Donat (ed.). *The Essays, Articles and Reviews of Evelyn Waugh*. London: Methuen, 1983.

GARTH, John. *Tolkien and the Great War*. London: HarperCollins, 2004.

GILL, Roma (ed.). *William Empson*. London: Routledge, 1977.

GOEBEL, Stefan. *The Great War and Medieval Memory: War, Remembrance and Medievalism in Britain and Germany, 1914-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GRAHAME, Kenneth. *The Wind in the Willows*. New York: Charles Scribner, 1908.

GREENE, Graham. *Collected Essays*. New York: Penguin, 1966.

HALDANE, J. B.S. *Possible Worlds*. London: Chatto & Windus, 1927.

HARFORD, Judith. *The Opening of University Education to Women in Ireland*. Dublin: Irish Academic Press, 2008.

HART, Trevor; KHOVACS, Ivan (eds.). *Tree of Tales: Tolkien, Literature, and Theology*. Waco: Baylor University Press, 2007.

HASSIG, Debra. *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HATLEN, Burton. "Pullman's *His Dark Materials:* A Challenge to Fantasies of J. R. R. Tolkien and C. S. Lewis, with an Epilogue on Pullman's Neo-Romantic Reading of *Paradise Lost*." Em *His Dark Materials Illuminated: Critical Essays on Philip Pullman's Trilogy*. Editado por Millicent Lenz e Carole Scott. Detroit: Wayne State University Press, 2005.

HENDERSON, J. W. *Methodist College, Belfast, 1868-1938: A Survey and Retrospect*. Vol. 2. Belfast: Governors of Methodist College, 1939.

HENNESSEY, Thomas. *Dividing Ireland: World War I and Partition*. London: Routledge, 1998.

HERFORD, C. H. *The Bearing of English Studies upon the National Life*. Oxford: Oxford University Press, 1910.

INGE, W. R. *Protestantism*. London: Nelson, 1936.

JAEGER, C. Stephen. *The Origins of Courtliness: Civilizing Trends and the Formation of Courtly Ideals, 937-1210*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. New York: Longmans Green, 1902. [Publicado no Brasil como: *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991].

JEFFERY, Keith. *Ireland and the Great War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KER, Ian. *G. K. Chesterton*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

KERNAN, Alvin. *The Death of Literature*. New Haven: Yale University Press, 1990.

KERRY, Paul E. (ed.). *The Ring and the Cross: Christianity and the Writings of J. R. R. Tolkien*. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2011.

KING, Don W. *Hunting the Unicorn: A Critical Biography of Ruth Pitter*. Kent: Kent State University Press, 2008.

LETTS, Winifred Mary. *The Spires of Oxford and Other Poems*. New York: Dutton, 1917.

LITTLEDALE, R. F. "The Oxford Solar Myth." Em *Echoes from Kottabos*. Editado por R.Y. Tyrrell e Edward Sullivan. London: E. Grant Richards, 1906.

MAJENDIE, V. H. B. *A History of the 1st Battalion Somerset Light Infantry (Prince Albert's)*. Taunton: Phoenix Press, 1921.

MANGAN, J. A. *Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School: The Emergence and Consolidation of an Educational Ideology*. London: Frank Cass, 2000.

MARSDEN, George M. *Reforming Fundamentalism: Fuller Seminary and the New Evangelicalism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

MARX, C. William. *The Devil's Rights and the Redemption in the Literature of Medieval England*. Cambridge: D. S. Brewer, 1995.

MARWICK, Arthur. *The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy, and the*

United States, c. 1958 – c. 1974. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MCGARRY, John. *Northern Ireland and the Divided World*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MCGRATH, Alister E. *Christianity's Dangerous Idea: The Protestant Revolution*. San Francisco: HarperOne, 2009.

MCMURTRY, Jo. *English Language, English Literature: The Creation of an Academic Discipline*. Hamden: Archon Books, 1985.

MILLAY, Edna St. Vincent. *Collected Sonnets*. New York: Harper, 1988.

MILLER, Donald. E. *Reinventing American Protestantism: Christianity in the New Millenium*. Berkeley: University of California Press, 1997.

NESBIT, Edith. *The Enchanted Castle*. London: Fisher Unwin, 1907.

_____. *The Magic World*. London: Macmillan, 1924.

O'BRIEN, Conor Cruise. *Ancestral Voices: Religion and Nationalism in Ireland*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ODDIE, William. *Chesterton and the Romance of Orthodoxy*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PADLEY, Jonathan; PADLEY, Kenneth. "'From Mirrored Truth the Likeness of the True': J. R .R. Tolkien and Reflections of Jesus Christ in Middle-Earth." *English*. Vol, 59, nº 224, 2010.

PARSONS, Wendy; NICHOLSON, Catriona. "Talking to Philip Pullman: An Interview". *The Lion and the Unicorn*. Vol. 23, nº 1, 1999.

PEARCE, Joseph. *Literary Converts: Spiritual Inspiration in an Age of Unbelief*. London: HarperCollins, 1999.

POINCARÉ, Henri. *Science and Method*. London: Nelson, 1914.

RHODE, Deborah L. *In Pursuit of Knowledge: Scholars, Status, and Academic Culture*. Stanford: Stanford University Press, 2006.

RADCLIFFE, David Hill. *Edmund Spensar: A Reception History*. Columbia: Camden House, 1996.

ROBERTS, Nathan. "Character in the Mind: Citizenship, Education and Psychology in Britain, 1880-1914." *History of Education*. Vol. 33, 2004.

RUSSEL, Bertrand. *The Selected Letters of Bertrand Russel:The Public Years, 1914-1970*. Vol. 2. Editado por Nicholas Griffin. London: Routledge, 2001.

SHAW, Christopher. "Eliminating the Yahoo: Eugenics, Social Darwinism and Five Fabians." *History of Political Thought*. Vol. 8, 1987.

SHIPPEY, Tom. *Roots and Branches: Selected Papers on Tolkien*. Zollikofen: Walking Tree, 2007.

STEER, Roger. *Inside Story: The Life of John Stott*. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2009.

TAMBURR, Karl, *The Harrowing of Hell in Medieval England*. Cambridge: D. S. Brewer, 2007.

TEICHMANN, Roger. *The Philosophy of Elizabeth Anscombe*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

THOMSON, G. Ian F. *The Oxford Pastorate: The First Half Century*. London: The Canterbury Press, 1946.

TOLKIEN, J. R. R. *The Lays of Beleriand*. Boston: Houghton Mifflin, 1985.

_____. *The Letters of J. R. R. Tolkien*. Editado por Humphrey Carpenter. London: HarperCollins, 1981.

_____. *The Silmarillion*. London: Allen & Unwin, 1977.

TOWNSHEND, Charles. *Easter 1916: The Irish Rebellion*. London: Allen Lane, 2005.

TREVELYAN, G. M. *English Social History: A Survey of Six Centuries from Chaucer to Queen Victoria*. London: Longman, 1944.

WAIN, John. *Sprightly Running: Part of an Autobiography*. London: Macmillan, 1962.

WATSON, Giles. "Dorothy L. Sayers and the Oecumenical Penguin." *VII: An Anglo-American Literary Review*. Vol. 14, 1997.

WATSON, George. J. *Irish Identity and the Literary Revival: Synge, Joyce, Yeats and O'Casey*. 2ª ed. Washington: Catholic University of America Press, 1994.

WERNER, Maria Assunta. *Madeleva: Sister Mary Madeleva Wolff, CSC: A Pictorial Biography*. Notre Dame: Saint Mary's College, 1993.

WILLIAMS, Charles. *To Michal from Serge: Letters from Charles Williams to his Wife, Florence, 1939-45*. Editado por Roma A. King, Jr. Kent: Kent State University Press, 2002.

WILSON, Ian. "William Thompson Kirkpatrick (1848-1921)". *Review: Journal of the Craigavon Historical Society*. Vol. 8, nº 1, 2000-2001.

WINTER, Jay. *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WOLFE, Kenneth M. *The Churches and the British Broadcasting Corporation 1922--1956: The Politics of Broadcast Religion*. London: SCM Press, 1984.

WOLFE, Tom. "The Great Relearning." Em *Hooking Up*. London: Jonathan Cape, 2000.

WORSLEY, Howard. "Popularized Atonement Theory Reflected in Children's Literature." *Expository Times*. Vol. 115, nº 5, 2004.

WYRALL, Everard. *The History of the Somerset Light Infantry (Prince Albert's) 1914--1919*. London: Methuen and Co., 1927.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

1 *Collected Sonnets*, p. 140.

2 O ano letivo na Universidade de Oxford é dividido em três trimestres (*terms*) de oito semanas cada: Michaelmas (de setembro/outubro até o Natal), Hilary (de janeiro a março) e Trinity (abril a junho). O período entre junho e setembro é época de férias escolares. (N. da P.)

[3] *Surprised by Joy,* p. 266. Na p. 135, Lewis se refere ao fato como uma "reconversão".

4 Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013.

1 *Surprised by Joy,* p. 1.
2 W. H. LEWIS, "C. S. Lewis: A Biography", p. 27.
3 Disponível online em <www.census.nationalarchives.ie/reels/nai000721989/>. O registro "Não lê" está grafado com uma caligrafia diferente.
4 *Lloyd's Register of Shipping*, nº 93.171.
5 Ian WILSON, "William Thompson Kirkpatrick (1848—1921)" Review: Journal of the Craigavon Historical Society8, p. 33.
6 Desde o final do século 19, essas funções se fundiram na prática legal norte-americana. Um advogado nos Estados Unidos pode desempenhar as duas tarefas.
7 Judith HARFORD, *The Opening of University Education to Women in Ireland*, p. 78.
8 J. W. HENDERSON, *Methodist College, Belfast, 1868-1938*, vol. 1, p. 120-130. Observe-se que a escola, embora fundada em 1865, só começou a funcionar em 1868.
9 No sistema de avaliação da universidade britânica, a nota máxima obtida chama-se First Class Honours (frequentemente chamada apenas de *First*). Ela se baseia na pontuação do aluno na prova final, conferindo ao seu diploma um alto nível de distinção. Além do First Class Honours, há ainda níveis menores de distinção: Second Class Honours e Third Class Honours, e por fim Ordinary Degree, que é o diploma sem nenhuma distinção. (N. da P.)
10 J. W. HENDERSON, *Methodist College, Belfast, 1868-1938*, vol. 1, p. 127.
11 28 de set. 1929.
12 Cf. especialmente a carta de Lewis a Warren Lewis, 2 de ago. 1928; *The Collected Letters of C. S. Lewis*, vol. 1, p. 768-777, a qual é rica em tais referências.
13 W. H. LEWIS, "Memoir of C. S. Lewis", p. 2.
14 Carta a Arthur Greeves, 30 de mar. 1915; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 114.
15 *All My Road Before me*, p. 105.
16 Carta a Warren Lewis, 12 de jan. 1930; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 871.
17 David BLEAKLEY, *C. S. Lewis at Home in Ireland*, p. 53. Em outras passagens Lewis sugere a transferência de Oxford para Donegal, e não para Down. Veja-se, por exemplo, sua carta a Arthur Greeves, 3 de jun. 1917; *The Collected Letters,* vol.1, p. 313.
18 *Studies in Medieval and Renaissance Literature*, p. 126.
19 Para outros exemplos, cf., David CLARE, "C. S. Lewis: An Irish Writer" *Irisch Studies*. Review 18, p. 20-21.
20 Carta a Arthur Greeves, 8 de jul. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 325.
21 Carta a Arthur Greeves, 24 de jul. 1917; *The Collected Letters,* vol.1, p. 330.
22 Carta a Arthur Greeves, 31 de ago. 1918; *The Collected Letters,* vol.1, p. 394.
23 *Surprised by Joy*, p. 9.
24 "Memoir of C. S. Lewis" *The Lettens of C. S. Lewis*, p. 1.
25 *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, p. 10-11.
26 *Surprised by Joy,* p. 6.
27 *Surprised by Joy*, p. 16.
28 *Surprised by Joy*, p. 17.
29 Idem.
30 Idem, p. 18.
31 Idem.
32 *The Varieties of Religious Experience,* p. 380-381.
33 Cf. a dedicatória do poema de Tolkien, "Mythopoeia" em *Tree and Leaf*, p. 85. O contexto desse poema torna claro que essa é uma referência a Lewis (cf. Humphrey CARPENTER, *J. R. R. Tolkien In: A biografy*, p. 192-199).

34 Carta a Albert Lewis, 16 de fev. 1918; *The Collected Letters*, vol.1, p. 356.
35 Mais tarde, no ano de 1963, Warnie mandaria gravar a mesma citação na lápide do irmão em Oxford.
36 *Surprised by Joy*, p. 23.
37 *The Magician's Nephew,* p. 166.
38 *Surprised by Joy*, p. 20.
39 Idem, p. 22.

1 Carta a Francine Smithline, 23 de mar. 1962; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.325. As duas escolas "horríveis" eram Wynyard School e Malvern College.
2 *Jack*, p. 86.
3 *Surprised by Joy*, p. 26.
4 Carta a Arthur Greeves, 5 de jun. 1914; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 60.
5 *Surprised by Joy*, p. 37.
6 "The Lewis Papers", vol. 3, p. 40.
7 *Surprised by Joy,* p. 56.
8 Cherbourg School se tornou parte do Malvern College em 1992. O terreno do local original foi então vendido.
9 *Surprised by Joy*, p. 82.
10 Idem.
11 *Surprised by Joy*, p. 83.
12 Idem.
13 Carta a Albert Lewis, 8 de jul. 1913; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 28.
14 *Surprised by Joy*, p. 71.
15 Carta a Albert Lewis, 7 de jun. 1913; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 23.
16 Ian WILSON, "William Thompson Kirkpatrick (1848-1921)", p. 39.
17 O relato pode ser encontrado em *Surprised by Joy*, p. 95-135. Ele corresponde a 18% do texto do livro.
18 Decorre disso que meninos considerados "intelectuais" efeminados — como Lewis — muitas vezes eram vitimizados e intimidados (cf. J. A. MANGAN, *Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School*, p. 99-121).
19 Cf. Nathan ROBERTS, "Character in the Mind".
20 *Surprised by Joy*, p. 11. Lewis e Warnie herdaram do pai esse defeito. O problema (uma forma de sinostose metacarpofalangeal) é hoje em dia chamado algumas vezes de "sinfalangismo de Lewis" por causa de sua associação com Lewis (cf. Alessandro CASTRIOTA-SCANDERBEG e Bruno DALLAPICCOLA. *Abnormal Skeletal Phenotypes: From Simple Signs to Complex Diagnoses,* p. 405).
21 Carta a Arthur Greeves, 5 de jun. 1914; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 59.
22 *Surprised by Joy,* p. 117.
23 O texto do poema se encontra em W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 3, p. 262-263.
24 W. H. LEWIS, "Memoir of C. S. Lewis", p. 5.
25 Carta a Albert Lewis, 17 de jul. 1929, *The Collected Letters,* vol. 1, p. 802.
26 Carta a Albert Lewis, 18 de mar. 1914; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 51.
27 Warren Lewis para Albert Lewis, 29 de mar. de 1914; "Lewis Papers", vol. 4, p. 156.
28 Idem, p. 157.
29 *Surprised by Joy*, p. 151.
30 Carta a Warren Lewis, 18 de mai. 1907; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 3-4.
31 *Surprised by Joy*, p. 151.
32 Carta a Arthur Greeves, 5 de jun. 1914; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 60.
33 Carta a Albert Lewis, 29 de jun. 1914; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 64.
34 *Surprised by Joy*, p. 158.
35 Cf. Ian WILSON, "William Thompson Kirkpatrick".
36 O Queen's College, Belfast, foi incorporado à Royal University of Ireland em 1879. Foi restabelecido como uma instituição independente pela Lei das Universidades Irlandesas de 1908, que dissolveu Royal University of Ireland e a substituiu por National University of Ireland e Queen's University of Belfast.
37 *Surprised by Joy*, p. 171.
38 Carta a Albert Lewis, 8 de fev. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 275.

39 Carta a Arthur Greeves, 12(?) de out. 1916; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 230-231.
40 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 10, p. 219. Os comentários de Lewis se encontram em uma reflexão sobre Greeves que se estende por três páginas, provavelmente escrita por volta de 1935, localizada entre as p. 218 e 220.
41 Carta a Arthur Greeves, 18 de out. 1916; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 235.
42 O relato do próprio Lewis em *Surprised by Joy* atribui uma data incorreta a esse acontecimento: agosto de 1915. Cf. Walter HOOPER, *C. S. Lewis: The Companion and Guide*, p. 568.
43 *Surprised by Joy*, p. 208-209.
44 Carta a Albert Lewis, 28(?) de mai. 1915; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 125.
45 Carta a Arthur Greeves, 7 de mar. 1916; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 171.
46 Carta de Albert Lewis a William Kirkpatrick, 8 de mai. de 1916; "Lewis Papers", vol. 5, p. 79-80. Cf. carta anterior de Kirkpatrick datada de 5 de maio em "Lewis Papers", vol. 5, p. 78-79.
47 *Surprised by Joy*, p. 214.
48 Carta a Albert Lewis, 7 de dez. 1916; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 262.
49 Carta a Albert Lewis, 28 de jan. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 267.
50 T. S. Aston, *The History of the University of Oxford*, vol. 6, p. 356.

1 Carta a Francine Smithline, 23 de mar. 1962; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.325.
2 *Surprised by Joy*, p. 226.
3 Idem, p. 183.
4 Robin DARWALL-SMITH, *A History of University College, Oxford*, p. 440-447.
5 Idem, p. 443.
6 Carta a Albert Lewis, 28 de abr. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 296.
7 Carta a Arthur Greeves, 8 de jul. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 324.
8 *Surprised by Joy*, p. 216.af
9 O registro militar de Lewis é mantido na National Gallery (Public Records Office): War Office, 339/105-408.a
10 Carta a Albert Lewis, 3 de mai. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 299.
11 Carta a Albert Lewis, 12 de mai. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 302.
12 Carta a Albert Lewis, 8 de jun. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 316.
13 Carta a Albert Lewis, 17 de mai. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 305.
14 Carta a Arthur Greeves, 13 de mai. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 304.
15 Carta a Albert Lewis, 3(?) de jun. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 315.
16 *The Spires of Oxford and Other Poems*. Letts estava "passando por" Oxford a bordo de um trem.
17 War Office 372/412-913.
18 *King Edward VII School Magazine,* vol.15, nº 7, mai. de 1961.
19 *Surprised by Joy,* p. 217. Ainda existem registros detalhados da Companhia C (cf. Oxford University Officers' Training Corps, Archive OT 1/1/1-11; OT 1/2/1-4). Resta pouca documentação sobre a Companhia E, na qual serviu Lewis.
20 Oxford University Officers' Training Corps Archives, Archive OT 1/1/1-11.
21 Estritamente falando, Keble era uma "Nova Fundação" com tutores, e não professores. Foi só em 1930 que a administração interna de Keble se alinhou à das outras faculdades de Oxford.
22 Carta a Albert Lewis, 10(?) de jun. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 317.
23 Moore nasceu em 17 de novembro de 1898; Lewis em 29 de novembro de 1898.
24 Carta a Albert Lewis, 17(?) de nov. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 416. Na realidade, embora Lewis não soubesse, um daqueles quatro que ele acreditava estarem mortos (Denis Howard de Pass) sobreviveu à guerra, tendo se tornado um produtor de laticínios até sua morte, em 1973.
25 Carta a Albert Lewis, 10(?) de jun. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 317; Carta a Arthur Greeves, 10 de jun. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 319.
26 Carta a Albert Lewis, 18 de jun. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 322.
27 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 239.
28 Agora mantidas nos arquivos do Keble College, Oxford.
29 Ordens do Batalhão nº 30, 15 de jun. 1917, folha 4.
30 Cf. as instruções de exercícios para o batalhão emitidas em 1917 pela Escola de Artilharia Ligeira do Quartel General: Oxford University Officers' Training Corps, Archive OT 1/8.
31 Ordens do Batalhão nº 31, 20 de jun. 1917, parte 2, folha 1.
32 Ordens do Batalhão nº 35, 13 de jul. 1917, parte 2, folha 5.
33 Ordens do Batalhão nº 59, 30 de nov. 1917, parte 2, folha 1.
34 Carta a Albert Lewis, 24 de jul. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 329-330.
35 *"C" Company N. 4 O. C. B. 1916-1919*. Oxford: Keble College, 1920, p. 34. Keble College, KC/JCR H1/1/3.
36 No final do mês de julho de 1917, Lewis escreveu ao pai, observando que o Departamento de Guerra tinha, finalmente, descoberto sua existência e pago a ele sete xelins (carta a Albert Lewis, 22 de jul. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 327). Talvez isso possa ser considerado indicação da documentação

inadequada referente a esse Batalhão de Cadetes.
37 *All My Road Before Me,* p. 125.
38 Cf. especificamente as cartas dele a Arthur Greeves, datadas de 3 e 10 de junho de 1917 (*The Collected Letters*, vol. 1, p. 313, 319-320). As referências ao "Visconde de Sade" foram originalmente apagadas por Greeves.
39 Carta a Arthur Greeves, 10 de jun. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 319.
40 Carta a Arthur Greeves, 28 de jan. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 269. Essa parte da carta foi mais tarde apagada por Greeves.
41 Lewis dá a entender isso nessa carta de janeiro de 1917, na qual ele fantasia sobre "punir" um membro não nomeado da família de Greeves (carta a Arthur Greeves, 31 de jan. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 271).
42 Cartas a Arthur Greeves, 31 de jan. 1917, 7 de fev. 1917, 15 de fev. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 272, 274, 278. A significativa carta de 28 de janeiro de 1917, que discute o açoitamento, não traz a assinatura "Philomastix" (*The Collected Letters*, vol. 1, p. 269).
43 Carta a Arthur Greeves, 15 de fev. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 276.
44 Os diários de bolso (11,5 cm x 8 cm) de Greeves, do período de janeiro de 1917 até dezembro de 1918, são preservados pelo Wade Center, Wheaton College, Wheaton. Para essa oração, cf. o registro de 8 de jul. 1917; Diários de Arthur Greeves, 1-2.
45 Registro de 18 de jul. 1917; Diários de Arthur Greeves, 1-2.
46 Lewis comenta sobre essa mudança em cartas a seu pai datadas de 18 de setembro de 1918 e 18 de outubro de 1918 (*The Collected Letters,* vol. 1, p. 399-400, 408-409).
47 Para comentário e análise, cf. Don W. KING, *C. S. Lewis, Poet,* p. 52-97.
48 *Spirits in Bondage*, p. 25.
49 Walter Hooper, que editou o manuscrito desse diário, mais tarde considerou que a letra que ele havia transcrito como *D* era, na verdade, a letra grega delta, Δ. Isso sugere que Lewis tinha um nome secreto para a sra. Moore baseado em um termo grego que começava com essa letra. Sabe-se que Lewis se valeu dessa estratégia em outros contextos. Por exemplo, em 1949, Lewis leu para uma associação de Oxford um artigo intitulado "The *Kappa* Element in Romance" [O elemento kappa no romance]. Kappa é a letra inicial da palavra grega *kryptos*, que significa "oculto", "escondido".
50 Esse batalhão era designado como uma unidade de "reserva especial", que se ocupava primordialmente do treinamento militar e permaneceu no Reino Unido ao longo da Grande Guerra.
51 O Rio Somme, na França, foi palco de uma das maiores batalhas da Primeira Guerra Mundial entre as forças anglo-francesas e as alemãs, travada de julho a novembro de 1916. (N. da P.)
52 Ordens do Batalhão nº 30, 15 de jun. 1917, folha 4. Como observado antes, essas iniciais incorretas foram mudadas para "E. F. C." uma semana mais tarde. Observe-se que o sistema britânico de atribuição de datas, usado nesse registro, refere-se a dia/mês/ano, diferente da datação norte-americana, na qual se coloca mês/dia/ano.
53 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 239.
54 Carta a Albert Lewis, 22 de out. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 338.
55 Carta a Albert Lewis, 3 de out. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 337.
56 Carta a Arthur Greeves, 28(?) de out. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 339.
57 Carta a Arthur Greeves, 14 de dez. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 348.
58 Carta a Albert Lewis, 5 de nov. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 344.
59 Albert Lewis se perguntou se isso aconteceu porque Lewis era irlandês (W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 247). Um documento de 22 de maio de 1918 registra que ele foi indicado para a 11ª Brigada, 4ª Divisão, do 1º [Batalhão] de Somerset de Infantaria Ligeira.
60 Para relatos detalhados datados de 1914, cf. Everard WYRALL, *The History of the Somerset Light Infantry*; a

partir de 1916, cf. V. H. B. MAJENDIE, *History of the 1st Batallion Somerset Light Infantry*. O 2º Batalhão de Somerset de Infantaria Ligeira ficou acantonado na Índia ao longo de toda a Primeira Guerra Mundial.

61 Telegrama para Albert Lewis, 15 de nov. 1917, *The Collected Letters,* vol. 1, p. 345.

62 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 247.

63 Carta a Albert Lewis, 13 de dez. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 347-348.

64 Carta a Albert Lewis, 4 de jan. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 352.

65 *Surprised by Joy*, p. 227.

66 Carta a Arthur Greeves, 3 de jun. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 378.

67 Robin DARWALL-SMITH, *A History of the University College, Oxford*, p. 437.

68 Carta a Arthur Greeves, 30 de mai. 1916; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 187.

69 Carta a Albert Lewis, 16 de fev. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 356.

70 Carta a Arthur Greeves, 21 de fev. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 358-360.

71 Registro na seção "lembretes" de seu diário para a semana de 17 a 23 de março de 1918; Diários de Arthur Greeves, p. 1-4.

72 Diários de Arthur Greeves, p. 1-4.

73 Registro do dia 31 de abr. 1918; Diários de Arthur Greeves, p. 1-4.

74 Para esse ataque, cf. V. H. B. MAJENDIE, *History of the 1st Battalion Somerset Light Infantry,* p. 76-81; Everard WYRALL, *History of the Somerset Light Infantry*, p. 293-295.

75 Carta a Arthur Greeves, 4(?) de nov. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 341-342.

76 *Surprised by Joy,* p. 229.

77 V. H. B. MAJENDIE, *History of the 1st Battalion Somerset light Infantry,* p.81; Everard WYRALL, *History of the Somerset Light Infantry*, p. 295.

78 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 308. Em uma carta posterior ao Departamento de Guerra, Lewis afirmou que estava "gravemente ferido" nessa ocasião (carta ao Departamento de Guerra de 18 de jan. 1919; *The Collected Letters,* vol.1, p. 424).

79 Warnie foi promovido a capitão no dia 29 de novembro de 1917, e permaneceu nessa posição até sua aposentadoria, em 1932, o que sugere que sua carreira militar posterior talvez não tenha sido de grande destaque.

80 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 5, p. 309.

81 Por exemplo, o comentário de que a letra de Greeves "era muito parecida com a de uma moça" (carta a Arthur Greeves, 14 de jun. 1916; *The Collected Letters,* vol.1, p. 193).

82 Carta a Arthur Greeves, 23 de mai. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 371. O texto registrado assim "< >" foi apagado por Greeves, e depois restaurado na edição de Walter Hooper.

83 Registro do dia 27 de mai. 1918; Diários de Arthur Greeves, p. 1-5.

84 Registro na parte de "lembretes" dos diários de Arthur Greeves para a semana de 5 a 11 de maio de 1918; Diários de Arthur Greeves, p. 1-5.

85 Registro do dia 31 de dez. 1918; Diários de Arthur Greeves, 1-6.

86 Greeves escreveu um diário registrando uma visita a Oxford, para encontrar-se com Lewis, em 1922. O texto tem um tom alegre, enfatizando especialmente o fato de Lewis ter sugerido que ele estendesse sua estadia em Oxford. cf. seu diário no período de 28 de junho a 28 de agosto 1922; Diários de Arthur Greeves, p. 1-7. Esse diário tem a forma de um caderno de anotações da "Série de Oxford", em que Greeves faz extensas descrições sobre seus trabalhos artísticos e suas reflexões, sem fazer referência alguma às questões que tanto o preocupavam em 1917-1918.

87 Carta a Albert Lewis, 20(?) de jun. 1918; *The Collected Letters*. vol. 1, p. 384-387.

88 Para um comentário a esse respeito, cf. W. H. LEWIS, "Memoir of C. S. Lewis", p. 9-10.

89 *Poems,* p. 81. Não se sabe ao certo a data exata da composição desse poema.

90 *Surprised by Joy*, p. 197.

91 P. xvii-xviii.
92 Carta a Albert Lewis, 29 de jun. 1918; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 387.
93 Carta a Albert Lewis, 18 de out. 1918; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 409.
94 W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 6, p. 79.

1 Cf. Fred BICKERTON, *Fred of Oxford: Being the Memoirs of Fred Bickerton*.
2 Carta a Albert Lewis, 27 de jan. 1919; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 428.
3 P. 82-83.
4 Observe-se a explícita e imediata declaração de Lewis sobre seu "desejo de ser professor" (carta a Albert Lewis, 27 de jan. 1919; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 428).
5 A Universidade de Oxford passou a dividir a segunda classe em "Segunda Inferior (2:2)" e "Segunda Superior (2:1)" a partir da década de 1990. Oxford concedia *Fourth Class Honours* até o final da década de 1960.
6 *Oxford University Calendar 1918*, p. xiv.
7 Carta a Arthur Greeves, 26 de jan. 1919; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 425-426. Uma das reformas introduzidas pela maioria das faculdades de Oxford após a Primeira Guerra Mundial foi a abolição da presença obrigatória à capela; a ida obrigatória de Lewis à capela não durou muito tempo.
8 Fred BICKERTON, *Fred of Oxford,* p. 5-9.
9 A aldeia de Headington tornou-se parte da cidade de Oxford em 1929.
10 Por exemplo, cf. a carta de Lewis a Arthur Greeves de 9 de fev. 1919 (*The Collected Letters*, vol. 1, p. 433): "A 'família' ficou muito impressionada com sua foto"; ou a carta para Arthur Greeves, datada de 18 de set. 1919 (idem, p. 467): "A família manda lembranças".
11 Cartas anteriores usam o tratamento mais formal: "sra. Moore", por exemplo (cartas para Greeves de 6 (?) de out. 1918 e de 26 de jan. 1919; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 404; 425). O primeiro uso (não explicado) desse apelido acontece na carta a Greeves de 14 de jul. 1919 (*The Collected Letters,* vol. 1, p. 460). A partir dessa ocorrência, o apelido é usado regularmente; cf., por exemplo, *The Collected Letters,* vol. 1, p. 463, 465, 469, 473). No início dos anos 1920, "a Minto" tornou-se simplesmente "Minto".
12 Lady Maureen Dunbar, OH/SR-8, fólio 11, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton. Para a história de "minto", ver *Doncaster Gazette*, 8 de mai. 1934.
13 Carta a Arthur Greeves, 2 de jun. 1919; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 454.
14 Cf. a correspondência entre Warren e Albert Lewis sobre essa questão: W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 6, p. 118, 124-125, 129.
15 Idem, p. 161.
16 Carta a Arthur Greeves, 20 de fev. 1917; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 280.
17 Carta a Albert Lewis, 4 de abr. 1920; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 479.
18 Carta a Albert Lewis, 8 de dez. 1920; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 512.
19 Carta a Warren Lewis, 1º de jul. 1921; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 556-557.
20 Carta a Albert Lewis, 17 de jun. 1921; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 551.
21 Sou profundamente grato aos colegas dos Oxford University Archives e aos de "Special Collections", da biblioteca Bodleian, Oxford, por sua busca exaustiva desse documento.
22 Carta a Albert Lewis, 9 de jul. 1921; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 569.
23 Carta a Warren Lewis, 7 de ago. 1921; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 570-573.
24 Carta a Albert Lewis, 18 de mai. 1922; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 591.
25 Robin DARWALL-SMITH, *A History of the University College Oxford,* p. 447. Essas mudanças foram implementadas em 1926.
26 Carta a Albert Lewis, 18 de mai. 1922; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 591-592.
27 Carta a Albert Lewis, 20 de jul. 1922; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 595.
28 Depois da incorporação de Headington à cidade de Oxford em 1929, essa estrada acabou sendo renomeada como "Holyoake Road" em 1959, para evitar confusão com a "Western Road" do subúrbio oxfordiano de Grandpont, na zona sul da cidade. O número da casa também mudou, de modo que o novo endereço de "Hillsboro" é Holyoake Road, 14.
29 *All My Road before Me*, p. 123.

30 Algumas biografias sugerem que foi um cargo de professor de Filosofia. Os arquivos do Magdalen College indicam claramente que era um cargo de professor de Letras Clássicas [*Classical Fellowship*]. Cf. *The President's Notebooks*, vol. 20, fólio 99-100. Magdalen College Oxford: MS PR 2/20.
31 Para o nome dos onze candidatos, cf. a lista do presidente para 1922: *The President's Notebooks,* vol. 20, fólio 99.
32 *All My Road before Me,* p. 110.
33 Idem, p. 117.
34 Carta de sir Herbert Warren para Lewis, 4 de nov. 1922; Magdalen College Oxford MS 1026/III/3.
35 *All My Road before Me,* p.151.
36 Cf. *Maternal Care and Mental Health*. Para uma explicação mais completa, cf. *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. A narrativa pessoal de Bowlby mostra semelhanças com a de Lewis em pontos importantes (cf. Suzan van DIJKEN, *John Bowlby).*
37 *Surprised by Joy*, p. 22.
38 *Allegory of Love*, p. 7.
39 Carta a Albert Lewis, 27 de jun. 1921; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 554.
40 *All My Road before Me*, p. 240.
41 Tal como John Churton COLLINS, *The Study of English Literature*.
42 Essa era a visão de Edward Augustus Freeman (1823-1892), *Regius Professor* de História em Oxford, em 1887 (cf. Alvin KERNAN, *The Death of Literature*, p. 38).
43 Terry EAGLETON, *Literary Theory*, p. 15-46.
44 *All My Road before Me,* p. 120.
45 Idem, p. 53.
46 *The Allegory of Love,* p. v.
47 *Surprised by Joy*, p. 262.
48 Idem, p. 239. Para o texto completo das cartas da "Grande Guerra", inclusive com ilustrações, cf. *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.600-1.646.
49 O melhor estudo dessa fase da vida de Lewis é de Lionel ADEY, *C. S. Lewis's "Great War" with Owen Barfield*.
50 *Surprised by Joy*, p. 241.
51 Idem, p. 243.
52 Para uma análise detalhada dessa abordagem, cf. Alister MCGRATH, "The 'New Look': Lewis's Philosophical Context at Oxford in the 1920s" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
53 Idem, p. 237.
54 Idem, p. 243.
55 "The Man Born Blind" em: *Essay Collection,* p. 783-786.
56 Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis,* p. 52.
57 *All My Road before Me,* p. 256.
58 Carta a Albert Lewis, 1º de jul. 1923; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 610.
59 Peter BAYLEY, "Family Matters III: The English Rising", *University College Record* 14, 2006, p. 115-116.
60 Robin DARWALL-SMITH, *A History of the University College*, p. 449.
61 Idem, p. 447-452.
62 Carta a Albert Lewis, 11 de mai. 1924; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 627-630.
63 *All My Road before Me*, p. 409-410. A farsa desenvolveu-se mais alguns dias depois (p. 413-414).
64 Carta a Arthur Greeves, 4(?) de nov. 1917; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 342.
65 Lewis anotou o comentário em seu diário em 26 de janeiro de 1927; *All My Road before Me,* p. 438.
66 Carta a Albert Lewis, 15 de out.1924; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 635.
67 Uma cópia do edital original está em *The President's Notebooks*, vol. 21, fólio 11, 1927.

68 Cf. cartas a Albert Lewis, abr. 1925 e 26 de mai.1925; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 640, 642-646.
69 O presidente Warren, como os acontecimentos tornaram claro, estava perfeitamente preparado para demitir até mesmo professores mais antigos que não correspondessem ao nível prometido de desempenho.
70 "University News: New Fellow of Magdalen College", *Times,* 22 de mai. 1925. Há um erro nessa notícia. Como vimos no capítulo anterior, Lewis na realidade ganhou sua bolsa para o University College em 1916 (não em 1915), e assumiu sua vaga na faculdade em 1917.

1 Carta a Albert Lewis, 14 de ago. 1925; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 647-648.
2 Laurence BROCKLISS, *Magdalen College Oxford,* p. 593-594.
3 Lewis comentou sobre isso em uma carta a seu pai, escrita pouco depois de seu ingresso no Magdalen: Carta a Albert Lewis, 21 de out. 1925; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 651.
4 Laurence BROCKLISS, *Magdalen College Oxford*, p. 601. A prática da precedência hierárquica só foi abandonada em 1958, alguns anos após Lewis ter deixado a faculdade.
5 Idem, p. 602.
6 A respeito dos salários dos professores nessa época, cf. Laurence BROCKLISS, *Magdalen College Oxford*, p. 597.
7 Carta a Albert Lewis, 21 de out. 1925; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 650.
8 Cf. os registros no diário de Lewis datados de 23 de jun. e 1º de jul. 1926; *All My Road before Me*, p. 416, 420.
9 Sobre a compreensão de Lewis quanto à importância da educação formal, cf. Joel HECK, *Irrigating Deserts*, p. 23-48.
10 W. H. LEWIS, *C. S. Lewis: A Biography*, p. 213.
11 Carta a Owen Barfield, 9 de set. 1929; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 820.
12 A correspondência de Lewis com seu irmão sobre a morte do pai parece confusa no que concerne a datas. Cf. as anotações de Walter Hooper à carta endereçada a Warren Lewis de 29 de set. de 1929; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 823-824.
13 Warnie estava em Xangai, China, em serviço militar. Lewis já tinha retornado a Oxford em 22 de setembro, depois de ter obtido a certeza de que seu pai não corria perigo iminente.
14 Cromlyn [John Barry], em *Church of Ireland Gazette*, 5 de fev. 1999. "Cromlyn" era o pseudônimo literário de Barry quando escrevia para esse jornal.
15 Carta a Rhona Bodle, 24 de mar. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 445.
16 Carta a Warren Lewis, 29 de set. 1929; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 824-825.
17 Registro no diário de Warnie do dia 23 de abr. 1930; W. H. LEWIS, "Lewis Papers", vol. 11, p. 5.
18 Carta a Dom Bede Griffiths, 8 de fev. 1956; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 703.
19 *Surprised by Joy,* p. 231.
20 Idem, p. 251.
21 "On Forgiveness" em *Essay Collection*, p. 184-186.
22 *Surprised by Joy*, p. 266.
23 Carta a Warren Lewis, 12 de jan. 1930; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 865.
24 Idem, p. 870.
25 Cf. a carta de Warren Lewis a Lewis, datada de 9 de dezembro de 1931, que confirma esses detalhes (Bodleian Library, Oxford, MS Eng. Lett. C.200/7 fólio 5). A referência a essa propriedade no Registro de Imóveis do Reino Unido é ON90127.
26 O testamento da sra. Moore foi elaborado pela firma de advogados Barfield & Barfield em 13 de maio de 1945, com Maureen e Lewis como executores. Por volta dessa época, Maureen já estava casada e seu marido foi incorporado na divisão da herança.
27 Carta a Warren Lewis, 12 de dez. 1932, *The Collected Letters,* vol. 2, p. 90. A carta foi enviada a Le Havre, França, onde o *Automedon* atracaria antes do último estágio da viagem até Liverpool.
28 Maureen Moore era da opinião de que Warnie não havia "se aposentado", mas sim fora "descartado" do exército devido a um problema cada vez mais sério de alcoolismo (Coleção de História Oral do Wade Center: Lady Maureen Dunbar, OH/SR-8, fólio 19).
29 Warnie indica que sua relação permanentemente ruim com a sra. Moore o levou a preparar uma "estratégia de saída" que envolvia uma transferência para a República da Irlanda. Entretanto, essa estratégia nunca foi colocada em ação (W. H. Lewis, "Memoir of C. S. Lewis", p. 24).

30 Em 1925, a Merton Chair of English Language and Literature era ocupada por H. C. K. Wyld (1870-1945), e a Merton Chair of English Literature por George Stuart (1881-1942).
31 *All My Road before Me,* p. 392-393.
32 A biblioteca pessoal de Lewis, agora mantida por Wade Center (Wheaton College, Wheaton) incluía um exemplar da edição de 1926 de *A Concise Dictionary of Old Icelandic*, de Geir T. Zoëga, à qual Lewis acrescentou observações sobre a conjugação dos verbos irregulares. Em sua biblioteca também havia a obra *Icelandic Prose Reader*, de Guðbrandur Vigfússon, datada de 1879.
33 Carta a Arthur Greeves, 30 de jan. 1930; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 880.
34 Carta a Arthur Greeves, 26 de jun. 1927; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 701.
35 Carta a Arthur Greeves, 17 de out. 1929; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 838. Essa parte da carta foi de fato escrita em 3 de dezembro.
36 Tolkien acabou abandonando o trabalho nesse poema em setembro de 1931, tendo reformado a ele apenas no década de 1950.
37 Membros do TCBS ("Tea Club, Barrovian Society"). Esse clube foi fundamental para o desenvolvimento literário de Tolkien e de certa forma antecipa os Inklings (cf. Humphrey CARPENTER, *J. R. R. Tolkien*, p. 67-76; John GARTH, *Tolkien and the Great War*, p. 3-138).
38 J. R. R. TOLKIEN, *The Lays of Beleriand*, p. 151.

1 Joseph PEARCE, *Literary Converts*.
2 *Surprised by Joy,* p. 221-222.
3 *Collected Essays*, p. 91-92.
4 Donat GALLAGHER. *The Essays, Articles and Reviews of Evelyn Waugh*, p. 300-304.
5 Carta a Edward Sackville-West, citada em Michael de-la-Noy. *Eddy*, p. 237.
6 *Surprised by Joy*, p. 249.
7 Idem.
8 Idem, p. 248.
9 *Allegory of Love*, p. 142.
10 *The Discarded Image*, p. 206.
11 *Surprised by Joy*, p. 252-260.
12 *Science and Method*, p. 129.
13 *Surprised by Joy*, p. 197.
14 Idem, p. 260-261.
15 Para as questões levantadas sobre esse assunto, cf. Alister MCGRATH, "The Enigma of Autobiography: Critical Reflections on *Surprised by Joy*", em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
16 *Surprised by Joy*, p. 264.
17 Carta a Leo Baker, 25 de set. 1920; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 509.
18 *Surprised by Joy*, p. 265.
19 Idem, p. 261.
20 Idem, p. 265. Para mais comentários sobre esse "acordo com a realidade", cf. Alister MCGRATH. "The 'New Look': Lewis's Philosophical Context at Oxford in the 1920s", em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
21 Idem, p. 266.
22 Idem, p. 271.
23 Carta de Paul Elmer More a Lewis, 26 de abr. 1935; citada em *The Collected Letters,* vol. 2, p. 164, nº. 37.
24 *Surprised by Joy*, p. 272.
25 Idem, p. 270.
26 Idem.
27 Carta a Laurence Krieg, 21 de abr. 1957; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 848.
28 W. H. LEWIS, "C. S. Lewis: A Biography", p. 43.
29 *Surprised by Joy*, p. x.
30 Essas datas são confirmadas em publicações oficiais da universidade nesse período (cf. *Oxford University Calendar 1928*, p. xx-xxii; *Oxford University Calendar 1929*, p. viii-x). Note-se que Lewis invariavelmente se refere ao "trimestre letivo" de oito semanas, durante o qual as aulas e atividades de tutoria aconteciam.
31 Carta a Arthur Greeves, 22 de set. 1931; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 969-972.
32 Carta a Owen Barfield, 3(?) de fev. 1930; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 882-883.
33 *Surprised by Joy*, p. 268.
34 OWEN BARFIELD, em Harry POE, *C. S. Lewis Remembered,* p. 25-35.
35 Carta a Arthur Greeves, 29 de out. 1930; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 942.
36 *Surprised by Joy*, p. 267.
37 Idem, p. 268.
38 Para uma interessante comparação de entre Lewis e Freud nesse ponto, cf. Armand Nicholi, *The Question of God*.
39 *Surprised by Joy*, p. 265.
40 Idem, p. 270.
41 Carta a Arthur Greeves, 22 de set. 1931; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 969-972.
42 Lewis parece ter em mente a conversa noturna entre Jesus e Nicodemos (Jo 3) em reflexões posteriores

sobre essa conversa.
43 Cartas a Arthur Greeves, 1º e 18 de out. 1931; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 972-977.
44 Carta a Arthur Greeves, 1º de out. 1931; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 974.
45 Carta a Arthur Greeves, 18 de out.1931; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 976.
46 Idem, p. 977.
47 *Miracles*, p. 218. Para a importância dessa noção, cf. Alister McGrath, "A Gleam of Divine Truth: The Concept of 'Myth' in Lewis's Thought" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
48 "Myth Became Fact" em *Essay Collection,* p. 142.
49 *The Silmarillion*, p. 41.
50 *Surprised by Joy*, p. 267.
51 Idem, p. 275. O Whipsnade Park Zoo, localizado perto de Dunstable, em Bedfordshire, a cerca de 80 quilômetros de Oxford, foi inaugurado em 1931.
52 Cf. David DOWNING, *The Most Reluctant Convert,* p. 155.
53 W. H. LEWIS, "Memoir of C. S. Lewis", p. 19.
54 Paul HOLMER, *C. S. Lewis: The Shape of His Faith and Thought*, p. 22-45.
55 Por exemplo, cf. a carta a Warren Lewis de 24 de out. 1931; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 1-11. Essa carta sugere que Lewis ainda não tinha resolvido algumas questões teológicas.
56 Carta a Warren Lewis, 24 de out. 1931; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 2. Warnie tinha partido da Inglaterra para sua última viagem de trabalho na China em 9 de outubro de 1931, tendo chegado em Xangai no dia 17 de novembro.
57 "Memoir of C. S. Lewis", p. 19.
58 *Surprised by Joy*, p. 276.
59 Desde cerca de 1960, o jacinto-dos-campos, ou jacinto espanhol (*Hyacinthoides hispanica*) propagou-se cada vez mais na Inglaterra. A referência de Lewis é, evidentemente, ao tradicional jacinto inglês.
60 ZSL Whipsnade Zoo, "Beautiful Bluefells", folheto de divulgação, 17 de mai. 2004.
61 *Surprised by Joy,* p. 6.
62 Observe-se o tema da centáurea na parte inicial do clássico de E. M. FORSTER, *A Room with a View* [no Brasil, publicado como *Uma janela para o amor*], de 1908.
63 Cf. carta a Warren Lewis de 14 de jun. 1932; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 84.
64 Carta a Warren Lewis, 25 de dez. 1931; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 30.
65 Essa capela, que recebeu o nome da rua onde se localizava, não existe mais. Bubbling Well Street foi rebatizada de Nanjing Road West em 1945.
66 *The Pilgrim's Regress,* p. 5.

1 Carta a Arthur Greeves, 4 de fev. 1933; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 95.
2 Carta a Arthur Greeves, 12 de set. 1933; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 125.
3 Carta a Warren Lewis, 22 de nov. 1931; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 14-16.
4 Carta a Thomasine, 14 de dez. 1959; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.109.
5 George SAYER, *Jack*, p. 198.
6 Em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis*, p. 71-73. Cf. também John LAWLOR, *C. S. Lewis: Memories and Reflections*. Posteriormente, Lawlor tornou-se professor de Língua e Literatura Inglesa na Universidade de Keele.
7 John Wain em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis,* p. 72.
8 *Sprightly Running*, p. 138.
9 Walter HOOPER, *C. S. Lewis: A Companion and Guide*, p. 42.
10 Carta a Cynthia Donnelly, 14 de ago. 1954; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 503.
11 A. N. WILSON, *C. S. Lewis: A Biography*, p. 161.
12 Carta a Albert Lewis, 28 de ago. 1924; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 633.
13 John Wain usa essa imagem para se referir a Lewis em Roma GILL, *William Empson*, p. 117.
14 Cf. as "listas dos palestrantes da faculdade", publicadas no *Oxford University Calendar 1935*, p. 12.
15 *Oxford University Calendar 1936*, p. 423, nº. 9.
16 *The Discarded Image*, p. 216.
17 *The Four Loves*, p. 166.
18 Carta a Guy Pocock, 17 de jan. 1933; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 94.
19 *The Pilgrim's Regress*, p. 5.
20 Idem, p. 5.
21 "The Vision of John Bunyan" em *Selected Literary Essays*, p. 149.
22 *Poems,* p. 81.
23 *The Pilgrim's Regress,* p. 11-12.
24 Idem, p. 8.
25 Idem, p. 10.
26 Para a exploração feita por Lewis sobre o significado do desejo e do anseio, ver Alister MCGRATH, "Arrows of Joy: Lewis's Argument From Desire" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
27 *The Pilgrim's Regress*, p. 10.
28 Idem, p. 177.
29 Atos 9.9-19; 2Coríntios 3.13-16.
30 Carta a Warren Lewis, 22 de nov. 1931; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 16.
31 Tolkien menciona isso em sua carta a Christopher Tolkien de 30 de jan. 1945; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 108.
32 Carta a Arthur Greeves, 4 de fev. 1933; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 96.
33 Em minha opinião, os melhores livros de Warnie são *The Splendid Century: Some Aspects of French Life in the Reign of Louis XIV* (1953) e *Levantine Adventurer: The Travels and Missions of the Chevalier d'Arvieux, 1653-1697* (1962).
34 Carta de J. R. R. Tolkien a W. L. White, 11 de set. 1967; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 388.
35 *To Michal from Serge*, p. 227.
36 Carta de J. R. R. Tolkien para W. L. White, 11 de set. 1967; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 388.
37 Carta a Charles Williams, 11 de mar. 1936; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 183.
38 Carta a Janet Spens, 16 de nov. 1934; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 147-149.
39 Owen Barfield; J. A. W. Bennett; David Cecil; Nevill Coghill; James Dundas-Grant; Hugo Dyson; Adam Fox; Colin Hardie; Robert E. Havard; C. S. Lewis; Warren Lewis; Gervase Mathew; R. B. McCallum; C. E. Stevens; Christopher Tolkien; J. R. R. Tolkien; John Wain; Charles Williams; C. L. Wrenn.

40 Carta de Tolkien para Stanley Unwin, 4 de jun. 1938; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 36. Não fica claro se Tolkien está se referindo aqui aos *Inklings* ou a "The Cave", um grupo relacionado que se ocupava principalmente da política entre os professores do curso de Inglês. Para o grupo "The Cave", cf. a carta de C. S. Lewis a Warren Lewis de 17 de mar. 1940; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 365.
41 *Sprightly Running,* p. 185.
42 Carta a Leo Baker, 28 de abr. 1935; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 161.
43 Carta a Albert Lewis, 10 de jul. 1928; *The Collected Letters,* vol. 1, p. 766-767.
44 Cláusula de opção (*option clause*) é uma cláusula no contrato entre editora e autor na qual reserva-se à editora o direito de comprar ou fazer uma oferta para as futuras obras daquele autor. (N. da P.)
45 Clarendon Press é um selo da Oxford University Press.
46 Carta a Guy Pocock, 27 de fev. 1933; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 98.
47 Bodleian Library, Oxford, MS Eng. c. 6825, fólio 48-49.
48 *Allegory of Love*, p. 1.
49 Idem, p. 2. A expressão *"courtly love"* [amor cortês] é a tradução tradicional para o inglês do francês *amour courtois*, um derivado distante da expressão provençal *fin'amors*.
50 Cf. p. ex., John C. MOORE, "'Courtly Love': A Problem of Terminology": *Journal of the History of Ideas* 40, nº. 4, 1979, p. 621-632.
51 Cf. C. Stephen JAEGER, *The Origins of Courtliness*, p. 937-1210.
52 David Hill RADCLIFFE, *Edmund Spenser*, p. 168.
53 *Oxford University Calendar 1938*, p. 460, n. 12.
54 "Clive Staples Lewis, 1898-1963", p. 423.
55 Cf. *Rehabilitations*. Aqui Lewis busca reabilitar tanto indivíduos como escolas, e oferece uma análise particularmente interessante sobre as diferenças estilísticas entre Shakespeare e Milton.
56 "On the Reading of Old Books" em *Essay Collection*, p. 439.
57 Idem, p. 440.
58 Idem, p. 439.
59 "Learning in War Time" em *Essay Collection,* p. 584.
60 *"De Descriptione Temporum"* em *Selected Literary Essays*, p. 13.
61 *"De Audiendis Poetis"* em *Studies in Medieval and Renaissance Literature,* p. 2-3.
62 *Experiment in Criticism*, p. 140-141.
63 Idem, p. 137.
64 *Essays and Lectures*, p. 259.
65 *Experiment in Criticism*, p. 85.
66 *The Personal Heresy*, p. 11.

1 Ensaio atualmente conhecido pelo título "Learning in War-Time" em *Essay Collection*, p. 579-586. Citação à p. 586.
2 Carta a Warren Lewis, 2 de set. 1939; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 270-271.
3 Carta a Arthur Greeves, 27 de dez. 1940; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.538.
4 Carta a Warren Lewis, 11 de ago. 1940; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 433.
5 Carta a Warren Lewis, 24 de nov. 1939; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 296.
6 Carta de J. R. R. Tolkien a Christopher Bretherton, 16 de jul. 1964; *The Letters of J. R. R. Tolkien.* p. 349.
7 Carta a Arthur Greeves, 27 de dez. 1940; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.538.
8 Carta a Warren Lewis, 11 de nov. 1939; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 287.
9 Idem, p. 288-289.
10 *To Michal from Serge,* p. 253.
11 Carta de J. R. R. Tolkien a Rayner Unwin, 12 de set. 1965; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 362. Um argumento semelhante foi apresentado em 1954 em relação à publicação de *A sociedade do anel:* carta de J. R. R. Tolkien a Rayner Unwin, 9 de set. 1954; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 184. Essas duas cartas foram escritas em uma época em que o laço de amizade entre Tolkien e Lewis estava um pouco estremecido, o que confere ainda mais relevância à sua calorosa recomendação.
12 Carta a Warren Lewis, 3 de dez. 1939; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 302.
13 Cf. carta de J. R. R. Tolkien a Christopher Tolkien, 31 de mai. 1944; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 83.
14 *The Problem of Pain*, p. 91.
15 "On Science Fiction" em *Essay Collection,* p. 451.
16 *The Problem of Pain,* p. 3.
17 Idem, p. 16.
18 Idem, p. 39.
19 Idem, p. 80.
20 Carta a Warren Lewis, 3 de dez. 1939; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 302. Ênfase no original.
21 A Alta Igreja foi um movimento de natureza anglo-católica que defendia práticas litúrgicas e aspectos doutrinários alinhados com a Igreja Católica Romana e postos de lado na época da Reforma protestante; sua contrapartida, a Baixa Igreja, minimizava tais ênfases em favor de costumes mais evangelicais ou protestantes da Reforma. (N. da P.)
22 Carta a Arthur Greeves, 3 de abr. 1930; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 889.
23 Lewis fala a respeito de Adams principalmente em sua correspondência com Mary Neylan (1908-1997), sua antiga aluna. Lewis foi padrinho da filha de Neylan, Sarah.
24 Carta a irmã Penelope, 24 de out. 1940; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 452.
25 Carta a Mary Willis Shelburne, 31 de mar. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 449.
26 O melhor estudo é Dorsett, *Seeking the Secret Place*, p. 85-107.
27 Carta a Mary Neylan, 30 de abr. 1941; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 482.
28 A BBC suspendeu suas transmissões de rádio em 1939 e só as retomou em 1946.
29 Cf. Kenneth WOLFE, *The Churches and the British Broadcasting Corporation 1922-1956*.
30 Cf. Justin PHILLIPS, *C. S. Lewis at the BBC*, p. 77-94.
31 Toda a correspondência entre a BBC e Lewis é mantida no BBC Written Archives Centre [WAC], Caversham Park. Carta de James Welch a Lewis, 7 de fev. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
32 Carta a James Welch, 10 de fev. 1941; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 470.
33 Carta de Eric Fenn a Lewis, 11 de fev. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
34 Carta à irmã Penelope, 15 de mai. 1941; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 485.
35 "Christian Apologetics" em *Essay Collection*, p. 153.

36 Idem, p. 155.
37 Carta de Eric Fenn a Lewis, 21 de fev. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
38 Carta a irmã Penelope, 15 de mai. 1941; *The Collected Letters*, vol.2, p. 484-485.
39 Carta a Arthur Greeves, 25 de mai. 1941; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 486.
40 Carta a J. S. A. Ensor, 13 de mar. 1944; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 606.
41 Carta de Eric Fenn a Lewis, 13 de mai. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
42 Carta de Eric Fenn a Lewis, 9 de jun. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
43 Carta de Eric Fenn a Lewis, 24 de jun. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
44 Memorando de circulação Interna HG/PVH, 15 de jul. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
45 Carta de Eric Fenn a Lewis, 22 de jul. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
46 Carta de Eric Fenn a Lewis, 4 de set. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
47 Carta de Eric Fenn a Lewis, 5 de dez. 1941, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
48 *Miracles*, p. 218. Para a importância dessa noção, cf. Alister MCGRATH, "A 'Mere Christian': Anglicanism and Lewis's Religious Identity" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
49 Para uma exploração desse ponto, cf. WOLFE & WOLFE, *C. S. Lewis and the Church*.
50 *Broadcast Talks*, p. 5.
51 Carta de Eric Fenn a Lewis, 18 de fev. 1942, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
52 Carta de Eric Fenn a Lewis, 15 de set. 1942, arquivo 910/TAL 1a, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
53 Carta a Eric Fenn, 25 de mar. 1944; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 609.

1 Carta a Warren Lewis, 20 de jul. 1940; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 426.
2 No Brasil, há várias versões desse nome: *Fitafuso* (Martins Fontes), *Coisa-Ruim* (Loyola) e *Morcegão* (Vida Nova). (N. do E.)
3 Esses comentários encontram-se em um prefácio escrito por Lewis em maio de 1960 para a edição de *Screwtape Proposes a Toast*, no qual explica mais sobre sua composição: *The Screwtape Letters and Screwtape Proposes a Toast*, p. xxi.
4 No Brasil, há duas versões desse nome: *Vermebile* e *Cupim*. (N. do E.)
5 *The Screwtape Letters*, p. 88.
6 Carta de J. R. R. Tolkien a Michael Tolkien, nov. 1963(?); *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 342.
7 Carta de Oliver Quick a William Temple, 24 de jul. 1943; William Temple Papers, vol. 39, fólio 269, Lambeth Palace Library. Para a importância da abordagem que Lewis faz da teologia, cf. Alister MCGRATH, "Outside the 'Inner Ring': Lewis as a Theologian" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
8 Carta de Lillian Lang a J. Warren MacAlpine, 16 de jun, 1948, arquivo 910/TAL 1b, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
9 "On the Reading of Old Books" em *Essay Collection*, p. 439.
10 Richard BAXTER, *The Church History of the Government by Bishops*, fólio b.
11 *English Literature in the Sixteenth Century*, p. 454.
12 *Mere Christianity*, p. 11-12. Cf. também Alister MCGRATH, "A 'Mere Christian': Anglicanism and Lewis's Religious Identity" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
13 Protestantism, p. 86. (A cópia desse livro que pertenceu a Lewis foi consultada em Wade Center, no Wheaton College.)
14 Para uma boa análise, cf. Giles WATSON, "Dorothy L. Sayers and the Oecumenical Penguin".
15 "The Christian Apologist" em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis,* p. 37. Para uma discussão mais aprofundada da abordagem que Lewis faz da apologética, cf. Alister McGrath, "Reason, Experience, and Imagination: Lewis's Apologetic Method" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
16 *Mere Christianity,* p. 21.
17 Idem, p. 24.
18 Idem, p. 8.
19 Idem, p. 25.
20 Idem, p. 135.
21 Idem, p. 137. Para uma cuidadosa avaliação dessa linha de argumento, cf. Alister MCGRATH, "Arrows of Joy: Lewis's Argument from Desire" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
22 Idem, p. 136-7.
23 *A Preface to "Paradise Lost",* p. 80.
24 "Is Theology Poetry?" em *Essay Collection*, p. 21. Para o uso que Lewis faz da imagem do sol, cf. Alister McGrath, "The Privileging of Vision: Lewis's Metaphors of Light, Sun, and Sight" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.
25 Carta a Arthur Greeves, 11 de dez. 1944; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.555.
26 *Mere Christianity*, p. 52.
27 Idem, p. 123.
28 As visões de Lewis sobre esse assunto podem ser encontradas em *Mere Christianity*, p. 104-113.
29 O texto, que foi encontrado em meio às páginas do exemplar pessoal de Tolkien do panfleto escrito por Lewis, intitulado *Christian Behaviour,* foi incluído na correspondência publicada de *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 59-62.
30 Carta de Lewis a Emrys Evans [diretor do University College of North Wales], 30 de out. 1941; *The Collected Letters,* vol.2, p. 494.
31 *A Preface to "Paradise Lost"*, p. 1.

32 Idem, p. 62-63.
33 O *campus* de Newcastle upon Tyne da Universidade de Durham tornou-se oficialmente uma universidade independente em 1963, e a propriedade de Riddell Memorial Lectures foi transferida para a nova Universidade de Newcastle.
34 *The Abolition of Man*, p. 18.
35 Idem, p. 1-4.
36 Idem, p. 18.
37 O melhor estudo é de John LUCAS, "The Restoration of Man".
38 Carta de George Macaulay Trevelyan a Lewis, 2 de fev. 1945, MS Eng. c. 6825, fólio 602, Bodleian Library, Oxford.
39 Carta de J. R. R. Tolkien a Christopher Tolkien, 13 de abr. 1944; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 71.
40 Cf. p. ex. Joseph PEARCE, *C. S. Lewis and the Catholic Church*, p. 107-112.
41 *Surprised by Joy*, p. 38.
42 "On Science Fiction" em *Essay Collection*, p. 456-457.
43 Idem, p. 459.
44 Carta a Roger Lancelyn Green, 28 de dez. 1938; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 236-237.
45 J. B. S. HALDANE, *Possible Worlds*, p. 190-197.
46 Para mais detalhes, cf. Harry BRUINIUS, *Better For All the World*.
47 "Vivisection" em *Essay Collection*, p. 693-697.
48 Idem, p. 696.
49 Idem, p. 695.

1 "Religion: Don v. Devil", *Time,* 8 de set. 1947.
2 Carta de J. R. R. Tolkien para Christopher Tolkien, 1º de mar. 1944; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 68.
3 Lewis não fez esforço para esconder o número de seu telefone residencial: Oxford 6963.
4 Carta de J. R. R. Tolkien para Joy Hill, 10 de mai. 1966; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 368-369.
5 Carta de J. R. R. Tolkien para Christopher Tolkien, 28 de out. 1944; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 102.
6 Carta de J. R. R. Tolkien para Rayner Unwin, 9 de set. 1954; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 184.
7 MS RSL E2, arquivo de C. S. Lewis, Cambridge University Library.
8 *Lewis: A Biography*, p. 191.
9 No contexto de Oxford, o *Bachelor of Letters* é um título de pós-graduação. (N. da P.)
10 Carta a Jill Flewett, 17 de abr. 1946; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 706.
11 Carta a Lord Salisbury, 9 de mar. 1947; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 766.
12 Carta a Owen Barfield, 4 de abr. 1949; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 929.
13 Carta a Arthur Greeves, 2 de jul. 1949; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 952.
14 Carta a J. R. R. Tolkien, 27 de out. 1949; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 990-991.
15 Carta a Don Giovanni Calabria, 13 de set. 1951; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 136. Tradução minha do texto de Lewis escrito em latim.
16 Carta ao secretário do primeiro ministro, 4 de dez. 1951; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 147. O gabinete do governo britânico finalmente confirmou essa informação após um requerimento com base na "Liberdade de Informação", em 26 de janeiro de 2012.
17 *The Letters J. R. R. Tolkien*, p. 125-129.
18 Stella Aldwinckle PAPERS, OH/SR-1, fólio 9, Coleção de História Oral do Wade Center, Wheaton College, Wheaton.
19 Per. 267 e 20, nº. 1, fólio. 4, Bodleian Library, Oxford.
20 Stella Aldwinckle, 8/380; Wade Center, Wheaton College, Wheaton.
21 "Evil and God" em in *Essay Collection*, p. 93.
22 J. B. S. HALDANE, "When I Am Dead" em *Possible Worlds and Other Essays*, p. 209.
23 Essa conclusão foi impressa em itálico na edição original de *Miracles* (1947), p. 209.
24 O texto da crítica de Anscombe pode ser encontrado no *Socratic Digest* 4 (1948), p. 7-15. Mais tarde, o texto foi reimpresso em *The Collected Philosophical Papers of G. E. M. Anscombe*, vol. 2, p. 224-232.
25 *C. S. Lewis: A Biography,* p. 220.
26 Em comunicação pessoal com o autor, datada de 14 de outubro de 2010. Lucas (que nasceu em 1929) estava estudando *Literae Humaniores* no Balliol College na época do debate com Anscombe.
27 "Christian Apologetics" em *Essay Collection*, p. 159.
28 Carta a Mary van Deusen, 18 de jun. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 762.
29 A tradução italiana recebeu o título de *Le Lettere di Berlicche*. Os dois personagens principais do livro — Screwtape e Wormwood — foram rebatizados de Berlicche e Malacoda.
30 O melhor estudo sobre essa correspondência é de Eugenio Dal Corso, *Il Servo di Dio*, p. 78-83.
31 Carta a Don Giovanni Calabria (em latim, tradução minha), 14 de jan. 1949; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 905. Embora Lewis fosse capaz de ler o italiano de Dante, é interessante observar que ele não usava essa língua para escrever a Don Giovanni.
32 Carta a Robert C. Walton, 10 de jul. 1951; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 129.
33 Carta a Stella Aldwinckle, 12 de jun. 1950; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 33-35.
34 Carta a Carl F. H. Henry, 28 de set. 1955; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 651. Para a abordagem que Lewis fez da apologética, cf. Alister MCGRATH, "Reason, Experience, and Imagination: Lewis Apologetic Method" em *The Intellectual World of C. S. Lewis*.

1 "C.S. Lewis's Handwriting Analysed", *Times*, 27 de fev. de 2008. Lewis tinha de fato uma "horta com plantas variadas" cf. seu artigo "Meditation in a Toolshed" em *Essay Collection*, p. 607-610.
2 Carta a Eliza Marian Butler, 25 de set. de 1940; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 444-446.
3 Carta de J. R. R. Tolkien a W. H. Auden, 7 de jun. 1955; *The Letters J. R. R. Tolkien*, p. 215.
4 *Miracles*, p. 44.
5 Carta a irmã Penelope, 20 de fev. de 1943; *The Collected Letters,* vol. 2, p. 555. A frase grega usada por Lewis, *ex hypokeimenō̄n* (transcrita de forma errônea pelo editor de *The Collected Letters*) significa literalmente "a partir das coisas que estão à mão", embora uma tradução melhor seja "a partir de realidades subjacentes".
6 Essa recordação não tem data, mas o fato deve ter ocorrido antes do casamento de Maureen com Leonard Blake, em 27 de agosto de 1940, quando ela mudou-se de The Kilns.
7 Lady Maureen DUNBAR, OH/SR-8, fólio 35, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton.
8 Roger L. GREEN e Walter HOOPER, *Lewis: A Biography*, p. 305-306.
9 Mais tarde ficamos sabendo que o sobrenome deles é "Pevensie". Isso não é revelado em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, vindo a aparecer em um volume posterior da série, *A viagem do Peregrino da Alvorada*.
10 *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, p. 11.
11 *A Preface to "Paradise Lost",* p. v.
12 "On Three Ways of Writing for Children" em *Essay Collection*, p. 512.
13 *Surprised by Joy*, p. 14.
14 *The Enchanted Castle*, p. 250.
15 Edith NESBIT, *The Magic World*, p. 224-225.
16 Carta de J. R. R. Tolkien a Allen & Unwin, 16 de mar. 1949; *The Letters J. R. R. Tolkien*, p. 133.
17 Carta a Pauline Baynes, 4 de mai. 1957; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 850.
18 A afirmação da HarperCollins está evidentemente baseada, embora não a resuma de forma precisa, na carta de Lewis a Laurence Krieg (21 de abr. 1957; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 847-848). É essencial que se aprecie o tom de tentativa nos comentários feitos por Lewis nessa carta, em especial sua reveladora observação de que "talvez não importe muito em que ordem as pessoas os leiam".
19 *Essay Collection*, p. 543-544.
20 Idem, p. 550.
21 *The Lion, the Witch, and the Wardrobe*, p. 67.
22 Para um bom exemplo, cf. Jack, R. LUNDBOM, "The *Inclusio* and Other Framing Devices in Deuteronomy I-XXVIII", *Vetus Testamentum* 46, 1996: p. 296-315.
23 *Essay Collection,* p. 693-697.
24 Idem, p. 695-696.
25 Idem, p. 695.
26 "On Three Ways of Writing for Children" em *Essay Collection*, p. 511.
27 "Is Theology Poetry?" em *Essay Collection*, p. 21.
28 "The Hobbit" em *Essay Collection*, p. 485. Cf. também Rowan WILLIAMS, *The Lion's World,* p. 11-29.
29 "On Criticism" em *Essay Collection*, p. 550.
30 Carta a sra. Hook, 29 de dez. 1958; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.004.
31 Carta a um aluno da quinta série de Maryland, 24 de mai. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 480.
32 "Tolkien's *The Lord of the Rings*" em *Essay Collection,* p. 525.
33 *The Everlasting Man*, p. 105.
34 Cf. *An Experiment in Criticism*, p. 40-49, que identifica seis características dos mitos, sendo que todas elas podem ser encontradas nas crônicas de Nárnia. Cf. "The Mythopoeic Gift of Rider Haggard" em *Essay*

Collection, p. 559-562.

35 Cf. os comentários de Lewis em *An Experiment in Criticism*, p. 57-73. Para um comentário, cf. Irène FERNANDEZ, *Mythe, Raison Ardente*, p. 174-389; Rowan WILLIAMS, *The Lion's World*, p. 75-96.

36 *An Experiment in Criticism*, p. 45.

1 "It all began with a Picture..." em *Essay Collection*, p. 529.
2 Carta a Carol Jenkins, 22 de jan. 1952; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 160.
3 *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, p. 166.
4 cf. a lista de dez obras que Lewis identificou em 1962, um ano antes de sua morte: *Christian Century*, 6 de jun. 1962.
5 *Surprised by Joy*, p. 274.
6 *The Problem of Pain,* p. 5-13.
7 *The Wind in the Willows*, p. 156.
8 Idem, p. 154. Essa parte é omitida nas edições populares modernas da história clássica de autoria de Grahame.
9 *The Lion, the Witch, and the Wardrobe*, p. 65.
10 Idem.
11 *Essay Collection*, p. 98-99.
12 *The Lion, the Witch, and the Wardrobe*, p.75. Cf. a excelente discussão em Rowan WILLIAMS, *The Lion's World*, p. 49-71.
13 Carta de Bertrand Russell a Colette O'Niel, 21 de out. 1916; Nicholas GRIFFIN, *The Selected Letters of Bertrand Russel*, p. 85.
14 *The Voyage of the "Dawn Treader"*, p. 188.
15 Em relação ao cinema, cf. Christopher DEACY, "Screen Christologies: Evaluation of the Role of Christ-Figures in Film", *Journal of Contemporary Religion* 14, 1999, p. 325-338.
16 Mark D. STUCKY, "Middle Earth's Messianic Mythology Remixed: Gandalf's Death and Resurrection in Novel and Film", *Journal of Religion and Popular Culture* 13, 2006; PADLEY & PADLEY, "From Mirrored Truth the Likeness of the True".
17 *The Problem of Pain*, p. 82.
18 *Broadcast Talks,* p. 52.
19 Idem, p. 53-54.
20 *The Lion, the Witch, and the Wardrobe*, p. 128-129.
21 Idem, p. 142.
22 Idem, p. 148.
23 Cf. C. William MARX, *The Devil's Rights and the Redemption in the Literature of Medieval England*; John A. ALFORD, "Jesus the Jouster: The Christ-Knight and Medieval Theories of Atonement in Piers Plowman and the 'Round Table' Sermons", *Yearbook of Langland Studies* 10, 1996, p. 129-143.
24 Cf. Karl TAMBURR, *The Harrowing of Hell in Medieval England*.
25 *English Literature in the Sixteenth Century*, p. 380.
26 *Planet Narnia*, p. 3-41.
27 Idem, p. 77-99.
28 *The Last Battle*, p. 160.
29 Idem, p. 159.
30 Idem, p. 160.
31 *The Silver Chair*, p. 141-142.
32 Idem, p. 143.
33 John EZARD "Narnia Books Attacked as Racist and Sexist", *The Guardian*, 3 de jun. 2002. Pullman não nomeia especificamente Susana, referindo-se simplesmente a "uma garota" na história de Nárnia.

1 Carta a Sheldon Vanauken, 14 de mai. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 473.
2 Números referentes a alunos preparando-se para os títulos de distinção. Laurence BROCKLISS, *Magdalen College Oxford*, p. 617.
3 Carta a James W. Welch, 24 de nov. 1945; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 681.
4 Cf. carta a Arthur Greeves, 11 de dez. 1944; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.554.
5 Carta de Roy S. Lee a Lewis, 29 de ago. 1945, arquivo 910/TAL 1b, BBC Written Archives Centre, Caversham Park.
6 *Cambridge University Reporter* 84, nº 30, 31 de mar. 1954; Cf. Brian BARBOUR, "Lewis and Cambridge", p. 459-465.
7 Tolkien localiza a perda de intimidade com Lewis mais ou menos por essa data: carta de J. R. R. Tolkien a Michael Tolkien, novembro de 1963(?); *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 341.
8 G. M. Trevelyan, diretor do Trinity College, recordou mais tarde que essa foi a única vez, em sua longa experiência em Cambridge, em que o comitê eleitoral votou unanimemente. W. H. Lewis, "Memoir of C. S. Lewis," 22.
9 Carta de Henry Willink a Lewis, 11 de mai. 1954; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge.
10 Carta a Henry Willink, 12 de mai. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 470-471.
11 Carta de Henry Willink a Lewis, 14 de mai. 1954; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge.
12 Carta de J. R. R. Tolkien a Henry Willink, 17 de mai. 1954; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge. Nem essa carta nem a carta correspondente, enviada a H. S. Bennett estão incluídas nas coleções existentes das cartas de Tolkien.
13 Ao receber a carta de Lewis datada de 19 de maio, que reabria as negociações, Willink escreveu estas palavras na primeira folha: "Escrevi à srta. Gardner em 18 de maio".
14 Carta de Henry Willink a Lewis, 19 de mai.; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge.
15 Carta de Basil Willey a Henry Willink, 19 de mai. 1954; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge.
16 A fonte mais óbvia teria sido o colega de Gardner em Oxford, Tolkien. Mas Tolkien não fez nenhuma afirmação nesse sentido nas duas cartas que escreveu em 17 de maio de 1954 para Willink e para Bennett, respectivamente.
17 Gardner deixa isso claro no obituário que escreveu sobre Lewis para a Academia Britânica ("Clive Staples Lewis, 1898-1963"). Para entender os intrigantes comentários de Gardner, o leitor precisa saber que ela era a segunda escolha de Cambridge.
18 Carta de Henry Willink a Lewis, 3 de jun. 1954; Group F, Private Papers, F/CSL/1, Magdalene College, Cambridge. Já existia uma ligação entre o Magdalen College de Oxford e o Magdalene College de Cambridge: Um "acordo amigável" foi feito em março de 1931, estabelecendo uma reciprocidade pela qual os membros de cada uma das faculdades tinham direito a fazer suas refeições na outra (Laurence Brockliss, *Magdalen College Oxford,* p. 601).
19 Duas cartas a *sir* Henry Willink, uma endereçada a ele na qualidade de vice-reitor da Universidade de Cambridge e outra endereçada a ele na qualidade de diretor do Magdalene College, ambas datadas de 4 de jun. 1954; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 483-484. A história oficial do Magdalene College registra incorretamente a eleição de Lewis para uma cátedra no Magdalene em 1953 (Peter Cunich et al., *A History of Magdalene College Cambridge*, p. 258).
20 Laurence BROCKLISS, *Magdalen College Oxford,* p. 593.
21 *The Observer*, 22 de out. 1961, p. 31.
22 Carta a Edward A. Allen, 5 de dez. 1955; *The Collected Letters*, vol.3, p. 677-678.

23 Barbara Reynolds, OH/SR-28, fólio 49-50, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton.
24 Cf. a correspondência entre Christopher Holme e P. H. Newby, 3 de mar. 1945, arquivo 910/TAL lb, BBC Written Archives Centre, Caversham Park. O "Terceiro programa", estabelecido em 1946, oferecia comentários sobre questões intelectuais e culturais, e foi muitas vezes apelidado de "conversa entre dois catedráticos".
25 Carta a Douglas Bush, 28 de mar. 1941; *The Collected Letters*, vol. 2, p. 475.
26 G. M. TREVELYAN, *English Social History*, p. 92.
27 *"De Descriptione Temporum"* em *Selected Literary Essays*, p. 2.
28 P. 7.
29 "Diary", *London Review of Books* 32, nº 11, 10 de jun. 2010, p. 36-37.
30 Suas visões podem ser mais bem estudadas com base em seus diários não publicados: cf. MS Eng. lett. c. 220/3, Bodleian Library, Oxford.
31 Para um excelente estudo, cf. Don KING, "The Anatomy of a Friendship".
32 *Jack*, p. 347-348.
33 A própria Pitter não tinha ideia alguma de que ela fosse a escolha óbvia para ser esposa de Lewis: Ruth PITTER, OH/SR-27, fólio 30, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton.
34 Lyle DORSETT, *And God Came In,* p. 17.
35 "The Longest Way Round", p. 23-24.
36 *Observer*, 20 de set. 1998; *Belfast Telegraph*, 12 de out. 1998.
37 A correspondência de Davidman é reveladora nesse ponto, principalmente quanto ao seu interesse em Madame de Maintenon (nascida Françoise d'Aubigné, 1635-1719), segunda esposa do rei francês Luís XIV. Embora "nascida no presídio", ela garantiu para si mesma uma escalada social vertiginosa por meio de seu casamento com um poeta e, finalmente, com o rei. Cf. Joy Davidman, *Out of My Bone,* p. 197.
38 Para uma discussão desses trabalhos, cf. o estudo em preparação de Don W. KING, *Yet One More Spring: A Critical Study of Joy Davidman*. Grand Rapids: Eerdmans, 2013 (no prelo).
39 Lyle DORSETT, *And God Came In,* p. 87.
40 Joy DAVIDMAN, *Out of My Bone*, p. 139.
41 O Certificado de Registro de Davidman, de nº A 607299, junto à Imigração (1920), é mantido no Wade Center, Wheaton College, Wheaton (Joy Davidman Papers, p. 1-14).
42 Também chamado de "Agape Fund" em alguns documentos. Barfield encerrou o fundo em 1968, quando todas as reservas haviam sido empregadas seguindo as instruções gerais de Lewis.
43 Larry CEPLAIR e Steven ENGLUND, *The Inquisition in Hollywood,* p. 361-397.
44 Cf. a carta de Gibbs a Lewis, 18 de fev. 1955; MS Facs. B. 90 fólio 2, Bodleian Library, Oxford.
45 Joy DAVIDMAN, *Out of My Bone*, p. 242.
46 Carta a Anne Scott, 26 de ago. 1960; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.181.
47 Carta de J. R. R. Tolkien a Christopher Bretherton, 16 de jul. 1964; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 349.
48 Correspondência, Joy Davidman Papers 1-14, Wade Center, Wheaton College, Wheaton.
49 Carta a Arthur Greeves, 30 de out. 1955, *The Collected Letters*, vol. 3, p. 669.
50 Alan JACOBS, *The Narnian,* p. 275.
51 As cartas de Lewis a Shelburne foram publicadas em 1967 como *Letters to an American Lady*. Oxford: Blockweell, 2005. [Publicado no Brasil como *Cartas a uma senhora americana*. São Paulo: Vida, 2006.]
52 Carta de Lewis a Mary Willis Shelburne, 25 de dez. 1958, *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.004. Para a mudança nas regras, cf. Paul ADDISON e Harriet JONES, *A Companion to Contemporary Britain 1939-2000*, p. 465.
53 Carta a Ruth Pitter, 9 de jul. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 769.

54 Carta a Ruth Pitter, 14 de jul. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 771.
55 O testamento da sra. Moore foi executado pela empresa Barfield & Barfield Solicitors, em 16 de julho de 1951.
56 A. N. WILSON, *C. S. Lewis: A Biography*, p. 266.
57 R. E. HEAD, OH/SR-15, fólio 14-5; Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton.
58 Tolkien usa essa forma de referência em uma carta a seu filho Christopher, datada de 13 de abril de 1944; *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 71.
59 Carta a Dorothy L. Sayers, 25 de jun. 1957; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 861-862. A obra *The Four Loves,* escrita por Lewis mais ou menos nessa época, explora o tema mais detalhadamente.
60 Carta a Mary Willis Shelburne, 16 de nov. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 808.
61 Carta a Arthur Greeves, 25 de nov. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 812.
62 Carta a Katharine Farrer, 25 de out. 1956. *The Collected Letters*, vol. 3, p. 801.
63 O mais interessante apareceu no *Daily Mail* em 26 de outubro de 1956, que noticiava um boato, imediatamente negado por Lewis, de que ele se casaria no dia seguinte com uma comerciante de Londres de 46 anos, que vendia antiguidades.
64 Lewis se refere a essa nota em uma carta a Dorothy L. Sayers, escrita no mesmo dia em que a nota foi publicada: "Você poderá ver no *Times* uma nota sobre meu casamento com Joy Gresham". Carta a Dorothy L. Sayers, 24 de dez. 1956; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 819. A. N. Wilson atribui uma data incorreta à "nota": 22 de março de 1957; cf. *C. S. Lewis: A Biography,* p. 263-264.
65 Para esse episódio cf. Walter HOOPER, *C. S. Lewis: A Companion and Guide*, p. 631-635.
66 Carta a Dorothy L. Sayers, 25 de jun. 1957; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 861.
67 Walter HOOPER, *C. S. Lewis: The Companion and Guide*, p. 82, 633. Bide relatou praticamente a mesma história a este autor em Oxford, em 1978.
68 Lamentavelmente, a mulher de Bide, Margaret, morreu de câncer em setembro de 1960. Depois disso, Bide retornou a Oxford como capelão e professor de teologia no Lady Margaret Hall, onde permaneceu de 1968 até 1980.
69 Carta a Sheldon Vanauken, 27 de nov. 1957; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 901.
70 Esse é o comentário (ligeiramente perplexo) de Nevill Coghill em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis*, p. 63.
71 Carta a Jessie M. Watt, 28 de ago. 1958; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 966-967.
72 *The Four Loves*, p. 21.
73 Tom CLARK e Andrew DILNOT, *Long-Term Trends in British Taxation and Spending*.
74 Carta a Arthur Greeves, 25 de mar. 1959; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.033.
75 Carta a Chad Walsh, 22 de out. 1959; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.097.
76 Detalhes completos podem ser encontrados em Roger GREEN e Walter HOOPER, *C. S. Lewis: A Biography*, p. 271-276.

1 *A Grief Observed*, p. 38.
2 Idem, p. 3.
3 Carta a Arthur Greeves, 30 de mai.de 1916; *The Collected Letters*, vol. 1, p. 187.
4 Carta de T. S. Eliot a Spencer Curtis Brown, 24 de out. 1960; MS Eng. lett. C. 852, f. 62, Bodleian Library, Oxford.
5 Carta a Laurence Whistler, 4 de mar. 1962; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.320.
6 *Surprised by Joy*, p. x.
7 *The Problem of Pain*, p. xii.
8 *A Grief Observed*, p. 5-6.
9 Carta a irmã Penelope, 5 de jun. 1951; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 123.
10 *A Grief Observed,* p. 52.
11 Carta à irmã Madeleva, CSC, 3 de out. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.460.
12 *A Grief Observed,* p. 44.
13 Idem.
14 Carta a Arthur Greeves, 27 de jun. 1961; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.277.
15 Lewis conhecia Barfield e Harwood desde a década de 1920, e os acompanhava em excursões anuais a pé. Cf. os comentários de Lewis em *Surprised by Joy,* p. 231-234. *Miracles* foi dedicado a Harwood e sua mulher. *The Allegory of Love* foi dedicado a Barfield.
16 Laurence Harwood foi o segundo filho de Cecil Harwood; Lucy Barfield era a filha adotiva de Owen Barfield. Anteriormente, Lewis havia dedicado *The Lion, the Witch, and the Wardrobe* a ela. Sarah Neylan, que se casou com Christopher Patrick Tisdall em 31 de dezembro de 1960, era filha de Mary Neylan, a quem Lewis tinha dedicado sua antologia de George MacDonald.
17 Carta a Francis Warner, 6 de dez. 1961; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.301-1.302.
18 Publicado postumamente como *Spenser's Images of Life*, 1967.
19 Carta a J. R. R. Tolkien, 20 de nov. 1962; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.382.
20 Carta a Phoebe Hesketh, 14 de jun. 1960; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.162.
21 Carta a Alastair Fowler, 7 de jan. 1961; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.223-1.224.
22 Andreas EKSTRÖM, "Greene tvåa på listan 1961", *Sydsvenska Dagbladet*, 3 de jan. 2012. Os arquivos do Nobel permanecem embargados para o público desde 1961.
23 Carta ao Comitê de Literatura do Prêmio Nobel, 16 de jan. 1961, mantida nos arquivos da Academia Suíça, liberado para este autor mediante requisição.
24 Carta a Cecil Roth, 20 de mar. 1962; *The Collected Letters,* vol. 3, p. 1.323.
25 Carta a Evelyn Tackett, 23 de mai. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.428.
26 Carta a Walter Hooper, 2 de dez. 1957; *The Collected Letters*, vol. 3, p 902-903.
27 Carta a Walter Hooper, 15 de dez.; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.393-1.394.
28 Sobre os motivos para a mudança, cf. a carta de Lewis a Roger Lancelyn Green, 28 de jan. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.408-1.409. O *pub* Eagle and Child foi enquadrado em dezembro de 1954 como um prédio "Grade II Listed". Isso impedia quaisquer alterações em sua aparência externa, mas não se aplicava a algumas partes de seu interior.
29 Carta a Arthur Greeves, 11 de jul. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.440.
30 Carta a Mary Willis Shelburne, 15 de jul. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.442.
31 Walter Hooper escreveu dois relatórios sobre a internação de Lewis no hospital Acland, ambos mencionando essas datas e horários específicos; carta de Walter Hooper a Roger Lancelyn Green, 5 de ago. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.445-1.446; e carta de Walter Hooper a Mary Willis Shelburne, 10 de ago. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.447-1.448.
32 Carta a Cecil Harwood, 29 de ago. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.452.
33 Carta a Arthur Greeves, 11 de set. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.456.

34 Carta de Walter Hooper a Mary Willis Shelburne, 10 de ago. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.448.
35 *Jack*, p. 404-405.
36 Carta a Arthur Greeves, 11 de set. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.455.
37 Carta a Walter Hooper, 20 de set. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p.1.457.
38 David havia se mudado para uma faculdade talmúdica em Nova Iorque, e estava sem dinheiro; cf. a carta de Lewis a Jeannette Hopkins, 18 de out. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.465.
39 Carta a Walter Hooper, 11 de out. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.461-1.462.
40 Durante a maior parte de 1964, a partir de quando Hooper deveria assumir seu emprego, uma libra correspondia a US$2,80. A crise da libra esterlina, que ocorreu entre 1964 e 1967, ainda estava por vir.
41 Carta a Walter Hooper, 23 de out. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.469-1.470.
42 W. H. LEWIS, "C. S. Lewis: A Biography", p. 468.
43 Idem, p. 470.
44 R. E. HEAD, OH/SR-15, fólio 13, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton.
45 Mais cedo naquele ano, Maureen tinha herdado o título de baronete de Hempriggs, e passou a ser geralmente conhecida por "dama Maureen Dunbar".
46 Contrariamente ao que dizem alguns relatos, não havia velas guardando o caixão de Lewis. Ronald Head, que organizou e dirigiu o funeral, sugeriu que as velas dos acólitos poderiam projetar reflexos do caixão na igreja ou no cemitério, criando uma impressão ruim.
47 Carta a Mary Willis Shelburne, 28 de jun. 1963; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 1.434.

1 Cf. Arthur MARWICK, *The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy, and the United States, c. 1958 – c. 1974*; Francis Beckett, *What Did the Baby Boomers Ever do For Us?*.

2 "Impact on America" em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis*, p. 106-116.

3 "Defender of the Faith", *Time*, 6 de dez. 1963.

4 Em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis*, p. 115.

5 *Christianity Today*, 20 de dez. 1963.

6 P. 140-145.

7 Segundo *Publishers Weekly*.

8 "A Bibliography of the Writings of C. S. Lewis" em Jocelyn GIBB, *Light on C. S. Lewis*, p. 117-148.

9 Títulos das edições britânicas.

10 A Collins foi comprada por Rupert Murdoch em 1989. O selo HarperCollins, pelo qual as obras de Lewis são em sua maioria atualmente publicadas, foi estabelecido em 1990.

11 Cf. Donald. E. MILLER, *Reinventing American Protestantism*.

12 Joseph PEARCE, *C. S. Lewis and the Catholic Church*.

13 George M. MARSDEN, *Reforming Fundamentalism: Fuller Seminary and the New Evangelicalism*.

14 Roger STEER, *Inside Story*, p. 103-104.

15 Como já observado, Lewis recusou o convite (cf. a carta a Carl F. H. Henry, 28 de set. 1955; *The Collected Letters*, vol. 3, p. 651).

16 J. I. PACKER, "Still Surprised by Lewis", *Christianity Today*, 7 de set. 1998.

17 Para o contexto histórico, cf. Alister E. MCGRATH, *Christianity's Dangerous Idea*, p. 351-372.

18 David J. STEWART. "C. S. Lewis Was no Christian!". <www.jesus-is-savior.com/Wolves/cs_lewis.htm>.

19 John W. ROBBINS. "Did C. S. Lewis Go to Heaven?". *The Trinity Review*, nov/dez 2003. <www.trinityfoundation.org/journal.php?id=103>.

20 Wendy PARSONS e Catriona NICHOLSON, "Talking to Philip Pullman".

21 William GRAY, *Fantasy, Myth and the Measure of Truth*, p. 171.

22 Burton HATLEN, "Pullman's *His Dark Materials*", p. 82.

23 Marek OZIEWICZ e Daniel HADE, "The Marriage of Heaven and Hell?".

24 O serviço postal da Inglaterra (British Royal Mail) encomendou uma pesquisa aos especialistas em folclore britânico e história cultural para determinar os oito principais personagens mais adequados a se usar. No final, escolheu-se dois da série Harry Potter, dois das crônicas de Nárnia, dois de contos folclóricos tradicionais da Grã-Bretanha, e dois dos livros da série *Discworld*, de Terry Pratchett.

25 *Selected Literary Essays*, p. 219-220.

26 Discurso de J. F. Kennedy, feito no Amherst College em 26 de outubro de 1963. Transcrição na John F. Kennedy Presidential Library. <www.jfklibrary.org/Research/Ready-Reference/JFK-Speeches/Remarks-at-Amherst-College-October-26-1963.aspx>.



As cinco linguagens do amor

Chapman, Gary
9788573259285
139 páginas

Compre agora e leia

As diferenças gritantes no jeito de ser e de agir de homens e mulheres já não são novidade há tempos. O que continua sendo um

dilema é como fazer dar certo uma relação entre duas pessoas que às vezes parecem ter vindo de planetas distintos. Compreender essas diferenças é parte da solução e é nisso que Gary Chapman vai ajudar você. Com mais de 30 anos de experiência no aconselhamento de casais, ele percebeu que cada um de nós adota uma linguagem pela qual damos e recebemos amor. Quando o casal não entende corretamente a linguagem predominante de cada um, a comunicação é afetada, impedindo que se sintam amados, aceitos e valorizados. Nesta terceira edição de sua clássica obra sobre relacionamentos, que já vendeu mais de 8 milhões de exemplares, Gary Chapman não só explica as cinco linguagens como apresenta um questionário para os maridos e outro para as esposas descobrirem a sua linguagem de amor. Além disso, uma seção especial de perguntas e respostas vai esclarecer todas as suas dúvidas e lhe dar o direcionamento sobre como expressar melhor seu amor a seu cônjuge e ajudará você a compreender a forma dele manifestar o amor. Gary Chapman identificou cinco formas através das quais as pessoas expressam e recebem as manifestações de amor: palavras de afirmação; tempo de qualidade; presentes; atos de serviço; toque físico. Aprendam, você e seu cônjuge, a se comunicar através dessas linguagens e experimentem como é ser realmente amado e compreendido.

Compre agora e leia



É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin
9788573258356
249 páginas

Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume

a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia



Transforme seu adolescente até sexta

Leman, Kevin
9788573258271
245 páginas

Compre agora e leia

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos

são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

Compre agora e leia



S.O.S dos pais

Poli, Cris
9788543300450
163 páginas

Compre agora e leia

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão

de educar os filhos.

- Augusto Cury

Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas.

Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos.

As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por comportamentos ou hábitos não saudáveis adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

Compre agora e leia



Novo casamento… Novos filhos

Leman, Kevin
9788543300320
62 páginas

Compre agora e leia

O primeiro casamento ficou muito abaixo de suas expectativas e você, mais do que ninguém, quer que agora dê certo. Poderá dar (e

esperamos que dê), mas para isso você precisa reconstituir sua família.

Admita: pensar sobre a integração de seus novos filhos sob o mesmo teto já o faz perder o sono. E os desafios não param aí. Você precisa juntar os cacos emocionais e lidar com questões difíceis, como as relacionadas com a disciplina, a ira e a incompreensão, além dos sentimentos de perda e traição.

Nessas horas, nada como ter ao lado um experiente conselheiro que já auxiliou milhares de homens e mulheres a enfrentarem desafios semelhantes ao seu. E, sabendo que você não tem muito tempo, Kevin Leman separou o que é essencial para quem, como você, esté em busca de uma nova e bem-sucedida experiência familiar.

Compre agora e leia